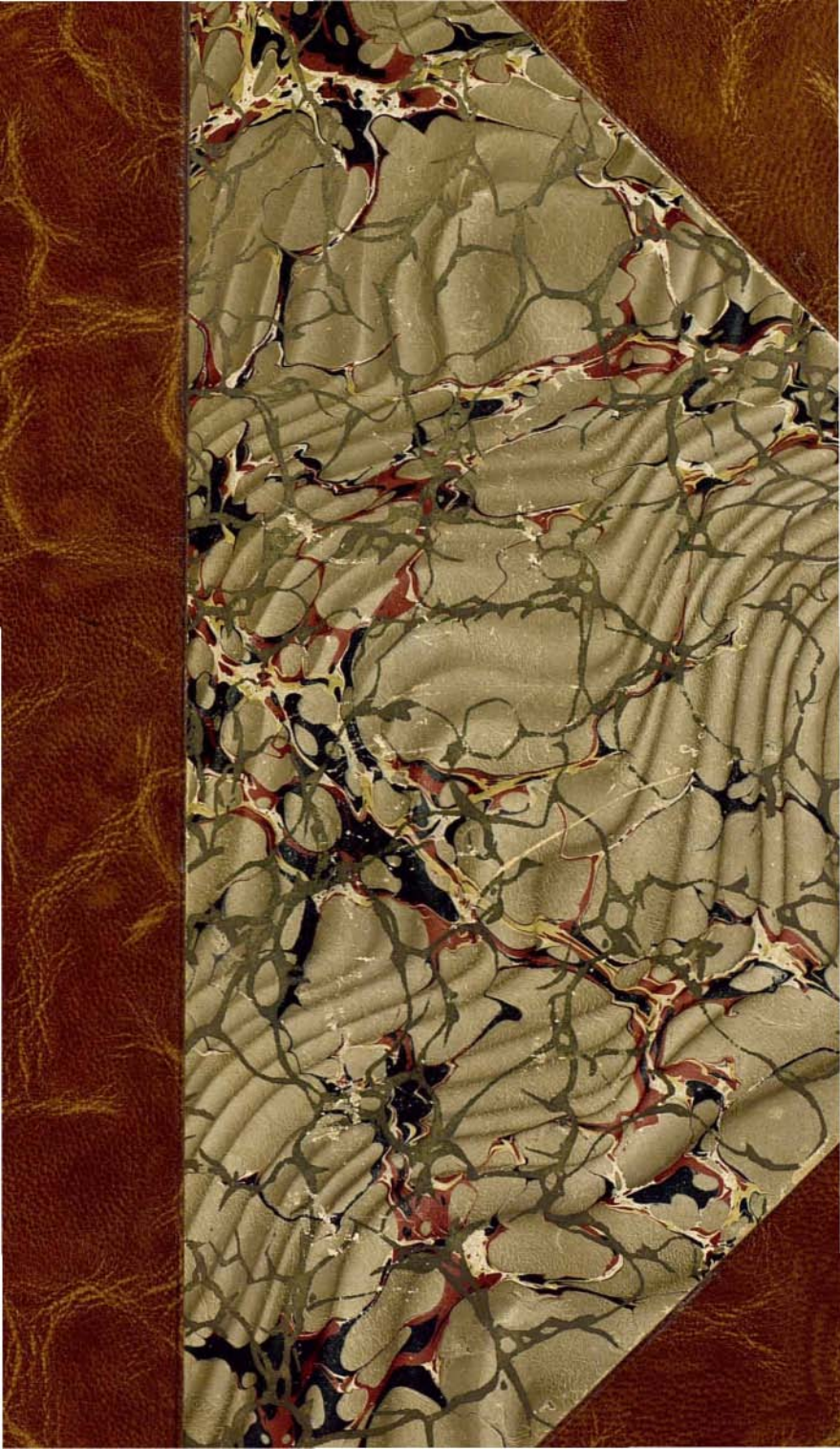


OBRAS

DE

JOÃO FRANCISCO LISBOA.

IV.

S. Luiz do Maranhão.
Typ. de B. de Mattos.– Rua da Paz, 3.

OBRAS

DE

JOÃO FRANCISCO LISBOA,

NATURAL DO MARANHÃO;

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA BIOGRAPHICA

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

Edictores e revisores

LUIZ CARLOS PEREIRA DE CASTRO E O DR. A. HENRIQUES LEAL.

VOLUME IV.

ACADEMIA LITERARIA
"RUY BARBOSA"
Gymnasio Santa Maria
CAMPINAS

S. LUIZ DO MARANHÃO.
1865.

BIBLIOTECA LUIZ VIANA FILHO
Registro
1944
V. 4

981
L15
v. 4

VIDA

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

(OBRA POSTHUMA.)

NA EUROPA.

ADVERTENCIA.

Publicámos reunidos n'este volume o escripto que sobre a vida do padre Antonio Vieira encontrámos entre os papeis de João Francisco Lisboa, e o que escrevêra e publicára no decimo numero do seu *Jornal de Timon*. Assim o fizemos, porque um é o complemento do outro, e embora tractem ambos do mesmo assumpto, occupa-se principalmente o manuscripto dos factos da vida d'esse extraordinario jesuita, na Europa, e o impresso do que respeita ás missões e outros lances de sua vida, no Brazil, differindo elles demais na fórma como na essencia.

Quanto á superioridade e grande differença que vae d'estas obras de João Francisco Lisboa ás dos outros biographos—André de Barros, bispo de Vizeu, Roquette—que o precederam na apreciação das grandes qualidades do padre Antonio Vieira, assaz já o dissemos na biographia do auctor, que vem no pri-

meiro volume das suas obras; bem como acerca da activa, intelligente e accurada revisão do manuscripto em que se empenhou com animo de bom amigo, que era de J. F. Lisboa, o sr. Luiz Carlos Pereira de Castro, para escusarmo'-nos de repeti-lo aqui.

Chegado ao ultimo volume, resta-nos, porém, em nome da illustre viuva de João Francisco Lisboa, agradecer áquelles que tam benevolamente concorreram com suas assignaturas, afim de que lhe não sahisse mais oneroso o sacrificio de da-los á estampa, para ensino e recreio dos que leem, e memoria perenne que testifique o merito litterario e as virtudes de tão illustre brazileiro.

Maranhão—10 de junho de 1865.

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

VIDA

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Não contava bem Antonio Vieira oito annos de idade,[1] quando em 1615 teve de acompanhar sua familia para a metropole do Brazil. Da rasão desta viagem não ha cabal certesa; mas presume-se que Christovam Vieira Ravasco, seu pae, viera despachado a servir algum emprego, talvez o de secretario do estado, que depois exerceu durante toda a vida seu filho Bernardo Vieira Ravasco, irmão mais novo do padre.

Mal desembarcou na Bahia, começou este a estudar os primeiros rudimentos e humanidades, fre-

[1] Nasceu Antonio Vieira em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608. Foram seus paes Christovam Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo.

(DOS EEDD.)

quentando as escholas dos jesuitas, que floreciam então ali, como em toda parte, com grande aproveitamento da mocidade. Mostrava-se Antonio Vieira assiduo e fervoroso nos estudos, e lidava devéras por avantajar-se aos demais seus condiscipulos; mas conta-se que nos primeiros tempos, apesar da natural vivacidade que desde os mais tenros annos manifestára, não podéra fazer grandes progressos, pelo não ajudar a memoria, rude e pesada, e como toldada de espessa nuvem. Era o estudante grande devoto da virgem; e um dia que, ajoelhado ante a sua imagem, e cheio do pesar e abatimento que lhe causava aquella natural incapacidade, a implorava em fervorosa oração para que o ajudasse a vencer semelhante obstaculo, de repente sentiu como um estalo e dor aguda na cabeça, que lhe pareceu que ali acabaria a vida. Era a virgem que sem dúvida escutára e deferia á súpplica ardente e generosa; e era o veo espesso que trazia em tão indigna escuridade aquelle juvenil engenho, que n'um momento se rasgava e desfazia para sempre. Guiou d'ali Vieira para a eschola com grande alvoroço, e sentiu-se tão outro do que fôra até então, que logo animosamente pediu para argumentar com os mais sabedores e adiantados. E a todos venceu e desbancou, com entranhavel assombro do mestre, que bem conheceu andava naquillo grande novidade. Assim o referem pelo menos as chronicas da ordem; [1]

[1] Veja-se André de Barros.

e se a anedocta não é verdadeira, é pelo menos calculada para dar uma cor romanesca e maravilhosa aos primeiros lampejos deste engenho novel, que mais tarde havia deslumbrar o mundo pelo seu extraordinario fulgor.

D'ali por diante nunca mais a memoria e as outras faculdades do entendimento mentiram ao seu ardor immenso de aprender; e como lhe batesse no peito um coração generoso e cheio de impulsos e aspirações para as grandes e nobres cousas, já em tão verdes annos cogitava o mancebo nos meios de pôr por obra as suas idéas e designios. E ou fosse que a sua intelligencia e ambição precoce lhe désse a conhecer que nos jesuitas estava concentrado todo o poder da epocha, e que abraçando o instituto, entrava pela porta mais facil e azada para quem queria seguir os caminhos que guiam á grandeza humana; ou fosse que os padres, sondando com um só lanço do seu olhar profundo e penetrante tudo quanto o porvir reservava áquella flor apenas desabrochada, e fieis ás maximas da ordem, empregassem todos os meios para capta-lo e seduzi-lo; o certo é que Vieira fugiu de casa, e recolheu-se ao collegio dos jesuitas, em 1625, tendo pouco mais de quinze annos de idade.

Debalde os paes, que lhe reservavam outros destinos, envidaram todos os esforços pelo dissuadir; Vieira perseverou, despontando nelle por este modo, em occasião tão solemne, e desde a aurora da vida, aquelle ferrenho despreso dos sentimentos mais ter-

nos e suaves, e aquella ambição asperrima e insaciavel, que o dominaram depois em todo o curso della.

Passados dous annos completos de noviciado, Vieira professou; e bem que continuasse a fazer progressos maravilhosos nos estudos, com igual applauso dos mestres e condiscipulos, a gloria tranquilla e modesta das lettras não o tentou assaz; e aspirando incessantemente a cousas mais arduas e lustrosas, fez comsigo voto de despender a vida na doutrina e conversão dos escravos africanos, e selvagens do Brazil, e a esse intento deu-se para logo ao estudo das linguas de uns e outros. Quando, aos vinte e um annos de sua idade, quizeram os padres que Vieira começasse um curso de philosophia, para passar depois aos de theologia, declarou elle o voto que até então guardára secreto. Os superiores lh'o irritaram, é certo, mas não foi sem repugnancia que o futuro missionario, adstricto aos preceitos severos da ordem sobre a obediencia, abriu mão dos projectos que lhe sorriam na mente, para continuar a cultivar as lettras, e a aprofundar aquelles conhecimentos que, no entender dos padres, ajustavam melhor com a elevação e brilho do seu talento.

Que poderemos nós dizer que responda aos prodigios operados nas escholas por esta aguiazinha ainda mal emplumada? Aos dezoito annos já Vieira ensinava rethorica no collegio de Olinda; e quer na sua cadeira de professor, quer nos bancos de philosophia e theologia, era sempre o mesmo portentoso mance-

bo que, anticipando o tempo e o trabalho, mostrava-se com mais aptidão para mestre que para discipulo. Compunha dissertações e tractados sobre os assumptos mais elevados, commentava os livros mais obscuros e difficeis das sagradas escripturas, e argúia com tanta subtileza, ardor e vivacidade, que era o pasmo de quantos o viam e ouviam. Assim madrugavam nelle aquelles grandes dotes de argumentador, e interprete de prophecias, que lhe acarearam depois tamanha celebridade entre os contemporaneos, mas que sem dúvida corromperam o seu talento, e concorreram para depreciar aos olhos da posteridade o merito das suas obras, tam cheias e pesadas de cousas inuteis, frivolas e absurdas.

Em 1635, foi Vieira ordenado presbytero, e disse a sua primeira missa. Apontamos esta circumstancia pela sua data para deduzir della uma observação, e vem a ser que, segundo parece, naquella epocha não era cousa facil a promoção ao sacerdocio, cujas tremendas obrigações se confiaram a um homem tal como Vieira, só depois de vinte oito annos de idade, e de tantos e tão elevados estudos.

Escreve André de Barros que por estes tempos gastára Vieira cinco annos na conversão dos gentios do Brazil; e o mesmo Vieira em uma carta escripta em 1695 ao P. Manuel Luiz (é a 144.ª do T. 2.º) diz tambem que estivera cinco annos em todas as aldêas da Bahia, sem todavia particularisar mais circumstancia alguma, por onde se possa avaliar a epocha e impor-

tancia dos serviços, com que desde então buscava satisfazer a sua vocação.

O que não padece dúvida é que tanto antes como depois de receber as ordens, já elle prégava nas igrejas da Bahia e seus arredores, desdobrando desde então as grandes qualidades oratorias com que depois encheu de admiração Lisboa e Roma. Que dizemos nós? no seu famoso—*Sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda*—prégado em 1640, elevou-se o P. Antonio Vieira a um tão alto gráu de eloquencia, a que raras vezes attingiu depois.

Então contava elle apenas trinta e dous annos, e em todo o viço da mocidade, o seu talento virgem e vigoroso rompeu em vivos lampejos, sobrepujando a falsa sciencia, que em idade mais crescida por ventura lhe offuscava o brilho, e lhe impedia a liberdade dos movimentos.

O patriotismo portuguez, paixão dominante, que sempre occupou o seu coração, o enchia e abrazava então mais que nunca, não desfallecido ainda nem pelos gelos da velhice, nem pelas ingratidões e desenganos que mais tarde tantas vezes encontrou nas côrtes.

As circumstancias, de resto, eram proprias a excitar todos os seus sentimentos de portuguez, de catholico e de membro de uma ordem religiosa. Os hollandezes haviam conquistado uma parte consideravel do Brazil; o principe Mauricio de Nassau, com um formidavel armamento de terra e mar, tinha vindo

tentar em 1638 a tomada da Bahia; e posto que a empreza se mallograsse, não se fez todavia sentir menos pesada nas devastações que se lhe seguiram. A guerra continuou depois, e o anno de 1640 foi logo nos seus começos assignalado por batalhas encarniçadas e incessantes entre a esquadra hollandeza e a luso-hispana sob o commando do conde da Torre.

Essas batalhas, cujo resultado foi sempre favoravel aos hollandezes, pelejaram-se tanto á vista das costas do Brazil, que, póde-se dizer, a população as contemplava das praias.

Sob a impressão dos sentimentos de terror e de esperança que estes grandes acontecimentos excitavam em todos os animos, ordenaram-se preces públicas na Bahia, e os melhores oradores subiam successivamente ao pulpito. No ultimo dia coube ao P. Antonio Vieira a sua vez de prégar. A vida dos oradores está principalmente nos seus discursos; e um grande triumpho oratorio é para elles, como para um general, o ganho de uma batalha. Não faremos pois como os seus outros biographos que, com culpavel omissão, deixaram em completo silencio, ou apenas assignalaram este notavel acontecimento.[1]

[1] O sr. Roquette cita apenas este sermão, sem o apreciar; é desculpavel, porque escreveu um simples epitome; porém André de Barros nem sequer falla nelle. Em uma obra recentemente publicada, e aliás recommendavel pela escrupulosa veracidade com que foi escripta—(*Les Hollandais au Brésil*—par P. M. Netscher 1853) não houve, é certo, completa omissão; mas o auctor, sem referir-se positivamente ao sermão de que

Dominado de uma soberba inspiração, e desdenhando seguir os trilhos usados pela rethorica fria e rotineira dos outros prégadores, desde as primeiras palavras affrontou-se o orador com a divindade, com uns meneios e fórmas tão estranhas, e com uma tal audacia de pensamentos, que faz involuntariamente recordar a passagem de Homero, citada por Longino entre os exemplos do sublime. [1]—*Exurge*, (disse elle começando) *quare obdormis, domine?* E continuou, depois de explicar a situação, e de justificar a novidade do tom que usava: «Não hei de prégar hoje «ao povo, não hei de fallar com os homens, mais alto «hão de subir as minhas palavras; a vosso peito divino «se hade dirigir todo o sermão. É este o ultimo dos «quinze dias continuos, em que todas as igrejas desta «metropole, a esse mesmo throno de vossa potente «magestade, tem representado suas deprecações; e

tractamos, disse todavia—com pouca exactidão desta vez—que fôra o P. Antonio Vieira um dos que, com os seus sermões prégados na Bahia, mais fomentaram a sublevação de João Fernandes Vieira. Ora é bem sabido que essa sublevação começou em 1645, depois da partida do conde Mauricio de Nassau, e quando havia já mais de quatro annos que o nosso jesuita se achava na Europa, discorrendo por diversas côrtes, e aconselhando talvez a D. João IV a politica meticulosa que este rei seguiu por tanto tempo com as Provincias-Unidas, e que, em vez de favorecer, muitos embaraços causaria á sublevação pernambucana.

[1] Involvido de repente o exercito grego por uma nuvem carregada e escura que o tolhia de combater, Ajax, frustrado no seu furor, lançou esta arrojada apostrophe á face da propria Divindade:

Deus grande! Aparta a noite que nos cega,
E briga contra nós á luz do dia!

«pois o dia é o ultimo, justo será que nelle se acuda «tambem ao ultimo e unico remedio. Todos estes dias «se cançaram debalde os oradores evangelicos em «prégar penitencia aos homens; e pois elles se não «converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós. «E tão presumido venho da vossa misericordia, que «ainda que sejamos nós os peccadores, vós haveis de «ser hoje o arrependido .....

.....

«Muita rasão tenho eu de o esperar. Olhae, Senhor, «que já dizem os hereges insolentes com os successos «prosperos que vós lhes daes ou permittis: já dizem «que, porque a sua, que elles chamam religião, é a «verdadeira, por isso Deus os ajuda, e vencem; e «porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfa- «vorece, e somos vencidos. Assim o dizem, assim o «prégam, e ainda mal, porque não faltará quem os «crêa. Pois é possivel, Senhor, que hãode ser vossas «permissões argumentos contra vossa fé? É possivel «que se hãode occasionar de nossos castigos blasphe- «mias contra vosso nome? Que diga o herege que «Deus está hollandez! Oh não o permittaes, Deus meu, «por quem sois! Não o digo por nós, que pouco ia «em que nos castigasseis, não o digo pelo Brazil, que «pouco ia em que o destruisseis; por vós o digo, e «pela honra do vosso sanctissimo nome, que tão im- «pudentemente se vê blasphemado: *Propter nomen «tuum*. Já que o perfido calvinista, dos successos que «só lhe merecem nossos peccados, faz argumentos da

«religião, e se jacta insolente e blasphemo de ser a «sua a verdadeira; veja elle na roda dessa mesma for- «tuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. «Os ventos e tempestades que descompoem e derro- «tam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as «suas: as doenças e pestes que diminuem e enfraque- «cem os nossos exercitos, escalem as suas muralhas, «e despovoem os seus presidios; os conselhos que, «quando vós quereis castigar, se corrompem, em «nós sejam alumiados, e nelles enfatuados e confusos. «Mude a victória as insignias, desaffrontem-se as cruzes «catholicas, triumphem as vossas chagas nas nossas «bandeiras, e conheça humilhada e desenganada a «perfidia, que só a fé romana, que professamos, é fé, «e só ella a verdadeira e a vossa.....

«Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que «a mim, que sou vosso servo, me opprimaes e afflijaes? «e aos impios, e aos inimigos vossos, os favoreçaes e aju- «deis? Parece-vos bem que sejam elles os prosperados «e assistidos de vossa Providencia; e nós os deixados de «vossa mão, nós os esquecidos de vossa memoria, nós o «exemplo de vossos rigores, nós o despojo de vossa ira?

«Considerae, Deus meu, e perdoae-me se fallo in- «consideradamente. Considerae a quem tiraes as «terras do Brazil, e a quem as daes. Tiraes estas terras «áquelles mesmos portuguezes a quem escolhestes «entre todas as nações do mundo para conquistadores «da vossa fé, e a quem déstes por armas, como insi- «gnia e divisa singular, vossas proprias chagas. E será

«bem, supremo Senhor e Governador do universo, «que ás sagradas quinas de Portugal, e ás armas e «chagas de Christo, succedam as hereticas listas de «Hollanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem «que estas se vejam tremular ao vento victoriosas, e «aquellas abatidas, arrastadas, e ignominiosamente «rendidas? E que fareis, ou que será feito de vosso «glorioso nome em casos de tanta affronta?.....

«.....Assim fostes servido que entrasse- «mos nestes novos mundos, tão honrada e tão glo- «riosamente; e assim permittis que saiamos agora «com tanta affronta e ignominia..... Se esta havia «de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para «que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que «foi o derramar tanto e tão illustre sangue nestas con- «quistas? Para que abrimos os mares nunca dantes na- «vegados? Para que descobrimos as regiões e os cli- «mas não conhecidos? Para que contrastamos os «ventos e as tempestades com tanto arrojo, que ape- «nas ha baixio no Oceano, que não esteja infamado «com miserabilissimos naufragios de portuguezes? E «depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, «depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas «praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas «montanhas das féras e monstros marinhos,—que as «terras que assim ganhamos, as hajamos de perder «assim?..... ....

«Ganha-las para as não lograr, desgraça foi, e não «ventura: possui-las para as perder, castigo de vossa

«ira, Senhor, e não mercê nem favor de vossa libe-
«ralidade. Se determinaveis dar estas terras aos piratas
«da Hollanda, porque lh'as não déstes emquanto eram
«agrestes e incultas, senão agora? Tantos serviços
«vos tem feito esta gente pervertida e apostata, que
«nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores,
«para lhes lavrarmos as terras, para lhes edificarmos
«as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas,
«lh'as entregares?..... Mas pois vós, Senhor,
«o quereis e ordenaes assim, fazei o que fordes servido.
«Entregae aos hollandezes o Brazil, entregae-lhe as
«Indias, entregae-lhe as Hespanhas, entregae-lhe
«quanto temos e possuimos, ponde em suas mãos o
«mundo: e a nós, os portuguezes e hespanhoes, dei-
«xae-nos, repudiae-nos, desfazei-nos, acabae-nos. Mas
«só vos digo e lembro, que estes mesmos que agora
«desfavoreceis e lançaes de vós, póde ser que os
«queiraes algum dia, e que os não tenhaes.....
«Hollanda vos dará os apostolicos conquistadores que
«levem pelo mundo os estandartes da cruz. Hollanda
«vos dará os prégadores evangelicos que semêem nas
«terras dos barbaros a doutrina catholica, e a reguem
«com o proprio sangue. Hollanda edificará templos,
«levantará altares, consagrará sacerdotes, e offerecerá
«o sacrificio de vosso sanctissimo corpo. Hollanda
«emfim vos servirá e venerará tão religiosamente,
«como em Amsterdão, Meldeburgo e Flesinga, e em
«todas as outras colonias daquelle frio e alagado in-
«ferno se está fazendo todos os dias.....

«Se acaso fôr assim, e está determinado em vosso «secreto juizo que entrem os hereges na Bahia, o que «só vos represento humildemente, e muito devéras, «é que, antes da execução da sentença, repareis bem, «Senhor, no que vos póde succeder depois, e que o «consulteis com vosso coração emquanto é tempo; «porque melhor será arrepender agora, que quando «o mal passado não tenha remedio. Bem estaes na «intenção e allusão com que digo isto, e na rasão, «fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. «Tambem antes do diluvio estaveis vós mui colerico e «irado contra os homens, e por mais que Noé orava «em todos aquelles cem annos nunca houve remedio «para que se aplacasse vossa ira. Romperam-se emfim «as cataratas do céo, cresceu o mar até o cume dos «montes, alagou-se o mundo todo:—já estará satisfeita «vossa justiça. Senão quando, ao terceiro dia, come- «çaram a aboiar os corpos mortos, e a surgir e ap- «parecer em multidão infinita aquellas figuras pallidas, «e então se representou sobre as ondas a mais triste «e funesta tragedia que nunca viram os anjos, que «homens, que a vissem, não os havia. Vistes vós tam- «bem, como se o visseis de novo, aquelle lastimosis- «simo espectaculo, e posto que não chorastes, porque «ainda não tinheis olhos capazes de lagrimas, enter- «neceram-se porém as entranhas de vossa divindade «com tão intrinseca dôr (*Tactus dolore cordis intrin- «secûs*) que do modo que em vós cabe arrependimento, «vos arrependestes do que tinheis feito ao mundo, e

«foi tão inteira a vossa contricção, que não só tivestes «pesar do passado, senão proposito firme de nunca «mais o fazer. Este sois, Senhor; e pois sois este, não «vos tomeis com vosso coração. Para que é fazer «agora valentias contra elle, se o seu sentimento, e o «vosso, as hade pagar depois? Já que as execuções «de vossa justiça custam arrependimentos á vossa «bondade; vêde o que fazeis, antes que o façaes, não «vos aconteça outra. E para que o vejaes com côres «humanas, que já vos não são estranhas, dae-me que «eu vos represente primeiro ao vivo as lástimas e mi- «serias deste novo diluvio; e se esta representação «vos não enternecer, e tiverdes entranhas para o ver «sem grande dôr, executae-o embora.

«Imaginemos pois (o que até fingido e imaginado «faz horror) imaginemos que vem a Bahia e o resto «do Brazil a mãos dos hollandezes; que é o que hade «succeder em tal caso? Entrarão por esta cidade com «furia de vencedores e de hereges: não perdoarão a «estado, a sexo, nem a idade; com os fios dos mesmos «alfanges medirão a todos. Chorarão as mulheres, «vendo que se não guarda decóro á sua honestidade: «chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito «ás suas cãas: chorarão os sacerdotes, vendo que até «as coroas sagradas os não defendem; chorarão final- «mente todos, e entre todos mais lastimosamente os «innocentes, porque nem a esses perdoará a deshu- «manidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por amor dos «innocentes dissestes vós alguma hora que não era bem

«castigar a Ninive. Mas não sei que tempos, nem que «desgraça é esta nossa, que atè a mesma innocencia «vos não abranda. Pois tambem a vós, Senhor, vos «hade alcançar parte do castigo, tambem a vós hade «chegar.

«Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras, ar- «rebatarão essa custodia em que agora estaes adorado «dos anjos, tomarão os calices e vasos sagrados, e «applica-los-hão a suas nefandas embriaguezes; der- «ribarão dos altares os vultos e estátuas dos sanctos, «deforma-las-hão a cutiladas, e mette-las-hão no fogo; «e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas, nem ás «imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás da «virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que «hajaes de consentir semelhantes aggravos e affrontas «em vossas imagens, pois já as permittistes em vosso «sacratissimo corpo; mas nas da virgem Maria, nas «de vossa sanctissima mãe, não sei como isto póde «estar com a piedade e amor de filho. No Monte-Cal- «vario esteve esta Senhora sempre ao pé da cruz, e «com serem aquelles algozes tão descortezes e crueis, «nenhum se atreveu a lhe tocar, nem a lhe perder o «respeito. Assim foi, e assim havia de ser, porque «assim o tinheis vós promettido pelo propheta: *Fla- «gellum non apropinquabit tabernaculo tuo*. Pois, filho «da virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do «respeito e decóro de vossa mãe, como consentis «agora que se lhe façam tantos desacatos? Nem me «digaes, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem.

«Imagem sómente da mesma virgem era a arca do «testamento, e só porque Oza a quiz tocar, lhe tiras- «tes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem «offendia a imagem de Maria, porque o não ha tam- «bem agora? Bastava então qualquer dos outros desa- «catos ás cousas sagradas, para uma severissima de- «monstração vossa, ainda milagrosa. Se a Jeroboão, por «que levantou a mão para um propheta, se lhe seccou «logo o braço milagrosamente, como aos hereges, «depois de se atreverem a affrontar vossos sanctos, «lhes ficam ainda braços para outros delictos? Se a «Balthasar, por beber pelos vasos do templo, em que «não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida «e do reino; porque vivem os hereges que convertem «vossos calices a usos profanos? Já não ha tres dedos «que escrevam sentença de morte contra sacrilegos?

«Emfim, Senhor, despojados assim os templos, e «derribados os altares, acabar-se-ha no Brazil a chris- «tandade catholica: acabar-se-ha o culto divino: nascerá «herva nas igrejas como nos campos, nem haverá «quem nellas entre. Passará um dia de natal, e não «haverá memoria de vosso nascimento: passará a qua- «resma e a semana sancta, e não se celebrarão os «mysterios de vossa paixão. Chorarão as pedras das «ruas, como diz Jeremias que choraram as de Jeru- «salem destruida: *Viæ Sion lugent, eó quód non sint, «qui veniant ad solemnitatem*. Ver-se-hão êrmas e so- «litarias, e que as não pisa a devoção dos fieis, como «costumava em semelhantes dias. Não haverá missas,

«nem altares, nem sacerdotes que as digam: morre-«rão os catholicos sem confissão nem sacramento: «prégar-se-hão heresias nestes mesmos pulpitos, e «em logar de São Jeronymo e Sancto Agostinho, ou-«vir-se-hão e allegar-se-hão nelles os infames nomes «de Calvino e de Luthero: beberão a falsa doutrina os «innocentes que ficarem, reliquias dos portuguezes: e «chegaremos a estado que, se perguntarem aos filhos «e netos dos que aqui estão: Menino, de que seita «sois? Um responderá, eu sou calvinista; outro, eu «sou lutherano. Pois isto se hade soffrer, meu Deus? «Quando quizestes entregar vossas ovelhas a Pedro, «examinaste-lo tres vezes, se vos amava: *Diligis me, «diligis me, diligis me?* E agora as entregaes desta «maneira, não a pastores, senão a lobos? Sois o «mesmo, ou sois outro? Aos hereges o vosso reba-«nho? Aos hereges as almas? Como tenho dito, e «nomeei almas, não vos quero dizer mais. Já sei, «Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender, «e que não haveis de ter coração para ver taes lásti-«mas e taes estragos. E se assim é, (que assim o estão «promettendo vossas entranhas piedosissimas) se é «que hade haver dôr, se é que hade haver arrepen-«dimento depois, cessem as iras, cessem as execuções «agora; não é justo vos contente antes o de que vos «hade pesar em algum tempo.»

Tudo isto é, e será eternamente bello; e nós o dize-mos com tanta maior satisfação, quantas serão raras as vezes em que o grande orador se mostre igual ao que

foi nesta occasião. E ainda hade o leitor advertir que neste extracto omittimos paginas inteiras em que o auctor, já naquelle tempo, affectava derramar a sua muita erudição, em frequentes citações, exemplos e digressões, que sem a ornar ou illuminar, serviam só de empecer e enfraquecer o ardor impetuoso desta magnifica oração.[1]

Assim ia crescendo de dia para dia, no meio destes explendidos triumphos oratorios, a reputação do P. Antonio Vieira, e com ella, e na mesma proporção, devia medrar a sua innata ambição. A sêde de glória e de poder que o abrasava, já se não podia aplacar na pequena metropole de uma colonia; e a imagem grandiosa de Lisboa, sua primeira patria, e a dos louros que nella colhiam tantos rivaes de eloquencia, devia apparecer-lhe incessante, e perturbar-lhe o somno; porquanto, segundo elle mesmo no-lo disse depois, *a lisonja do prégador é a magnificencia do theatro, e a grandeza immensa da cidade e côrte.*[2]

[1] Até aqui transcrevemos o começo da vida do P. Antonio Vieira, que vem impresso no n.º 10 do *Jornal de Timon*, porquanto principiando o manuscripto pela seguinte phrase: «Assim «ia crescendo de dia para dia, etc.,» entendemos que deviamos completar o sentido d'este modo, e ainda por nos parecer que tal era a intenção do auctor.

(Dos EEDD.)

[2] *Serm.* vol. 13. *Xavier dormindo*, Sonho 2.º pag. 52. Advertimos uma vez por todas que salvo declaração especial, citaremos sempre de preferencia a edicção das obras completas do P. Antonio Vieira, dos Srs. Seabra e Antunes, typographia *Universal*—1854—1858, como aquella que se acha mais ao alcance de todos.

Se tal era, como devemos suppor, um acontecimento extraordinario veio a ponto proporcionar-lhe occasião de realisar os pensamentos que o desvelavam. Portugal acabava de sacodir o jugo de Castella, restaurando a independencia nacional, e proclamando rei natural; e a revolução, que, rebentando em Lisboa, se propagára com pasmosa rapidez da electricidade por todos os angulos do reino, e ainda dos mais remotos confins dos dominios ultramarinos, foi por toda a parte acolhida com transportes de jubilo e enthusiasticas acclamações. Na Bahia procedeu-se como nos mais pontos da monarchia; e o marquez de Montalvão, vice-rei posto por Castella, não só adheriu ao movimento, como se deu pressa a mandar por um de seus filhos comprimentar o rei novo pela sua feliz acclamação.

Mas D. Fernando de Mascarenhas, o mancebo escolhido para esta commissão, era de poucos annos; e seu pae assentou de o fazer acompanhar por dous homens de cuja capacidade podesse melhor confiar o cabal desempenho della. Em uma epocha em que os jesuitas tanto preponderavam, não é de maravilhar que os dous mentores designados sahissem do seio da companhia. Um delles foi o nosso padre.

Affirmam os seus biographos que elle a principio hesitára, e só depois de muito instado se resolvêra a aceitar o encargo. [1] Mas esta asserção, a que de resto

[1] André de Barros. *Vida do P. Antonio Vieira.* —Part. 2.ª

não se allega fundamento, não está com o caracter conhecido do padre, nem com o seu theor de proceder durante todo o curso de sua vida. Antes é de conjecturar que, se não sollicitou abertamente a commissão, teve maneira de insinuar-se para ella no animo do vice-rei, devendo qualquer apparencia de hesitação e recusa lançar-se a conta dos sabidos artificios com que a companhia costumava mascarar os seus intentos. Devia em verdade estar vivo no animo dos superiores o desejo de abrir aos extraordinarios talentos de Antonio Vieira o caminho das grandezas humanas, pois segundo os preceitos da ordem, a que elle estava adstricto, e a que não tinham rasão para o suppor então menos afeiçoado, tudo quanto adquirisse com glória e poder verteria, mais cedo ou mais tarde, em proveito commum.

Seja como fôr, a 27 de fevereiro de 1641 partiram da Bahia o filho do vice-rei, e os seus dous companheiros os Pp. Antonio Vieira e Simão de Vasconcellos, o conhecido auctor da *Chronica da Companhia de Jesus*. A viagem foi contrastada por furiosas e repetidas tempestades, e só para o fim de abril pôde o navio ancorar nas costas de Portugal. Mas depois de escaparem ao risco de sossobrar no oceano, viram-se os viajantes

pag. 11—Lisboa 1858. *Memoria Historica e Critica acerca do P. Antonio Vieira*, e das suas obras (Obras de D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Vizeu, T. 2.º pag. 194). *Epitome da Vida do P. Antonio Vieira* por J. J. Roquette, pag. 11—Paris 1838. (Collecção de Cartas Selectas).

acolhidos em terra por tormentas de nova especie e de não menor perigo. Comoquerque a mulher e os outros filhos do marquez de Montalvão houvessem seguido as partes de Castella, á notícia de que um dos membros da familia dos traidores acabava de desembarcar em Peniche, o povo do logar arremetteu furioso contra elle, e os de seu sequito. O mancebo foi ferido na cabeça, e porventura acabariam todos a vida naquelle miseravel motim, se a prudencia do conde de Atouguia, governador daquella praça, os não salvára, recolhendo-os a uma prisão, sem dúvida com o pretexto de os ter a bom recado.

Não ha asserção de que a prisão fosse ordenada pelo conde, mas é de presumir que lh'a suscitáram os elementos, e as paixões humanas.

Sem embargo dos accidentes, Vieira, estimulado pela sua impaciencia, já a 30 de abril se achava em Lisboa e nesse mesmo dia procurou e conseguiu fallar a el-rei. [1] Aqui começa um dos periodos mais cheios e agitados da vida deste homem extraordinario. Mas quando e como começou a sua privança com o monarcha? quando entrou a tomar parte nos negocios publicos? quando finalmente prégou em Lisboa a primeira vez? É fôrça confessar que sobre estes diversos

[1] *Aos 28 de 641 chegamos a Peniche, onde quizeram matar ao Marchal. Aos 29 de 641 me quizeram matar, e me prenderam: e parti para Lisboa aos 30 de 641: cheguei a Lisboa, e vi a S. M.* (Fragmento de um *Diario* do P. Vieira, citado por André de Barros, pag. 13).

pontos não temos notícias muito circumstanciadas. Os seus já citados biographos suppoem que a eloquencia do pulpito abriu o caminho á graça d'el-rei, que para logo se mostrou captivo dos grandes dótes do orador; mas se o seu primeiro sermão, ou prégado na capella real, ou em qualquer outra igreja de Lisboa, não o foi senão em o 1.º de janeiro de 1642, como dizem [1], com que encheria os oito longos mezes, que precederam, este homem em todo o tempo de si mesmo tão activo, e cujo ardor devêra ser estimulado, logo á sua chegada, pela necessidade urgente de dar documentos honrosos e concludentes de uma capacidade que aspirava a tudo? A conjectura mais plausivel é que o favor régio e o da opinião deviam começar juntos, e reagir um sobre o outro. O desejo anticipado de agradar que já o padre trazia em si, e que o tornaria muito esmerado no emprego dos recursos que ostentava; a sua conversação facil, amena, insinuante e variada; a maneira luminosa e ordenada com que discutia as grandes questões de estado, naquelle tempo tão espinhosas e complicadas; a conformidade das opiniões, ou casual, ou habilmente simulada e persuadida, tudo ajudado de uma dessas naturaes e inexplicaveis sympathias que tantas vezes subjugam os homens subitamente, e do primeiro lance, gerou sem

[1] Assim o affirma André de Barros, pag. 13. e o repete o bispo de Vizeu, pag. 197, fundados na data que traz o sermão no 11.º volume delles da antiga edicção geral.

dúvida o favor, que o tracto frequente foi cada dia acrescentando, e afinal os triumphos oratorios, e os grandes serviços consolidaram, convertendo em privança e valimento declarado.

O acolhimento e favor que achou no público de Lisboa não foi menor que o da côrte, e esse alcançou-o sobretudo pelos sermões.

Se houvermos de dar credito ao testemunho unanime de amigos e inimigos, foi verdadeiramente prodigioso o effeito por elles produzido. O orador sabia perfeitamente amoldar-se ao gôsto e necessidade do tempo, assim na escolha e preferencia dos assumptos, como nos ornatos do estylo, e meneios oratorios, se bem a incontestavel superioridade do seu talento corrigisse ou attenuasse em grande parte os vicios mais communs entre os seus contemporaneos. Ou agitasse as grandes questões politicas como a restauração da independencia nacional, a paz, a guerra, os meios de sustenta-la, ou tractasse dos assumptos simplesmente religiosos e moraes, mais proprios do seu ministerio; o estylo ora grave, solemne e levantado, ora brando e familiar, segundo a occasião; a efficacia e nobreza da declamação, e do porte, certa novidade no modo de oppor e argumentar, que trazia o cunho particular de seu engenho; a facilidade, pureza, copia, e energia da linguagem, tudo lhe attrahia e avassalava a multidão, para conter a qual eram ordinariamente insufficientes os templos mais vastos.

«Por maior que fosse o templo em que prégava o

«P. Vieira (diz Fr. Francisco de Sancta Maria) ja nelle, «ao romper da manhã, não havia quem podesse rom- «per com gente; concorria toda a nobreza de um e ou- «tro sexo; concorriam os sujeitos mais graves de to- «das as sagradas religiões; concorria o mais selecto, e «o mais luzido do povo.»[1]

«Foi louvado, applaudido, seguido de todos, cul- «tos e incultos, escreve o bispo de Vizeu. A estes ul- «timos enlevava a clareza, o tom pelo commum decen- «temente familiar, o sal ás vezes bem picante, a effi- «caz intimativa de Vieira: os mais instruidos admiravam «com applauso, a notícia vasta das escripturas, a sua «applicação nimiamente engenhosa, a subtileza de gran- «de parte dos argumentos e a argucia de todos, a «finura dos conceitos, a muita agudeza dos pontos e «brincos pueris, com que se deleitavam até os melho- «res ouvidos daquella idade. As pessoas mais dadas á «piedade e devoção não se cansavam de lhe ouvir pro- «por a moral mais rigida e desenganada, com uma fôrça «de convicção, com um ar de naturalidade grave, a «que só as paixões obstinadas podiam fazer resisten- «cia. Lisboa inteira corria a ouvi-lo, anticipavam-se «muito ás horas, [2] enchiam-se, a não poder mais os

[1] *Anno Historico*—Diario Portuguez. Lisboa—1744—T. 2.º Dia 18 de Julho, pg. 379, n. IV.

[2] *Como quem manda lançar tapete de madrugada em S. Roque para ouvir o P. Vieira*, diz em suas cartas D. Francisco Manoel allegado no prologo do diccionario da academia. (Citação do bispo de Vizeu, na not 2.ª, a pag 345).

«templos de maior capacidade; e os ouvintes sahiam «porfim, uns commovidos, outros satisfeitos, e todos «admirados do engenho, e do saber e espirito do «prégador.[1]

«...Dentro em pouco tempo, refere tambem o «auctor da *Deducção Chronologica,* a fama dos ser-«mões de Antonio Vieira encheu de admiração a côrte «e o reino; nas igrejas, onde elle prégava, era pre-«ciso que os ouvintes se anticipassem muitas horas «para acharem logar; e a opinião do mesmo Antonio «Vieira subiu em triumpho, entre acclamações, ao pa-«lacio do senr. rei D. João IV, até entrar no sanctua-«rio do seu recatado gabinete....»[2]

Mas ou a opinião publica precedesse e determinasse a da côrte, ou como é mais provavel a acompanhasse passo a passo o certo é que o padre Vieira, medrando de dia para dia em privança e valimento, tinha entrada franca no paço dia e noite, e conferencias quotidianas com el-rei e os ministros; carteava-se não só com elles, mas com a rainha e os infantes, passava horas inteiras nas secretarias de estado, assistia a todas as juntas de negocios graves, nenhum deixava de ser-lhe communicado, e muitos só delle se fiavam, por uma cifra particular, de que só el-rei, e o ministro

[1] Bispo de Vizeu, pag. 196 e 197.

[2] *Deducção Chronologica e Analytica,* dada á luz pelo dr. José de Seabra e Silva. T. 1.º P. 1.ª pag. 226, n.º 361. Lisboa 1768—8.º

Pedro Fernandes Monteiro tinham conhecimento. [1] Por ordem régia os tribunaes deputavam membros seus a conferenciar com elle, por ordem expressa d'el-rei, que o nomeava successivamente seu prégador, mestre do principe herdeiro da corôa, para importantes missões diplomaticas públicas e secretas ás differentes côrtes da Europa, e afinal seu embaixador na de Hollanda.

Nestes diversos encargos e situações, apenas se encontrará assumpto de administração e govêrno, e regimen civil, politico e religioso que o P. Vieira não discutisse, tractasse e praticasse, ou nos seus opusculos e pareceres, ou nas conferencias verbaes, ou nos pulpitos, ou executando e obrando pessoalmente. Questões de economia politica, impostos, emprestimos, instituição de companhias de commércio, marinha, guerra, cessões de territorios, tractados, allianças, casamentos reaes, reforma das ordens regulares, e ainda a da propria companhia, e da inquisição, tolerancia religiosa, tudo lhe passa pelas mãos, nada escapa á sua indefessa actividade, e á admiravel fecundidade do seu espirito neste periodo brilhante da sua carreira.

[1] Sobre estas particularidades do seu valimento—vejam-se as *Obras Ineditas*, T. 3°, — o Memorial ao principe regente D. Pedro, pag. 85, Carta ao conde da Ericeira, pag. 115 a 128—Cartas, T. 3.° C. de 15 de julho de 1690 ao conego Francisco Barreto, pag. 107 a 109—C. de 25 de setembro de 1695 á rainha da Grã-Bretanha, pag. 121.

Infelizmente porém o padre não soube usar com moderação e prudencia desta alta fortuna, já de si mesmo arriscada, em todos os tempos e circumstancias, a graves cuidados e dissabores, e a catastrophes estrondosas, a que raros conseguiram escapar sem embargo da mais consummada habilidade, e esforços sobrehumanos.

No maior auge desta alta fortuna, e talvez por isso mesmo que não soube usar della com moderação e prudencia, esteve arriscado a ve-la interrompida prematuramente, por dissensões com a sua propria ordem, aggravadas por ventura pelo ciume e zêlo sombrio da inquisição, e pela inveja e odio de rivaes e competidores, offuscados pela sua glória, e offendidos da sua vaidade, sobranceria, epigrammas e remoques, que a nenhum amor proprio sabía poupar. Estas dissenções, e successos que mais tarde o obrigaram a apartar-se da côrte para o Maranhão, e por último o lançaram nos carceres da inquisição, e o expelliram da vida politica activa, requerem particular individuação. Como porém este obscuro episodio não chegou por então a interromper a sua carreira politica, e se a interrompeu não foi senão momentaneamente, reservamo-lo para occasião e logar mais opportuno, e continuaremos aqui o assumpto iniciado.

Para que porém se possa fazer mais ajustada idéa da parte que o P. Vieira tomou nos acontecimentos, é mister dar a respeito delles uma notícia prévia, fa-

zendo em traços rapidos e geraes, um ligeiro esbôço da situação de Portugal na crise da restauração e guerra da independencia.

A revolução de 1640 foi, é verdade, acolhida com enthusiasmo em todo o reino e conquistas, como já observámos, mas o exercito e marinha achavam-se desorganisados, as finanças exhaustas, a navegação, o commércio e a indústria quasi arruinados, uma grande parte das possessões coloniaes perdidas. A decadencia de Portugal, evidentemente nos ultimos annos do reinado de D. João III, adiantou-se a largos passos, acompanhando a de Hespanha, durante o dominio dos Philipes, cujo governo, por cálculo egoistico e deliberado abandono, provavelmente a procurava e favorecia.

No interior as intrigas, as rivalidades, o desalento, a inconstancia de muitos daquelles que de Villa-Viçosa tinham arrastado a D. João IV para o throno, as repetidas conspirações, aggravavam o seu caracter timido e irresoluto, e o tornaram sombrio e suspeitoso. Os terrores do carrasco castelhano o impelliam a procurar muitas vezes a salvação no ministerio carrasco portuguez; e assim o vimos, á volta dos verdadeiros conjurados, sacrificar Francisco de Lucena, ministro habil e fiel, perseguir e prender servidores dedicados, como o marquez de Montalvão, e sobretudo Mathias de Albuquerque, justamente quando este acabava de ganhar-lhe uma grande victória.

Assim era natural que no meio destes apuros lan-

çasse os olhos para as potencias estrangeiras, e procurasse alguma diversão na sua rivalidade com a Hespanha. Neste intuito despachou D. João IV embaixadores a quasi todas as côrtes da Europa a sollicitar allianças e soccorros. Mas ainda no emprego deste recurso encontrou muitas vicissitudes, e amargas decepções.

A curia romana, sacrificando nesta occasião, como em tantas outras, os interesses espirituaes aos temporaes e politicos, por deferencia á Hespanha, recusou receber o embaixador portuguez, recusando não menos a confirmação dos bispos nomeados para as dioceses vagas.

Do congresso de Munster, ainda por influencia da Hespanha, foram igualmente excluidos os representantes de Portugal.

Em França foi vária a fortuna das negociações. O cardeal de Richelieu, ministro omnipotente de Luiz XIII, que as acolhêra favoravelmente, falleceu pouco depois de as iniciar; e o cardeal Mazzarino, que lhe succedeu no poder, e governou a França quasi absolutamente durante a longa menoridade de Luiz XIV, deu provas constantes de uma politica dobre e de má fé, durante dezenove annos, exigindo e extorquindo de Portugal avultadas quantias, promettendo-lhe e negando-lhe soccorros, exprobrando-o por não fazer com mais vigor a guerra á Hespanha, a quem por derradeiro sacrificou na paz dos Pyrineus, em 1660, fazendo primeiramente jôgo com elle nas negociações celebradas

com D. Luiz de Haro, a fim de o vender mais caro. [1]

«Desta sorte (escrevia o dr. Duarte Ribeiro de Ma-«cedo) dispunha a providéncia humana a vossa ruina, «parecendo a ambos os ministros cousa infallivel que «aquella resolução restituia este reino ao dominio de «Castella; e não pareceu então errada esta opinião, «toda a Europa o julgou, vendo contender só este «reino com todo o poder unido da casa de Austria. «Assim costuma errar o discurso dos homens, sempre «que dos meios humanos lhe parece tirar infalliveis «consequencias, esquecidos de ser só a Providencia «Divina auctora da conservação e da ruina das monar-«chias.» [2] O alludido favor divino manifestou-se nesta occasião pela morte de Mazzarino, e com a mudança da politica de Luiz XIV, que para logo começou a fraudar o tractado dos Pyrineus, protegendo a causa de Portugal, a princípio com disfarce, mas por fim abertamente.

A alliança da Hollanda era das mais naturaes, convidando a identidade dos interesses os dous paizes a unirem as forças contra o inimigo commum. Assim, D. João IV, logo dois mezes depois da sua acclamação, se deu pressa a mandar ás Provincias-Unidas, por seu enviado, a Tristão de Mendonça Furtado, que conse-

[1] Visconde de Santarem—*Quadro elementar*. T. 4.º P. 1.ª pag. CCV.—P. 2.ª pag. 85 (Charoman) LXXXV.

[2] *Relação que o Doutor Duarte Ribeiro de Macedo fez no tempo que assistiu na côrte de Paris*, L. 2.º T. 1.º das suas obras—edição de Lisboa 1767, pag. 27.

guiu um tractado de alliança offensiva e defensiva, assignado na Haya a 12 de dezembro de 1642, no qual se estipulava a prestação de soccorros á Portugal por parte de Hollanda, e uma tregoa de dez annos nas colonias, conservando cada uma das duas potencias as possessões que tivesse na epocha em que a ratificação do tractado fosse nellas officialmente publicada. Mas nesta circumstancia a recíproca má fé das duas partes contractantes ainda foi occasião de grandes embaraços e perigos, mormente para Portugal. Diz-se que o ministro portuguez foi o que mais insistiu na inserção da ultima clausula, que mencionámos, na esperança de que entretanto que se não notificava a suspensão das hostilidades, podessem os portuguezes recobrar ao menos alguma parte dos perdidos dominios, pensamento a que imprudentemente adheriu D. João IV, que devendo apresentar a ratificação em Haya, dentro de trez mezes, (que vinha a ser em 12 de setembro) segundo outra clausula do tractado, a dilatou até 18 de novembro, com que não foi publicada em Hollanda senão em fevereiro do anno seguinte, e nas conquistas muito mais tarde. Os hollandezes, não menos cavillosos da sua parte, annuiram de boa mente á mesma clausula, no proposito de aproveitarem o tempo ajuntando outras ás conquistas já feitas. O certo é que durante a larga demora que soffreu a ratificação, e sobretudo a notificação do tractado, apossaram-se á falsa fé, e quasi sem resistencia, de Sergipe e Maranhão, no Brazil; e de Angola, em Africa; entretanto que os

portuguezes, mas com bem diversa fortuna, rompem contra elles as hostilidades na Asia.[1]

Estes dolosos procedimentos envenenaram desde o primeiro dia as relações dos dois povos, que depois se aggravaram de um modo extraordinario com a sublevação de Pernambuco, com os subterfugios e promessas fallazes que o embaixador Francisco de Souza Coutinho empregava para entreter o governo hollandez, tantas vezes resoluto a romper, quantas impedido por vãs esperanças, e complicações com outras potencias. Assim, em 1640 faz-se a paz de Munster entre a Hollanda e Hespanha, que de inimigas encarniçadas que eram, estiveram a ponto de unir as suas fôrças collossaes para assoberbar Portugal quasi desamparado; assim, em 1651 e 1657, quando a Hollanda está para cahir sobre Portugal com as suas formidaveis esquadras, o golpe é desviado por uma guerra com a Inglaterra, e finda esta, pela atitude ameaçadora da Suecia.

Extraordinarias vicissitudes, que tantas vezes tiveram pendente de um fio a salvação de Portugal, e que afinal inclinaram milagrosamente a seu favor, mediante tambem a singular fortuna de suas proprias armas, e mais que tudo a precipitada e geral decadencia da monarchia hespanhola, e a quasi incrivel incapacidade dos seus ministros e generaes.

[1] Netscher. *Les Hollandais au Brésil.* La Haie 1853. Part. 3.ª pag. 118, 122 e 124.

No meio destas terriveis complicações, D. João IV, principe de animo pouco bellicoso, nascido e creado no ocio e doçuras de Villa-Viçosa, dado em demasia aos prazeres da caça, da musica e da meza, [1] achou-se estranho e muitas vezes indiciso, outras desalentado e abatido, diante do poder collossal e ameaçador da Hespanha. [2]

Mas já é tempo de averiguarmos a parte que pessoalmente tomou o P. Antonio Vieira nestes diversos acontecimentos, tanto por seus escriptos, como por suas acções, por quanto a vida dos homens de lettras tão eminentes como elle foi, não está menos nos seus pensamentos e palavras, que nas obras e acções. Observemo-lo successivamente no seu gabinete, no pulpito, e nos conselhos da corôa, antes de o acompanharmos ás missões que andou desempenhando em diversas côrtes da Europa.

No anno de 1642, em que começou a prégar regularmente, não poucas vezes subiu ao pulpito para occupar-se da situação politica do reino. São sobretudo notaveis os dous sermões prégados por occasião das festas de S. Roque, e Sancto Antonio, [3] este ultimo a

[1] História de Portugal composta em inglez por uma sociedade de litteratos, trasladada por Antonio de Moraes e Silva, com notas e addições. 3.ª edicção. Lisboa. 1828 T. 3.º pag. 130, 132, 133.

[2] Visconde de Santarem das *Relações politicas e diplomaticas de Portugal* com as diversas potencias do mundo. Paris, 1843—1844.– T. 4.º P. 2.ª pag XII e XIII, XIX e XX.

[3] Obras do P. Antonio Vieira. Sermões. T. 9.º Sermão de Sancto Antonio, pag. 129. Sermão de S. Roque, pag. 166.

14 de setembro, vespera da abertura das côrtes. Ouçamo-lo, substanciando-o.

Sancto Antonio, o procurador enviado pelo céo, tinha as principaes qualidades de um perfeito procurador; o ser fiel e estadista. Fiel como portuguez, Sancto Antonio de Lisboa; estadista como italiano, Sancto Antonio de Padua. A terra propria lhe dera a fidelidade; a rasão de estado, as estranhas. Soccorro opportuno, porque isto de rasão de estado, com ser tão necessaria aos reinos, nunca se havia dado bem no portuguez; e os portuguezes que a usam e praticam com perfeição, mais a devem á experiencia das terras alheias, que ás influencias da propria.

Eleito por este modo, e introduzido o Sancto procurador nas côrtes, onde se tinham de votar os impostos e subsidios para sustentação da guerra, vejamos as doutrinas e preceitos que o orador, inspirado por elles, procura fazer aceitar ao seu auditorio, já sem dúvida agradavelmente impressionado e predisposto pelo lance original de descer um Sancto do céo, e Sancto portuguez, a tomar parte nas assembléas reunidas para tractar da salvação commum. Essas doutrinas e preceitos, prégados em tal tempo, não devem ter causado maior estranheza aos contemporaneos, do que ainda hoje mesmo nos causam a nós, quando observamos a luminosa intuição com que já desde então este homem singular anticipava os principios da sciencia economica e politica, que hoje têm mais voga.

Os tributos, dizia elle, que são o sangue e a carne do povo, se hão de cobrar tão suavemente, que elle o não sinta. A costella de que se havia de formar Eva, tirou-a Deus a Adão dormindo, e não acordado, para mostrar quão difficultosamente se tiram aos homens, e com quanta suavidade se deve tirar ainda o que é para seu proveito. Repugnam tanto os homens a deixar arrancar de si aquillo que se lhes tem convertido em carne e sangue, ainda que seja para bem de sua casa, e de seus filhos, que por isso traçou Deus tirar a costella a Adão, adormecendo-lhe os sentidos, para lhe escusar a dór. Com tanta suavidade como isto se hade tirar aos homens o que é necessario para a sua conservação. Tirem-lhe a carne, tirem-lhe o sangue, tirem-lhe os ossos, se assim é rasão que seja; mas com tal modo, com tal indústria, que os homens não o sintam nem quasi o vejam.

Mas esta destreza e suavidade como se hade conseguir. Certo o maior jugo de um reino, a mais pesada carga de uma republica são os immoderados tributos. Se queremos que sejam leves, se queremos que sejam suaves, repartam-se por todos. Não ha tributo mais pesado que o da morte, e comtudo todos o pagam, e ninguem se queixa, porque é tributo de todos; e como não ha privilegiados, não ha queixosos. Imitem pois as resoluções politicas o governo natural do Creador. Se amanhece o sol, a todos aquenta e alumia; se chove o céo, a todos refrigera. Mas triste e dura condição é a deste elemento grosseiro em que vive-

mos, que as mesmas igualdades do céo, em chegando á terra, logo se desigualam. Chove o céo com aquella igualdade distributiva que todos vemos; mas em a agua chegando á terra os montes ficam enxutos, e escoando de si o peso da agua, toda a fôrça da corrente desce a alagar os valles; e queira Deus que ainda em cima não seja theatro de recreação para os que estão olhando do alto ver nadar as cabanas dos pastôres sobre os diluvios de suas ruinas. Mas tomae tento, (exclama aqui, dirigindo-se evidentemente aos grandes, a quem o triumpho de Castella ameaçava maior perigo, que aos pequenos) tomae tento, e guardae-vos de algum diluvio universal, que quando Deus iguala desigualdades, até os mais altos montes ficam submergidos, e a elles ameaçam principalmente os raios. Dahi toma o orador occasião para aconselhar aos ecclesiasticos e aos nobres que contribuam, como o povo, para as urgencias do estado, sem embargo das suas immunidades e privilegios, que todas devem cessar em taes conjuncturas, e era tão forçosa a presente, que a liberalidade vinha a ser justiça. E verdadeiramente que quando a nenhum devessem os ecclesiasticos esta correspondencia, os reis de Portugal sempre a mereceriam, porque se attentamente se lessem as chronicas, apenas se acharia templo ou mosteiro em todo Portugal, que os reis portuguezes, ou não fundassem totalmente, ou não dotassem de grossas rendas, ou não enriquecessem com preciosas dadivas. Concorressem pois as igrejas a soccorrer os

seus fundadores, a sustentar a quem as enriqueceu, e a offerecer parte de suas rendas ás mãos de quem as receberam todas. Mais é isto justiça que liberalidade, mais obrigação que benevolencia, mais restituição que dadiva. As joias da igreja é lícito empenhalas e vende-las para remir a liberdade pública. Os templos são armazem das necessidades; e os reis que offerecem votos, depositam soccorros.

Com os nobres procedia a mesma doutrina: têm immunidades, certo é; mas fôra o mesmo Christo, e não outro, quem resolvêra que sem embargo de serem privilegiados, pagassem o tributo; porque seria grave escandalo que quando pagavam todos, se eximissem elles. Isto nos casos communs; quanto mais nos extraordinarios, em que anda arriscada a conservação do reino, do rei, e da propria nobreza. A de Portugal estava dobradamente obrigada a concorrer com muita liberalidade para os subsidios e contribuições pedidas.—Primeiro, porque as commendas e rendas da corôa, são os nobres que as logram e lograram sempre; e é justo que os que se sustentam dos bens da corôa, não lhe faltem a ella com seus proprios bens. A segunda rasão é que a nobreza de Portugal tem mais particular obrigação de sustentar a el-rei, por isso mesmo que foi ella quem o fez e proclamou.

Tudo isto expôz o orador com grande cópia de citações da sagrada escriptura, sanctos padres, e doutores; e não sem os costumados argumentos e rasões, fundados em subtilezas, equivocos e trocadilhos, e

sem comparar as tres ordens do clero, nobreza e povo aos tres elementos do fogo, do ar e da agua. E terminou não sem chistosa malícia, dizendo que empenhado nas questões, se havia esquecido do sancto da festa. Mas nem por isso a conclusão deixava de ser a que acabamos de expôr—a justa e igual repartição do imposto por todas as classes—doutrina tão sã e verdadeira, quanto para admírar na boca de um membro de uma das ordens regulares mais ricas e poderosas, em um tempo em que o clero sustentava sem rebuço que a ígreja devia ao estado as suas orações, não os seus bens.

No sermão de S. Roque abundou o orador nas mesmas idéas, e conclue, reprehendendo a incuria e indifferença com que se descuidavam dos exercicios da milicia, e fortificação das praças, e a temeraria segurança com que era encarado o perigo da invasão dos castelhanos. Mas nesta materia da defeza do reino, onde o P. Antonio Vieira se mostrou verdadeiramente admiravel, foi na carta que escreveu ao secretario de estado, dando o parecer, que este lhe havia pedido, acerca do modo com que se devia proceder na guerra da independencia. [1] A guerra defensiva foi a que aconselhou. Em quanto o reino não estivesse fortificado de maneira que podesse resistir a qualquer invasão do inimigo, toda outra empreza sería arriscada, por não dizer temeraria; e nas materias em que não ia menos

[1] *Cartas.* T. 2.º Carta 1.ª pags. 1 a 6.

que a monarchia, sempre se devia seguir a parte mais segura. Em qualquer reino era verdadeira esta rasão de estado, e muito mais nos reinos menores a respeito dos maiores e mais poderosos; porque na vantagem da fortificação se suppre a desigualdade do poder, e é tão facil defenderem-se os menos dos mais dentro em sua casa, quão arriscado e possivel serem os mais vencidos dos menos quando os buscam na alheia. Só em caso que as nossas forças fossem tão superiores ás de Castella que a podessem acabar de destruir de uma vez, sería conveniente começar pela guerra offensiva; mas nem isto se houvera de tentar nunca quando tivesse a menor contingencia, quanto mais nas impossibilidades que eram presentes e manifestas. Os hollandezes, cujo exemplo era tão digno de imitação, quando se levantaram contra a Hespanha, primeiro tractaram de reduzir-se a suas praças, e de fortalecer-se nellas; e entretendo por alguns annos a guerra defensiva, vieram a quebrantar de modo as forças de toda a Hespanha, que porfim podiam não só já resistir em campanha a seus exercitos, senão conquistar suas provincias, senhorear seus mares, e aspirar ao dominio. Se tiveram começado pelo fim, estariam perdidos. E se isto acontecia com a Hollanda, tão distante da Hespanha, quanto mais conviria o mesmo conselho a um reino, rodeado de Castella por todas as partes, sem mais barreira e divisão que o Minho e o Guadiana?

A estas considerações accresciam outras, como ser

Portugal nm paiz todo aberto por mar e por terra, estreito, e facil á invasão, quando a Hespanha lhe oppunha tantos obstaculos na extensão e esterilidade do seu territorio, falta d'agua e abastecimentos, calmas, doenças, e outros, sem fallar na pouca disciplina e obediencia militar que sabiam guardar os soldados portuguezes, tão pouco costumados á ordem dos esquadrões e exercitos, não podendo negar que assim como nunca ninguem igualou a sua constancia em sustentar os rigores de um cerco, assim tambem lhe fazem conhecida vantagem outras nações na destreza e exercicio de manejar um exército, e pelejar formados. Que emfim se a história era alma da politica, e os successos passados a mais certa prophecia do futuro, nunca se tinha visto que os portuguezes, entrando em Castella, fizessem cousa consideravel, nem que os castelhanos entrassem em Portugal, que não fossem vencidos e desbaratados.

Assim que, o dinheiro que se havia de gastar e consumir em exercitos invasores, se applicasse antes á fortificação das praças principaes, á compra de cavallos fóra do reino, com que se contrastasse a reconhecida superioridade do inimigo em cavallaria, e á construcção de galeões e outros navios de guerra, que eram os nossos muros, porque sem esquadras mal se poderia defender um paiz que a tantas leguas de costas ajuntava o dominio de tantas, tão longiquas, e extensas colónias, cujo commércio mantinha e opulentava a metropole.

Finalmente aos que objectavam a palavra dada á França de entrar por Castella, se poderia responder que onde falleciam os meios, caducava a obrigação por fôrça maior, nem havia rasão para tantas pontualidades, quando a mesma França por sua parte tambem havia faltado á invasão do Aragão, recuando em vez de avançar, acrescendo por derradeiro que não havia fazer fundamento na sua alliança, porque os francezes, sobre inconstantes de seu natural, andavam então mui desejosos da paz.

Taes foram em substancia as principaes considerações, não todas, que fez valer o P. Antonio Vieira na consulta que escreveu; fallando da qual diz sem exageração o bispo de Vizeu, [1] que tal foi a efficacia das rasões, tal a cópia de arbitrios, tal a resolução de difficuldades, qual se podéra esperar de um soldado e politico de largas e aproveitadas experiencias; e tudo ao mesmo tempo lançado na linguaguem mais precisa, mais clara, mais propria, mais natural, e todavia culta, que podéra empregar um escriptor consumado: sem se esquecer além disso dos preambulos ou satisfação da decente modestia, que o bom senso requeria da idade pouco provecta, e sobretudo da profissão e exercicio tão distantes das meditações politicas e militares.

E em verdade, o juiso imparcial hesita no que hade

[1] Bispo de Vizeu, T. 2.º pags. 503 e 204.

admirar mais neste soberbo documento da transcendente capacidade do jesuita, se a larga e perfeita sciencia militar e politica, tão alheia aos estudos ordinarios da sua profissão e estado, e mediante a qual prevía com tanta penetração quanto havia desde então de precario na alliança franceza, se o simples e vigoroso bom senso com que rebatia projectos temerarios, extremos, impossiveis e phantasticos, se a sábia temperança e rectidão com que ponderava todas as rasões e argumentos que se podiam offerecer por uma e outra opinião, sem omittir ou attenuar nenhum, se finalmente o atilado discernimento com que inclinou á melhor.

Já em 1633, aos vinte e cinco annos de idade apenas, prégando elle no Brazil, [1] dizia que o voto verdadeiro se havia de fundar no que era, e no que havia, fosse muito ou pouco; e não votos elegantes e discretos, fundados no impossivel, que dizem o que fôra bem haver, e não ha; e fôra bem ser, e não é. Infelizmente não perdurou por muito tempo nestas condições de temperança e moderação, e dentro em pouco teremos de ver como elle começou a mostrar tendencias para a exageração e os excessos, que lhe occasionaram tão profundos dissabores, e cortaram tão prematuramente a carreira que encetára.

Mas não podemos esquivar-nos a um reparo, antes

[1] *Sermões*. T. 11.º Sermão prégado na Conceição da Praia da Bahia. Pag. 127.

de irmos adiante. Esta guerra defensiva, esta politica de temporisação e espectação, unica compativel com a fraqueza e isolamento de Portugal, dictada não menos pelos conselhos mais obvios da rasão, que pela mais imperiosa necessidade, por nenhum caso estava adstricta a segui-la a Hespanha, que se achava em condições bem diversas, e a certos respeitos diametralmente oppostas ás do seu pouco temeroso visinho. O que lhe convinha era concentrar as suas fôrças e recursos, e cahir sobre o inimigo, antes que este, recobrado do primeiro pasmo que a sua propria audacia lhe devia ter inspirado, cuidasse em acudir ao mais urgente da defeza. Bem fóra disso, as suas fôrças dispersou-as em tempo e logar, entretendo por vinte e oito mortaes annos uma cançada guerra de escaramuças e correrias, assolando campanhas e povos indefesos, passando as fronteiras para as tornar a repassar, pondo cercos para os levantar, dando, e sobretudo perdendo algumas batalhas pouco decisivas, tecendo e desfazendo enredos pela Europa, e apoquentando os agentes portuguezes nas diversas côrtes com mais descortezia e indignidade que finura, para no cabo de tão ingloria luta aceitar humilhada as mesmas condições que rejeitára no princípio com sobranceria e arrogancia. A allegação da visivel decadencia do collosso hespanhol, e da necessidade que tinha de dividir as fôrças para fazer frente aos multiplicados inimigos que de toda a parte cresciam sobre elle, não desculpa os seus ministros e generaes; porque o só

facto da existencia da monarchia, e da dissipação de tantos recursos em pura perda durante mais de um quarto de seculo, implica necessariamente a possibilidade de um gigantesco esfôrço que decidisse a questão sem muito custo por uma ou outra parte. Em uma só das suas derradeiras convulsões podia o leão moribundo empolgar e dilacerar a prêsa, se a habilidade mais mediocre lh'a pozesse ao alcance das garras. Mas a Providencia, sempre justa em seus designios, puniu o máu e o oppressor, despojando-o dos lumes da rasão, e entregando-o aos errores do conselho; e teve evidentemente pela mão o fraco e o opprimido, salvando a sua causa contra toda a humana previsão. Mas ah! porque não assistiu ella sempre com as suas inspirações a um dos seus mais brilhantes e dedicados compeões?

Outro grave negocio em que se empenhou o P. Vieira neste periodo foi o da instituição das companhias de commércio. Esta questão complexa involvia muitas outras, a qual dellas mais espinhosa em si mesma, e mais cheia de perigos para os que ousavam ventila-las. A falta de recursos de todo o genero que padecia o reino, e sobretudo de recursos pecuniarios, que são o nervo da guerra, devia necessariamente despertar no animo de todos os que tinham cargo do govêrno os meios de descobri-los, e utilisa-los na empreza da salvação do mesmo reino. O rei provavelmente agitaria este assumpto, como tão vital, mais que outro qualquer, sempre que se lhe deparasse

occasião de ouvir as pessoas de sua confiança. Foi talvez o P. Vieira o primeiro que suggeriu a idéa das companhias de commércio; o que não padece dúvida é que foi este um dos primeiros arbitrios que propôz, logo depois da acclamação, e ainda no decurso do anno de 1641, a cuja epocha se reporta provavelmente o primeiro opusculo que escreveu sobre a materia. [1] Além deste primeiro opusculo, que corre impresso sem data, outros tres escreveu successivamente em 1643, em 1646 e em 1654 ou 1655, afóra diversas cartas dirigidas durante o curso das suas missões a personagens importantes do reino em sustentação destas idéas. [2] Subiu tambem ao pulpito algumas vezes no mesmo intento,

[1] Veja-se no T. 3.º das *Obras Ineditas*—Memorial ao principe regente D. Pedro sobre os seus serviços, pag. 82; e carta ao conde da Ericeira, pag. 117.

[2] Eis o titulo destes diversos opusculos:

1.º Rasões apontadas a el-rei D. João IV a favor dos christãos novos para se lhes haver de perdoar a confiscação de seus bens, que entrarem no commércio deste reino. (Sem data, e provavelmente de 1641). *Obras Ineditas*, T. 2.º pags. 21 a 27.

2.º Proposta feita a el-rei D. João IV em que se lhe representa o miseravel estado do reino, e a necessidade que tem de admittir os judeus mercadores que andam por diversas partes da Europa. Em 3 de julho de 1643—(Id. pags. 29 a 47).

3.º Proposta que se fez ao serenissimo rei D. João IV a favor da gente de nação, sobre a mudança dos estylos do sancto officio, e do fisco, em 1646. (Id. pags. 49—75).

4.º Papel que fez o P. Antonio Vieira, em que mostra se não deve admittir o breve que por via da Inquisição de Lisboa se impetrou de S. Sanctidade para se annullar o alv. que o sr. rei D. João IV tinha feito á gente de nação, em que lhe remettia os bens, que depois de sentenciados, pertenciam ao seu real fisco (1654, ou 1655?) *Ineditas*, T. 1.º, pags. 215—245.

Propôz-se o padre nestes diversos escriptos a demonstrar o estado de miseria e decadencia do reino, e a impossibilidade absoluta de defender-se contra Castella, sem o emprêgo de recursos extraordinarios, que só se podiam achar na creação de companhias públicas de commércio, e na liberdade do mesmo commércio, garantida pela isenção do fisco á gente de nação, homens de negocio, ou christãos novos, (que assim eram variamente designados os individuos de origem hebraica), sem embargo das sentenças do sancto officio, e na reforma do processo e moderação do rigor, usado pelo mesmo sancto officio contra a raça opprimida.

É curioso acompanhar este espirito eminente na exposição, e successivo desenvolvimento e modificação das idéas que concebeu a tal respeito. O seu primeiro empenho foi mostrar o estado perigoso de Portugal, e elle o fez com todo o ardor e exageração propria do caracter impetuoso, e como quem, uma vez abraçado um projecto, ou entrevista apenas uma vantagem, só via as rasões que o favoreciam, e cerrava os olhos, ou pospunha de impaciente quantas poderiam contraria-lo. Vejamos as principaes que produziu.

Os recursos de Portugal, ou lhe vinham do interior do reino, ou das conquistas; os do reino se achavam todos exhaustos com a pequena guerra até então feita por Castella. As confiscações e cunho da moeda, foram accidentes, que fundiram algum proveito, mas se não podiam mais repetir; as rendas e as commendas

estavam empenhadas para muitos dias e annos; os juros, as tenças e os sallarios não se pagavam com levantar-se o valor da moeda, o que alterava o preço ás mercadorias, e fazia com que os estrangeiros trouxessem prata, em vez de generos, com que minguavam muito os direitos das alfandegas; as terras das fronteiras, infestadas do inimigo, não se cultivavam por muitas leguas; as lavouras e as artes diminuiam, levando-lhes a guerra trabalhadores e officiaes; o que tudo ia attenuando e consumindo as fôrças do reino com passos tão largos que em poucos annos mal poderiam os homens manter as vidas, quanto mais pagar os tributos e sustentar a guerra.

As conquistas, outra parte das fôrças de Portugal, tirando o Brazil, mais serviam de estôrvo e gasto que de proveito, como se tinha visto nos ultimos tres annos com uma armada de dez galeões que fôra á India, vindo em retorno apenas tres caravelas; e o mesmo Brazil, o unico que sustentava o commércio e as alfandegas, e o que chamava aos portos do reino os poucos navios estrangeiros que nelles se viam, com a desunião do rio da Prata já não tinha dinheiro, e com a perda de Angola, e falta de escravos, cedo não teria assucar. E se tudo isto acontecia em tempo de meia paz ou frouxa guerra, com que se consumia todo o cabedal, e ainda eram necessarios emprestimos e empenhos, que sería quando Castella, retirando as fôrças que tinha divertidas na Catalunha, cahisse com todo o pêso do seu poder sobre Portugal, então, impedida

a lavoura, suspenso o commércio, desfallecidas as artes, e estancadas todas as fontes da riqueza, seguir-se-hiam as carestias, as fomes, a miseria, e as mais consequencias terriveis das guerras.

Nas diversões dos estranhos não havia que fazer fundamento. A nação franceza, naturalmente inconstante, inquieta, amiga de novidades e facil de corromper-se, sopradas as suas dissensões internas pelo ouro de Castella e escaceando cada dia os meios de fazer-lhe uma guerra ruinosa pela sua mesma diuturnidade, já inclinava á paz, e a pedia em altos clamores. Na paz sería Portugal sacrificado, por mais que tivessem promettido e jurado o contrario; porque nestes casos ninguem segue mais leis que as da conveniencia propria; e imaginar o contrario, era querer emendar o mundo, negar a experiencia, e esperar impossiveis. Bem longe de tudo isto, era politicamente de receiar que aspirando os francezes ao dominio de Portugal, não desestimassem ve-lo humilhado e cahido na desesperação, para de amigos se converterem em protectores, como já se discorria entre elles, desenterrando-se histórias, fundando direitos e acommodando etymologias.

Assim procedia, ou rasoadamente se podía esperar que procedesse a França, que era alliada. Dasmais nações, as que não eram insidiosamente hostis como a Hollanda, eram ou indifferentes, ou desconfiadas. «É «cousa muito digna de reparo e sentimento, (observa «aqui o padre) que se não veja em Lisboa um embaixa-

«dor de um só principe da Europa, quando têm sahido «desta côrte doze depois da acclamação, e actualmente «estão sete em diversas partes; o que tudo é evidente «demonstração do menos conceito que os principes «fazem do nosso poder, e da pouca probabilidade que «acham na nossa conservação.»

«Este é, senhor, (continúa) o estado da nossa con-«servação, e esta a verdade do seu perigo, a qual «V. M. deve ouvir e considerar, não como dita por «um vassallo particular, mas como representada pelo «zêlo dos mais fieis e intelligentes; e pela voz e receio «commum de todo o reino, e pela opinião geral de «todas as nações estrangeiras, que em quanto não «melhorarmos os fundamentos da nossa conservação, «nos prophetisam a nossa ruina. Não considere V. M. «estas rasões como nascidas do temor, ou de algum «outro affecto menos nobre e menos portuguez, por-«que os que amam mais a V. M., os que mais desejam «e procuram a conservação desta corôa, os que não «têm dependencia nem podem ter esperança em «Castella, e os que hãode dar a vida por V. M., são «os que isto dizem e entendem, e só o calam aquelles «a quem emmudeceu a neutralidade, e cegou a ambi-«ção e a lisonja. Assim que, tenha V. M. por suspei-«tosas todas as rasões apparentes com que se lhe per-«suade o contrário, porque são conselhos nascidos «de pouca intelligencia ou de pouca fé.»

Mas como se havia de operar a pasmosa transformação deste estado calamitoso e desesperado, em

outro de salvação, prosperidade, e opulencia? Com as companhias de commércio, ou antes, com o *commércio livre*, como o padre designava o complexo de medidas que propunha. Vamos não só ver quaes ellas fossem, senão como a imaginação do seu auctor dava proporções grandiosas ás suas vantagens e consequencias.

Era por ordem expressa d'el-rei, e á vista de duas propostas já formuladas, acerca da materia, que o padre apresentava a sua no primeiro opusculo escripto em 1641. O seu primeiro pensamento foi a abolição completa e absoluta do chamado fisco, isto é, a confiscação dos bens dos condemnados por varios crimes, e especialmente pelo Sancto Officio; mas isso, dizia elle, seria novidade grande, e de duvidosa aceitação para com os vassallos, e para com o mundo, ainda que não fosse escrupulosa para com Deus; por onde era mister vir a um meio termo, com que sem dispensar nem remittir absolutamente, se pozesse alguma limitação e moderação ao direito do fisco, de que aliás resultassem os mesmos effeitos em beneficio da corôa.

Nestes termos, havendo consideração ao bem commum do reino, e principalmente á maior segurança, expedição e augmento do commércio, em que, por causa das confiscações das fazendas de alguns negociantes, se tinham experimentado inconvenientes, duvidas e embaraços na liquidação da dos ausentes, assim naturaes como estrangeiros, e muitos destes

alliados e amigos, os quaes S. M. tanto desejava que em seus reinos gosassem de toda a liberdade e franqueza em suas pessoas e bens: propunha elle *que a favor e beneficio de uns e outros, houvesse S. M. por bem libertar todo e qualquer dinheiro e fazenda que pertencesse ao commércio de qualquer pessoa que fosse, natural ou estrangeira, residente no reino, ou fóra delle, assim as que em rasão do domicilio ou delicto estivessem sujeitas ás suas penas, como quaesquer outras; de maneira que por nenhum crime de lesa magestade divina ou humana, ou outro qualquer dos que se costumavam castigar, ou se castigassem para o diante com perdimento de bens, não lhes podessem estes ser confiscados, tomados, nem embargados, mas sempre lhes ficassem livres e seguros, entendendo-se por dinheiro ou fazenda de commércio, todos os bens moveis de qualquer genero ou qualidade que fossem, que os negociantes do reino, ou estrangeiro nelle moradores possuissem ou administrassem. De sorte que se o comprehendido em crime de heresia ou outro semelhante não fosse mercador, ser-lhe-hiam confiscados todos os seus bens, moveis ou de raiz; mas sendo-o, confiscar-se-lhe-hiam sómente os de raiz, ficando os moveis livres em favor do commércio.*

A esta medida capital, a que chamava da segurança e liberdade do commércio, deviam acrescentar-se outras que a desenvolviam e completavam.

1.ª Como apesar da isenção concedida nos termos expostos, sempre haveria bens que fossem lanço e

prêsa do fisco, e não poucos casos delle, propôz que os proventos incertos do mesmo fisco se arrendassem por quantia certa aos homens de nação, com o que fariam estes, mediante uma commissão mais ou menos elevada, uma especie de seguro de todos os seus bens sem excepção; e lograria a corôa, sem dispensar no direito commum ao menos em parte, o rendimento annual daquella quantia que sempre sería consideravel. Se a isto acrescentarmos que, segundo as proprias previsões do auctor da medida, a gente de nação, ou homens de negocio, com o fito de lograrem a isenção para todo o seu cabedal, se guardariam bem de emprega-lo em bens de raiz, antes o applicariam todo ao manejo do commércio, com maior largueza delle, e geral utilidade, teremos que a isenção ficaria sendo absoluta nos effeitos, e que as distincções a que recorria o padre não passavam de meras attenuações de fórma para obviar á opposição dos preconceitos contrarios.

2.ª A creação de um banco como o de Amsterdão, e de companhias de commércio, á feição das de Hollanda, e em opposição a ellas.

3.ª A promulgação de uma lei para que da linha para o sul não navegue navio nenhum de menos de quatrocentas toneladas, e de vinte peças de artilharia cada um; com o que, attento o previsto augmento da navegação, resultado infallivel da liberdade de commércio, ficaria ao mesmo tempo organisada uma poderosa marinha de guerra, para segurança do com-

mércio da India, Brazil e Angola. E para que de todo se não extinguissem as caravelas, que sendo em pequeno numero, eram de utilidade, e se conservasse ao mesmo tempo alguma gente de mar dos portos do reino de menos capacidade, se lhes reservaria a navegação de S. Thomé, Cabo-Verde, Maranhão, ilhas dos Açores, Madeira, pesca do bacalháu, e da costa d'Africa.

4.ª Franquear e facilitar a communicação e participação do commércio aos francezes, suecos, dinamarquezes, venezianos, genovezes e outras mais nações neutraes, ou inimigas de Castella, o que era indispensavel para se estabelecerem relações e dependencias, e interesses communs que produzem as allianças politicas, tão necessarias á defeza do reino. E nada disto se poderia conseguir, sem a franqueza e liberdade do commércio.

5.ª Nobilitar a profissão do commércio, de maneira que não só não tirasse, mas désse positiva nobreza, ficando nobres todos os homens que fossem mercadores, não só os que se chamavam de sobrado, ou grosso tracto, mas tambem os de vara e covado; com o que muitas pessoas de maior qualidade e christãos velhos se applicariam ao exercicio mercantil, a exemplo de Veneza, Genova, Florença, e outras republicas, em que os principes eram mercadores, e ellas por isso opulentissimas.

6.ª Abolição das distincções odiosas de christãos novos e christãos velhos, como contrárias á doutrina

do evangelho, á propagação da fé, á paz, quietação e prosperidade do reino.

7.ª Moderação e reforma dos estylos e modos de julgar da inquisição de Portugal, como nimiamente rigorosos, adoptando-se os que seguia a de Castella, como mais equitativos.

Por muitas, diversas, e poderosas rasões não devia fazer escrupulo ás consciencias timoratas a concessão de tantos favores á gente de nação. Primeiramente a admissão de taes homens no reino, pela fórma proposta, não encontrava lei alguma divina nem humana, antes era muito conforme aos sagrados canones, doutrina dos sanctos padres e resoluções de muitos concilios geraes e particulares, que se não expunham em obsequio á brevidade, e por serem notorias.

Era tambem conforme á sentença commum de todos os theologos, os quaes assentam que para defeza e conservação dos reinos, é licito aos principes confederarem-se, e chamarem a si qualquer genero de infieis. Os exemplos da história sagrada abonavam não menos este procedimento, que tambem tinha por si a doutrina do proprio evangelho, no qual Christo aconselha que se dissimule a zizania para sustentar as raizes do trigo, e reprehende o falso e mal entendido zêlo dos que com perigo da conservação deste, queriam a todo o transe extinguir a zizania.

A tão alta e auctorisada doutrina vinha juntar-se o exemplo dos principes catholicos, como o rei de França, o imperador, a republica de Veneza, os du-

ques de Florença, e finalmente o summo pontifice, o proprio vigario de Christo, que não só admittiu os que em Portugal se chamavam christãos novos, (entre os quaes, e os velhos nenhuma differença se fazia em Italia) senão que dentro da mesma Roma consentia synagogas de judeus com pública profissão da lei de Moysés.

Pois se na cabeça da igreja se consentiam homens que professavam publicamente o judaismo, porque não admittiria Portugal christãos baptizados, dos quaes, quando muito, só poderia haver suspeita de que o não eram verdadeiros?

Não consentia Portugal, chamando até, e sustentando com grossos soldos, para o serviço das armas, tantos hereges estrangeiros, sendo que entre uns e outros havia esta differença, que uns vinham a levar o dinheiro, os outros a traze-lo; aquelles eram publicamente lutheranos e calvinistas, e muitas vezes profanadores dos templos, e estes os edificavam e enriqueciam, professando ao menos em público a religião do estado?

Se pelas conveniencias do commércio admittia Portugal, (como se via em Lisboa, e em todas as cidades e portos maritimos) tantos hereges de Hollanda, França e Inglaterra, que muito era logo que se admittissem e conservassem os homens de nação, seus naturaes, sendo nestes muito maiores os motivos de interesse?

Certo, bem difficil era de entender a rasão de estado de Portugal, porque sendo um reino todo fundado no

commércio lançava os seus mercadores para os reinos estranhos, e aos estranhos admittia dentro em si mesmo, com que delles vinha a ser todo o interesse da navegação e commércio, e nada seu—argumento evidentissimo, porque o que os mercadores portuguezes ganhavam nos reinos estranhos, lá ficava; e o que os estranhos ganhavam em Portugal para lá ia.

Por derradeiro, nem estes favores eram verdadeira innovação em Portugal, que já D. Manoel e D. João III os tinham concedido identicos; e se D. Sebastião os revogou, foi isso mais uma entre as muitas desgraças que assignalaram o seu triste reinado.

E a quantos males e inconvenientes se não ia obviar, quantos bens promover directamente com a concessão, antes renovação e restituição destes favores!

Com o regimen em vigor tinha vindo o reino ao estado de despopulação, pobreza e desamparo, em que todos o viam a tal ponto que lançando-se, em tempo d'el-rei D. Sebastião, um tributo sobre os homens de negocio para a jornada d'Africa, subiu o orçamento do cabedal dos que naquelle tempo havia em Lisboa a cincoenta milhões, quando agora, passados sessenta e seis annos, não chegaria a dois todo o que se manejava no reino, donde vinha estarem os portos desertos, as alfandegas vazias, as conquistas arruinadas, e tudo em grande limitação de dinheiro, sem haver quem empreste nem arrende, e vendendo-se tudo á necessidade.

Á outra parte deste trabalho, á narração do pro-

cesso que soffreu o padre na inquisição de Coimbra, pertence a exposição de todos os defeitos e vicios do modo de processar e julgar do tremendo tribunal, e das funestas consequencias que dahi resultavam, livrando-se os verdadeiros culpados pela denúncia dos innocentes, e perecendo estes miseravelmente, por não saberem, ou não lhes permittir a consciencia fazer uso dos mesmos artificios e imposturas onde os máus, e os poucos escrupulosos achavam tantas vezes a salvação.

«É muito para considerar (copiamos aqui textual-«mente o eloquente escriptor) que para padecer a in-«nocencia não são necessarias accusações nem casti-«gos; porque sem serem accusados nem condemnados «padecem todos os homens de nação que moram neste «reino os perpetuos temores e sobresaltos em que «vivem, sendo este um genero de castigo universal e «contínuo, que comprehende a todos sem distincção «de culpados e innocentes, e tão rigoroso e difficultoso «de supportar-se, que muitos se hão desterrado vo-«luntariamente para outros reinos, sem mais culpa «nem rasão de temor, que haverem nascido christãos «novos, como se prova dos procedimentos que lá têm, «querendo antes viver no desterro com segurança «que na patria com tanto perigo: miseria (exclama aqui, «concluindo, com arrebatadora eloquencia) miseria, «certo, digna tanto de emenda como de compensação, «que se desterrem estes homens a si mesmos sem «estarem culpados, e que eleja nelles a innocencia

«como remedio, o degredo, que ainda em graves deli-«ctos é um dos maiores castigos!»

Desterrando-se taes abusos e rigores, a fé (cujo receio era o ponto principal de toda a controversia) receberia conhecidas utilidades e augmentos, porque se mitigaria aquelle horror com que o sancto tribunal era não só temido e terrivel aos homens de nação, senão aborrecido e odioso, e seus ministros não só ficariam sendo venerados, mas tambem começariam a ser amados, sendo que o amor e affecto é a primeira disposição para a fé; rasão em que muito se deve reparar, pois ensina a theologia que não póde haver fé sem pia affeição, e esta affeição mal poderia introduzir-se por meios que causavam exasperação e odio.

O commércio nunca poderia ser consideravel sem a liberdade e segurança das fazendas dos mercadores; mas uma vez conseguidas essas garantias, nacionalisar-se-hia, isto é, passaria aos naturaes do reino das mãos dos estrangeiros em que andava, os quaes, além de serem privilegiados de tributos, contra o estylo de todas as nações, enriqueciam as suas com o que tiravam das terras do reino; e não se contentando com serem senhores do commércio das conquistas, o queriam ser tambem de Portugal, como já o eram, fazendo-lhe no reino tanto damno a sua indústria, como nellas a sua violencia.

Os homens de negocio estrangeiros não mandavam os seus cabedaes a Portugal; e os naturaes do reino, ou occultavam os seus, ou os traziam divertidos e

empregados fóra, uns e outros receiosos do fisco; mas depois de desafrontados do perigo, sahiriam sem dúvida com elles, em grande proveito commum e proprio.

Outro grande perigo se removeria, porque estes mesmos homens de negocio, residentes no reino, e muitos dos quaes eram potentados em riquezas e influencia, molestados como tinham sido e continuavam a se-lo, eram uma ameaça permanente ao reino, a quem podiam prejudicar grandemente com a diversão e emprêgo habil dos cabedaes, com os avisos aos inimigos, com traições e desserviços de todo o genero, bastando só as cartas de tanto numero de gente para desacreditarem um reino inteiro. Captivados porém com os beneficios propostos, e trocado o odio em amor, tudo se converteria em bem da nação.

E quanta glória não sería para o reino, e serviço de Deus servir o dinheiro dos judeus para a conservação do mesmo reino contra Castella, para restaurar as conquistas do poder dos herejes, e finalmente para dilatar a fé pela gentilidade!

As mesmas conquistas seriam mais frequentadas, descobrir-se-hiam nellas novos thesouros, até agora sepultados á mingoa de capitaes e indústria, e cresceria a olho o valor dos seus productos e drogas, abatendo na mesma proporção a de estranhos.

O commércio tornaria a florecer, e ver-se-hia Lisboa na sua antiga opulencia o maior emporio de riquezas, o reino o mais magnifico do mundo, crescendo os di-

reitos nas alfandegas, por maneira que em todo ou em parte se diminuiriam os tributos vexatorios, e se estancariam as lágrimas dos vassallos, que gemiam debaixo delles, e mal poderiam sustentar tamanha carga em quanto durasse a guerra.

A par do augmento do commércio, ver-se-hia o da navegação, como mostrava o exemplo de Hollanda, que de tão baixos principios ascendera á um poder colossal, e onde sendo tão poucos os navios do Estado, eram tantos os dos particulares, que excediam em numero, só os daquella republica, aos de todos os principes da Europa juntos. Com isto teria S. M. quantidade de grandes navios para soccorrer conquistas e fornecer armadas, sem os sustentar proprios, nem alugar estranhos.

Seguro o commércio em Portugal, pelo sítio delle, pela commodidade dos portos, pela bondade das drogas, pela liberdade das conquistas, e por todas as outras conveniencias, que em nenhum outro reino se achavam, todo o dinheiro da mercancia, que andava espalhado pelo mundo, convergiria para elle, e sería a mais facil e segura guerra que se poderia fazer aos dous inimigos, hollandez e castelhano, desbaratando as companhias de um, e os assentos de outro, que eram os fundamentos do seu agigantado poder. Teria finalmente S. M. dinheiro prompto, e intelligencias secretas em todos os reinos, e em qualquer parte do mundo; e assentistas para todas as cousas da guerra, e homens de cabedal e indústria para

as manear, porque andando contentes, e obrando como em terra propria, e para rei que os amava, obrariam finezas sem igual.

E quem ousaria nega-lo ou affirma-lo? Sería talvez tal o incremento das riquezas e poder, taes os milagres da fortuna, e protecção divina, que a S. M. se devolvesse o imperio do mundo! [1]

A causa que o P. Antonio Vieira defendia assim no reino, nos opusculos e de viva voz, não a esquecia tão pouco durante as suas missões no estrangeiro, como o attestam as muitas cartas que a este respeito dirigiu a diversas personagens, nomeadamente ao marquez de Niza, nos principios de 1648, de Haya e Amsterdam. [2] Em Lisboa fizeram sahir em um auto da fé no Rocio varios christãos novos, e prenderam a um

[1] «Além de ser de fé que toda esta nação (fallava dos judeus) «se ha de converter, e conhecer a Christo, as nossas prophecias «contam esta felicidade entre os prodigiosos effeitos do mila- «groso reinado de V. M., porque dizem que ao rei encuberto «virão ajudar os filhos de Jacob, e que por meio deste soccor- «ro tornarão ao conhecimento da verdade de Christo.» *Inedit.* T. 2.º pag. 45. E' esta a primeira vez que encontramos nas obras do P. Vieira uma allusão positiva á sua chyméra do quinto imperio, que como havemos de ver opportunamente, consistia no imperio temporal do mundo para D. João IV, mediando a conversão dos judeus, e de todo o gentilismo á verdadeira fé sob o imperio universal e espiritual do papa. O opusculo, donde extrahimos a citação, é de 1643—*Proposta feita a el-rei D. João IV* &c.

[2] *Cartas.* Tit. 4.º pag.—155 e 199—passim.

delles, rico negociante, de nome Duarte da Silva. Destes procedimentos se queixavam os Estados-Geraes, allegando que esses homens eram vassallos da republica, e como taes protegidos pelo art. 21 das treguas. A isto fazia responder D. João IV, não sem alguma altivez, que os réus estavam sob a jurisdicção ecclesiastica, em que elle não tinha poder textual, e que em tal materia se lhe não tornasse a fallar. «Bem-«dito seja Deus!» (exclamava o Padre, notando outros muitos desconcertos do govêrno, em alguns daquelles assomos de independencia que de vez em quando lhe vinham, sem embargo da sua habitual subserviencia de cortesão) «Bemdito seja Deus que só «para estas valentias temos resolução!» A notícia desses procedimentos, e o receio de outros iguaes para o diante, tinha produzido graves e irremediaveis transtornos nos negocios financeiros de Portugal na Hollanda. No dia em que chegou a da prisão de Duarte da Silva o cambio baixára logo cinco por cento, e ninguem se atrevia a passar um vintem á Lisboa, e muitos que tinham já embarcado em Hamburgo munições e outros objectos para Portugal, os fizeram de novo desembarcar, receiosos de arriscarem os seus cabedaes á avidez do fisco. Todos aquelles negociantes ficaram aterrados com taes novas, e não havia ninguem que se quizesse misturar com Portugal nem com portuguezes [1]

[1] *Cartas*, pag. 184—Carta ao marquez de Niza—Haya 17 de fevereiro de 1648.

A instituição das companhias de commércio não era menor assumpto da sua correspondencia. Ao marquez de Niza lembrava elle, para ganhar os francezes, o conceder-se-lhes faculdade para entrarem como accionistas em qualquer dellas, que se viesse a organisar, em vez de outras vantagens que elles cobiçavam, e convinham menos a Portugal; [1] e a um dos ministros em Lisboa escrevia deplorando a tardança na publicação desta medida, e que contra ella, no caso de se haverem suscitado algumas difficuldades, prevalecessem *os auctores de um mal entendido zêlo contra os que o tinham mais verdadeiro.* «Quanto mais an-«do pelo mundo (escrevia elle) mais me confirmo nesta «verdade; e se os que estão nesse reino, tiveram sa-«hido delle, tambem sahiriam da cegueira em que vi-«vem nesta e n'outras materias. Baste o exemplo do «marquez de Niza, e do seu fr. Francisco de Macedo, «os quaes tendo sido de tão contrária opinião, que um «deu conselhos, e outro escreveu livros contra ella, «depois que viram o mundo se lhes abriram os olhos «de maneira, que ambos se têm retractado.» [2]

Propondo estes diversos arbitrios, contrarios aos preconceitos populares, ás idéas geralmente recebidas, e ao direito estabelecido e praticado pelo terrivel tribunal, a ponto de chegar a insinuar a admissão de synagogas públicas, e a ampla liberdade de conscien-

[1] *Cartas*, pag. 157 e 158, Haya 20 de janeiro de 1648.
[2] *Cartas*, T. III, pags. 6 e 7—Paris 25 de outubro de 1647.

cia, fundando-se no já allegado exemplo de varios principes christãos, e do proprio papa, cabeça da igreja;[1] não preteria comtudo o Padre Antonio Vieira todas as precauções que a previsão mais vulgar devia aconselhar-lhe em maior escala; porquanto, não só reconheceu explicitamente a legitimidade e necessidade do tribunal, como elogiou encarecidamente os relevantes serviços que prestava mantendo a pureza da fé, que a não ser a efficacia do seu zêlo houvera padecido grande detrimento em um paiz tão frequentado de judeus, e outras infectas nações; e não menos a inteireza, rectidão, e escrupulo com que procedia, punindo os culpados com muito maior piedade do que elles mereciam; porque os defeitos tantas vezes arguidos, em que perigava a innocencia, eram só dos regimentos no modo de julgar, e nada tinham com a sanctidade da instituição em si. Applaudiu até a sua introducção, sem embargo de muitas contradicções, no feliz reinado d'el-rei D. João III, como uma das mais assignaladas mercês que a misericordia divina podéra ter feito ao reino.[2]

Fez mais ainda. Subindo ao pulpito para sustentar as suas idéas (instituição das companhias com a isenção do fisco) os argumentos de que se serviu, para desarmar o odio da multidão, não podiam ser mais

[1] *Inedit.* T. II—Proposta que se fez ao serenissimo rei D. João IV, pag 74.

[2] *Inedit.* Citado opusc. passim.

contradictorios com as suas proprias doutrinas. A nossa terra, disse elle, affronta justamente com o nome de cães os convencidos do crime contra a fé, á quem aborrece; e dahi vem que este remedio, não só approvado, mas admirado das nações mais cultas da Europa, só na portugueza é reprovado, porque a experiencia de serem mal reputados na fé alguns dos seus commerciantes, torna suspeitosa e até perigosa a união e mistura do dinheiro menos christão com o catholico. Mas que politica sublime e christã não é servir a fé, e alcançar-lhe victórias, com as proprias armas da infidelidade, pagando ella em cima os soldos! E qual a rasão? é porque a bondade das obras está nos fins, e não nos instrumentos; as obras de Deus, todas são boas; os instrumentos de que se serve, esses, sim, podem ser bons e maus. [1]

Em apoio destas estranhas doutrinas, d'uma moralidade equivoca, vinham os costumados exemplos das escripturas, e outros a seu modo—os trinta dinheiros por que Judas vendeu a Christo, applicado á compra de um terreno para a sepultura dos peregrinos; o ouro de um idolo tomado por David aos inimigos, servindo a fabricar-lhe uma coroa. A Elias no deserto sustentavam-n'o umas vezes os anjos, outras os corvos. E S. Roque, o heroe, antes pretexto do sermão, alimentava-se com o pão tirado da boca de um cão.

[1] *Sermões*—T. 11.º Sermão de S. Roque, prégado na capella-real em 1644—Pags. 136, e 153—158.

A todas estas attenuações á ousadia dos seus projectos ajuntou finalmente o P. Vieira uma, com a qual sem dúvida entendeu que os patrocinava a elles, resguardava-se a si proprio, e desfazia todos os escrupulos, sinceros, ou apparentes, dos que lhes faziam opposição; e vinha a ser que na materia não podia haver fundamento para o menor receio, uma vez que a resolução della ficava ao juizo e disposição do summo pontifice, a quem como vigario de Christo, e regra unica da fé competia ordenar, variar, e dispor o que, segundo os tempos, e estado da igreja, parecesse mais conveniente com proveito das almas, e glória de Deus. [1]

Exprimindo-se por este modo contava evidentemente o P. Vieira, pelo que via praticar em Roma, senão com uma approvação explicita, ao menos com a indifferença ou tolerancia do papa para com iguaes práticas introduzidas em Portugal.

Mas o papa sollicitado pela inquisição de Lisboa, illudiu as suas esperanças, (o mesmo P. no-lo vae dizer porque motivos) fulminando por um breve penas e censuras contra o alvará de 6 de fevereiro de 1649, pelo qual D. João IV havia instituido a chamada companhia occidental com differentes privilegios entre os quaes figurava a isenção do fisco.

O P. Antonio Vieira que, em quanto estas cousas se passavam, percorria a Europa, e ia mesmo a Roma,

[1] *Inedit.* T. 2.º Proposta feita a el-rei D. João IV., pags. 46—47.

por mandado do rei, a differentes missões, não se deixou vencer pela contrariedade, como o prova primeiro a luta que por esta questão se travou entre o rei e o seu govêrno de uma parte, e a inquisição apoiada pelo papa, da outra; e em segundo logar a sua propria e directa intervenção no debate, escrevendo um novo opusculo para que se negasse o beneplacito ao breve do papa, e sustentando a todo o transe o real decreto.[1]

O que prova quão pouco este homem ardente e apaixonado attendia aos conselhos da prudencia, e olhava pela propria segurança, é a epocha mesma em que escreveu o seu novo opusculo. Corre este sem data quer nas cópias manuscriptas que temos examinado nas diversas bibliothecas do reino, quer na recente edição geral das suas obras, em que pela primeira vez viu a luz; mas como o seu auctor, para encarecer as vantagens da companhia occidental, lhe attribue em boa parte a restauração de Pernambuco, acontecida nos primeiros dias do anno de 1654, não nos fica a menor dúvida de que o escreveu durante a residencia que fez em Lisboa, entre 1654 e 1655, á sua primeira volta do Maranhão, para onde tinha partido em 1653, porque, na segunda, em 1661, já o decreto estava revogado na parte essencial.

[1] *Inedit.* T. 1.º Papel que fez o P. Antonio Vieira em que mostra se não deve admittir o breve que por via da inquisição de Lisboa se impetrou de S.S. contra o alvará que o sr. rei D. João IV tinha feito á gente de nação, etc. Pags. 215—245.

O P. Vieira fizera esta viagem do Maranhão á côrte como simples missionario que não vinha a outro fim mais que a pedir providencias a bem da liberdade e conversão dos indios, suas desamparadas ovelhas, conseguido o que, muito a seu contento, tornou a voltar á longiqua missão, onde ainda se deteve para mais de seis longos annos.

Nada pois o obrigava, ao menos apparentemente, a involver-se com estrondo nesta ardua e melindrosa contenda, em que se achava empenhado um inimigo tão poderoso e tanto para temer como era o sancto-officio. Porque motivo pois se lançou de novo tão fóra de proposito na luta e no perigo? Acâso opprimido neste conflicto, invocaria o rei, ou exigiria mesmo o auxílio das suas luzes? ou o seu amor proprio de auctor o impelliria a sahir em defesa da propria obra? ou finalmente levava-o a sua conhecida inclinação á controversia e á disputa, e a vaidade que o impellia a ostentar-se nas grandes scenas? O mais provavel é que todos estes motivos actuassem mais ou menos no seu animo.

O papel em questão é uma especie de dissertação juridica repleta de citações, de distinções subtis, e de argucias forenses de todo o genero, em que o seu talento mais de uma vez mostrou comprazer-se. O breve pontificio não devia ser recebido, por haver sido alcançado com obrepção e subrepção. O papa o não expedira de *motu proprio*, senão pela narração pouco verdadeira do bispo inquisidor geral, que desnaturou o decreto, asseverando que se isentavam do fisco os

bens dos condemnados pelos crimes de heresia e judaismo, quando o que se concedêra fôra a remissão antecipada dos mesmos bens adquiridos á coroa pelas condemnações, o que era cousa mui outra, e não menos por haver occultado o fim com que se fazia a remissão, qual era a creação das armadas a bem da fé na recuperação de Pernambuco e mais conquistas do poder dos hereges, circumstancia que dava á mesma remissão o caracter de um contracto oneroso, muito diverso da simples graça, e de que já houvera exemplos nos reinados de D. Manoel e de D. João III.

O papa como é sabido não havia reconhecido a nova ordem de cousas em Portugal, e por isso o breve vinha concebido em termos vagos, sem nem sequer citar a data do decreto, ou nomear o rei, quer pelo seu nome, quer pela sua dignidade real—destas reticencias tomava occasião o Padre para declarar o breve nullo, segundo o direito, por falta de menção especificada de clausulas essenciaes. El-rei fôra tão pouco ouvido pelo papa—outra causa de insanavel nullidade, pela regra de direito natural de que ninguem póde ser condemnado sem ser previamente ouvido.

Ora aos reis assiste incontestavel direito de impedir a execução dos breves, sem embargo da bulla da cea e outras, que o prohibem com penas e censuras, uma vez que taes breves sejam contrarios e prejudiciaes ao bem temporal do Estado, e ás regalias do poder real. A bulla de cea, e outras iguaes se deviam entender em termos habeis, e S. M. devia escrever ao

papa para mostrar-lhe as rasões do impedimento posto, e a verdade inteira do decreto aleivosamente denunciado.

Finalmente não se ignorava que o breve houvera sido alcançado em Roma por negociação de Castella contra um decreto por nenhum modo contrário aos canones, á conservação da fé, e exercicio da inquisição, que em nada era impedido, pois podia ella proferir as suas sentenças, que seriam executadas, salvo a remissão estipulada, e compensada com os onus impostos aos condemnados; logo os que se lhe oppunham, e queriam executar o breve, procuravam a ruina da companhia, mostrando-se nisso pouco zelosos da conservação do reino e pessoa de S. M., e parciaes de Castella, tão interessada por sua parte na ruina da companhia que promulgára graves penas contra todos os seus subditos que nella mettessem cabedaes.

A accusação de traição não podia ser mais clara, e ia direita á inquisição. Mais tarde veremos a maneira cruel por que ella replicou a tanta audacia e imprudencia.

Quanto á companhia, é sabida a sua triste história, que de resto não é para este logar. Pelo alvará de 6 de fevereiro de 1649, e estatutos de 8 de março seguinte D. João IV decretou a sua instituição com duração de vinte annos, e de mais dez eventualmente, isenção do fisco para os capitaes nella empregados, e diversos outros favores, e obrigações correspondentes—medida em verdade muito mais restricta que a

imaginada pelo P. Vieira que queria a isenção do fisco ampliada a todo o commércio em geral, como já vimos. A inquisição impugnou-o, e o papa fez outro tanto, instigado por ella, e por outras influencias. Oito annos depois, a rainha viuva D. Luiza, na qnalidade de regente, sob a pressão da inquisição, e quiçá de escrupulos de uma consciencia timorata, deu-lhe o primeiro mortal golpe, revogando o privilegio do fisco, pelo decreto de 2 de fevereiro de 1657, no qual contesta além disso as vantagens que o P. Vieira continuou a attribuir-lhe durante toda a sua vida. Outros decretos vieram depois, que a foram successivamente desnaturando, ora restringindo os seus outros privilegios, e a esphera da sua acção, ora espoliando-a arbitrariamente dos seus capitaes, até ao ponto de a transformarem em uma inutil junta e tribunal regio, sob cuja fórma finalmente se extinguiu de todo em 1720.

Seja como for, e qualquer que tenha sido a extensão dos seus beneficios nos destinos de Portugal e do Brazil, durante a primeira phase da sua existencia, o que está demonstrado pelo testemunho irrefragavel de todos os factos que ficam expostos, é que o P. Antonio Vieira, um dos primeiros, senão o primeiro iniciador da idéa da sua creação, foi o seu principal fautor nos conselhos do monarcha, nos pulpitos, nos escriptos politicos, e na correspondencia privada, por toda a parte, e por todos os meios emfim, em que se lhe deparava occasião de defender uma causa, pela qual foi o unico que veio a padecer os trabalhos e affrontas

que veremos, ao passo que os simples cooperadores não soffreram o mais leve encommodo, ou porque souberam retrahir-se a tempo, curvando-se ante as influencias contrárias victoriosas, ou porque renegaram abertamente, convertendo-se em perseguidores, como o secretario de estado Pedro Vieira, depois bispo de Leiria, que não só referendou o decreto de revogação, como mais tarde escreveu violentas consultas contra os desgraçados christãos-novos.[1]

[1] De tudo quanto fica exposto vê-se que com menos averiguação andou o illustre auctor da *História Geral do Brazil*, o sr. Varnhagen; sustentando no T. 2.º, Secç. 33, pag. 21, nota, que o P. Antonio Vieira nenhuma parte teve na creação da companhia de commércio, que exclusivamente attribue ao secretario de estado Pedro Fernandes Monteiro, e ao procurador da corôa Thomé Pinheiro da Veiga, que logo depois do vedor da fazenda, conde de Odemira, vem assignados nos artigos da instituição da mesma companhia. Se é este o seu unico titulo á gloria do feito, parece que ella fica muito duvidosa, porque a assignatura ex-officio em documentos desta ordem póde ter logar, sem que aquelles que a firmam prestassem a menor cooperação á obra; e o nome do P. Vieira, por maior que tivesse sido a sua, não poderia ali apparecer, porque elle nenhum caracter ou qualificação official tinha para assignar documentos publicos.

Em abono do que levo dicto, veja-se o que diz o proprio doutor Fernandes Monteiro sobre a companhia, e o P. Vieira a pag. 39 do T. 3.º de suas *Obras Ineditas* (Papel Forte).

Outra grave inexactidão se ensinuou no mesmo logar. Diz o nosso historiador—que, com a primeira victória dos Guararapes, a côrte, que já começava a vacillar por ceder Pernambuco, a trôco da paz, *na conformidade de uma proposta feita por um Gaspar Dias Ferreira, apoiada pelo P. Antonio Vieira em um memorial que denominou Papel Forte*, sobr'esteve essa cessão, etc.; e cita em abono da sua asserção o *Portugal Restaurado*, Part. 1.ª, liv. 10.º Ora o que diz o *Portugal Restaurado*, no logar citado (pag. 250 do T. 2.º, ediç. de 1759) é textualmente o seguinte:

«Os meios para se conseguir este negocio (a compra de Per-«nambuco aos hollandezes) apontou a el-rei Gaspar Dias Fer-

Já em poucas palavras fizemos ver o estado melindroso das relações de Portugal com a Hollanda, quando as successivas sublevações dos colonos portuguezes do Maranhão, Angola, e Pernambuco vieram ainda aggravar a situação.

Para evitar o rompimento com a poderosa republica tentaram-se todos os meios que a prudencia acon-

«reira, assistente em Pernambuco, em um dilatado papel. Man-«dou el-rei examina-lo pelo conde de Alegrete, marquez de «Montalvão e o doutor Francisco de Carvalho, conselheiro da «fazenda. Approvaram tractar-se da compra pelos meios mais «suaves que fosse possivel, apontando os direitos do sal, e va-«rios tributos no Brazil e Angola. Os papeis que continham «estas proposições mandou el-rei ver pelo P. Antonio Vieira, «que reduziu com grande elegancia toda esta materia a cinco «pontos. . . . . .

«. . . . .A todos estes pontos satisfez com muito prudentes, e «bem consideradas rasões. . . . .»

O parecer a que aqui se refere o conde da Ericeira é o que vem no T. 8.º das *Obras Várias* do P. Antonio Vieira, pags. 159 a 176, com a data de 14 de março de 1647, quando o *Papel Forte*, sobre a cessão de Pernambuco, impresso no T. 3.º das *Obras Ineditas*, pags. 5 a 59, não podia ser composto senão depois de 21 de outubro de 1648, data do decreto pelo qual D. João IV mandou consultar a materia das capitulações com Hollanda no conselho, e pelo P. Antonio Vieira, que nesta occasião deu o parecer a que el-rei chamou *Papel Forte*. Vê-se por tanto que o auctor da *História Geral* confundiu estes dous opusculos tão differentes, e que até certo ponto se excluem, concluindo um pela conservação, e outro pela cessão de Pernambuco.

De resto o equivoco e confusão é tão patente que o auctor pretende que quando a côrte já vacillava para ceder Pernambuco, *na conformidade* da proposta de Gaspar Dias, apoiada pelo *Papel Forte*, sobr'esteve na cessão, com a primeira victória dos Guararapes. Ora a primeira batalha deste nome, pelejada a 19 de abril de 1648, é sim posterior ao parecer sobre a compra, mas de seis mezes ou mais anterior ao *Papel Forte*, escripto em outubro ou novembro do mesmo anno, como se verá demonstrado no curso deste trabalho.

selhava, e os apertos do reino permittiam. Um dos que mais se agitaram foi a compra de Pernambuco, isto é, abrir a Hollanda mão do que ainda conservava no Brazil, e fazer desistencia formal do que recentemente acabavam de perder, mediante uma compensação pecuniaria de cerca de tres milhões, e diversas vantagens commerciaes no reino, e nas colónias da Africa e do Brazil.

Nisto, como em quasi tudo então, foi ouvido o P. Antonio Vieira. O seu parecer, datado em Lisboa a 14 de março de 1647, já actualmente impresso,[1] não offerece nada de muito notavel. A idéa da compra, proposta desde 1645 por Gaspar Dias Ferreira, e apoiada no parecer do marquez de Montalvão, conde de Alegrete, e doutor Francisco de Carvalho, que foram ouvidos antes do Padre Antonio Vieira, foi plenamente abraçada por este, salvas leves modificações nos meios de execução.

Entendia elle que primeiro que tudo se havia de comprar a mesma compra, isto é, pôr na Hollanda quatrocentos a quinhentos mil cruzados, com que se peitassem os ministros e funccionarios que até então haviam recusado prestar ouvidos a esta negociação;— cousa facillima, dizia elle, porque naquella republica tudo era mercancia e venalidade.

Aplainada esta primeira difficuldade, devia offerecer-se pela compra até tres milhões de cruzados, pagos

[1] *Obras Várias.* T. 1.°, pags. 159 e 176.

em cinco a seis annos, o que não era difficil, pois os diversos impostos que propunha, deviam de produzir cada anno um milhão e trinta e quatro mil cruzados, somma superior á de quinhentos ou seiscentos mil de que se havia mister, e com que sempre se poderia contar, ainda com largos descontos, comprehendendo-se nella o producto dos estancos do páu-brazil e do sal, que se deviam arrendar aos hollandezes. Destes, os que estivessem casados no Brazil poderiam continuar a residir nelle, bem como em geral todo e qualquer estrangeiro, pois com esta concessão cessava a rasão antiga da sua prohibição.[1]

Mas nem estes nem outros alvitres foram poderosos a persuadir a ambiciosa republica, e as suas ameaças, e os perigos de um rompimento imminente, vieram a ser taes, que para desvia-los, pelos fins deste mesmo anno de 1647, já o govêrno de D. João IV estava resoluto a ceder de todo em todo Pernambuco, e todas as capitanías circumvisinhas, que constituiam

[1] Ao refutar os calculos e meios propostos por Gaspar Dias Ferreira, o padre Antonio Vieira dá a seguinte estatistica do Brazil naquella epocha—33 mil escravos, duzentos engenhos, (dos quaes tres quartos eram apenas pequenas engenhocas) que produziam vinte cinco a trinta mil caixas de assucar macho. Os navios que carregavam no Brazil orçavam doze mil tonelladas. Gaspar-Dias dá 50 mil escravos, 300 engenhos, 40 mil caixas de assucar, e 18 mil tonelladas. Não ha porém que fazer demasiado fundamento nos computos de um e outro, tomados sem dúvida a esmo. O padre Vieira, principalmente, nunca hesitou em exagerar para mais ou para menos, em calculos desta natureza, segundo as necessidades das discussões que sustentava.

o dominio hollandez, antes de se subtrahirem a elle pela ultima sublevação.

Para concertar este negocio com Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Hollanda, foi despachado o P. Antonio Vieira, que á volta desta, levava outras graves incumbencias, como a de entender-se com o marquez de Niza, embaixador em Paris, e a de assistir a D. Luiz de Portugal, enviado ao congresso de Munster; mas entretanto que o máu tempo detinha em Paço d'Arcos a náu ingleza em que embarcára, entrava um navio de Hollanda com a notícia de que Sousa Coutinho fizera á Hollanda a offerta livre de restituir-lhe os territorios recobrados pelos sublevados só a trôco da paz.

Eis-aqui como se passou o caso, segundo a relação do conde da Ericeira. Exasperados os Estados da Hollanda com os successos de Pernambuco, e com as tergiversações da côrte de Portugal, resolveram romper a guerra com elle em todos os seus dominios sem excepção, e a esse intento fizeram aparelhar uma armada de trinta navios com gente de guerra e munições, afora largos soccorros pecuniarios á companhia occidental. Sousa Coutinho achava-se perplexo no meio destas complicações, porque por uma parte via que el-rei não tinha meios para resistir a tão formidavel armamento, sem vontade de entregar Pernambuco, *sem embargo de lh'o aconselharem muitos e grandes ministros*; e por outra, que se não seguia este parecer, tão pouco o condemnava; e nesta irresolução era o

embaixador quem mais padecia, apertando o govêrno hollandez com elle para obter uma solução clara e desenganada, antes que passasse a monção de fazer sahir a armada. Em vão quiz elle dilatar o negocio, dizendo-se auctorisado por el-rei para abrir conferencias no sentido da cessão; rejeitados estes meios palliativos, e vendo elle que a armada estava sobre ferro para partir a cada hora, teve um pensamento ousado e arriscado, e aproveitando-se de umas firmas em branco de que el-rei, acautelando casos urgentes, o munira para taes occasiões como esta, apresentou aos Estados a promessa da restituição firmada do proprio punho d'elrei, conseguindo com isto desviar o golpe imminente. A el-rei deu-se pressa em participar o que havia executado sem sua ordem, acrescentando e pedindo que por todo o premio de seus serviços, o mandasse prender, e ainda cortar-lhe a cabeça pelo abuso e excesso commettido, se tanto fosse mister para dar satisfação aos Estados.[1]

Mas esta ousada resolução, bem longe de encontrar desapprovação, foi com a maior satisfação acolhida pela côrte portugueza, que nella via a anticipada justificação das suas proprias instrucções. O secretario de estado Pedro Vieira da Silva, em nome d'el-rei agradeceu e louvou nos termos mais calorosos o benemerito embaixador, e lhe prometteu as mais assignala-

[1] *Port. Rest.* T. 2.º P. 1.ª L. 10.º, pags. 218 e 49.

das mercês, como galardão devido a tamanho serviço. [1]

As condições capitaes ajustadas pelo embaixador, restituição dos territorios recobrados, uma indemnisação pecuniaria pelos gastos da guerra, e uma cidadella na Bahia em caução, foram logo submettidas á deliberação do conselho de Estado, presidido por el-rei, que as approvou, salvo que a indemnisação fosse taxada em tresentos mil cruzados, e em vez da cidadella na Bahia, a caução seria a fortaleza de S. João da Foz no Porto. Esta resolução despachou-se logo ao embaixador afim de que continuasse nos termos encetados para a conclusão da paz. [2]

Mas ou fosse indústria do embaixador, já então assistido, a espaços, pelo P. Antonio Vieira, para ganhar tempo, ou fosse difficuldade real na estipulação dos

[1] Carta inedita de Pedro Vieira da Silva a Francisco de Sousa Coutinho, datada em Lisboa, aos 13 de novembro de 1647—Veja-se a nota—A—no fim.

[2] P. Antonio Vieira—*Obras Ineditas*—T. 3.º Carta apologetica ao conde da Ericeira. Bahia 23 de maio de 1688. Pg. 123. Esta carta traz na edição indicada a data de 1682, no que ha inexactidão evidente, não menos que na designação do mez de maio, porquanto no T. 2.º das *Cartas*, pgs. 159 e 161, acha-se outra, datada de 18 de agosto de 1688, em que o P. Antonio Vieira escreve ao conde, e onde quasi lhe annuncia a outra, que portanto devia ser posterior—Acresce que esta mesma carta apologetica, impressa já no referido T. 2.º, posto que truncada, logo nas suas primeiras linhas, cita uma carta do conde ao padre, escripta em 3 de abril de 1688. Destes erros de datas e outros encontram-se muitos nas obras do P. Vieira, sobretudo na última novissima edição. Carta inedita de Pedro Vieira da Silva acima citada. Veja-se a mesma nota—A—no fim.

artigos de paz, e em se acordarem sobre elles as duas partes contractantes, o certo é que a conclusão do negocio só com o embaixador, dilatou-se até os fins do anno seguinte de 1648, em que os artigos ajustados foram remettidos a el-rei para que os houvesse de ratificar.

As concessões feitas á Hollanda eram em verdade enormes. Além da avultada indemnisação pecuniaria, e de outras estipulações de somenos interesse, capitulava-se a cessão de todas as capitanías desde o Ceará inclusive até Sergipe, n'uma extensão que se computava em mais de quatrocentas leguas de costa transposto mesmo o rio S. Francisco, que aliás se interpunha com todas as condições de uma bem assignalada fronteira natural.

Estas longas negociações diplomaticas, tractadas até então com summo segredo, mas emfim aventadas, produziram no público a mais viva indignação. Não havia classe ou cidadão que não clamasse contra a cobardia ou traição com que se entregavam á Hollanda tão magnificos dominios, e ainda em cima se lhe pagava a usurpação com grossas quantias; com que sobretudo eram abandonados tantos vassallos fieis, que pelo rei e pela religião haviam tomado as armas, sacrificando vidas, liberdade e fazenda. Os mesmos conselheiros da corôa, a princípio todos acordes, ou quando muito alguns delles frouxamente contrarios, retractaram-se então em sua grande maioria, ou porque a unanimidade com que se pronunciava a opi-

nião pública impressionasse o seu espirito, ou porque a grandeza do sacrificio prestes a consummar-se, perturbando a sua consciencia, abalasse as suas convicções. Os animos finalmente se excitaram em tão alto gráu que o povo começou a tumultuar; e el-rei assustado mandou consultar o assumpto não só em todas as grandes corporações do estado, mas e ainda individualmente por muitas personagens qualificadas pela sua experiencia das colónias e de materias diplomaticas; ou porque com o seu voto quizesse auctorisar a resolução que tomasse, justificando-se aos olhos da nação ou da Hollanda, ou porque nisso buscasse ganhar tempo, e entreter as proprias e habituaes hesitações. «Foi isto o mesmo» (escreveu o P. Antonio Vieira ao embaixador Sousa Coutinho, narrando-lhe este expediente, e a agitação que reinava em Lisboa) «foi isto o mesmo que publicar-se o ne-«gocio por toda a côrte, e não haver conversação, «tenda nem taverna em que se não discorresse sobre «as tristes capitulações e seus auctores; cada um as «referia como as tinha ouvido, acrescentando, e in-«terpretando clausulas conforme o seu juizo ou seu «affecto; e chegaram a andar varios papeis escriptos «com o nome de propostas de Hollanda, em que nem «uma só palavra havia, que jamais fosse lá, não digo «escripta, mas nem ainda imaginada.....

«.....

«..... Agora se estão fazendo papeis em todos es-«tes conselhos, e parece-me que não ha homem nes-

«ta terra, que saiba escrever, que não esteja compon-«do sobre a materia; e posto que ainda não sahiram «á luz, eu já sei que, sendo mais de quarenta os con-«sultados, não são mais de quatro os votos que te-«mos pela nossa parte.»[1]

O decreto real, que mandou consultar a materia, datado em Alcantara aos 20 de outubro de 1648, determinava que se examinassem no conselho da fazenda os artigos que Francisco de Souza Coutinho havia tractado com os Estados de Hollanda, ultimos termos a que podéra chegar este negocio, que começára proposto pelos Estados com a demasia que se mostrava de outro papel tambem junto, devendo o conselho opinar se os artigos se haviam de aceitar taes e quaes, se modificados, acrescentados, diminuidos, e em quê. Para mais ampla informação e notícia do negocio o conselho enviaria á quinta de Alcantara dous dos seus ministros que, depois de se entenderem com el-rei, conferissem com o P. Antonio Vieira, seu prégador, tendo em vista que a paz de França com Castella estava muito perto de se ajustar sem inclusão de Portugal. Concluia finalmente que nem do decreto nem da consulta ficasse registo ou traslado algum, tractada a

[1] Carta inedita do P. Antonio Vieira a Francisco de Sousa Coutinho. Lisboa 10 de novembro de 1648. (Collecção de cartas do marquez de Niza e outros, existentes na bibliotheca nacional de S. Francisco, em Lisboa, vol. 2.°, fol. 49—Catal. de MS de direito natural e civil J. 5. 5.) Veja-se na sua integra este importante e curioso documento na nota—B—no fim.

materia com summo segredo por assim convir ao real serviço.

Dos documentos que nos ficaram sobre a execução dada a este decreto, o primeiro, na ordem das datas, é o parecer do secretario Pedro Fernandes Monteiro, procurador da fazenda. É um papel, senão brilhante na fórma, vigorosamente escripto, substancial, sabio, e repleto daquelle simples bom senso que caracterisa os homens praticos e positivos.[1]

Começa o ministro de D. João IV por expôr que tendo ouvido, de companhia com dous outros membros do conselho, ao P. Antonio Vieira, ficou cabalmente inteirado de todas as particularidades tocantes á materia, e que da comparação da primeira proposta feita da parte de Portugal, e da contra-proposta com que os Estados entabolaram a negociação, com os ultimos artigos apresentados, se colhia bem o progresso feito e o quanto haviam melhorado em beneficio da corôa portugueza, ficando igualmente manifesto que todas as diligencias e rasões imaginaveis para se melhorar de condição, as tinham em vão produzido e posto por obra o embaixador Souza Coutinho, o mesmo padre, e os mais agentes a cujo cargo tinham estado as negociações.

[1] Tanto este parecer, como os mais que vamos seguidamente citar e analysar, todos até ao presente ineditos, á excepção do *Papel Forte*, impresso recentemente, encontram-se no T. 4.º da collecção de M S varios do P. Antonio Vieira, na bibliotheca da Academia Real das Sciencias, Gab. 5, Est. 9.ª

Depois ponderando largamente todas as considerações que se offereciam pro e contra a aceitação dos artigos do tractado, e que omittimos aqui em obsequio á brevidade, e porque em grande parte as havemos de reproduzir na analyse do *Papel Forte*, passou a considerações mais nobres e elevadas da ordem politica, moral e religiosa.

«A paz delineada, dizia elle, não podia ser senão «ephemera e apparente. Ficando os hollandezes se- «nhores de Pernambuco, os conselhos mais obvios da «prudencia, a bem da propria segurança, os levaria a «attenuar e destruir não só os portuguezes que con- «tinuassem a permanecer sob o seu dominio, e contra «os quaes tantos damnos delles recebidos só lhes de- «viam inspirar desconfiança, odio, e desejos de vin- «gança, mas ainda aos da Bahia que os tinham auxi- «liado na sublevação; e não lhes seria isso difficil, «porque com a entrega e a paz, faltaria o exercicio da «milicia, e a esperança dos postos aos soldados e mais «vassallos daquellas conquistas, a quem se pretendia «dar tão triste galardão pelos seus serviços; e pois se «havia de perder tudo sem muita demora, era melhor «disputa-lo desde já com honra.»

Os pernambucanos pela sua parte, exasperados com o triste desfecho dos seus heroicos esforços, quem sabe se se não lançariam nos braços de algum principe estranho, do de Castella, por exemplo, vingando-se assim a um tempo da oppressão hollandeza, e do vil abandono de Portugal.

Posto que aos hollandezes se dizia que os ministros d'el-rei em nada haviam concorrido para a sublevação, comtudo o reino todo havia entendido o contrário á vista dos applausos com que foram festejados aquelles acontecimentos; e vendo os vassallos que os de Pernambuco, obedecendo aos mandados d'el-rei, transmittidos por seus ministros, e arriscando vidas e fazendas com tanto valor e dedicação, depois de obtidas tantas e tão grandes vantagens, todavia não só lhes faltára afinal o favor que tinham direito de esperar, mas contra sua vontade os entregavam nas mãos dos seus inimigos! Como se podia pois esperar, á vista de um tal exemplo que os mesmos vassallos defendessem vigorosamente o reino na invasão com que de contínuo o estava Castella ameaçando?

Os meios que tinha S. M. afiançavam que com probabilidade humana podia conservar as conquistas com applausos dos vassallos; sendo assim, era fazer offensa á Providencia divina não usar delles. Sempre haviam os reis passados vencido os infieis, sem embargo da enorme desigualdade do numero; agora que se não mostrava Deus menos propicio, antes com maiores enchentes de misericordia usava de sua clemencia, dando, assim naquellas capitanías, como nas fronteiras do reino, admiraveis victorias; acudindo nos maiores trabalhos com meios não imaginados, tirando dos que pareciam mais errados os maiores acertos, era sem dúvida aggravar a offensa á mesma Providencia, não ter fé muito viva, e esperança muito segura de que

nesta guerra alcançaria mais avantajados favores, pois a empreza em summa não vinha a ser outra, senão defender o mesmo patrimonio de Christo.

Embora se procurasse a paz por todos os outros meios, comprando as capitanias sem olhar a preço, recorrendo-se a meios dilatorios, emquanto se organisava a companhia de commércio, e se aparelhavam as fôrças para uma vigorosa resistencia; mas a entrega e a cessão, de modo algum, pelo defeito de segurança do tractado, pelo máu exemplo dos vassallos, pela deshonra da corôa, e pela offensa da religião. Á paz tão ignominiosa cumpria sem hesitar preferir a guerra com todos os seus riscos e perigos.

Assim concluia o ministro, invocando a Providencia, e os sentimentos generosos da honra nacional, e do regio decóro, e contrariando provavelmente os desejos do monarcha a quem servia. Vamos agora ver como lhe respondeu o valído, e o religioso da companhia de Jesus, afagando sem dúvida esses mesmos desejos.

O longo discurso ou memorial do P. Antonio Vieira que occupa quasi sessenta paginas d'impressão em 4.º é inteiramente moldado sobre o parecer anterior, que refuta palavra por palavra, e como elle dividido em partes, pontos e artigos, divididos, subdivididos, classificados, numerados, posta a competente resposta em frente de cada facto, argumento e objecção allegada, com tal miudeza e prolixidade, que menos servem á esclarecer, que a enredar e obscurecer a questão.

Não nos é possivel seguir o auctor nos interminaveis meneios da sua exuberante argumentação, apenas reproduziremos o que nos parecer mais essencial, ou em substancia, ou ainda em sua integra, quando cumprir.

Acudindo em primeiro logar ao que por ventura mais lhe pungia a consciencia, principia o padre por sustentar que era pouco exacto o conceito de que com a cessão de Pernambuco eram os catholicos entregues, e ficavam á mercê de hereges, porquanto nos artigos se estipulava a liberdade do culto, que os hollandezes sem dúvida haviam de respeitar, sobretudo porque sabiam muito bem que, faltando ella, todos os habitantes portuguezes emigrariam immediatamente. Assim, o proprio interesse, não menos que o respeito que infundia a corôa de Portugal, os obrigaria á execução do estipulado.

Não era de mais pêso a objecção de que com a cessão se punha fim á propagação do evangelho entre os gentios, porque em Pernambuco já não os havia senão convertidos, ou lançados já com os hollandezes, havendo muitos passado á Bahia com o Camarão.

Permittia-se-lhes, é verdade, o tráfico dos negros d'Africa; mas em papel separado se mostraria ser lícito em consciencia entrega-los a hereges.

Tão pouco se podia dizer com rasão que por este modo eram sacrificados vassallos fieis, que haviam exposto vidas e fazendas, para restituirem aquellas terras a seu rei e senhor natural, porquanto o levantamento se fizera contra o voto e a vontade de muitos

que ainda o abominavam; e os seus principaes motores o que levaram em vista foi o não poderem ou não quererem pagar o muito que deviam aos hollandezes— motivo bem indecoroso, e mui outro do que pregoavam.

A ordem, que allegavam, de S. M. para se levantarem, com promessas de soccorros, nem constava authenticamente, nem que constasse, devia S. M. cumpri-la com risco de toda a monarchia. De resto, tal promessa, se a houve, devêra ter sido fundada em outras feitas pelos levantados de tomarem logo Pernambuco, e em outras esperanças e informações fallazes com que se illudiram, e pretenderam illudir; e pois que haviam faltado a ellas, e ás condições do contracto, tambem S. M. da sua parte não estava adstricto ao cumprir.

Mas nem tal sacrificio e abandono havia, porque capitulava-se tambem passagem livre para a Bahia e Rio de Janeiro, podendo levar comsigo os seus escravos, gados, cabedaes e bens moveis em geral, e vender ou arrendar os de raiz, o que era de grandissima vantagem, ainda que perdessem as terras, porque as riquezas no Brazil consistem menos na terra que nos braços, e além disso S. M. os compensaria largamente com isenção de tributos por certo numero de annos, e outros privilegios; mesmo sem os quaes já muitos vassallos tinham emigrado, queimando o que não podiam levar comsigo, e estavam muito mais satisfeitos com a paz que logravam nas novas terras, que com os so-

bresaltos da guerra, a que fugiram, nas antigas. Com que em summa tudo se vinha reduzir a uma simples troca ou mudança de terra ou morada, transplantando-se Pernambuco, pelo dizer assim, com a retirada da gente, pois o de que se havia mister era de braços, e não de terras.

Dizia-se tambem que aquellas terras eram irrevogavelmente de Portugal, pelas ter povoado em sua origem, e por concessão dos summos pontifices, por onde não deviam ser cedidas. Boas rasões seriam essas se houveram de ser julgadas na casa da supplicação, na meza da consciencia, ou nos confissionarios das igrejas do reino, e ainda assim não haveria pouco que averiguar e pleitear; mas o que dá ou tira os reinos no mundo é o jus das armas; e segundo elle costumam os principes capitular, e quando a fortuna da guerra os obriga a taes extremidades, têm até o direito de entregar praças e territorios ainda quando não ignoram que os vassallos, que os habitam, ficam arriscados a serem infeccionados das doutrinas de Luthero e Calvino. As rasões de justiça só servem para quando o que ficou leso se vê melhorado de fortuna.

Ao demais, não era grande o valor dos territorios cedidos. Sergipe, em que tanto se fallava em um decreto, não valia nada, estava completamente devastado e ermo de habitantes e de gados. Quasi no mesmo estado se achava a parte da campanha das capitanías ditas de Pernambuco, que os portuguezes dominavam entretanto as cidades, villas, fortalezas e presidios que

nellas havia bem fortificados, e o resto da campanha estava quasi completamente em poder dos hollandezes, sendo de todo o ponto falso que elles se achavam encurralados, como emphaticamente se dizia, em um penhasco do Recife. Ao contrário, a campanha é que se não podia sustentar, se a guerra perdurasse, como bem o mostrava a experiencia da primeira guerra, em que tantos soccorros e armadas serviram só para a dilatar e entreter, sem nunca a melhorar, antes se foi sempre perdendo, até que se perdeu tudo.

De quanto ficava exposto bem se deixava ver que em se largarem aquellas capitanías aos hollandezes, não se lhes dava tanto como se inculcava; dava-se-lhes, o que era seu, pois que as victórias haviam legitimado a sua posse; dava-se-lhes menos do que elles tinham possuido; dava-se-lhes por vontade o que elles infallivelmente tomariam por fôrça. Dava-se-lhes, e não gratuitamente, senão vendido pelas conveniencias da paz; e não vendido para sempre, senão a retro aberto, para se tornar a tomar, quando a fortuna fosse mais favoravel, que naquella occasião era querer perder Pernambuco, e tudo o mais.

Já não era pequena vantagem que elles quizessem receber tão mingoado e damnificado o que havia pouco possuiam tão inteiro e florescente. A indemnisação, que segundo os artigos se lhes devia pagar, de seiscentos mil crusados, ou dez mil caixas de assucar, durante o prazo de dez annos, era a mais favoravel que se podia imaginar, nem tinha a menor proporção

com os enormes damnos que se lhes haviam causado, desde o levantamento; porque não fallando em cidades, logares, e engenhos, queimados, tinham já perdido os hollandezes quatro safras inteiras de assucar, os dizimos e direitos de outros tantos annos, os juros de todo o cabedal da companhia, as despezas com os soccorros que por esta causa metteram em Pernambuco, tanto em infantaria, como em duas poderosissimas esquadras, só a segunda das quaes lhes havia custado muito perto de dous milhões e meio de crusados.

Em vão se allegava que os hollandezes eram os aggressores, e nos tinham causado maiores damnos na captura de tantos navios, na expedição de Segismundo a Itaparica, e na surpresa e tomada á falsa fé do Maranhão, Ceará, Sergipe, e Angola, porque elles respondiam com rasão (e prouvéra a Deus que a não tivessem nisto tão clara) que os provocados eram elles quanto á Bahia, a cujos moradores não haviam feito aggravo algum, em quanto estes não vieram de lá ajudar os rebellados, e fazer a guerra publicamente; e quanto á tomada das outras capitanías, que as tinham feito em tempo habil, e conforme ao ajustado na tregoa, que era que tudo quanto cada um tomasse no espaço de oito mezes antes da publicação dellas, lhe ficasse respectivamente pertencendo, sendo para notar que a inserção desta clausula fôra sollicitada pelo negociador portuguez, preferindo os hollandezes o *statu quo* na data do ajuste.

«Em conclusão, Senhor, (copiamos aqui textualmen-«te) considerado tudo o que temos em Pernambuco, «é uma guerra, e se se pozer em fiel da balança a des-«pesa que esta guerra ha de fazer com todo o rendi-«mento que V. M. póde tirar da campanha de Per-«nambuco, é certo que não ha de igualar o rendimen-«to á décima parte da despeza, como a experiencia «tem já mostrado. Logo julgue-se se no tempo em «que V. M. e a sua fazenda têm tanto que despender, «é rasão que o reino e as conquistas se arrisquem «pela defensa duvidosa de uma campanha, que ha mis-«ter tanto mais para se assistir, do que tudo o que «póde render, sendo sempre a despeza certa e ne-«cessaria, e o rendimento arriscado e duvidoso. De «tudo o dito se segue que não é impiedade, senão be-«neficio, o que se capitula sobre os homens de Per-«nambuco, ainda considerados separadamente. Mas se «os considerarmos como membros de Portugal, a im-«piedade e crueldade seria querer que se arriscasse «todo o corpo, por não deixar cortar uma parte tão «pequena, tão corrupta, e que tão difficilmente se póde «conservar.»

Argumentava-se ainda com o decóro da corôa comprometido na cessão, com a resistencia dos pernambucanos a se entregarem a taes inimigos, e lançando-se de desesperados, nos braços do rei de Inglaterra, de Castella, ou de outro principe, contra Portugal e Hollanda.

Mas nenhum serio receio podia haver de tal, por-

que nenhum desses principes ousaria medir-se com a poderosa republica, que obrigára Castella a fazer pazes, e as fizera só com ella, a despeito da França que se oppunha a isso para mostrar a esta que a não temia. E se Castella sendo tão grande monarchia, não duvidára tractar com subditos rebellados, cedendo-lhes sete provincias, e ainda gastando enormes quantias com peitas para obter a paz, em que perigava a honra da corôa portugueza, cedendo muito menos, e pagando somente uma mingoada indemnisação?

É certo que se lembrava tambem a compra de Pernambuco por tres ou quatro milhões pagos em seis annos, cousa de muita vantagem para os hollandezes, segundo se dizia; mas elles antes queriam crer o exemplo que as razões dos portuguezes; e para quererem as terras, e não o dinheiro, tinham as mesmas rasões que estes, e ainda outras, porque além de as quererem pela utilidade e pela grandeza, as queriam tambem pela reputação; donde vinha que o meio da compra, tantas vezes proposto, quantas rejeitado, era illusorio, nem elles admittiam proposta sem a restituição, condição *sine qua non*.

Assim discutidas todas as hypotheses, desfeitas todas as objecções e argumentos contrarios, restavam e permaneciam em frente um do outro os dous termos fataes e oppostos da questão—a paz com a restituição, ou a guerra implacavel e immediata sem ella.

A paz era uma irremediavel necessidade, porque meios para fazer a guerra, não já com grandes espe-

ranças de victória, mas evitando ao menos uma completa perdição, não os havia absolutamente.

Indicava-se, é verdade, a instituição de companhias mercantis, a extincção das caravelas, navegar os generos coloniaes em navios de fôrça, em comboys bem escoltados, e formar el-rei duas poderosas esquadras, que com as da companhia, (a qual se dizia que armaria trinta e seis navios de guerra de até vinte quatro peças cada um) sobejariam para assegurar tudo, bastando só as da companhia para comboyar as frotas do Brazil.

Sem dúvida o meio das companhias era o unico que tinha o reino para crescer em poder e riquezas; mas o remedio era moroso, o perigo immediato, as companhias hollandezas estavam organisadas, as portuguezas em simples projecto. Depois de se ajuntar cabedal para o pôr por obra, ainda era necessario que as companhias tivessem tempo para nascer, crescer, engrossar e tomar fôrças com que se podessem arrostar contra as que o tempo, a indústria, e a fortuna tinham feito tão robustas. Acrescia ainda que a instituição das companhias, só de per si não bastava a restaurar o reino da sua decadencia, assim como não era a unica causa, ainda que fosse a principal, do poder da Hollanda, senão o commércio universal de toda a Europa, que ella fazia, atravessando com as fazendas de um reino para outro, e trazendo-as de todos áquelle commum emporio, occupando toda aquella immensa quantidade de navios, do que Por-

tugal nunca sería capaz, por falta de gente, de portos, de cabedaes, de indústria, de materiaes, de visinhança de nações, e de outras muitas causas, que só na Hollanda concorriam juntas.

Quanto a extinguir caravelas, e substitui-las por navios de fôrça, cousa utilissima era na verdade; mas essas esquadras, inda que fosse tão facil pô-las no mar como no papel, não bastavam a assegurar o commércio do Brazil, que se fazia em muitos e diversos portos, e estes distantes cem, duzentas e trezentas leguas uns dos outros, com que era fôrça dividir os navios, e elles divididos, seriam facilmente tomados.

Dado porém que os navios podessem andar juntos, e as armadas pelejassem sempre encorporadas, ainda assim mal se poderiam defender contra as de Hollanda, que em numero sempre muito inferior, tinham constante e successivamente destruido, dispersado e feito dar á costa as de D. Antonio Oquendo, de D. Lopo de Osses, Francisco de Vasconcellos, e sobretudo a do conde de Torre. E no caso muito provavel de que esta ou semelhante desgraça succedesse á armada de que se tractava, cumpria saber com que se havia de fazer outra, e se havia cabedal para tanto, ou se se deixariam as conquistas e o commércio á mercê da fortuna; sendo muito para notar que Portugal poderia organisar uma armada, perdida a qual, estavam estancados os seus recursos; e o inimigo podia perder muitas, sem nenhuma quebra no seu poder, por serem infinitos os seus.

Porêm concedendo liberalmente a estas esquadras de navios de guerra todos os fins que dellas se esperavam, que era a defeza do Brazil e do seu commércio, como se guardariam ao mesmo tempo, todas as costas do Brazil, de Portugal, e as das possessões da Africa e da Asia? As praças que Portugal possuia nestas tres partes do mundo, dispersas por uma extensão de mais de oito mil leguas de costas, estavam todas pouco guarnecidas, mal fortificadas, e muitas arruinadas, e sendo em numero de oitenta e sete, em setenta dellas não havia um só soldado portuguez. A simples enunciação destas circumstancias bastava só de per si para desvanecer toda a idéa de defeza possivel.

Assim, sem salvar-se o Brazil, perder-se-hiam os dominios da Africa e da Asia, com todas as suas vantagens temporaes, além de grave offensa á religião, pois só as christandades doutrinadas na India, China e Japão pelos padres da companhia, sem contar os das outras diversas ordens religiosas, que eram innumeraveis, sommavam um milhão cento e noventa mil almas; e a conversão de todas se arriscava com a guerra.

«Uma das rasões, Senhor, que acrescentou muito «aos Portuguezes da India o affecto com que accla- «maram a V. M., foi a consideração de se verem por «este meio livres da oppressão da Hollanda; e quando «lá chegue a nova de que Portugal fica em guerra «com os Hollandezes, e Castella em paz, bem se deixa

«ver qual será a desesperação, sentimentos e dor da-«quelles tão affligidos e tão benemeritos vassallos.»

Todas as rasões portanto aconselhavam a paz, não só as que já ficavam expostas, senão muitas outras. Uma das principaes—«é o juizo que nesta materia fazem «os estrangeiros, que, sem odio, nem amor, conside-«ram o estado de nossas cousas. No princípio da accla-«mação de Vossa Magestade, todos duvidaram da nossa «conservação, porque nos viam em guerra com um «inimigo tão poderoso; mas depois, ao levantamento «de Pernambuco, nenhum houve, que duvidasse de «nossa perdição, tendo por certo, que era impossi-«vel conservarmo'-nos contra dous poderes juntos, «tão superiores ambos ao nosso.

«E esta é a causa, e não sei outra, porque nenhum «Principe da Europa quer admittir a nossa confedera-«ção, entendendo, que é empreza arriscada e inutil «abraçar-se com quem se vae a perder: e só por sere-«nar em alguma parte esta tão pernicioza opinião, se de-«vêra fazer a paz, quando não houveram outras causas.

«Isto mesmo nos ensinam os exemplos das outras «monarquias maiores, que as nossas; e do govêrno «qualificado na experiencia de mais annos. França «soffre aggravos á Hollanda; porque se não atreve com «Hollanda e Castella: Castella faz pazes menos honestas «com Hollanda; porque se não atreve com Hollanda «e França: e nós (que parece nos não medimos) que-«remos fazer a guerra a Castella e Hollanda junta-«mente?!

«O maior reino, que tem hoje a Europa, mais rico, «e mais poderoso, mais unido, e menos exposto a «seus inimigos, é o de França: o menos rico, o me- «nos poderoso, o mais dividido, e mais exposto, é o «nosso: e é cousa muito para maravilhar, que se não «atreva França com Castella e Hollanda, e que nos «atrevamos nós.

«Consideram com verdadeiro juizo os politicos, que «divida Deus a Hollanda de Castella; porque Castella «e Hollanda juntas, dominarão sem dúvida todo o mun- «do e contra este poder, a que todas as forças do «mundo são inferiores, presumimos nós, que as nos- «sas podem ser iguaes, e superiores?

«Mas para que são discursos, nem exemplos, aonde «temos as experiencias passadas, e presentes? Se Por- «tugal, e Castella juntos, não poderam resistir a Hol- «landa; como ha de resistir Portugal só a Hollanda, e «Castella? Se todas as forças de Portugal (ajudadas «muitas vezes das de Castella) não poderam defender «a Pernambuco; como só, com não restituirmos parte «de Pernambuco, cuidamos, que podemos defender «Pernambuco, o Brazil, e todas as conquistas?

«Descendo mais ao particular, os dous nervos da «guerra, são gente, e dinheiro: e que gente, e que «dinheiro é hoje o que temos? A gente é tão pou- «ca, que para qualquer rebate de Alemtejo, é ne- «cessario tirar os estudantes das universidades, e os «officiaes das tendas, e os lavradores do arado. Pois «com que gente havemos de accudir ás quatro par-

«tes do mundo, e em cada parte destas a tantas par-«tes?

«O dinheiro ainda é menos. A decima, bem se «sabe, o que rende; e se tivermos guerra apertada no «reino, tambem se sabe, o que ha de render. E se «estes effeitos, com todos os demais ordinarios, e ex-«traordinarios, não bastam nunca, para fazermos um «moderado exercito; onde temos o dinheiro, que é «necessario, para sustentar uma guerra, que são tantas «guerras?

«Sirva-se Vossa Magestade, Senhor, de mandar fazer «orçamento, no que tem custado a armada, e soccor-«ro do Brazil, ao que valem sessenta navios, que nos «tomaram este anno os Hollandezes, e as mercadorias «delles, e aos damnos particulares, que nos fizeram «na Bahia, e ao geral de uma safra de assucar, que se «não lavrou, e aos direitos, que por esta cauza ces-«saram nas alfandegas de Vossa Magestade, e achar-se-«ha, que arriba esta perda a mais de cinco milhões, «não fallando em tantas casas de gente mercantil, e de «mar perdidas.

«Pois se um só anno de guerra no Brazil, e não de-«clarada, nos custou tanto; que sustancia têm o reino, «e as conquistas, para aturar tantos annos as despe-«zas, e os damnos de um rompimento geral em todas «as partes do mar, e da terra, que com todas tem a «vesinhança, e encontros com os Hollandezes?

«A mesma armada, que o anno passado mandamos «ao Brazil, é o maior desengano, do que podemos.

«Para que tivesse gente de mar, foi necessario espe-«rar-se pela frota do Rio de Janeiro: para que tivesse «gente de guerra foi necessario tira-la das fronteiras: «para que tivesse artilharia, foi necessario tira-la das «torres: para que tivesse treze navios, foi necessario, «que Portugal ficasse sem nenhum. Finalmente em oito «annos, que Deus nos tem dado, não se fortificaram as «fronteiras, como sempre se procurou.

«Lisboa está sem o provimento, e prevenção, que «todos julgam por conveniente á precisa defensão, e «se perguntarmos: Porque? Responde-se, que por-«que não podemos mais.

«Pois, Senhor, se não podemos assistir ao Alemtejo: «se não podemos assistir a Lisboa, corte de Vossa Ma-«gestade, com o que é necessario; para que ha de ha-«ver, quem imagine, que podemos prevenir, e defen-«der tantas Conquistas que a mais visinha está distan-«te mil leguas, e a mais apartada cinco mil?

«Mas porque não póde haver modo melhor de co-«nhecer a desigualdade das forças, que medindo-as; «meçamos as dos Hollandezes com as nossas, e será «mais seguro aqui, que na campanha.

«Os Hollandezes, em Hollanda, têm quatorze mil «navios; nós, em Portugal, não temos cento e cincoen-«ta. Os Hollandezes, na India, têm mais de cem náus «de guerra, de vinte e quatro até cincoenta pessas; «nós, na India, não temos uma só. Os Hollandezes, no «Brazil, têm mais de sessenta navios, e muitos delles «mui poderosos; nós, no Brazil, temos sete, se ainda os

«temos. Os Hollandezes estão hoje livres aos poderes «de Hespanha, nós temos todo o poder de Hespanha «contra nós.

«Os Hollandezes, em Europa, não têm nenhum ini- «migo; nós não temos nenhum amigo. Os Hollandezes, «nas suas Provincias, têm juntas as riquezas do mundo; «nós no commum, e no particular estamos tão pobres «como se vê, e cada vez o estaremos mais. Os Hollan- «dezes têm mais de duzentos mil marinheiros, nós, em «todo o Portugal, quatro mil.

«Os Hollandezes, para nos fazerem a guerra, têm «todas as nações do Norte; nós com a diversão de Cas- «tella, nem a nós nos temos para lhes resistir.

«Os Hollandezes têm donde tirar todos os generos de «guerra, e equipagem, na maior quantidade, que ha «no mundo; nós não temos de tudo isto, senão o que «lhes compramos a elles, ou a outros, que lhes passam «pela porta.

«Os Hollandezes, em Pernambuco, e no Arrecife, «têm armazens com que podem sustentar a guerra «mais de vinte annos, sem lhes hir nada de Hollanda; «nós para a navegação, não temos nas Conquistas pro- «vimento algum, e para a guerra, é necessario, que o «façamos cada anno, e para melhor dizer cada mez. «Os Hollandezes têm grande numero de artilheiros, e «engenheiros, e o que mais é, de grandes cabos e «officiaes para a guerra do mar, e da terra, criados «com a doutrina daquella escola, e feitos no exercicio «de tantos annos; nós, ainda que para a guerra da cam-

«panha do Brazil temos bons soldados, para a expu-«gnação de praças, e defensa dos sitios, não temos ca-«bos, nem officiaes de experiencia, e para a guerra do «mar, a gente, que temos, é com todo aquelle valor, «e sciencia, que se póde aprender nas nossas cara-«vellas.

«Finalmente os Hollandezes têm a sua industria, o «seu cuydado, a sua cubiça, o seu amor entre si, e ao «bem commum, nós temos a nossa dezunião, a nos-«sa inveja, a nossa prezunção, o nosso descuydo, e «a nossa perpetua attenção ao particular.

«Esta, Senhor, é a verdade, conhecida com algu-«ma experiencia, e chorada não com poucas lagry-«mas, de quem dezeja a Vossa Magestade a mais po-«deroza, e glorioza Monarquia do Mundo. E sendo «esta a differença do nosso poder ao de Hollanda, «não só a boa razão, mas a mesma fé ensina, que se «devem abraçar, e eleger em todo o cazo, por muy-«to melhores, os meyos da paz.

«E ainda que o amor natural (com que difficulto-«samente demittem os homens de si, o que alguma «hora tiveram por proprio) têm levado apoz si a con-«traria opinião, e geral do Reyno; as pessoas comtu-«do, que mais experiencia têm das Conquistas, e da «guerra com os Hollandezes, quasi todas reputam a «conveniencia da paz, não só por mais provavel, e se-«gura, mas por evidentemente necessaria, e forçada, «sob pena de se perderem sem remedio as Conquis-«tas, e apoz ellas o que resta.

«Prevaleçam, Senhor, os votos pelo pezo, e não «pelo numero. Quanto mais, que a mayor parte dos «mesmos, que hoje se inclinam á opinião da guerra, «não ha muytos dias, que eram de bem differente pa- «recer, e os que perzistem na da paz, nem são pou- «cos, nem os menos experimentados.

«Mas quando todos houveram mudado de opinião, «devia Vossa Magestade conformar-se antes com o pri- «meiro parecer, que tiveram, do que com este segun- «do, que hoje têm; porque o primeyro, fundava-se «só na experiencia, e na razão, e o segundo, variou- «se, por um successo quazi milagrozo, em que nun- «ca se deve fiar. Os milagres, é sempre mais segu- «ro merece-los, que espera-los; e fiar-se nelles, ain- «da depois de os merecer, é tentar a Deus.

«Por amor de Deus, por amor de V. M., e por amor «da patria peço a todos os que lerem este papel que «depois que representarem comsigo a grandeza, a im- «portancia, a extensão das nossas conquistas, e nave- «gações, considerem como se poderá accudir a tudo «isto opportuna e effectivamente.»

Concluindo, o astuto jesuita procura consolar da enormidade da concessão que aconselhava, fazendo entrever a possibilidade da modificação de algumas das estipulações mais gravosas, como era, no territorio cedido, a transposição da fronteira natural do rio S. Francisco. Para se tal alcançar não havia mais que remetter aos embaixadores quanto dinheiro fosse possivel, que era a arma com que se venciam as

difficuldades, e o mais barato preço por que se compravam as conveniencias, nem havia então no mundo outro modo de negociar, mormente em Hollanda, onde tudo era venal, e só reinava a conveniencia.

Evitado o perigo presente, mais tarde, e muito a salvo, se tornaria a tomar ao inimigo não só quanto agora se lhes entregava, senão tudo quanto injustamente possuiam nas conquistas, para ser tudo com grande gloria restituido á corôa de S. M., a quem não por aquella, senão por outra guerra, tinha Deus guardado para possuir o imperio do mundo!

Conta-se que D. João IV, cuja opinião, ja mais ou menos conhecida, este parecer lisongeava e justificava por todos os modos, mostrou-se tão satisfeito do vigor apparente da sua argumentação, que o denominou *Papel forte*, denominação com que ficou sendo conhecido na historia; mas o seu exito foi diametralmente contrário com todas as mais pessoas e tribunaes a quem foi deferido o seu conhecimento.

A' enormidade das concessões feitas, que arrancava brados de indignação, e segundo a propria confissão do padre, excitava em Lisboa uma commoção universal e profunda, junctava-se o amor proprio offendido dos conselheiros da corôa, que não podiam ver de boa sombra os tribunaes obrigados a deputarem membros seus para conferirem com um frade, nem a mal dissimulada preferencia que dava el-rei ás opiniões delle sobre a de todos os outros. Assim, não houve nenhum dos consultados que não fizesse suas, com mais ou

menos desenvolvimento, as razões do procurador da fazenda.

Um delles, enumerando o territorio cedido, isto é, tudo quanto ficava entre a Bahia e o Maranhão, com mais de quatrocentas leguas de costa, cento e quarenta engenhos, produzindo annualmente quinhentas mil arrobas de assucar, e immensas riquezas naturaes, cuja posse tornaria a Hollanda tão opulenta que em breve poderia dominar o mundo, terminava dizendo—que dahi se inferia a pouca fidelidade de quem persuadia que cousa tão grande se tirasse a Portugal, para o dar á Hollanda.

«Eu pela simplicidade da minha theologia, que é mui-«to pouca (dizia outro com fina ironia, e alludindo á «consciencia larga com que o jesuita barateava a con-«versão dos indios e africanos, a troco da paz), e as-«sim não sabe achar tão largos caminhos de agradar «a Deus como os grandes theologos, não alcanço como «se possa em consciencia fazer esta paz.»

O desembargo do paço opinava que as rasões apresentadas para a restituição eram só proprias de perfidos hereges, e como taes indignas de serem presentes a um principe catholico. Que depois do voto unanime em contrario de todos os seus tribunaes e ministros, já S. M. não a podia fazer, sem ouvir a nação em côrtes, porque com a entrega de tão ricas provincias ficaria o reino de todo exhausto, e reduzido, qual outra Galiza, a uma inutil e miseravel provincia. «E «se alguns particulares, (concluia) sem lhes tocar por

«officio, annunciarem outra cousa, afaste-os V. M. de «si, e não os ouça, que são prophetas falsos. Não são «estes os conselheiros que Deus deu a V. M., senão os «seus tribunaes e ministros, a quem só assiste com «particular auxilio para aconselharem verdades.»

São passados mais de dous seculos depois destes graves debates em que correu tanto risco a integridade do futuro imperio de Sancta Cruz; os actores que figuraram nessas scenas, os interesses e paixões que os moviam, tudo desappareceu; e a justiça da historia póde ja agora proferir desassombrada a sua sentença. Se nos é permittido ser o seu orgam, o nosso juizo não será duvidoso um só instante: a razão estava toda da parte dos antagonistas do astuto jesuita, senão em todos os pormenores, ao menos no essencial da questão, que é o que importa. Nunca em verdade se vira palinodia mais solemne, nem a falsa politica accumulou jamais tantas contradicções e incoherencias, tantos sophismas e tantas maximas immoraes para desfigurar a verdade, e justificar o erro e a iniquidade. Dir-se-hia que o auctor do parecer, como esses advogados resolvidos d'antemão a sustentar indifferentemente o pro e o contra, fazia valer como podia todos os argumentos, bons e maus, para sustentar a these preferida, sem se lhe embaraçar absolutamente com a realidade dos factos, a natureza das cousas, e a justiça da causa, sem hesitar um momento diante das contradicções e incoherencias mais flagrantes.

O parallelo da superioridade, fôrça e grandeza da Hollanda com a pequenez e fraqueza de Portugal, tão brilhantemente traçado, foi o que por ventura fascinou o espirito do rei, já favoravelmente disperto. Mas a sua exageração é evidente, e não resiste a um exame serio, sobretudo feito á luz da apparencia dos successos posteriores, que os seus antagonistas, postoque menos habeis e eloquentes, anteviram comtudo claramente em grande parte.

No ponto de vista do P. Vieira não havia nesta questão da guerra outro direito senão o da fôrça, que é quem dá e tira os reinos; e pois que a fôrça estava da parte da Hollanda, cumpria ceder ás suas exigencias.

A victória estava enfeudada ás suas armas. Se algumas tinham alcançado os insurgentes, bem averiguadas, eram verdadeiros desastres, ou milagres com cuja repetição se não podia contar sem tentar a Deus, *que sempre se punha da parte dos mais mosqueteiros*, maxima que elle tantas vezes qualificára de heretica. [1]

A instituição das companhias, por elle mesmo anteriormente aconselhada com tanta sabedoria e penetração, e de que se promettia tão grandiosos resultados, agora que a crise apertava, de nada serviria, era um meio dilatado e moroso. Alem de que, as es-

[1] *Sermões* T. VII pg. 286, e 390, T. XI, pg. 127 e 128.

quadras, que se organisassem, seriam infallivelmente derrotadas. Muito melhor acordo era atar os braços, e ceder, deixando isso para melhor occasião.

Allega-se que a paz não era segura, e que o inimigo, uma vez de assento, e refeitas as forças em Pernambuco, as empregaria para empolgar o resto do Brazil. Como? respondia elle, é absolutamente impossivel. A Hollanda está fatigada de uma guerra de mais de meio seculo, e suspira pela paz, que sobretudo comnosco lhe é indispensavel, pelas dependencias do seu commercio, que em outras partes se não póde prover de sal, pau-brazil, e escravos africanos.

Allegava-se então que ainda sem a restituição de Pernambuco seria ella obrigada á paz, não só por aquelles motivos, mas por outros muitos, como a diversão de outras guerras na Europa, e a sua fórma de governo, sem um poder central forte, dependendo as resoluções do voto de provincias diversas, a possibilidade de discordias civis no seio da republica, o antagonismo dos interesses das duas companhias rivaes, a occidental e a oriental, pelo que não poucas vezes se paralysavam mutuamente. Attendendo tudo isso, cumpria reiterar a proposta da compra, sem olhar a preço, que a companhia, cujo unico movel era o interesse, se daria pressa a aceitar, tanto mais que o via quasi perdido com a sublevação, e por causa desta, em vez de lucro, só lhe acareava enormes despezas.

Como aceitar? replicava elle. A Hollanda não olha

á utilidade neste caso, senão á reputação e á honra. Ao demais, nós discursamos com o nosso entendimento, e os hollandezes com o seu. Quem nos diz a nós que elles não tenham no pensamento não só conservar Pernambuco, mas ainda apoderar-se do resto do Brazil, como pois hão de dar ouvidos á idea da compra, só admissivel em caso desesperado?

Elle esquecia neste ponto que pouco antes havia afiançado a candura da Hollanda, e a sua fidelidade á paz jurada, quando se lhe fez sentir que talvez se aproveitasse della para se apoderar do resto do Brazil; e pouco depois esqueceu-se do seu desinteresse, pundonor e reputação, quando para fazer tragar o tractado, prometteu modificações, que se alcançariam com dinheiro, porque a Hollanda, como tantas vezes escreveu em differentes circumstancias, era o paiz da mercancia e da venalidade, e com ouro tudo nelle se comprava.

Invocando tantas vezes a da Hollanda, o que elle esquecia de todo era a reputação de Portugal, muito mais empenhada que aquella na conservação de uma colonia que fundára, e cuja população fazia parte da sua pela raça, costumes, leis, linguagem e religião, entretanto que o dominio hollandez só era mantido pela violencia. Em vez destas considerações, o Padre Antonio Vieira calcula e balança a receita e despeza, os cargos da sustentação da guerra, mais de cinco milhões perdidos só no espaço de um anno, e conclue pela entrega, porque Pernambuco dava antes prejui-

zo que lucro, e por causa delle era insensato arriscar outros interesses, como a conservação da India, a respeito da qual ja aliás havia dito a mesma cousa, quando em uma de suas propostas acerca da instituição das companhias [1] dava preferencia á salvação do Brazil.

Os pernambucanos se haviam levantado em nome, e com aprovação secreta do rei, e com applauso unanime de toda a nação. O facto da aprovação, e das ordens regias com que foram animados a perseverar, hoje irrecusavel, o jesuita ja desde então melhor que ninguem o conhecia. Mas que importava? os sublevados não apresentavam prova judicial e documento authentico que podesse obrigar a palavra real. E que apresentassem, el-rei não estava adstricto a cumpri-la contra o interesse geral da monarchia, tanto mais que se iria aggravar a dôr e a desesperação daquelles affligidos e benemeritos vassallos da India, que se com tanto gosto haviam applaudido a acclamação de S. M., fôra com a esperança na paz, com que agora, por causa dos pernambucanos, se lhes faltava! De resto tal palavra, se é que fóra dada, fundava-se sem duvida em falsas promessas e esperanças de victória, que os sublevados não tinham realisado. Era um contracto bilateral, em que a falta de uma das partes desobrigava completamente a outra!

[1] Veja-se pg. 55 e 56.

Sem discutir as causas que levaram a Hollanda á uma invasão armada contra o Brazil, então, como Portugal, sujeito ao jugo hespanhol, o facto é que a conquista verificou-se, e a conquista é occupação violenta. Á prepotencia militar, aos desmandos sem conta de bandos de soldados mercenarios (aggregados de todas as nações) se ajuntavam a avidez mercantil que caracterisava o povo conquistador, a sua administração civil e judiciaria parcial, venal, e oppressiva, as suas herdades destruidas, o seu commercio arruinado pela concurrencia, e pelos monopolios, e todos os crueis antagonismos de costumes, linguagem, leis, e religião, entre oppressores e opprimidos. Todas essas vexações, mitigadas algum tanto durante o governo do principe Mauricio de Nassau, (triste beneficio, e para os corações nobres e briosos, mais pesado que a oppressão descarada, quando recebida da mão do inimigo) redobraram de fôrça depois da sua ausencia. Exasperados no ultimo grau, e demais secretamente animados pelo governador da Bahia, e depois das primeiras victorias pelo proprio rei, os colonos tentaram sacodir o jugo, e tomando as armas, praticaram um acto perfeitamente legitimo. Combatiam pela liberdade e independencia, pelos campos cultivados com as suas mãos, pelo lar domestico, pelo berço dos filhos, pelas sepulturas dos avós, pelos templos em que adoravam a Deus, por tudo quanto em uma palavra constitue a patria.

O territorio cuja cessão se estipulava, constituia, no

centro e coração do Brazil, um magnifico dominio, maior que os maiores reinos da Europa, e por sua posição avançada no oceano, era o mais azado para receber promptos avisos e soccorros da Europa, e para se o inimigo estender facilmente para os lados, apoderando-se primeiro do Maranhão e do Pará, e do soberbo Amazonas, sempre infestado dos seus armadores e corsarios, e depois com mais algum esforço, da Bahia, do Rio de Janeiro, e do resto.

Se nestas circumstancias, invocando a razão de estado e a salvação de toda a monarchia, consolando os colonos de seu infortunio por todos os meios possiveis, se lhes viesse dizer que era necessario deporem as armas victoriosas, e, ou abandonarem o territorio regado com o seu sangue, ou submetterem-se ao inimigo estimulado pela sua gloriosa resistencia, comprehender-se-hia tal linguagem, e tal resolução, dictada pela dura lei da necessidade?

Mas o P. Antonio Vieira com uma imprevidencia e cegueira politica, verdadeira ou affectada, só igual á dureza de seu coração, nesta terrivel calamidade, apenas achou na sua eloquencia inspirações e accentos para escarnecer os colonos na sua dor, e insulta-los nos seus sentimentos de abnegação e patriotismo. A sublevação, dizia elle, sobreviera contra o voto de todos os homens sensatos, que ainda continuavam a detesta-la; e os seus fautores, bem longe de haverem sido estimulados por aquelles nobres sentimentos, só levaram em vista esquivar-se ao pagamento do muito que deviam aos hollandezes!

Não se lhes fazia injuria nenhuma no tractado, antes assignalado beneficio. Os que se quizessem ir, vendiam as terras, e levavam comsigo escravos e moveis, que era o que mais valia. Simples mudança e transplantação, que não custava nada, antes fundia immensos proveitos. Já muitos, que haviam anteriormente emigrado, se davam os parabens de tão acertada resolução. Para os que ficavam estipulava-se a liberdade do culto, e todas as mais doçuras da dominação estrangeira; e para fiador do exacto cumprimento do tractado, nada mais se podia desejar que a boa fé de uma republica tão ciosa da sua reputação, não já esses *perfidos hereges, habitadores daquelle frio e alagado inferno* chamado Hollanda, por causa de cujas profanações, torpezas e rapinas impunidas, tão vehementes exprobrações arremessára o jesuita á face da propria divindade, no famoso sermão pregado em 1639 por occasião da invasão hollandeza na Bahia.

Se alguma cousa havia para admirar era a magnanimidade com que o inimigo aceitava o que *era seu* depois de tão devastado, e mediante tão leve indemnisação pecuniaria, pelos damnos soffridos. Custára a crer semelhante monstruosidade se não andára tão authenticada. O P. Vieira, ao passo que desculpava aos hollandezes a insigne má fé com que haviam surprehendido e tomado Maranhão, Ceará, e Angola, aberrava até ao excesso de increpar os pernambucanos pelas despezas que obrigaram o inimigo a

fazer afim de reprimir a sua gloriosa insurreição ! [1]

Não temos podido averiguar qual foi o resultado immediato desta renhida e memoravel discussão, que aliás ainda em 1650 continuava ou revivêra. É de crer que se recorresse aos meios dilatorios, de propostas, contra propostas, modificações, e mais ardis costumados em taes occasiões, aconselhados geralmente por quantos chegaram a ser ouvidos na materia, e cuja efficacia foi singularmente favorecida não menos pela lentidão ordinaria dos negocios e dos movimentos naquella epocha, do que pela frouxidão e hesitações da propria Hollanda, que no meio das complicações externas que tolhiam a sua acção, não a pôde manifestar com a promptidão e o vigor necessarios para evitar a perda das suas conquistas.

Passaram-se ainda cinco mortaes annos até a capitulação de Taborda em 1654. Entretanto, a compa-

[1] Basta o seguinte traço, assaz caracteristico postoque ridiculo, para pintar ao vivo a incrivel mania de argumentar e disputar de que o P. Vieira andava dominado. Objectou-se nesta discussão que cedido Pernambuco aos hollandezes, franqueando-se-lhes o tráfico dos negros de Angola, com que proveriam os engenhos, era arruinar o monopolio do assucar, e outros generos coloniaes, que até então pertencêra quasi exclusivamente a Portugal. O padre não era homem que se deixasse vencer por tão pouca cousa, e retorquiu promptamente (*Papel Forte* pg. 20) dizendo que os hollandezes, tendo arte para tudo, só para lavrar assucar não a tinham !

Na carta apologetica ao conde da Ericeira, escripta em 1688, quarenta annos depois, não se esqueceu de insistir nesta inaptidão dos hollandezes para assucares, e para tudo quanto era lidar com negros e engenhos, para concluir que dar-lhes e não dar-lhes Pernambuco era a mesma cousa.

nhia occidental portugueza pôde organisar-se e mandar successivos soccorros á sublevação, procedendo todavia a côrte até á última hora com dissimulação e cautela. O resto, queremos dizer, o principal, fe-lo o valor, a constancia, e a dedicação dos colonos pernambucanos e do seu preclaro chefe. João Fernandes Vieira, sobre todos, é um heroe digno da admiração e reconhecimento de nós outros brazileiros. Arriscou uma posição elevada, uma fortuna collossal, e muitas vezes a propria vida, não já simplesmente ás balas nos campos de batalha, mas ao punhal e á traição, manejados pela inveja dos rivaes, e pelo odio do inimigo, que poz a sua cabeça a premio; e se a Providencia afinal não abençoasse os seus esforços, coroando-os com a victória, tantos e tão sublimes sacrificios teriam sido prodigalisados em vão. Aos ultrages com que o jesuita cortezão pretendeu então macular a pureza e nobreza dos seus actos e intenções; ás insinuações com que infelizmente ainda hoje alguns escriptores nossos têm procurado rebaixar o valor dos seus serviços, póde a história afouta responder, apontando simplesmente para a vasta mole inteiriça e homogenea, sob o ponto de vista social e territorial, cuja mutilação pendeu tantas vezes do delgado fio das sombrias maquinações diplomaticas; para essa magnifica região onde se perpetúa a dynastia de Bragança, e se renova a raça dos primitivos conquistadores, e onde floresce um grande povo, e as grossas correntes de emigração já acham asylo:—para o Brazil, a maior obra que

produziu Portugal, unica glória que resta de suas conquistas com o sello da metropole, posto que independente, e onde certamente os seus actuaes ou futuros descendentes europeus buscarão e encontrarão um ultimo e seguro abrigo, se as grandes transformações e catastrophes, de que o nosso seculo offerece tantos exemplos, violando a sua independencia e nacionalidade, os obrigar a abandonar em grandes massas o sólo sagrado da patria.[1]

[1] O testemunho unanime dos contemporaneos, tanto nacionaes, como estrangeiros, sem exceptuar, d'entre aquelles, os escriptores nascidos no Brazil, e mais que isso, a apreciação recta e imparcial dos acontecimentos, não deixam a menor dúvida sobre a parte capital e decisiva que nelles cabe a João Fernandes Vieira. O sr. Varnhagen, na *História do Brazil* (T. 2.º, Secç. 32. pags. 3 a 5, Secç. 33, pag. 29) se esforça por dar a primazia a André Vidal de Negreiros, natural da Parahyba, mas os serviços deste brazileiro, posto que longos e relevantes, eram como inherentes ao seu officio ordinario de soldado, e não têm o caracter de espontaneidade, dedicação e heroicidade que se notam nos de Fernandes Vieira. Nem o valor pessoal, e as campanhas daquelle são para pôr-se em parallelo com a sublevação de todo um povo, feita á voz, ao exemplo, á rara intrepidez, e á magnificencia e generosidade do illustre filho da Madeira.

Tambem o sr. conego Fernandes Pinheiro, na sua memoria intitulada—*O Brazil Hollandez*—(*Revista do Instituto*, T. 23, pags. 95 a 97, not. 43), abunda nas mesmas ideas. A resistencia de Fernandes Vieira ás ordens públicas d'el-rei para que acabasse com a sublevação, é ali qualificada de *comica e quichotesca*, porque Vieira tinha outras instrucções secretas que o animavam a continua-la. Mas para valer o argumento era mister que essas ordens secretas, verbal e mysteriosamente transmittidas, afiançassem o triumpho definitivo, ou pelo menos a segurança pessoal do caudilho da sublevação. Mas o que constitue o seu heroismo foi a constancia com que, sem embargo da attitude equivoca e da duplicidade da côrte, continuou a arriscar tudo pela liberdade e independencia da sua nova patria, não ignorando que no momento mesmo em que derramava o

Registemos aqui que ao P. Antonio Vieira não faltou tal qual punição por este acto indecoroso que aconselhou com tanto afinco e calor; a voz accusadora da opinião pública, segundo a sua propria expressão, *perfilhou-lhe a entrega de Pernambuco;*[1] e parece que ainda increpações mais graves e positivas se lhe fizeram por vezes a tal respeito. Na *História do Futuro*, escripto composto de proposito como opportunamente veremos para sua defeza no processo que lhe moveu a inquisição, demora-se elle sobre o assumpto quanto basta para fazer crer que se a entrega de Pernambuco aos hereges não constituia um dos capitulos formaes do processo, era comtudo uma recordação infausta que pesava sobre a sua já difficil situação, e forne-

seu sangue por tão nobre causa, nos conselhos da corôa se agitava fria, para não dizer cobardemente, o sou abandono, negando o mais escutado dos conselheiros a authenticidade das ordens, não menos que a justiça e pureza do movimento. Não bafejasse a fortuna as suas armas, e João Fernandes Vieira seria a victima expiatoria, que aplacasse a colera e satisfizesse a vingança do inimigo.

Pelo que nos informa o sr. conego Pinheiro na memoria citada, ainda a mesma tendencia hostil á memoria de Fernandes Vieira se nota n'um trabalho do sr. dr. Joaquim Manoel de Macedo, lido no Instituto, mas ainda não publicado, que tem por titulo—*Dúvidas sobre a história do Brazil.*

De resto não é intenção nossa, nem a occasião é azada para liquidar aqui a controversia, que só muito accidentalmente aventamos, para rebater as asserções do P. Antonio Vieira, que abrangeram todos os brazileiros sem exceptuar o proprio André Vidal, a quem depois fez tão encarecidos encomios, por se ter mostrado grande protector dos jesuitas, no governo do Maranhão.

[1] *Obras Inedit.* T. 3.° Carta apologetica ao conde da Ericeira, pag. 122 in fine.

cia, como elemento moral de apreciação do seu caracter, armas poderosas á vingança dos seus inimigos. E para com el-rei D. Pedro, que tambem o interrogou sobre o caso, procurou elle justificar-se imputando toda a responsabilidade delle ao rei defuncto, que resolvêra a entrega, e ao conselho de estado, que a approvára.

Os que do poder de Castella e Hollanda, ou separados, ou reunidos, diz elle em substancia na supracitada *História do Futuro*,[1] inferiam a perda de Portugal e suas conquistas, procediam com discurso errado e sophistico, como lhe acontecêra a elle mesmo, escrevendo o *Papel Forte*, segundo os falsos lumes da rasão, quando é certo que Deus obra sobre ella, e com milagres. A salvação de Pernambuco e do reino foi evidentemente um milagre, que sem este tudo ficaria perdido sem regresso. E por uma dessas incoherencias, de que os seus escriptos offerecem tantos exemplos, concluiu esta estranha apologia traçando um quadro brilhante da riqueza e importancia daquelle mesmo territorio de que fizera antes tão pouco cabedal, e de que tanto desdenhára. Já agora, com Pernambuco, se tinham recuperado tres cidades, oito villas, quatorze fortalezas, quatro capitanías, tresentas leguas de costa, ficando o Brazil desafogado, franqueados seus portos e mares, libertado o seu commércio, e seguros os seus thesouros!

[1] *História do Futuro* pags. 57 a 61—(Veja-se a nota—*C*—no fim.)

Na carta apologetica ao conde da Ericeira, depois de querer esquivar toda e qualquer participação nas negociações, allegando com menos verdade, como já vimos, que ao tempo dellas não se achava nem em Lisboa, nem em Hollanda, mas no mar, assevera quanto ao *Papel Forte*, que era impossivel negar de todo, que o compozera por ordem expressa d'el-rei, e que nelle fôra simples relator das forçosas rasões que S. M. tivera para a resolução que havia anteriormente tomado e mandado executar; mas de que ninguem todavia se deixou convencer, rasões a que ninguem foi capaz de responder, (acrescentava) porque a Providencia determinava de fazer neste particular um milagre, que não cabia na humana previsão.

Facil sería a justificação dos expedientes gorados de uma politica ao mesmo tempo immoral e leviana, se para isso bastasse explicar por meio de milagres acontecimentos ordinarios e naturaes, que tantos outros entreviram sem grande difficuldade, infelizmente porém para a memoria do padre, nenhuma destas explicações e coarctadas bastam a purifica-la, e antes as suas mesmas evasivas e tergiversações revelam claramente a perturbação de uma consciencia pouco segura da sua innocencia. Contra a sua apologia estão todos os documentos que temos analysado, não menos que várias das suas cartas impressas, em uma das quaes, escripta ao marquez de Niza, em 11 de março de 1646, pouco depois da sublevação, lhe diz sem rodeios que logo que teve noticia de que a intentavam,

representou a el-rei o perigo de semelhante facção, acrescentando, á volta de alguns remoques aos que elle ironicamente chamava *valentões, que ainda quando o Brazil se désse de graça, era muito para duvidar se convinha aceita-lo, ficando com elle Portugal, além da guerra de Castella, o encargo da de Hollanda* [1]

De resto, o tom que reina em todos estes documentos, o ardor e impetuosidade que no curso de toda a controversia dominaram o auctor, as deprecações vehementes por elle dirigidas ao rei e aos seus ministros no *Papel Forte* invocando Deus e a Patria e vertendo lagrimas de terror e desesperação para que se não apartassem da determinação tomada, revelam não a calma e a imparcialidade de um simples relator, que expunha idéas alheias, em cumprimento de uma ordem superior, mas o empenho formal, e quasi pessoal e interessado, de um conselheiro firme e resoluto a vencer todos os obstaculos que se oppunham ao triumpho da sua propria opinião.

Comtudo, que depois de desmentido pelos acontecimentos, e confuso e humilhado por ter sustentado um parecer que punha em dúvida a sua reputação de patriotismo, e de politico profundo, procurasse o P. Antonio Vieira attenuar o desar que dahi lhe resultava, comprehende-se, e até certo ponto desculpa-se;

[1] *Cartas* T. 4º, pag. 135.

o que é porêm intoleravel, e digno da mais severa reprovação é que no empenho de purificar-se, negando toda a participação pessoal no tractado, procurasse infamar a memoria do illustre e benemerito embaixador portuguez na Hollanda, pintando como fraco e quasi servil instrumento do inimigo, e isto quarenta annos depois dos acontecimentos, e quando havia quasi trinta que encerrado na campa já a víctima desta odiosa arguição lh'a não podia rebater.[1]

[1] Eis as proprias palavras do padre, na citada carta apologetica ao conde da Ericeira: «E para que a vossa senhoria conste quão pouco inclinado fui a que nem um só palmo de terra «dessemos aos hollandezes, referirei o que se passou entre «mim, e o embaixador Francisco de Souza Coutinho. Estando «elle com os Estados em conferencia, (a qual os Estados vinham «fazer á sua casa) levantou-se da mesma conferencia, e muito «alegre nos veio dizer a Feliciano Dourado e a mim: Já tenho «concluido a paz. E perguntando-lhe eu: como? respondeu «que largando aos hollandezes até o rio de S. Francisco. Ao «que eu disse: Bem parvos são os hollandezes em mandarem «armadas ao Brazil; venham fazer conferencias com V. Exc., «porque mais ganham com uma conferencia, que com muitas «armadas.»

Sem dúvida, Francisco de Sousa Coutinho conveio na cessão de Pernambuco; mas o facto mesmo de haver arriscado a vida, usando das firmas em branco que tinha do rei, prova por uma parte que era sujeito capaz de grandes acções, e por outra, a penosa situação em que se via, atribulado com as incessantes exigencias e reclamações do govêrno perante o qual estava acreditado. O odioso está em figurar que elle cedia facilmente, e não apertado por urgentes e crueis necessidades; e em negar não só a sua propria acquiescencia á cessão, mas ainda a menor participação nas conferencias, allegando que se achava no mar, quando esta mesma anecdota prova o contrário; em sustentar finalmente com tão assombrosa ousadia que sempre se oppozera á cessão de *um só palmo* de terra, quando o vimos ha pouco no *Papel Forte* em termos patheticos verter lagrimas, e invocar a salvação da patria, e o nome de Deus, para persuadir o rei a ceder centenas de leguas!

Além deste negocio de Pernambuco, outro sem dúvida muito mais grave, teve o P. Antonio Vieira a seu cargo nestas missões. Tractava-se de nada menos do que do abandono de Portugal, e do sacrificio mais ou menos dissimulado da sua independencia n'um interesse puramente dynastico, por quanto a casa de Bragança deveria passar ao Brazil, onde ficaria reinando.

Primeiro que tudo cumpre reconhecer que este projecto se acha circumdado de taes dúvidas e mysterios, que não nos foi possivel averigua-lo de uma maneira assaz concludente e satisfactoria. Os documentos positivos e directos acerca do assumpto faltam absolutamente, ou desapparecessem casualmente em consequencia de accidentes naturaes, ou fossem de proposito destruidos pelos involvidos e interessados nesses tenebrosos manejos.

Quaes foram os termos positivos e as condições dessa negociação? como, quando, onde, e com quem foi ella entabolada? Tudo são dúvidas e obscuridades a tal respeito, com que será fôrça contentarmo-nos com as noções incompletas, e as meias confidencias das memorias contemporaneas, e auxiliando-as com as conjecturas que ellas offerecem, apurar a verdade do modo que nos fôr possivel.

O auctor do *Portugal Restaurado*, sob a data de 1648, depois de referir o nascimento do infante D. Pedro em 26 de abril do mesmo anno [1], passando a tractar das

[1] *Port. Rest.* T. 2.º, L. 10º, pag. 269.

negociações seguidas em Paris com o cardeal Mazarino, e das perpétuas tergiversações com que este ardiloso italiano illudia ou adiava todos os seus compromissos, diz-nos em proprios termos—«que entendendo o cardeal que o congresso de Munster se separava, «mostrou que se ajustaria a liga; porém havendo o «P. Antonio Vieira feito ao cardeal mais largas pro«messas das que o marquez entendia que convinham, «introduziu no animo do cardeal maiores fôrças para «não conceder a liga, sem el-rei lhe entregar em «caução duas praças maritimas, que tivessem portos «capazes de ancorar armadas grandes. *E estendiam-se «a tanto os poderes* do P. Antonio Vieira, e estava tão «introduzido o *receio* em alguns ministros d'el-rei, «que foi necessario ao marquez de Niza com memo«ravel constancia resistir com tanta vehemencia a al«gumas *promessas exorbitantes* que o P. Antonio Vieira «determinava fazer ao cardeal, que lhe disse, que an«tes havia de deixar cortar as mãos que firma-las.»

Um escriptor estrangeiro, que o visconde de Santarem nos diz bem informado—[1] assevera tambem «que para os fins do congresso de Munster desejou

[1] *Relation de la cour de Portugal sous Don Pedre 2° Traduite de l'Anglais.* T. 2°, cap. 3° 1702—Em uma advertencia acerca da traducção diz-se que a obra original fôra escripta em 1698. O visconde de Santarem cita esta curiosa e importante passagem, e a transcreve em substancia, mas não com toda a fidelidade, no seu *Quadro Elementar*, T. 4.° P. 2.ª, not. 2.ª, a pags. XIV e XV da Introducção; e acrescenta, como juizo seu, que o auctor se mostrava bem informado das negociações politicas daquella epocha.

«o cardeal renovar as negociações sobre a liga com «Portugal, e entre outras desarrasoadas exigencias, «foi que Portugal désse em penhor algumas cidades e «portos de mar, sendo animado a ousar tanto pelas «condescendencias do P. Antonio Vieira. Este cele-«bre jesuita fôra enviado a Paris para assistir ás con-«ferencias da negociação com poder de fazer aos mi-«nistros francezes as proposições que julgasse acer-«tadas. O padre fez taes promessas, que o cardeal «multiplicava as exigencias exorbitantes, e chegaram «a termos que o embaixador, para lhes pôr fim, foi «obrigado a declarar que antes se deixaria cortar as «mãos que assigna-las.»

Ainda que o escriptor estrangeiro não fosse mais do que um echo do conde da Ericeira, como parece, pois este o precedeu muitos annos na publicação do *Portugal Restaurado*, o certo é que aceitou a sua versão; e quanto ao mesmo conde, contemporaneo do marquez de Niza, epocha sobre que escreve, e em cujos acontecimentos tomou alguma parte, não é possivel suppo-lo menos bem informado; e sem embargo da ambiguidade e calculadas reticencias das suas asserções, esse *ajuste da liga*, sem declarar o fim e as condições que a constituiam, pois a entrega das praças não era mais que um accessorio, e penhor ou garantia das estipulações principaes, esses *extensos poderes* conferidos ao padre, e que tamanho *receio* inspiravam aos ministros d'el-rei, as suas *promessas exorbitantes*, e a resistencia formal que a ellas

fez o embaixador, tudo revela a existencia de um grave projecto, que o escriptor deixa bem entrever, sem comtudo declarar abertamente qual elle fosse.

O mais é que nem o mesmo P. Antonio Vieira, nem o seu panegyrista André de Barros são mais explicitos a tal respeito.

André de Barros escreve que o padre partiu segunda vez para França, de posse de *relevantes segredos* da corôa, com o fim de tractar da liga com aquella potencia; mas contenta-se com no-lo apresentar vaga e emphaticamente como vencedor de Mazarino nas conferencias que tiveram, conceituando-se, diz elle, por grande victória, o ter impedido a vinda do principe de Condé a Portugal, como queria o cardeal, com o que conseguiu deixar illesa nada menos que a *soberania da corôa*. Que o seu valimento para com el-rei, e a superioridade do seu talento, o tornaram alvo dos ciumes e contradicções do marquez de Niza, que nas relações públicas e officiaes tinha o caracter de primeiro; donde resultou, descordes os pareceres, taxarem de exorbitantes as promessas do padre, sem todavia declararem quaes ellas fossem, como cumpria, porque se apparecessem bem individuadas, conhecer-se-hia que exorbitantes eram as censuras que se lhes faziam. Mas guarda-se bem elle mesmo de referir quaes foram as verdadeiras proposições, em que, a vinda do principe de Condé ameaçava a soberania da corôa, e porque meios pôde o padre evita-la.

Menos satisfactoria ainda que esta apologia toda ne-

gativa, é a que fez o proprio P. Antonio Vieira na sua famosa carta ao conde da Ericeira;[1] porque ao menos André de Barros, se evitou discutir o assumpto melindroso, alludiu comtudo a elle; entretanto que o P. Antonio Vieira, discutindo muitos outros diversos negocios, em que tomou parte, guardou profundo silencio acerca dessas mysteriosas *proposições exorbitantes*, que excitaram em tão alto grau a indignação do marquez de Niza, e lhe attrahiram a formal accusação do historiador da restauração. Bem graves por certo deviam de ser os motivos que assim o obrigavam a esquivar-se á discussão do assumpto em que mais interessava a sua reputação. Seguramente envolvia elle segrêdo de estado, de cuja revelação, para a qual aliás não teria liberdade, podia resultar gravissimo desar tanto para a sua propria pessoa, como para a memoria do rei defuncto. Longe de levantar o véo que o encobria, o padre tem o cuidado de dizer nessa mesma carta, como quem fazia uma revelação ao seu accusador—*que os negocios a que el-rei muitas vezes o mandava, eram mui differentes do que se podia cuidar, ainda entre os ministros mui superiores, correndo a communicação delles por cifra particular, de que só era sabedor o secretario Pedro Monteiro.*[2]

Mas que tremendo mysterio era esse em que nem

[1] André de Barros. *Vida do P. Antonio Vieira*, pag. 18 e 19.

[2] *Carta* de... de 1688, datada da Bahia. T. 3º das *Obras Ineditas*—Pags. 115 a 128.

os accusadores, nem o accusado e os seus panegyristas ousavam tocar, senão por meio de timidas e obscuras allusões? Um documento, ha pouco tempo encontrado nos archivos da casa de Niza, nos vae auxiliar na sua decifração. É a simples minuta de uma representação dirigida pelo proprio marquez embaixador ao principe regente D. Pedro, e de cuja authenticidade não duvída pessoa muito competente. [1] O marquez expõe que estando *da primeira vez* em França, como embaixador ordinario, passára áquelle reino o P. Antonio Vieira com uma instrucção, escripta toda do punho do secretario Pedro Vieira da Silva, depois bispo de Leiria, na qual lhe ordenava S. M. que procurasse incontinenti o cardeal Mazarino, e lhe dissesse que o mesmo senhor levaria em gôsto casar o principe D. Theodosio com mademoiselle de Longueville, podendo logo vir com ella para Portugal o duque seu pae, a quem S. M. largaria o reino para o elle governar, em quanto o principe não chegasse á maioridade, passando-se S. M. com a rainha, e os mais infantes ao

[1] Veja-se no fim, nota —D—a integra deste documento com a ortographia original. Devemos a sua communicação ao obsequio do sr. Antonio da Silva Tullio, escriptor distincto e vantajosamente conhecido como collaborador no jornalismo politico e litterario de Lisboa, e empregado da bibliotheca nacional, onde o estrangeiro que ha mister esclarecimentos, sempre encontra nelle um guia tão cheio de sollicitude como de cortezia. O sr. Tullio deparou com este documento ha poucos annos no cartorio da casa de Niza, a cujo inventario procedia. O caracter da lettra da minuta reporta-se á epocha em que mostra ter sido escripta; e posto que uma simples minuta sem data nem assignatura, o sr. Tullio não duvida da sua authenticidade.

Brazil com o titulo de rei daquelle estado. Que á simples leitura de semelhante instrucção declarou logo ao padre, que tanto montava aquella proposta como entregar o reino aos francezes; que não era elle vassallo que em tal conviesse, e que antes quizera as mãos cortadas do que assignar tal tractado. Em testemunho da verdade do que assevera, invoca o marquez a sobredita instrucção, e as suas proprias cartas escriptas em resposta a ella, que deviam achar-se na secretaria de estado, e uma resposta comprobatoria do bispo de Leiria, em escripto que junctava. Pondera a grandeza do serviço que prestou, oppondo-se ao casamento, porque, effectuado este, e fallecendo o principe em menoridade, como veio a succeder, ficaria o reino definitivamente sob o dominio francez. Conclue pedindo a devida remuneração pelo mesmo serviço, a qual até então não sollicitára, porque o segrêdo da materia importava á segurança do Estado.

Póde objectar-se contra este papel que é uma simples cópia ou minuta, sem nenhum dos caracteres externos de authenticidade que costumam qualificar documentos desta natureza. Acresce que a asserção de que a negociação de que elle resa, tivera logar durante a primeira embaixada do marquez, ainda então conde da Vidigueira, é de todo o ponto inexacta, porque, durante a sua primeira estada em França desde 1642 até principios de 1646, não chegou a avistar-se com o P. Antonio Vieira, partindo o conde, de Paris, justamente quando o padre ali chegava, desencontrando-

se no caminho. Mas este êrro na designação da epocha, de resto tão commum nos escriptos contemporaneos, póde sem inverosimilhança imputar-se a descuido do secretario ou advogado do marquez, ou ainda a equivoco da sua memoria, depois de tantos annos, e não é impossivel que deixassem de reparar nelle, ao por-se a minuta a limpo.

Tambem é certo que o projecto de casamento com mademoiselle de Longueville é neste documento que pela primeira vez o encontramos, pois em todos os mais figuram os nomes de outras princezas, mas ha de advertir-se que esta senhora era filha em primeiras nupcias do duque de Longueville, grande da primeira nobreza de França, casado então com uma irmã do principe de Condé, e plenipotenciario mais influente da França no congresso de Manster, onde Portugal tanto desejava fazer admittir os seus, e onde na imminente conclusão da paz podia ser reconhecida a sua independencia, mediante a influencia daquelle embaixador, conseguindo-se a acquiescencia da Hespanha a qualquer transacção, se tambem fôra conseguida a paz entre esta potencia e a França. Já vimos que houve uma negociação abortada para a vinda do principe de Condé a Portugal, e como havemos de ver, o P. Antonio Vieira foi despachado para acompanhar ao congresso de Munster, como accessor de D. Luiz de Portugal, enviado portuguez. Avista de todas estas circumstancias, não será conjectura temeraria suppôr que D. João IV, ou por inspiração propria, ou

mais provavelmente aconselhado pelo padre, o enviasse a tractar a nova alliança matrimonial, pospostos ou pelo menos adiados quaesquer outros ajustes semelhantes até então aventados.

Sem embargo porém da plausibilidade de todas estas considerações, inclinamo-nos a crer pelas rasões ao diante ponderadas que o projecto de casamento de que foram encarregados por este tempo o P. Antonio Vieira e o marquez de Niza, era com mademoiselle de Montpensier, filha do duque d'Orleans, achando-se aqui o nome do duque de Longueville por alguma confusão ou equívoco que não nos é possivel explicar. Talvez ambos os casamentos se agitassem, tendo relação o de mademoiselle de Longueville com a vinda do principe de Condé, a que o padre diz haver-se opposto, e era desejada pelo cardeal, em vez da do duque de Orleans, que de Portugal se pedia, e pela qual parece ter elle instado, segundo se collige do conhecido memorial que dirigiu ao principe regente, cerca de trinta annos depois destes acontecimentos.[1]

Arredadas estas duas objecções oppostas ao documento, é força confessar que em tudo mais apresenta elle todos os caracteres de verosimilhança. Ha de advertir-se que elle não foi escripto para ser publicado, como effectivamente nunca o foi; e tão pouco, por simples desenfado, para ficar perpetuamente archivado na poeira de um cartorio. E se era, como

[1] *Obras Ineditas.* T. 3º Memorial citado—pag. 82.

indica o seu proprio contexto, para ser presente ao principe, não se póde negar que em si mesmo offerecia todos os elementos para se poder aferir a sua verdade, como era a indicação de documentos correlativos existentes na secretaria de estado, e o testemunho do ex-secretario de estado Pedro Vieira, e o do proprio P. Antonio Vieira, vivo ainda, e porventura residente mesmo em Lisboa.[1]

Finalmente este projecto não desdiz de tantos outros que se urdiram pelo mesmo theor e tendencia, cuja existencia é incontestavel, cujo unico fim era a salvação da dynastia de Bragança, e em que ia sempre mais ou menos sacrificada ou a independencia de Portugal, ou a soberania dos seus dominios coloniaes; nem havia motivo para duvidar que o padre que teve parte nos outros a não tivesse neste, ainda quando isso não fosse attestado por outras provas mais directas e positivas.

Destes projectos de alliança com clausulas mais ou

[1] Esta representação foi dirigida ao principe regente D. Pedro. A conspiração aulica que elevou S. A. á regencia realisou-se a 23 de novembro de 1667; e a regencia prolongou-se até 12 de setembro de 1683, dia em que falleceu D. Affonso VI. Ora o P. Antonio Vieira, que até então estivera incommunicavel nos carceres da inquisição de Coimbra, sahiu delles para Lisboa em dezembro do mesmo anno de 1663, e só chegou a partir para o Brazil em janeiro de 1681, isto é, dezesete annos depois da sua soltura, e pouco mais de dous antes de findar a regencia. Destes dezesete annos passou apenas pouco menos de seis em Roma, e os mais em Lisboa e seus arredores, de modo que a representação do marquez foi feita, pode-se mui provavelmente asseverar, estando elle presente para poder ser ouvido se assim o julgassem necessario.

menos onerosas nos dão notícia, a saber: o visconde de Santarem—do de mademoiselle de Montpensier ou d'Orleans, incumbido desde 1643 a Luiz Pereira de Castro, embaixador portuguez em França; o *Portugal Restaurado* [1]—do de mademoiselle d'Orleans, incumbido ao marquez de Niza, em 1647, e ao que dá a entender Francisco de Souza Coutinho em uma de suas cartas ineditas, ao P. Vieira na mesma occasião e a elle mesmo mais tarde, e com condições tão onerosas para Portugal, de ambas as vezes, que elle se viu obrigado a replicar a ellas; os enviados francezes Lanier, em 1647, e o marquez de Chouppes, em 1660, citado este por Duarte Ribeiro de Macedo, e ambos pelo visconde de Santarem—do casamento da infanta D. Catharina com D. João de Austria, ora insinuado pelo P. Vieira, ora pela mesma Hespanha; e finalmente—do do principe D. Theodosio com a infanta de Castella, encarregado ao mesmo padre, na sua missão a Roma, em 1650, sob as instrucções que lhe deu D. João IV, e de que adiante tractaremos.

Quanto ao projecto de transferencia da familia real de Bragança para o throno do Brazil, ficando em Portugal ou um principe ou uma princeza, alliada seja á casa de França, seja á de Castella, referem-n'o, postoque sem muita coherencia, o citado marquez de Chouppes, Mr. de Jant, outro ministro francez, tam-

[1] *Quadro Elementar*, T. 4, P. 1.ª, pag. CCVII da Introducção, e 56 do texto.

bem citado pelo visconde de Santarem; já em nossos dias, o general Garção Stockler, o historiador brazileiro, o Sr. Varnhagem; e finalmente o proprio P. Antonio Vieira, em carta escripta da Bahia, em 1691, a Francisco de Britto Freire, e na qual lhe falla na sua nomeação de governador de Pernambuco, no tempo da regencia da rainha D. Luiza, afim de ter no Brazil prevenido um asylo seguro para a familia real, no caso de que algum successo adverso, que então muito se temia, a necessitasse a taes extremidades, sendo o mesmo padre chamado para ali do Maranhão, onde então se achava, a fim de auxiliar o governador, seguindo-se as instrucções secretas que a tal respeito havia deixado el-rei D. João IV.[4]

Em summa, quaesquer que sejam as trevas que envolvem estas negociações, e as variantes e ainda as contradicções, que se encontram nas differentes versões, e que comtudo só recahem em circumstancias accessorias e de somenos importancia, o que está mais que muito averiguado, e fica fóra de todas as dúvidas,

[4] Se attendermos a que Francisco de Britto Freire tomou posse do govêrno de Pernambuco em 26 de janeiro de 1661, data que coincide com a do tractado dos Pyrineos entre França e Hespanha, em virtude do qual foi Portugal abandonado aos proprios recursos, e julgado quasi geralmente por perdido sem regresso, não ficará dúvida de que a rainha regente julgaria chegada a occasião, já de antemão prevista pelo rei seu marido, de pôr-se a salvo no Brazil com seus filhos. (*Cartas* do P. Antonio Vieira. T. 2.º pag. 188 e 189). Para completa informação do leitor, damos em extractos, nas notas, todas as passagens que no texto temos citado acerca deste importante assumpto.

é que se negociaram allianças, em que era ora aventurada, ora abertamente sacrificada a independencia de Portugal, e positivamente estipulada a passagem de quasi toda a familia real para o Brazil; sendo muito para suppôr que não só o P. Vieira não foi estranho a estas combinações, senão que foi um dos seus principaes fautores.

Ao despedirmo-nos deste assumpto, uma dúvida se offerece expontanea ao nosso espirito:—Lucraria o Brazil se naquella occasião se tivesse effeituado a emigração da familia real, que cento e sessenta annos mais tarde foi resultado de acontecimentos perfeitamente analogos?

Além destes dous negocios capitaes do abandono de Pernambuco, ou do proprio reino, que respeitam ao periodo das missões do P. Vieira ao norte da Europa, diversos outros de somenos importancia tractava elle durante o mesmo periodo, dos quaes daremos agora abreviada noticia.

Ainda aqui, cumpre confessa-lo não ha completa certeza de como, a muitos respeitos, as cousas se passaram; e as dúvidas começam logo acerca do número de viagens que de Portugal fez o padre ao norte. Essas dúvidas não as desfazem nem os seus escriptos, nem os dos seus biographos. No memorial do principe regente (T 3 das *Obras Ineditas*, pag. 82 a 84) depois de referir se com pouca clareza ás diversas missões de que fôra incumbido, as recapitula dizendo que em todas aquellas viagens passára sete vezes o

canal de Inglaterra, duas o golpho de Leão, quatro atravessou toda a França, e a maior parte da Hollanda e da Inglaterra; mas, quanto ás vezes que atravessou o canal, parece antes referir-se ás viagens que fazia de um para outro ponto daquelles paizes do norte, que as de Portugal. O que temos por mais averiguado é que a primeira viagem do padre foi em janeiro de 1647 (Memorial citado, pag. 82, *Cart.* T. 4.º, c. de 4 e de 25 de fevereiro, pags. 129 e 132. A 2.ª destas, de 25 de fevereiro, parece errada na data, e deve ser 25 de janeiro, porque na de 4 de fevereiro já se refere a ella), e já em agosto do mesmo anno estava de volta em Lisboa, segundo se póde collegir de um sermão que ahi prégou, em setembro seguinte, a não ser inexacta a data deste. (Bispo de Vizeu, pag. 214). Na segunda viagem, André de Barros o dá chegado a Londres a 22 de setembro de 1647 (pag. 18), e nisto conforma-se, salvo a differença de alguns dias, com diversas cartas do Padre, escriptas de Londres, Pariz e Haya, a diversas pessoas, (*Cart.* T. 1º pg. 6 e 7, T. 4º, p. 138, 139), mas quando effeituou-se o seu regresso? O mesmo André de Barros o dá em 1649 (pg. 24), data que seguiu o bispo de Viseu (pg. 218), assignalando até o mez de agosto, porque já nesse mez Antonio Vieira recitava uma oração funebre em Enxobregas. A ser verdadeira esta data teria a missão durado dous annos, ou perto disso, mas como já ficou evidentemente demonstrado que de outubro a dezembro de 1648 se achava

o padre em Lisboa debatendo a questão da entrega de Pernambuco, ou houve uma terceira viagem (ida e volta em 1649) o que nos não parece provavel, por que não ha uma só carta do mesmo padre, nem outro algum documento contemporaneo que se refira nem remotamente a ella, ou aquelles biographos calcularam e procederam por simples inducções, se não é que André de Barros mui de proposito põe mais tarde a sua volta, para o arredar quanto possivel da desairosa negociação da entrega, que sendo negocio tão grave, passou-o em claro, com estranho e enexplicavel silencio.

O fim da sua primeira missão, como homem sagaz e astuto, era explorar o estado dos negocios e das côrtes, e os projectos e intenções dos respectivos gabinetes e ministros, não menos que vigiar os agentes portuguezes nas mesmas côrtes, porque segundo elle afiança (*Carta apologetica* ao conde da Eric. T. 3 de *Ined.* pag. 116) S. M. não estava satisfeito dos avisos pouco coherentes que lhe faziam os dous embaixadores de França e Hollanda, e queria uma informação certa, sincera e desenganada, que os embaixadores lhe não davam, querendo antes agradar que entristecer, que era a moeda que então corria, tão falsa como perigosa. Na defeza que apresentou no processo da inquisição, enumera entre os seus principaes inimigos todos os embaixadores e ministros das embaixadas por ter as suas cifras, e ordenar S. M. que elles lhe déssem noticia de todos os negocios, e não os resolvessem,

sem ouvir o seu parecer, com o qual S. M. ordinariamente se conformava, tendo-o os sobredictos ministros como sobre ronda de suas acções, e temendo a inteireza de seus avisos e informações, pelo credito que el-rei lhe dava, (*Obr. Ined.* T. 1.º, pag. 39). No Memorial ao principe regente refere a mesma cousa em substancia (*Ined.* T. 3, pag. 82). Mas nestes diversos escriptos, compostos successivamente, em 1665, 1678 e 1688, isto é, vinte, trinta e quarenta annos depois dos acontecimentos, o padre apenas se soccorria ás suas remenicencias, pois á vista de tudo o mais que havemos de ver, o complexo destas diversas incumbencias, tanto era applicavel á primeira, como a segunda missão.

As cartas que o mesmo padre escreveu durante a primeira, e são apenas tres, não accrescentam particularidades notaveis. Dellas até resulta que desta primeira vez o padre não chegou a avistar-se com o embaixador, porque quando se dirigia a Pariz, o informaram em Orleans que havia oito dias tinha por ali passado o mesmo embaixador, a caminho para Rochella, onde embarcou para Lisboa, depois de alguma demora, durante a qual escreveu o padre as tres citadas cartas. Nellas lhe dava noticias dos negocios publicos, das boas disposições das cortes do reino que se achavam reunidas, da familia real, e da do embaixador. Quanto ao que podia ser objecto especial da sua missão, o que ha ali de claro e positivo é o muito que insiste na conveniencia de uma promp-

ta paz com a Hollanda, tudo o mais é obscuro. «O *fim da minha jornada* (diz em uma dellas) *verá V. Exc. pelas cartas de S. M. que remette a V. Exc. o residente* (era Antonio Muniz de Carvalho), *a quem eu as entreguei, conforme as ordens que trazia.*» Houve então tal qual idéa, que não chegou a realisar-se, de se encontrarem, partindo o caminho até Orleans. «*Estimára-o eu grandemente,* (diz a este proposito o padre) *para fallar com V. Exc. em muitos particulares que se não podem fiar do papel, e que podiam importar não pouco assim dos negocios do reino, como á disposição dos de V. Exc.*» [1]

D. João IV procedia em verdade com acerto aproveitando os talentos de um homem de tanta penetração e agudeza em missão tão delicada como era a de informar-se, nos proprios logares, do estado dos negocios nas côrtes estrangeiras, e da maneira porque os agentes portuguezes desempenhavam os seus deveres. Mas até que ponto iam os poderes do padre, e porque modo cumpriu elle as suas instrucções? Parece fóra de dúvida que parte dessas instrucções eram secretas, que os agentes diplomaticos acreditados nas diversas côrtes não tinham conhecimento dellas senão até onde o padre jesuita julgava conveniente communicar-lhes, que o seu voto devia ser at-

[1] *Cartas* T. 4.º Cart. de 25 de janeiro, 4 de fevereiro, e 11 de março de 1646—pag. 129 a 137. Veja-se para mais esclarecimentos no fim a nota—C—sobre o abandono de Pernambuco &c.

tendido por elles, que nada emfim poderiam concluir sem ouvi-lo, cabendo-lhe por ventura o *veto* nos casos supremos. Outro ponto que parece igualmente averiguado é que o padre assistia ás conferencias particulares celebradas entre os ministros estrangeiros e os diplomatas portuguezes, e que não raro se entendia directamente com aquelles. Era evidentemente um assessor, e um fiscal imposto aos agentes publicos, adoçados apenas os rigores da tutella com as mostras exteriores da deferencia e cortezia, exigidas não menos pela politica, que pelos estylos diplomaticos, e etiqueta das côrtes. Por onde julgamos pouco fundada a asserção dos seus biographos, que interpretando mal uma passagem sua, pretendem que o marquez de Niza tinha ordem para não fallar ao cardeal Mazzarino, e á rainha regente de França, senão de companhia, e com assistencia de Vieira.[1] Que este

[1] «Por isso mandou (el-rei) ao marquez de Niza, seu embai-«xador em Pariz, que a nenhuma audiencia fosse, sem que as-«sistisse tambem a ella o P. Antonio Vieira.» (*André de Barros*, pag. 397.)

«Esta falta de accordo entre o marquez e o jesuita podia mui-«to bem nascer de ciume no marquez; para o que seria funda-«mento bastante a ordem, que lhe foi de Lisboa, de não fallar á «rainha e a Mazzarini, senão de companhia com Vieira.» (*Bispo de Vizeu*, pag. 220.)

O que Vieira escreveu, allegando a confiança que merecia a D. João IV, foi o seguinte:

«Antes destes, no mesmo Pariz, para que ou porque ordenou «S. M. que o marquez de Niza embaixador, a nenhuma audien-«cia da rainha regente fosse, ou do cardeal Mazzarino, sem eu «assistir juntamente com elle a tudo o que se tractava?» (*Inedit.* T. 3.º, Carta ao Conde da Eric., pag. 128).

podia assistir, e effectivamente assistia ás conferencias entre os ministros, já o vimos e concedemos; mas que o embaixador não podesse ir ás audiencias públicas e solemnes, sobretudo da rainha, sem a sua presença, é cousa que parece muito inverosimil, para não dizermos absolutamente inadmissivel. Entre a faculdade permittida ao padre, e a condição exclusiva imposta ao embaixador, vae uma distancia enorme. O visconde de Santarem, que compulsou os archivos da França, não achou vestigios desta singularidade, pelo menos não os menciona no *Quadro Elementar*, como sem dúvida o faria, se algumas noticias alcançasse a tal respeito.

E em que caracter e attitude, em que trajos finalmente se apresentaria elle nessas occasiões solemnes, a par do agente officialmente acreditado? Na Hollanda, paiz de hereges, sabemos que para desvanecer susceptibilidades, e facilitar as cousas, despia a rou-

Foi esta a versão que preferiram os dous biographos, sem fazerem cabedal da que se encontra na defeza apresentada na inquisição, de que sem dúvida não tiveram conhecimento, e que é muito diversa. Esta foi escripta apenas dezesete annos depois dos acontecimentos, a carta ao conde da Ericeira mais de quarenta depois. Entre *assistir ás conferencias dos embaixadores*, isto é, *estar presente a ellas, e assistir os embaixadores nas conferencias*, isto é, *auxilia-los*, aconselhando-os, e ainda dirigindo-as, a distancia é tamanha como facil o equivoco. Se o P. Antonio Vieira porém quiz justamente dizer o que entenderam os seus biographos, nós na carencia absoluta de outra próva, além da sua propria affirmação, aliás pouco coherente com a versão anterior, seremos levados a conjecturar que com o pêso dos annos a memoria se lhe debilitava na mesma proporção em que se lhe afinava a vaidade.

peta por uma vez; mas n'uma côrte catholica, como a do Louvre, e em um reino, onde eram numerosas as casas da companhia de Jesus, já não teria nem a mesma liberdade, nem a necessidade de desfarçar-se em cavalheiro. Resta a hypothese de apresentar-se, tutellando publicamente um embaixador grande do reino, envolto no habito severo de uma ordem regular, cujo instituto prohibia toda a ostensiva intervenção nos negocios mundanos, se bem em secreto o tolerasse, e até favoneasse. O mesmo padre confessa em outro logar que recusou a embaixada de Hollanda, pelas repugnancias de seu instituto. Quando fosse admissivel que a côrte franceza tolerasse semelhante infracção ás regras da etiqueta e do decóro, ainda resta saber se o marquez se rebaixaria a ponto de submetter-se a uma tão pública ignominia, elle que resistiu ao padre no segredo do seu gabinete, e que despeitado, e contrariado abandonou a embaixada e voltou para Lisboa contra as ordens da côrte, incorrendo por isso no real desagrado. [1]

Não se póde negar que alguns destes diplomaticos se mostraram incapazes; e ás difficuldades que encontravam no odio e nos manejos incessantes de Castella, junctavam outras, filhas unicamente da discordia que entre elles lavrava. Francisco de Andrade Leitão, e Luiz Pereira de Castro, enviados em Munster, em cujo congresso não conseguiram todavia ser admittidos,

[1] *Quadr. Elem.* T. 4.º, P. 1.ª, pag. 262.

desputavam entre si, e com Francisco de Souza Coutinho, embaixador; e chegaram a tal ponto as desordens entre os dous primeiros, que o marquez de Niza escreveu a el-rei aconselhando-o a manda-los *retirar para suas casas a descançar do muito que haviam trabalhado um contra o outro*, sendo que el rei fe-lo effectivamente estranhar a Luiz Pereira de Castro.[1]

Para substitui-los em Munster foi nomeado D. Luiz de Portugal, que como neto do Prior do Crato, e descendente d'el-rei D. Manuel, se tinha por pessoa mais auctorisada, e consequentemente mais propria para acarear as attenções e respeitos dos membros do congresso. Mas parece que tirada a qualidade do sangue, falleciam no fidalgo os mais dotes necessarios ao encargo, e que por essa rasão se lhe deu por adjunto ou assessor o P. Vieira. Segundo o bispo de Vizeu (pag. 217) a jornada se não verificou, por se haver dissolvido o congresso em quanto se dispunham para ella. André de Barros (pag. 20) diz simplesmente que não teve effeito, sem dizer a rasão por que se mallogrou; mas o conde da Ericeira assevera que o projecto desta missão é que se desvaneceu no proprio ánimo de el-rei, que o concebéra; [2] o proprio P. Antonio Vieira, escrevendo ao marquez de Niza, em 13 de março de 1648, diz-lhe que S. M. o escusára daquella jornada á vista das rasões que allegou (T. 4º, pg. 189).

[1] *Port. Rest.*, T. 2.º, P. 1.ª, L. 10, pag. 242, *Quadr. Elem.* T. 4.º, P. 1.ª, pag. 69.

[2] Veja-se *Port. Rest.* log. cit.; P. Vieira, *Obras Inedictas*, T. 3.º

Mas nem Francisco de Sousa Coutinho, nem o marquez de Niza se achavam no mesmo caso; os seus relevantes serviços, referidos longamente pelo conde da Ericeira, e pelo visconde de Santarem, não haviam mister de nenhuma cooperação estranha e anomala, e a do padre, desgostando-os, irritando-os, desauctorisando-os, e compromettendo-os, foi decididamente prejudicial.

Aqui cabe bem a apreciação do caracter moral desta parte da commissão do Padre Antonio Vieira. Elle nos diz que ia como syndicar do procedimento dos embaixadores, que estes effectivamente o reputavam como de sobre ronda a elles, e muito se temiam da inteireza das informações que secretamente, e por cifra ministrava a el-rei; parece que effectivamente os não poupou nessas informações, se havemos de crer os seus proprios escriptos, officios, e as desavenças que teve com alguns delles; mas esse caracter de syndicante não o exercitava elle por titulo público e declarado, antes o dissimulava sob as apparencias da mais perfeita cordialidade, com tal excesso de dedicação e servilismo, que hoje passaria por abjecto, e que mesmo nos costumes e na linguagem daquelle tempo, nos parece indigno de um homem tão eminente,[1] e

Mem. ao Principe Reg. pag. 82, *Carta* ao conde da Eric., pag. 127.

[1] As formulas de devoção servil para com o marquez de Niza pullulam em quasi todas as cartas que lhe escreveu, e correm impressas no T. 4.º dellas; mas foi na de 16 de março de 1648,

bem ponderado tudo, a essencia mesma da commissão, o rigor e os meios tenebrosos com que a desempenhava em secreto, e a subserviencia com que a mascarava em público, a conclusão não póde ser outra senão que o jesuita fazia pouco menos que o papel de espião. O termo é severo, mas não certamente injusto.

De resto, os embaixadores é possivel que nem em tudo servissem á satisfação completa da côrte portugueza, mas esta, pela sua parte não se mostrava pouco negligente no cumprimento dos seus mais obvios deveres.

Francisco de Sousa Coutinho, que tão relevantes serviços prestára na Hollanda, promovido á embaixada de Pariz, soffreu naquella grande capital taes privações, por andar sempre muito retardado o pagamento dos seus ordenados, aliás mesquinhos, que a casa da sua residencia foi atacada por uma cohorte de beleguins armados, que iam fazer penhora nos moveis,

escripta de Haya, dando-lhe os pezames pela morte da condessa, sua mãe, onde mais se apurou nesta baixa adulação—Notam-se nessa carta as seguintes expressões, que causariam admiração em um homem que se jactava de nunca haver vertido uma só lagrima, ainda nos maiores infortunios de seus proximos parentes, se não soubessemos que elle só as tinha para os dos principes e dos grandes, e para os proprios, quando incorria no seu desagrado: «*Meu senhor da minha alma.... acho-me tão «falto de ánimo, e tão fóra de mim, que é fôrça sejam as pala-«vras de lástima e desesperação, quando era justo que fossem de «consolação e allivio. Em Amsterdão recebi hontem a triste nova, «donde logo me parti, por me não achar capaz, mais que de sen-«tir e chorar..... Perdi mãe, perdi senhora, e agora as chóro «sem remedio..... a V. Exc, como seu herdeiro, conhecerei «sempre por meu amo e senhor, pedindo a V. Exc se sirva de «me acceitar de hoje em diante muito em seu serviço como cria-«do desamparado....* »

pelos muitos mezes que devia dos alugueis della, sendo-lhe a elle embaixador mister repellir pela fôrça esta offensa á sua immunidade, e ao decóro do monarcha que representava. D. Luiz de Portugal, o destinado embaixador ao congresso de Munster, e parente da casa real, segundo refere o P. Antonio Vieira soffreu em Haya, pelos mesmos motivos, os mesmos insultos, e em tão baixa miseria chegou a cahir que sua familia para poder subsistir aceitava esmolas do embaixador Francisco de Sousa. O mesmo padre queixa-se amargamente dos embaraços que a falta de dinheiro trazia muitas vezes aos negocios pendentes, *vindo as cousas em tal fórma ordenadas do reino, fazendo-se tão pouca confiança das pessoas que se mandavam, ou dos ministros que no estrangeiro tinha S. M., que nenhum delles estava auctorisado para dispor instantaneamente o que mais convinha ao seu real serviço, e este se perdia, ou pelo menos se dilatava, o que, nos casos urgentes, tanto montava como perder-se.*[1] Por estes grandes exemplos póde-se ajuizar do mais que não sabemos.[1]

Alem das negociações sobre o abandono de Pernambuco e do reino, alem da jornada de Munster des-

[1] *Carta* de Francisco de Sousa Coutinho, M.ª da Acad. R. das Sc. 1 vol. folio, Est. 540, Gab. 2.º—P. Antonio Vieira, *Cartas* T. 4.º, C. de 26 de dezembro de 1647, e 12 de janeiro de 1648, ao marquez de Niza, pags. 143, 144, 150 e 151. Merecem reproduzidas aqui textualmente as memoraveis palavras do P. Antonio

vanecida por qualquer motivo, como já fica tudo referido, ainda no curso desta segunda missão ou viagem, foi offerecida ao P. Antonio Vieira a embaixada de Hollanda, mandando-se retirar Francisco de Sousa Coutinho, justamente em occasião que entre ambos elles se tractava das cousas do Brazil. O jesuita refere que estava na companhia de Francisco de Sousa quando lhe foi entregue o despacho, contendo a sua nomeação, e a dimissão do embaixador, e que sobresaltando-se este, á vista da fórma do masso, e do sobrescripto para o padre, este dissimulou o caso, não lhe fazendo entrega da carta que lhe pertencia, e dizendo-lhe que era uma ordem para elle padre partir se quanto antes para Portugal; o que effectivamente poz por obra, representando a S. M. logo que chegou

Vieira acerca da miseria do infeliz descendente do Prior do Crato. Ei-las: «Acabo esta com representar a V. Exc. o que é «impossivel dizer-se em poucas palavras, que é o miserabilissi«mo estado a que a pobreza de D. Luiz de Portugal tem redu«zido sua casa. Demandam-n'o pelas dividas, não já os acredo«res maiores; mas os do pão, os da cerveja, e d'outras miudezas «deste genero; e é tal o apêrto que lhe fazem, e a impossibili«dade sua, que está arriscado ao executarem, e ainda a pade«cer maiores indecencias, porque a justiça destes paizes é ine«xoravel..... Sua mulher me mandou hontem chamar por D. «Alexandre, e a achei lastimosissima. Ella escreve a V. Exc., «pedindo que V. Exc. em nome de S. M. queira acudir a este «desamparo, mandando ordem com que se lhe acabe de pagar o «resto daquella antiga mercê de S. M., que cuido são dous mil «crusados. O que eu posso affirmar a V. Exc. é que a necessi«dade presente destes pobres senhores, é tão extrema que a «mercê vem a ser esmola, e a piedade justiça.

«..... O senhor embaixador (Francisco de Sousa «lhe mandou hoje uma esmola de sua casa.....»)

a Lisboa que não usára da patente, porque aquelles negocios não eram conformes ao seu hábito, e que o mesmo senhor aceitou-lhe benignamente a escusa.[1]

Os seus biographos repetiram tudo isto sem hesitação—Pela nossa parte, sem duvidarmos em absoluto da nomeação referida, e dos motivos por que não teve effeito, só fazemos reparo em que nada conste a tal respeito nem das muitas cartas que escreveu o padre por estes tempos, nem dos mais documentos e memorias contemporaneas que têm chegado á nossa notícia. Quanto a essas relações escriptas dezenas de annos depois dos acontecimentos, é necessario acolhe-las com escrupulo, porque, como já temos visto, a necessidade de explicar os acontecimentos, de um modo favoravel á sua glória, o levou não poucas vezes a graves inexactidões.

O que consta de outros testemunhos é que o govêrno hollandez, descontente dos manejos de Francisco de Sousa, instára pela sua remoção; e parece que de Lisboa se lhe permittiu que podesse retirar-se da Haya, se assim conviesse ao bom êxito das negociações pendentes. O proprio P. Antonio Vieira allude a isto em uma das suas cartas ao marquez de Niza, inculcando que a retirada do embaixador devia ser um manejo com que se ameaçasse simplesmente a Hollanda com a interrupção das negociações.[2] Mas

[1] *Ob. Ined.* T. 3.º, Carta ao conde da Ericeira, pag. 124 e 125.
[2] *Cartas* T. 4.º, Carta de 23 de dezembro de 1647.

isto mesmo di-lo elle em termos de proposito ambiguos e cautelosos, e o incidente é anterior á inculcada substituição.

Do mais que fez durante a missão dá testemunho a sua correspondencia com o marquez, desde dezembro de 1647 até abril do anno seguinte, escripta em sua maior parte da Hollanda para Pariz.[1] É curioso acompanha-lo passo a passo em todos os numerosos assumptos que agitou em suas cartas. Logo que chegou a Londres, (26 de setembro de 1647) participou ao marquez que S. M. o mandava a servir em Pariz alguns dias a S. Exc., remettendo-lhe por via do embaixador francez algumas cartas sómente, porque outras havia que só em mão propria, *pois não as podia apartar de si.* Depois, seguidamente, condemna a insurreição de Pernambuco, critica o procedimento do govêrno de Lisboa na perseguição dos christãos novos, não menos que o seu descuido e desmazello sem fornecer aos agentes que tinha no estrangeiro os meios indispensaveis para levarem ao cabo as negociações pendentes; tracta dos ajustes com a Hollanda, insiste na idea da venalidade dos seus homens publicos, menciona a reluctancia da Zelandia, que como

[1] São em numero de vinte e uma as cartas escriptas ao marquez de Niza, as tres primeiras, em 1641, durante a primeira missão, e as dezoito restantes em 1647, e 1648, durante a segunda. Existiram até ha poucos annos ineditas na Bibliotheca d'Evora, e foram pela primeira vez impressas na última edição geral das *Obras* do P. Antonio Vieira, e occupam no 4.º T. das *Cartas* as paginas que vão desde 129 a 199.

mais interessada, era a mais pertinaz na opposição á paz, para obter a qual se deviam sacrificar não só dez mil escudos, senão duzentos mil, com tanto que só fossem pagos depois de feita; faz longas e judiciosas considerações sobre as contínuas tergiversações, e a politica dobre do cardeal; mostra que a liga era imposta mais á França que a Portugal, que á França, em todo caso, como potencia poderosa cumpria dar os soccorros, e não sollicita-los; que taes soccorros todavia se não deviam por nenhum caso comprar a preço de territorios, e muito menos do Rio de Janeiro, que tanto levava os olhos aos francezes; e que pois estava imminente a paz, com exclusão da França, o marquez devia fazer-se grave, e esperar que aos taes *monsieurs* lhes chegasse tambem a sua vez de serem requerentes, e de conhecerem a differença dos tempos. Traça e propõe ao marquez planos de allianças e campanhas, e juntando a acção aos conselhos e alvitres, effeitua a compra de várias fragatas em Hamburgo e as faz carregar de grande cópia de armamento e munições, que despacha para Portugal, onde foram de grandissimo proveito nas batalhas contra a Hespanha, e porque faltasse não só o dinheiro, mas as faculdades para have-lo dos agentes officiaes, empenhou Vieira o seu credito pessoal para realisar aquellas compras.

Estes negocios graves e serios não o impediam de dar-se ás distracções mundanas proprias das côrtes, e da alta sociedade que frequentava, se não é que de proposito as procurava como meio facil e asado para

tomar informações, rastrear os segredos, e regular os proprios actos. O certo é que trajava á secular, e vivia com luzimento á lei da nobreza, assistindo ás reuniões, funcções, solemnidades, e dissertando á sobre-meza em tom ora serio, ora jovial, já sobre os negocios de estado, já sobre assumptos frivolos e amenos, misturando as observações profundas com os ditos galantes e remoques finos e agudos, contentando em tudo aquella admiravel flexibilidade de espirito e de maneiras, e aquella pasmosa aptidão, que tão facilmente e com tanta vantagem sabia amoldar-se a todas as situações de uma vida tão vária, e tão cheia de complicados accidentes.[1]

É verdade que arrebatado pelo ardor do seu caracter, e pelos habitos irresistiveis da verdadeira profissão, o improvisado diplomata deixava entrever a roupeta mal dissimulada, e cedendo o logar ao jesuita e ao theologo, travava nas mesmas occasiões largas e ardentes controversias com os hereges e judeus— genero de exercicio e combate, assevera Barros, em que naquellas regiões do norte, adquiriu uma glória immortal, e triumphos não menos assignalados que nas lutas politicas.[2]

Mas nem as distracções e os prazeres, nem as disputas theologicas, nem as negociações diplomaticas,

[1] *Cartas* T. 4.º—Carta ao marquez de Niza. Haya 12 de janeiro de 1648. pag. 152—54; *André de Barros*, pag. 21.
[2] *André de Barros*, pags. 21, e 329.

nem a correspondencia e as viagens, nem finalmente a prodigiosa actividade de espirito e de corpo, que exigiam estas multiplicadas occupações, apartavam inteiramente o seu pensamento do grande theatro de Lisboa. «Senhor meu, escrevia elle a um ministro da «côrte portugueza, ainda que se augmenta a distancia «e ausencia, posso affirmar com toda a verdade que não «se diminuem, antes crescem cada vez mais as sau«dades. Lembro-me daquellas horas solitarias dessa «secretaria, em que o coração de Vmc. e o meu, como «tão conformes no zelo e no desejo, se costumavam «entristecer ou consolar juntamente; e de uma e ou«tra cousa offerecem cada dia os tempos novas causas, «mas sem aquelle allívio que até por carta me falta «ha cinco mezes.» (*Cartas.* T. 1.º, pag. 7).

Estas pungentes saudades da patria e das secretarias de estado, que as missões no estrangeiro não eram poderosas para mitigar, o trouxeram sem muita demora á suspirada Lisboa, onde o esperavam a antiga privança do rei, as quotidianas conferencias que com elle tinha no paço, as da chamada junta nocturna, o memoravel debate sobre Pernambuco, a instituição das companhias de commercio, e tantos outros negocios a que se arremessou com o costumado ardor, e de que iremos dando abreviada notícia.

Pelo que tinha podido alcançar na Hollanda, conjecturou que Segismundo, o general hollandez em Pernambuco, não tardaria muito que não fosse visitar a Bahia com as suas armas. Chegando a Lisboa,

deu-se pressa a communicar a el-rei as suas conjecturas, e deu traça, propondo um imposto no assucar, com que se comprassem no norte, por via de um negociante de Amsterdão do seu conhecimento, quinze fragatas de trinta peças, a vinte mil cruzados cada uma, e negociando depois, em Lisboa, um emprestimo de tresentos mil crusados, que serviu para aparelhar a armada com que o conde de Villa-Pouca fez levantar o sítio da Bahia, e retirar Segismundo. A negociação do emprestimo a concluiu elle em tres horas, empenhando a sua influencia pessoal só com a sua roupeta remendada com dous negociantes seus amigos e conhecidos do Brazil, quando os ministros, imprevidentes e ineptos o declaravam impossivel, e não sabiam dar-se a conselho na presença do perigo imminente.

Em vespera de S. João, dos paços de Alcantara, sobre o Tejo, lembrou a el-rei um meio engenhoso de celebrar a festa do seu Santo, com trinta e nove fogueiras, mandando queimar outras tantas caravelas que dali se viam ancoradas no rio, porque as caravelas, dizia elle, eram escholas de cobardia, onde a victória consistia na fuga, e que ordinariamente ao primeiro tiro entregavam a substancia do Brazil, cujos habitantes eram por isso lá chamados lavradores de Hollanda. O conselho, bem acerbo, e bem aproveitado, foi causa que por fim tanto na marinha de guerra como na mercante, já se não viam senão navios grossos e alterosos, capacissimos para os combates.

Outro alvitre de não menor alcance foi o da transplantação das drogas e especiarias da India para o Brazil, onde nasciam e se davam perfeitamente, mas donde el-rei D. Manoel, para melhor conservar o monopolio do commercio do Oriente, as mandou arrancar, sob pena de morte, escapando da geral destruição só o gengibre, do qual se disse com graça, que conseguíra escapar, mettendo-se pela terra dentro, como raiz que era. Perdida a India, e renovada a cultura dellas no Brazil, conduzidas a Portugal com viagem e despeza tanto menor que as navegavam os hollandezes, e vendendo-se a muito menor preço, ficavam os mesmos hollandezes arruinados, e a India restaurada sem guerra.

A fama de uma tal e tão transcendente capacidade que abrangia tudo, encheu a Europa, e os graves politicos de Roma admirados, diziam: *Nós atégora cuidavamos que Portugal se não podia conservar; mas pois elle tem homens, que sabem escogitar semelhantes arbitrios, já não duvidamos da sua conservação.*

Tudo isto é o proprio padre que no-lo refere com a mesma complacencia e desvanecimento com que ostentava a sua roupeta;[1] mas tudo isto é muito menos importante que a missão a Roma de que foi encarregado em 1649 com o duplo fim de negociar o casa-

[1] T 3.º de *Ob. Inedit*, Memor. ao P. Reg., pg. 8. Cartas ao conde da Eric. 118, 119, 121, e 122, *Cartas* T. 4.º, Carta a D. Ribr. de Maced. pag. 46.

mento do principe D. Theodosio com a filha do rei de Hespanha, e de promover simultaneamente a sublevação do reino de Napoles, então sob o dominio do mesmo monarcha.

De todas as missões diplomaticas de que foi por vezes encarregado o P. Antonio Vieira, é esta a unica de que podemos alcançar informações mais largas e positivas, graças á conservação das cartas em que D. João IV formulou as instrucções secretas, pelas quaes o jesuita devia regular o seu procedimento. O mesmo André de Barros, de ordinario tão omisso e tão obscuro nestes assumptos, nesta missão de Roma é mais claro e copioso, seja que colhesse nas referidas instrucções as noções que nos transmitte, seja que encontrasse acerca della algumas noticias no diario, que tantas vezes cita, e que se perdeu, e no qual o P. Antonio Vieira costumava apontar os successos principaes da sua vida.

A primeira das duas cartas do monarcha, extenso papel dividido em vinte e sete capitulos, ou artigos, e datado em Lisbôa a 11 d'outubro de 1649, carece de uma detida analyse, para que o assumpto fique mais completamente esclarecido.[1]

[1] Museu Britannico de Londres. Collecção de MMs. Addicionaes. T. IV Cod. n.º 15198 fol. 130. Na Bibliotheca da Acad. R. das Sciencias de Lisbôa acham-se duas cópias da mesma Carta, sob o titulo de—Memorias Politicas d'el-rei D. João IV, D. Affonso VI, e D. Pedro II. Gab. 2º, Est. 20, nº 5;—Gab. 5º, Est. 13, nº 5. Esta última é mais correcta. São as mesmas que cita interpoladamente André de Barros.

Começa el-rei por manifestar ao padre a grande confiança que fazia no seu grande juizo e fidelidade, qualidades de que fiava o bom successo dos arduos negocios que lhe commettia naquellas instrucções secretas, e mediante o qual esperava depor o mais pesado dos cuidados com que vivia desde a sua restituição á corôa do reino.

Um dos negocios era promover uma sublevação no reino de Napoles, conseguindo por esse meio fazer uma diversão ás fôrças de Castella; de modo que ao mesmo tempo que a sublevação se operasse fossem os napolitanos se capacitando de que o fim principal que nisso se levava era o proprio bem e remedio delles.

Para obviar ao que poderia haver de indecoroso ao hábito do padre nestes manejos, devia elle acompanhar-se de Manoel Rodrigues de Mattos, agente da corôa em Liorne, que era quem em Roma devia figurar em quaesquer ajustes. O padre devia communicar sempre com elle o mais secretamente que lhe fosse possivel, de modo que os napolitanos por nenhum caso suspeitassem que era o mesmo padre quem dirigia as cousas—Mattos entretanto sería mero executor das suas determinações e nunca poderia concluir ajuste algum sem ordem expressa sua.

Logo que chegassem a Roma, Mattos se devia entender com o marquez de la Caya, e outros refugiados napolitanos, sem fiar-se muito nelles, e tractando por si mesmo de apurar o verdadeiro estado das

cousas; e se fosse necessario, passaria a Napoles a entender-se directamente com o duque de Barcellone, e diversos outros grandes e titulares descontentes e impacientes do jugo hespanhol. Ficava a seu arbitrio gastar neste empenho as quantias que julgasse necessarias, e que se mandavam pôr á sua disposição. O P. Antonio Vieira diz, e André de Barros repete que foram 600 mil cruzados.[1]

Comtudo, não se devia dar impulso a esta sublevação, emquanto houvesse esperança de que a corôa de França, ou directamente em seu nome, ou pelo principe de Condé, tomasse a si a empreza; mas se com a dilação se arriscasse o seu bom êxito, poderia o padre intenta-la immediatamente, o que se deixava ao seu arbitrio e discrição.

O outro negocio era promover o casamento do principe D. Theodosio com a infanta, filha e unica herdeira dos reis de Castella, para o fim da união dos dous reinos. Mas sería conveniente não aventar este negocio, antes de começarem os movimentos de Napoles, porque assustada com elles, e apertada por todos os lados, era de crer que em taes conjuncturas Castella prestasse ouvidos á proposição com menos repugnancia.

Entre os maiores empenhos daquella potencia, eram

[1] P. 3º de *Ined.* Memorial ao P. Reg. pag. 83. André de B. Vid. pag. 30, mas nas instrucções que temos á vista, não se taxa quantia.

os principaes sujeitar Portugal, e casar a infanta com principe natural, evitando os numerosos inconvenientes dos casamentos estrangeiros. Com o casamento proposto se alcançavam simultaneamente os dous fins, pelo que senão a côrte, já muitos hespanhóes acolhiam favoravelmente a idéa delle, pelas muitas vantagens que d'ahi se auguravam á nação, já cançada das allianças austriacas, que a empenhavam em guerras incessantes, e exhauriam as suas finanças sem nenhum proveito seu, alem de que a nobreza e os grandes mal podiam comportar a arrogancia e sobranceria dos principes daquella casa.

Já com D. Theodosio a cousa era mui outra; parente da infanta por seus ascendentes, e da casa de Bragança, de que descendiam quasi todos os principes da christandade, e sem dúvida o maior que vivia na Hespanha, fallando quasi a mesma lingua, e tendo todas as qualidades indispensaveis para bem governar com doçura e amor, e em grande vantagem dos subditos, offerecia com seu casamento na sua pessoa as duas condições que Castella desejava, conseguindo-se por meio delle com suavidade a união das duas monarchias, celebrando-se a paz, e, descançando os vassallos de tantos trabalhos e sobresaltos, e pondo-se alfim termo a tantos desastres, e a tanto sangue derramado durante dez annos de guerra encarniçada.

Mas não se engane Castella; o casamento indicado é o unico meio de se a união conseguir; procurar ou-

tro qualquer, é cegueira e loucura, e admittir a sua prática, deslealdade. Attenda ella bem que nesses dez annos de guerra, tem elle rei alcançado assignaladas victórias, rendido praças, recuperado as conquistas perdidas durante o dominio della, restaurado o commercio e as finanças, celebrado allianças com as potencias estrangeiras, soccorrido a França. Tinha actualmente uma poderosa armada no Brazil, e estava aparelhando outra, afóra a da companhia, que havia pouco tinha partido, tão poderosa e luzida que passava de setenta navios, os mais delles de grande fôrça. O valor, desciplina, e pericia dos seus exercitos e capitães não tinham inveja aos melhores da Europa; e a união e conformidade dos vassallos para o fim de manterem a independencia, nada deixavam a desejar, porque sabiam todos que no seu valor unicamente estava a segurança da sua vida, honra, e liberdade, e não nas promessas do inimigo, tantas vezes fallidas em cabeça propria, e agora na alheia dos napolitanos, a quem não valeu o perdão com que os enganaram.

O casamento portanto devia fazer-se com as seguintes condições. Não tendo el-rei de Castella filho varão, como até agora não tinha, succeder-lhe-hiam a infanta e o principe, reunidos sob o mesmo sceptro Portugal e a Hespanha; se porém sobreviesse, reinariam aquelles em Portugal, politicamente separado, mas com estreita alliança na paz, e na guerra.

Duvidando el-rei de Castella tractar com elle D. João

IV com o nome de rei, tractar-se-ha em nome do reino.

E se ainda lhe custar a tragar que o mesmo D. João IV reine durante sua vida, e fique a infanta sua filha sem reino durante todo esse tempo; tal é o amor que consagra ao principe seu filho, e a muita confiança que faz do seu juiso, está el-rei resoluto a renunciar nelle a corôa desde logo, pois a tudo prefere a paz, e o socego dos seus vassallos.

Consummado que fosse o matrimonio ficariam os principes vivendo onde se julgasse mais conveniente; e podiam tambem estipular-se logo os soccorros que Portugal havia de prestar á Hespanha para debellar todos os seus inimigos. Napoles se aquietaria depois com facilidade.

S. Santidade, como tão empenhado na concordia dos principes christãos para rebater o Turco, podia dar a mão a este negocio, mas procedesse o padre cautelosamente tanto com elle, como com os cardeaes, *porque* (dizia el-rei expressamente) *de tudo e de Roma me ensina a desconfiar a experiencia.*

A prática do mesmo negocio, ou com os ministros de Castella que encontrasse em Roma, ou com pessoas suas privadas, devia abri-la com summa indústria e destreza, fallando em simples conversação, insinuada com mostras de indifferença, e como religioso e portuguez que se dóe de tantas desgraças originadas do odio de dous povos irmãos, cujas armas unidas seriam invenciveis em Flandres, na Italia e na Ca-

talunha; e bem que houvesse de fallar em seu proprio e privado nome, devia afiançar que pelo que sabia e conhecia do reino, a alliança sería nelle acolhida com favor e alvorôço.

Quando lhe parecer que o negocio está assaz maduro e firme, então poderá dar um papel com a substancia das rasões já indicadas, e das mais que julgar convenientes, e ficavam a seu prudente arbitrio, por que em summa *a melhor instrucção que elle levava, era a sua prudencia, tão experimentada por el-rei em tantas, e tão importantes occasiões;* e sendo as ditas rasões bem aceitas, em Roma, Madrid, ou qualquer outra parte, lá iria onde cumprisse, e munido de salvo-conducto; e depois da negociação ajustada sob condição, viesse elle pessoalmente, ou escrevesse compridamente, para se dar conta aos cavalleiros, e estados do reino, e com approvação de todos se assentar o melhor.

Vejamos primeiro como procedeu o jesuita na execução destas instrucções; diremos depois o nosso juizo sobre todos estes solapados enredos de uma politica immoral e cobarde. O P. Antonio Vieira partiu de Lisboa a 10 de janeiro de 1650, e no mez seguinte chegou a Roma, onde logo começou as suas operações.

Quanto á sublevação de Napoles, André de Barros nos informa laconicamente que o padre, sondados os abysmos daquelle perturbado mar, e bem ponderados os prós e os contras, não achou fundamento para Portugal empenhar-se em tal facção. E é certo que

el-rei, escrevendo-lhe em 16 de abril, depois de renovar-lhe com expressões lisongeiras a segurança da sua satisfação pelo zêlo e fidelidade com que o servia o padre, lhe diz que, depois da sua carta, escripta de Roma a 27 de fevereiro, ficou fazendo dos negocios de Napoles menos vantajoso conceito, e que se estivera tão bem informado desde o começo, ainda tivera procedido mais cautelosamente, e que muito cuidado lhe teriam elles dado, se os não houvesse confiado a uma fidelidade e juizo tão provados. Então torna a recommendar-lhe que por modo algum empenhe o nome e auctoridade real em semelhante negocio; os que nelle entrassem, deviam faze-lo por sua conta e risco, por maneira que se tivessem ruim fortuna, el-rei não ficaria em obrigação alguma de os remediar. Entretanto, conclue auctorisando ainda o emprego de meios pecuniarios, e enviando até uma firma em branco para se poder passar uma terça de renda vitalicia a favor de certo indivíduo que se pretendia corromper. [1]

Mas tendo o jesuita chegado a Roma a 16 de fevereiro, como é que no curto espaço de onze dias pôde

[1] Veja-se a referida carta de 16 de abril, no Museu Britannico de Londres, e na Bibliotheca da Academia das Sciencias, em Lisboa, nos logares indicados supra—André de Barros tambem a transcreve parcialmente—Notam-se nella as seguintes expressões dirigidas por el-rei ao padre: «Tive contentamento de sa-«ber que nem o mar, nem o ruim tempo, nem a pouca saude «com que partistes, nos foi impedimento á jornada; sempre o «gôsto de vos occupardes em meu serviço, foi o melhor remedio «para vossos achaques.»

inteirar-se tão perfeitamente das cousas de Napoles, de sua natureza secretas e complicadas, para poder formar o seu juizo, e proferir um voto negativo? Quaes foram as graves considerações que o abalaram? André de Barros, allegando-as, não as explica. Não será temeridade suppor que o jesuita, dominado pelo seu hábito inveterado de ceder e recuar diante das crizes imminentes, nesta occasião como nas outras, careceu da audacia e resolução com que se affrontam e vencem os grandes perigos; unindo-se por ventura a esta inveterada frouxidão de ánimo o ardente desejo de levar por diante a outra parte da sua missão, deslumbrado o seu espirito com as suppostas vantagens da alliança hespanhola, que receou comprometter com aquella manobra hostil, e sacrificada por este theor uma diversão poderosa e efficaz, á uma vã chymera. O certo é que Francisco de Souza Coutinho, homem positivo e prático, e cujo espirito provavelmente se não aprazia em concepções phantasticas, foi de contrário parecer, e em 1651 escrevia de Pariz a el-rei que o marquez de la Caya tinha o emprêgo por mui facil, e attribuia o mallogro della á indiscripção, e falta de tino do agente Rodrigues de Mattos, não menos que á sua mesquinhez em dispender. Pretendia elle ir a Lisbôa para a persuadir de novo a S. M., e pedir-lhe que o confrontasse com o P. Antonio Vieira, e Rodrigues de Mattos, afim de destruir em sua presença todas as objecções. Mas Souza Coutinho o dissuadiu da viagem, fazendo-lhe ver que se

ambos elles foram assaz poderosos para obrar em Roma daquelle modo, e para o fazer passar por bom em Portugal, baldados seriam os seus esforços para persuadir ali o contrário. Tão bem dispostas estão as cousas de Napoles, concluia o embaixador, que um destes dias me disse o cardeal Gremaldi: *Ali está aquelle reino, porque não ha quem queira lançar mão delle.*[1]

E ainda em setembro seguinte (carta de 19 de setembro) insistia que sería grande labeo não intentar aquella facção.

Na negociação da alliança hespanhola, (assim como na empreza de Napoles) toca o padre Vieira em termos mui summarios;[2] com que, para sabermos como

[1] Carta de 8 de maio de 1651. Collec. da Acad. Real das Sciencias—Gab. 2º Est. 5º, nº 1.

[2] Eis tudo quanto achamos escripto pelo padre a tal respeito: «De Roma veio aviso a Manoel Alvares Carrilho, e um enviado de Napoles, depois de a restaurarem os castelhanos, que aquelle reino se queria entregar a el-rei de Portugal. E como me mandou el-rei a Roma, com poder de examinar este negocio, e resolver por mim só, e se dispenderem por ordem minha seiscentos mil cruzados, que lá tinha S. M.? » (Cart. ao Conde da Eric. T. 3 de *Ineditas*, pag. 127 e 128.)

«No mesmo anno (1650) sahiu de Roma (o P. Antonio Vieira) no meio dos caniculares, com evidente risco de vida, obrigado da grande potencia que então tinha Castella naquella Curia. «A occasião foi haver sabido el-rei de Castella os intentos de «Napoles por revelação, como se crê do sujeito (Sebastião Cesar) «nomeado no mesmo tempo embaixador de França, a quem se «deram as instrucções do P. Antonio Vieira, como ao P. Antonio «Vieira as suas *

«Foi instrumento desta expulsão o duque do Infantado, em«baixador de Castella, o qual disse ao geral da companhia que o

* Não esqueçamos aqui, que o marquez de la Caya, um dos chefes dos conjurados de Napoles, attribue o mallogro da empreza, senão á indiscrição do padre Antonio Vieira, pelo menos á de Rodrigues de Mattos, seu agente subordinado e immediato.

se nelle houvé, não temos mais a quem recorrer senão ao seu biographo (André de Barros, Vida do P. A. Vieira, pg. 26 a 30.) Este assegura que a notícia que della nos dá é *indubitavel*, e fundada em *documentos certos*. Segundo resulta da sua narração foi com tres padres hespanhóes, jesuitas tambem, e um delles tio do duque do Infantado, embaixador de Castella junto á Curia, que Vieira iniciou o assumpto, insinuando-se dextramente em conversação particular, e lastimando-se, como de religioso para religioso, do muito sangue hespanhol e catholico que se estava derramando nas fronteiras. em tanto que os hereges medravam com taes divisões, Depois, gradual e cautelosamente, e como meio prompto de pôr termo a esta guerra fratricida, passou á idéa do casamento da infanta de Castella com o herdeiro da casa de Bragança, *reconhecido e celebrado no mundo pelo principe mais perfeito de toda a Europa*, e o mais digno da mão da infanta, a quem *levaria em dóte Portugal, e tudo quanto Portugal possuia em ametade do mundo*. O meio da conquista com a espada em punho que intentava a Hespanha, quando Portugal o buscava com o amor, mostrava a experiencia de dez annos quanto era illusorio; e ainda que a contrária opinião tivesse alguma probabilidade, quanto sangue se havia de derramar, quantos annos esperar o

«seu rei lhe ordenava em todos os estafetas que não consentisse «ao P. Antonio Vieira em Roma, e que se elle geral o não fazia «sahir, elle embaixador o havia de mandar matar.» (Idem Memorial ao Principe Reg. pag. 83 e 84.

fim desta contingencia? *Não era melhor* e mais seguro conselho, assim como *tudo se perdeu* em um dia, *recuperar tudo* em um dia, sem golpe de espada? por ventura fôra mais decente a paz com os hollandezes, dando-lhes o dominio de sete provincias, do que seria a paz com os portuguezes, *não lhes dando cousa alguma, mas recebendo de contado quanto elles possuiam dentro e fóra do reino? onde se deve muito notar que o que era Portugal, só dentro em si, eram partes e membros da mesma Hespanha, com que esta, e a monarchia se tornariam a repôr na sua total inteireza.* Finalmente, com esta reunião, e *Portugal restituido*, e juntas todas estas armas, as de Portugal e as suas, *seriam todas suas no mesmo dia*, e ficaria a Hespanha em muito mais poderoso e florescente estado que quando o tinha sujeito, e tão fórte e tão formidavel, que seria o amparo dos amigos, a reverencia dos neutros, e o terror de todos os inimigos. A todas estas immensas vantagens, punha o jesuita por unica condição que em tal caso seria Lisbôa a cabeça e capital de toda a monarchia.[1]

Certas rasões victoriosas, conclue Barros, calaram no ánimo de todos os illustres hespanhoes residentes

[1] Esta condição não vinha expressa nas instrucções, mas o padre, como vimos, tinha ampla faculdade para obrar como julgasse conveniente. Em contrário, de outras condições expressas nas mesmas instrucções, não se faz aqui menção alguma, sem dúvida porque não deram tempo ao padre de entrar nesses pormenores.

em Roma, mas transmittidas a Madrid, só provocaram o desabrimento e a cholera.

Apesar de andar ha tantos annos impresso o livro de André de Barros, é grande o assombro e a surpreza que nos salteia, ao desenredarmos estas tenebrosas negociações, traçadas por taes agentes nas instrucções secretas, que o livro impresso commentou incompletamente, sim, mas sem hesitação nem rebuço.

E' quasi impossivel duvidar que as fórmulas empregadas nas conferencias são do proprio P. Vieira, cujo estylo revê evidentemente no transumpto do seu biographo, que parece haver transcripto de algum relatorio do negociador que tinha á vista, e infelizmente se extraviou, ao demais de nos haver já afiançado que escrevia baseado em documentos certos e indubitaveis.

Não é nosso proposito discutir aqui esta complicada e espinhosa questão da união iberica, sempre pendente, e sempre ameaçadora; limitamo-nos a encarar os factos do ponto de vista da independencia absoluta de Portugal, que em presença da opinião e do mundo era o mesmo destes negociadores, que no segredo dos seus gabinetes a sacrificavam com tão pouco escrupulo. Assim uma velha nacionalidade de cinco seculos, duplamente consagrada e remoçada, pela exaltação da dynastia de Aviz, e pela recente revolução de 1640; o sangue, e os thesouros sacrificados nas guerras passadas e presentes; a longa oppressão de sessenta annos, os esforços empregados durante os

ultimos dez annos para evita-la, as antipathias nacionaes, o odio do estrangeiro, o amor da liberdade e da independencia, tudo era esquecido, a trôco de uma simples accommodação dynastica. Por este preço Portugal cedia tudo, nem sequer se empregavam as attenuações costumadas da linguagem para o disfarçar; Hespanha recuperava simplesmente o que era seu. No dia mesmo da alliança, as armas que se empenhavam na fronteira em luta fratricida, marchariam unidas a domar os rebeldes da Catalunha, e ainda os de Napoles, levantados sabemos bem á cuja voz e instigações, e seriam apontadas ao coração da França onde até então Portugal mendigava auxilio e protecção, que Mazzarino pela sua parte lhe regateava. Mas ao menos, nessa famosa paz dos Pyrineos, tão justamente qualificada de assaz indecorosa pelos politicos portuguezes, limitou-se a França ao abandono, sem estipular com o inimigo da vespera ajudas com as suas armas a opprimir o alliado trahido.

Dir-se-hia, á vista dos termos empregados, que não havia ali um povo, uma nação, nem direitos de qualidade alguma que respeitar e consultar. Era uma simples questão entre senhor intruso, e senhor legitimo, restituido á posse da antiga propriedade dos seus maiores, que havia por bem ceder dos seus direitos pessoaes, a trôco de um throno maior, e sobretudo mais solido, para o herdeiro de seu nome. Allegavam-se tambem os beneficios da paz, e o repouso dos pobres vassallos, cançados e exhaustos de tantos an-

nos de desastrosas guerras; salvo aos negociadores o expediente, de que effectivamente usaram depois, uma vez mallograda a negociação, de evocar de novo os sentimentos de patria e liberdade, agora tão indignamente calcados e trahidos.

Debalde se allegaram as condições postas como, a approvação das côrtes, um principe portuguez exaltado ao throno commum, em penhor de segurança, Lisbôa emfim, capital da grande monarchia, e outras phantasticas estipulações, só encaminhadas a dourar os ferros, e a mascarar a entrega.

O principe era exaltado ao throno, em proveito esclusivamente seu, e do inimigo, que assim d'um golpe esquivava todas as difficuldades de uma alliança matrimonial, e recuperava sem trabalho um reino perdido. Além de que, circumdado de uma côrte, onde predominaria em enorme desproporção o elemento hespanhol, sería o principe, o primeiro absorvido e transformado.

A approvação das côrtes não passaria de uma dessas ceremonias apparatosas, que se costumam representar nos dramas em que os povos são as victimas, para dissimular o horror do sacrificio, e sem que todavia nem sejam poderosas nem para aquietar a consciencia perturbada dos sacrificadores. Desorganisada a defeza, desarmadas as resistencias, e degollados como traidores os que ousassem protestar, como succedêra na quasi pacífica invasão de Felippe II, o voto de approvação sería proferido em presença das ar-

mas recentemente alliadas, chamadas a garantir a sua liberdade, e tanto mais facilmente que a complicidade dos chefes da nação acresceria desta vez ás que então comprára o ouro e a astucia do despota hespanhol.

Se jámais houve clausula illusoria para não dizer fementida, foi a de estabelecer-se em Lisbôa a capital da grande monarchia. Ou ella se transformaria dentro de poucos annos em uma cidade hespanhola (como mais tarde havia de succeder ao reino todo) passando-se para ella em massa a turba immensa dos grandes, cortezãos, funccionarios, e tropas de Madrid, ou depois de uma temporaria residencia, concedida por mera compostura, se é que a concederia, a côrte se estabeleceria definitivamente onde mais lhe conviesse, ou a attrahisse forçosamente, pelo seu peso e influencia, a parte principal e preponderante da nação. São tão obvias as rasões que concluem para este resultado, que se torna perfeitamente escusado o produzi-las; baste o juizo desapaixonado do proprio P. Antonio Vieira, que em 1676, dando parecer sobre o casamento da infanta, filha do principe regente, depois D. Pedro II, oppoz-se formalmente a que fosse contrahido em Castella, pelas rasões (parece incrivel que as désse o mesmo homem, e mais sendo as circumstancias incomparavelmente mais favoraveis) de que, illudida facilmente a promessa de residir a côrte em Lisbôa, só feita por Castella com ánimo enganoso para introduzir-se, com o casamento, isto é, dando a

princeza e a corôa, Portugal não faria mais do que *comprar o antigo captiveiro!* [1]

[1] Posto que a citação seja longa, não podemos vencer a tentação de a dar neste mesmo logar, para que o leitor admire mais promptamente o contraste das duas opiniões do jesuita cortezão, e a pasmosa flexibilidade com que sabia passar d'uma a outra, e molda-las sempre ao sabor das côrtes, onde era, ou onde aspirava ser valido. E ainda cumpre advertir que em 1676, já reconhecido o reino, havia muito, como potencia independente, e tractando-se de um casamento livremente estipulado, o perigo para a sua independencia e autonomia era incomparavelmente menor que em 1650, quando Castella o considerava em rebellião, e procurava sujeita-lo pelas armas, não sendo o casamento então ventilado mais que uma transacção, para alcançar-se o perdão, depondo o rei rebelde a corôa para aplacar a cholera do legitimo soberano offendido, e reposto tudo o mais no antigo estado. Eis a passagem alludida:

«Supposto, Senhor, que havendo V. A. de dar estado á prin-«ceza que Deus guarde, não deve ser sómente com attenção á «grandeza, magestade, e maior decóro de suas reaes pessoas, «*senão tambem, e muito em particular, ajustando o respeito com* «*as conveniencias do reino*, de cujo corpo V. A. é cabeça, e ao «qual a pretende dar. E porque um corpo politico, quando se «une a outro, segundo este fôr maior ou menor, ou se perde, ou «se melhora; assim como a fonte entrando no rio se perde, e o «rio se augmenta; daqui supponho tambem que o principe, que «V. A. deve eleger, e o estado a que o reino se deve unir, hade «ser de tal grandeza e proporção, que nós o levemos a elle, e «não elle a nós, e que haja de ser parte de Portugal, e não Por-«tugal parte sua. *Donde totalmente ficam excluidas desta con-*«*sideração as duas corôas de França e de Castella.*

«E posto que Castella, pela visinhança, nos poderia tirar ou «saborear este risco, com a promessa de passar a sua côrte a «Lisbôa, (como já em outro tempo se praticou) é certo que nem «os outros reinos de Hespanha hão de vir nisso, nem em caso «que ao principio o fizessem, por se introduzir, o haviam de con-«tinuar, *não só pela dissimulação e engano de uma tal condição,* «*mas pelos verdadeiros inconvenientes que della necessariamen-*«*te haviam de resultar; com que a côrte se tornaria ao coração* «*de Hespanha, onde está ha tantos annos, e nós neste caso com* «*a nossa princeza e corôa tornariamos a comprar o antigo ca-*«*ptiveiro*.....

«Posto este principio, em que devem convir todos os que

Ao escrevermos este capitulo da missão a Roma, façamos uma derradeira consideração, se rigorosa e severa, nem por isso menos justa. Grande foi sempre a reputação do jesuita Antonio Vieira como portuguez extremosamente amante da sua patria. D. João IV andou sempre em fôro de restaurador da independencia nacional, e ainda hoje, passados mais de dous seculos, como tal o festeja e aclama o espirito anti-iberico do povo suscitado e avivado diante de novas ameaças de annexação; mas a história imparcial, compulsando os documentos, pesando as acções, e fundando-se na propria confissão dos culpados, pronunciará sem escrupulo e sem piedade que se nesta tremenda crize, a alguem deveu Portugal a sua salvação, foi ao monarcha hespanhol, que na sua cegueira e imprevidencia politica refusou a compra que se lhe offerecia por preço tão vantajoso. Nos conselhos da sua politica não podem ainda ter entrada a idéa de uma transacção com o reino rebellado, e a esperança de o sujeitar emfim pelas armas, ainda o animou bem perto de dezoito annos; e no seu orgulho de monarcha omnipotente, foi talvez maior a estranheza e o assombro que a cholera, ao ouvir a proposição de uma alliança matrimonial da parte de um vassallo, réu de alta traição, e

«amam o nome e a conservação de Portugal, cuja duração con-«siste na separação restituida a V. A., com tanta felicidade e «tanto sangue.... &&. *Obras Varias*, T. 1º. *Papel em respos-«ta ao Principe D. Pedro, pelo qual consta o que elle lhe orde-«nára*—pags. 197, e 198.)»

presa já porventura destinada ao verdugo, nos seus sonhos de triumpho proximo e infallivel, e tanto menos digno de contemplação, quanto no momento mesmo em que por uma parte a implorava, por outra aggravava a culpa antiga, favoneando a conspiração de Napoles.

Já vimos como o agente desta trama abortada teve de sahir apressadamente de Roma, para pôr a salvo a propria vida ameaçada pelo embaixador hespanhol; expulsão que dobradamente lastíma o seu biographo, porque estorvou o jesuita, nunca esquecido do serviço do rei do céo ainda que todo absorvido no do rei da terra, de concluir um memorial sobre a conversão dos hereges do norte (como quem tinha apalpado as causas que a difficultavam) afim de o apresentar ao papa. A posteridade porém será pouco sensivel a este contratempo, pois quanto a nós o memorial que devia produzir o milagre da conversão, elaborado entre os enredos tenebrosos de uma politica immoral, não passaria d'uma dessas concepções cerebrinas e absurdas, pelo theor do *Quinto Imperio*, e da *Clave dos Prophetas*, que mais deslustram, que recommendam o seu talento.

Restituido, mais cedo do que esperava, e mau grado seu, á patria que tanto se esforçára por avassallar a jugo estranho, deu-se com o principe, cujo nome foi tantas vezes assumpto dos seus planos e em cuja vida e reinado fundava elle largas esperanças de fortuna e valimento, um incidente de que o quizeram

culpar depois, mas no qual sem dúvida não tomou outra parte, além dos votos calorosamente expressados de longe, e com grande antecedencia ao successo.

Sabida cousa é que D. João IV foi de ánimo tão pouco bellicoso, que nos dezeseis annos decorridos depois da sua acclamação até o seu fallecimento, nunca tomou a menor parte na guerra incessante que pela conservação do seu throno se fazia nas fronteiras a pouca distancia da capital, e quasi á vista, podemos dize-lo, da tapada do seu antigo solar de Villa-Viçosa, onde a paixão da caça ainda o attrahiu uma ou outra vez. Foi sempre em vão que se lhe representou, até por parte dos embaixadores das potencias alliadas, quanto importava á estabilidade do seu throno o prestigio da glória militar, e de uma grande batalha, ganha debaixo do seu commando. O proprio P. Antonio Vieira, tão seu apaixonado, sentia tanto os inconvenientes desta frouxidão de ánimo, que quando no *Quinto Imperio* o resuscita para conquistar o imperio do mundo, o figura animado na segunda vida de um ardor marcial desusado e desconhecido na primeira.[1]

Não se póde hoje bem ajuizar se o principe D. Theodozio, cortado em flôr aos dezenove annos de idade se mostraria com o tempo mais bem sorteado em qualidades militares. A adulação dos valídos no-lo figura uma especie de prodigio, objecto da admiração da Europa, e reunindo, em tão verdes annos, a

[1] *Obr. Ined.* P. 1.ª *Quint. Imp.*—pags. 122, 123.

todos os talentos e virtudes imaginaveis, uma erudição profunda e variada, a sciencia das linguas, da philosophia, da medicina, do direito, da politica, da theologia, e das mathematicas, sem que os estudos serios empecessem em nada as prendas de cavalheiro. (*Port. Rest.* T. 2 P. 1ª L. 12 pag. 421). Não contava elle ainda bem doze annos e já o P. Antonio Vieira escrevia a seu respeito ao marquez de Niza. «Todo o encare-«cimento é curto para as excellentes partes de que Deus «o tem dotado. Não ví engenho em muito maior idade, «que tanto me admirasse; lê e entende o latim perfei-«tamente; argumenta nas questões da philosophia e «politica com grande juizo. *Na astrologia judiciaria «é tão intelligente que compoz o prognostico deste anno «com notavel disposição, estylo, e propriedade.* Eu pas-«mei de o vêr responder a argumentos que lhe pro-«puz, e de o ouvir approvar e refutar auctores e opi-«niões com tanta segurança e intelligencia como um «mestre muito versado.»[1]

Em um sermão prégado nas exequias do principe, no Maranhão, disse delle o padre em termos formaes: «Com os religiosos da companhia se confes-«sava S. A.; aos religiosos da companhia consultava; «pelos livros dos religiosos da companhia lia; e se «entre os maiores ou menores cuidados do estudo e «do govêrno havia de tomar uma hora de recreação, «com os religiosos da companhia a tomava. Muito

[1] *Cartas*—T. 4. pag. 131—C. de 4 de fev. 1640.

«perderam os religiosos da companhia no principe D.
«Theodozio . . . . . .
« . . . . . .

«Que cousa mais propria de um principe que o sa-
«hir a passear, o apparecer, o espairecer, o gostar
«de vêr e ser visto, o desempedrar as calçadas com
«os cavallos, com as carroças, o alvoroçar as ruas,
«o revolver as praças, o tirar todo o mundo ás por-
«tas, ás janellas, o ouvir os applausos, os vivas! E
«o principe que fazia? Ninguem o via nunca fóra do
«paço, senão ou quando acompanhava el-rei, ou ago-
«ra ultimamente quando sahia a desenhar as fortifi-
«cações da cidade; o demais tempo estava recolhido
«no paço como um capucho. Oh Senhor! Que bem
«vos estaria o traje, quando mandastes que depois de
«morto vos vestissem o hábito de S. Francisco! Mui-
«tos ha que depois da morte folgam de ser capuchos
«no hábito: vós o fostes depois da morte no hábito,
«mas muito mais em vida nos hábitos.»[1]

Em 1650, a côrte portugueza, já mal frouxamente assistida pelos seus tibios alliados, ameaçada pela Hollanda, e assoberbada pela Hespanha, teve ainda a imprudencia de provocar as hostilidades da Inglaterra, tractando como com potencia estabelecida com Carlos II, que corria foragido a Europa, e recebendo em Lisbôa, com navios armados, e prezas feitas sobre os parlamentarios, aos denominados principes pala-

[1] *Sermões*—T. 3.º pags. 69, 70, 74, 75.

tinos, que seguiam as partes do pretendente; imprevidencia, que se comprehende e desculpa aos impetos generosos da mocidade, e da inexperiencia, mas que causa estranhesa n'um govêrno sério e sensato, e já de si mesmo em uma situação tão difficil.

Na deliberação tomada para resolver-se se a esquadra do parlamento sería admittida sem opposição no Tejo, onde pretendia render e capturar os refugiados, o principe D. Theodozio votou pela negativa, em um discurso escripto em latim, e no qual, entre muitas considerações, proprias de um coração generoso, e de um grande principe, notam-se signaes evidentes da sua applicação e progressos no estudo da astrologia. Segundo elle, nada havia que receiar da nova republica, porque dos presagios tirados da apparição de um cometa, de um terremoto, e da peste que affligira a Irlanda e o exercito protestante, a ruina de Crommwel estava imminente. A sua tyrannia não podia durar mais de tres a quatro annos. «Pla-«tão, dizia elle, observa a rasão dos numeros se-«ptenario e novenario, cujo quadrado são quarenta «e nove; e neste anno começou a tyrannia anglicana; «multiplicando sete por nove, são sessenta e tres, e «deste numero, tirando o quadrado de sete, ficam «quatorze—Busque-se a raiz deste quadrado, achar-se-«ha ser menor de quatro. Tantos parece que durará «esta republica.» [1]

[1] *Port. Rest.* T. 2 P. 1ª L. 11. pags. 345. 346. O Conde da Eri-

Cousa singular, com estes elogios concordam as queixas de Souza Coutinho, senão que o resultado que se promettia era bem diverso, e poderão talvez servir essas queixas a esclarecer um pouco mais o enigma do caracter e capacidade do principe, que a morte não deixou decifrar. Deplorava o experimentado estadista as notícias recebidas de Lisbôa. O principe, tocando aos dezoito annos, em vez de marchar para as fronteiras, vivia recluso no paço, rodeado de frades, e mormente de padres da companhia, que não o largavam um momento. Senão aborrecia as mulheres, tão pouco contava que se lhes inclinasse. Emfim, a criação ia seguindo o mesmo caminho da d'el-rei D. Sebastião, e oxalá não perdessem os padres o reino pela segunda vez. [1]

É pelo menos duvidoso que o discipulo dos jesuitas sahisse em tudo um perfeito D. Sebastião, que á exaltação religiosa reunisse a coragem militar e o amor da glória; pelos dados expostos, a vista das esperanças e temores manifestados, era menos arduo esperar delle um novo cardeal-rei. [2] Seja como fôr,

ceira acrescenta que conservava em seu poder esta oração, e outros papeis elegantissimos, escriptos do proprio punho do principe.

[1] Ms. da Acad. Real das S.—Gob J. 2º V. fol. Est. 5 nº 1—Paris—E. de 19 de Set. de 1651.

[2] Na I Parte da *Deducção Chronologica*, ns. 381 a 385, pag. 234 a 239, faz o auctor diversas considerações, perfeitamente analogas ás de Francisco de Sousa Coutinho, acerca da perniciosa influencia que os jesuitas exerciam sobre o principe; e da vida do mesmo principe, por João Baptista Domingues, Cap. IV, ex-

para que a mesma nota de pusillanimidade não desairasse o principe, começaram os fidalgos que o rodeavam a estimular-lhe os brios, para que, esquivando-se aos ocios da côrte, fosse pôr-se á frente do exercito, que combatia pela sua dynastia, afim de participar da sua glória e perigos.

Uma tentativa feita para este fim, e que realisou-se nos principios do anno de 1650, mallogrou-se por motivos, que não chegaram ao nosso conhecimento. Mas em novembro do anno seguinte conseguiu o principe sahir furtivamente de Lisbôa, e dirigindo-se ao Alemtejo, apresentou-se ali ao exercito, que o recebeu com alvorôço entre acclamações.

Dizem que D. João IV vivamente contrariado com este successo, cujo procedimento podia interpretar-se como censura do seu, e cioso do principe, sem lhe reprovar abertamente a facção, queixou-se-lhe todavia de a haver posto por obra sem communicar-lh'a, e lhe mandou varios fidalgos de sua confiança, seja para vigiarem o principe de perto, ou para persuadirem-n'o a voltar. O certo é que o principe, depois de visitar diversos postos, ou porque não compadecesse os rigores dos acampamentos militares e da estação, ou

tractamos o seguinte periodo, assaz significativo sobre o estado do seu espirito, resultado da educação jesuitica. «Apenas tinha «quinze annos, quando principiou a cuidar na reformação dos «mundanos; e sabendo que esta depende principalmente do bom «exemplo dos que governam, lhe deu principio, fazendo voto de «entrar em religião, de guardar castidade, de prégar aos in«fieis & &.»

por lhe faltarem os meios mais indispensaveis, que o pae lhe negou para o seu tractamento, voltou para Lisbôa em menos de dous mezes sem praticar uma só acção de lustre, e não sem passar por Villa-Viçosa, onde matou alguns javalis. Acrescenta-se que acolhido com frieza por el-rei, fôra desde então afastado do conselho de estado, e nunca mais de todo restabelecido na sua graça, até que falleceu.[1]

Foi sem dúvida ao receber em Roma a notícia das disposições que se tomavam para a primeira tentativa, que o padre escreveu ao principe essa memoravel carta, que deu occasião a accusarem-n'o depois de cumplicidade no facto, e onde, se admiram, á feição dos metaes nobres que se misturam ás escorias, sentimentos de uma elevação sem igual, expressados em linguagem magnifica, conselhos baixos e rasteiros, e a manifesta expressão d'um egoismo incuravel, e da peior especie, que sem contentar-se de aspirar exclusivamente ao proprio bem, quer eleva-lo sobre o descredito alheio—mixto admiravel de grandeza e pequenez, que era o caracteristico deste homem notavel. «Meu principe, e meu senhor da minha alma (escre«via elle ao primogenito de Bragança, fallando-lhe na «premeditada viagem ao Alemtejo). V. A. deve hu«manar-se, conhecendo os homens, chamando-os por

[1] *Port. Rest.*—T. 2.º P. 1.ª L. 11º, p. 361 a 363. *Hist. de Port.* composta em inglez por uma sociedade de litteratos, e trasladada por Antonio de Moraes e Silva. Lisbôa—1828. T. 3.º pags. 120, 121, 125.

«seus nomes, e fallando não só aos grandes e media-
«nos, senão ainda aos mais ordinarios, porque desta
«maneira se conquistam, e se conformam os corações
«dos vassallos; os quaes se V. A. tiver de sua parte,
«nenhum poder de fóra será bastante a entrar em Por-
«tugal. Faça-se V. A. amar, e nesta só palavra digo
«mais do que podéra em largos discursos. Conside-
«re, senhor, que esta é a primeira acção em que V.
«A. hade adquirir nome ou de mais ou de menos gran-
«de principe. A idade, o engenho, as obrigações,
«tudo está empenhando V. A. a obrar conforme o seu
«real sangue, e a mostrar ao mundo que é herdeiro
«de seus famosissimos progenitores, não só no sce-
«ptro, mas muito mais no valor. Toda a Europa está
«com os olhos nesta occasião, que é a primeira em
«que V. A. sahe a representar no theatro do mun-
«do.... Não aconselho temeridades..., mas tenha
«Portugal e o mundo conceito de V. A. que antes des-
«preza os perigos do que os reconhece. O que tocar
«á segurança da pessoa, deixe V. A. sempre ao amor
«e zêlo dos seus vassallos, mas não acceitando nesta
«parte conselho que de muito longe possa tocar ao
«decóro. A vida está só na mão de Deus, e esta é a
«occasião em que servem as philosophias que tantas
«vezes ouví a V. A. sobre o desprêzo della.... Eia,
«meu principe, despida-se dos livros, que é chegado
«o tempo de ensinar aos portuguezes e ao mundo o
«que V. A. nelles tem estudado. Armas, guerras,
«victórias, pôr bandeiras inimigas e corôas aos pés,

«são de hoje por diante as obrigações de V. A., e es-«tas as minhas esperanças.»[1]

Até aqui o escriptor eloquente, e soberbamente inspirado, vertendo palavras e conselhos de ouro; agora as fézes, e as preoccupações pessoaes do cortezão ambicioso, e cioso dos demais validos.

«Ah Senhor! Que falta póde ser que faça a V. A. «este fidelissimo criado, e quão poucos considero «com a resolução, valor, e experiencia, que é neces-«saria, para saberem aconselhar a V. A..... Mas já «que na presença não posso, aconselhe a V. A. a mi-«nha alma que toda mando neste papel.... Tanto que «chegar esta nova, V. A., logo, sem esperar outro «preceito, se ponha de curto, o mais bizarro que po-«der ser, e se sahia a cavallo por Lisbôa, sem mais «apparato nem companhia, que a que voluntariamen-«te o seguir, mostrando-se no semblante muito ale-«gre, e muito desassustado, e chegando, vêr e reco-«nhecer com os olhos todas as partes em que se tra-«balhar, informando-se dos designios, e mandando e «ordenando, o que melhor a V. A. parecer, que sem-«pre será o mais acertado; mandando repartir algum «dinheiro entre os soldados e trabalhadores; e se V. «A., por sua mão o fizesse, levando para isso quan-«tidade de dobrões, este seria o meu voto..... S. «M. tem nesta parte uma vantagem muito conhecida,

[1] *Cartas*—T. 1.º pags. 11 e 13—Roma 23 de maio de 1650.

«que é estar de posse, e poder dar, quando Castella «só póde prometter. Como ha poucos Antonios Viei«ras, ha tambem poucos que amem só por amar, e «S. M. não deve esperar finezas, senão contentar-se «muito de que se queiram vender aquelles que lhe «fôr necessario comprar. A polvora, as ballas, os «canhões são comprados, e bem se vê o impeto, com «que servem, e o estrago que fazem nos inimigos; e «mais natural é em muitos homens o interesse que «nestes instrumentos a mesma natureza.»

O auctor da conhecida *Deducção Chronologica*, obra publicada em nome de José de Seabra da Silva, mas que muitos julgam inspirada, senão immediatamente dictada pelo marquez de Pombal, fundado nesta carta, crimina ao P. Antonio Vieira como cumplice na viagem do principe ao Alemtejo, attribuindo-lhe o intento de suscitar a desunião e a discordia entre elle e el-rei, tudo para favorecer os interesses da companhia. Reprova com rasão o auctor a doutrina immoral com que aconselha e estimula o patriotismo, e exceptuado elle e mais alguns poucos, por meio da compra e da corrupção, porém no mais é evidentemente injusto. Além de que o seu espirito de diffamação systematica contra os jesuitas levava este escriptor a excessos e aberrações incriveis, que quasi attingem á manía e ao furor, é evidente da leitura mesma da carta accusada, que o padre se referia a um acto público, e approvado pelo monarcha com quem se communicava na mesma occasião a respeito delle,

que nenhum interesse conhecido tinha em malquistar o principe com o pae, de cuja graça aliás nunca desmereceu; que o facto da sahida secreta deu-se cerca de anno e meio depois da carta, e finalmente que o auctor do *Portugal Restaurado* reivindica para si, e para os mais nobres do sequito do principe toda a glória dessa jornada, aliás infructifera e realmente pouco gloriosa.

Como quer que seja, restituido á patria, o P. Antonio Vieira continuou a conservar a privança d'el-rei e a ter entrada nos seus conselhos até á sua partida para o Maranhão, e ainda chegou a ser despachado para uma missão a Madrid, e outra á Saboya. O jesuita dá como causa de não verificar-se a primeira, uma gravissima molestia que lhe sobreveio. A outra não effeituou-se porque o proprio padre demonstrou a sua inconveniencia. Tractava-se do casamento do principe D. Theodozio.[1]

As causas allegadas seriam as verdadeiras, ou o impedimento partiu da poderosa colligação dos seus numerosos inimigos? A última hypothese não deixa de ter sua probabilidade, pelo que dentro em pouco veremos realisado com o seu destêrro, mas nem por isso estamos habilitado para assegura-lo sem hesitação.

Antes de encerrarmos este periodo tão cheio de vida

[1] Vieira—*Obras Inedit.* T. 3.º Memor. ao Pr. R., pags. 84 85. André de Barros, pag. 398.

do célebre jesuita, é de justiça não omittir algumas circumstancias geraes que muito a ennobrecem.

O seu desinteresse em materia de dinheiros e riquezas nunca se desmentiu um só instante, em tantas occasiões, em que a tentação era tão facil e natural. Até os proventos licitos engeitava, quando tantos outros, em posição muito menos vantajosa, não se descuidariam de enriquecer illicitamente. Nas missões da Hollanda e Roma, teve avultadas quantias á sua disposição em que nem se quer tocou. Para suas despezas pessoaes nessas e outras missões, satisfazia-se com ajudas de custo mui limitadas, pois sempre andava com extrema simplicidade, e sem outra comitiva além de um moço para lhe descalçar as botas, como elle mesmo diz; e ainda assim, se lhe ficavam algumas pequenas dobras, as repunha escrupulosamente. Em Pariz, por via do marquez de Niza, mandou-lhe el-rei dar vinte mil cruzados para comprar livros; mas nem dous tostões para um diurno quiz aceitar, segundo elle proprio nos revela. Esses dons, recusava-os até á liberalidade dos amigos, e nem dos proprios sermões quiz nunca receber as esportulas costumadas.

Em certa occasião, empenhando-se elle com el-rei em negocio de grande importancia, levaram-lhe uma bolsa com seis mil dobrões de ouro, sob côr de os distribuir em esmolas, mas elle respondeu indignado que agradecia o presente com deixar ir o portador

pela escada, e não pela janella, como um tal atrevimento merecia.[1]

O grave religioso poderia ter recusado a peita com menos arrebatamento, e com palavras mais proprias do seu hábito e caracter; nem a sua incorruptivel próbidade, para ficar ao abrigo da menor suspeita, havia mister da emphatica narração deste incidente. É certo porém que muitos outros, gosando de uma privança menos segura e brilhante, não se descuidariam de reputar por bom preço os seus favores, e de chegar assim a uma opulencia sem igual.

Os fortes estudos começados no Brazil, continuou-os elle em Portugal com o mesmo fervor, sem embargo dos multiplicados e graves negocios que lhe enchiam quasi o tempo, pois das suas mesmas missões politicas tomava occasião para examinar na Europa as melhores livrarias, e tractar muitos homens eminentes. Todas as novas publicações devorava com avidez; e sendo sempre o bibliothecario em todos os collegios da companhia em que residia, *mais era morador da livraria que da cella*.[2]

Já é tempo de ventilarmos a partida para o Mara-

[1] VIE. *O. Inedit.* T. 3. Memor. a D. Pedro. Resposta aos Capitulos do Procur. do Maranh. Ms. da Bibl. Eborense Cod. CXV a fl. 152—ANDRÉ DE BARROS, pags. 359, 360.

[2] VIE. *Ob. Inedit.* T. 1.º Defeza na Inq. pag. 44 ANDRÉ DE BARROS—pag. 383.—

nhão, mas para que possamos bem apreciar as suas causas proximas e remotas, não menos que o merecimento da sua pretendida vocação evangelica, é mister remontarmos aos primeiros tempos da sua chegada á Europa.

Já vimos a alta fortuna a que conseguiu subir em pouco tempo. Mas a superioridade incontestavel do seu merecimento, e essa mesma alta fortuna, não menos que a pouca moderação com que della usou, lhe acarearam com igual rapidez um crescido numero de emulos, invejosos e inimigos.

E' curiosa a enumeração que elle mesmo faz das diversas cathegorias dos seus adversarios quando perante a Inquisição teve de adivinhar quaes eram os seus denunciantes, obrigado da absurda fórma de processar seguida naquelle tribunal. Nós citaremos aqui, copiando as suas proprias palavras, sómente aquelles que já o eram durante o periodo historiado.

«A mercê que me fazia o senhor rei D. João IV, o «principe e a rainha, fez meus capitaes inimigos a to-«dos os que de mais perto assistiam aos ditos princi-«pes, e procuravam o valimento e logar que imagina-«vam lhes tirava o meu fóra do paço.

«Não era menor occasião de grandes odios, o ruim «despacho de muitos requerentes, que me pediam «ajudasse suas pretenções no que podesse; e porque «não podia quanto elles queriam, de amigos se tor-«navam inimigos.

«A este numero tambem pertencem ainda com

«maior rasão, *todos* os embaixadores e ministros das «embaixadas, cujas cifras eu tinha, e S. M. ordena- «va dessem-me notícia de todos os negocios, e os «não solvessem, sem ouvir o meu parecer, com o «qual ordinariamennte S. M. se conformava, tendo- «me os ditos ministros como sobre ronda de suas ac- «ções, e temendo a inteireza dos meus avisos e infor- «mações, pelo credito que el-rei me dava.

«Quanto aos religiosos, podem estes ser da minha «religião, ou de outras, particularmente daquellas «que têm maior emulação á companhia, e seus su- «jeitos....

«.... Bastava a aceitação geral com que era ouvi- «do na côrte, e lidos no mundo os meus papeis, para «que os officiaes do mesmo officio (que são os maio- «res sujeitos das religiões) lhes não pezasse de ver a «minha doutrina abatida, e mal avaliada.....

«Nos religiosos da minha religião são tanto interio- «res e mais sensiveis os motivos da emulação, quan- «to de mais perto viam a differença com que el-rei «me honrava, e os grandes me buscavam e me defe- «riam, sentindo tambem naturalmente os prégadores «antigos e auctorisados, que se désse aos meus pou- «cos annos o titulo de prégador d'el-rei, que as suas «cans e talentos melhor mereciam, principalmente sen- «do eu de provincia estranha, e mais de provincia do «Brazil, e se presumir que pediria eu a el-rei a di- «visão das provincias, e sustentava S. M. a persistir «nella: chegando a tanto extremo o zêlo dos ditos re-

«ligiosos, que negociaram com o padre geral que me «despedisse da companhia, como com effeito se tive- «ra executado, se el-rei o não prohibira.»[1]

André de Barros tambem falla vagamente na inveja que perseguiu seu heróe, desde que chegára do Brazil, acrescentando que elle nunca exhalára a menor queixa nem tirára o menor despique dos que contra elle escreviam, e diziam até dos pulpitos,[2] asserção de todo ponto contrária á verdade, pois é bem sabido, e opportunamente daremos disso provas mais explicitas, que além das grandezas e mizerias proprias e inevitaveis da posição de valido, elle as aggravava por facto proprio, não poupando os seus inimigos e emulos em parte alguma, e valendo-se não raro do ministerio do pulpito para os assaltar com epigrammas, sarcasmos, allusões pessoaes hoje inapreciaveis, e invectivas de todo o genero, havendo-se nesta parte muitas vezes com tal imprudencia que ultrapassava as raias da conveniencia.[3]

O seu valimento ostentava-o com vaidade sem igual,[4] e se havemos de julgar pelo que escreveu, tal-

[1] *Obras Ineditas*—T. 1.º, pags. 39, 40, e 41.

[2] André de Barros, *Vida do P.e Antonio Vieira*, pags. 14 e 15, 372 e 373.

[3] Bispo de Vizeu, pags. 348 e 349.

[4] Até do pulpito se ufanava do seu valimento—Em um sermão de S. Roque, prégado na capella real em 1652, a pretexto de commentar uma passagem do Apocalypse diz o seguinte, em que a allusão á sua propria posição é mais que transparente: «..... o evangelista fallava da côrte do céo á semilhança «das côrtes do mundo. Não basta ter a graça do rei, e a graça

vez os modos arrogantes ainda escandalizassem mais que o resto. Já vimos que folgava de contrariar a todos, que discrepando quasi sempre dos embaixadores e outros altos funccionarios, informava ordinariamente em seu dosabono, fazia insinuações contra o seu desinteresse e patriotismo, e alguns chegou a pôr por trahidores. Na audacia que lhe soprava o favor régio, não hesitava em affrontar a opinião geral, como na questão de Pernambuco, e na dos christãos-novos, víctimas dos preconceitos populares, e chegou mesmo a arrostar-se com adversarios tão poderosos, como era a Inquisição, e a sua propria companhia.

Além dos conhecidos opusculos sobre o fisco, houve por estes tempos, em Portugal, entre a companhia e o terrivel tribunal contendas gravissimas, e a que não é provavel que fosse de todo estranho o P. Antonio Vieira, seja pela sua elevada posição, seja pela conformidade das suas opiniões com a mesma companhia nos pontos essenciaes das mesmas contendas.

Foi o caso que havendo a inquisição de Evora in-

«do principe, *senão tiverdes tambem a dos ministros que assis-*«*tem ao throno.* Bem sei eu quem tem a graça do pae e mais «a do filho; e se o seu desinteresse se não contentára só com a «graça, póde ser que os ministros que se atravessam entre um «e outro, lh'a não deixaram em paz: *Gratia vobis et pax.* Esta «é a primeira supposição da guerra que padecem ou podem «padecer nas côrtes ainda os homens que melhor servem, se «têm outros sobre si.» (*Serm.* T. 3º p. 44).

tentado processo, por motivos que não temos podido alcançar, contra o P. Francisco Pinheiro, da referida companhia, os mais padres recorreram a Roma, empregando lá a influencia dos diplomatas hespanhóes, e da gente de nação, para alcançarem o bom êxito do recurso, que a nada menos tendia que á suspensão do tribunal d'Evora, a reforma dos estylos de processar da Inquisição em todo o reino, e a izenção absoluta da sua jurisdicção a favor dos membros da companhia. É pelo menos o de que se queixou o conselho geral respectivo, em consulta de 12 de novembro de 1644 dirigida a el-rei, acrescentando que taes procedimentos, que mal se podiam crer de um simples catholico, eram enormes da parte de pessoas religiosas, mas tal era o rancor que os padres consagravam ao sancto-officio e seus ministros, que em nada reparavam, antes, afim de conseguirem os seus intentos, introduziam em Roma no ánimo de todos malissima opinião do modo de proceder das Inquisições. S. M. devia ter bem presente que levando os padres por diante os seus intentos, ficaria o sancto tribunal desauctorisado e descomposto, e os seus membros justamente acobardados de continuarem o seu ministerio, alterando-se em seu tempo os estylos em que florecia desde a sua instituição no reinado de D. João III, e experimentando, no de um monarcha tão pio, este grande vituperio, que a gente de nação sempre sollicitou em vão mesmo quando era mais favorecida dos reis castelhanos, acrescendo a tudo que

por meio desta questão, e suas forçosas consequencias, procuraria a facção castelhana introduzir no reino a inquietação e a zizania.

Tal era então o poder da Inquisição que D. João IV, apesar de haver já desde então começado a acolher a idéa, que depois realisou, de izentar do fisco, e de conceder outros favores á gente de nação, por emquanto deferiu completamente á petição dos seus crueis inimigos, e nas duas cartas régias de 21 de agosto de 1643, e 9 de dezembro de 1644, reprehendeu asperamente os jesuitas pelas suas sollicitações perante a Curia, e os ameaçou com mais severas demonstrações se persistissem nellas; porquanto muito se descontentava que no seu reinado se procurasse acrescentar contradictores ao sancto-officio, ao qual, como á mais importante columna da fé no seu reino, havia de sempre amparar e defender, sem embargo de nenhuns respeitos ou affeições humanas.[1]

Com duas cousas dignas de reparo deparamos nesta representação do conselho geral; uma é que entre as assignaturas que a firmam está a de Sebastião Cezar de Menezes, a quem, como já vimos, o P. Antonio Vieira lançou depois o stygma de inconfidente, attribuindo-lhe a revelação de segredos de estado no negocio de Napoles; a outra é a insinuação que faz a Inquisi-

[1] *Collecção Chronologica da Legislação Portugueza*, pelo Dr. José Justino de Andrade e Silva. 2.ª Serie. 1640-1647—pags. 440 e 441—Lisboa. 1856.

ção contra a lealdade dos jesuitas, accusando-os de mancommunados em Roma com os castelhanos para fins de que deviam resultar a inquietação e desunião do reino—insinuação que o P. Antonio Vieira lhes retribuiu com usura, accusando-os, como já vimos na questão do fisco, de fautores de Castella; e mais tarde, como havemos de ver, abertamente e sem rebuço, de trahidores e inimigos declarados da dynastia e do reino.

É por todas estas afinidades de opiniões, de interesses, e de odios que o não julgamos estranho ao incidente que fica referido, posto que não tenhamos a tal respeito provas directas e positivas. O singular porém é que justamente quando a companhia andava assim em luta com a Inquisição, não se achava em discordia menos declarada com o seu illustre filho. Que causas a motivaram, até que ponto se estendeu, que resultados teve, e como serenou, é o que trataremos de averiguar agora, ajudando-nos de conjecturas, já que a escacez dos documentos, nestas dissensões intestinas, é cousa quasi infallivel, quando se tracta de jesuitas, que sendo tão avesados a destruir, dissimular, adulterar, e mesmo a inventar documentos, não se descuidariam do seu mister, em dissensões intestinas, de cuja completa publicidade podesse resultar desar ou da corporação, ou d'algum dos seus membros.

André de Barros apenas diz que zêlo excessivo e errado, suspeitando que o padre queria introduzir re-

formas e novidades na companhia, pretendeu expulsa-lo della, mas que esta tempestade mais timida que formada, socegára promptamnte.[1]

O auctor do *Epitome*, o sr. Roquette, citando o *Theatrum Lusitaniæ litterarium*, manuscripto latino de João Soares de Britto, auctor contemporaneo do jesuita, pois escrevia em 1655, assevera que elle chegou a ser expulso, mas que fôra outra vez aceito, com a expressa condição de se empenhar antes em unir a companhia, que em a dividir, e de deixar Portugal, e voltar para o Brazil.[2]

Esta versão, nos parece menos provavel, porque o auctor, posto que contemporaneo, mal podia ter cabal conhecimento de um negocio, que pela sua mesma gravidade, devia passar-se no seio intimo da companhia, e porque se elle chegasse a ter por desfecho a expulsão, teria dado maior brado, e todos o saberiam.

Alem de que, o proprio padre declarou perante a

[1] André de Barros, *Vida do P. Antonio Vieira*, pags. 14, 15, 16 e 382.

[2] *Epitome da Vida do P. Antonio Vieira*, pag. XVI, nota. Eis a passagem extrahida do Ms. de Soares de Britto: *Admissus iterum fuit eâ conditione ut societates potiùs uniendæ quam dissipandæ incumberet, atque reliqua Lusitania in suam Brasiliensem Provinciam reverteretur, quod quidem non solum prostitil, sed nunc in expeditione Maragnonii insigne sui exemplum probet.* O sr. P. Roquette, com mais penetração, e critica mais sã que o bispo de Vizeu, a quem compendiou, adopta não sómente a versão de Soares de Britto, mas deduz della que o P. Antonio Vieira aceitou forçado aquelle compromisso, do qual se quiz esquivar, mediante a protecção d'el-rei.

Inquisição (pag. 143 infine) que apenas houve a tal respeito simples intenção, sollicitando-se a expulsão em Roma, e não é crivel que callasse o facto da expulsão, porque na mesma occasião confessou que se ella não foi levada a effeito, deveu-se sómente a el-rei, que o prohibiu.

Em uma das causas que houve para estas dissensões, concordam todos, e vem a ser, o projecto que o P. Antonio Vieira insinuou a el-rei para a divisão e multiplicação das diversas provincias da companhia em Portugal e no Brazil, tornando-as independentes umas das outras (pag. 43), talvez na idéa de collocar-se na direcção suprema de alguma dellas, já que para as governar a todas encontraria maiores obstaculos. É o que elle confessou implicitamente perante a Inquisição (pag. 143), e ao que alludiu na carta que de Cabo Verde, e em viagem para o Maranhão, dirigiu ao confessor do principe,[1] e o que de resto está de accordo com o que opinou mais tarde, no reinado de D. Pedro II, para a reforma geral das ordens religiosas.

A inveja dos veteranos da ordem, que tambem allega o padre, podia ajudar o descontentamento dos seus, mas a causa principal devêra ser considerarem os jesuitas, posto que sempre com rasão notados de grandes palacianos e cortesãos, que o padre em vez de usar da sua privança e valimento, a bem e para

[1] *Cartas*—T. 3.º Cart. de 25 de dez. de 1652, pag. 2.

augmento da companhia, a esquecia completamente, todo absorvido nos negocios do principe, ou na propria elevação pessoal, e quando della se lembrava, era para impor-lhe reformas, a que ella repugnava. Parece até que no manejo desses mesmos negocios politicos houve-se com imprudencia, e lhe trouxe compromettimentos, tractando com menos segredo a questão dos christãos-novos, justamente em occasião em que o sancto-officio accusava a companhia de ser fautora delles. É pelo menos o que se collige da carta régia de 6 de setembro de 1644, na qual o monarcha, dirigindo-se ao provincial da ordem, desculpa o P. Antonio Vieira da publicidade dada a um papel que elle fizera, propondo alguns meios para a conservação do reino, declarando-se bem servido do seu zêlo, e recommendando não só que por tal motivo se lhe não fizesse padecer a menor vexação, como que se lhe désse toda a commodidade para elle poder escrever uma politica para o principe, obra de cuja composição o havia encarregado.[1]

A régia protecção não podia ser mais decisiva, por que a um tempo abrigava o padre dos effeitos immediatos do odio dos seus confrades, e por outro ia até a obter-lhe talvez dispensa de algumas obrigações do seu estado religioso, a pretexto de cuidar da educação do principe; mas os seus biographos adiantam

[1] Veja-se a integra desta carta, e o favor com que nella tracta el-rei ao padre, na *Ded. Chronol.* P. 1ª T. 1º pags. 233 e 234, nº ou § 378.

mais, e pretendem que a benevolencia d'el-rei foi até ao ponto de mandar-lhe offerecer uma mitra, proporcionando-lhe assim um meio airoso de sahir da companhia, o que Antonio Vieira engeitou, por amor a ella, acrescentando-se que por essa occasião dissera—«*Que não tinha S. M. tantas mitras em toda «a sua monarchia, pelas quaes elle houvesse de tro-«car a pobre roupeta da companhia de Jesus; e que «se chegasse a ser tão grande a sua desgraça, que a «companhia o despedisse, da parte de fóra das suas «portas não se apartaria jámais, perseverando em pe-«dir ser outra vez admittido nella, senão para reli-«gioso, ao menos para servo dos que o eram, e que se «nem para servo o quizessem, ali estaria sem mais «alimento que o seu pranto, até acabar a vida junto «daquellas amadas portas, dentro das quaes lhe ti-«nha ficado a alma toda.*»[1]

O offerecimento da mitra nada tem de improvavel, e posto que o P. Antonio Vieira, de resto tão amigo de ostentar, e tão desvanecido com a privança régia, não o declare expressa e positivamente em parte alguma das suas obras, parece comtudo alludir a elle, nas seguintes palavras escriptas de Roma a D. Rodrigo de Menezes, muitos annos depois: «*A mercê que «me quizeram fazer*, (diz elle fallando dos reis defun-«tos e como quem respondia á dúvidas postas á rea-

[1] André de Barros, pags. 15 e 16. Bispo de Vizeu, T. 2.º, pag. 200.

«lidade desses intentos) *e me significaram por muitas «vezes, tem muitas testemunhas entre os mortos, e pó-«de ser que ainda vivam alguns que por seu mandado «me quizeram persuadir a que a aceitasse; que tam-«bem sabem quanto estimo mais o canto da minha «cella, que qualquer outro logar dos que mais estima «o mundo*»[1]

Mas diga-se a verdade, essa pretendida dedicação á companhia, revelada nas palavras lastimosas que lhe attribuem, não está em harmonia, nem com todo o seu procedimento ulterior, nem com as queixas que por muitas vezes fez, pelo menos contra os jesuitas portuguezes; e se elle com effeito chegou a profe-ri-las, o mais rasoavel é acreditar que o fez, em virtude de concerto, para se poderem allegar, e effectuar-se a reconciliação. É muito possivel que o P. Antonio Vieira não se quizesse desligar de uma ordem poderosa, de cuja influencia muito se poderia ajudar em dadas eventualidades; mas disto a sacrificar-se por ella vae larga distancia, e não foi certo empregando-se exclusivamente em missões politicas durante tantos annos que elle procurou dar-lhe provas da sua devoção e amôr, logo em seguida a dissensões tão graves. Por outra parte, assim como a protecção da companhia não lhe era inutil, assim tambem o seu odio devia acarear-lhe numerosos contratempos, além do desar da exclusão, que ainda que simplesmente pro-

[1] *Cartas*—T. 3.º Cart. de 11 de maio de 1671—pag. 56.

jectada, e sem embargo de a dissimularem e compensarem com a elevação ás honras do episcopado, não deixaria de soar desagradavelmente pelo mundo.

O P. Antonio Vieira era em verdade um grande ambicioso, que para fazer o seu caminho, nem sempre olhava aos meios; mas com sê-lo, não era homem para postergar abertamente as leis da honra, e todos os deveres do seu estado. Abraçou-o, é certo, por simples velleidade e ardor juvenil, habilmente explorado pelos astutos padres; mas se os embaraços que as obrigações do hábito oppunham á sua carreira, lhe trouxeram depois o arrependimento de um acto, filho da inexperiencia e das illusões da primeira mocidade, nem por isso baniram de sua alma o sentimento do dever e do decóro. A este antogonismo da sua condição social, e das suas inclinações, se hão de attribuir todas essas hesitações e tergiversações inherentes a uma falsa posição, em que o homem honesto, sem romper de frente com os seus deveres, procura comtudo attenuar o seu rigor, e adiar o seu cumprimento, revelando porém nessas mesmas tergiversações e cavillações, os sobresaltos de uma consciencia timorata, e pouco satisfeita de sí mesma.

O P. Antonio Vieira, vimos já, como para reconciliar-se com a companhia, se obrigou a dar de mão á vida palaciana, e a voltar para a sua provincia do Brazil,[1] mas temos visto tambem, como amparado da

[1] Soares de Britto, Ms. citado a pag. 200, nota

régia auctoridade, conseguiu illudir este compromisso por tantos annos, desde 1644 em que o tomou, até 1652 em que afinal teve de cumpri-lo, máu grado seu.

Em 1649 chegou a estar despachado para o Maranhão, como elle mesmo refere, sem nos declarar comtudo a causa que obstou a viagem.[1] Era sem dúvida por determinação dos seus superiores, cançados de tão larga demora, mas a que ainda conseguiu esquivar-se desta vez, pretextando-se provavelmente a precisão que el-rei tinha da sua pessoa para a última missão de Roma.

O infeliz êxito della, e o desar com que foi forçado a sahir daquella grande capital, não deixariam de ser aproveitados, na sua volta a Lisbôa, pela animosidade de seus numerosos contrarios. As suas murmurações por uma parte, e as instancias sempre renovadas dos seus superiores da outra, o obrigariam então a entrar nos cuidados da promettida viagem. Neste juizo não nos é lícito proceder senão por conjecturas fundadas nos successos posteriores, pois não podemos estar pela asserção de André de Barros, que o bispo de Vizeu acolheu e reproduziu com nimia singeleza, de que o jesuita começou então a cuidar nas missões do Maranhão, como em cumprimento do voto feito

[1] *Resposta aos Capit.* Ms. da Bibliotheca Eborense. Com esta intentada viagem do P. Antonio Vieira coincide a disposição da L. R. de 22 de outubro de 1649 que mandou ir varios padres do collegio da Bahia para as missões do Maranhão.

em annos noveis de despender a vida na conversão dos gentios. As missões politicas a Madrid e a Saboya, buscadas para esquiva-lo da viagem ao Maranhão, não se levaram a effeito, e essa mesma missão religiosa a Torres-Vedras, effectuada por estes tempos, e exhibida como prova de suas disposições, não nos parece mais do que uma diversão para ganhar tempo e dilatar a partida na esperança talvez de incidentes que a mallograssem. Effectivamente não veio a realisar-se, senão dous annos depois de sua chegada de Roma, demora certo exorbitante para um zêlo, que se inculcava tão fervoroso.

Mas, o dia inevitavel da partida chegou emfim a 22 de novembro de 1652. A que estava destinada para o dia 22 de setembro anterior, conseguiu elle evita-la. Sobre estas duas partidas, a mallograda, e a effectuada, nos fornece o proprio padre esclarecimentos em duas cartas, escriptas em sentido diametralmente opposto. Ouçamo-lo primeiro a elle mesmo, para depois apreciarmos os mais elementos que existem para o processo, e podermos afinal sentenciar com pleno conhecimento de causa.

A primeira carta é escripta de Lisbôa, a 14 de novembro de 1652 (*Cartas*—T. 1º pag. 39 a 50) ao padre provincial do Brazil, que pouco antes tinha seguido para a Bahia. O provincial partíra, depois de se haver entendido com o P. Antonio Vieira, deixando-lhe as suas ordens e instrucções, na fé de que este seguiria tambem para o Maranhão juntamente com os

mais padres destinados áquella missão, sem embargo de oppor-se el-rei á partida delles; mas como elle ficou, nesta carta tractou de justificar-se, referindo longamente as causas e circumstancias do que chama inopinado acontecimento.

Começa por expôr com grande minuciosidade os aprestos da partida, a organisação do pessoal e material da missão, e a enumeração das fôrças e recursos com que contava. Ao enumerar os padres, menciona o P. João de Souto-Maior e o P. Manoel de Souza, *os quaes por justos respeitos estiveram occultos até a vespera da partida, e o segundo com as ordens tomadas, dous mezes havia, sem ninguem o saber nem suspeitar*. Chegado o dia 22 de setembro, que era o da partida, começou a sahir a frota, e os missionarios se foram embarcar todos; e elle P. Antonio Vieira com o P. Francisco Ribeiro, dos ultimos *como que se iam despedir dos outros ao navio*.

«Chegados a S. Paulo (copiamos agora textualmen-«te) soubemos que partindo os demais, só o do Mara-«nhão ficava, por ordem do conselho ultramarino, para «poder levar um syndicante, que dois dias antes se «despachára. Estava el-rei naquelle dia na quinta; fui «lá, e alcancei um decreto da sua letra para que o syn-«dicante ficasse em terra, e o navio do Maranhão par-«tisse com a frota. Indo já para elle com tão bom «despacho, soubemos que os capitães-móres do Ma-«ranhão e Pará não estavam embarcados pela mesma «causa. Tórno a Lisbôa ao conde de Odemira, dou-

«lhe a notícia da nova ordem d'el-rei: e conforme a «ella, se mandou aos capitães-móres que aquella noi-«te se embarcassem para darem á véla pela manhã, «porque já não havia tempo nem maré; e com esta re-«solução nos tornamos para casa, o P. Francisco Ri-«beiro, e eu, deixando os demais embarcados, e *pa-«recendo-nos que com esta dissimulação se encobriam «melhor os meus intentos*. Mas posto que geralmente «succedeu assim, não faltou quem entrasse nas sus-«peitas, e désse ponto ao paço, donde, em amanhe-«cendo, me veio recado para que fosse fallar a S. A.; «fui e porque estavam para o sangrar, disse-me que es-«perasse para depois da sangria, tudo afim de me de-«ter; mas eu sahi, e me fui embarcar a toda a pressa. «Chegando ao navio soube que el-rei tinha mandado «chamar o mestre, de que os padres estavam mui des-«consolados entendendo o que podia ser.

«Não havia já em todo o rio para partir, mais que «uma náu, que estava em Paço d'Arcos; pedi ao P. «Francisco Ribeiro que quizesse ir saber se havia de «tomar a ilha da Madeira, e se levaria um passageiro; «e eu com o P. Luiz Pessoa tomei mulas em Belém, «e me parti a Lisbôa: á porta do paço achei o mestre «do navio do Maranhão que me disse o mandára cha-«mar el-rei para lhe dizer que o havia de mandar «enforcar, se em o seu navio fosse o P. Antonio Vi-«eira. Tambem aqui soube que tinha mandado S. M. «ao mesmo navio o P. bispo do Japão, e o capitão do «Pará; o bispo, para que me trouxesse; e o capitão

«com ordem que, tanto que eu lá não estivesse, par-«tisse logo o navio. Com estas notícias tão declara-«das entrei a S. A, (porque el-rei estava comendo) e «lhe disse resolutamente que eu ia, e havia de ir para «o Maranhão, procurando reduzi-lo a que o houves-«se por bem, *com todas as rasões e extremos que em «semilhantes occasiões costuma ensinar a dor e deses-«peração*; mas nenhuma bastou, antes me desenganou «S. A. que me não cançasse, porque el-rei estava na «mesma resolução, e nenhuma cousa haveria que o «apartasse della. Sobre este desengano..... .... «.....me tornei a Belem, «onde tambem chegava de volta o P. Francisco Ri-«beiro com resposta que a náu partia para a Bahia, e «que havia de tomar a ilha da Madeira, e que me le-«varia. Passei-me logo á fragata, deixando em terra «aos dous padres, os quaes ambos me disseram que «não approvavam a minha resolução..... Bem «conhecia eu que o que dictava a prudencia nas cir-«cumstancias presentes, era o que me diziam os pa-«dres; mas não podia acabar comigo haver de desis-«tir da empreza, tendo chegado áquelle ponto..... «..... Emfim, cheguei á náu a tempo que que-«riam levar a ultima ancora; mas ao mesmo tempo «cresceu de tal maneira o vento, que toda a gente da «náu (que eram sessenta homens) em muito tempo «não poderam dar uma volta ao cabrestante, com que «se dilatou a partida para a madrugada seguinte. «Passei aquella noite com o corpo neste navio, e a

«alma no Maranhão, traçando como na ilha da Ma-«deira me havia de passar occultamente a elle, sem «saber o que no mesmo tempo se traçava em Lisbôa «contra mim. Foi o caso que, ao chegar a náu de Paço «d'Arcos, me conheceu o provincial de S. João de «Deus, que passava por ali em uma fragata, e che-«gado ao convento foi visitar sua visinha a condessa «de Obidos, onde achou ao P. Ignacio Mascarenhas, «e lhe contou o que víra. Mandou logo recado pao-«dre ao conde de Cantanhede, o conde ao principe, «e S. A. a el-rei; e informando-se S. M. de quantos «navios havia para partir no rio, e sabendo que só «tres, mandou logo tres ministros de justiça com tres «decretos seus, que m'os fossem notificar a qualquer «navio onde eu estivesse. Ao amanhecer, iamos já «navegando por S. Gião fóra, quando chegou a nós «um corregedor, o qual subindo á náu, me metteu «na mão um decreto assignado por S. M., no qual lhe «mandava me dissesse da sua parte que lhe fosse fal-«lar, porque importava; e que em caso que eu diffi-«cultasse o ir, notificasse ao capitão e mestre do na-«vio que, sob pena de caso maior, désse logo fundo, «e não partisse. Como a ordem era tão apertada, e «ás torres se tinha tambem mandado outra que não «deixassem sahir nenhum navio, sem constar que não «ia eu nelle, foi fôrça obedecer, arribar antes de par-«tir. No caminho tomei o navio do Maranhão, que «tambem já ia á vela, a despedir-me dos padres.....

«Mais adiante encontrei em uma gondola aos padres

«Manuel de Lima e Manuel de Sousa que, á vela e á «remo, ia seguindo o navio, mas ainda assim nos abra- «çamos e choramos, ratificando-lhes eu a promessa, «que aos outros padres tinha tambem feito, de muito «cedo ser com elles por qualquer via.

«Emfim cheguei ao paço, onde S. M. e A. me re- «ceberam com graças, zombando da minha fugida, e «festejando muito a prêza; mas ajudou-me Deus a que «lhes soubesse declarar o meu sentimento, e as jus- «tas rasões delle, que, affirmo a V. R., foi o maior «que tive em minha vida..... Ao amanhecer do «dia seguinte me bateu á porta do cubiculo o padre «Manuel Ribeiro com um escripto do padre Manuel «de Lima, feito nos armazens, em que o avisava co- «mo sem embargo de se passar a uma barca pesca- «reja, e haver seguido o navio, quasi todo o dia mui- «tas leguas pela barra fóra, o não podéra alcançar, «e que ali estava prevenindo uma caravela para den- «tro em vinte e quatro horas se embarcar até á ilha «da Madeira a tomar lá o navio do Maranhão. Vinha «o padre muito sentido com esta arribada dos padres, «mas ella me animou de maneira que no mesmo ponto «se me assentou no coração que eu havia de ir com «elles; e assim o comecei logo a intentar, mettendo «o negocio em consciencia, e descarregando sobre a «de S. M. e A., a condemnação ou conversão de mui- «tas almas, que de eu ir ou ficar se poderia se- «guir..... Alfim poderam mais as «rasões do maior serviço de Deus que todos os outros

«respeitos. Se algum sacrificio fiz a Nosso Senhor «nesta jornada, foi em aceitar a licença a el-rei, quan- «do m'a concedeu, porque o fez S. M. com demon- «strações mais que de pae, e assim eu a não tive por «segura, até que m'a entregou por escripto, e firmada «da sua real mão, na fórma da cópia que com esta «remetto, em que tenho por particular circumstancia «ser passada em dia das onze mil virgens, padroei- «ras desse estado. Mostrei-a aos padres, e os pode- «res que nella S. M. nos dá, em ordem á conversão; «e assentamos todos que—o não partir o navio do «Maranhão com a frota, havendo seis mezes que es- «tava esperando por ella; o descobrir-se a minha jor- «nada; o não se poder levar a ancora; o mandar-me «el-rei tirar do navio; o ficar em terra o P. Manuel de «Lima, e o arribar depois; e tantas outras cousas par- «ticulares, que neste caso succederam, tudo foi or- «denado pela Providencia Divina, que queria que eu «fosse, mas que fosse com approvação e beneplacito «d'el-rei, e com tão particulares recommendações «suas aos governadores e ministros daquellas par- «tes.....»

Esta carta, como já vimos, foi escripta a 14 de novembro, e a 22, isto é, oito dias apenas depois, effectuou-se a partida nella prevista. Veremos agora, não sem assombro, que circumstancias precederam e acompanharam a mesma partida, segundo as refere o proprio P. Antonio Vieira, em carta escripta ao principe, a 25 de dezembro, logo que chegou arribado a

Cabo Verde. Depois de fallar nas tempestades e outros trabalhos padecidos nos trinta dias de viagem, exprime-se deste modo:—«Eu, senhor, não sei se os «padeci, porque desde a hora em que o navio desa- «marrou desse rio, não estive mais em mim, nem o «estou ainda, attonito do caso e da fatalidade da mi- «nha partida, e de não saber como S. M., e V. A. a «receberiam, pois não é possivel serem-lhe presen- «tes todas as circumstancias della: taes que não fui eu «o que me embarquei, senão ellas as que me levaram. «V. A. viu muito bem *a promptidão e vontade* com «que me rendi á de V. M., o dia que em presença de «V. A. me fez mercê significar queria que agora ficas- «se; mas como então se assentou que procedesse eu «em supposição de que havia de vir, emquanto S. M. «de público me não mandava revogar a licença *para* «*satisfação dos padres*, fi-lo eu assim, procedendo em «tudo como quem se embarcava. *Na vespera da par-* «*tida fui avisar a S. M. e a V. A. da brevidade com* «*que se apressava;* e S. M. e V. A. me fizeram mercê «dizer que logo na tribuna se mandaria recado a Pe- «dro Vieira, *e na mesma tribuna o tornei a lembrar* «*a S. M.*: esperei todo aquelle dia em casa por Pedro «Vieira ou escripto seu, e não veio; mas á noite reca- «do que nos fossemos embarcar, em amanhecendo. «Não tive outro remedio mais que fazer o aviso que «fiz a V. A., o qual enviei pelo primeiro portador que «pude haver, ao bispo do Japão, assim por não ser «hora de outra pessoa fallar com V. A., como porque

«todo outro recado que fosse direito ao paço, seria «muito suspeitoso naquella occasião, *em que todos os «incredulos andavam espreitando minhas acções*, e es- «perando o successo. Sahi emfim, *indo-me detendo «quanto pude, como avisei a V. A.;* mas na praia sou- «be que o procurador do Brazil tinha recebido um «escripto de Salvador Correia, no qual lhe dizia que «elle fallára com S. M., que eu não ía para o Mara- «nhão, e que o syndicante tinha ordem de m'o noti- «ficar assim, quando eu fosse embarcar-me. Entendi «então que S. M. tinha mudado de traça, *e com esta «noticia e supposição me fui mais desasustado para a «caravela*, onde achei o syndicante, mas elle não me «disse cousa alguma. As vélas se largaram, e eu fi- «quei dentro nella, e fóra de mim, como ainda agora «estou e estarei, até saber que S. M. e V. A. têm co- «nhecido *a verdade e sinceridade de meu ánimo*, e que «em toda a fatalidade deste successo não houve da «minha parte acção, *nem ainda pensamento ou desejo «contrário ao que S. M. ultimamente me tinha orde- «nado, e eu promettido.*» (*Cartas*—T. 1.º pag. 15 a 17).

Não se póde, sem assombro, lêr estas duas cartas em que o jesuita manifesta, sobre o mesmo assumpto, e quasi ao mesmo tempo, intenções e sentimentos tão diametralmente oppostos. Na carta ao seu provincial affirma que tencionava firmemente partir para o Maranhão, mas que dava todas as mostras de ficar, a fim de enganar a el-rei e ao principe; e na carta escripta a este, affirma que estava inteiramente resoluto

a ficar, mas que fingia preparar-se para a jornada, afim de enganar os padres, e o público, que o espreitavam! Ainda se elle referisse estas cousas singéla e friamente, bem que a falsidade da narração fosse sempre a mesma na essencia, haveria de menos a profunda hypocrisia dos sentimentos e das palavras, com que para enganar, fosse a qual fosse dos seus interlocutores, invoca em tom solemne a dôr e desesperação de que se possuíra, as lagrimas que derramou, os abraços nos companheiros, a sua consciencia e a d'el-rei, a verdade e sinceridade do seu ánimo, a salvação das almas, as onze mil virgens, e a intervenção immediata em fim da Providencia, como explicação miraculosa destes miseraveis subterfugios!

Se o notarmos que a sua partida para o Maranhão verificou-se a 22 de novembro, isto é, apenas oito dias depois de haver escripto ao provincial a longa carta de 14, não será temerario conjecturar que ao escreve-la, já *rendido* á vontade de el-rei, estava bem resoluto a ficar, não sendo a referida carta mais do que uma das apparentes mostras do intento contrário, em que combinára com el-rei, até S. M. mandar revogar de público a licença que lhe dera para partir.

O panegyrista André de Barros (pags. 40 e 41) tocando ligeiramente nestes manejos, dá o seu heroe como vivamente contrariado, pela última resolução d'el-rei, bem que obrigado a obedecer-lhe, emtanto que a Providencia, que outra cousa traçava, ou fez demorar as ordens, ou *mudou o coração d'el-rei*, sendo

certo que antes que a ordem contrária chegasse, o padre embarcou e partiu. O de que se guarda bem André de Barros é de alludir á carta escripta de Cabo-Verde ao principe, e que tão abertamente contraría a sua versão.

Mais intrepido, ou mais estimulado pelo que elle chama *rigorosa critica portugueza*, o padre José de Moraes, outro membro e panegyrista da ordem e do seu grande orador, na sua obra recentemente publicada,[1] interpreta a carta, como simples desculpa, para que o principe e o monarcha não encarassem o acto da partida como voluntaria desobediencia do missionario cortezão, visto que o seu desagrado podia ser fatal ao bom êxito da missão, em grande parte dependente da protecção régia. Mas este tambem concede que o monarcha provavelmente se esqueceu de expedir o decreto a tempo, obra tudo da inexcrutavel Providencia que tomou por sua conta o feliz resultado da empreza que era sua, de modo que o P. Antonio Vieira effectuou a partida, *vindo, sem querer vir, e desejando ficar, sem querer ficar.*[2]

Toda esta amphibologia jesuitica, porém, já de si assaz caracteristica, cede diante da carta escripta ao principe. E em verdade, se se tractasse de uma simples desculpa, bastaria referir singelamente as cir-

[1] *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia do Maranhão e Pará*—pelo P. José de Moraes, da mesma comp. ltio de Janeiro 1860—L. 3.º cap. 10.

[2] Idem—Textual—pag. 279—

cumstancias do caso, para que ella fosse completa. El-rei tinha ordenado ao padre que procedesse em tudo como quem havia de partir; e ninguem melhor que elle sabía não só que a ordem em contrário tinha faltado no momento fatal, como a rasão por que faltára. Assim, o grande empenho do jesuita-cortezão, era não desculpar-se de um acto involuntario, a que elle chama *fatalidade* que o poz *atonito e fóra de si*, porém mostrar aos seus augustos protectores que se o caso succedeu não foi por falta de deligencia em contrário da sua parte. E' assim que refere minuciosamente como, chegada a vespera da partida, multiplicou os avisos ao principe e a el-rei para que não deslembrassem a ordem; e como o terceiro e último aviso foi expedido já a deshoras, e com disfarce, ao bispo do Japão, outro jesuita palaciano e seu parcial, porque um recado directo ao paço, em tal occasião, não podia deixar de excitar as suspeitas de quantos o andavam espreitando; como passou desassocegado a noite; o passo vagaroso com que se foi embarcar, afim de dar tempo a chegar a ordem suspirada; e como finalmente se embarcou *mais desassustado*, só depois de um falso aviso que lhe fez crer que o encontraria a bordo. E remata tudo confessando que partíra *contra sua vontade, por méro caso ou violencia*, parecendo só que Deus não queria que elle tivesse merecimento nesta missão.

Verdade é que na mesma carta diz que da primeira vez ia por sua vontade, contra a de el-rei, e que pois

da segunda fôra contra a de ambos, reconhecia nisso clara vocação do céo, a que já se resignava, acrescentando em outra carta, escripta já do Maranhão ao mesmo principe,[1] que sendo tão manifesta a vontade divina, houvesse S. M. por bem revogar a resolução que tivera de o reter na côrte.

Note-se porém que o padre escrevia ao principe, a cujos annos noveis se recataria o que tinha de mais íntimo—o conluio traçado entre el-rei e o padre sómente, e quando muito entre o bispo do Japão tambem. Quanto á supposta resignação á vontade de Deus, o sagaz jesuita bem devia penetrar a causa por que a ordem faltou no momento fatal. Sem dúvida, aventado o plano traçado, as influencias que eram adversas—jesuitas—inquisidores—emulos palacianos—foram assaz poderosos para mover o ánimo irresoluto do monarcha, e conseguiram muda-lo, como os proprios panegyristas implicitamente confessam. O P. Antonio Vieira, magoado e abatido com o contratempo, e conhecendo que lhe sería impossivel, ao menos naquella conjunctura, contrastar adversarios tão poderosos, fez da necessidade virtude, e resignou-se temporariamente ao destêrro a que fôra condemnado.

Que o rei, posto que absoluto, não procedia livremente, e segundo o seu gôsto particular nestas occorrencias, (o que não raro se observa nas cartas) é manifesto das proprias confissões do jesuita, onde os

[1] *Cartas*—T. 1º, pag. 17 a 19—Cart. de 25 de janeiro de 1653.

vemos a ambos proceder com dissimulação, e por manejos solapados; mas que o P. Antonio Vieira tivesse da primeira vez a intenção decidida de partir contra a vontade régia, é o que se não póde admittir, sob sua simples asserção, reproduzida com ostentação na carta régia de 21 de outubro de 1652, em tom tão emphatico como suspeitoso. Não se póde prestar neste assumpto o menor credito a personagens que no curto espaço de uma semana deram sobre elle versões tão escandalosamente contrárias. Tudo quanto tão prolixamente refere o P. Antonio Vieira na carta ao seu provincial não passa de uma comedia, de que são curiosos incidentes todas essas idas e vindas, embarques e desembarques, contra-tempos de ventos e marés, espionagens, delações, decretos reaes, ameaças de enforcar mestres de navios, e mais circumstancias que tem um pronunciado tom de artificio. Mas a representação que no primeiro acto correu tão perfeitamente, naufragou tristemente no segundo.

Digamo-lo sem rebuço e desenganadamente, todos esses manejos eram indignos de um religioso animado de uma verdadeira vocação, o qual, para cumpri-la, não tinha mais que fallar francamente a el-rei, de quem se não póde comprehender que lhe pozesse obstaculos a não ser de combinação com o principal interessado.

Mas não só destas mesmas circumstancias das duas partidas, de diversas outras ainda se colhem provas que põem em dúvida a supposta vocação apostolica do Padre Antonio Vieira.

Derribado, como já vimos, de suas esperanças, e desenganado dos seus sonhos de predominio nas missões da America, o Padre Antonio Vieira foi forçado a ficar em Lisbôa, onde bem depressa a politica, objecto constante da sua predilecção, lhe proporcionou amplas compensações, dando novo alimento á infatigavel actividade do seu espirito sempre inquieto e inimigo do repouso.

É cousa digna de reparo o como desde então para sempre se esqueceu o célebre jesuita das missões, nem mais foi estimulado pela sua tão apregoada vocação de converter indios; porquanto não se póde attribuir importancia alguma ás passageiras veleidades que neste particular lhe sobrevinham ás vezes em Roma e Lisbôa, e que elle manifestava em suas cartas, antes como expressão do desânimo e desgosto que lhe causavam as grandes contrariedades da sua vida, que como indício de qualquer projecto bem ponderado a tal respeito.

Tão pouco servirão de prova dessa inculcada vocação alguns pareceres que sobre o assumpto dos indios e das missões deu uma ou outra vez por escripto, em execução de ordens do govêrno; e certas providencias e instrucções que por simples obrigação do seu cargo expediu da Bahia quando já no fim da sua dilatada carreira exerceu ali o de visitador da provincia do Brazil.

Com o que fica mais que muito justificado o conceito que a seu respeito aventuramos de que era me-

nos o zêlo da religião, que as paixões mundanas da vaidade, e de ambição, predominio, e vingança, que o moviam nessa luta ardente por tantos annos sustentada com os colonos do Maranhão.

Porventura os invenciveis attractivos da grande politica da côrte, em vez de simples diversão, actuavam directa e poderosamente sobre aquella alma mobil e inquieta, e o levavam, esquecido de todos os indios, a abrir mão dos projectos que dos desertos do Amazonas o tinham trazido á metropole. Haviam por este tempo (1662) subido ao mais alto gráu as dissensões da côrte; e a rainha regente D. Luiza, resoluta a passar o govrêno ao rei seu filho, assentou primeiro de fazer prender os irmãos *Contis*, d'entre os valídos do inexperto principe, os que mais concorriam para desencaminha-lo, e corrompe-lo, e que por essa causa, e talvez tambem por serem os de mais baixa condição, foram os unicos sacrificados, sendo postos em longinquo destêrro.

Estas medidas da prisão, entrega do govêrno, e outras que respondiam aos mesmos intentos, tomaram-se com grandes apparatos chegando-se até a ler a el-rei, em presença da regente sua mãe, dos tribunaes, e de toda a côrte, uma especie de papel monitorio, no qual, com incongruencia e estranha ousadia, se faziam a um principe de vinte annos, que ia a entrar na posse do govêrno, exprobrações severas, e indignas da magestade, proprias só a mortifica-lo naquella occasião tão solemne, e a azedar-lhe o ánimo, deixan-

do nelle uma impressão, que sem demora se havia de traduzir em actos de vingança.

Esse papel havia-o escripto o P. Antonio Vieira por mandado da rainha afim de ser lido a el-rei, como foi, pelo secretario de estado; mas segundo o affirmam os seus biographos, elle não só o redigiu, senão que o assignou, com tanta imprudencia como jactancia, e não sabemos a que fim, a não ser arrastado por aquelles seus ordinarios deffeitos de caracter.

Alí se exprobrava a el-rei a sua demasiada paixão pela caça, e pedia-se-lhe que mudasse os descaminhos em acertos, e apartasse de juncto da sua pessoa esses sujeitos de inferior qualidade, costumes e conselhos, que pareciam estabelecidos no poder, e á sombra delle commettiam de dia e de noite delictos escandalosos e notorios em toda a côrte. E como se não se déra ainda por bem pago deste estranho modo de fallar aos reis, quiz o P. Antonio Vieira tirar todas as dúvidas acerca do auctor de tão severas admoestações, pondo na boca do secretario de estado, que fazia a leitura, o seguinte periodo: «Senhor, isto que tenho «referido, o mais breve que pude, não é meu, nem «em substancia, nem ainda em palavras!» Evidentemente, o jusuita reivindicava para si toda a glória e perigo da empreza.

Senão a glória, o perigo ao menos não faltou á sua provocação. Mal se empossou do govêrno, ou obedecendo ao proprio ressentimento, ou estimulado pelos validos de elevada condição a quem se não atrevêra a

facção decahida, e que nem á conta disso se mostraram mais moderados, deu-se pressa el-rei a fazer desterrar a varios fidalgos e diversas outras pessoas da parcialidade da regente, entre as quaes foi o P. Antonio Vieira, a quem primeiro se assignou o Porto, para logar de seu destêrro.

Dali escreveu elle ao duque de Cadaval, um dos que haviam incorrido no desagrado d'el-rei, e por isso fôra tambem desterrado da côrte,[1] haver chegado á sua notícia por via segura que se agitava desterra-lo para o Brazil, Maranhão, Angola, ou ainda para a India, sendo o motivo deste rigor umas cartas por elle escriptas ao mesmo duque acerca dos negocios publicos, cujo conteúdo, sendo casualmente aventado, fôra depois dilatado e envenenado. *Estou pela sentença*, lhe dizia o padre, *irei para onde me mandarem, seja Africa ou America, que em toda a parte ha terra para o corpo, e Deus para a alma, e lá nos acharemos todos diante daquelle tribunal, onde só testemunha a verdade, sentencêa a justiça e nunca é condemnada a innocencia*. E concluiu que pela mesma occasião se lhe insinuára que pozesse termo a essa correspondencia.

A ameaça de mais longinquo destêrro não se verificou todavia, pelo contrário mandaram-n'o pouco depois para Coimbra. Postoque a distancia para a côrte se lhe encurtava neste novo destêrro, nem por isso o tomou o P. Antonio Vieira como remissão do primeiro

[1] Carta de 20 de janeiro de 1663.

rigor, antes continuou a queixar-se amargamente[1] da ingratidão da patria, por quem tantas vezes arriscára a vida, da perseguição que o mandára áquelle novo carcere, sem elle saber por que culpas, e das inclemencias do clima, muito mais nocivo depois da grave molestia que recentemente soffrêra. E em verdade tão pouco se podia imputar esta remoção a favor, que ha quem suspeite haver tido por fim entrega-lo ás mãos da inquisição de Coimbra. Do que achamos escripto sobre este assumpto não podemos todavia colligir, e para o asseverar sem temeridade, que já de então traçava a côrte faze-lo processar por aquelle tremendo tribunal, se bem torne plausivel esta conjectura, a parte que o P. Antonio Vieira, ao menos por seus votos e esperanças, manifestadas por escripto, tomou na conspiração urdida desde então contra a auctoridade do rei D. Affonso, e a favor da regencia do principe D. Pedro.

Motivos de natureza diversa, e a qual delles mais grave naquelles tempos, deram causa a este famoso processo,—os odios da côrte, certas opiniões politicas e religiosas do padre, a sua pretenção a propheta, e por ventura tambem o antigo ciume existente entre os dominicos e jesuitas, agora aggravado pela emulação e inveja que devia despertar o lustre do seu engenho, já de si grande, e muito mais encarecido pela admiração e enthusiasmo dos contemporaneos.

[1] Carta de 17 de dezembro de 1663 escripta de Coimbra a D. Rodrigo de Menezes.

Merecem examinados cada um de per si esses diversos motivos, e com a pausa e madureza que convem á phase por ventura mais importante e atribulada da vida aliás sempre trabalhosa deste homem extraordinario.

Sobrados fundamentos acharia a Inquisição nas opiniões e no procedimento do P. Antonio Vieira para justificar o seu processo e condemnação, sem haver mister dos estimulos da côrte nesse intento; mas é permittido suppor que se a côrte lh'o não designou directamente, o desagrado comtudo em que elle incorrêra, foi uma maneira de designação; e que o tribunal, comprehendendo-a, fez ao mesmo tempo o seu officio e obrigação, e praticou um acto de deferencia áquelles respeitos humanos que andam sempre de companhia com a magestade. Tanto assim, que mudando a face das cousas durante o longo curso do processo, e passando a auctoridade real das mãos de D. Affonso para as de D. Pedro, pelo triumpho final da conspiração que o padre favoneára, a sentença, posto que sevéra, foi seguida da commutação, e logo depois do perdão completo.

Seja como fôr, o que não padece dúvida é que o P. Antonio Vieira forneceu á côrte motivos bem serios para o perseguir. Já vimos a pouca prudencia, para não dizer desacordo, com que escrevêra e assignára o papel lido á el-rei na occasião da sua posse, e que em verdade era sobre modo incongruente, antes offensivo da dignidade do rei. Desterrado por essa

causa, e pelas suas allianças com os potentados da vespera, já decahidos, não cessou, até ser preso pela Inquisição, e ainda nos carceres della, de promover a seu modo, e quanto cabia em suas posses, a desthronisação de el-rei, afim de substitui-lo por um govêrno mais de sua feição. Ora, segundo elle mesmo disséra em um dos seus sermões, [1] *não ha ciumes mais impacientes, mais precipitados, e mais vingativos, que os que tocam no sceptro e na corôa; e apenas tem havido purpura antiga nem moderna que, por leves suspeitas neste genero, se não tingisse em sangue.*

Aqui porém havia mais que leves suspeitas, e da parte que elle tomava na conspiração dão sobejo testemunho *em primeiro logar* as numerosas cartas que em 1664, e 1665 escreveu de Coimbra, especialmente a D. Rodrigo de Menezes, um dos maiores descontentes, senão dos mais perseguidos da ordem de cousas dominante.

Nessas cartas manifesta o padre claramente as suas esperanças de melhor futuro, allude frequentes vezes á mudança que esperava, critica e encarece os erros do presente, por modo tal, que não deixa ficar nenhuma dúvida acerca dos seus verdadeiros sentimentos. É certo que escrevendo em 3 de março de 1664 ao seu amigo D. Rodrigo, e dando-lhe conta de umas conferencias havidas em Coimbra acerca de quem se-

[1] Sermão da Gloria de Maria, prégado em Lisboa, em 1644.

ría o verdadeiro encoberto prophetisado, diz que adopta por sua a conclusão de certo sabio de que era D. Affonso VI, e não D. Sebastião. *Para eu o crer e confessar assim* (continúa elle) *não foi necessario nenhum dos argumentos que ouvi, porque depois que observei as felicidades de sua magestade, e a providencia tão particular com que assiste o ceo a todas as suas acções, estou inteiramente persuadido a isso.* Mas se comparamos esta linguagem com tudo o mais que escreveu antes e depois sobre o mesmo assumpto, devemos crer que ou fallava ironicamente, ou tomava esta cautela para desviar o perigo das perseguições que receava, e de que tantas vezes se queixava.

Abonam esta última conjectura assim o tom de mysterio que reinava na maior parte das suas cartas como os receios manifestados quando uma ou outra se extraviava. «Tive notícias averiguadas (diz em 14 de «janeiro de 1664) que daquella carta a que chamei últi«ma, se tenham formado as culpas por que fui condem«nado a este segundo destêrro, e por isso me não atrevi «á resposta.» «O que agora me deixa com maior cui«dado (20 de maio de 1665) é não saber o que vossa se«nhoria me diria na sua, e que fosse dar em mão alheia «de algum interprete malevolo, que queira descobrir «mysterios onde os não ha. *É certo me tem em não pe«quena confusão considerar que uma carta de vossa «senhoria se houvesse de perder tanto sem propo«sito.*»

Em outros logares[1] continúa o padre a recommendar discrição e segrêdo, porque andavam espias por toda a parte, sendo que a perseguição que soffria, derivava daquelle papel escripto ao bispo do Japão ainda em tempo da regencia, devendo elle então o adiamento da mesma perseguição á intervenção da rainha. Critica o *Mercurio*, periodico da côrte, tão pouco ponderado no que diz como no que não diz, e a D. Rodrigo de Menezes dá os parabens pelo seu valimento com o Corpo Sancto, nome por que reciprocamente designavam o principe D. Pedro columna certa de Portugal, cuja conservação pedia a Deus. Os negocios publicos, segundo elle, iam ao acaso, sem fim algum espiritual nem politico. As causas de tantos desacertos, e a louca segurança que no meio delles se conservava, sabe-las-hiam melhor os mequetrefes e poderiam dize-lo, posto que nem sempre dissessem o que sabiam ou cuidavam. «Mas como a sessão, arremata elle, era mais para Villa Franca, onde se achava, do que para a carta, fique para o silencio, *que nunca foi depositario de tantos e tão preciosos mysterios, como os que eu estes dias lhe fiz.*

Apesar, porém, do que inculcam estas últimas palavras, deve-se confessar que a parte que o P. Antonio Vieira tomava na conspiração se limitava á fé que

[1] Carta a D. Rodrigo de Menezes, de 26 de maio e 22 de setembro de 1664, e a D. Theodosio, irmão do duque de Cadaval, de 3 de julho, 7 de agosto, e 14 de setembro de 1665; e ao referido D. Rodrigo, de 25 de setembro do mesmo anno.

prestava a certos pretendidos prodigios, que observava, e ás prophecias e passagens das escripturas, expositores, e ainda auctores profanos que excavava laboriosamente, e que tudo interpretava, ao sabor dos seus desejos e esperanças. Um cometa, que apparecia no céo, um meteóro fugaz que brilhava e desapparecia, uma simples tempestade na terra ou no mar, qualquer texto claro e natural, ou obscuro e inintelligivel; os successos e movimentos dos paizes mais remotos, e que menos relação podiam ter com os de Portugal, tudo lhe era assumpto facil e prompto de conjecturas, que por mais absurdas que fossem, á sua alma credula e ambiciosa se afiguravam para logo realidades palpaveis e incontestaveis.

Certo é comtudo que nunca foram objecto de suas esperanças, nem D. Sebastião, que lhe era indifferente, nem D. Affonso, a quem não amava, ou que antes o não amava; senão principalmente D. João IV, que imaginava resuscitado, e com elle a sua privança; e tambem ora o principe D. Pedro, ora um seu filho, que morreu logo depois de nascido—notavel e prompta advertencia da temeridade de suas predicções, porém não menos inutil para um homem tão aferrado ás suas opiniões, e tão obstinado no sustenta-las.

E pois as suas crenças em agouros e prodigios, e a sua mania de interpretar prophecias, e de fazer elle mesmo predicções, foram parte tão principal nos grandes trabalhos que passou por estes tempos; e

constituindo um dos elementos mais consideraveis dos seus escriptos, servem não menos a uma mais exacta apreciação do seu caracter e talento; daremos aqui dessa materia uma mais larga notícia, colhida primeiro já em numerosas passagens dispersas de suas obras, já no relatorio da sentença do sancto-officio, que o condemnou, e onde as suas idéas a tal respeito vêm como recapituladas. Sem a restringirmos á epocha que ora nos occupa, busca-la-hemos em toda a sua vida, com que por uma vez, e d'um só lanço, fique esta materia bem averiguada.

Se a crença do P. Antonio Vieira em cometas e prodigios remonta aos primeiros tempos da sua vida, é certo ao menos que se não faz vivamente sentir em seus escriptos senão depois que começou a entrar pelos annos, e já quando se viu mais vexado da fortuna, mormente a contar do processo que lhe fez a Inquisição. Dahi por diante perdurou até á morte, sem nunca mais afrouxar nem desmentir-se.

Era nas cartas onde Antonio Vieira mais dava a conhecer a sua absurda credulidade. Ora lhe diziam, escrevia elle, que apparecerá na Allemanha um cometa com duas meias luas no meio, e pedia a D. Rodrigo de Menezes que se informasse da verdade da notícia, se era cousa em que se podesse fazer fundamento; ora lhe communicava que um mathematico de boa vida, sciencia, e muito amigo do reino, dizia que as estrellas ameaçavam a Portugal um caso funesto em dia de Corpo-de-Deus. Um cometa porten-

toso punha agora em suspensão a todo o reino, tão desmesurado, que segundo a sábia opinião do doutor Sanfins (medico de Coimbra, e seu grande amigo, com quem costumava praticar nesta materia), não era inferior ao de 1618, o qual tinha tresentas e oitenta mil leguas de comprido, cousa que em verdade excedia a toda a admiração; não sendo porém menos para notar-se que o cometa de 1577, a que se attribuia a perda de el-rei D. Sebastião, tivesse sahido, segundo a conta de D. Rodrigo, no mesmo dia que este, não faltando quem com sobejo fundamento achasse grande mysterio nesta concordancia.

D'outra vez era um conego de Coimbra, pessoa de toda a fé quem affirmava que na vespera do dia em que o cometa voltára a cauda para o oriente, o víra elle e toda a sua familia correr com grande pressa para o logar onde estava a lua, e metter a cauda pelo meio della, sendo este extraordinario movimento tão apressado e sensivel, que o distinguiam e notavam claramente os olhos.

Os prodigios surgiam de todos os lados. Em Guimarães um doente vomitou um dragão, de quasi um covado de comprido, com duas azas, e grossura até o meio de dous dedos, e côr vermelha escura; dali para a cauda menos grosso, e de côr parda. O sabio Sanfins o víra pintado, e com certidão jurada de medico ao pé! Em Melgaço, ao sahir do sol em certo dia, apparecêra um grande raio de côr verde e amarella, o qual se rematava em duas nuvens pequenas, uma

muito branca, e outra muito vermelha: e correndo por grande espaço para a parte interior de Galliza, ultimamente se desfizera sobre ella em raios e coriscos de fogo. Em Coimbra tambem se víra por algumas vezes um globo de fogo para a parte do sueste, que nascia á meia noite, se ia levantando devagar, e durava por espaço de duas horas. O que porém se escrevia de Roma, o padre tinha por maior prodigio que todos, e vinha a ser que houvera ali por tres dias uma nevoa tão espessa e tão escura, que as trevas eram palpaveis como as do Egypto. Até o cometa demonstrava ali maior cauda; e era tão temido, que a rainha de Suecia (a célebre Christina) com dous grandes mathematicos que trazia a seu serviço, não o perdia de vista um só momento.

Á apparição deste prodigio seguiram-se outros, como uma grande tempestade de copiosa neve e chuva, e ventos tão furiosos, que arrancaram mais de duzentos robustos pinheiros: o cometa chegou a dar á costa com um navio do Pará. Sobre cometas lhe viera do Brazil um famoso papel, escripto pelo P. Estancel, mestre que fôra de mathematicas em Sancto Antão, tão obscuro, como feito de proposito debaixo de metaphoras e enigmas de nomes gregos, que bem lhe custou, mas sempre conseguiu decifra-lo.

Assim o escrevia o P. Antonio Vieira em Coimbra antes *da sua prisão*,[1] assim o continuou a escrever

[1] Vejam-se as cartas de 2 e 9 de junho, 22 e 29 de dezem-

em Roma, e ainda assim o escrevia no Brazil até os seus ultimos dias.[1] Para dizer tudo, não quiz despedir-se da vida, sem fazer uma especie de manifesto das idéas que tinha sobre a materia, em um escripto que intitulou:—*Voz de Deus ao Mundo, á Portugal, e á Bahia*—e a que dera occasião a apparição de um cometa em outubro de 1695, isto é, menos de dous annos antes da sua morte.

Os cometas, dizia nesse papel, eram vozes de Deus; não haviam sido creados, sim produzidos de novo para annunciarem guerras, revoluções, mudanças e mortes de principes. Nunca o houve que não prognosticasse desastres. O salitre com que se elles accendiam no céo eram os peccados.

Entretanto, se o P. Antonio Vieira tinha de applicar estes seus principios geraes, perdiam de ordinario os cometas a funesta influencia que tinham, ao menos em relação ás cousas e pessoas de sua affeição, porque os prodigios ora annunciavam a ruina do Turco, ou a morte de algum rei de Castella, ora as victórias de Portugal, ou a exaltação do quinto imperio do mundo com principe ou imperador portugez.

Ve-lo-hemos melhor se desses prodigios passarmos

bro de 1664; e de 19 de janeiro, 3 e 23 de fevereiro, 4 e 10 de maio, e 3 de julho de 1665, escriptas a D. Rodrigo de Menezes, a D. Theodosio, e ao duque de Cadaval, seu irmão.

[1] Carta escripta da Bahia ao marquez mordomo-mór aos 5 de agosto de 1684.

para os proprios acontecimentos, de que elles eram apenas signaes visiveis e materiaes. Dizemos *acontecimentos*, não porque elles o fossem realmente, mas porque por taes os tinha e esperava o P. Antonio Vieira.

Já vimos como elle tinha enviado ao bispo do Japão um papel mysterioso, ao qual allude em suas cartas, attribuindo-lhe em parte a perseguição que soffreu. Era o papel que intitulou—*Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo*. Na Bibliotheca Lusitana de Barbosa vem esse manuscripto citado com o mesmo titulo, e o seguinte acrescentamento—*Primeira e segunda vida d'el-rei D. João IV, escriptas por Gonçalo Annes Bandarra, com um largo commento, remettido ao bispo do Japão. O P. André Fernandes, 29 de abril de 1659*.

Se o titulo não foi alterado, vê-se pela sua data que o P. Antonio Vieira o remetteu ao bispo do Japão, estando ainda nas missões do Maranhão. Foi este o famoso manuscripto denunciado á Inquisição em principios de 1663. Entretanto é fóra de dúvida que o padre já depois de denunciado, trazia entre mãos um trabalho semelhante, se não era o mesmo que corrigia, alterava e accommodava aos successos que iam de novo occorrendo. É curioso segui-lo passo a passo nas frequentes allusões que antes que chegassem a prende-lo fazia em sua correspondencia á esta obra, e ás phases do processo, não menos que ás esperanças que alimentava, e nunca desfalleciam.

«Não me falle vossa senhoria em sermões (escrevia «elle a D. Rodrigo) porque estas regras, e as que «remetti no correio passado, são o maior excesso a «que me tem dado logar o sangue, dor e fraqueza, ou «total desmaio do peito; mas ainda neste estado, quando «o espirito se sente com algum alento, o que discorre «e vae dictando é sobre aquella obra de que ultima- «mente fallei a vossa senhoria, a qual está muito «adiante, e é necessario adiantar-se para que os suc- «cessos não cheguem primeiro.»

Pouco depois fallava-lhe na resurreição universal do genero humano, pois tinha por certo que bem cedo sería o dia de juizo que esperava, com muita glória de Portugal. O papel se ia fazendo quanto o permettiam a frieza do tempo e a fraqueza da saude, mas o mundo não o havia de vêr, sem que o visse D. Rodrigo, e o emendasse primeiro. Agradece-lhe os livros que lhe mandou, e sollicíta outros, todos de auctores desconhecidos, e tendentes ao assumpto das prophecias. Torna a encarecer a mortificação que soffria em vêr correr o tempo, e temer que se anticipassem os successos á esperança e ao gosto de os vêr primeiro escriptos. Posto que algumas vezes arremettesse á continuação do já sabido papel, sentia-se embargado pela falta de fôrças. Entretanto fosse servido sua senhoria dizer-lhe se de Italia tinham vindo algumas novas da guerra do Turco, porque dos seus successos dependia grande parte da conjectura dos tempos. Havia mais de tres annos que estava

cosendo desgostos e discursos, sem poder romper o silencio, e essa era a sua maior enfermidade. Dizia-se-lhe que o nome de um conde hespanhol ajustava com um verso das trovas de Bandarra; e uns frades da serra d'Ossa lhe asseveravam que a casa que os duques de Bragança tinham ali na tapada se chamava *Cabana*, justamente como se expressava o mesmo Bandarra, e prova evidente do seu espirito prophetico. Estava a entrar tambem o mez de setembro, em que os interpretes tinham alvoroçado tanto a expectação a todos; e posto lhe parecesse o prazo mui limitado para tamanhas mudanças, em alguma cousa todavia sempre se poderiam ajustar os discursos astrologicos com as considerações politicas.

Alludindo aos apertos em que o punha o processo, e já quando se avisinhava o desfecho da prisão, escrevia elle ora ao mesmo D. Rodrigo, ora a D. Theodosio—que os aproches se apertavam com grandissimo rigor; e que lhe dessem conselho e roteiro com que podesse navegar em mar tão tempestuoso, e noite tão escura. Queixa-se de uma notificação que lhe viera de parte superior, impedindo-lhe que se arredasse e sahisse da terra, na qual nem se podia viver, nem ainda morrer, porque nem nas sepulturas havia segurança. Deus lhe désse paciencia, e sustentasse a vida, que uma e outra cousa era necessario que fosse de bronze, e mais que de bronze, para tanta sem rasão. [1]

[1] Vejam-se as cartas de 24 de dezembro de 1663, 14 e 28 de

Já é tempo porém que saibamos qual era a significação e o alcance deste papel denominado do *Quinto Imperio*.

No seculo chamado de quinhentos vivia em Trancoso, na Beira, um sapateiro de nome Gonçalo Annes Bandarra, auctor de certas trovas, que o povo conceituava de propheticas. Por causa da sua reputação de propheta, e de elle mesmo dar-se por tal, foi preso pelo sancto-officio, e sahiu no auto público da fé, celebrado em Lisbôa em 23 de outubro de 1541. Cerca de um seculo depois, renasceu a sua memoria, entendendo-se geralmente que Bandarra havia vaticinado a restauração, acontecida no anno de 1640. Entretanto as suas obras, commentadas e impressas muitas vezes, foram postas pela Inquisição no cathalogo das prohibidas.

É notavel que o desembargador Seabra da Silva na sua—*Deducção Chronologica e Analytica*—attribua a composição dessas trovas ao proprio P. Antonio Vieira, a quem, diz elle, pozeram os jesuitas em público, em attenção ao seu ardente engenho, e espirito turbulento, para desempenhar o ministerio de propheta, de que haviam mister no reinado de D. João IV. O fundamento da sua opinião é que as trovas não podiam ser de um miseravel sapateiro como Bandarra, suppostos os muitos e variados conhecimen-

janeiro, 31 de março, e 11 de agosto de 1664, e 24 e 31 de agosto, 10 e 21 de setembro de 1665.

tos das lettras sagradas e profanas que ellas revélam; e o pueril engenho e escolastico artificio com que estão escriptas, e que só nas classes da companhia se costumam aprender.[1]

[1] Seabra da Silva diz que o P. Antonio Vieira compozéra e publicára as trovas de Bandarra sob o titulo de prophecias, no anno de 1640, quando por esse tempo ainda o famoso jesuita se achava na Bahia. Ouçamos porém o mesmo Seabra da Silva—«Esta machinação das trovas chamadas—*Prophecias de «Gonsaliannes Bandarra*—pelas quaes o referido P. Antonio «Vieira merecia os castigos que as leis estabelecem contra os «impostores insignes e famosos, o habilitou, muito pelo contrá«rio, para ser inventor, causa, e instrumento de outros muitos «enganos, desordens, e ruinas. . . . . .
. . . . «A falta de conhecimento da verdadeira eloquencia sagra«da habilitou aquelles regulares (os jesuitas) a fazerem subir «aos pulpitos o sobredito P. Antonio Vieira. . . . . , o qual inven«tou o novo methodo e estylo, ao gosto daquelle seculo, com «que fez tão grande estrago na mesma eloquencia dos pulpitos, «forçando as sagradas escripturas a virem arrastadas, por jo«gos de palavras, e fóra do verdadeiro sentido, servir as suas «definições e metaphoras, commovendo os ouvintes com cópia «de tropos e figuras da rhetorica pueril das classes dos mesmos «jesuitas. . . . . .
«. . . O que não obstante os successos responderam em tal fórma «ás esperanças dos ditos regulares, que dentro em pouco tempo «os afamados sermões do P. Antonio Vieira encheram de ad«miração a côrte e o reino—que nas igrejas onde elle prégava, «era preciso que os ouvintes se anticipassem muitas horas para «acharem logar—e que a opinião do mesmo P. Antonio Vieira «subiu em triumpho entre acclamações ao palacio do senhor «rei D. João IV até entrar no sanctuario do seu recatado gabi«nete, com as funestas consequencias que logo se verão.»
Veja-se a *Deducção Chronologica e Analytica*, n.os 354, até 361.
Bem que não seja de todo desarrasoado o juizo que o auctor fórma dos sermões do P. Antonio Vieira, preferimos todavia a leitura de uma só pagina dos ditos sermões, á dos dous grossos e indigéstos volumes da *Deducção Chronologica*.
Deve attender-se a que esta obra foi escripta no ministerio do marquez de Pombal, e sob as suas inspirações. Para dizer mal dos jesuitas então proscriptos, não escrupulisava o auctor nem na escolha dos factos, nem na maneira de aprecia-los.

Entretanto, esta opinião é de todo ponto contrária á verdade. As trovas de Bandarra já eram de ha muito conhecidas. Os portuguezes, como tão maltratados da fortuna, na perda de D. Sebastião, no longo captiveiro de Castella, e nos repetidos revezes das suas colonias da Africa, India e Brazil, eram credulos de agouros e prophecias, e acolhiam avidamente e sem exame tudo quanto podia levantar as suas esperanças decahidas, mas não inteiramente mortas. Era assim que muitos delles, conhecidos sob o nome de *Sebastianistas*, interpretavam as trovas de Bandarra no sentido da volta do rei morto na desastrosa expedição africana.

O P. Antonio Vieira, tanto ou mais credulo que todos os outros, fez como elles, aproveitou-se das trovas que andavam em voga; e porque estas prophecias se prestam de ordinario a todas as interpretações, tractou elle de accommoda-las a seus intentos e affeições, não obstante toda a sua incontestavel sinceridade, nunca desmentida, nesta materia, até á morte. De D. Sebastião nada tinha elle a esperar; por isso o seu espirito, seduzido pelo coração, via no *Encoberto* nada menos que o proprio rei D. João IV, de quem fôra tão privado.

Se havemos de dar credito ao relatorio da sentença da Inquisição (nem ha rasão para pôr em dúvida a sua exactidão e veracidade) o fim principal do papel intitulado—*Quinto Imperio do Mundo*—era mostrar que Gonçaliannes Bandarra fôra verdadeiro prophe-

ta, e que conforme alguns logares e predicções de suas trovas era certo e indubitavel que muitos annos ou centos delles antes da última e universal resurreição dos mortos, havia de resuscitar certo rei de Portugal defuncto (era D. João IV) para ser imperador do mundo, e lograr as grandes felicidades, victórias e triumphos, que o dito Bandarra tinha delle prophetisado; accrescendo que antes de composto o dito papel, havia o P. Antonio Vieira prégado em uma occasião em que o dito rei estivera em certa enfermidade desconfiado dos medicos, ou que não havia de morrer della, ou se morresse, havia de resuscitar para dar cumprimento ás ditas prophecias e maravilhas promettidas pelo Bandarra, e ainda não succedidas; e já depois de composto o mesmo papel, affirmára diante de várias testemunhas que—reduzido emfim o mundo todo á fé de Christo, (o que succederia durante o imperio do dito rei resuscitado) havia de durar mil annos, tendo nelles Deus preso o diabo, dantes solto, para não tentar as gentes, como deduzia do Apocalypse, cap. 2º; e que viveria o mundo em paz, á imitação do estado de innocencia, sem guerra e sem trabalhos; até que, havendo de vir o Anti-Christo, se tornaria a soltar o diabo, e ser então o dia de juizo.[1]

Á mesma familia e geração de idéas que o *Quinto*

[1] Veja-se a sentença da Inquisição na Prova 45.ª vol. 3º. Das Provas da Parte 1.ª da *Deducção Chronologica*.

Imperio, pertencem a *Clave dos Prophetas*, ou *Clavis Prophetarum, sive de regno Christi in terris consummato*, obra escripta em latim, que nunca chegou a ser impressa, nem mesmo concluida; a *Palavra empenhada e dezempenhada*, sermão, e discurso apologetico impressos no volume 13º dos sermões, e finalmente a famosa *Historia do Futuro*. Como todos estes escriptos servem optimamente a caracterisar o auctor, bem é que delles demos tambem uma abreviada noticia.

Fallando da *Clave dos Prophetas* dizia muito depois o P Antonio Vieira: «Tenho em grande altura «um livro latino intitulado o—Quinto Imperio—ou «Imperio Consummado de Christo,—que vem a ser a «—Clavis Prophetarum—*e ninguem o lê sem admira-«ção*, e sem o julgar por importantissimo á intelligen-«cia das escripturas propheticas.» [1]

O P. André de Barros (Tom. 2º, cap. 208 até 224) falla nesta obra em termos mais que pomposos: «Obra «verdadeiramente estupenda, diz elle. Na empreza «ou materia, na profundidade, e na agudeza com que «sobe á intelligencia das escripturas; na lição dos san-«ctos padres antigos e modernos; na erudição, vasta, «rara, e exquisita; na chronologia, nas histórias; na «noticia das herezías e concilios; na viveza com que «responde ás opiniões contrárias; na clareza com que

[1] Carta escripta de Roma a D. Rodrigo de Menezes a 22 de outubro de 1672.

«funda as suas; nos lumes ou luzes novas que por «tudo diffunde; assim se remonta com aguia, e to- «mou tão sublime vôo que, á vista desta obra, tudo o «mais que communicou ao público, é uma pequena «estrella em comparação do sól. Como mostra o im- «perio de Christo; como prova que é o quinto; a ex- «pozição dos textos, a novidade com que os declara; «como explica a celebrada estatua de Nabucho; a vi- «são dos quatro grandes animaes de Daniel; a das «quatro carroças de Zacharias, no que tudo se signi- «ficavam os futuros imperios; como mostra na escri- «ptura o que summos theologos entendiam não esta- «va nella; quanto escogita, inventa, e descobre, cau- «sa assombro.»

E o já citado relatorio da sentença da Inquisição estabelece que chamado o P. Antonio Vieira á presença do tribunal confessára, entre outras cousas— «que de mais de vinte annos atraz andava estudando «e compondo um livro, que determinava intitular *Cla- «vis Prophetarum*, cujo principal assumpto era mos- «trar por algumas proposições com logares da es- «criptura e sanctos que na igreja de Deus havia de «haver um novo estylo differente do que até então «tinha havido, em que todas as nações do mundo ha- «viam de crêr em Christo, e abraçar a fé com tão «preciosa graça, que todos, ou quasi, se haviam de «salvar, para preencher-se o numero dos predestina- «dos; na qual supposição, feita como o mesmo P. An- «tonio Vieira a tinha disposta, se ficavam corrente-

«mente entendendo as prophecias de todos os pro-«phetas canonicos, assim da lei velha, como da no-«va.»

Duas verdades se apuram evidentemente das passagens que transcrevemos e substanciamos. O papel enviado ao bispo do Japão, o *Quinto Imperio*, e a *Clave dos Prophetas* era tudo a mesma obra, ora com um titulo, ora com outro, ora mais restricta, ora desenhada em proporções mais amplas. A morte, que todavia lhe concedeu tempo sobejo, o arrebatou por fim sem que o auctor a tivesse concluido.

A segunda é que de todas as paixões do P. Antonio Vieira a mais forte e preponderante, a que talvez absorvia em si todas as outras, era da sua personalidade, ou o amor e admiração exagerados de si mesmo. Assim, para a realisação das prophecias que interpretava, não via elle epocha mais asada, que aquella em que vivia: e era menos a resurreição de D. João IV que sonhava, que a da grande privança de que gosára no seu reinado. A sua vaidade o levava ao extremo de vêr-se a si mesmo nas obscuras allusões do Bandarra, chegando a confessar na Inquisição que lhe diziam respeito aquelles dous versos:

> Eu vejo um alto engenho
> Em uma roda triumphante.

A *Palavra de Deus dezempenhada* foi um sermão em acção de graças pelo nascimento do principe D. João, primogenito d'elrei D. Pedro II, prégado na

cathedral da Bahia em 16 de dezembro de 1688 O P. Antonio Vieira já era então um velho decrepito, e quasi tocava ás portas da morte; por causa do livro do *Quinto Imperio* havia sido preso, condemnado, perdoado e solto pela Inquisição; fôra a Roma, voltára a Portugal, e se restituíra pela ultima vez ao Brazil, sem em todo esse tempo resuscitar D. João IV. El-rei D. Pedro, pela sua parte, não lhe continuou o valimento do pae. Variou pois de pessoas, sem variar de crenças, nem abandonar os seus sonhos queridos; e em desespero de causa, adoptou o principe recemnascido para objecto de suas emprezas. Propoz em consequencia no sobredito sermão que, segundo as escripturas, o mundo se havia de dividir em dous reinos—o espiritual, que era o do pontifice;—e o temporal, do novo imperador de todo o mundo. Mais de trinta auctores e interpretes o confirmavam, por signal que uma bôa parte delles punha a cabeça deste imperio em Portugal, assignalando os logares ou metropoles dos dous solios; e dizendo que assim como o pontificio estava em Roma, assim o solio imperial havia de estar em Lisbôa. Donde em conclusão rematava que o imperador não seria outro senão o principe recemnascido.

Porém o destino acintoso parece que se esmerava em contraria-lo, desmentindo os seus vaticinios: o principe D. João falleceu pouco depois do seu nascimento.

O P. Antonio Vieira nem por isso se deu por ven-

cido. Compoz um discurso apologetico que intitulou—*Palavra do prégador empenhada e defendida*—que offereceu secretamente á rainha como para allívio das saudades do principe morto. Neste papel sustentou o P. Antonio Vieira que o primogenito fôra com effeito tomar posse do imperio no céo; e que o principe que nascesse immediatamente depois, a tomaria na terra, com o que vinha tudo a dar na mesma cousa. Para prova-lo, veio com as costumadas agudezas e estravagancias, e grande cópia de interpretações absurdas dos textos sagrados.

Esta singular explicação, e mais ainda a circumstancia de have-la o P. Antonio Vieira offerecido secretamente á rainha, deu argumento contra a sinceridade. Mas para quem o estuda em todo o curso da sua vida, é obvio que nesta occasião, como em tantas outras, o seu espirito obstinado, e já d'antemão rendido a uma idéa, acolhia tudo quanto se encaminhava a servi-la, atordoando-se a si mesmo, e enganando-se a ponto de attingir á convicção. A confusão e o pejo que o segrêdo por ventura denota, prova menos as dúvidas do seu proprio espirito, que o receio da incredulidade dos outros, certo muito excitada pelo formal e estrondoso desmentido que o successo havia dado ás suas predicções. [1]

[1] Em carta escripta da Bahia, ao padre Leopoldo Fuess, confessor da rainha, em 19 de julho de 1689, faz o padre Antonio Vieira umas excusas tão curiosas do desapontamento que soffreu, que julgamos conveniente não privar o leitor do gosto

A *Historia do Futuro*, impressa em Lisbôa em 1718, foi objecto de um juizo severo da parte do bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo.[1] Segundo este illustrado crítico, semelhante escripto não era uma história, senão uma adivinhação, uma extravagancia, antes um monstro, de que se não podia tirar prova alguma pró ou contra os talentos historicos daquelle que a compozera.

Concedendo que assim seja, é força convir tambem que em tudo o mais, no estylo como no conceito,

de o ouvir a elle mesmo. «Fervia a Bahia em preparações de «largas festas, quando as enlutou a segunda nova da repentina «fatalidade com que já nos havia deixado o principe D. João, «que então lhe soubemos o nome. Em todos foi geral o senti«mento, *e em mim muito maior a confusão*, pois as esperanças «de quanto tinha prégado as desfazia a mesma morte, não se «conformando por outra parte com ella as escripturas que eu «tão largamente tinha allegado em seu proprio e natural senti«do. No meio desta perplexidade recorri outra vez ao archivo «onde a Providencia divina tem depositado os seus segredos, «que são as mesmas escripturas sagradas. E como as não «achasse contrárias, senão concordes, (posto que por modo mais «que maravilhoso) vim a entender que a mesma esperança «que todos tinham por sepultada, não estava morta, mas viva. «Preguei que o principe primogenito d'el-rei D. Pedro nosso «senhor não só havia de ser imperador, senão imperador de «todo o mundo. E agora digo que tão fóra esteve a sua morte «de desfazer o cumprimento desta promessa, que antes serviu «de o apressar. Não lhe tirou a vida para lhe tirar o imperio: «levou-o tão apressadamente para que fosse logo tomar a posse «delle. Isto é o que contém a terceira parte do presente papel. «*Nem é meu intento que saia a público esta segunda esperança*, «mas como fé da primeira a offereço *em sêgredo* aos olhos uni«camente da rainha nossa senhora para allivio de suas sauda«des. Por isso a fio só do sigillo de vossa reverendissima.»

[1] Veja-se no 2º volume das suas obras, impresso em Lisbôa em 1819, a *Memoria historica e critica sobre a vida e escriptos do P. Antonio Vieira*.

não desdiz esta das mais obras do auctor, pois, aqui, como em todas ellas, o seu fim é interpretar com mais ou menos offensa do bom senso e da rasão os livros sanctos no sentido da exaltação do quinto imperio na sua sempre amada patria.

Mas para melhor sabermos o que é a *História do Futuro*, ouçamo-lo a elle mesmo—«Nós havemos de «fallar, diz o auctor, de reinos e de imperios, de «exercitos e de victórias, de ruinas de umas nações, «e de exaltações de outras; mas de imperios não já «fundados, senão que se hão de fundar; de victórias «não já vencidas, senão que se hão de vencer; de «nações não já domadas e rendidas, senão que se «hão de render e domar. Hão-se de ler nesta histó-«ria para exaltação da fé, para triumpho da igreja, «para glória de Christo, para felicidade e paz uni-«versal do mundo, altos conselhos, animosas reso-«luções, religiosas emprezas, heroicas façanhas, ma-«ravilhosas victórias, portentosas conquistas, estra-«nhas e espantosas mudanças de estados, de tempos, «de gentes, de costumes, de governos, de leis; nas «leis novas, governos novos; costumes, gentes, tem-«pos, estados, conselhos, resoluções, emprezas, fa-«çanhas, conquistas, victórias, paz, triumphos, e fe-«licidades novas; e não só novas, porque são futu-«ras, mas porque não terão semelhança com ellas «nenhumas das passadas. Ouvirá o mundo o que «nunca ouviu, admirará o que nunca leu, e pasmará «assombrado do que nunca imaginou!»

Depois deste emphatico exordio, não se fez esperar a revelação do povo feliz a quem eram reservadas tantas glórias. «Portugal sería o assumpto. Por-«tugal o centro e o theatro, Portugal o principio e o «fim destas maravilhas, e os instrumentos prodigio-«sos dellas os portuguezes.»

Quanto á extensão do quinto imperio, tudo o que abraça o mar, tudo o que alumia o sol, ser-lhe-hia sujeito: e não por nome, ou titulo phantastico, como todos os que até então se chamaram imperios do mundo, senão por dominio e sujeição verdadeira. Todos os reinos se uniriam em um sceptro, todas as cabeças obedeceriam a uma suprema cabeça, todas as corôas se rematariam em um só diadema, e este seria a peanha da cruz de Christo.

Descorrendo por este theôr, citando as escripturas, applicando e explicando os textos, conseguiu o padre encher mais de tresentas paginas *in quarto*. Bem é que vejamos agora algumas dessas cerebrinas interpretações.

O termo *columba, pomba*, sempre que o empregaram as escripturas, não podia ser com outro fim, senão designar Christovam Colombo, ou Columbo, descobridor da America. O ouro e a prata de que fallavam como existentes, ao longe, eram os do Potosi, e de outras minas do novo mundo.

O texto de Isaías—*gentem conculcatam*,—que outros lêm—*gente depilatam*,—adapta-se maravilhosamente, quer em uma quer em outra lição, aos indios

do Brazil; porque como antipodas eram gente calcada dos pés dos europeus, a quem ficavam sotopostos, *gentem concultatam*; e se gente sem pello,—*gentem depilatam*—certo era que os brazis não o tinham, pois em geral careciam de barbas, e no peito e pelo corpo têm a pelle lisa e sem cabello, com grande differença dos europeus.

O outro texto: *Væ terræ cymbalo alarum*, que outros lêm *terræ navium alis* tambem encontra a sua justa applicação nos brazis. A sua traducção litteral é: *Ai da terra que tem navios com azas*:—ou *ai da terra que tem sinos com azas*! Ou navios, ou sinos, sabido é que os indios usam de *maracás*, com que fazem estrondo e ruido, e são uma maneira de sino; e têm umas embarcações de guerra, a que chamam *maracatisis*, do uso de lhes trazerem nas prôas grandes maracás; e tanto estes como as embarcações enfeitados de pennas e azas abertas de *guarás*, a que sem dúvida alludia o propheta, pois não se hade crêr que tractasse de velas por azas, por não haver de designar umas tão particulares embarcações por um distinctivo commum a todas ellas.

Cujus diripuerent flumina terram ejus—gente a quem os rios roubaram a sua terra. Eis aqui ao menos um texto, que nos valeu uma magnífica descripção das terras e rios do Pará, a qual não se afasta muito da exacta verdade, mormente se se applica aos tempos da primitiva selvatiquez daquellas vastas regiões. «Em toda aquella terra, diz o P. Antonio

«Vieira, em que os rios são infinitos, e os maiores «e mais caudalosos do mundo, quasi todos os cam- «pos estão alagados e cubertos de agua doce, não se «vendo em muitas jornadas mais que bosques, pal- «mares, e arvorêdos altissimos, todos com as raizes «e troncos mettidos n'agua; sendo rarissimos os lo- «gares por espaço de cento, duzentas, e mais legoas, «em que se possa tomar porto, navegando-se sem- «pre entre arvores espessissimas de uma e outra par- «te, por travéssas, ruas, e praças de agua, que a na- «tureza deixou descobertas e desempedidas do arvo- «redo; e posto que estes alagadiços sejam ordinarios «em toda aquella costa, vê-se este destroço e roubo «que os rios fizeram á terra, muito mais particular- «mente naquelle vastissimo archipelago do rio cha- «mado Orelhana, e agora das Amazonas, cujas terras «estão todas senhoreadas e afogadas das aguas, sen- «do muito contados e muito estreitos os sitios mais «altos que ellas, e muito distantes uns dos outros, em «que os indios possam assentar suas povoações, vi- «vendo por esta causa, não immediatamente sobre a «terra, senão em casas levantadas sobre esteios a «que chamam *jiráus*, para que nas maiores enchen- «tes passem as aguas por baixo, bem assim como as «mesmas arvores, que tendo as raizes e os troncos «escondidos na agua, por cima dellas se conservam e «apparecem, differindo só as arvores das casas, em «que umas são de ramos verdes, outras de palmas «seccas. Desta sorte vivem os Nhengaibas, Guaianás,

«Mamaianás, e outras antigamente populosas gentes, «de quem se diz com propriedade, que andam mais «com as mãos que com os pés, porque apenas dão «passo que não seja com o remo na mão, restituin-«do-lhes os rios a terra que lhes roubaram; nos fru-«ctos agrestes das arvores de que se sustentam; e em «muita quantidade de tartarugas e peixes-bois, que «são os gados que pastam naquelles campos, além «de outro pescado menor, e alguma caça de aves, e «montaria de porcos, que nos mesmos logares, sobre «aguados entre os lodos e raizes das arvores, se ceva «nos fructos dellas; e nota o propheta que não é rio, «senão rios, os que isto fazem, porque ainda que o «rio das Amazonas tenha fama de tão enorme grán-«deza, toda esta se compõe do concurso de muitos «outros rios, que todos desembocam nelle, ou junta-«mente com elle, communicando e confundindo em «si as aguas, e como unindo e conjurando as forças «para este roubo que fizeram áquella terra: *Cujus «diripuerunt flumina terram ejus.*»

«Diz mais Izaías que esta gente de que falla é um «povo: *Qui mittit in mare legatos, et in vasis papyri «super aquas.* Que manda de uma parte para outras «seus negociantes em vasos de cascas de arvores so-«bre as aguas. Tudo muito applicavel aos Maranhões, «que antes de terem uso do ferro com que cavavam «os troncos, os despiam das cascas, dellas assim in-«teiras formavam as suas embarcações, que de feito «iam ao mar, porque sobre se arriscarem com ellas

«pelo Oceano, aquelle mesmo archipelago de agua «doce por sua grandeza na sua lingua se chama «mar.»

Em apoio destas interpretações chama o auctor uma infinidade de expositores, e refuta alguns mais antigos, que por não terem notícia alguma das terras novamente descobertas, tresliam nas suas conjecturas, sem nunca acertarem com o vero sentido das escripturas; uns e outros, de resto, tão obscuros, como dignos de se-lo.

A conclusão que tira no fim de tudo isto é que o propheta Izaías não foi mais do que um chronista anticipado das gloriosas conquistas portuguezas!

Cousa notavel! Este homem que cria em agouros, que não só nos cometas, mas ainda em outros prodigios de existencia mais que duvidosa, suppunha descobrir a marcha dos acontecimentos, e á fôrça de imaginação e phantasias tão disparatadas, como sonhos de um enfermo, aspirava a dispor anticipadamente das corôas e dos povos, esquecido da sua propria sentença de que—*os imperios e os reinos não os dá nem os defende a espada da justiça, senão a justiça da espada*—este homem, sempre pasmoso e contradictorio, escreveu nesta mesma obra algumas paginas admiraveis contra as superstições deste genero. Não será esta a unica vez em que vejámos tão cheio de intelligencia e de rasão, quando argue os vicios e defeitos alheios, para dentro em pouco nos dar elle mesmo o exemplo das mais incriveis aberrações do

bom senso e da rasão mais simples e mais vulgar.

«Não quero fallar, diz elle eloquentemente, na tris-«te e funesta Necromancia, que frequentando cemi-«terios e sepulturas, no mais escuro e secreto da «noite invoca com deprecações e conjuros as almas «dos mortos para saber os futuros dos vivos. A este «fim excogitaram tantos generos de sortilegios, como «se na contingencia da sorte se houvesse de achar a «certeza; a este fim observaram os sonhos, como se «soubesse mais um homem dormindo, do que acor-«dado; a este sentido consultavam as entranhas pal-«pitantes dos animaes, como se um bruto morto po-«desse ensinar a tantos homens vivos; com o mesmo «appetite pediam respostas ás fontes, aos rios, aos «bosques, e ás penhas; com o mesmo inquiriam os «cantos e vôos das aves, os mugidos dos animaes, as «folhas e movimentos das arvores; com o mesmo in-«terpretaram os numeros, os nomes, e as letras, os «dias e os fumos, as sombras e as côres, e não ha-«via cousa tão baixa e tão miuda, por onde os ho-«mens não imaginassem que podiam alcançar aquelle «segrêdo que Deus não quiz que elles soubessem. «O ranger da porta, o estalar do vidro, o scintilar da «candêa, o topar do pé, o sacodir dos sapatos, tudo «notavam como avisos da Providencia, e temiam «como presagios do futuro. Fallo da cegueira e de-«satino dos tempos passados, por não envergonhar a «nobreza da nossa fé com a superstição dos presentes!»

Não encerremos esta especialidade de prophecias e conjecturas astrologicas sem dizer que ainda depois do processo da Inquisição, de Roma e do Brazil continuou o P. Antonio Vieira a cartear-se com os seus amigos acerca dellas, sempre dominado da mesma credulidade, e sempre infatuado da sua pretendida aptidão para ler no futuro. O Turco tinha alcançado certas victórias contra a Polonia, por onde ficava com a porta aberta para a Hungria e Allemanha, e dahi para a Italia; pelo que já os astrologos deste último paiz não o asseguravam da invasão imminente. Com isto havia já grandes cuidados em Roma, e não faltavam grandes cabeças que punham os olhos em Portugal, como logar muito proprio e seguro para asylo do papa. Semelhante accidente faria mudar a scena a toda a Europa. Se agora é que pensavam em tal, elle já havia muito que o tinha previsto e predito. Mais tarde, e já na Bahia, posto que as noticias fossem contrárias, porque então era a Polonia quem levava o Turco de vencida; nem por isso havia que fazer cabedal do nome do seu rei, bem que as suas gloriosas acções promettessem muito de si, porque a total destruição do imperio ottomano estava reservada para rei portuguez; e podia-se com rasão crer que era o de então, (D. Pedro II) não só por todas as partes que com tanta eminencia nelle concorriam, de religião, valor, e inclinação particular contra os turcos; mas por ser o segundo de nome, e se verificar nelle o texto, que tanto trabalho déra

aos sebastianistas e outros sectarios: *De quatro reis o segundo Levará toda a victória.*[1]

Se nestas opiniões teve principal origem a denúncia dada á Inquisição, outras de variada natureza tambem concorreram para o mesmo fim, umas allegadas no mesmo processo, outras constantes das suas obras e correspondencia.

A sua predilecção pelo principe D. Pedro, em prejuizo d'el-rei D. Affonso, e o seu voto para que as acções das companhias de commércio, cuja creação propoz, fossem isentas de confiscações, elle mesmo allegou por vezes que, foram causa de seus trabalhos.

Em carta escripta do Maranhão a el-rei, em 6 de abril de 1654, opinou contra a multiplicidade das ordens religiosas, que a pequenez do reino não podia comportar; e esta opinião, manifestada ainda em diversas outras occasiões, sem dúvida seria logo notada como uma daquellas perigosas novidades a que era tão propenso o seu espirito isento e arrojado.

O certo é que das novidades e innovações fez elle uma formal e brilhante apologia na sua *História do Futuro*.—«Pensão era muito antiga das cousas boas e «grandes, serem accusadas de novas. Era por ven-«tura o saber e dizer patrimonio só da antiguidade, e

[1] Cartas de 22 de outubro de 1672, e 15 de março de 1673, escriptas de Roma ao marquez de Gouvêa; e de 8 de agosto de 1684, da Bahia, a Diogo Marchão Themudo.

«morgado, como o de Isaac, que dada a benção a Ja-«cob, não ficava outra para Esaú. Houve por ventura «neste grande Oceano da sciencia alguma náu Victó-«ria, que désse volta a todo o mar? Ou algum Gama «que, passado o Cabo de Bôa-Esperança, a tirasse a «todos os outros de novos descobrimentos? E se de-«pois deste famoso círculo do universo, ainda ficaram «mares e terras incognitas que promettem novas em-«prezas, e novos argonautas, que será na esphera da «sabedoria e da verdade, cuja immensa e infinita cir-«cumferencia só a póde abraçar o que é immenso, e «comprehender o que é infinito? Se depois dos anti-«guissimos tiveram que descobrir os menos antigos, «porque não quereriam os adoradores ou aduladores «da antiguidade, que ainda depois de tanto dito, hou-«vesse ainda mais que dizer, e depois de tanto estuda-«do e sabido, mais ainda que estudar e saber? Bem «era de temer que os que condemnavam as cousas «novas, fossem só aquelles que não podiam dizer se-«não as muito velhas, e por ventura muito remenda-«das. Um grande sabio, que tanto tinha em si do que «os antigos souberam, dizia que de boamente dera de alviçaras o que sabía, se lhe dessem o que ignorava. «Isto era o que tinha ficado aos vindouros para pode-«rem saber e dizer de novo; e querer precisamente «que nos atassemos em tudo ao passado, era querer «atar os vivos aos mortos, crueldade que só de um «antigo tyranno se contava.»

Em tal materia o que admira menos é que taes opi-

niões podessem excitar as desconfianças do sombrio tribunal; custa porém a comprehender como um engenho tão esclarecido, capaz de conceber e dizer tão primorosamente cousas de que se honrariam os escriptores mais liberaes do seculo presente, cahisse para logo em tão estranhos absurdos, como sabemos, e entendesse que a *novidade* consistia principalmente no velho e tenebroso mister de decifrar as escripturas ao sabor das paixões e interesses em voga no seu tempo.

Quanto mais porém não é para admirar e louvar que elle, anticipando os tempos, se compromettesse tão nobremente pela causa dos judeus, e christãos-novos, prégando, e justificando com solidas rasões a tolerancia a favor das suas crenças! Elle o diz em algumas das suas obras impressas; e consta isso não só do processo que soffreu, como de certos manuscriptos que offereceu ao papa, a el-rei D. João IV, e ao principe D. Pedro, nos quaes propunha que os judeus se conservassem no reino, que se avocassem de Roma certos processos do sancto-officio, e se reformassem certos estylos do tribunal no tocante aos mesmos judeus.[1]

É bem de crer que este atrevido projecto de reforma assanhasse as iras da Inquisição mais que qualquer outra cousa; e o certo é que durante o curso

[1] Veja-se a enumeração destes manuscriptos na Bibliotheca Lusitana de Barbosa.

do processo se lhe exprobrou severamente o haver elle dito (como confessou perante o tribunal) que convinha por os judeus em logar separado, concedendo-se-lhes liberdade de consciencia a fim de que, conhecidos quaes eram judeus, quaes catholicos, se resolvesse se era mais rasão conserva-los, se expulsa-los para fóra do reino; sendo entretanto a sua opinião particular que a conservação pública delles era preferivel, por serem elles os que fomentavam o commércio donde o mesmo reino tirava as fôrças, pois fôra muito opulento em riquezas e poder emquanto foram nelle conservados, assim como então o eram Hollanda e outras republicas para onde se haviam passado depois de expulsos de Portugal.

Tambem se lhe arguiu o ter dito que convinha ao bem do reino declararem-se nas inquerições dos judeus os nomes dos denunciantes e testemunhas, ou como vulgarmente se diz, darem-se abertas e publicadas aos christãos-novos, presos por crime de judaismo; e de haver feito sobre isso varios papeis a sua magestade, procurando persuadir-lhe que era o que mais convinha, e argumentando que assim como muitos esperavam por D. Sebastião, e el-rei, sabendo o, não se aggravava disso; assim tambem se os christãos-novos continuassem a frequentar as igrejas, sem fazerem nem dizerem cousa contrária á fé, não se devia fazer conta de elles perseverarem no abuso de esperar pelo Messias; acrescentando por derradeiro que não havia dúvida que, por procederem de

outra fórma, os inquisidores faziam no sancto-officio aos christãos judeus.

A accusação de heresia não podia faltar em uma causa do sancto-officio. Exprobrou-se-lhe o haver elle escripto ou asseverado já nos pulpitos, já em conversações particulares, várias proposições criminosas, como, por exemplo, que o homem era tanto ou maior tentador que o diabo—que S. Pedro Nolasco era tamanho sancto como S. Pedro apostolo. «E o que ha-«via prégado no sermão de N. S. da Graça (copia-«mos aqui textualmente a sentença, para offerecer-«mos ao leitor um curioso especimen das accusações, «e dos modos de discutir e refutar que se usavam «no tremendo tribunal) era proposição mal soante e «temeraria, por ser contra o unanime consenso e «auctoridade de todos os sanctos padres e doutores, «que medem adequadamente a graça da senhora pela «maternidade de Deus, e não pelo estar ao pé da «cruz, pois, como a cada passo os theologos ensinam, «é de fé que a virgem nossa senhora foi *ab æterno* «predestinada para mãe de Deus, para a graça e para «a glória; e tudo tão ajustado com o decreto divi-«no, que não póde haver na mesma senhora gráu de «graça ou de glória, fóra do proprio decreto divino; «como tambem é certo que foi primeiro predestina-«da para a dignidade de mãe, e depois *in secundo* «*signo* para a graça e glória; e assim, sendo toda «predestinada para a graça *in secundo signo*, como «meio e disposição para conseguir a execução *prædes-*

«*tinantionis maternitatis;* claramente se fica segun-«do que se deve medir a graça só pela maternidade, «e que o merecimento que a senhora teve ao pé da «cruz, foi effeito da dita predestinação ordenada *ad il-«lius consecutionem*, e não regra ou medida para «o conhecimento da sua graça, como foi a materni-«dade de Deus, a qual, *ad alias gratias creatas* se «compára *tanquam prima forma ad suas proprieta-«tes*, e pelo contrario as outras graças se comparam «a respeito da mesma *sicut dispositionem ad for-«mam.*» [1]

[1] As suppostas heresias do P. Antonio Vieira não eram mais que extravagancias, nascidas do seu gôsto da singularidade, e de certo torneio original do seu espirito no modo de propor as cousas—Acabamos de ver os argumentos subtis e abstrusos que a Inquisição empregava no refutar: vejamos agora como o P. Antonio Vieira propunha. O sermão do sanctissimo sacramento prégado em Lisbôa em 1645, offerece um exemplo notavel da maneira habitual com que tractava os assumptos theologicos, e bem podia figurar, pela sua incongruencia, entre os denunciados á Inquisição. Propoz-se elle a provar a verdade do mysterio da eucharistia, e a fórma que preferiu foi a da refutação de todos os seus inimigos, que não eram menos de sete, um judeu, um gentio, um herege, um philosopho, um politico, um devoto, e o proprio diabo emfim.

Quando chega ao último, depois de o comparar com o politico, chasqueando na fórma do seu costume, continúa por este theor. «O primeiro inventor (ningnem se espante do que digo) «o primeiro inventor da traça ou do desenho do mysterio da «eucharistia foi o demonio. Quando o demonio tentou a Eva, «disse-lhe assim: *Comei do pomo vedado, porque no dia que co-«merdes ficarás como Deus* (*Genes. III—5*) Eis aqui o myste-«rio da eucharistia, não só quanto á substancia, senão tambem «quanto aos effeitos. Quanto á substancia, porque diz o demo-«nio que está a divindade em um pomo; quanto aos effeitos, «porque diz que comendo o homem, hade ficar como Deus. «Pois vem cá, diabo. *De ore tuo te judico.* (*Luc.* XIX—22). Se «tu dizes que o homem comendo ficará como Deus, e que no

Taes eram os argumentos, e os motivos por que naquelles tempos se mandavam centenares de homens ao supplicio do fogo!

O complexo de todas estas variadas causas do processo exprime André de Barros nas seguintes palavras: *Papeis que escrevêra; proposições que dissera; textos da sagrada escriptura que interpretára; diverso estado da igreja em tempos futuros, que promettia; livros que tinha escripto, ou tivera pensamento de escrever, foi a materia amplissima, de que lhe formaram crimes affectos differentes.*

Não será grande temeridade acrescentar a todas estas causas o antigo e aprégoado ciume das duas ordens. Os padres de S. Domingos bem podiam acariciar o pensamento de desairar a ordem rival, ferindo-a na pessoa de um dos seus membros mais illustres. *Sentiu a companhia de Jesus este golpe* (diz An-

«pomo daquella arvore está encoberta a divindade, como ne-«gas que póde estar encoberta a divindade debaixo das espe-«cies de pão; e que comendo o homem póde ficar como Deus? «O que Christo nos concedeu neste mysterio é o que o diabo «nos prometteu no paraiso. Fez Christo verdadeira a mentira «do diabo, para desta maneira o vencer a elle, e nos desaffron-«tar á nós. Christo fez da sua promessa dadiva, e da sua ten-«tação sacramento. Da promessa do demonio fez dadiva, por-«que nos deu a comer a divindade que elle nos promettêra co-«mendo; e fez da sua tentação sacramento, porque consagrou «debaixo das especies de pão o que elle fingira debaixo das «apparencias do pomo. De sorte que o demonio ficou vencido, «porque a sua mentira ficou verdade, e o homem desaffrontado, «porque o seu engano ficou fé. O que creram nossos primei-«ros paes no paraiso, é o que nós cremos no sacramento: elles «erradamente ao diabo, nós acertadamente a Deus.»

dré de Barros, em apoio desta conjectura) *como quem o levava nos olhos; e com elles postos no céo, esperava se abrandasse a indignação dos astros.*

Seja como fôr, nos principios do anno de 1663 foi o papel do *Quinto Imperio* denunciado ao conselho geral do sancto-officio do reino; e sendo visto e mandado qualificar tanto ali como na congregação de Roma, em uma e outra parte lhe foram conservadas algumas proposições, com nota de serem, umas contra o commum sentido catholico, fatuas, temerarias, e escandalosas; e outras offensivas das orelhas dos pios e fieis catholicos, erroneas, injuriosas aos sanctos padres e escripturas, e com sabor de heresia.

Com o que foi o P. Antonio Vieira chamado perante a inquisição de Coimbra; e confessando elle por seu não só o papel apontado, como o livro que estava compondo da *Clave dos Prophetas*, e as diversas outras proposições e escriptos que já ficam mencionados, fez-se-lhe saber o como haviam sido qualificados os seus erros, tanto em Lisbôa como em Roma, esperando-se delle que como verdadeiro religioso e fiel catholico desistiria, e se retractaria de tudo, acudindo por essa fórma ao seu credito e obrigações de religioso, letrado, e prégador, que todas tinha contravindo com taes escriptos. A esse intento foi admoestado com muita caridade (seguimos o relatorio da sentença em substancia, reproduzindo porém os seus proprios termos quanto nos é possivel) que o respeitar e obedecer ás censuras do sancto-

officio além de ser obrigação sua, era o que mais lhe convinha para descargo de sua consciencia, e poder alcançar o bom despacho *que se lhe desejava dar* em seu negocio, que assim ficaria findo, e reduzido aos termos do inviolavel segrêdo do tribunal.

Mas o reu respondeu que sem embargo de taes admoestações, persistia em querer explicar as suas proposições, e escusar as censuras que se lhe haviam feito, sem elle ser aliás ouvido em sua defeza: pelo que requereu se lhe désse vista de todas as proposições e respectivas censuras para lhes responder, com protesto que, senão obstante a sua resposta, o sancto-officio entendesse que as taes censuras ficavam ainda em toda sua fôrça, estava elle reu sujeito e obediente ao que lhe fosse mandado, como bom e fiel catholico que era.

E vista esta sua desacertada resolução e desobediencia se foi continuando a sua causa na meza do sancto-officio, e sendo examinado em cada uma das proposições censuradas, e perguntado pelos fundamentos e rasões que tivera para as professar, prégar e escrever.

Respondeu que sabía ser sentença de alguns padres e theologos que o imperio romano havia de durar até o fim do mundo; mas que a elle reu lhe parecia que o Quinto Imperio de que tractava no dito seu papel havia de principiar com a extincção do de Allemanha, chamado romano; começando, quando se acabar o do Turco, o qual não durará muitos annos,

e continuando até a vinda do Anti-Christo e fim do mundo. E assim foi escusando a sua fé nas prophecias do Bandarra, e explicando todos os mais pontos arguidos.

Como porém nessas explicações, em vez de attenuar, aggravava cada vez mais as suas culpas, tornou a ser por multiplicadas vezes admoestado com muita caridade da parte de N. S. Jesus-Christo quizesse desistir de sustentar teimosamente o que nas proposições supramencionadas, só por não ceder da sua opinião, tinha affirmado contra a verdadeira doutrina da igreja e sanctos padres; e então lhe foi especialmente declarado o que, acerca de cada uma dessas proposições, devia ter e seguir, conforme a verdadeira doutrina.

Mas o P. Antonio Vieira, máu grado a tudo, continuou firme e constante em suas opiniões; donde então veio o promotor do sancto-officio com libello criminal accusatorio que o reu contestou pela materia de suas confissões e declarações, apresentando defeza, por seu procurador, e offerecendo em prova um papel que andava compondo em abono das proposições censuradas.

Mas sendo passados mais de nove mezes sem o reu apresentar a promettida apologia, desculpando-se com seus achaques e occupações, lhe foram assignados mais quatro mezes, com comminação de ser lançado, se dentro daquelle prazo ainda a não apresentasse.

Esta dilação foi tão infructifera como a outra; e sendo então o reu notificado que a sua causa seria sentenciada sem a defeza, que deixára de produzir; e querendo elle mostrar a deligencia que sobre isso tinha feito, veio então á inquisição, e nella apresentou trinta e tantos quadernos de folha de papel, alguns dos quaes mostravam ser escriptos havia já muitos annos, e outros depois de principiada a causa; e mais outro papel, escripto de novo, que enviou ao conselho geral do sancto-officio.

Das proposições que continham, que eram quasi as mesmas que já indicamos, porém mais amplificadas, substanciaremos apenas as seguintes.

Que passava por certo haver sido o Bandarra condemnado pelo sancto-officio; mas donde constava que o não fôra por calumnias e falsos testemunhos? Além de que, apezar dessa presumida condemnação, a lição dos seus escriptos nunca fôra vedada, e era geral. De resto nenhum dos prophetas canonicos fallára com mais clareza do que Bandarra, cujas prophecias passou então a justificar prolixamente.

Que no tempo deste imperio de Christo havia de haver no mundo um só imperador, a quem obedecessem todos os rêis, e todas as nações, o qual imperador havia de ser o vigario de Christo no espiritual.

Que a cabeça deste imperio, no temporal, havia de ser Lisbôa, e os rêis de Portugal, imperadores supremos; e que neste tempo haviam de florecer uni-

versalmente a justiça, a innocencia, e a sanctidade em todos os estados.

E que se estas e outras proposições lhe haviam sido estranhadas, era sómente por não serem vulgarisadas nem tractadas *ex-professo* pelos doutores, e por se não ter notícia dos textos, auctoridades e rasões, em que o reu as fundava, com grande concordancia das escripturas sagradas; sendo tal a importancia da materia que para maior qualificação della julgava elle necessario que na igreja se fizesse um concilio.

Neste ponto, crescendo em ousadia, atacou, posto que em termos geraes, a inconsideração com que alguns atrevidos censuradores, por quererem calumniar as proposições alheias, faziam erroneas e ignorantes as delle reu; e queixou-se de que os inquisidores lhe tinham feito fôrça e violencia notoria, negando-lhe o direito natural de sua defeza, e querendo tomar-lhe conta até dos pensamentos.

Certo, deve de ser hoje motivo para não pequena admiração que chegasse a tal excesso a ousadia de um reu, accusado naquelles tempos, e perante um tribunal daquella natureza; mas o P. Antonio Vieira, além da sinceridade das suas crenças, que lhe tranquillisava a consciencia, e alentava a esperança, fiava-se sem dúvida no seu grande engenho, e na collossal reputação de que gosava. Entretanto o tribunal, talvez por julgar que o descomedimento do reu já se não podia decorosamente tolerar, resolveu manda-lo prender, em uma das suas casas de custodia em

Coimbra, levando-se a effeito esta medida em principios de outubro de 1665, para o fim, diz a sentença, de se averiguarem com maior circumspecção e segurança da pessoa do reu, as proposições por elle sustentadas. Mas ainda este novo acto, aliás bem significativo, e proprio a abater qualquer ánimo vulgar, não fez descer o P. Antonio Vieira da sua teima e presumpção: porquanto, submettidos todos os papeis a novos qualificadores, veio elle com uma nova e larguissima apologia, em que confirmava tudo quanto havia anteriormente escripto e dito, procurando prova-lo com as mesmas trovas do Bandarra, varios logares da escriptura, e auctoridade de alguns expositores; acrescentando que supposto se não podesse com certeza dizer o tempo em que havia de começar o quinto imperio, comtudo a opinião em que concorriam maiores conjecturas, fundada no texto da Visão de Daniel, cap. VII, era que a dita mudança teria seus principios na éra de 1660, e mais particularmente no anno de 1666, em que o reu estava escrevendo.

O tribunal lhe respondia, junctando ao argumento positivo do carcere, outros de palavra, e exprobrando ao reu, ora a liberdade e pouco decóro com que fallava dos inquisidores, seus juizes; ora as suas proposições saturadas de erros judaicos, dogmas rabbinosos e sabendo a heresia, proprias a enganar e perverter os fieis menos devotos, principalmente os da nação hebrea, a quem o reu tanto procurava favore-

cer em seus escriptos, aproximando-se nelles da heresia dos Pacificadores ou Tepidos, cuja profissão era concordar as leis e seitas mais repugnantes entre si, visto que em algumas das suas proposições poderiam achar os judeus, hereges, e mouros, não pequenos argumentos a favor dos erros que seguem. Era sobretudo evidente que as passagens da escriptura e expositores, citadas pelo reu, se referiam claramente ao Anti-Christo, e não ao Turco, *in persona ficta*, ou a Mafoma, *in persona propria*, como elle dizia. O sustentar que por se não entenderem as suas proposições, e nem se ter notícia dos textos em que elle as fundava, é que se lhe estranhavam no sancto-officio, dava bem o ver a notavel presumpção com que o reu vivia satisfeito de suas letras, notícias, e singularidade.

No curso desta singular discussão não se poupavam ao preso as qualificações injuriosas e humilhadoras de judaisante, sacrilego e blasphemo; fazendo-se-lhe, á volta dellas, repetidas instancias para que, na consideração de ser filho de uma religião tão auctorisada e benemerita da igreja, missionario, e prégador evangelico—e do perigoso estado a que ia reduzindo a sua causa—tornasse sobre si, e pondo de parte a demasiada presumpção que tinha do seu engenho e letras, e a vaidade e propria altivez que se lhe estavam conhecendo claramente, quizesse desistir dos erros de suas tão novas e perigosas opiniões, como haviam feito muitos e grandes sanctos e douto-

res, de alguns em que cahiram por fragilidade humana.

A nada porém se dobrava o P. Antonio Vieira, em quem o perigo podia menos que o orgulho, e ninguem sabe qual viria a ser o paradeiro desta luta desigual, em que nenhum dos contendores queria recuar, se um incidente não viesse muito a proposito desatar o nó da questão.

Chegado o processo a termos, em que, segundo as fórmaes expressões da sentença, a persistencia do reu em seus erros o ia cegamente guiando a um miseravel precipicio, communicou-se-lhe que o sancto padre Alexandre VII havia approvado as censuras de ambas as inquisições, prohibindo não só o seu papel censurado, mas tambem as trovas já condemnadas de Bandarra. O tribunal o exhortou então pela última vez a que desistisse lisamente e sem restricções e explicações de tudo quanto havia escripto e proferido nas proposições notadas, as quaes todas, em numero de cento e quatro, lhe foram de novo lidas; afim de poder ser tractado com a piedade e misericordia que muito se desejava usar com elle.

Com este incidente mudava inteiramente a face do negocio; e já era permettido ao P. Antonio Vieira recuar e ceder sem maior desar, attenta a suprema auctoridade do pontifice, diante da qual ninguem podia eximir-se de dobrar a cerviz. Pelo que, sem mais disputar, reconheceu por suas as proposições notadas, salvo as que tocavam a haver elle affirmado que

se devia tolerar aos christãos-novos o abuso de esperarem pelo Messias, e que os inquisidores os faziam judeus no sancto-officio—allegando que ainda que poderia em algumas occasiões haver fallado em taes materias, está certo que nunca fôra com a formalidade e desabrimento que se lhe attribuiam. Finalmente, usando de melhor conselho, com mostras e signaes de arrependimento, disse que como religioso e bom catholico, se sujeitava á censura de sua sanctidade e seus ministros, aceitando e reverenciando por unica verdadeira doutrina a que na meza do sancto-officio se lhe havia dado nos exames e admoestações que no decurso de sua causa occorreram; e que desde logo se desdizia e retractava de todas as sobreditas proposições censuradas; e pedia e requeria que, conforme a desistencia e retractação, fosse sua causa julgada nos termos em que estava, com a commiseração e piedade que esperava da misericordia do sancto tribunal.

A conclusão da sentença foi a seguinte: «Mandam «que o reu P. Antonio Vieira ouça a sua sentença «na salla do sancto-officio, na fórma costumada, pe«rante os inquisidores e mais ministros, officiaes, e «algumas pessoas religiosas e outras ecclesiasticas «do corpo da universidade; e seja privado para sem«pre de voz activa e passiva, e do poder de prégar, «e recluso no collegio ou casa de sua religião, que «o sancto-officio lhe assignar, donde sem ordem sua «não sahirá; e que por termo por elle assignado se

«obrigue a não tractar mais das proposições de que «foi arguido no curso de sua causa, nem de palavra, «nem por escripto, sob pena de ser rigorosamente «castigado; e que depois de assim publicada a sen- «tença, o seja outra vez no seu collegio desta cida- «de (Coimbra) por um dos notarios do sancto-officio; «em presença de toda a communidade; e que da «maior condemnação, que por suas culpas merecia, «o relevam, havendo respeito ás sobreditas desisten- «cia e retractação, e varios protestos que tinha feito «de estar pela censura e determinação do sancto-offi- «cio depois que nelle se vissem a explicação e intel- «ligencia que ia dando a todas as suas proposições «de que se lhe tinha feito cargo; e ao muito tempo «de sua reclusão, e a outras considerações que no «caso se tiveram, e pague as custas.»[1]

Foi esta sentença publicada ao reu na sala da inquisição de Coimbra em sexta-feira 23 de dezembro de 1667, e no sabbado seguinte, em seu collegio, onde ficou para seguir dali para a casa da residencia de Pedroso, que lhe foi assignada para logar de sua reclusão, a qual, antes de partir, lhe foi commutada pelo conselho geral para a casa da Cotovia de Lisbôa.

Mas estando já nella, foi, ao cabo de pouco mais

[1] Não esqueça o leitor que nesta exposição seguimos quasi sempre o relatorio da sentença, copiando-o ás vezes até nas expressões, a que cumpre dar algum desconto, quando referem o arrependimento do P. Antonio Vieira.

de seis mezes, perdoado em tudo, no mez de julho de 1668, pelo mesmo conselho.

Este memoravel processo, o acontecimento por ventura mais grave da longa e tempestuosa vida do P. Antonio Vieira, tem dado occasião a apreciações diversas e contradictorias, quer em relação aos juizes que proferiram a sentença, quer ao reu que foi victima della.

Entre a servil e cautelosa adulação de André de Barros, e a dura e inflexivel condemnação do arcebispo da Bahia,[1] que, seguindo neste ponto a torrente dos declamadores, qualifica os juizes de iniquos, e os dá quasi animados pelo sentimento da inveja e da vingança contra o raro merecimento da victima, preferimos a severa e discreta imparcialidade do bispo de Vizeu[2] bem que não adoptemos todas as suas opiniões. *Quem julga os juizes*, diz elle, *pelas idéas do tempo do julgador, e não pelas do tempo delles, dá a ver que no seu logar commeteria certamente o mesmo êrro.*

A sentença da Inquisição se deve julgar segundo

[1] D. Romualdo. Breve Memoria sobre a naturalidade do P. Antonio Vieira. Ms. offerecido ao Instituto Historico e Geographico &c.

[2] Memoria historica e critica sobre a vida e escriptos do P. Antonio Vieira.

as idéas do tempo em que foi proferida. O proprio P. Antonio Vieira não recusava a sua competencia, como fazem hoje os que qualificam o tribunal de iniquo; apenas entendia que se lhe fazia uma perseguição injusta, sendo elle aliás mais benemerito da igreja, que culpado. Em um dos seus discursos chegou mesmo a dar por bem condemnadas, por isso que encontravam as sagradas escripturas, as opiniões de Copernico e Galilêo, a proposito do qual se disse da Inquisição que o arguira de *ter achado a verdade*.

Se prescindirmos da falta de jurisdicção de um tribunal devassador da palavra e da consciencia—reparo que sería rasoavel hoje sómente, e não em relação ao P. Antonio Vieira que a reconhecia e acceitava, será fôrça confessar que a Inquisição, como tribunal conservador da pureza e integridade da fé, não podia deixar de ir á mão á temeridade extravagante e ainda ás innovações do P. Antonio Vieira; sendo igualmente incontestavel que na discussão havida, mostrou mais bom senso e moderação do que elle.

Sem dúvida os respeitos humanos, a que não são insensiveis ainda os homens mais severos e poderosos, influiram alternadamente no rigor e na brandura com que contradictoriamente se houve a Inquisição neste negocio; a exaltação d'el-rei D. Affonso foi evidentemente parte para a instauração do processo, e severidade da sentença, como a sua renúncia, para a commutação della, seguida logo depois do perdão completo e absoluto. É porém innegavel que

o tribunal queria menos perder de todo ao P. Antonio Vieira, do que abate-lo moralmente, reprimindo o seu excessivo ardor de innovações perigosas, e obrigando-o a retractar-se das mais arrojadas das suas proposições. Nem outra explicação podem ter as largas dilações que lhe concederam, e as muitas composições que lhe offereceram no curso do processo, antes que as cousas chegassem á última extremidade. Em todo caso, as mostras de deferencia e respeito que lhe fizeram os juizes logo depois da sentença, não podem estar com os sentimentos activos e violentos da inveja e da vingança que se lhes attribuem. Apenas, nesta parte, será provavel o da antiga rivalidade das duas ordens, o qual se satisfaria com o effeito moral, como a experiencia mostrou. Mas foi justamente essa demonstração effeito moral que mais doeu ao P. Antonio Vieira, e como para o diante teremos muitas occasiões de ver.

Durante o curso deste processo, que durou quasi cinco annos, nunca a Antonio Vieira se lhe abateu o ánimo, antes é notavel, como apesar das graves preoccupações que deviam agita-lo, o conservou sempre livre e desafogado, segundo já vimos das cartas que escrevia por esse tempo. Depois de recluso e incommunicavel, (como esteve por vinte sete mezes) nem ao menos preteriu as práticas e exercicios religiosos, ou

de sua particular devoção, ou proprios da ordem, antes acudia pontualmente a elles, ao toque da campa do seu collegio, que ficava visinho.

Nada valeram as enfermidades que por então o assaltaram para quebrantar-lhe o coração, ou turvar-lhe o espirito. Antes de prêso, em dezembro de 1664, apresentou trinta cadernos de apontamentos e questões informes, escriptos em sua defeza; e em setembro do anno seguinte, dez ou doze mãos de papel tambem de questões ainda por decidir. Já nos ultimos mezes da reclusão concedeu-lhe o tribunal papel e tinta, *benignamente* diz André de Barros—com o que o P. Antonio Vieira escreveu um grande livro, sobre as materias de que o criminavam, em que disputou ex-professo, e decidiu quarenta e quatro questões dentro do espaço só de tres mezes, além da apologia do Quinto Imperio, dividida em oito ponderações, *obras que a todo o tribunal foram assombro*, diz o mesmo biographo, *vendo e admirando a vastidão daquelle entendimento sublime, e estupenda memoria allegar textos, e citar auctores, e seus logares, estando totalmente destituido de livros.*

É de crer que no meio destes arduos trabalhos e crueis provações o alentasse muito a fé robusta que prestava ás prophecias interpretadas a seu modo; nem é inverosimil que as repetidas dilações por elle requeridas o fossem de industria para ganhar tempo, e o dar a que se cumprissem os grandes acontecimentos que esperava, e que devendo realisar-se em 1666,

viriam muito a ponto para quebrar-lhe os ferros, e restitui-lo á companhia, á patria, ao mundo, e á régia privança, ainda mais acrescentado em fama e glória do que antes da perseguição.

Quão dolorosa porém não sería a sua surpreza quando, relaxado o segrêdo em que o tinham, veio a saber, que durante a sua prisão D. Affonso abdicára, e o poder passára ás mãos de D. Pedro, o alludido *corpo sancto*, objecto de tantas esperanças, sem lhe isso valer para evitar a ignominia da sentença que naquelle momento mesmo acabava de tragar a longos sorvos, elle P. Antonio Vieira que attribuia a sua desgraça á devoção que sempre mostrára á causa do principe!

Louva e exalta o bispo de Vizeu a sua piedade e firmeza na religião catholica, cousa em seu entender para admirar-se muito em um espirito tão vivo e subtil, e tão presumido de si mesmo, que parecia naturalmente disposto a passar com atrevimento os limites que a fé tem assignalado á rasão humana, ou pelo menos arriscado a se deixar tentar da glória de novos systemas, a que sabía bem procurar fundamentos especiosos, e dar plausiveis apparencias de verdade. Mas desta vez com menos apurada crítica, e por ventura em contradicção comsigo mesmo, cita como exemplo da sua respeitosa e filial obediencia, a

promptidão com que se retractou, mal foi informado da opinião do papa, resignando-se com submissão de catholico; e guardando depois inviolavel silencio sobre as materias contravertidas, com moderação de verdadeiro sabio. Está isto porém contra tudo o que sabemos neste particular acerca do célebre e orgulhoso jesuita.

Contra a injustiça da sentença protestou elle logo pela sua attitude, quando lhe infligiram o supplicio da sua leitura, que durou duas horas e um quarto, e foi ainda aggravado pela tremenda solemnidade do acto, numero, e qualidade dos concorrentes. O P. Antonio Vieira a ouviu de pé, com os olhos fixos e pregados na imagem do crucificado pendente da salla, sem fazer o menor geito ou movimento, nem que fôra uma estatua inanimada, e com uma indifferença tão altiva, que dir-se-hia estar já dali appellando da sentença para a opinião do mundo onde brilhára, e onde esperava sem dúvida obter estrondosa reparação no meio de novos applausos.[1]

A viagem que emprehendeu pouco depois a Roma, não teve outro motivo real senão obter a revogação da sentença; e quanto ás materias controvertidas, basta ler as suas obras para ver-se que as passagens notadas foram muitas vezes impressas com permissão e elogio dos censores do proprio sancto-officio.

A *Clave dos prophetas*, continuação ou desenvolvi-

[1] André de Barros. Tomo 1º cap. 170 e 171.

mento do *Quinto Imperio* sabido é que foi objecto constante dos seus desvelos nos ultimos annos que teve de vida. Nunca, em uma palavra, Antonio Vieira deu outras mostras de submissão ao golpe que o ferira, a não ser a resignação passiva de quem não podia resistir á fôrça aberta; pois queixas e protestos jamais faltaram em suas cartas, onde frequente attribuia a sua desgraça menos ao zêlo da fé, que aos respeitos humanos, e ao odio dos seus inimigos, a que sempre se julgou sacrificado. A submissão que tão promptamente mostrou ás decisões do papa, foi antes uma aberta por onde se escapou do máu passo em que estava mettido, que um sincero e verdadeiro signal de arrependimento e reformação de idéas.

A tolerancia, que quer a Inquisição, quer a curia romana affectaram posteriormente, não só para com os erros de Antonio Vieira, como para as trovas de Bandarra que elle inculcára de verdadeiras prophecias, denota até por essas extravagancias, que outros aliás continuaram a preconisar, [1] certo desprêso, do qual se póde rasoadamente inferir, se o confrontamos com as muitas attenções que se guardaram logo

[1] André de Barros, que escreveu cerca de cincoenta annos depois deste processo, tractando do *Quinto Imperio*, e da sua apologia diz—*hoje já inculcada opinião por novos e singulares engenhos*. Tom. 2.º cap. 168.

com a sua pessoa, que a opinião commum conceituava que a um homem tão eminente pelo seu engenho e serviços se deviam relevar umas tantas fraquezas, donde nenhum perigo real podia de resto vir á religião e ao mundo.

Logo depois de proferida a sentença no tribunal foi Antonio Vieira removido para o collegio da companhia, onde se lhe repetiu a leitura della, acto cuja severidade foi desta vez mais attenuada, por ser feito com menos apparato e publicidade, ouvindo-a os seus companheiros de pé, como elle, em signal de respeito para com sua pessoa. Alli o visitaram as mais qualificadas de Coimbra, notando-se entre ellas os proprios inquisidores que havia tão pouco o tinham condemnado; e da côrte, como das mais partes do reino, começou a receber cartas da principal nobreza. Procuravam todos dar-lhe as possiveis consolações em tamanha desgraça; mas a dôr e tristeza que o dominavam, parece que resistiram a taes demonstrações.

«Os homens (dizia elle nas diversas cartas escri-«ptas por aquelles dias ao duque de Cadaval), os ho-«mens escreveram a sentença, o ceu a dictou, e eu a «aceitei com a paciencia e conformidade que se deve ás «suas ordens. Sobre tanto desengano do mundo esta-«va e estou resoluto ao tractar como elle me tem «tractado, e não apparecer mais onde me veja.... Irei

«para onde me mandarem, pois assim V. Exc. o «manda, cuja obediencia para mim foi sempre o mais «seguro acêrto, ainda antes dos meus erros estarem «tão conhecidos e condemnados. Eu, senhor, fico aos «pés de V. Exc., sem discurso nem juizo....» «Bem «mal cuidou Antonio Vieira que a esta hora não esti- «vesse muito longe de Portugal, sendo para isso tão «grandes as causas, cuja dor tanto cresce mais, quanto «mais se vão esfriando as feridas. Mas os extremos «do affecto e obrigação que devi neste trabalho a V. «Exc., me prenderam de sorte que, por não incorrer «na nota de ingrato, quero antes viver affrontado na «patria, entre os odios dos naturaes, que ir buscar «em outras melhores partes do mundo a honra que «sei por lá me fazem os estranhos. Ao padre provin- «cial mostrei a carta de V. Exc., e elle me ordenou «que lhe obedecesse, e fosse para onde me manda- «se, com que cessou o escrupulo da consciencia, «postoque não o do credito, que cada hora está mais «vivo na minha immortificação..... Os senhores de «cá (allude aos inquisidores, seus juizes) me têm vi- «sitado por vezes...., e algumas cousas entendi «delles, que poderiam ser de algum allívio, se as sou- «bera o mundo.» E finalmente: «Em tão baixa e pesa- «da fortuna como é a minha, parece impossivel a toda «a arte fazer que dê volta a roda. O passar de Coimbra «para a Cotovia, e da profissão para o noviciado [1],

[1] A casa da Cotovia era onde em Lisboa se recebiam os noviços.

«não sei se é ir adiante, se tornar atraz.... Se «em outro tempo houve em mim algum juizo, «nesta occasião se perdeu todo; e se o não perdi, é «porque o não tinha. Os golpes que chegam á alma, «como ella é immortal, fazem o effeito nas poten-«cias; e das minhas só me ficou a memoria para «nunca a perder do que a V. Exc. devo. Assim que, «não escreve a V. Exc. o Antonio Vieira que foi, senão «o que é, ou o que deixou de ser....»[1]

Para se bem entenderem algumas das passagens transcriptas, havemos de crer que os seus juizes, á volta das consolações, se desculpavam da sentença, allegando sem dúvida a prepotencia dos seus perseguidores, a que não seria possivel resistir-se durante o reinado de D. Affonso. Mas ainda assim, ha que notar ter occorrido a renúncia de D. Affonso em 23 de novembro, quando a sentença se publicou em fins de dezembro.

A isto poder-se-ha responder que a sentença, pronunciada mais cedo, levaria algum tempo antes de publicar-se, acto aliás inevitavel, por não ser compativel com a dignidade do tribunal recuar já do ponto a que as cousas tinham chegado. Por ventura tam-

[1] Cartas ao duque de Cadaval, escriptas de Coimbra aos 3, 9, e 16 de janeiro de 1678.

bem as desculpas que Vieira inculca não passariam de phrases lisongeiras e consoladoras com que procuravam suavisar-lhe o golpe. Nem a rasão de estado e a politica do regente D. Pedro permittiria que se violentasse um tribunal ainda naquellas eras tão poderoso, a ponto de o obrigar a inutilisar um processo, ou a dar uma sentença contrária ás próvas delle. É antes bem de presumir que julgassem todos, principe e cortezãos, o seu alliado mais que muito favorecido com o perdão que lhe obtiveram; sendo esta conjectura confirmada por todo o ulterior procedimento de D. Pedro para com o P. Antonio Vieira, não menos que pelas amargas queixas que este em toda a sua vida nunca cessou de fazer contra a indifferença e ingratidão do principe. Sem embargo do que, e nunca infiel aos seus habitos de cortezão, foi um dos seus primeiros cuidados dar parabens ao duque pela parte que tomára em tão bem traçada e tão bem succedida fábrica, como a que tivera em resultado a abdicação do rei; desfazendo-se na mesma occasião em adulações ao principe, a quem *amava com adoração, e que era monarcha perfeito, na justiça, na prudencia, no valor, na gentileza, na magestade, e em todos os outros attributos que póde crear a natureza, e esmaltar a graça.* [1] E ainda acrescenta o padre, em termos obscuros, pois guardava a explicação para a vista, que quando se achava na prisão, e não sabía o que se pas-

[1] Citada carta de 16 de janeiro ao duque de Cadaval.

sava no mundo, lhe succedêra um caso bem particular nesta materia, que sem dúvida seria alguma visão ou revelação da exaltação de D. Pedro.

Restituido a Lisbôa, e passado o pouco tempo que durou a interdicção, entrou de novo a prégar, com tão prodigioso successo, que a multidão dos ouvintes enchia não só o interior mas ainda o adro dos templos, e a fama que promptamente adqueriu, escurecia já a antiga. Mas se o ruido destes applausos lisongeava assaz a sua vaidade, nem por isso apagava de todo o desar da recente condemnação, e não bastava sobretudo a contentar a sua ambição insaciavel de poder. Antonio Vieira queria renovada em todo o antigo esplendor e extensão a privança d'el-rei D. João IV, e da regente sua mulher, entendendo que, sobre os antigos serviços, lhe davam os trabalhos soffridos novos titulos a ella. Mas o principe nunca veio em lh'a conceder, antes por diversas vezes lhe fez sentir com grande sequidão que se guardava attenções com sua pessoa, não o soffreria comtudo como alvitrista official e público do seu govêrno. Disso teve o padre Vieira dentro em pouco uma prova que serviria a desenganar outra qualquer vontade menos pertinaz que a sua.

Assentaram elle e os amigos que o meio mais honesto e facil de o rehabilitar aos olhos do mundo, era o da ausencia e do tempo, e talvez o das ovações

alcançadas, como se esperava, em theatro mais illustre que o de Lisbôa; e nesse intento foi resolvida a sua viagem para Roma, com a missão ostensiva de sollicitar a canonisação dos quarenta martyres da ordem, pretenção cujo processo e desfecho já deixamos referidos em outro logar.[1] Mas a sua empreza particular delle era nada menos que alcançar a revogação ou annullação da sentença do sancto-officio; e é facil de comprehender como para isso lhe seriam de grande, e por ventura efficaz auxílio, certas recommendações e incumbencias que levassem o cunho regio ou official. O regente, é certo, deu-lhe uma carta para João de Roxas, seu ministro na curia romana, mas restricta nos termos, e na qual lhe dizia que o padre ia áquella côrte, *mandado por seus prelados, a negocios de sua ordem* e lhe recommendava que *em tudo* que *tocasse aos mesmos negocios* o ajudasse de maneira que se visse na confiança com que o tractava, a muita estimação que o principe fazia da sua pessoa.

Esta recommendação podia ser, e era effectivamente muito honrosa e lisongeira; mas não conferia ao padre, antes lh'o negava implicitamente, o character official a que elle aspirava para melhor despacho dos seus negocios.

Repellido por esta parte, procurou acolher-se ao valimento da rainha da Grã-Bretanha, irmã do prin-

[1] *Jornal de Timon*, 1.ª ediç. vol. 2.º pag. 371, ou *Obras de* João Francisco Lisboa, vol. 2.º, pag. 393.

cipe, fazendo a viagem por Inglaterra; mas nem isto lhe quiz permittir o mesmo principe; última e decisiva prova do seu rigor ou indifferença, com que a Vieira se dobraram as magoas e o ressentimento.

Partiu emfim por meiados de agosto de 1669, e depois de uma longa viagem demorada por varios contra-tempos, chegou a Roma onde os jesuitas o acolheram com grande apparato, vindo ao seu encontro a duas milhas da cidade, e guiando-o em triumpho á presença do geral da ordem.

De tudo quanto póde lisongear a vaidade humana e ainda o mais legítimo amor proprio, nada faltou ao illustre jesuita, nesta antiga capital do mundo, tal foi a distincção com que o tractaram não só os companheiros da ordem, senão o proprio papa, os cardeaes, e os principes estrangeiros que acaso ali residiam, nomeadamente a rainha Christina de Suecia.

Elle, de sua parte, mostrou-se digno da fama que o precedêra, e junctou novos brazões á sua antiga glória. Prégou primeiro em portuguez aos compatriotas que ali encontrou, porém mostrando os italianos grande desejo de o ouvirem na propria lingua, Antonio Vieira deu-se pressa a estuda-la para satisfaze-los, não todavia sem repugnancia, apparente ou real, no commetter uma empreza que elle proprio qualificava de temeraria; porque dado que nos conceitos podesse

primar, e ainda na composição escapar á censura, sobejariam sempre os defeitos inevitaveis da pronúncia para desbotar tudo o mais. *Sei a lingua do Maranhão* (escrevia elle) *e a portugueza, e é grande desgraça que podendo servir com qualquer dellas á minha patria e ao meu principe, haja nesta idade de estudar uma lingua estrangeira para servir, e sem fructo, a gostos tambem estrangeiros.*

Instára todo aquelle mundo lettrado, mas Vieira continuava a resistir, allegando o desar que a elle e á companhia sem dúvida resultaria do mau successo de tão arriscada empreza; até que pondo-lhe o geral João Paulo Oliva o preceito da obediencia para que prégasse, dizendo lhe que deixasse o caso á sua conta, e respondendo a todas as objecções, que deshonrasse a si, o deshonrasse a elle, e deshonrasse muito embora toda a companhia, cedeu de todo a sua resistencia, ou sincera, ou calculada para dar mór preço á condescendencia final.

«Prégou varios sermões em italiano (diz o bispo de «Vizeu), todos com assistencia de muitos cardeaes, e «outras pessoas notaveis, com grande concurso do «povo, e com o applauso que é de suppor do empenho «com que continuavam a ouvi-lo. Aquellas agudezas, «aquellas emprezas inesperadas, aquellas próvas claras «e ao parecer convincentes das affirmativas mais sin«gulares, aquelles textos obrigados com tão déxtra «verosimilhança a servir ás singularidades do orador, «eram as delícias do seculo, e attestavam na verdade

«pouco vulgar engenho. A circumstancia de Vieira «prégar em italiano com tão pouco tempo de residir «em Italia, e em idade tão impropria para bem tomar «uma lingua estranha, augmentava a admiração em «um seculo em que a victória das difficuldades era a «unica, ou quasi a unica medida do talento... Emfim, «os elogios que Vieira grangeou prégando em lingua «alheia, não parecem menores que os que grangeava, «prégando na propria: cousa pasmosa para quem hoje «julga, como nós julgamos, que consistia na formo- «sura da lingua portugueza o principal merecimento «dos seus sermões.»[1]

Mas já a glória do pulpito parece que não bastava ao P. Vieira, e aos sermões que se succediam uns aos outros, formando alguns de entre elles uma serie a que chamou—*As cinco pedras de David*—vieram tambem juntar-se os discursos academicos.

Vivia por este tempo em Roma, como já dissemos, a célebre Christina de Suecia, que ou fosse mero capricho, ou viva grandeza d'alma, havia não sómente abdicado a corôa, mas abjurado a seita em que nascera, e abraçado o catholicismo; e descaptivada dos graves cuidados que andam sempre de companhia com a

[1] Memoria historica e critica acerca do P. Antonio Vieira, e de suas obras.

realeza, toda se entregava então ao culto da philosophia e das lettras, reunindo em seu palacio uma maneira de academia, a que concorriam muitos cardeaes, principes da igreja, e quanto havia de mais illustre e escolhido naquelle grande centro de luzes e talentos. Ouvira a rainha a Antonio Vieira no pulpito; e ficou tão captiva da sua eloquencia que para logo o desejou no gremio dos seus sabios e litteratos. Pouco tardou que se não propozesse a célebre questão—*Se mais rasão tinha Heraclito para chorar do que Democrito para rir.* Um grande homem, jesuita tambem, hoje obscuro e completamente desconhecido, sustentou as partes de Democrito, cabendo a Antonio Vieira as lagrimas de Heraclito. Será facil imaginar como desta grande antithese do riso e das lagrimas faria elle brotar tantas outras.

Pouparemos ao leitor o supplicio da sua enumeração; e baste saber-se que com ser esta, no juizo dos bons entendedores, uma das suas mais mediocres producções, lhe foi nada menos, e talvez por isso mesmo, occasião de immensos louvores naquelle tempo.

Assim ia o P. Antonio Vieira enchendo os seus ocios, todo entregue a essa philosophia apoucada e mesquinha, apparato vão de theses, argumentos, subtilezas, textos, questões de palavras, que constituiam a sciencia do tempo, predominante sobretudo na com-

panhia, e apartavam toda a discussão séria, e todos os assumptos elevados e profundos, verdadeiras justas de academia, diz Edgard Quinet, simples duellos de espiritos, que se cifravam na pompa do espectaculo, e só davam em resultado ligar o homem a immensos e estereis trabalhos, entretendo-o com o fumo, em vez da glória.

Diz-se tambem que elle visitava as antiguidades romanas, que sabía apreciar e preferir; [1] mas se assim era, não o revelam as suas obras, onde a tal respeito nada encontramos, a não ser a seguinte passagem, antes phrase sonora, e simples rasgo de espirito, que expressão de um sentimento profundo: *Mais gósto de ver em Roma as ruinas e desenganos do que foi que a vaidade e variedade do que é.*[2]

Ao contrário parece que o seu espirito se aprazia mais com os assumptos e interesses presentes, inda que de mingoada importancia fossem, senão totalmente indignos da sua attenção. Umas vezes referia elle as intrigas do sacro collegio por occasião da eleição de um papa, e citava Pascherio a se desenfadar em prosa e verso das miserias que observava. Outras dava notícia da saude do novo papa, posto que velho, com muito boa disposição de guardar o deposito por mais tempo do que suppozera a concordia dos elei-

[1] O BISPO DE VIZEU—obra citada.
[2] Carta ao marquez de Gouvea, datada em 31 de janeiro de 1671.

tores. Agora era a vaga provavel d'um ou outro capello; bem que os eminentissimos, passando muitos dos setenta, se defendiam da vacatura galhardamente. Pouco depois vinham «as comedias do carnaval que se «faziam de noite, e mais se faziam do que se represen- «tavam, porque o que se via mais parecia obrado pela «natureza do que fingido pela arte, mudando-se de re- «pente os edificios em bosques, a terra em mar, os «penhascos em jardins, e o melhor que havia em tudo «aquillo, era que tambem o podiam ver os padres da «companhia nos seus seminarios, onde aquelle anno «se recitaram pelos estudantes duas famosas histórias, «uma de Sancta Ita, outra de S. Canuto, além da bata- «lha de Josué, que se representou com o mesmo arti- «ficio, com o sol parado, que foi cousa magestosa, e «muito para ver, não se vendo mais que os reflexos «dos lumes, que eram mais de seis mil.» [1]

Durante a sua residencia em Roma, desejou a rainha Christina faze-lo seu prégador, e já depois de restituido a Portugal, o mandou ainda convidar para seu confessor. Uma e outra cousa recusou o P. Antonio Vieira, o como, e o porque, ver-se-ha adiante.

[1] *Jornal de Timon*, 1.ª ediç. vol. 1.º, pag. 69, ou *Obras de João F. Lisboa*, vol. 1.º, pag. 111.—Carta ao marquez de Gouvea, de 14 de fevereiro de 1671.

Estas novas provas de consideração e estima não podiam entretanto deixar de lisongear a sua vaidade, ministrando-lhe ao mesmo tempo occasião para dar de rosto á patria com as perseguições e affrontas que nella passára.

Tambem entabolou negociações para dous casamentos; o primeiro, logo que chegou a Roma, do duque de Cadaval, então viuvo; e o segundo, quando já vinha de volta, da princeza herdeira de Portugal com o herdeiro do grão-duque da Toscana. Ambos os projectos se lhe mallograram, posto que, se dermos credito aos seus biographos, fosse o último tractado com summa habilidade.

Quanto aos dous fins principaes da sua missão, o processo da canonisação dos martyres apenas chegou ao meio, e nunca depois se concluiu; e a sentença da Inquisição continuou em vigor, não podendo o P. Antonio Vieira alcançar mais que a isenção da jurisdicção futura do tribunal portuguez, por um breve do papa Clemente X, concebido aliás em termos de muita honra.

Para outro qualquer sobejaria esta assignalada distincção; mas em o P. Antonio Vieira estes successos incompletos deviam concorrer para alimentar a irritação com que sahira da patria. O certo é que os applausos de Roma não foram poderosos nem para mitigar a dor que o pungia, nem para adormecer a ambição que o desvelava. O portuguez e o cortezão nunca esqueceu o rei e o reino ausentes; e para o con-

demnado do sancto-officio, a nodoa da sentença permanecia sempre indelevel.

Dahi vinha que rompia de contínuo em vivas e amargas queixas, ora contra os seus inimigos, ora contra a ingratidão do principe, ora emfim contra a patria toda inteira. Á volta dellas, manifestava-se claramente o seu desejo de interferir nos negocios publicos, ainda que só fossem os tractados em Roma, não menos que um pronunciado espirito de censura e reprovação de tudo quanto se fazia sem essa interferencia, que na ingenuidade do seu orgulho, elle sempre julgava essencial e indispensavel. Sem embargo do que, quasi sempre arrematava as suas cartas pedindo, rogando, e quasi esmolando o valimento do principe e dos grandes, a quem offerecia em sacrificio todas as honras com que lhe acenavam as côrtes estranhas, e elle rejeitava para servir a um unico senhor. É curioso segui-lo passo a passo no desenvolvimento das suas ideas e sentimentos a tal respeito.

«Agora darei conta a vossa senhoria do meu nego-«cio, (escrevia elle a D. Rodrigo de Menezes) o qual «já se não poderá tractar neste pontificado, porque «o papa fica morrendo. Sendo esta supposição tão «alheia de todo o inconveniente, espero que sua al-«teza me favoreça com uma carta para o embaixador, «em que lhe mande dizer que, além do negocio da ca-«nonisação dos martyres do Brazil, tenho outro que «lhe communicarei, e que me assista com tudo o que «puder. Tambem estimaria muito para o mesmo fim

«que sua alteza me fizesse mercê honrar com uma «carta sua, em resposta da inclusa, dando-me con- «fiança ou atrevimento para pedir este favor, o gran- «de numero das que se acham registradas em ambas «as secretarias, que el-rei, que está no céo, me man- «dou sempre escrever, não só de negocios, mas de «benevolencia, além das particulares, que não iam «a registo. E se este exemplo não bastar, sirva-se «vossa senhoria, por me fazer mercê, de trazer á «memoria á sua alteza que eu sou aquelle que tan- «tas vezes arrisquei a vida pela sua coroa, indo a «Hollanda, Inglaterra, França, e Italia, sem mais in- «teresse, que o do zêlo, e aquelle que, por respeito e «serviço de sua alteza, foi desterrado e affrontado.»

«Senhora (escrevia agora á rainha da Grã-Breta- «nha) tem vossa magestade a seus reaes pés Antonio «Vieira neste papel, porque é tal a sua fortuna, que o «não pôde fazer em pessoa, por mais que o desejou «e procurou. A quem me queixarei do principe D. Pe- «dro, meu senhor, senão a vossa magestade? Por sua «causa, depois do primeiro destêrro, padeci as indigni- «dades que me não atrevo a referir: e quando para o «reparo dellas esperava o escudo de sua real protecção, «nem uma folha de papel para o seu embaixador pude «conseguir, em que lhe encommendasse me assistisse «nesta curia. A companhia do commércio do Brazil, «que restaurou Pernambuco e Angola, e deu cabedal «ao reino para se defender, por ser invento e arbi- «trio meu, me tem trazido á presente fortuna, quan-

«do se podéra prometter uma muito avantajada e «honrada quem tivesse feito ao seu rei e á sua patria «um tal serviço sobre tantos outros, em que tantas «vezes, e com tão uteis effeitos, arrisquei sem ne- «nhum interesse a vida. Mas permitte Deus que nos «principes da terra se experimentem semelhantes «galardões, para que só de sua grandeza e verdade «se esperem os que não hão de ter fim. Quiz fazer «a minha viagem a Roma por Inglaterra, para antes «de morrer ter a consolação de ver a rainha da Gram- «Bretanha, minha senhora, (como ainda espero), e «communicar a vossa magestade de palavra muitos «particulares que se não podem fiar do papel, e só «porque os N.N. [1] não imaginassem que sua alteza por «este rodeio consentia no fim da jornada, me não «concedeu que passasse uma vez por amor de mim «aquelle mesmo canal de Inglaterra, em que sete ve- «zes me vi perdido pela conservação da sua coroa. «Mágoa é maior que toda a paciencia a consideração «de que experimente estes rigores em um filho d'el- «rei D. João IV, e da rainha D. Luiza de immortal «memoria, um criado tão favorecido de ambos, que «um o nomeou por mestre e o outro por confessor «do mesmo senhor. Vossa magestade por sua clemen- «cia perdoe a indecencia destas queixas, que a dor «não tem juizo, e nenhuma é maior que a do amor «offendido.»

[1] Parece referir-se aos inquisidores.

Parece que a rainha lhe não respondeu, antes tambem vivia aggravada delle—circumstancia de que Antonio Vieira se valeu para voltar-se para o principe. «Duas vezes tomei a penna (dizia a D. Rodrigo de Me-«nezes) para fallar a vossa senhoria nos meus particula-«res; mas sempre me divertiu deste intento o zêlo da pa-«tria, e do serviço de sua alteza, sobre que disse tantos «disparates, como vossa senhoria se haverá cançado de «ler, mas todos nascidos daquelle coração, cujas cul-«pas vossa senhoria me perdoa sempre. Agora falla-«rei em mim e de mim brevissimamente. Com esta «vae um sermão que o padre geral me obrigou a pré-«gar em lingua italiana, como ha muito tempo de-«seja E sem embargo dos defeitos da pronúncia de «que nelle me desculpo, foi tambem recebido dos «cardeaes e grandes desta côrte, que o mesmo pa-«dre geral me tem avisado, para prégar em dous «congressos em que assiste junto todo o sagrado col-«legio, a instancias das mesmas eminencias. É o «unico prégador que tem o papa, e o maior de Italia, «e quer elle e muitos que eu lhe succeda no officio. «Tambem querem que eu seja assistente das provin-«cias de Portugal, a que tenho resistido fortissima-«mente, e qualquer destes grilhões, ainda que tão doi-«rados, me prenderam de maneira em Roma, que «morrerei nella, posto que me dure muito a vida, e «ajudarão não pouco a m'a abreviar, sobre outros «grandes inconvenientes e pensões muito alheias dos «meus intentos, e da quietação com que me quizera

«apparelhar para a morte. Accrescenta-se que com «qualquer destas occupações não poderei acabar nem «imprimir os meus livros, assim latinos, como portu- «guezes, em que tanto tenho trabalhado, e dos que os «viram e não viram, são muito desejados. Fallo com «esta sinceridade, porque fallo com vossa senhoria, «e com a mesma espero que breve e effectivamente «se sirva responder-me, para que eu possa tomar as «medidas á minha vida.» «Se sua alteza ou no reino «ou nas conquistas se quer servir de mim, importa «que logo logo me mande escrever uma carta, que «eu possa mostrar, com ordem muito apertada, em «que o diga assim, e me mande ir para Portugal: e «quando vossa senhoria não ache esta vontade e dis- «posição muito verdadeira e solida no ánimo de sua «alteza, peço a vossa senhoria que com a mesma ver- «dade e brevidade se sirva avisar-m'o por duas regras «de sua mão, para que eu com este desengano saiba «o que hei de fazer de mim, promettendo a vossa se- «nhoria que quando vá buscar a quietação que só de- «sejo a outro reino, não será para viver na côrte de «nenhum outro principe, postoque saiba que só na da «senhora rainha de Inglaterra não serei bem recebido, «por aquelle sermão que lhe custou muitas lagrimas, «em que defendi o direito de sua alteza, de que te- «nho em meu poder testemunho authentico.»

«A carta de vossa senhoria illustrissimo (escrevia a «um prelado) recebi esta semana, e li com lagri- «mas... A differença dos tempos me trouxe a Roma,

«por não haver outro destêrro menos decente, de-
«pois de Portugal me haver tractado, como eu lhe
«não merecia.»

«São estas as novas que aqui se ouvem; (ao mar-
«quez de Gouvea) e as que a mim me tocam no cora-
«ção, são capitularem os hollandezes sobre a nossa
«India, digo, sobre aquella India que foi nossa, e po-
«déra ser nesta occasião, *se concorreram no theatro*
«*outras personagens, onde uma só faz figura.*»

«Recebi a carta de que vossa senhoria me fez mer-
«cê (a D. Rodrigo) e ali com tanto agradecimento
«como dor, a qual me atravessou a alma tantas vezes,
«quantas li o nome de sua alteza, que Deus guarde.
«Vossa senhoria me segura a sua graça, e eu mereço
«a sua alteza toda, porque ninguem ama e adora a sua
«pessoa, nem estima a sua fama, nem deseja a con-
«servação, felicidade e augmento de sua monarchia
«mais que eu, e digo mais, e não tanto.»

«A peior circumstancia que isto tem, (fallava dos
«negocios publicos a D. Rodrigo) é o meu coração,
«e desvelarem-me estas considerações em Roma, e
«na minha cella, quando tinha tantas rasões de o
«amor de Portugal se me converter em odio, e as
«memorias em detestações. Mas quando me haviam
«de doer as minhas bofetadas, dôo-me só das suas...
«..... Dizem todos os italianos que temos muito va-
«lor, mas que não temos nenhum juiso nem govêrno.
«Eu comtudo espero que Deus hade ajudar o bom zêlo
«de sua alteza e de seus ministros, posto que os exem-

«plos dictam o contrário.....
«Quanto á graça, que vossa senhoria tanto me asse-
«gura de sua alteza, digo, senhor, que se assim é, não
«duvido de estar esta graça tão secreta, que só vossa
«senhoria tivesse notícia della, e todos, dentro e fóra
«do reino, cuidem o contrário.

«Muitos tempos ha que vivo desconfiado (continuava
«em sua correspondencia com D. Rodrigo) não da von-
«tade, senão da memoria de vossa senhoria. Vae um
«anno que não vejo firma da mão de vossa senhoria,
«nem uma carta de mão alheia; e quando comparo esta
«differença com a dos tempos passados, e olhando para
«o meu coração o acho sempre o mesmo, e sempre
«aos pés de vossa senhoria, não posso deixar de me
«ver em uma grande suspensão, acompanhada do maior
«sentimento..... A ignorancia das causas de tamanha
«differença não póde deixar de lastimar muito a quem
«sobre tantas desattenções do reino, em que vossa se-
«nhoria assiste, chega a cuidar que tambem isto podem
«ser influencias suas. Se assim é, não quero nem espe-
«ro outra rasão de vossa senhoria, e com o silencio, co-
«mo até agora, a haverei por entendida; mas se não
«é esta a causa, sirva-se vossa senhoria pelo que lhe
«merece o meu coração, de me livrar deste cuidado.»

«Beijo mil vezes a mão a vossa senhoria, por per-
«doar as furias do meu zêlo, e honrar e animar a ver-
«dade do coração, donde nascem. Portugal, senhor,
«está no mais miseravel estado, em que nunca o co-
«nheci nem consíderei.....»

«A rainha de Suecia (dirige-se agora ao marquez «de Gouvêa) está maltractada de uma quéda, e eu sou «tão descortez que não fui á sua ante-camara saber «como estava, sendo passadas tres ou quatro semanas, «o que não digo sem mysterio, por certa allusão de «uma carta que recebi neste correio; e folgarei que «lá se saiba que postoque fiz todas as prégações, «não aceitei o titulo nem provisão, nem beijei a mão «áquella magestade, nem fiz acto, pelo qual me po- «desse obrigar ao reconhecimento do seu serviço o «mais especulativo jurisconsulto.....»[1]

Mas nem sempre a paixão do P. Antonio Vieira se satisfazia com derramar confidencialmente as suas mágoas no seio da amisade, pois em 1671 pretendeu nada menos que servir-se do pulpito para desaggravar-se da ingratidão da patria. A esse intento compoz, mas não chegou a prégar, um sermão a Sancto Antonio, fosse impedimento de molestia, como allegou, fosse escrupulo ou arrependimento, passado o primeiro impulso que lh'o dictava. Vem entretanto impresso no duodecimo volume das suas obras. Quanto ao assumpto que ora nos occupa, depois de refe-

[1] Vejam-se as cartas de 7 de novembro, e 21 de dezembro de 1669, 14 de fevereiro de 1670, 24 de outubro e 21 de novembro de 1671; 30 de junho, 13 de agosto, 22 de outubro, e 31 de dezembro de 1672; e 21 de abril de 1674.

rir-se nelle á pobreza, destêrro, prisão, e hospital de D. João de Castro, de Affonso de Albuquerque, de Nuno da Cunha, e de Duarte Pacheco, toma-se directamente com a patria, e lhe diz com rude franqueza: «Que importa que como mãe seja tão felizmente fe-«cunda nos partos, e que os gere de tão eminente «estatura, se como dragão peçonhento, com raiva de «os ver tão grandes, os morde, os abocanha, os róe, «os ataçalha, e não descança até os engolir e de-«vorar de todo..... Oh patria tão naturalmente «amada, como naturalmente incredula! Que filhos tão «grandes e tão illustres terias, se assim como nas-«cem de ti, não nascêra juntamente de ti, e com el-«les, a inveja que os afoga no mesmo nascimento, e «os não deixa luzir nem crescer!»

O bispo de Vizeu diz deste sermão que é uma invectiva virulenta e um sarcasmo continuado contra a nação, um desaggravo das *indignidades* de Coimbra, das perseguições dos emulos de Lisbôa, das tibiezas emfim da sua côrte. A nós porem nos parecem em demasia severos os termos em que se acha concebido este juiso. Tambem lemos com attenção o notado sermão, e o que nelle encontramos de mais grave, e é o pouco que deixamos transcripto, não nos pareceu mais do que o natural desabafo de um peito ulcerado pela injustiça, ou o que inda é mais, pelo esquecimento e desprêso da patria e do principe. Neste discurso procurou muito claramente confrontar a sua sorte com a do sancto, do seu mesmo nome, prégador como elle, e para

ouvir o qual, a multidão enchia os templos, como a elle lhe succedia. Certos milagres do sancto, se os fizera em sua patria, serviriam por ventura a delata-lo Foi mister que se desterrasse, para que os estranhos lhe dessem o apreço, que os naturaes lhe negavam. Que ha em tudo isto que não seja natural, e não esteja na ordem das ideas e sentimentos habituaes do jesuita—para que desafie tanta estranheza, e tanto rigor?

O P. Antonio Vieira já nada tinha que fazer em Roma; a sua vaidade devia de estar satisfeita com as grandes estimações de que fôra constante objecto naquella côrte; e as pretenções que levára, não lhe podiam medrar, além do que já havemos referido. Demais disso o clima de Roma era nocivo á sua saude, já de si estragada pelos annos, achaques, e repetidas enfermidades, nem lhe valeram os ares de Albano e de Neptuno, onde successivamente residiu por conselho dos medicos. Um accidente veio aggravar o seu mau estado, pois descendo de noite uma escada de pedra, cahiu por ella de rosto, *com todo o peso do corpo e dos annos*, segundo elle mesmo escreveu aos seus amigos, e de que ficou por longo tempo muito maltractado.[1]

[1] Não queremos pôr em duvida a realidade das molestias de Vieira, em que são concordes todos os seus biographos, sendo

Era pois natural que o P. Vieira desejasse voltar a Portugal; e esse desejo realisou-o elle em 1675, postoque houvessem afrouxado as instancias que para a sua volta fizera o principe regente em 1671 ou 1672, a pedido do mesmo Vieira, segundo vimos em uma de suas cartas.

Não é crivel que fosse o desapêgo das glórias mundanas que o arrancasse do esplendido theatro de Roma para o restituir á patria; era antes a esperança de figurar nella, como no tempo d'el-rei D. João IV, sem

ao demais incontestavel que ao sahir de Roma contava elle perto de sessenta annos, e era muito achacado. Mas elle mesmo, em um memorial dirigido da Bahia a el-rei D. Pedro, no qual enumerava os seus serviços, e os renunciava a favor de seu sobrinho Gonçalo Vieira Ravasco, allega, entre outros, o de fingir-se doente em Roma, para fugir ás honras que lhe destinava a rainha da Suecia, e poder vir para Portugal, como veio, do que se não arrependeu, posto não fosse tão bem acolhido como esperava e merecia.

Da quéda não póde haver dúvida, e outras mais deu elle, já em annos mais adiantados, e quasi sempre ao descer escadas. A sangria era remedio a que recorria não só nestes casos senão na maior parte das molestias. A cada passo encontramos nos seus escriptos noticias de sangrias que levavam, elle, os reis, principes, e grandes com quem tractava. Esta especie de medicina, ordinaria e frequente naquelles tempos, ainda se usava muito no principio do seculo actual. O officio de barbeiro sangrador era indispensavel em qualquer povoação que se erigia, e parece que em vez dos boticarios, como agora, suppriam elles então a falta de medicos e cirurgiões. Entre os empregados dados á relação do Maranhão, ao ser ella creada em 1813, nota-se á par do medico e do cirurgião um sangrador com 40$ reis de ordenado, e 16$000 de propina. Veja-se o alvará e regimento de 13 de maio de 1812, tit. 13 § 9.º

que fossem cabaes a destrui-la de todo os muitos desenganos que recebêra constantemente da côrte e dos cortezãos. O principe regente, é certo, lhe continuou a despensar alguns favores, e assim elle, como os seus ministros, o consultavam em alguns pontos graves de politica e administração; mas apenas quanto bastava para o decóro, repellindo as mais das vezes na prática os alvitres que pareciam buscar com mostras de tanto respeito e attenção.

Dahi veio que descontente Vieira das cousas entrou a fallar no projecto, concebido desde Roma, de recolher-se por uma vez á sua provincia do Brazil, onde achasse o repouso necessario aos seus cançados e molestos annos, e onde se podesse folgadamente entregar ao trabalho das suas amadas missões, de que agora, depois de tantos annos de esquecimento, se tornava a lembrar; e á revisão dos seus sermões, para que o instavam tambem não menos que o principe regente, o seu geral, e todos os amantes das boas lettras. Eram simples artificios a que recorria para se fazer rogado, mas que pouco lhe medravam, tanto assim que em desespêro de causa, e como para tentar o último recurso, pediu formalmente ao principe licença para se retirar, presumindo sem dúvida que tornando-se o caso tão serio e positivo, despertaria elle mais facilmente da sua indifferença, e cuidaria de aproveitar melhor um merecimento, que se lhe devia afigurar tanto mais subido, quanto era o risco em que ficava de perde-lo. Mas bem fóra disso, e

com grande pesar seu, esta pretenção ao menos lhe foi promptamente deferida.

A este respeito escreveu elle ja da Bahia as seguintes magoadas linhas ao duque de Cadaval: «Muito «antes da minha partida para o Brazil, dei conta «a vossa excellencia desta resolução, sem exprimir «as causas, como tão interiormente notorias a vos- «sa excellencia. Sua alteza, que Deus guarde, foi «servido de as confirmar com a *grata* licença que «logo me deu, a que se seguiram outras demonstra- «ções que não podia esperar quem tanto tinha ser- «vido e padecido. Agora oiço que vossa excellencia «parte da Italia, jornada em que eu, como marinheiro «pratico do Mediterraneo, *podera ir servindo* a vossa «excellencia; mas como não mereci esta ventura, «quero seguir a capitánia com estas regras, assim «como o meu zêlo, sempre o mesmo, fica festejando «e festejará em todo o tempo o estabelecimento e fe- «licidade de um tão amado reino, posto que para mim «tão ingrato.»[1]

A amargura destas queixas, postoque exhaladas já muito depois do golpe que as motivára, prova bem quão formal fôra o desengano. Entretanto, o P. Antonio Vieira que desde a sua volta de Roma até que partisse para o Brazil, demorou-se em Lisbôa mais de cinco annos, gastou não menos de dous depois de

[1] Carta datada da Bahia em 23 de maio de 1682.

effectivamente tomada a resolução, antes que a pozesse por obra.

Embarcou-se finalmente aos 27 de janeiro de 1681, e segundo a expressão do bispo de Vizeu, *mais se arrancou do que sahiu da patria*, voltando outra vez, e ao cabo de quarenta longos annos, para aquella Bahia, primeiro berço da sua glória, e a quem elle mesmo chamava sua segunda patria.

Restituido á antiga metropole do Brazil, parece que se sentiu opprimido da tristeza, como já lhe succedêra da primeira vez que forçado fóra ter ao Maranhão. Quiz haver-se como morto, e recolheu-se á quinta do *Tanque*, sem mais commércio que o dos livros, e do seu antigo e fiel amigo o padre José Soares. E pela primeira frota nem quiz escrever para Portugal e Roma, nem ainda responder ás cartas que havia recebido de muitos grandes.

Os superiores o obrigaram a romper o estudado silencio que pretendia guardar; mas é de crer que ainda sem o preceito da obediencia, não tardaria muito a quebrar um proposito tão avesso aos seus habitos e character. *Succede aos ambiciosos o mesmo que aos peregrinos*, diz elle, citando a Socrates em um dos seus sermões. *O peregrino sempre anda mudando de logar, e nunca melhora, porque sempre se leva a si comsigo.* Ou ambicioso, ou peregrino, não eram os

desertos do Brazil, nem a solidão do Tanque que haviam de abafar uma voz, e dobrar uma indole, que soubera resistir á prova da Inquisição: e dentro em pouco, ou voluntario, ou arrastado pelas circumstancias, havemos de ve-lo o mesmo P. Antonio Vieira que sempre fôra, sem que com o pêso dos annos, das molestias, e dos desgostos abrandasse em nada aquelle juvenil ardor que mostrára desd'os mais verdes annos.

Roto o silencio que por tão pouco tempo se impozera, entrou logo a desabafar nas costumadas queixas, com tanto mais rasão quanto aos antigos aggravos se juntaram então outros, por ventura de natureza mais pungente. Parece que não muito depois da sua partida foi queimado em estatua por seus inimigos e invejosos, naquella mesma Coimbra em que a sua propria pessoa estivera ameaçada do supplício real do fogo. Deste extranho successo fallam com obscuridade os seus biographos, nem parece que existam acerca delle outros esclarecimentos, além dos poucos que se encontram em algumas cartas que elle escreveu por essa occasião.

«Outras novas chegaram cá, (dizia elle ao marquez «de Gouvêa) as quaes se me quizeram encobrir ao «principio, mas deram tamanho echo, que foi fôrça «chegarem-me aos ouvidos. Não merecia o P. Anto«nio Vieira aos portuguezes, depois de ter padecido

«tanto por amor de sua patria, e arriscado tantas ve-«zes a vida por ella, que lhe anticipassem as cinzas, «e lhe fizessem tão honradas exequias. Fez-me po-«rém Deus tanta mercê que nem com os primeiros «movimentos senti um tão exorbitante aggravo, o qual «se me não havia de fazer, se os executores ou mo-«tores não estivessem persuadidos que antes lison-«geavam que offendiam a quem não fez a demon-«stração que devêra. Quizeram muitos que a fizesse «eu, e que no primeiro navio mandasse impedir a im-«pressão do livro que lá tinha chegado, e que não es-«crevesse mais na lingua de uma nação, que assim me «tractava, antes o fizesse na castelhana, italiana, ou «outra estrangeira, em cuja piedade tinha mais segu-«ro o credito, que na furia dos meus naturaes. Eu «comtudo tive por mais conforme á vida ou morte, «que professo, não alterar nada do exercicio em que «me tomou este caso; e assim continuarei em quan-«to me não constar que vossa excellencia approva o «contrário.»

«Na universidade do Mexico (escreveu-lhe ainda so-«bre o mesmo assumpto) me dedicaram umas conclu-«sões de toda a theologia, que eu remetto e dedico a «vossa excellencia; e posto que da empresa de Phenix, «das palmas, e das trombetas nenhum caso faço, por-«que tudo é vento e fumo, não posso deixar de me «magoar muito que, no mesmo tempo, em uma uni-«versidade de portuguezes se affronte a minha estatua, «e em outra universidade de castelhanos se estampe

«a minha imagem. Por certo que nem a uns nem a «outros merecia eu semelhantes correspondencias.» [1]

«Eu não posso presumir mal de Antonio de Souza «de Menezes, (fallava ao marquez de um novo gover- «nador chegado á Bahia) porque a madureza dos seus «annos promette grandes acertos, e o não ter her- «deiros, igual desinteresse. Mas esta terra é má de «contentar. O que só digo a vossa excellencia é que «se ao conselho de estado subir um memorial do se- «cretario deste, estimarei muito que se não saiba que «é meu irmão, porque bastará esta notícia para que «lá se não emendem as injustiças que cá se lhe fazem «só por essa causa, porque não ha outra.»

«Na primeira esquadra da frota escrevi a vossa ex- «cellencia, (o duque de Cadaval) e com a confiança «que me dá o foro tão antigo de seu criado, não dei- «xei de representar a justa mágoa do não usado ri- «gor com que me vejo tractado de sua alteza, a cuja «real benignidade não merecia estas demonstrações o «meu amor e serviços. Agora podéra acrescentar que «a este exemplo, os que cá vem governar, se esme- «ram em seguir o mesmo dictame; e porque não po- «dem executar em mim desprezos e aggravos, o fazem «em tudo que me toca.[2]

Estas allusões porém ás perseguições que experimentavam na Bahia os seus parentes requerem mais

[1] Cartas de 23 de maio de 1682, e 24 de julho de 1683.
[2] Cartas de 23 de maio, e 23 de julho de 1682.

largamente explicadas, com que para o diante se venham a entender melhor os graves acontecimentos que depois occorreram.

Ao chegar Antonio Vieira, achou governando a Bahia a Roque do Costa Barreto de quem disse, na occasião de findar o seu govêrno, que a sua inteireza, desinteresse, constancia, exemplo de vida deixára para sempre canonisada sua memoria. Succedeu-lhe Antonio de Souza de Menezes, por anthonomasia o *Braço-de-prata* por um que trazia desse metal, em substituição de outro que perdêra na guerra. Era Antonio de Souza homem de character violento e despotico; e á conta desses defeitos de ánimo, de que parece começou logo a dar provas, não foi bem acolhido do povo, em cujo seio se levantaram logo parcialidades e bandos pro e contra elle. Antonio Vieira allude aos mil epigrammas e facecias de que o governador foi objecto logo no princípio, por causa de alguns actos seus, se frivolos, não menos oppressivos, quando escrevia ao marquez da Gouvêa:—*A sua primeira acção foi que todos se pozessem em corpo, como em fronteira militar; e sobre se tirarem as capas aos homens, tem dito mil lindezas os poetas, sendo maior a novidade deste anno nestes engenhos do que foi nos de assucar*

Mas a este princípio de indisposição, aliás commum

á generalidade da população, deviam junctar-se dentro em pouco aggravos de tal natureza, que a converteriam no odio activo e implacavel.

Bernardo Vieira Ravasco, irmão do padre, e secretario do estado, governava-se em seu officio por um regimento, expedido pelo regente. Antonio de Sousa o revogou de propria auctoridade, e o substituiu por outro de sua feição, com grave prejuizo das regalias e interesses do secretario, crescendo cada dia, e talvez por esta primeira causa, as desavenças existentes entre ambos, chegaram as cousas a termos que o governador suspendeu a Bernardo Vieira do cargo, e passou ordem de prisão contra seu filho, e um seu sobrinho, os quaes conseguiram escapar-se, homisiando-se. Bernardo Vieira voltou depois ao emprêgo, mas não voltou com elle a confiança e boa correspondencia indespensaveis entre dous funccionarios daquella ordem; antes, sem muito tardar, um novo incidente veio interromper aquella especie de tregoa.

Alguns tempos antes do govêrno de Antonio de Souza, Antonio de Brito Castro, irmão do provedor da alfandega, fizera uma grande affronta a um sobrinho do alcaide-mór Francisco Telles de Menezes. Por suggestões do tio mandou o sobrinho dar uns tiros em Antonio de Brito, que sahiu mal ferido, e ficou depois aleijado de um braço. Com o govêrno de Antonio

de Souza, retalhada a cidade em partidos, declarou-se o alcaide-mór pelo seu, com o que era odiado da mais da gente. Antonio de Brito assentou de tirar proveito desta inpopularidade para mata-lo; e mascarados, elle e mais oito companheiros, o acommetteram alto dia em uma das ruas mais públicas, em occasião que passava em uma serpentina; e depois de lhe despararem alguns bacamartes, aproximaram-se, e cozeram-n'o a facadas, de que veio a fallecer ao cabo de algumas horas. Antonio de Brito, ao aproximar-se da serpentina, tirou ousadamente a mascara para dar-se a conhecer á sua victima; e assim se recolheu com os demais assassinos, porém estes sempre rebuçados, a passo vagoroso, ao collegio da companhia, asylo então costumado de todos os perseguidos do governador.[1]

Este, mal soube do infame attentado, encaminhou-se da secretaria, e depois de apostrophar injuriosamente a Bernardo Vieira, o mandou metter na enxovia incommunicavel, assoalhando em seguida por toda parte que o crime fôra resolvido na noite antecedente no collegio da companhia, sendo presentes ao conluio, entre outros mais, o mesmo Bernardo Vieira, e o padre seu irmão.

O P. Antonio Vieira, com lhe tocar de tão perto aquella affronta, hesitava em dirigir-se ao governa-

[1] Rocha Pitta—*Historia da America Portugueza*. L. 7.º n. 20 a 22.

dor, como quem conhecia bem a sua indole violenta, e estava certo da inutilidade de semelhante passo; mas estimulado pelos companheiros, que lhe davam de rosto o deixar correr assim á revelia, não já a propria reputação somente, senão a causa de seu irmão, resolveu-se a lhe ir fallar; porém mal começou a dizer-lhe que levava uma petição, na qual lhe parecia que não só pedia mercê, mas faria serviço á sua senhoria, por ser materia de justiça e consciencia, e antes que chegasse a declarar qual fosse a petição, atalhou-o o governador em altas vozes que tinha melhor consciencia que os padres da companhia, e que cria melhor em Deus que elle P. Antonio Vieira, repetindo por varios modos esta injúria, chamando-o claramente judeu, e terminando por expulsa-lo de sua presença.[1]

E sobre estas grandes injúrias, o calumniou para a côrte, informando que o padre é que fôra desacatar a sua auctoridade; expediente a que sem dúvida recorreu para neutralisar o effeito que lá deviam de produzir a chegada das verdadeiras notícias, e as queixas que receava.

O caso é que prevenido o ánimo de el-rei, nunca em tempo algum bem disposto a favor do P. Antonio Vieira, quando Gonçalo Ravasco chegou á sua presença com as queixas da gente da Bahia, o foi logo atalhando,

[1] P.e Antonio Vieira—Carta de 5 de agosto de 1681 ao marquez mordomo-mór.

e dizendo sem ouvi-lo:—*Estou muito mal com seu tio por haver descomposto o meu governador*—repetindo depois as mesmas palavras a Francisco da Costa, além de outras severas demonstrações do seu desagrado, que divulgadas na Bahia, tornaram maior a desgraça do padre, e aggravaram a situação dos seus parentes.

Mal leu Antonio Vieira esta nova, tão cruel para elle, cahiu immediatamente com um accidente, que logo se declarou em sezões malignas, com perpetuos delirios, em que de todo perdia o juiso, e esteve em grande perigo de perder a vida, levando assim dous mezes, com frequentes rebates do mesmo mal, passando as noites sem dormir, e os dias quasi sem comer. É elle mesmo quem nos refere circumstanciadamente o deploravel estado a que o reduzíra aquella simples manifestação do real desagrado,[1] esquecido, ao que parece, do que dissera, tractando dos rêis e dos cortezãos, em sermão de Sancta Isabel, prégado em Roma em 1674:—*Se tendes pouco juiso e pouco coração, podem vos matar com uma carranca, ou com um voltar de olhos.*

As queixas, que nunca deixou de exhalar do peito, redobraram depois deste successo.

«As finezas que devo a vossa mercê, (escrevia a

[1] Veja-se a carta citada.

«Diogo Marachão Themudo sobre a protecção que dera «a seu sobrinho) só as póde declarar o silencio. As «causas que eu tive para o pôr tambem aos meus es- «criptos, muito cruel será a minha patria, se depois «de me ter sido tão ingrata, o não conhece. Mas devo «eu por outra parte tanto a Deus, que tambem o se- «ría a suas misericordias, se por respeito tão huma- «nos, ou deshumanos, deixasse os de seu divino ser- «viço, que é só o que me obriga a tomar nos meus an- «nos um tão molesto trabalho, como o de pôr os bor- «rões em estylo, que se possam ler; .... e como vos- «sa mercê o aprova, e me exhorta á continuação, «tanto que a saude me der logar o farei assim, tor- «nando para o meu deserto, se ainda nelle me não «perturbarem a quietação, que nem na immunidade «do hábito, nem no retiro do mundo está segura.»

«Grande miseria é, (escrevia a Antonio Paes de «Sande, referindo-lhe a molestia e as causas della) «que não bastem os serviços, o amor, e a verdade «para conservar a graça dos principes, e que baste «a calumnia para a perder. Mas tambem isto é effei- «to da Providencia divina para que eu, e outros fra- «cos como eu, nos desenganemos a só pôr em sua «fidelidade e misericordia toda nossa confiança..... «Ordene porém Deus o que fôr servido, que o que «eu somente sinto é que, vindo-me metter em um de- «serto, para melhor me apparelhar para a morte, «nem viver nem morrer me deixam.»

«A alguns dos que tem logar junto á pessoa de sua

«magestade, escrevi, e de nenhum tive resposta; «(agora o fazia elle ao duque de Cadaval) conforman-«do-se todos com a sentença de desgraça que sua «magestade quiz me fosse notificada por meu sobri-«nho.... A vossa excellencia é mais presente que a «todos a parte que eu tive em procurar que el-rei, «que Deus guarde, fosse preferido, como era justo, «a seu irmão; e que entre os que padeceram por es-«ta causa não fui eu o menos perseguido e avexado, «como menos poderoso; e não sei em que tenho me-«recido a sua magestade os desfavores que em tudo «que me toca se experimentam. Lembrado da diffe-«rente fortuna que tive com o pae e irmão, de quem «sua magestade é herdeiro, e a quem servi tantos an-«nos, com tantos trabalhos e perigos não posso dei-«xar de sentir e estranhar muito esta grande diffe-«rença. Agora escrevo a sua magestade, dando-lhe «inteira conta do que verdadeiramente se passou, e de «que eu esperava uma satisfação muito pública, como «tinha sido a affronta; e já me contento e contentarei «com que me absolva da rigorosa sentença de me ter «fóra da sua graça....»

Mas entretanto que estas cousas se iam passando, chegavam as noticias da Bahia mais circumstanciadas á côrte, e moveu-se por fim o ánimo de el-rei a pro-ver a tantos desconcertos, dando por findo, antes do tempo, o govêrno de Antonio de Souza. Com o novo governador, o marquez das Minas, veio a nova do fallecimento da rainha D. Maria Francisca. Convidado

por elle Antonio Vieira a prégar o sermão das exequias, o velho e incorrigivel cortezão, posto que vergado ainda ao pêso da régia desgraça, e mal convalescido da enfermidade que della se motivára, sangrado cinco vezes naquella mesma semana, falto de dentes e de voz, e quasi incapacitado para o mister assim pela idade como pelos achaques, prégou todavia «para não ficar muda a solemnidade do dia, nos diz «elle, bastando para isso o significar-se-lhe que o le«varia em gôsto sua magestade, e não duvidando per«der nesta última acção da sua vida, o que por ventura «tinha adquirido em toda ella.»

Este triste exemplo da humana fraqueza, que em Antonio Vieira não offerecia comtudo grande motivo para admiração, nos traz á memoria as seguintes palavras de um dos seus sermões, tão de molde para o seu character e actual procedimento, que impossivel fôra substitui-las por outras mais expressivas.— *Vemos tantas velhices decrepitas,* dizia elle, *tão enfeiticadas das paredes de palacio, que tropeçando nas escadas, sem vista, e sem respiração, as sobem todos os dias, bem esquecidos dos que lhe restam de vida.*[1]

É á proposito deste grande desgôsto do padre, logo seguido de tanta condescendencia, que o seu biographo André de Barros nos diz emphaticamente que

[1] Sermão da Glória de Maria, prégado em Lisboa em 1644, quarenta annos antes dos successos que ora referimos.

as plantas aromaticas, quanto mais pisadas, maior e mais rara fragancia recendem.

Quanto aos processos, que occasionára o assassinato do alcaide-mor, sabemos que duraram em suas diversas phases mais de quatro annos, desde 1683 até 1687, sendo grande o número de perseguidos, e vindo entretanto a calamidade da peste aggravar o máu estado das cousas. Parece que se abriu uma primeira devassa, logo ao perpetrar-se o crime; e é certo que depois veio de Lisbôa um syndicante que a continuou, ou começou outra nova, auxiliado, não sabemos como, por juizes da terra, porquanto Antonio Vieira, a proposito do fallecimento de certos desembargadores, victimas da peste, queixa-se da iniquidade de seus votos naquelles processos, e attribue o seu desgraçado fim a castigo evidente do céo.

Não é possivel apurar bem o que se passou nos sobreditos processos. Do que achamos escripto sobre a vida do jesuita, e principalmente, das suas proprias cartas, apenas resulta que na primeira devassa tirada na Bahia não houvera uma só pessoa que pozesse a boca em seu irmão, mas que em Lisbôa se tomára um depoimento indigno de toda fé, que o criminava. Com que receava o P. Antonio Vieira, que acrescendo mais outro, facil de obter por peita ou por paixão, não viesse o irmão a ser pronunciado pelo syn-

dicante. Da inteireza deste não se mostrava muito satisfeito, quando referia que lhe fôra fallar só de si para pedir-lhe que devassasse tambem da sua pessoa, senão como ministro, por lh'o vedar a immunidade de que o padre gosava como membro da companhia, ao menos como particular, afim de que a sua justificação fosse completa.

Os seus receios não eram infundados. Seu irmão foi pronunciado nesta devassa (em 1685), depois de andar dous annos homisiado pelos conventos; além de ser sequestrado nos bens; e o mesmo padre mandado castigar por mão dos seus superiores, em rasão da culpa que da mesma devassa lhe resultou.[1] Que culpas lhe achariam, e como foi concebida a sentença, não podemos nós averiguar. Suppomos porém que, attenta a immunidade do jesuita, se limitaria ella a ensinar aos prelados da ordem o que deveriam fazer—insinuação de resto, de que nenhum cabedal fizeram, por quão inteirados estavam da sua innocencia, que attestam unanimes todos os escriptores, e pela qual tambem elle sempre protestou com grande energia. Deste modo findou o negocio no seio da companhia, sem uma solução juridica, pelo que

[1] Cartas de 11 de maio e 20 de julho de 1685.

lhe dizia respeito; porém seu irmão foi afinal absolvido em 1687.

Sustentando a innocencia do P. Antonio Vieira fundam-se os seus biographos em rasões plausiveis, como o character irreprehensivel, e a religião do accusado, a falta de incentivo que o obrigasse a intervir com tal excesso em contendas alheias, e a circumstancia de estar na quinta do Tanque na noite em que devêra effeituar-se no collegio da cidade o pretendido conciliabulo.

Mas além de que o último facto mais se allega do que se prova, o collegio era o valhacouto costumado dos inimigos do governador e dos da sua parcialidade, e para elle se retiraram socegadamente, e quasi com ostentação, os assassinos. E se isto não bastasse a despertar e ainda a justificar até certo ponto as suspeitas do mesmo governador, a imprudencia e vivacidade de character do P. Antonio Vieira lhe forneceriam argumentos sobejos para accusa-lo com alguma apparencia de rasão. Quem tiver attentamente seguido o impetuoso e altanado jesuita em todos os passos da sua vida, poderá sem temeridade suppor que na conferencia que procurou ter com o governador não se haveria com todo o comedimento que o decóro e o delicado das circumstancias exigiam; e é incontestavel que se elle não cooperou para o crime,

prestou comtudo ao criminoso uma protecção tanto mais escandalosa, quanto maior era a reserva que lhe impunham a consideração de que gosava no mundo, o seu charater de ministro do altar, e a sua posição especial de accusado.

Já vimos que Antonio de Brito fôra o aggressor, assim na origem das desavenças que tivera com o alcaide-mór, como no acto em que lhe tirou a vida, aggravando muito a infamia do crime as circumstancias de ser perpetrado de improviso, e com grande publicidade contra um homem indefezo e descuidado por uma turba de assassinos bem armados e disfarçados.

Isto posto, não é possivel ler sem assombro a seguinte carta, que o virtuoso missionario dirigiu a um dos poderosos da côrte, e que todos os seus biographos passaram em silencio, não sabemos porque. «Se «estas regras chegarem ás mãos de vossa mercê, (diz «elle a Diogo Marchão Themudo) o portador dellas é «Antonio de Brito Castro, cuja culpa será mais co«nhecida de vossa mercê pelas devassas em que a parte «o *quiz* encravar, e o juiz *não quiz admittir as rasões «que o escuzavam*. Ellas, *nas leis da honra e do mun«do*, e ainda segundo a natureza da conservação da pro«pria vida, foram as mais justificadas. E esta é a con«fiança com que, obedecendo ás ordens de sua mages«tade, se vae livrar á essa côrte, pelo modo com que «o possa fazer *sem se expôr ao último perigo*. Para o «tal caso peço a vossa mercê que em tudo o que for

«conveniente lhe não falte com *secreto conselho e di-*
«*recção*, na qual elle e seu irmão levam postas suas
«esperanças. El-rei D. João II deu occasião ao pro-
«verbio:—*Mata, que el-rei perdoa.*— querendo antes
«aquelle prudentissimo principe servir-se dos homens
«de valor que perde-los. Os soldados velhos da guer-
«ra do Brazil estão acabados; a cidade sem fortifica-
«ções, sem armas, sem munições, e com a peste pre-
«sente muito despovoada, e por isso exposta a qual-
«quer invasão de inimigos, de que a poderão defen-
«der, e servir de exemplo aos demais, os vassallos
«honrados, poderosos, e de auctoridade e valor, quaes
«são os desta familia; assaz castigada com o muito que
«tem padecido e despendido. Eu e os meus deseja-
«mos e nos alegraremos summamente com todo o seu
«bom successo pela antiga amisade e boa correspon-
«dencia, que sempre a nossa casa teve com a destes fi-
«dalgos, que por fim recommendo a vossa mercê, como
«se a causa de ambos fôra de meu irmão e sobri-
nho.» [1]

Em cartas posteriores continuou o padre a empe-
nhar-se pelo delinquente, a quem chama *seu afilhado*;
agradece a protecção que lhe havia dado Diogo Mar-
chão, e manifesta a esperança de que, mediante ella,
tenha em breve de o ver passeando *airoso e victorioso*
na praça. [2]

[1] Carta do 1.º de julho de 1686.
[2] Cartas de 17 de agosto de 1688, e 21 de julho de 1692.

Antonio Vieira procura nada menos que alliciar um ministro d'el-rei para que por meio de secretos e tortuosos manejos dirigisse a acção da justiça com que fizesse vendicta das leis. A um assassinato infame em todas as suas circumstancias chama caso de honra, e procura justifica-lo nos antecedentes, quando o insuspeito historiador Rocha Pita dá o assassino como primeiro aggressor. Á sorte deste, a quem noméa afilhado, identifica a sua e a dos parentes, e procura ligar com artificio e summa habilidade os interesses do estado. Nada emfim faltou neste incrivel documento, nem mesmo a apologia do assassinato, que quiz justificar com a prudencia de um grande rei, o qual lhe poderia responder que o seu officio e instituto o obrigavam a manejar o gladio, e não a vestir roupeta, e a professar a doçura e a paz.

Já não deve pois causar tanta estranheza que a um homem capaz de fallar e escrever por este theor, o governador accusasse, el-rei lançasse da sua graça, e o syndicante mandasse castigar.

Não que infiramos daqui a sua complicidade no crime; só julgamos e reprovamos que arrebatado pela paixão, e dominado por attenções e respeitos puramente humanos, sahisse em sua defeza por um modo tão indecoroso, como em nossos dias vemos a cada passo tantos homens, aliás respeitaveis, esposarem por interesses politicos a causa dos mais vis malfeitores.

Aprendam daqui os homens eminentes pelos cargos e talentos, e pela consideração de que gosam no

mundo, o cuidado com que devem medir as suas palavras e acções, para que no presente não vão contra as leis da honra e do dever, e no porvir não dêm á inexorável história o direito de registrar os seus nomes com desdouro.

Mal iam dando fim os trabalhos e cuidados que a morte do alcaide-mór havia trazido a Antonio Vieira, que outros novos lhe sobrevieram, se bem de natureza muito diversa, não menos encommodos nos seus adiantados annos. O novo geral da ordem lhe mandou em 1688 patente de visitador da provincia do Brazil, com que o velho não teve remedio senão deixar o retiro do Tanque, e vir para o collegio da cidade, donde começou a entender no govêrno e direcção da companhia, e das missões, com o mesmo zêlo e vivacidade de que déra provas em idade mais vigorosa.

No desempenho deste encargo não lhe faltaram occasiões de communicar officialmente com os grandes, como tanto lhe aprazia; e tambem a teve de fazer restituir ás missões do Maranhão vinte e tantos padres da companhia, que haviam sido expulsos dellas em 1684, pela sabida revolta do Bekman. Não esqueçamos aqui que ao romper a sublevação, e quando o proprio Antonio Vieira andava exposto ao maior rigor da perseguição do *Braço-de-Prata*, bem fóra de inclinar o ánimo á indulgencia e á piedade, só teve palavras duras

e inexoraveis para os rebeldes do Maranhão, a cuja impunidade, desde a primeira revolta que tivéra em resultado a sua propria expulsão, attribuia elle a actual. Fôra culpa gravissima em seu conceito não se haverem logo desterrado os principaes moradores, e alguns frades que os fomentavam; e sem exemplar castigo não havia esperar o termo a taes desordens. *Mas se faltou o da terra* (arrematava com uma complacencia que pouco tinha de christã) *não tem faltado o do céo, porque todos os motores daquelles sacrilegios morreram desastradamente, e sem sacramentos.*

Já depois de findo o seu triennio, ainda lhe sobreveio um novo e último desgosto. Celebrou-se no anno de 1694 no collegio da Bahia um congresso provincial para o fim de eleger-se um sujeito que fosse a Roma por procurador da provincia. Prohibem os estatutos da ordem, sob graves penas, sollicitar alguem votos para si ou para outrem, e como Antonio Vieira, desejoso, dizem, de que a companhia fosse dignamente representada, indicasse a varios padres um que lhe pareceu para isso mui cabal, e houve quem concordasse com elle em voto, originou-se dahi a accusação de cabala, (*crimine ambitus*), em virtude da qual, pelos superiores daquelle tempo, foram declarados réus, elle e o P. Ignacio Faya, e como taes privados de voz activa e passiva por sentença que lhes foi solemnemente intimada.

Appellou o P. Antonio Vieira para o geral da ordem em Roma; e este decidiu a final a contenda a seu favor; mas com as delongas e distancias, quando chegou esta decisão á Bahia já o padre era morto, pungido no fundo d'alma desta derradeira injúria com que no fim da vida quizeram macular os seus cabellos brancos.

Além dos trabalhos e occupações que já deixamos referidas, enchia Antonio Vieira o tempo desde que voltára á Bahia, prégando nas igrejas, escrevendo a sua correspondencia official e privada, dando consultas e pareceres sobre negocios politicos e administrativos, que ou lhe pediam, ou o seu zêlo offerecia espontaneo, e sobretudo fazendo a revisão e correcção dos seus sermões, dos quaes chegou a coordenar treze tomos, sendo onze impressos ainda em sua vida—trabalho insano e longo em que gastou cerca de vinte annos, ao qual devemos acrescentar a continuação da—*Clave dos Prophetas*—que, segundo a sua propria expressão, *fôra o maior emprêgo dos seus estudos*.

No meio porém destes cuidados, não lhe esqueciam os da politica e dos publicos negocios, acerca dos quaes nunca tiveram fim, senão com a morte, os seus queixumes e lástimas, sempre ligados de resto á idéa da ingratidão da patria.

«Não póde haver maior encarecimento da emulação «e do odio, (escrevia elle a Diogo Marchão queixando-«se de certos aggravos) que ser este maior nos meus «patricios, que o amor que devem ter á mesma pa-«tria. Não é ella a ingrata, senão elles, e os que mais «perto estão das fontes do agradecimento. Tudo vem «a ser maior glória do meu sempre fiel e desinteres-«sado amor, o qual se presará daqui por diante de «servir aos futuros, pagar aos passados, e não dever «nada aos presentes. A tanto se estendeu a prolixi-«dade dos meus largos e cançados annos, conhecendo «em ametade delles os avós, os paes, e os netos.»[1]

«Oh quanto eu tinha que dizer (carta ao P. Manuel «Dias) e vossa reverendissima que ouvir! Mas não «ha outro remedio senão appellar o meu silencio para «o juiso de vossa reverendissima. Acabou-se no «mundo a rasão, a verdade, e a justiça, e tambem a «sincera e christã amisade. ... Pagarei a vossa re-«verendissima as novas que me dá. Tivemos náu da «India, *carregada de pedra*..... Aquelle estado, e «este ficam na mesma miseria, em que vossa reveren-«dissima me descreve e lamenta o reino.»[2]

«Das cousas públicas (escrevia a Sebastião de Mattos «apenas oito dias antes do seu fallecimento) não digo «a vossa mercê mais que ser o Brazil hoje um re-«trato e espelho de Portugal, em tudo o que vossa

[1] Carta de 15 de julho de 1690.
[2] Carta de 30 de junho de 1691.

«mercê me diz dos apparatos de guerra sem gente «nem dinheiro; das searas dos vicios sem emenda; «do infinito luxo sem cabedal; e de todas as outras «contradições do juiso humano.»[1]

Mas esta última, e algumas outras raras cartas as escrevia elle por excepção já para o fim de seus dias, porque as molestias quasi de todo lhe haviam impossibilitado o trabalho, bem que até á morte conservasse inteiras e perfeitas todas as faculdades da alma. Soffria contínuas erisipelas, e dôres hemorrhoidaes, acommettiam-n'o de vez em quando as febres, e ficára quasi de todo surdo e cego, de modo que para as suas obras lhe era já indispensavel o auxílio de um amanuense, e por cima de tudo, deu duas grandes quédas, que assaz aggravaram os seus encommodos. A respeito da última escreveu ao P. Balthasar Duarte: «Tornei a dar outra quéda de noite, pela escada fatal, «muito mais perigosa que a primeira, com uma fe- «rida na cabeça, e ambas as mãos estropeadas, esca- «pando milagrosamente com a vida..... Neste esta- «do, sem mãos, nem cabeça, nem companhia, me fica «só o coração..... Com estes avisos do ceo me resol- «vi a estreitar o retiro do meu deserto, empregando «os poucos dias que me restam na conta de tão larga «vida, como a de oitenta e oito annos. Mas nesta fal- «ta de fôrças de mim mesmo me vejo de novo obri- «gado com duas obediencias, uma real, e outra da

[1] Carta de 10 de julho de 1697.

«religião, a proseguir e acabar a *Claves Prophetica*, «entendendo que é vontade de Deus que a morte me «ache com esta obra de tanto serviço seu, ao menos «no pensamento e na voz, já que não póde ser nas «mãos.»[1]

«Na frota passada dei conta a vossa mercê (dizia a «Sebastião de Mattos na já citada carta) de como tinha «occupada a paciencia no soffrimento de diversas en- «fermidades; uma destas, por occasião, dizem, de «duas sangrias que me receitaram em noventa annos «de idade, em espaço de oito dias, me tiraram totalmen- «te a vista, de sorte que nenhuma lettra, por gran- «de que seja, nem a do titulo dos livros, posso ver, «e juntamente tendo já mui debilitado o uso de ouvir, «e perdi tambem de modo, que apenas posso enten- «der o que outros me lêm. *Os que fazem jogo dos «achaques alheios* (continuava gracejando e alludindo «aos desconcertos da epocha) *dizem que me veio este «a bom tempo, para não ver o que se vê, nem ouvir o «que se ouve.*» Assim, póde-se dizer que já tinha a morte diante de si, mas não cessava de ralhar e mur- murar.

Por fim tractou de acabar com toda a correspon- dencia, como já dissemos; mas porque teimassem a

[1] Carta de 22 de julho de 1695.

importuna-lo com cartas, resolveu escrever uma circular em que formalmente se despediu, *querendo guardar* (diz um dos seus biographos) *até o fim da vida aquella delicadeza e civilidade, que sempre o caracterisaram.* Nós cremos porém que nesta despedida elle se mostrou mais fiel aos habitos de cortezão que aos da cortezia. «As cartas circulares eram exclusiva-«mente dirigidas a excellencias; *e só multiplicada em «copias* (dizia elle) *sendo as mesmas, podiam satisfazer «a tantas obrigações, quantas devia á patria na sua «mais illustre nobreza.*»

Pedia nellas que a pena de não responder ás cartas, se lhe commutasse na graça de as não receber mais dali por diante, devendo todos considerar que se lhe faltava uma mão para escrever, lhe ficavam duas mais livres para levantar ao céo, e encommendar a Deus os mesmos a quem não escrevia, com muito maior correspondencia do seu agradecimento; porque uma carta em cada frota, era memoria de uma vez cada anno; e as da oração de todas as horas, eram lembranças de muitas vezes cada dia.[1]

Um anno antes de morrer passou-se da quinta para a cidade, *não a buscar saúde nem vida* (dizia) *senão um genero de morte mais socegado e quieto.* E acabou

[1] Carta circular de 31 de julho de 1694.

com effeito no dia 18 de julho de 1697, com quasi noventa annos de idade, e setenta e cinco de religião, recebidos os sacramentos, e com todas as mostras de conformidade e piedade christã.

Fizeram-se-lhe sumptuosas exequias tanto na Bahia como em Lisbôa, concorrendo ás da primeira cidade o governador D. João de Lencastro, que por este honroso procedimento reparava todas as indignidades de Antonio de Souza de Menezes; e sendo as da segunda, celebradas a expensas do conde da Ericeira, filho do illustre auctor do *Portugal Restaurado*. É quasi escusado dizer que quanto havia de illustre na nobreza, na religião e nas lettras, em ambas as metropoles acudiu a honrar nestas solemnidades a memoria do grande prégador, sopeados ou esquecidos então os sentimentos de inveja e de odio, e absorvidos todos nos da admiração e estima dos seus grandes talentos e virtudes; thesouros cujo prêço parece que só se avalia melhor, depois da sua perda.

Tal foi a vida desse famoso P. Antonio Vieira, se a consideramos sobretudo em relação á cópia e variedade de successos que a encheram. Para que porém este homem extraordinario possa ficar mais bem co-

nhecido, o seu character e talentos se hão de apreciar pelo todo das suas acções e escriptos, condensado em um painel mais resumido e coherente do que o soffrem as contrariedades de uma vida tão longa e tão agitada.

Esse quadro vamos nós agora esboçar, já substanciando, no que importar ao nosso intento, o que deixamos atraz escripto, já acrescentando.[1]

[1] Aqui termina o manuscripto que nos legou J. F. Lisboa, deixando de completa-lo com esse quadro synthetico, que começára, do character e obras do P. Vieira, como elle os sabia fazer, ou que seus soffrimentos physicos lh'o impossibilitassem, ou que o tedio que d'elle se havia apoderado nos ultimos tempos da vida, lh'o embargasse.

(Dos EEDD.)

VIDA

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

(JORNAL DE TIMON.)

NO BRAZIL.

VIDA

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.[1]

I

Parte para Lisboa—Admiração que ali causa a sua eloquencia—Grande privança com el-rei—Ciumes e invejas que excita, e inimizades que por isso toma—Dissenções com a sua propria ordem, com quem depois se reconcilia—Missões politicas a Roma, Pariz e Haya—Serviços importantes e multiplicados que presta á sua patria.

Um talento desta ordem[2] não havia de ficar eternamente confinado nos estreitos limites de uma colonia; e ao brado da restauração de 1640, Vieira partiu para Lisbôa a encontrar os seus destinos. Foram

[1] Corresponde este trabalho, impresso em 1853, no *Jornal de Timon*, ao n.º 10, que occupa no 2.º volume da 1.ª edic. de pag. 387 a pag. 513.

(Dos EEDD.)

[2] Para não repetir o que já ficou impresso no começo deste volume, e que pertencia a esta parte, remettemos o leitor ao que vem de pagina 9 a 26.

(Dos EEDD.)

na mesma occasião o P. Simão de Vasconcellos, auctor da célebre *Chronica da Companhia*, e um filho do vice-rei, marquez de Montalvão, chamado D. Fernando, que o pae enviava a dar os emboras a el-rei pela sua feliz exaltação. Mas comoquerque dous irmãos deste mancebo houvessem seguido as partes de Castella, tendo-se recentemente passado áquelle reino, foram os nossos viajantes, depois de uma longa e molesta travessia, acolhidos no desembarque por um modo brutal, acudindo o povo alvoroçado e tumultuario a vingar no irmão a infidelidade de uma familia que julgava ser toda composta de traidores. D. Fernando foi gravemente ferido naquelle conflicto, e o mesmo Vieira correu não pequeno risco, de que os salvou o governador de Peniche, fazendo-os recolher a uma prisão, e conseguindo illudir assim o furor popular. Atravessados estes perigos que encontrou nos elementos, e nas paixões humanas, e que por ventura deram novo lustre á reputação de patriotismo e de talento que trazia do Brazil, apresentou-se o P. Antonio Vieira na côrte, onde foi graciosamente acolhido por el-rei. Daqui data verdadeiramente a época brilhante da sua vida.

Entrou logo a prégar em diversas igrejas, e no 1.º de janeiro de 1642 prégou na capella real em presença de toda a côrte. Pelo que sabemos das memorias daquelle tempo, foi prodigioso o effeito dos seus sermões. Fallava o orador ao gosto do tempo, assim na escolha dos assumptos, ferindo vivamente o da

restauração da independencia portugueza, como nos modos e meneios da linguagem, supposto o seu grande talento lhe arredasse os vicios mais communs entre os oradores contemporaneos. A uma noticia vasta, immensa, e quasi universal de todas as sciencias e luzes antigas e modernas—sagradas e profanas—reunia Vieira á novidade e agudeza, propria do seu engenho, com que tractava e desenvolvia as materias, a facilidade, pureza, cópia, e energia da linguagem; não menos que a efficacia e nobreza da declamação e do gesto, em que era singularmente ajudado pelos dotes corporaes. O todo da sua figura era grave e auctorisado—estatura mais que ordinaria—fronte elevada e magestosa—tez morena e como crestada do sol dos tropicos—barba espessa e crescida—cabellos negros na mocidade, e alvos e nevados na velhice—olhar vivo e scintillante.

Os templos mais vastos não eram cabaes a conter a multidão que corria a ouvi-lo, e admirar nelle a lição variada e profunda do sabio, a claresa e simplicidade de expressão, os conceitos chistosos e agudos, a graça e desembaraço das maneiras e a arte infinita com que fallava a todos as ideas, interesses, e paixões dominantes naquella epocha, fosse para combate-las, ou favonea-las.

Requer a verdade se diga tambem que o orador abusava não raro do seu sagrado ministerio para fazer invectivas, e dirigir allusões pungentes e injuriosas aos seus inimigos e invejosos, servindo assim a reli-

gião em geral, e os textos sagrados que violentava e acomodava a seus intentos, á satisfação de paixões particulares, que ordinariamente andavam eivadas de impureza. Não faltarão occasiões, no curso deste trabalho, em que o mostremos por factos e casos especiaes. O que importa agora saber é que elrei ficou tambem enamorado e rendido das grandes qualidades de Antonio Vieira, que para logo o admittiu á sua privança, e não só lhe mandou em 1644 a patente de seu prégador, por um grande do reino, o que era distincção pouco ordinaria, senão que o ouvia em todas as cousas de seu govêrno, preferindo muitas vezes os seus planos e alvitres aos dos ministros de estado, e submettendo á sua censura até as ideas e actos destes.

Esta alta e rapida fortuna, de resto mui propria a exaltar a sua imaginação, e a dar largas á ousadia e petulancia natural do seu character, suscitou-lhe em pouco tempo numerosos inimigos, e alguns contratempos e desgostos.

O mais grave de entre elles brotou do seio da propria companhia. Seja que offuscados os padres da sua glória, toda pessoal, entrassem a encara-lo com máus olhos, vendo nelle mais um cortezão que buscava abrir-se caminho ás honras e ao poder, em proveito proprio, do que um irmão exclusivamente dedicado aos interesses da ordem, como era do seu instituto e obrigação; seja que o suspeitassem fautor de algum projecto de reformação geral na mesma ordem,

ou pelo menos de querer introduzir nella algumas novidades, cousa que era muito de recear, attento o seu espirito audaz e innovador, e a grande influencia que tinha no ánimo de el-rei; passa por certo que chegaram a pôr em conselho a sua dimissão e exclusão; e ainda pretendem alguns que a medida veio a ter effeito, se bem revogada depois, mediante uma reconciliação de certos compromissos.

Fosse uma ou outra cousa, D. João IV mandou-lhe offerecer uma mitra das mais opulentas, ou para mitigar o desar da exclusão, ou para faze-lo sahir decorosamente da ordem. Mas este homem singular e extraordinario, por um subito regresso dos seus sentimentos de ambição pessoal e exclusiva para os da primitiva dedicação ao seu instituto (cousa de resto muito natural nestes characteres violentos e excepcionaes) refusou a mitra, submetteu-se, humilhou-se e disse:—«*Que não tinha S. M. tantas mitras em toda sua monarchia, pelas quaes houvesse elle de trocar a pobre roupeta da companhia de Jesus; e que se chegasse a ser tamanha a sua desgraça que a companhia o despedisse, da parte de fóra das suas portas se não apartaria jámais, perseverando em pedir ser outra vez admittido, senão para religioso, ao menos para servo dos que o eram. E que se, nem para isso o quizessem, ali estaria sem mais alimento que o seu pranto, até acabar a vida junto daquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda.*»

Fallando por este modo, exprimia acaso o P. Anto-

nio Vieira os verdadeiros e desinteressados sentimentos do seu coração, ou era arrastado, sem que disso tivesse uma clara e perfeita consciencia, pelo sentimento íntimo do poder immenso da ordem, de cujos interesses não devia separar os seus? Mysterios d'alma são esses, que a neuhuma perspicacia humana é dado penetrar; e se a simples dúvida occorreu ao nosso espirito, é porque em todo o curso da vida de Vieira sempre o acharemos mais portuguez, que jesuita, mais amigo da patria, da côrte, e dos grandes, que da sua ordem, a qual sempre figura mui secundariamente, e antes como instrumento dos seus planos, que como objecto e fim principal de seus desvelos.

É difficil atinar com a verdade neste ponto, como em alguns outros da vida do nosso jesuita; as suas obras são mudas a tal respeito, e André de Barros, jesuita como elle, e antes panegyrista que historiador, tendo de attender igualmente á glória do seu heróe, e aos interesses da sua ordem, omitte, falsifica, attenúa, obscurece e enreda em palavras turgidas e sibyllinas todos os pontos espinhosos e delicados, como este. Consta entretanto que o P. Antonio Vieira, emendado e arrependido de suas culpas, obtivera o perdão da ordem, sob condição de apartar-se da côrte e das grandezas, e de voltar ao Brazil, afim de empregar-se na conversão do gentilismo.[1] Se

[1] Veja-se, a respeito destas occurrencias, o *Epitome* do sr. Ro-

tal foi, ou o ajuste se não guardou, ou Vieira, amparado do regio valimento, conseguiu adiar por muitos annos a sua execução; porque o certo é que nunca elle se deu mais aos negocios politicos e profanos, do que depois destes obscuros enredos.[1]

A parte que em taes negocios tomava o P. Antonio Vieira consistia em repetidas missões a diversas côrtes da Europa, e em planos e arbitrios que propunha a el-rei, sobre administração, guerra, marinha e outros assumptos. Esses trabalhos enumerou-os elle largamente em uma carta apologetica que escreveu ao conde da Ericeira, e cuja data ignoramos, por se ter perdido o final della. (É a 118.ª do T. 2.º [2]) Ali vemos que propoz a creação de duas companhias de commércio, á imitação das de Hollanda, uma para o Brazil, e outra para a India. A chimera chegou a organisar-se, posto que mais tarde. O seu fim era enriquecer Portugal pelo commércio, proporcionando-lhe ao

quette, em uma nota a pag. XVI, onde se dá por averiguada a dimissão do P. Antonio Vieira.

[1] Assim para saber-se ao certo se o P.e Antonio Vieira foi dimittido da Companhia de Jesus, como quanto aos demais factos que a este successo se referem, veja-se n'este mesmo volume de pag. 199 a pag. 205.

(Dos EEDD.)

[2] Cumpre notar que nas citações desta parte refere-se o auctor ás edicções das obras do padre anteriores á nova, de 1856.

(Dos EEDD.)

mesmo tempo meios de fazer a guerra a seus inimigos, e de manter a possessão das suas colonias contra a Hollanda.

Nesse mesmo intento, e considerando por ventura mais difficil conservar a India que o Brazil, propoz que se cuidasse seriamente de transplantar para esta última região as drogas daquella, porquanto, com este expediente ficaria completamente arruinado o commércio que a Hollanda fazia no Oriente, podendo Portugal fornece-las á Europa por preços muito mais vantajosos, como quem as trazia de mais perto, e com menos custo.

Entretanto, assevera Constancio na sua—*Historia do Brazil*—(T. 1.º, pag. 472 e 473) que o procurador da fazenda Pedro Fernandes Monteiro fôra quem em 1647 propozera a creação de uma companhia de commércio do Brazil, plano que foi adoptado pela meza de consciencia e ordens; ao passo que o P. Antonio Vieira, a quem el-rei communicou as deliberações, aconselhára o abandono e sacrificio de Pernambuco, para se conservar a India, expondo a sua opinião em um memorial, cujas rasões pareceram tão solidas a D. João IV, que o denominou *papel forte*. Sem contestarmos a veracidade destas notícias, só diremos que Antonio Vieira nos transmitte as suas em contrário, na carta já citada, com taes circumstancias e pormenores, que seria temeridade pô-las em dúvida. E no—*Portugal Restaurado*—tractando o conde da Ericeira dos successos deste anno de 1647, refere o mesmo que

nós colligimos da carta de Vieira, isto é, que o padre votára pela conservação do Brazil, depois de resumir e comparar em um escripto brilhante todas as opiniões do conselho, que el-rei havia submettido ao seu exame.

Para acudir ao Brazil, propoz o padre igualmente a compra de quinze fragatas de trinta peças, que em Amsterdão lhe offereceram por vinte mil cruzados cada uma, postas em Lisboa aparelhadas de todo o necessario. O alvitre agradou, mas para o pôr por obra eram necessarios tresentos mil cruzados, e não os havia á mão. Indicou Vieira um leve imposto sobre a frota que havia chegado do Brazil naquelles dias, opulentissima de mais de quarenta mil caixas de assucar. Mandou-lhe S. Magestade que puzesse tudo aquillo em um papel *sem labia*, e passados poucos dias fez-lhe saber que mandando consulta-lo por seus ministros, responderam estes—*que o negocio estava muito cru.* Mas eis que apenas passam seis mezes, e chegam notícias de como Segismundo apertava com a Bahia, e fazia grande falta a armada que se não comprára nem mandára. Interpellado Vieira por el-rei acerca desta difficuldade com as seguintes palavras:—«Que vos parece que façamos?»—«O negócio, senhor, (respondeu elle) mui facil. Não disseram a V. M. os ministros que aquelle negocio era muito cru? Pois então cozam-n'o agora.»

O cortezão triumphava sem muita caridade dos embaraços dos ministros, e ainda do seu proprio rei.

Esses embaraços não pararam aqui. Assentou-se em conselho que era indispensavel soccorrer a Bahia, e para isso se havia mister de tresentos mil cruzados, sem occorrer todavia a maneira de acha-los. Tornou el-rei a communicar o caso com o padre, e este lhe respondeu indignado: «Basta, senhor, que a um rei de «Portugal hãode dizer seus ministros que não ha meio «de haver 300:000 cruzados com que acudir ao Brazil, «que é tudo o que hoje temos! Ora eu com esta roupeta «remendada espero em Deus que hoje mesmo heide dar «a V. M. toda esta quantia.»—E assim foi, que a obteve immediatamente de emprestimo por intermedio de um negociante, seu amigo e antigo conhecido do Brazil.

A notícia destas e d'outras proezas semelhantes, e especialmente a do projecto da companhia occidental, fez dizer aos mais abalisados politicos de Roma—que pois havia em Portugal sujeitos tão cabaes que sabiam excogitar semelhantes arbitrios, já não era possivel duvidar da conservação do reino, apesar de todo o poder dos seus inimigos. É o mesmo Antonio Vieira quem no-lo refere com um desvanecimento um pouco improprio da humildade da sua roupeta, mas por certo desculpavel em quem nascera portuguez, e ambicioso, antes de professar na companhia.

Foi elle quem indicou tambem a el-rei que acabasse com as caravelas, embarcações ligeiras, e verdadeiras escholas de cobardia, fazendo-as substituir por náus grandes e bem artilhadas; e este conselho afinal se veio a seguir.

Nas diversas missões de que foi encarregado por estes tempos até 1650, foi uma vez a Roma, e duas a Haya e a Pariz, tocando em Douvres e Londres.

Da Hollanda agenciou elle a construcção e armamento de tres fragatas em Hamburgo, pelas quaes enviou grande artilharia e munições, que muito concorreram para as victórias que Portugal então alcançou nas guerras que trazia com Castella.

Mas o seu principal fim, tanto em Haya como em Pariz, era vigiar e guiar os ministros e embaixadores, e tinha instrucções o de Pariz para nunca dirigir-se ao cardeal Mazzarino, então primeiro ministro todo poderoso, ou á rainha regente, sem assistencia e conselho do P. Antonio Vieira. E tal era a importancia de que este gosava, que todos aceitavam sem murmurar uma situação tão humilhante e pouco decorosa. El-rei se correspondia secretamente com elle por meio de uma cifra de que só tinha conhecimento o secretario Pedro Fernandes Monteiro.

Chegou o padre a estar nomeado para acompanhar um embaixador portuguez ao célebre congresso de Munster; mas como este projecto se não realisasse, houve tenção de despacha-lo ministro residente em Haya, o que elle refusou, por julgar a publicidade do cargo incompativel com as regras do seu instituto. Entretanto exercia-o de facto, e para melhor o desempenhar, e não offender as susceptibilidades de um paiz de hereges, vestia trajes seculares, e vivia luzidamente á lei da nobreza, frequentando damas e cavalleiros, e

assistindo ás funcções e solemnidades públicas com a mesma flexibilidade de espirito e de maneiras, com que dos pulpitos severos dos templos catholicos explicava os passos mais obscuros das sagradas escripturas, e trovejava contra os vicios e os prazeres vãos e mundanos.

No meio dos trabalhos e distracções, inherentes ao cargo, o jesuita dava a ver-se todavia de vez em quando, pois esquecido da prudencia que o aconselhára a despir a roupeta, travava controversias theologicas com hereges e judeus, nas quaes, dizem, como habil e subtil argumentador que era, levava sempre a melhor de seus antagonistas. Não sabemos porém de grandes conversões que fizesse.

Mas de todas as suas missões a mais ardua sem contradicção, foi a que o levou a Roma em 1650. D. João IV suspirava pela paz, cançado da guerra com Castella, com a qual se ia o reino extenuando, sem lograr consolidação da sua independencia. Mas como corressem boatos de que Napoles, sempre impaciente do jugo hespanhol, dava indicios de querer sublevar-se, para entregar-se a Portugal, o pequeno rei, ainda mal seguro no proprio throno, e a quem a ambição de dominio sorria não menos que o amor do repouso, acolheu e acariciou a idea, e assentou de tirar partido, como lhe fosse possivel, de todas as circumstancias. O P. Antonio Vieira, pelo seu espirito destro, flexivel e igual a todos os negocios, pareceu ainda o homem mais proprio para guiar de frente estas duas emprezas, tão ar-

riscadas, como repugnantes entre si, e que em nada menos consistiam que em sollicitar uma alliança matrimonial e politica do rei de Hespanha, ao mesmo tempo que se promovia uma sublevação entre os seus subditos, para despoja-lo de uma porção consideravel dos seus dominios.

O fogo do patriotismo, que abrazava o coração de Antonio Vieira, e o levava a actos sublimes de desinteresse e sacrificio, escaldava-lhe tambem o cerebro, e impellia-o a ideas desparatadas, e a projectos temerarios e absurdos. Illudido sem dúvida pela ephemera grandeza de Portugal, depois das conquistas de Africa, e da descoberta do Oriente, e hallucinado pelas suas interpretações visionarias dos prophetas, capacitou-se firmemente de que a Portugal estava reservado o sceptro do mundo, idea extravagante que inculcou mais tarde em um livro que lhe foi occasião de grandes trabalhos, sem advertir que a dominação do mundo, ou de uma parte consideravel delle, nunca poderá ser lanço de pequenas nações; e que se estas chegam a exerce-la, è isso devido a causas passageiras e excepcionaes, como a ignorancia e a apathia dos grandes povos. Mas dae que estes despertem, e para sempre esvae-se nas trevas aquelle esplendor faticio e fugaz que offuscava o mundo. Nos tempos modernos temos o exemplo de Veneza, e os da Hollanda e do proprio Portugal, decahidos para sempre da sua antiga grandeza, e substituidos na America pela possante nacionalidade saxonia.

Não o entendia porém assim naquelle tempo o rei de Portugal, e nem o P. Antonio Vieira que correu açodado a Roma, para sondar daquelle grande centro as desposições revolucionarias dos napolitanos, a abrir ao mesmo tempo negociações com o embaixador hespanhol, acerca da fusão dos dous reinos por meio do casamento do principe D. Theodosio com a infanta, unica herdeira de Philippe IV.

Vemos por aqui que a idea da fusão, que tantas vezes, e ora mesmo (1854) se tem agitado, e agita com grande calor, nada tem de nova; mas todos comprehendem, e o ensaio dos sessenta annos do dominio dos Philippes o prova, que ella não póde consistir senão na absorpção mais ou menos completa do reino menor pelo maior. O P. Antonio Vieira entretanto o entendia muito pelo contrário, e pretendia nada menos que elevar Lisbôa, sua patria, a cabeça e côrte de toda a grande monarchia, contando sem dúvida que por ahi ficaria Portugal preponderando nos negocios, sem advertir que se os hespanhoes viessem nesse intento, abandonadas dentro em pouco as margens do mesquinho Manzanares, passaria a respectiva população a occupar Lisbôa, e a tranforma-la em uma cidade mais hespanhola que portugueza.

Era embaixador de Hespanha perante a curia, o duque do Infantado. Não ousando abrir-se logo com elle, dirigiu-se Vieira, aos seus privados; e com as precauções que a importancia do negocio requeria, ora mostrava as grandes vantagens politicas e reli-

giosas da alliança projectada, com argumentos solidos e eloquentes, ora arrastado do seu gôsto das antitheses, e alludindo ao casamento que devia firma-la, dizia que com o auxílio do amor desejava elle conquistar Hespanha para Portugal, na mesma occasião em que Hespanha dispunha a conquista de Portugal com o auxílio das armas.

Dizem que esta idea adquiriu numerosos proselytos em Roma na facção hespanhola; mas o certo é que chegando a notícia della, e dos manejos do padre, á côrte de Madrid, expediu esta ordens tão terminantes para ser elle expulso de Roma, que o duque do Infantado, procurando o geral da ordem, chegou a dizer-lhe que se Vieira não despejasse incontinenti, mandaria mata-lo publicamente e ondequerque o encontrasse.

Assim desarmou em vão toda a eloqnencia e habilidade deste grande politico, emmaranhado n'uma empreza, toleravel em outros tempos, mas temeraria n'uma epocha em que Philippe IV, considerando ainda o duque de Bragança como um rebelde digno de exemplar castigo, andaria bem longe de admitti-lo a uma alliança de familia. Talvez para este ridiculo desfecho concorresse tambem o conhecimento dos manejos relativos a Napoles, irritado igualmente o monarcha hespanhol da ousadia com que um pequeno rei rebelde aspirava ao mesmo tempo á alliança do seu sangue, e á usurpação dos seus dominios.

Quanto a essa absurda tentativa sobre Napoles, o

proprio Antonio Vieira escreveu a el-rei que as informações recebidas eram inexactas, e que não havia o menor fundamento para se Portugal empenhar em semelhante facção.

Cabe aqui referir que mandando el-rei pôr em Roma seiscentos mil cruzados á disposição de Antonio Vieira para os elle gastar neste negocio como entendesse, o jesuita não tocou em um só real—sendo esta inteireza e desinteresse qualidades suas ordinarias, e de que sempre deu honrosas provas nas muitas occasiões em que no curso da sua vida teve de manejar grossos cabedaes.

Mas esta virtude exercida obscuramente não o livrou do patente desar da mallograda empreza; e é de crer que voltando a Portugal mais depressa do que cuidava, não foi sem alguma confusão e constrangimento que se apresentou diante de amigos e inimigos. El-rei, é certo, lhe escrevêra, estando elle ainda em Roma, dando-se por mui bem servido do seu zêlo no tocante aos negocios que o tinham levado áquella capital: mas no seu regresso não pôde ou não quiz impedir a sua partida para o Maranhão, que como já vimos, foi uma especie de destêrro que lhe haviam imposto os superiores da ordem, como castigo dos seus projectos de innovação. Mas este successo da partida requer uma mais particular averiguação.

II

Parte a primeira vez para o Maranhão contra a sua vontade—Missões a bordo—Arribada a Cabo-Verde—Chegada ao Maranhão—Seu abatimento e tristeza, e vida retirada que passa as primeiras semanas.—Volve sem tardança á costumada actividade.—Relação que dá do estado temporal e espiritual do Maranhão naquelle tempo.—Condição miseravel dos indios, tyrannias e cruezas que com elles usavam os capitães-móres, e os moradores.—Missões mallogradas ao Itapecurú, e ao Tocantins.—Idea geral do modo por que se faziam as entradas.—Graves accusações aos capitães-mores, cobiçosos e prevaricadores.—Plano, que traça, de governo civil e politico para o estado, onde repete as mesmas accusações.—Aspira desde logo ao dominio espiritual e temporal exclusivo para a companhia.—Primeiras disputas com os moradores, e opposição das outras ordens.—Sermão sobre a mentira.—Satyra mordaz contra os nossos maiores, que increpa de mentirosos e maldizentes.—Os procuradores do estado voltam de Lisboa com novas leis contrárias á liberdade dos indios.—O P. Antonio Vieira resolve partir.—Sermão prégado aos peixes em dia de Sancto Antonio.—Novas invectivas contra os moradores.—Parte emfim furtivamente para Lisboa.

O P. Antonio Vieira não partiu para o Maranhão, logo á sua volta de Roma; esteve, pelo contrário, detido em Lisbôa cerca de dous annos, occupado em prégar sermões, em fazer umas missões a Torres-Vedras, e em outros negocios de pouco momento. Já uma tão larga demora não revelava por certo no futuro missionario esse ardor immenso de converter

gentios que desde então lhe attribuia o seu panegyrista André de Barros; mas para sabermos que o padre-cortezão não fez a viagem muito por seu gôsto, temos rasões ainda mais explicitas e peremptorias.

Nas—*Vozes Saudosas*—publicou o mesmo André de Barros uma longa carta, que attribue a Vieira, e é dirigida ao padre provincial, da qual resultaria que uma primeira viagem, emprehendida a 22 de setembro de 1652, se mallográra e não tivera effeito algum, por decidida opposição de el-rei, que fez desembarcar a Vieira do navio que já se fazia á vela. E na *Vida* do mesmo padre acrescenta que annuindo el-rei depois deste successo á sua partida, e tendo-lhe já expedido a provisão de 21 de outubro do mesmo anno, mudára subitamente de resolução, e lhe intimára que de modo algum partisse, insinuando-lhe todavia que continuasse a proceder como quem tinha effectivamente de partir, pois que na hora do embarque expediria ordem terminante em contrário:—que Vieira, pezaroso e contristado de uma resolução que contrariava tão abertamente a sua ardente vocação, não teve comtudo outro remedio senão conformar-se com ella; mas que sem dúvida por grande milagre e particular disposição da Providencia, a ordem tardou no momento decisivo, e a viagem effectuou-se emfim.

Todos esses manejos de ordens e contra-ordens, de embarques e desembarques, poderiam aceitar-se no sentido pouco verosimil em que os interpreta André de Barros, de resto tão propenso a alterar e a atte-

nuar todas as circumstancias, que podessem desairar o seu heroe, se elle nos explicasse tambem a rasão por que el-rei se prestava a taes manejos, a não ser por instancias do proprio Antonio Vieira, que como já vimos, fizera com a companhia uma especie de compromisso (cuja execução sempre foi retardando) em virtude do qual se obrigára a partir para o Brazil. Mas o que tira todas as dúvidas a tal respeito, é a carta que o mesmo padre escreveu ao principe D. Theodosio, logo á sua chegada a Cabo-Verde, em 25 de dezembro (7.ª do tomo 1.º) Nesta carta, é certo, diz o padre que el-rei lhe determinára que ficasse, assentando-se tambem que fosse procedendo em supposição de que havia de partir, emquanto S. M. de público não mandava revogar a ordem de partida—*para satisfação dos padres*—mas di-lo de modo que bem parece que tudo se fazia por pedido seu, e de tal geito — que ficasse elle desobrigado para com a companhia. O caso é que recebendo na vespera da viagem ordem para embarcar, mandou avisos repetidos della, quer a el-rei, quer ao principe D. Theodosio, quer ao bispo do Japão, para ver se vinha a revogação, procedendo em tudo com extrema cautela, para evitar suspeitas, *em uma occasião, em que todos os incredulos andavam espreitando as suas acções, e esperando o successo.* No dia fatal sahiu emfim, detendo-se quanto podia pelo caminho, e olhando de vez em quando para traz, como quem esperava alguma mensagam de salvação; e só foi illudido de uma falsa nova, que lhe

deram na praia, que embarcou para a caravela *mais desasustado*, segundo a sua propria expressão. Posto a bordo, a ordem salvadora não veio; a caravela largou os pannos, «*e eu dentro della, e fóra de mim* (continúa o padre na carta citada) *pois não sei, senhor, o que diga neste caso, senão ou que Deus não quiz que eu tivesse merecimento nesta missão, ou que se conheça que toda ella é obra sua; porque a primeira vez vinha eu contra vontade de S. M., mas vinha por minha vontade; e agora parti contra a de S. M., e contra a minha, por mero caso, ou violencia.*»

Em presença desta confissão, já não é permittido sustentar que o P. Antonio Vieira veio para o Maranhão de sua livre vontade, movido só de pretendido zêlo pela conversão dos barbaros; e este ponto não é pouco importante para a apreciação das suas obras e trabalhos subsequentes nestas regiões.

Com vontade ou sem ella, embarcou elle em Lisbôa aos 22 de novembro de 1652. A viagem foi trabalhosa em seus começos; e o fragil baixel, que o conduzia, ora perseguido de corsarios, ora combatido do furor dos elementos, gastou não menos de um mez de Lisbôa a Cabo-Verde, onde foi obrigado a arribar em 20 de dezembro.

Durante a longa e enfadosa travessia, não ficou Antonio Vieira ocioso; e mesmo a bordo foi experimen-

tando e ensaiando as fôrças para os futuros trabalhos. Dividiu o navio em várias missões que confiou aos seus diversos companheiros; prégava todos os domingos, cantava a ladainha em choro todas as tardes, e resava o terço todas as noites; resoando assim os canticos sagrados por aquellas vastas solidões do occeano, entre o sibilar dos ventos e o baloiçar das ondas. No dia da Conceição houve confissão geral. Essas scenas tocantes e singellas, aliás já observadas em outras expedições da mesma natureza, servem assaz a caracterisar os costumes daquelles tempos.

Desembarcado na ilha de Sanct'Iago, começou Antonio Vieira a fazer o seu officio de catechisador; e mal satisfeito do acanhado recinto das ilhas, lançava os olhos avidos á costa fronteira de Guiné, de mais de quatrocentas leguas de extensão, e povoada de immenso gentilismo, que se contava, dizia elle segundo o seu costume de computar á larga nesta materia, não por milhares, senão por milhões. E excitado pela consideração dos copiosos fructos que a religião podia colher naquellas vastas messes, já aquelle espirito mobil e ardente aspirava trocar uma missão por outra, e ficar ali sem mais passar adiante. Valeu porém que já metade da expedição tinha seguido avante. Arrancou-se dali o padre *com grande inveja e dor*, segundo elle mesmo o diz, em carta escripta ao confessor do principe em 25 de dezembro (1.ª do tom. 3.º) parecendo-lhe que lhe estavam repetindo aquellas palavras proferidas outr'ora na costa fronteira d'Africa,

e ora tão conformes á sua situação: *Facta fugis facienda petis*—e não menos saudoso da missão que abandonava, que dos clerigos e conegos que ali viu e tractou, *tão negros como azeviche, mas tão compostos, tão auctorisados, tão grandes musicos, tão discretos e bem morigerados, que podiam fazer invejas aos das primeiras cathedraes do reino.*

Em 16 ou 17 de janeiro chegou a caravela ao Maranhão, quasi pelos mesmos tempos em que deste estado partiam para a côrte os procuradores das duas capitanías a obter a revogação das leis de liberdade de indios, cuja execução, intentada pelo capitão-mór Balthasar de Sousa Pereira, dera occasião em S. Luiz ao motim popular que já sabemos. Tanto André de Barros, como o sr. Roquette, que o seguiu nesta parte, confundindo as datas, asseveram erradamente, que á chegada de Vieira, houve uma sublevação, que necessitou o emprêgo de fôrça armada, e para aplacar a qual, muito concorreu a intervenção e eloquencia do illustre missionario. É engano evidente. Dos *Annaes* de Berredo vê-se claramente que não houve por então outro tumulto senão o de 1652 que já referimos, nem dos escriptos do mesmo Vieira consta outra alguma cousa em contrário.

Parece até que Vieira, nos primeiros mezes da sua residencia nesta colonia, se conservou inactivo em

relação aos negocios publicos ou de jurisdicção temporal e espiritual sobre indios, que tantos trabalhos e desgostos lhe acarearam depois. Aquelle homem habituado á pompa, ao ruido, e vã-gloria das côrtes européas, e ás fortes emoções que deviam gerar em sua alma os grandes negocios em que andára constantemente empenhado, cahiu sem dúvida em profunda tristeza e abatimento, quando se viu opprimido da solidão e do silencio, no meio das quatro palhoças que naquelle tempo se chamavam a cidade de S. Luiz. É isto pelo menos o que podemos colligir do que elle escreveu em maio seguinte ao P. Francisco de Moraes, seu grande amigo e antigo condiscipulo. D'entre a numerosa collecção das suas cartas, é esta talvez a unica que revele alguma sensibilidade, podendo mais o tedio do destêrro para tocar aquelle coração ordinariamente sêcco e duro, que tantas outras grandes desgraças que o assaltaram no curso de uma vida tão longa como tempestuosa. Depois de confessar ao amigo que viera contra sua vontade para o Maranhão, espraia se em reflexões moraes sobre a vaidade desta vida, e a felicidade da futura; chora o tempo passado perdido, e volvendo sobre a sua presente situação, «sabei, amigo, (diz elle) que a melhor vida é esta. Ando «vestido de um panno grosseiro cá da terra, mais pardo «que preto, como farinha de páu, durmo pouco, tra«balho de pela manhã até á noite, gasto parte della «em me encommendar a Deus, não tracto com minima «creatura, não sáio fóra senão a remedio d'alguma al-

«ma. Chóro meus peccados, faço que outros chorem «os seus, e o tempo que sobeja destas occupações, «levam-n'o os livros da Madre Thereza, e outros de «semelhante leitura.»

Mas não era possivel que um homem de imaginação tão viva e inquieta ficasse por muito tempo encarcerado entre as paredes de um cubiculo de frade; e por muito somenos que fosse o espectaculo do pequeno mundo a que seus olhos estavam por então condemnados, bem depressa essas lutas dos moradores com os indios, e essas mesmas insignificantes controversias que a principio o achariam indifferente e desdenhoso, seriam cabaes a despertar a actividade da sua alma ambiciosa, momentaneamente entorpecida. E quem sabe? talvez o seu espirito penetrante comprehendesse instinctivamente quanto avultaria seu nome em grandeza, se desde as longiquas florestas do Amazonas elle o fizesse resoar nas brilhantes côrtes da Europa, ligado a todo esse mysterioso prestigio do occeano atravessado, dos desertos devassados e do gentilismo domado e convertido. No principio do seculo actual, vimos tambem o moderno Cesar, outra imaginação ardente e aventurosa, ir dourar-se e aquecer-se ao sol do Oriente, e contemplar quarenta seculos pousados sobre as pyramides, antes de vir subjugar a Europa deslumbrada.

A mesma immoralidade que S. Francisco Xavier encontrou na India, e os primeiros missionarios do Brazil na Bahia, encontrou Vieira no estado do Maranhão.

A religião não era observada nem nas suas fórmas externas. Belém esteve muitos annos sem matriz. Em todo o Maranhão apenas havia dous curas, um na ilha, e outro na terra firme; e além destes, pouco mais sacerdotes, de poucas lettras, má vida, e muito ruim exemplo, pois eram os mais delles degradados, ou sujeitos tão faltos de prestimo, que só pelo não terem para ganhar a vida em outra parte, a vinham buscar a estas. Quasi ninguem ouvia missa ou prégação, e menos se confessava; muitos morriam sem sacramentos, porque a tão poucos padres, inda que tivessem maior zêlo, não era possivel acudir a tão largas distancias, principalmente tendo de caminhar a pé, que no paiz não havia então nenhum genero de cavalgadura. Abundavam porém as intrigas, os odios, os falsos testemunhos, os roubos, os concubinatos, e os adulterios mais escandalosos.

Da maior parte destas cousas deu noticia Antonio Vieira a el-rei, em carta que lhe dirigiu a 20 de maio de 1653, e que das que vem na collecção dellas (9.ª do tom. 1.º) foi a primeira que daqui escreveu. O assumpto dos indios foi logo aquelle em que mais se alargou. A população, segundo elle refere, apenas compunha-se então de portuguezes, ou de indios naturaes da terra; e destes, uns viviam nos sertões, como gentios; e outros, pela maior parte christãos, entre os portuguezes. Dos christãos, uns eram livres, e moravam em suas proprias aldêas; outros, parte livres, e parte escravos, e moravam com os portuguezes, a quem serviam em suas casas e lavouras.

As necessidades espirituaes que padeciam os portuguezes, e os vicios que entre elles lavravam, se faziam sentir com maior damno entre os indios domesticos, muitos dos quaes eram verdadeiros pagãos, e de christãos só tinham o nome; pois da sua instrucção religiosa não havia o menor cuidado, nem da parte dos senhores, nem da parte dos religiosos, uns e outros homens de vida e doutrina pouco ajustada, sobre ignorantes das linguas indigenas, sem cujo conhecimento era sempre vão e perdido todo o trabalho da conversão.

A estes diversos males acrescia o dos captiveiros injustos. Vieira os explica neste logar, e logo aponta diversas providencias para obviar a elles. Como porém as suas propostas se reproduziram diversas vezes com mais largo desenvolvimento, e tenhamos de occupar-nos dellas para o diante, omitti-las-hemos pelo emquanto. Baste dizer-se que já naquella occasião lembrava elle que os capitães das entradas não fossem da nomeação exclusiva dos capitães-móres, porque sendo assim, escolheriam estes quem fosse buscar mais os seus interesses, que os de Deus, e do bem commum.

«Tanto assim, (continúa elle) que os indios que «moram em suas aldêas, com titulo de livres são «muito mais escravos, que os que moram nas casas «particulares dos portuguezes, só com uma diffe- «rença, que cada tres annos têm um novo senhor, «que é o governador ou capitão-mór, que vem a estas

«partes, o qual se serve delles, como de seus, e os «trata como alheios, em que vêm a estar de muito «peior condição que os escravos, pois ordinariamente «os occupam em lavouras de tabaco, que é o mais «cruel trabalho de quantos ha no Brazil; mandam-n'os «servir violentamente a pessoas, e em serviços a que «não vão senão forçados, e morrem lá de puro senti- «mento; tiram as mulheres casadas das aldèas, e «poem-n'as a servir em casas particulares, com gran- «des desserviços de Deus, e queixas de seus mari- «dos, que depois de semelhantes jornadas muitas «vezes se apartam dellas; não lhes dão tempo para «lavrarem e fazerem suas rossas, com que elles, suas «mulheres, e seus filhos padecem, e perecem.....

«As causas deste damno bem se vê que não são ou- «tras mais que a cobiça dos que governam, muitos dos «quaes costumam dizer que V. M. cá os manda, para «que se venham remediar, e pagar dos seus serviços, «e que elles não têm outro meio de o fazer senão este.»

Aqui lembra o padre outras providencias para acautelar os abusos dos governadores e capitães-móres, sendo uma das principaes não poderem elles lavrar tabaco nem outro algum genero, nem por si nem por interposta pessoa, e nem occupar ou repartir indios; e deste modo ia desde logo revelando, nas providencias que lembrava e nas accusações que fazia, as suas disposições para a luta com o poder temporal, cuja jurisdicção cobiçava para si, ou para a companhia, que representava como chefe nestas paragens. E é

bem para notar que já nesta carta, entre as suas costumadas declamações, e algumas justas reclamações a favor dos indios, admittia elle como rasoavel a distincção dos captiveiros justos e injustos, e sustentava a utilidade e necessidade dos primeiros, como o principal recurso que tinha o estado para manter-se, e como unico meio de arredar os tumultos que a prohibição absoluta costumava provocar.

— —

A maior parte deste anno de 1653 passou-a o P. Antonio Vieira na cidade de S. Luiz com alguma tranquilidade, ora recolhido e entregue á leitura, como elle mesmo referiu na carta que extractamos, ora prégando nas diversas igrejas, e com especialidade na matriz, e na do collegio, e attrahindo numeroso concurso, que dispunha em procissões pelas ruas principaes. Estas procissões se compunham principalmente de indios, mulheres e meninos; e era á doutrina e liberdade dos indios que inclinavam de ordinario os seus discursos.

Procurou tambem fazer erigir um hospital, e a esse intento despertou o zêlo da irmandade da misericordia, que arrecadou não poucas esmolas; mas como a obra por então não fosse adiante, conseguiu sempre que se dispozesse em casa particular para receber os enfermos de todo desamparados, e em favor desse hospital provisorio privou-se elle mesmo de muitas

commodidades indispensaveis, dando-lhe até a propria cama, e dormindo dali por diante em uma simples esteira de tabúa.

Contam-se da sua charidade, para com os pobres, enfermos, e presos das cadeas, durante todo o tempo que residiu no Maranhão, tanto da primeira como da segunda vez, cousas admiraveis, que havemos de referir opportunamente; bastando por agora dizer que segundo a estima de André de Barros gastou elle durante esses sete annos de residencia para mais de cincoenta mil cruzados, fructo de seus ordenados, da impressão de suas obras, e dos consideraveis donativos que lhe faziam seus parentes, amigos e admiradores.

Desde março do mesmo anno, dous mezes apenas depois da sua chegada, principiou a cogitar uma missão ao rio Itapecurú para converter os Ibirajáras, ou indios barbados, pretendidos descendentes dos primeiros exploradores portuguezes; mas a expedição, que devêra realisar-se em junho, não chegou a effeituar-se, por manejos do capitão-mór, como referiremos ao tractar da do Tocantins, pois de ambas ellas deu o padre conta a el-rei em uma só carta.

Desenganado de obter cousa alguma no Maranhão, seguiu para o Pará; mas querendo ali fazer executar a provisão de 21 de outubro de 1652 que havia trazido,

em desprêso do que tinha solemnemente pacteado o P. João de Souto-maior, isto é,—que os jesuitas se absteriam de toda e qualquer intervenção acerca de indios domesticos—alterou-se o povo com isso de tal modo, que chegou a exigir a sua expulsão e dos mais padres; e não se póde calcular até onde sería levada esta manifestação, se o senado da camara, a quem o mesmo povo recorreu, não interpozesse os seus bons officios, conseguindo reduzir aquella dura exigencia a outra mais toleravel, qual a de assignar o P. Antonio Vieira o mesmo termo e promessa do P. João de Souto-maior. Esta mesma porém foi illudida, dilatando-se as cousas sob diversos pretextos, e serenando entretanto os animos agitados.

No meio destas contrariedades, que soube vencer nesta occasião com mais prudencia que em outras, tentou-se a primeira missão ao Tocantins. Vejamos nas suas cartas as causas que a mallograram, depois de intentada, assim como as que impediram a do Itapecurú, pois é nas suas cartas, memoriaes e sermões que poderemos beber, como em fonte mais copiosa e pura, as melhores e mais exactas notícias, sobre tudo quanto respeita a indios, missões, governadores e colonos.

Foi na de 4 de abril de 1654 (11.ª do tom. 1.º) que Vieira deu conta a el-rei destes successos. Começa pela expedição do Itapecurú.—Diz que ajustada em março com o capitão-mór, (era Balthasar de Souza Pereira, que Vieira, calando-lhe o nome, designa pelas

iniciaes de convenção N. de N.) havia tempo de sobra para se dispôrem os aprestos necessarios até junho O capitão-mór o foi de feito entretendo com promessas e mentidas apparencias; mas como viu o padre ausente em uma aldêa, e partido para o reino o navio unico que poderia levar as suas queixas, fez uma junta, composta de gente de sua escolha, na qual se decidiu que a expedição se não fizesse, por ser a occasião impropria.

Este foi o pretexto, porque a verdadeira causa da sua opposição era outra. Verificou-se afinal que nem indios, nem canoas havia prestes para a jornada; pois havendo de ser dezoito ou vinte as que deviam de subir o rio, pedindo-lhe o padre uma, tanto que se desfez a missão, para ir ao Pará, muito custou ao capitão-mór o acha-la para lh'a dar. E sobretudo, ao mesmo tempo em que se havia de dispôr a jornada, mandou elle fazer duas grandes lavouras de tabaco, as quaes era fôrça que se colhessem e beneficiassem naquelle mesmo tempo, e pelos mesmos indios, que haviam de ir, por não haver outros. Nem era de crer (acrescenta Vieira) que um homem que era pobre, e tinha desejos de o não ser, quizesse perder a sua lavoura, e plantar o que não havia de colher.

Chegado ao Pará, e preparando uma missão para o Amazonas, tractou de o dissuadir o capitão-mór Ignacio do Rego (que na carta a que nos referimos tambem vem designado pelas falsas iniciaes N. do N.), inculcando-lhe antes outra missão para o Tocantins, onde

dizia que havia dez ou doze mil indios promptos a descerem. Aceitou Vieira, e tractava de dispôr as cousas convenientemente, quando sobre o ulterior destino dos indios se entraram a suscitar dúvidas e disputas entre elle e o capitão-mór, sendo infinitas as traças, machinas e enganos que este urdia para encaminhar os resultados da entrada ao fim dos seus interesses. Cuidou logo de repartir anticipadamente os indios pelos moradores, que era um modo córado de os captivar e vender, sem differença mais que chamar á venda repartição, e ao preço agradecimento. O capitão-mór insistiu na sua idéa, e para vencer a opposição do padre, propoz-lhe que tomasse dos indios quantos quizesse para as suas aldêas do Pará e Maranhão. O padre engeitou a offerta, e rebatendo a injustiça projectada, pediu que ao menos se fizessem mantimentos, para que, chegando, não perecessem os indios á mingoa, como succedia ordinariamente em semelhantes casos; mas Ignacio do Rego respondeu por vezes que morressem muito embora, que melhor era morrerem na cidade que no sertão, porque ao menos morreriam baptisados!

«Esta é uma das causas, escreve Vieira, que tem «destruido infinidade de indios neste estado, tirarem-«n'os de suas terras, e trazerem-n'os ás nossas, sem «lhes terem prevenidos os mantimentos de que se hão «de sustentar; mas fazem-n'o massoi s que governam, «porque se houverem de fazer as prevenções neces-«sarias, hade se gastar muito tempo nellas, e entre-

«tanto passam-se os seus tres annos, e elles antes «querem cincoenta indios que os sirvam, ainda que «morram quinhentos, do que muitos mil vivos e con- «servados, de que elles se não hajam de aproveitar.»

Partiu emfim a expedição; e o capitão-mór depois de muitas disputas sobre um regimento que déra ao capitão da entrada, (Gaspar Cardoso, ferreiro de seu mister) absolutamente contrário ás leis e instrucções régias, fingiu revoga-lo, dando-lhe ordem pública para obedecer ao superior das missões, mas auctorisando-o em particular a obrar como entendesse. Deste perfido procedimento resultaram para o diante mil contestações e embaraços, que prejudicaram ao bom êxito da empreza.

Subiu o padre com mais tres companheiros, todos theologos e praticos da lingua, pelo Tocantins ácima mais de duzentas leguas, chegaram ao logar onde estavam os indios que buscava; e Gaspar Cardoso, por meio de um mulato que lhe servia de interprete, era quem punha e dispunha em tudo, quem recebia os indios em nome de el-rei, quem lhes mandava embaixadas, e os seduzia, malquistando-os com os padres, e empregando ameaças, promessas e bebidas; de tudo o que—eram os mesmos padres mudos espectadores, sem lhe poderem ir á mão. Em vão por tres vezes lhe requereram que se não intromettesse no que lhe não tocava, e era só proprio da profissão religiosa, allegando-lhe e lendo-lhe diante dos soldados da escolta as ordens de el-rei e do governador; elle

sempre respondia com insolencia de quem estava seguro de si, que as de el-rei não podia executar, e as do capitão-mór, não queria!

Por este modo, e mediante as seducções já indicadas, conseguiu Gaspar Cardoso arrancar de suas terras metade dos indios que ali havia, e que ao todo seriam mil, e com elles desceu rio abaixo, repartindo alguns pelos soldados, levando outros para sua casa, e a maior parte para uma aldêa chamada de Morajuba, sem embargo de não haver ali mantimentos alguns dispostos para seu sustento, e pela unica rasão de ficar ella mui proxima aos principaes tabacos do capitão-mór.

Antonio Vieira concluiu a sua exposição, requerendo medidas promptas e energicas, que libertassem a prégação da fé, e a desforçassem das violencias inauditas que padecia, pois tendo-a Deus feito tão absoluta, e tão isenta, não era bem que até a mesma salvação dos indios fosse neste estado captiva como elles. Essas medidas, tantas vezes, e tão profusamente indicadas pelo illustre missionario, se resumiam comtudo em uma só—immensa, é verdade, e capital—as missões absolutamente independentes da jurisdicção temporal dos governadores, e de outros quaesquer officiaes da republica.

Por este specimen já poderá ir o leitor ajuisando do modo por que se faziam as entradas e descimentos, de que brevemente lhe daremos mais larga notícia, não menos que da habilidade e vigor com que os pa-

dres tendiam para a conquista do poder e jurisdicção temporal, reclamada com tanta tenacidade, como unico meio de assegurar a conversão dos barbaros, e evitar a perdição das suas almas.

No meio destas lutas, foi Antonio Vieira consultado por el-rei sobre a conveniencia de haver no estado ou dous capitães-móres, ou um só governador. Cada qual imaginará o ardor com que elle aproveitaria a opportunidade para desabafar o seu máu humor contra os dous que tanto o haviam contrariado. Assim, em outra carta escripta na mesma data (4 de abril de 1654, é a 10ª do tom. 1º) exprimiu-se o padre nos seguintes termos: «Eu, senhor, rasões politicas «nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por «obedecer, direi toscamente o que me parece. Digo «que menos mal será um ladrão que dous; e que mais «difficultosos serão de achar dous homens de bem, que «um. Sendo propostos a Catão dous cidadãos roma- «nos para o provimento de duas praças, respondeu que «ambos lhe descontentavam, um porque nada tinha, «outro porque nada lhe bastava. Taes são os dous «capitães-móres, em que se repartiu este govêrno. Bal- «thasar de Sousa não tem nada, Ignacio do Rego não «lhe basta nada; e eu não sei qual é maior tentação, se «a necessidade, se a cobiça. Tudo quanto ha na capi- «tanía do Pará, tirando as terras, não val dez mil cru-

«zados, como é notorio, e desta terra hade tirar Igna-«cio do Rego mais de cem mil cruzados em tres annos, «segundo se lhe vão logrando bem as industrias. Tudo «isto hade sahir do sangue e do suor dos tristes in-«dios, aos quaes tracta como tão escravos seus, que «nenhum tem liberdade para poder servir a elle, nem «para poder servir a outrem, o que além da injustiça «que se faz aos indios, é occasião de padecerem muitas «necessidades os portuguezes, e de perecerem os po-«bres.»

Aqui faz o auctor uma digressão sobre a grande miseria em que vivem muitos dos portuguezes que emigravam para estas partes na esperança de melhorarem de fortuna, e a quem faltavam com os indios na repartição, por lhes faltarem tambem a elles meios com que galardoar os distribuidores—grande desamparo a que S. M. devia de acudir com promptas providencias. Mas tornando logo ao assumpto principal, mostra—que nenhum destes indios vae ao trabalho, que era excessivo, senão violentado e por fôrça; que nelle morriam muitos todos os annos, por ser venenosissimo o vapor do tabaco; que o rigor com que eram tractados, era mais que de escravos; os nomes que lhes chamavam e elles muito sentiam, feissimos; o comer, quasi nenhum; a paga, tão limitada, que não satisfazia a menor parte do tempo, nem do trabalho; e como os tabacos se lavravam sempre em terras fortes e novas, muito distantes das aldêas, andavam os indios sempre ausentes de suas mulheres, e

ordinariamente elles e ellas em máu estado, e os filhos em desamparo, pois não tinham os paes tempo nenhum para fazer as suas rossas, com o que a fome e a miseria reinavam sempre nas aldêas. E por derradeiro, estes indios assim ausentes e divididos, mal podiam ser doutrinados; e vivendo sem o conhecimento da fé, sem haver quem tivesse cuidado de seus corpos nem de suas almas, morriam miseravelmente, e iam ao inferno; concorrendo estas crueldades para a fuga dos já convertidos, não menos que para trazer esquivos e remontados os do sertão.

«Assim que, Senhor, (conclue o padre, dando parecer sobre a melhor maneira de governar o estado, e de atalhar todos os males enumerados,) conscien-«cia e mais consciencia é o principal e unico talento, «que se hade buscar, nos que vierem a governar este «estado. Se houvesse dous homens de consciencia, e «outros que lhes succedessem, não haveria incon-«venientes em estar o govêrno dividido. Mas se não «houver mais que um, venha um que governe tudo, «e se não houver nenhum, como até agora parece «que não houve, não venha nenhum, que melhor se «governará o estado sem elle, que com elle. Se para «a justiça houver um letrado recto, para o politico «basta a camara, e para a guerra um sargento-mór, «e esse dos da terra, e não de Elvas nem de Flan-«dres. Aqui ha homens de boa qualidade, que podem «governar com mais notícia, e tambem com mais «temor; e ainda que tractem do seu interesse, sem-

«pre será com muito maior moderação, e tudo que «grangearem, ficará na terra, com que ella se irá «augmentando; e se desfructarem a herdade, será «como donos, e não como rendeiros, que é o que «fazem os que vêm de Portugal. *Mas uma vez que os «indios estejam independentes dos governadores, arran-«cada esta raiz, que é o peccado capital e original deste «estado, cessarão tambem todos os outros que delle «se seguem, e Deus terá mais motivo de nos fazer mercê.*»

No fim da carta, parece que cahiu em si o padre, e conheceu que não era muito proprio do seu character, escrever por semelhante theor, e com tal desabrimento, contra o proximo; e dahi, para desculpar-se, aggravou o mal, espraiando-se em novas recriminações contra os que governavam, e queixando-se particularmente da perturbação que causavam á sua alma, obrigando-o a andar com pleitos, requerimentos, e informações, e *ainda descer ao particular de escrever vidas e procedimentos alheios, de que só Deus é verdadeiro juiz, o que elle entretanto não fazia sem grande pena, e ainda escrupulo*, posto que quanto dizia era sem paixão nem ódio algum contra as pessoas, que lhe era forçoso nomear por seus nomes, para poder informar a S. M. fiel e cumpridamente, como lhe fôra determinado.

O seu plano de govêrno, de resto, não brilhava muito pelo engenhoso e profundo da concepção; e nós veremos que o jesuita esqueceu-se inteiramente das

suas cautelas contra os governadores logo que os teve de sua feição, a quem, em vez de baldões e vituperios, barateou depois por tantas vezes os mais estrondosos elogios. O que porém nunca mudava nelle era o proposito firme e tenaz de subtrahir os indios á jurisdicção do govêrno politico, para submette-los exclusivamente ao da companhia, tanto no espiritual como no temporal.

O juiso que nesta carta fórma o padre dos dous capitães-móres, e dos governadores em geral, sobre curioso e picante, tem além disso a grande vantagem de ministrar-nos elementos de comparação para podermos melhor apreciar os de Berredo, sempre tão liberal nos louvores que dispensa aos seus antecessores, quasi todos, (se lhe dermos credito) homens de grande inteireza e virtude, e de não somenos capacidade e talento.

Do seu proposito de monopolisar o govêrno dos indios deu Antonio Vieira outra prova ainda mais válida e completa, em nova carta escripta a el-rei, dous dias depois das duas anteriores. (6 de abril de 1654, é a 12.ª do tom. 1.º) na qual ministrando novas informações sobre esta materia, em cumprimento de ordens régias especiaes, propõe uma reforma e mudança radical no mesmo govêrno, em um plano dividido em dezenove capitulos, cujas disposições foram depois quasi litteralmente copiadas e promulgadas como lei na provisão de 9 de abril de 1655, e no re-

gimento dos governadores de 14 do mesmo mez e anno.[1]

Depois de desculpar-se com a difficuldade da materia, sendo que no estado havia bem poucas pessoas com quem consulta-la, porque quasi todos eram suspeitos, como interessados nos indios, e viviam das mesmas injustiças que el-rei procurava remediar, propõe o padre em substancia o que se segue:

Que os governadores e capitães-móres não tenham jurisdicção alguma sobre os indios naturaes da terra, quer christãos, quer gentios, nem para os mandar ou repartir, nem para alguma outra cousa, salvo em caso de guerra, em que os poderiam convocar, e elles deviam acudir ao serviço. Para o serviço particular dos mesmos governadores se nomeará um número sufficiente de indios, attendendo á quantidade que houver para distribuir, e á qualidade e auctoridade do cargo.

Que os indios tenham um procurador, eleito annualmente pelo povo, o qual seja independente dos governadores e capitães-móres, em tudo que respeitar aos mesmos indios.

Que estes sejam totalmente sujeitos aos religiosos, e por elles governados, pois de todos os meios tentados, tem mostrado a experiencia ser este só o efficaz para os conservar nas suas aldêas.

[1] Veja-se de pag. 294 até 300 do 2.º volume da 1.ª edição do *Jornal de Timon*, ou de pag 294 a pag. 300 do 2.º volume destas *Obras*.

Faça-se no princípio de cada anno repartição dos indios, com attenção ao número delles, e dos moradores, e preferindo-se, d'entre estes os mais pobres.—A repartição será feita pelo prelado da ordem que administrar os indios, de accordo com o procurador destes, *sem que por nenhum caso se possam nella intrometter nem governador, nem camara, nem outra alguma auctoridade.* Nas dúvidas que se moverem entre indios e moradores, recorrerão uns e outros ao dito prelado e procurador, e estarão pelo que elles decidirem, *sem appellação nem aggravo, nem fórma de juiso.*

Que as entradas ao sertão sejam dirigidas por pessoas ecclesiasticas, da mesma religião que administrar os indios.

Que para haver maior uniformidade na sujeição e doutrina, e se evitarem bandos entre os indios, que são naturalmente varios e amigos de novidades, posto que no estado haja diversas religiões, o cargo dos indios se encommende todavia a uma só—*áquella que S. M. julgár que o desempenhará com maior inteireza, desinteresse e zêlo, assim do serviço de Deus, e salvação das almas, como do bem público.*

Que nas entradas que se fizerem ao sertão, possam resgatar-se os indios de corda que acaso se acharem, ou outros quaesquer que se possam julgar licitamente captivos, e para esse fim irão sempre nestas jornadas alguns religiosos, bons linguas e bons theologos, que com o cabo julguem os casos de captiveiro justo e lícito.

Que feitos os resgates, a repartição dos escravos se faça *pró rata* entre todos os moradores, preferindo-se os mais nobres, e conforme o número de indios resgatados; os repartidores serão o mesmo procurador geral, e o prelado da religião, a quem estiver incumbida a repartição dos indios fôrros.

Que haja uma companhia de soldados brancos para escoltar os religiosos e mais pessoas do seu sequito que forem ás jornadas do sertão, a qual se chame— companhia da propagação da fé—, cujo cabo e soldados serão escolhidos d'entre os sujeitos de maior christandade das companhias então existentes; sobre os quaes nenhum mando tenham os governadores e capitães-móres, salvo em tempo de guerra, porquanto, em tudo mais, estarão directamente sujeitos, e á inteira disposição do prelado maior da religião que tiver as missões a seu cargo, o qual tambem será missionario geral de todo o estado. O capitão, os cabos seus immediatos, e os soldados seguirão as determinações do missionario geral em tudo o que respeitar ás missões; só terão jurisdicção na disposição das cousas da guerra, se a houver lícita e defensiva; e por nenhum caso se intrometterão a practicar e estabelecer relações directas com os indios, sob pena de caso maior.

Que para evitar aos religiosos que tiverem o cargo dos indios, toda e qualquer occasião de os occupar em interesses particulares seus, fica-lhes prohibido ter fazendas ou lavouras de tabacos, canaviaes ou en-

genhos, nos quaes trabalhem indios fôrros ou escravos. E os que houverem mister para o serviço dos seus conventos, se lhes repartirão, a elles, e ás mais religiões, da mesma fórma que fica estabelecido para os moradores, e segundo as suas necessidades.

Diversas providencias emfim sobre resgate, descimentos, trabalho, salario dos indios e administração de suas aldêas.

Vimos já a singular modestia com que em um dos artigos deste projecto o nosso padre se absteve de nomear a ordem a quem devia incumbir o cargo das missões, bem que a indicasse com aquella delicadeza que a sua posição especial exigia. Mas não se contentou com isso o seu zêlo, e ao terminar a carta, voltou de novo a esse ponto capital, que tractou, não diremos com summa hypocrisia, mas com aquella habilidade consummada que sempre distinguiu os grandes mestres da ordem, e a que o mundo tem dado o nome de *jesuitismo*.

«Só parece (escrevia elle) que faltava dizer aqui «que religiosos, ou que religião hade ser a que tenha «a seu cargo os indios na fórma sobredita; mas neste «particular não tenho eu, nem posso ter voto, porque «sou padre da companhia. Só digo que é necessario «que seja uma religião de mui qualificada e segura vir«tude, de grande desinteresse, de grande zêlo da sal«vação das almas, e lettras mui bem fundadas, com «que saiba o que obra, e o que ensina; porque os «casos que cá occorrem são grandes, e muitos delles

«novos, e não tractados nos livros. Emfim, Senhor, a «religião seja aquella que V. M. julgar por mais idonea «para tão importante empreza, e seja qualquerque fôr.»

Para o diante hade o leitor ver como o P. Antonio Vieira tractava as outras ordens; e então as suas palavras presentes se tornarão mais claras e significativas. Mas em tudo isto, o que se mostrava mais que muito evidente, era o crescimento progressivo das pretenções ambiciosas da companhia e de seu illustre representante. Já elle se não contentava de exercer sobre os indios, isto é, sobre a parte mais consideravel da população do estado naquelle tempo, uma jurisdicção independente dos governadores; já propunha tambem a exclusão das outras ordens, e por fim a creação de um pequeno exercito, de que o superior das missões seria o verdadeiro general: e as cousas iriam assim gradualmente até estabelecer-se no Maranhão uma republica igual a que depois viu o Paraguay, se aqui, como lá, os padres tivessem sómente de haver-se com broncos selvagens, e não com moradores tão ousados e turbulentos, como impacientes dos obstaculos que se lhes oppunham; e com governadores e senados que não podiam de boa sombra contemplar o seu poder usurpado por simples religiosos, que haviam feito voto solemne de humildade, pobreza e abstenção completa dos negocios mundanos.

Contra a opposição de uns e outros reagia entre-

tanto o P. Antonio Vieira, e desabafava o seu máu humor, não só nas cartas a el-rei, e pelo modo que já havemos visto; senão nos mesmos pulpitos, como agora veremos. Na quinta dominga da quaresma do anno de 1654, prégou elle na igreja maior de S.Luiz; e tomando do evangelho um texto apropriado ao seu intento, recitou, sobre a verdade e a mentira, um longo discurso que era antes uma verdadeira satyra mordaz e pungente contra os nossos antepassados, seus ardentes antagonistas. «Temos juntamente hoje no evan«gelho (disse elle ao começar) duas cousas, que nunca «podem andar juntas:—a verdade, e a mentira.— «E porque não podem andar juntas, por isso as temos «divididas: a verdade no prégador, a mentira nos ou«vintes: o prégador muito verdadeiro, o auditorio «muito mentiroso. Uma e outra cousa disse Christo «aos escribas e fariseos com quem fallava.»

Este exordio podia muito bem assentar na verdade das cousas; mas era certamente improprio para captar a benevolencia do auditorio, e devia aggravar cada vez mais a irritação que reinava nos animos, e que um verdadeiro missionario, bom e prudente, procuraria ao contrário acalmar por todos os meios brandos a seu alcance. O padre continuou, e disse que levára considerando comsigo mesmo que verdades diria ao povo naquella occasião; mas que segundo as noticias que alcançára da terra, só uma tinha que dizer-lhe, e era que—no Maranhão não havia verdade. Que na antiguidade, segundo o conceito dos seus sa-

bios, em cada região influia e reinava uma divindade diversa; que da mesma fórma, no seu tempo, se o imperio da mentira não fôra tão universal no mundo, podera-se rasoadamente suspeitar que nesta ilha tinha a sua côrte. Aqui contou uma fábula que disse ser invenção dos allemães; e vinha a ser—que cahindo um bello dia o diabo do ceo, se fizera no ar em pedaços, e estes foram cahindo tambem cada um em uma terra diversa, onde ficaram reinando os vicios correspondentes ao membro que lhes coube. Na Allemanha, por exemplo, cahiu o ventre; e dahi resultou serem os allemães dados á gula, á meza, e á taça. Na França cahiram os pés, e por isso são os francezes inquietos, andejos e dançarinos. Os braços com as mãos e unhas crescidas cahiram, um em Hollanda, outro em Argel, e dahi lhes veio serem corsarios. A cabeça cahiu na Hespanha, pelo que eram os hespanhóes fumosos, altivos e arrogantes. Da cabeça coube a lingua a Portugal; e os vicios da lingua eram tantos, que já delles se fizera um grande e copioso abcedario. O que supposto, se as lettras deste abcedario se houvessem de repartir pelas várias provincias de Portugal, não ha dúvida que o M pertenceria de direito á nossa, porque, M Maranhão, M murmurar, M motejar, M maldizer, M malsinar, M mexiricar, e sobretudo M mentir; mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos. Que de todos e por todos os modos se mentia. Que novellas e novellos eram as duas moedas correntes da terra, só

com esta differença, que as novellas armavam-se sobre nada, e os novellos armavam-se sobre muito, para que tudo fosse moeda falsa. Que no Maranhão até o sol era mentiroso, porque amanhecendo muito claro, e promettendo um formoso dia, de repente e dentro em uma hora se toldava o ceo de nuvens, e começava a chover como no mais entranhado inverno. E dahi, já não era para admirar que mentissem os habitantes como o ceo que sobre elles influia.

Das influencias do clima tirou então o prégador novas consequencias, e achou que a mentira vinha da ociosidade. «Onde o clima influe ocio, (disse) dá-se a «mentira a perder. Nasce, cresce, espiga, e de um não «sei que, tamanho de um grão de trigo, podeis colher «mentiras aos alqueires. Estes são os dois vicios do «Maranhão, estas as duas influencias deste clima; ocio «e mentira. O ocio é a primeira influencia, a mentira «a segunda:—causa, e effeito.—Não ha terra no mundo «que mais incline ao ocio ou á preguiça, como vós «dizeis; e ella é a semente de que nasce tão má «herva.»

Para o fim do discurso, fingiu o orador que queria dar satisfação ao auditorio; mas o que em verdade fez, foi requintar na zombaria. « Tenho acabado «de provar a materia que propuz, disse elle; mas pa«rece-me que estaes dizendo que tenho dito muitas «affrontas á vossa terra. Porém eu digo que antes a «tenho desaffrontado. E senão, pergunto, qual vos está «melhor, que seja verdade o que se diz, ou que sejam

«mentiras? Se fôra verdade o que se diz, era grande «affronta vossa; mas como tenho mostrado que tudo «são mentiras, ficaes todos muito honrados. Hoje vos «restitui a vossa honra, porque provei mentem todos «os que dizem mal de vós; e fi-lo por amor dos foras-«teiros que me ouvem, e que não são praticos nos cos-«tumes da terra.»

«É verdade que os mesmos forasteiros podem fa-«zer um terrivel argumento contra ella. Chegam a «este porto, põem os pés em terra, e ouvindo dizer «mal de todos e de tudo, fazem este discurso:—Ou «estes homens mentem, ou fallam vèrdade; se fallam «verdade, esta é a peior terra de todo o mundo, pois «nella se commettem tantas maldades; e se mentem, «tambem a terra é muito má, pois os homens têm «tão pouca consciencia, que levantam tantos falsos «testemunhos. Este argumento parece que não tem «facil solução, mas eu a dou, e respondo a uma e «outra parte delle. Quanto á primeira, digo, que as «maldades que se dizem são falsas, e que como fal-«sas, não se devem crer. São falsas?(insta a outra parte) «logo, onde os homens levantam tantos falsos teste-«munhos, não póde ser senão a peior terra do mundo. «Eis-ahi o engano em que estão os que não têm prá-«tica interior da terra. No Maranhão é certo que ha «muitas mentiras, porém mentirosos, isso não: muito «falso testemunho, sim; mas quem os levante, por ne-«nhum caso. Pois como póde isto ser? Eu vo-lo direi. «Nas outras terras os homens levantam falsos teste-

«munhos; nesta, os falsos testemunhos levantam-se a «si mesmos. Se vos parece difficultosa a proposição, «vamos á prova. Confessa-se um homem, e chegan- «do ao quinto mandamento, diz—Padre, accuso-me «que desejei a morte a um homem, e o busquei para «o matar, e propuz de lhe fazer todo o mal que pu- «desse.—E porque? Porque me tirou a minha honra «com um falso testemunho, de que eu estava tão «innocente, como S. Francisco —Irmão, perdoae-lhe, «para que Deus vos perdoe.—Passamos adiante, e che- «gamos ao oitavo mandamento;—Levantastes algum «falso testemunho?—Não, padre, peccado é de que «nunca me accusei, seja Deus louvado.—Vem uma «mulher, chega ao quinto.—Digo a Deus minha cul- «pa, que eu ha tantos mezes que tenho odio á uma «mulher, e roguei-lhe muitas pragas, que a falla e a «confissão lhe faltasse na hora da morte, e que nem «nesta vida nem na outra lhe perdoava; e que «seus filhos, visse ella mortos diante de si a estoca- «das frias.—Porque?—Porque me levantou um aleive «a mim, e a uma filha minha; com que nos infamou «em toda esta terra, e não me resolvo a lhe perdoar. «—Ora, senhora, estamos em quaresma, alguma cou- «sa havemos de fazer por amor de um Deus, que pa- «deceu tantas affrontas, e se poz em uma cruz, por «amor de nós.—Emfim, compungiu-se, prometteu de «perdoar. Chega o confessor ao oitavo mandamento.— «E vossa mercê levantou algum falso testemunho?— «Senhor padre, melhor estrêa me dê Deus; muito

«grande peccadora sou, mas nunca elle permitta que «eu diga das pessoas o que nellas não ha. se ouço «alguma cousa, ajudo tambem; mas levantar falso teste- «munho, nunca em minha vida o fiz. —

«Isto que aqui vos puz em dous, acontece infinitas «vezes; de maneira que no quinto, todos se queixam «de que lhes levantam falsos testemunhos; e no oita- «vo, ninguem se accusa de os levantar. Logo bem «dizia eu que nesta terra os falsos testemunhos se le- «vantam a si mesmos. Em summa, que temos aqui os «peccados, mas não os peccadores; temos os falsos «testemunhos, mas não as testemunhas falsas. Isto é «o que só posso cuidar. Mas se acaso é o contrário, «miseraveis daquelles que assim vivem!»

Com estas frequentes transcripções, não o desconhecemos, tornamos lenta e pesada a marcha da narração, e empecemos talvez ao movimento e vivacidade que cumpria dar-lhe; mas se as preterissemos, sería isso parte para que por um lado continuasse a ficar menos perfeitamente conhecido esse insigne Antonio Vieira, que como escriptor e orador tanto deve viver hoje pelos seus escriptos, como outr'ora viveu pelas suas palavras e façanhas:—e por outro, continuassem a jazer occultas e ignoradas na poeira de algumas raras bibliothecas essas famosas passagens, tão picantes e tão cheias de originalidade, que servem não menos a characterisar o auctor que a epocha em que floreceu; e que talvez não exagerem quando arguem nos nossos maiores os vicios da mentira e da

maledicencia, ainda hoje, segundo o conceito de alguns, tão dominantes entre os seus dignos descendentes.

— —

Mas em vão lidava Antonio Vieira, clamando dos pulpitos, e escrevendo do gabinete, contra os vicios e as tyrannias dos governadores e colonos, aliás poderosamente ajudados pelo clero secular, e pelas outras ordens, ciosas da preponderancia da sua, e estimuladas talvez dos seus dictos pungentes e mordazes; a torrente contrária o assoberbava, e o mallogro da última expedição ao Tocantins poz bem patentes todas as desvantagens da luta em que elle se via empenhado. No meio daquellas difficuldades os padres que acaso se achavam no Pará pozeram em conselho envia-lo a Lisbôa a requerer providencias, e assim o chegaram a resolver. Até parece que do Pará partiu o superior para o Maranhão resoluto nesse intento; mas é certo que depois abriu mão delle, ou sobresteve pelo menos em sua execução, considerando, como elle mesmo disse, *que nem por poucos dias se podia deixar, sem grande risco, aquelle pobre rebanho tão desamparado, e tão perseguido.*

Destas hesitações porém veio tira-lo a chegada de Manoel Guedes Aranha e dos outros procuradores do estado, que em fins de maio de 1654 voltaram de Lisbôa com a provisão de 17 de outubro de 1653, (vide pag. 291

a 294 do 2º vol.) pela qual eram consideravelmente modificadas as disposições favoraveis á liberdade dos indios, cuja execução havia excitado os tumultos de 1652. Desapontado em suas esperanças, e ferido no seu orgulho, o P. Antonio Vieira tomou subitamente a resolução de partir; mas antes de pô-la por obra prégou o seu famoso sermão aos peixes, em dia de Sancto Antonio, e a proposito da festa que se celebrava no respectivo convento.

Conceituam os escriptores da sua vida que dirigindo-se elle aos homens, debaixo da allegoria dos peixes, aproveitára a occasião para desabafar o seu zêlo, ou antes os seus resentimentos contra os moradores do Maranhão. Isto é verdade até certo ponto; porque comquanto em uma grande parte do sermão não vejamos mais do que considerações geraes sobre os vicios e paixões humanas, tão applicaveis ao Maranhão, como a outro qualquer povo, não soffre dúvida que em alguns logares e passagens tomou-se o orador directamente com o seu auditorio. Tractou elle, por exemplo, de uns peixes chamados *pegadores* que se grudavam ao costado do tubarão, para dali se aproveitarem dos sobejos das presas que fazia o monstro, e medrarem á sombra da sua grandeza, até que, prêso ao anzol e morto o tubarão, morriam com elle todos os pegadores. Por igual theor iam as cousas entre os homens, pois não partia do reino viso-rei ou governador para as conquistas, que não viesse rodeado de outros taes pegadores, os quaes se arrimavam a elles

para que cá lhes matassem a fome, de que lá não tinham remedio. Os desenganados da experiencia, despegavam-se, e buscavam a vida por outra via; mas os que se deixavam estar pegados á mercê e fortuna dos grandes, succedia-lhes por fim o mesmo que aos pegadores do mar. Instituida assim a comparação, voltava-se o orador para a turba, e encarando naturalmente os parciaes dos poderosos da terra, seus adversarios, exclamava n'um tom de ameaça e de exprobração ao mesmo tempo:—*Eis aqui, peixinhos ignorantes e miseraveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolhestes.*

Acabamos de fallar nos adversarios do P. Antonio Vieira. Haveria sem dúvida entre elles alguns soltos de lingua, grandes blasonadores, que o não poupassem aos seus irmãos da companhia, e mais sendo na terra tão commum o vicio de murmurar e maldizer, como ainda ha pouco acabamos de vêr. Destes não se esqueceu tambem o orador no seu sermão, onde referiu que no mesmo dia em que chegou á nossa costa, ouvindo os chamados *roncadores*, e vendo seu tamanho, tanto o moveram a riso como á ira, pois que em verdade como era possivel que uns peixinhos tão pequenos fossem as roncas do mar, quando com uma linha de cozer, e um alfinete torcido os podia pescar qualquer aleijado? Deus não amava os roncadores, e tinha particular cuidado de abater, e humilhar aos que muito roncam. A verdadeira fôrça era sobria e modesta; o muito fallar, blasonar e roncar denotava

fraqueza. Pois a quem não lembrava o exemplo de S. Pedro, e o de Golias, tão jactanciosos e arrogantes? O primeiro negou a seu mestre tres vezes, quando pouco havia que afiançára e roncára dar por elle a propria vida; o segundo, com ser gigante, acabou miseravelmente ás mãos de um pastorzinho. *Assim que, amigos roncadores*, (concluia o orador com não equivoca intenção) *o melhor conselho é calar*.

Talvez fossem outras tantas odiosas allusões pessoaes, aquelle voador infatuado das suas largas barbatanas, que, tentando o ar, cahia palpitando no convez; e o irmão polvo, ornado de capello como monge, com seus ares de brandura e humildade, mas em verdade hypocrita refalsado e traidor, que tomava todas as côres para enganar as suas víctimas, e no abraço com que as cingia, lhes levava a morte.—«E que assim se «crie (bradava porfim), se conserve, e se exercite com «tanto damno do bem público um monstro tão dissi«mulado, tão fingido, tão astuto, e tão conhecida«mente traidor!»

Aos oradores sagrados é sem dúvida permittido usar de grande liberdade na censura e reprehensão dos vicios, com tal que fallem desinteressados, pelo só zêlo da virtude, sem mescla alguma de paixões ou pessoaes ou de facções a que andem ligados. De outra sorte, abusarão indignamente da sanctidade do logar

para vindicar as proprias injúrias, verdadeiras ou supostas, e bem fóra de colherem proveito algum solido para a religião ou para si, desarmará em vão toda a sua eloquencia, se não é que ainda lhe suscitará embaraços e desgostos de todo o genero, como neste mesmo P. Antonio Vieira ainda havemos de ver com brevidade. Mas não antecipemos os acontecimentos, e sigamos primeiramente o illustre missionario na viagem que emprehendeu furtivamente para Lisbôa no dia 16 de junho de 1654.

III

Antonio Vieira volve ao Maranhão com poderes extraordinarios.—Diversos meios de civilisar os indios.—Pazes e allianças.—Entradas e tropas de resgates.—Conversões.—Descimentos.—Repartições.—Missões á ilha dos Nheengahibas, e á serra de Ybiapaba.—Descripções pittorescas.—Character e costumes dos selvagens.—Tribunal para julgar os captiveiros licitos e illicitos.—Fórma prática dos julgamentos.—Como procediam os jesuitas aos exames dos captiveiros.—Expedições bellicosas do P. Antonio Vieira.—Reduz muitos indios á escravidão.—Mostra-se fautor della.—Plano que fórma para o tráfico de africanos, e nova fórma de governo dos indios.—Suas occupações particulares.—Correspondencia para a Europa.—Corrige as suas obras.—Sermão do Spirito Sancto.—Os escravos e os senhores no dia de juizo.—Signaes da proxima tormenta.—Famosa correspondencia com a camara de Belem.—Sublevação do povo no Maranhão e no Pará.—Prisão de Antonio Vieira, e dos mais jesuitas.—São remettidos para Lisboa em numero de trinta e dous.—Sermão da epphania, prégado em Lisboa a 6 de janeiro de 1662.—Effeito prodigioso.—E não obstante supplantado Antonio Vieira na luta com os colonos.

Não passou livre de trabalhos esta nova viagem do infatigavel e aventuroso jesuita; igualmente perseguidos de tempestades e de piratas, estiveram elle e os companheiros quasi perdidos em um temporal, e foram depois tomados por um corsario hollandez que os despojou, e os lançou quasi nús nas praias da ilha Graciosa, uma das Terceiras. Bem que participante da miseria commum, Antonio Vieira valeu aqui aos

companheiros, empenhando o seu credito. Passou depois á Terceira, e dahi á S. Miguel, onde prégou e fez procissões, procurando mostrar em todas as occasiões que nenhuns contratempos eram assaz poderosos para o desviarem do cumprimento dos seus nunca esquecidos deveres religiosos.

No primeiro navio que se lhe offereceu partiu para Lisbôa, onde chegou em novembro. Aqui novos embaraços lhe sahiram por diante; estava el-rei fóra da capital, perigosamente enfermo em Salvaterra, e aquella alma impaciente soffreu màis esta vez todos os tormentos da delonga.

Avistou-se a final com elle; e podemos imaginar como faria valer de viva voz perante o rei todas as rasões e argumentos que antes e depois desta occasião empregou nas suas cartas e memoriaes a favor das missões. Quanto ao resultado dos seus esforços, vimos já (pag. 294 a 300 do 2.º vol.) como conseguiu fazer reunir uma junta dos principaes theologos e lettrados do reino, e converter em lei as suas deliberações, em que teve decidida influencia, sem embargo da viva opposição que fizeram os novos procuradores do Maranhão, e os seus patronos na côrte.

Com essa lei (provisão de 9 de abril de 1655) e com o novo regimento dado então aos governadores do estado, conseguiu Antonio Vieira para a companhia de Jesus o exclusivo das missões de que elle proprio foi declarado chefe ou superior com um poder quasi illimitado, pois lhe ficou competindo marcar o tempo,

logar e número dellas, para cujas entradas se lhe daria uma guarda militar com cabo quasi da sua escolha, além de diversas outras disposições sobre a repartição, serviço e salario dos indios, com intervenção constante dos missionarios. Não obteve, é certo, como pedira, a absoluta isenção da jurisdicção civil e politica; mas a provisão e o regimento abundavam em recommendações formaes e positivas para se dar favor e ajuda aos padres; sobretudo, a nomeação do governador, que então tinha de vir para o Maranhão, acertou de cahir em André Vidal de Negreiros, sujeito inteiramente dedicado a Antonio Vieira. Só esta circumstancia valia mais que todas as ordens e recommendações legaes.

Fôra quasi escusado dizer que Antonio Vieira aproveitava o tempo que lhe sobrava destas diligencias, prégando nas diversas igrejas de Lisbôa, e especialmente na capella real, em presença d'el-rei e da côrte, sempre com igual fortuna, applauso e concorrencia. Entre os variados assumptos da oratoria christã, nunca elle esquecia o dos seus predilectos indios; e fazendo em um dos sermões allusão á sua volta já resolvida para o Maranhão, commentou e applicou a si mesmo o texto do evangelho do dia: *Fugit iterum in montem ipse solus.*

A applicação ainda era mais ajustada á circumstancia, se attendermos a que com effeito fugia Vieira desta vez a serios empenhos que procuravam rete-lo na côrte. D. João IV cada vez mais captivo da sua

pessoa e dos seus talentos, queria-o junto de si para consulta-lo nas graves complicações e perigos que o traziam sempre sollícito, e embaraçaram todo o seu reinado, empenhado em contínuas guerras com Castella; e não lhe convindo obrar ostensivamente e por si, soccorreu-se aos jesuitas a que o detivessem por deliberação propria delles—Mas desta feita queria Antonio Vieira voltar devéras, estimulado pelas contrariedades que experimentára no Maranhão, e naturalmente desejoso de vir alardear o seu poder e triumpho entre os inimigos e os invejosos que aqui deixára. Assim venceu todos os embaraços, e a 16 de abril de 1655 partiu de Lisbôa para a sua missão; podendo dizer-se, attenta a celeridade com que concluiu tudo, sem embargo de tantos e tão variados obstaculos, que accrescentou um novo verbo ás façanhas de Cesar—*Foi, viu, venceu e voltou.*

A viagem não podia ser mais próspera e feliz; ao cabo de vinte cinco dias, sempre com ventos de servir, houveram vista de terra, e deram fundo no pôrto a 16 de maio, justamente um mez depois de haverem largado de Lisbôa.

A primeira cousa que se lhes offereceu á vista, á Vieira e aos dous missionarios seus companheiros, antes de pôrem pé em terra, foi dous pequenos caboclos, que estavam pescando no meio do rio, servindo-lhes de barco uma casca de páu, de amarra uma corda grossa, e de fateixa uma pedra. Os meninos estavam nus, diz Vieira, e com uma innocencia con-

tente, como se conheceram a riqueza de seu estado; e fez tanto abalo este espectaculo nos missionarios reinóes, que não poderam ter as lagrimas, vendo a causa que os cá trazia.

Se desta vez não houve tormentas no mar, Vieira as achou armadas em terra, segundo o antigo costume della; sendo necessaria toda a auctoridade do novo governador André Vidal, junta com algum rigor, para que seculares e ecclesiasticos desistissem de alguns movimentos populares, com que queriam inquietar a paz, mal satisfeitos ainda da justiça e largueza com que a nova lei provia a todos os interesses, e lhes concedia todo o possivel favor. É isto pelo menos o que assevera Antonio Vieira, em carta de 14 de dezembro de 1655, escripta já de Belem ao secretario de estado Pedro Vieira da Silva, a quem se confessa obrigado pela grande protecção que déra ultimamente na côrte ás suas pretenções. Na mesma occasião elogia elle o governador André Vidal, que parecia ter sido então enviado por disposição particular da Providencia, para se acabar por uma vez obra tamanha e tanto do serviço de Deus, sendo certo que no Maranhão havia um só entendimento, uma só vontade e um só poder, e era de quem governava. Não obstante porém a boa vontade do governador, conclue o jesuita rogando a Pedro Vieira que se empenhe com elle para que amparasse devéras as missões.

Dissipada a tormenta, e armado Vieira com as leis e recommendações que trouxera, não menos que com

a efficaz protecção do governador, começou a desenvolver a sua natural actividade, e a dar largas ao seu zêlo infatigavel, applicando-se a desempenhar as innumeraveis obrigações do seu cargo. Segui-lo-hemos passo a passo nesta afanosa carreira, se bem não respeitaremos sempre a chronologia, para melhor servir á ordem e á clareza. Primeiro que tudo tomou elle posse das aldêas dos indios, na qualidade de superior das missões, dividindo por ellas os vinte missionarios que então havia no estado, a dous e dous, na fórma seguinte: dous ficaram em S. Luiz, dous nas aldêas da ilha, que eram seis; dous nas da terra firme desta capitanía, que eram tres, em distancia de vinte cinco leguas; dous nas de Gurupy, que eram duas; dous em Belem; dous nas aldêas da capitanía do Pará, que eram seis, derramadas em cincoenta leguas; dous nas de Cametá, que eram sete, em quarenta leguas; dous nas da boca do Amazonas, que eram vinte e oito, em cento e cincoenta leguas; dous nas missões dos Nheengahibas e outros selvagens da ilha de Joanes, e dous finalmente nas de Camocí. Segundo a estima de André de Barros, estas missões estendiam por mais de quatrocentas leguas de costa, e comprehendiam cerca de duzentas mil almas.

A maior parte destas curiosas notícias sobre o estado das missões naquella epocha, é o proprio Vieira quem no-las ministra, em duas cartas escriptas de Belem a el-rei, em datas de 6 e 8 de dezembro de 1655; nas quaes não ficaram esquecidas as queixas que tinha dos

moradores, dos antigos capitães-móres, e dos membros das outras religiões, cujos prelados fomentavam idéas contrárias ás que el-rei mandava praticar; e a rasão era porque todos os interesses da terra estavam só no sangue e suor dos indios. «No sangue e suor «dos indios, escreve elle, andam interessados o povo, «as religiões, os donatarios das capitanias, e outros «muitos, todos unidos contra nós, que sós defendemos «a menoridade e desamparo desta pobre gente. Faça-«nos pois V. M. mercê de que possamos viver nesta «missão quieta e pacificamente sem as perturbações e «perseguições com que os portuguezes ecclesiasticos «e seculares continuamente nos molestam; sendo ne-«cessario que gastemos em nos defender destas bata-«lhas o tempo que fôra melhor empregado na con-«quista da fé, e exercicio da doutrina a que viemos.»

Entre os remedios que Vieira achava e aconselhava para obviar aos inconvenientes apontados, alguns eram bem singulares, e fundavam-se em rasões e argumentos que parece quasi incrivel have-los concebido e empregado um espirito tão livre, afouto e innovador como o deste jesuita. S. M., por exemplo, não devia admittir requerimento algum sobre as novas leis e regimentos, nem ouvir quem nestes particulares pretendesse innovar alguma cousa; porquanto as últimas resoluções se haviam tomado depois de maduras deliberações, em que tiveram parte os primeiros sabios do reino, consultadas e attendidas todas as bullas e leis anteriores, ouvidos os procuradores do estado que

as approvaram, sendo largamente favorecidos os interesses do mesmo estado. Não era de mais disso evidente, que as mesmas leis perderiam muito de sua auctoridade, se cada dia se andassem mudando? e certo, em quanto por uma vez se não fechasse a porta a todos os requerimentos em contrário, nunca os moradores do estado se quietariam, e só acabariam de desenganar-se, quando vissem o ánimo firme d'el-rei em os não querer ouvir mais em semelhantes materias.

Por outro lado nem era conveniente desalentar os missionarios, cujo zêlo poderia afrouxar, se pela perda da protecção devida, perdessem tambem a esperança de ver o fructo aos seus trabalhos; nem despersuadir os indios da fé em que ora estavam de que lhes seriam guardadas as novas leis de liberdade, e a protecção exclusiva dos padres da companhia, unicos em quem confiavam; porque se elles vissem que tantas promessas e esperanças desarmavam em vão, e que tornavam as cousas a correr pelo theor antigo, não só abalariam todos para o sertão, senão que, perdida inteiramente a opinião e auctoridade que tinham os missionarios com elles, nunca mais haviam de tornar a descer, por mais que se promulgassem novas leis, boas em apparencias e palavras, mas falsas e mentirosas na execução.

A este proposito lembra o padre que achára captivos muitos dos indios que desceram na mallograda expedição do Tocantins, do anno de 1653, e que effeituan-

do-se um novo descimento de tupinambás, promovido por elle em 1655, succedeu que entre os que tinham vindo por último, muitos encontraram em Belem seus irmãos e parentes trazidos quer em 1653, quer em epochas anteriores; e sendo todos filhos dos mesmos paes, e das mesmas mães, uns eram livres, e outros escravos, sem mais rasão da differença que serem uns trazidos pelos padres da companhia, e outros pelos officiaes das tropas.

Nas missões feitas no dito anno de 1655, quer a Gurupá, quer ao Tocantins, levaram os padres mais de cem indios libertados no mesmo anno, em virtude das leis de 1652, e dos julgamentos em que interviera Antonio Vieira, produzindo isso grande e salutar effeito entre os selvagens; e bem que estes a principio pozessem dúvida em descer-se, allegando que nas entradas anteriores tambem tinham ido religiosos, que de nenhum modo os ampararam da prepotencia dos portuguezes, comtudo logo se resolviam, quando se lhes fazia ver o differente theor por que procediam os padres da companhia. Assim, desta nação dos tupinambás, que era a gente mais nobre e mais valerosa de todas aquellas terras, desceram mais de mil almas em sessenta canôas, trezentas leguas pelo Tocantins abaixo até Belem, sendo que no caminho (diz Vieira) algumas foram para o céo, e das restantes, os innocentes foram logo baptisados, e os adultos se iam catechisando.

Nos seis annos e meio que durou esta segunda re-

sidencia, (desde maio de 1654 até fins de 1661) emprehendeu, e prefez o infatigavel missionario trabalhos prodigiosos e innumeraveis. Percorreu seiscentas leguas, [1] ora a pé, ora embarcado, desde a serra de Ybiapaba até o Tapajós, não havendo rio, bahia, costa e sertão que não devassasse; levantou dezeseis igrejas em diversas paragens; compoz formularios e catechismos em sete linguas differentes com o portuguez ao lado; [2] e pacificou, converteu e civilisou innumeravel gentilismo das nações dos Tapuyas Tabajáras, (de Ybiapaba) Nheengahibas, Cambocas, Mapuás, Mamaynases, Aroans, Anayás, Gujarás, Pixipixis, Tupinambás, Poquiguaras, Catingas, Boseas, Jurunas, Pazaís, Nondanas, Tapijós, Arnaquizes, Tricujús e outros, cujos nomes encontramos nas suas cartas, muitos dos quaes desceram em copiosa multidão para as povoações portuguezas. É verdade que os seus adversarios sustentavam que as mais dessas conversões e allianças eram apparentes, conservando o gentio todas as suas abominaveis práticas de pagãos e canibaes, e accommettendo de novo os portuguezes, sempre que para isso se lhes deparava occasião.

O merito destas accusações, não de todo infundadas, ficará mais bem averiguado no exame circumstanciado a que vamos proceder desses diversos meios

[1] Vieira ora diz quatrocentas, ora quinhentas leguas; este cómputo de seiscentas é de André de Barros.

[2] Veja-se a carta de 21 de julho de 1695, dirigida ao P.e Manoel da Luz, lente dos casos no collegio de Sancto Antão. É a 144.ª do T. 2.º

de civilisação—as conversões, quer feitas em massa, quer consideradas individualmente—as pazes e allianças—os resgates—os descimentos—as repartições—e os famosos julgamentos dos captiveiros licitos e illicitos. Nestes actos e successos, nos interesses encontrados, e nas lutas que elles geravam, consistia a vida toda inteira dos nossos maiores; a história pois que ora se escrever deve reproduzi-los escrupulosamente, com que fique tudo bem conhecido da geração presente.

Vejamos primeiramente como se fizeram as grandiosas missões dos nheengahibas de Marajó, e dos tapuyas de Ybiapaba. Estas servirão de exemplo para se poderem apreciar todas as outras que effeituaram-se por aquelles tempos. E a esse intento, transcreveremos ora em substancia, ora textualmente, o que mais importar da famosa carta que Vieira dirigíra a el-rei em 11 de fevereiro de 1660.

Na boca do Amazonas está atravessada uma ilha, maior ella só que todo o reino de Portugal, e povoada então de muitas nações de indios, que por serem de linguas differentes e difficeis, eram geralmente chamados nheengahibas. Ao princípio receberam estas nações aos portuguezes em boa amizade; mas conhecendo que o nome de paz com que vinham era disfarce que para logo se declarava em captiveiro, tomaram as armas, e começaram a fazer-lhes guerra por toda parte. Usava esta gente de canoas ligeiras e bem armadas, com que infestavam as entradas, que quasi

todas eram por agua, matando e roubando com tal estrago, que nem em suas proprias defensas estavam seguros os portuguezes. Em vão tentaram diversos governadores, e nomeadamente André Vidal de Negreiros, acabar com um visinho tão incommodo ao estado, empenhando na empreza todas as fôrças delle; pois nunca da guerra se alcançou outro resultado mais que o repetido desengano de que as nações nheengahibas eram inconquistaveis, pela ousadia, pela cautela, pela astucia e pela constancia da gente, e mais que tudo, pelo sitio inexpugnavel com que as defendeu e fortificou a mesma natureza. «É a ilha «toda (copiamos aqui as proprias palavras de Vieira) «composta d'um confuso e intrincado labyrintho de «rios e bosques espessos, aquelles com infinitas en- «tradas e sahidas, estes sem entrada nem sahida al- «guma; onde não é possivel cercar, nem achar, nem «seguir, nem ainda ver o inimigo, estando elle no «mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores, «apontando e empregando as suas frechas. E porque «esse modo de guerra volante e invisivel não tivesse «o estôrvo natural da casa, mulheres e filhos, a pri- «meira cousa que fizeram os nheengahibas quando se «resolveram á guerra, foi desfazer e como desatar as «povoações em que viviam, dividindo as casas pela «terra dentro a grandes distancias, para que em qual- «quer perigo podessem umas avisar ás outras, e nunca «serem accommettidas juntas. Desta sorte ficaram ha- «bitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte

«della, servindo-lhes porém em todas os bosques de «muro, os rios de fôsso, as casas de atalaia, cada nheen- «gahiba de sentinella, e as suas trombetas de rebate.»

Em 1658 veio por novo governador D. Pedro de Mello, com as novas da guerra com a Hollanda; e como os hollandezes do cabo do Norte sempre entretiveram relações com os nheengahibas, temeu-se com rasão que alliados uns e outros, em breve se houvessem de assenhorear de todo o estado, sem haver nelle fôrças cabaes a resistir-lhes. Nestas circumstancias assentou-se que convinha preveni-los, e resoluta a guerra por voto de todos os que o tinham na materia, só Antonio Vieira foi de opinião que em quanto a mesma guerra se ficava prevenindo com todo o segrêdo, para maior justiça della, se lhes offerecesse primeiro a paz, tomando elle á sua conta ser o seu mediador, porque todos os mais suppunham que os nheengahibas haveriam de responder com frechas aos que lhes levassem semelhante proposição, segundo sempre tinham feito por espaço de vinte annos, que tantos havia durava esta guerra.

Despachou o padre dous mensageiros com uma carta sua a todas as nações nheengahibas, afiançando-lhes que por beneficio da nova lei que elle trouxera do reino, haviam acabado para sempre os captiveiros injustos, e todos os outros aggravos que os portuguezes costumavam fazer-lhes; por onde ficava á espera delles, ou de recado seu para os ir buscar elle em pessoa. Foram os dous indios, e tardaram tanto que já da sua

demora auguravam todos muito mal, senão quando appareceram repentinamente em Belem não só os dous embaixadores, como mais sete principaes nheengahibas, acompanhados de outros muitos indios das respectivas nações, que vinham ousadamente metter-se entre as fôrças portuguezas, fiados só na palavra e papel do *Padre Grande* (que assim chamavam a Vieira), *e bem certos de que debaixo da mão dos padres, de quem se nomeavam filhos, não haveria dali por diante quem lhes fizesse mal.* Quiz Antonio Vieira partir logo com elles para suas terras, mas os barbaros responderam com não esperada cortezia que ainda nada haviam disposto para recebe-lo decorosamente, e pediram tempo para descer uma aldêa para a beira do rio, e levantar casa e igreja:—que isto feito, então sim, e lá para S. João viriam mais numerosos em busca do padre. No tempo aprazado chegaram com effeito ás aldêas do Pará trinta canoas com outros tantos principaes, acompanhados de tantos e tão formidaveis guerreiros que, por cautela, a fortaleza e a cidade se pozeram secretamente em armas.

Em 10 de agosto de 1659 partiu Antonio Vieira para o meio destas nações barbaras em doze grandes canoas, acompanhado dos principaes de todas as nações christãs, e de sómente seis portuguezes, por mostrar maior confiança. Ao quinto dia de viagem, entrando pelo rio dos Mapuás, e dez leguas antes de chegarem ao pôrto convindo, sahiram os principaes a encontrar a frota do padre, em uma canoa grande e

bem esquipada, empavezada de pennas de côres variegadas, tocando buzinas, e levantando *pocemas*, que são vozes de alegria e applauso, com que gritam todos juntos a espaços, em demonstração de festa, com que tambem se lhes respondia da parte dos christãos.

Chegados emfim á povoação, desembarcaram os padres, os portuguezes e os principaes christãos, e com os nheengahibas naturaes guiaram logo á igreja feita de palma ao uzo da terra, mas muito limpa e bem disposta, onde se cantou o *Te Deum laudamos* em acção de graças. Da igreja foram para a casa que lhes tinham preparado, toda muito bem traçada com seu corredor e cubiculos, fechada em roda, e com uma só porta, emfim com toda a clausura que costumavam guardar os missionarios entre os indios.

Convocaram-se logo as nações visinhas; e tanto que houve número bastante de principaes, depois de se lhes ter largamente praticado o novo estado das cousas, deu-se ordem ao juramento de obediencia e fidelidade; guardando-se nestas ceremonias toda a possivel solemnidade. «Ao lado direito da igreja (es-«creve Vieira) estavam os principaes das nações chris-«tãs, com os melhores vestidos que tinham, e sem «mais armas que as suas espadas. Da outra parte es-«tavam os principaes dos gentios, despidos e empen-«nados ao uso barbaro, com seus arcos e frechas na «mão. E entre uns e outros, os portuguezes. Logo «disse missa o P. Antonio Vieira, em um altar rica-«mente ornado, á qual assistiram os gentios de joe-

«lhos, sendo grandissima consolação para os circum-«stantes vê-los bater nos peitos, e adorar a hostia e «o calix, com tão vivos effeitos daquelle precioso «sangue, que sendo derramado por todos, nestes mais «que em seus avós, teve efficacia.

«Depois da missa, assim revestido dos ornamentos «sacerdotaes, fez o padre uma prática a todos, em «que lhes declarou pelos interpretes a dignidade do «logar em que estavam, e a obrigação que tinham «de responder com limpo coração, e sem engano, a «tudo o que lhes fosse perguntado, e de o guardar «inviolavelmente depois de promettido. E logo fez «perguntar a cada um dos principaes, se queriam rece-«ber a fé do verdadeiro Deus, e ser vassallos d'el-rei «de Portugal? declarando-lhes juntamente que a obri-«gação dos vassallos era—haverem de obedecer em «tudo ás ordens de S. M., e ser sujeitos ás suas leis, «e ter paz perpétua e inviolavel com todos os vassallos «do mesmo senhor, sendo amigos de todos os seus «amigos, e inimigos de todos os seus inimigos, para «que nesta fórma gosassem livre e seguramente de to-«dos os bens, commodidades, e privilegios, que pela «última lei do anno de 1655 eram concedidos por S. «M. aos indios deste estado.

«A tudo responderam todos conformemente que sim; «e logo o principal, que tinha o primeiro logar, se che-«gou ao altar onde estava o padre, e lançando o arco «e frechas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos «levantadas e mettidas entre as do padre, jurou desta

«maneira:—*Eu Fulano, principal de tal nação, em meu «nome e de todos os meus subditos e descendentes, pro-«metto a Deus, e a el-rei de Portugal, a fé de Nosso Se-«nhor Jesu-Christo, e de ser (como já sou d'hoje em di-«ante) vassallo de S. M., e de ter perpétua paz com os «portuguezes, sendo amigo de todos os seus amigos, e «inimigo de todos os seus inimigos; e me obrigo, assim «o guardar inteiramente para sempre.* Dito isto, beijou «a mão do padre, de quem recebeu a bençam, e foram «continuando os mais principaes por sua ordem na mes-«ma fórma. Acabado o juramento vieram todos pela «mesma ordem abraçar aos padres, depois aos portugue-«zes, e ultimamente aos principaes das nações christãs.

«Porfim postos todos de joelhos, disseram os pa-«dres o *Te Deum laudamus*; e sahindo da igreja para «uma praça larga, tomaram os principaes christãos os «seus arcos e frechas, que tinham deixado fóra, e para «demonstração do que dentro da igreja se tinha feito, «os portuguezes tiravam as balas dos arcabuzes, e as «lançavam ao rio, e disparavam sem bala; e logo uns e «outros principaes quebravam as frechas, e tiravam com «os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui á lettra: «*Arcum conterit, et confringet arma.* Tudo isto se fazia «ao som de trombetas, buzinas, tambores e outros ins-«trumentos, acompanhados d'um grito contínuo de in-«finitas vozes, com que toda aquella multidão declarava «sua alegria; entendendo-se este geral conceito em to-«dos, postoque eram de differentes linguas.

«Desta praça foram todos os principaes com os por-

«tuguezes á casa dos padres, e ali se fez termo juridico «e authéntico de tudo o que na igreja se tinha promet- «tido e jurado, que assignaram os mesmos principaes, «estimando muito que seus nomes houvessem de che- «gar á presença de S. M., em cujo nome se lhes pas- «saram cartas para em qualquer parte e tempo serem «reconhecidos vassallos.

«Os dias que ali se detiveram os padres, que foram «quatorze, se passaram todos, de dia em receber e ou- «vir os hospedes, e de noite em continuos bailes, as- «sim de nossas nações como das suas, que como dif- «ferentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, e na «harmonia, tinham muito que ver e que ouvir.

«Rematou-se este triumpho da fé com se arvorar no «mesmo logar o estandarte della, uma formosissima «cruz, na qual não quizeram os padres que tocasse in- «dio de menor qualidade; e assim foram cincoenta e tres «principaes os que a tomaram aos hombros, e a levan- «taram com grande festa e alegria, assim dos chris- «tãos como dos gentios.»

Vieira conclue a sua carta triumphal, dizendo que não era possivel saber com certeza o número de habitantes da ilha; mas que—os que menos sabiam, diziam serem mais de quarenta mil, sem entrar a provincia dos tricujús, que é á parte, na terra firme, defronte da ilha dos nheengahibas, e que uns e outros não faziam menos de cem mil almas.[1]

---

[1] Sobre a quantia da população indigena veja-se o que fica dito no 3.º volume destas *Obras*.

Da missão de Ybiapaba, o que achamos de mais interessante é a relação das espantosas difficuldades da viagem, e a descripção poetica da serra. Tinha-se então a viagem do Maranhão para o Ceará, senão como cousa impossivel, ao menos como difficultosissima. Eram infinitos e pouco conhecidos os baixos, enorme a fôrça dos ventos e das correntes, e sobre isso, ruins e mal dirigidos os barcos. Só pela madrugada, e com as aragens que naquellas horas matutinas sopravam de terra, se navegava um pouco; mas como eram tão escaços e breves aquelles sopros terraes, ficavam outra vez as embarcações paradas sobre o ferro, esperando pela madrugada seguinte. Succedia porém estarem dias e semanas inteiras sem surdirem ávante um só passo por faltar de todo o vento; e assim, depois de insano trabalho, viam-se obrigados os navegantes a arribar ao Maranhão donde haviam sahido. Muitas vezes gastava-se daqui até ás Preguiças não menos de cincoenta dias, e já naquella altura, exhaustos de fôrças e de todos os mais recursos, desandavam para o Maranhão, no breve espaço de pouco mais de um dia, o caminho que tanto custára a vencer. A monção mais favoravel para estas espantosas viagens era no rigor do inverno, em que os ventos sopravam menos ponteiros e furiosos.

O P. Antonio Vieira emprehendeu a sua nesta quadra, sahindo de S. Luiz a 3 de março, e levando em sua companhia dous padres, e cerca de cincoenta pessoas de comitiva, os mais delles indios; mas im-

pacientado da resistencia que lhe oppunha o mar, desembarcou ao cabo de poucos dias, e tentou o resto da jornada por terra. Deste modo é certo que ella se lhe abreviava consideravelmente, mas tambem os trabalhos e soffrimentos redobravam de intensidade. A pequena tropa, exposta ás chuvas, ao sol, e ás picadas de milhões de insectos e mosquitos venenosos, teve de atravessar quatorze rios, e os areaes immensos dos lençóes, pisando a arêa, sobre abrazada, movediça, que ora lhes fugia debaixo dos pés, ora lhes açoutava as faces, impellida por ventos tão impetuosos que era mister rompe-los, como quem rompe uma corrente. Ao cabo de vinte um dias chegou o heroico missionario ao seu destino, com o corpo quebrantado das fadigas, e os pés inchados e em chaga, pois que os trouxera descalços durante toda a viagem; e mais esta se teve por uma das mais felizes, e até como couas prodigiosa, visto o seu breve termo.

«Ybiapaba (escreve agora o P. Vieira descrevendo «a terra que buscára) que na lingua dos naturaes quer «dizer *terra talhada*, não é uma só serra como vulgar- «mente se chama, senão muitas, que se levantam ao «sertão das praias de Camuci; e mais parecidas a on- «das do mar alterado, que a montes, se vão succeden- «do e como encapellando umas a poz das outras, em «distancia de mais de quarenta leguas. São todas for- «madas de um só durissimo rochedo; em partes escal- «vado e medonho; em outras coberto de verdura e terra «lavradia, como se a natureza retratasse nestes negros

«penhascos a condição de seus habitadores; que sendo «sempre duras como de pedra, ás vezes dão esperan- «ças, e se deixam cultivar. Da altura destas serras não «se póde dizer cousa certa, mais que são altissimas, e «que se sobe ás que o permittem, com maior trabalho «da respiração, que dos mesmos pés e mãos, de que é «forçoso usar em muitas partes. Mas depois que se «chega ao alto dellas, pagam muito bem o trabalho da «subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos «paineis, que porventura pintou a naturesa em outra «parte do mundo; variando de montes, valles, roche- «dos, picos, bosques, e campinas dilatadissimas, e dos «longes do mar no extremo dos horisontes.

«Sobretudo, olhando do alto para o profundo das «serras, estão-se vendo as nuvens debaixo dos pés, «que, como é cousa tão parecida ao ceo, não só cau- «sam saudades, mas parece que estão promettendo o «mesmo que se vem buscar por estes desertos. Os dias «no povoado das serras são breves; porque as primei- «ras horas do sol, cobrem-se com as nevoas, que «são contínuas e muito espessas; as últimas, escon- «dem-se anticipadamente nas sombras da serra, que «para a parte do occaso são mais vizinhas e levanta- «das; as noites, com ser tão dentro da zona torrida, «são frigidissimas em todo o anno, e no inverno, com «tanto rigor, que igualam os grandes frios do norte, «e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado.

«As aguas são excellentes, mas muito raras; e a «esta carestia attribuem os naturaes ser toda a terra

«muito falta de caça de todo o genero; mas bastava «para esta estirilidade ser habitada, ou corrida ha «tantos annos de tantas nações de tapuyas, que sem «casa nem lavoura vivem da ponta da frecha matan- «do para se sustentar, não só tudo que tem nome «de animal, mas ratos, cobras, sapos, lagartixas, e «todas as outras immundicias da terra.»

A este paiz rude e inhospito chegou o P. Antonio Vieira quarta-feira de trevas. Tractou logo de celebrar todos os officios, e de fazer todas as representações proprias da semana sancta. Depois cuidou em organisar a sua pequena republica, promulgando um regulamento, e nomeando um superintendente indio que vigiasse na sua observancia, e ao qual intitulou *Braço-dos-Padres*, sem dúvida por ser como o depositario do poder executivo da ordem. Tomadas estas e outras mais providencias, e fazendo-se de todo o determinado assento por papel, de que a cada principal se deu cópia, seguiram-se alguns casamentos e baptisados, durando as festas doze dias e doze noites inteiras.

Então escreveu o padre emphaticamente a el-rei que os tapuyas tabajarás de Ybiapaba tambem estavam pacificados, e o Maranhão seguro ao sul e ao norte do inimigo hollandez, com a alliança destes, e dos selvagens nheengahibas. Por maneira que achando-se o estado do Maranhão até aquelle tempo como sitiado de dous poderosos inimigos, que o tinham cercado e apertado nos braços de um e outro lado, foi

Deus servido livra-lo de todo este perigo por meio de só dous missionarios da compauhia, e com despeza de duas folhas de papel; com que d'uma e d'outra parte se abriu caminho á paz e obediencia, conseguindo Deus por tão poucos homens desarmados, e em tão poucos dias, o que nunca poderam tantos governadores em mais de vinte annos com soldados, fortalezas e presidios; para que acabasse de entender Portugal e os ministros de S. M. que os primeiros e maiores instrumentos da conservação e augmento da monarchia eram os ministros da prégação da fé.

O P. Antonio Vieira escrevia estas noticias no anno de 1660,[1] e pelo tom com que escreve bem se vê que estava na plenitude e cume do seu poder, contente e satisfeito, a mais não poder ser, de si e das suas obras. É para ver o como elle preconisa e encarece o excessivo trabalho que lhe pesava sobre os hombros, e o como em seu conceito o fructo correspondia abundantemente ao trabalho, porque era grande o número das almas de innocentes e adultos que, d'entre as mãos dos missionarios, por meio do baptismo, estavam quotidianamente voando ao ceo! Não menos vaidosamente compara estes successos com os do reino, e os seus serviços com os dos grandes capitães e navegadores portuguezes. Em quanto do reino se estavam escrevendo victórias milagrosas ás

[1] Vejam-se as cartas de 11 de fevereiro, e 4 de dezembro deste anno dirigidas a el-rei.

conquistas, das conquistas tambem se escreviam ao reino victórias que com maior rasão se podiam chamar milagres; porque lá vencia Deus com sangue, com lagrimas, com ruinas e com dor da christandade; e aqui vencia sem sangue, sem ruinas, sem guerra e sem dispendios, antes com alegria, com applausos e com triumpho de todos e da mesma igreja, que tanto ia engrossando e crescendo nos povos, nações e provincias que adquiria na America. Pois em verdade, além dos bens espirituaes, quantos outros se não ganhavam nos descobrimentos de novas terras, novos rios e novas gentes; sendo que assim como nas primeiras conquistas se iam levantando padrões das armas portuguezas, assim tambem se levantavam agora os padrões da sagrada cruz—*com que se ia tomando posse daquellas terras por Christo e para Christo.*

Nesta phrase final sobretudo faz-se ouvir o grito da ambição satisfeita. Mas quanta vaidade e improvidencia reunida á ambição! Este homem, todo apparato e ostentação, presumia fundar alguma cousa com a pompa dos juramentos, festas selvagens e religiosas, e com quatro folhas de papel; e dentro de um anno, os acontecimentos tinham de mostrar-lhe de um modo severo que, para enraizar-se solidamente, hão mister as instituições de mais tempo, de mais sabedoria, e por ventura tambem, de mais simplicidade e modestia.

O remate de todas as suas cartas eram sempre no-

vas lástimas sobre a sorte dos pobres indios, e as perseguições que por amor delles soffriam os padres; e dahi tomava occasião para pedir novo reforço de missionarios que os viessem ajudar, porque a messe era abundante, e os operarios poucos. Parece que as suas súpplicas foram sempre favoravelmente deferidas pela côrte, porque tendo elle, como já vimos, começado esta segunda missão com vinte missionarios, já para o fim andavam elles por mais de quarenta, como havemos de ver na occasião de serem expulsos.

Durante esses seis annos decorridos de 1655 a 1661, que Vieira reputa tão gloriosos para elle, fizeram-se, sob o seu govêrno, nove missões a diversos logares, descendo delles mais de tres mil indios forros, e cerca de mil oitocentos escravos.

Mas destas pretendidas conversões em massa, em que a fé se transmittia por meio de poucos principaes, a essas innumeraveis multidões, que o pujante missionario, sem as ver, ia esmando aos quarenta, e aos cem mil, passemos a considerar um pouco a maneira e as difficuldades das conversões individuaes, mais modestas, porém mais reaes, e que são em si mesmas documento irrefragravel da fallacia das outras, pelas enormes difficuldades que revelam.

Com a mesma facilidade com que os selvagens do

Brazil aprendiam qualquer doutrina, assim se esqueciam promptamente de tudo, como se jamais tiveram sabido cousa alguma. Segundo refere o proprio Vieira, havia-se de estar sempre ensinando o que já estava aprendido, e sempre plantando o que já estava nascido, sob pena de perder-se o trabalho. A estrella que os alumiasse não havia de desapparecer, sob pena de apagar-se a luz da doutrina. No trabalho desta vinha era necessario que estivesse sempre a cana da doutrina arrimada ao pé da cepa, e atada á vide, para que se podesse lograr algum fructo.

Outra grande difficuldade, que pedia grande cabedal de amor e dedicação, era a das linguas. Pela extrema variedade dellas houve quem chamasse ao Amazonas rio de Babel; mas em Babel, segundo os sanctos padres, houve setenta e duas linguas sómente, quando as que se fallavam no rio das Amazonas, eram mais de cento e cincoenta. Tantos eram os povos, tantas, tão varias, e tão occultas as linguas, e de tão nova e nunca ouvida intelligencia, que se lhes podia applicar o dito do propheta: *Quorum non possis audire sermones.*

«Por muitas vezes (diz Vieira) [1] me aconteceu estar «com o ouvido applicado á boca do barbaro, e ain«da do interprete, sem poder distinguir as syllabas «nem perceber as vogaes ou consoantes de que se

[1] Veja-se o *sermão do Spirito Sancto*, prégado em S. Luiz, na igreja da companhia, por occasião de partir uma missão para o Amazonas. Vem no T. 3.º delles.

«formavam, equivocando-se a mesma lettra com duas «ou tres semelhantes, ou compondo-se, o que é mais «certo, com mistura de todas ellas, umas tão del-«gadas e subtis, outras tão duras e escabrosas, ou-«tras tão interiores e escuras, e mais afogadas na «garganta, que pronunciadas na lingua: outras tão «curtas e subitas, outras tão estendidas e multiplica-«das, que não percebem os ouvidos mais que a con-«fusão: sendo certo em todo o rigor que as taes lin-«guas não se ouvem, pois que se não ouve dellas «mais que o sonido, e não palavras articuladas e hu-«manas.

«Sancto Agostinho intentou aprender a lingua gre-«ga; e chegando á segunda declinação, em que se «declina Ophis, que quer dizer serpente, não foi «mais por diante, e disse com galanteria: *Ophis me «terruit*. Pois se á aguia dos entendimentos huma-«nos se lhe fez tão difficultoso aprender a lingua gre-«ga, tão culta e vulgarisada entre os latinos; que se-«rão as linguas barbaras e barbarissimas de umas «gentes onde nunca houve quem soubesse ler nem «escrever? Que será aprender o nheengahiba, o ju-«ruúna, o tapajó, o teremembê e mamayaná, que só «os nomes parece que fazem horror?..... Haver «de arrostar com uma lingua bruta, e de brutos, sem «livro, sem mestre e sem guia; e no meio daquella «escuridade e dissonancia haver de cavar os primeiros «alicerces, e descobrir os primeiros rudimentos della: «distinguir o nome, o verbo, o adverbio, a preposi-

«ção, o número, o caso, o tempo, o modo, e modos «nunca vistos e imaginados, como de homens emfim «tão differentes dos outros nas linguas e nos cos- «tumes; não ha dúvida que é empreza muito ardua «a qualquer entendimento, e muito mais ardua á von- «tade que não estiver muito sacrificada, e muito uni- «da com Deus.»

«É necessario tomar o barbaro á parte, (diz em «outro logar)[1] e estar, e instar com elle muito só por «só, e muitas horas, e muitos dias; é necessario tra- «balhar com os dedos, escrevendo, apontando e in- «terpretando por acenos o que se não póde alcançar «das palavras: é necessario trabalhar com a lingua, «dobrando-a, torcendo-a e dando-lhe mil voltas, para «que chegue a pronunciar os accentos tão duros e tão «estranhos: é necessario levantar os olhos ao ceo uma «e muitas vezes com a oração, e outras quasi com a de- «sesperação: é necessario finalmente gemer com toda «a alma; gemer com o entendimento, porque em tan- «ta escuridade não vê sahida; gemer com a memó- «ria, porque em tanta variedade não acha firmeza; e «gemer até com a vontade, porque no apêrto de tan- «ta difficuldade desfallece e quasi desmaia..... «Que tem de ver as missões do Oriente, que enten- «diam com os homens mais doutos do mundo, com «estas nossas que entendem com a gente mais sem

[1] *Sermão da epiphania* prégado em Lisboa a 6 de janeiro de 1662, por occasião de ter sido expulso do Maranhão.

«entendimento e sem discurso, com a gente mais in-«culta, com a gente mais pobre, com a gente mais «vil, com a gente menos gente, de quantas creou ou «abortou a natureza, entre cujas pobrezas e desam-«paros, entre cujos ascos, e miserias somos obriga-«dos a viver?»

Sem dúvida este trabalho de aprender linguas barbaras, para por ellas ensinar a doutrina, era assaz penoso; e muito mais facil e deleitoso era entoar *Te-Deums*, e multiplicar festas e triumphos por dez ou quinze dias. Mas por grande que fosse a fadiga, o aborrecimento, e ainda a desesperação do sancto missionario, parece-nos que elle bem podia poupar aos seus amados indios a qualificação de *brutos e vis*, tão contrária aos preceitos da charidade evangelica em geral, e em particular aos seus habituaes sentimentos de amor e dedicação para com essa raça tão desesperada e perseguida de todos. Naturalmente faltava neste ponto a opposição dos colonos que esporeasse o zêlo dos padres, e lhes fizesse levar este genero de trabalho com mais paciencia, por amor de nosso senhor Jesu-Christo.

Em diversas leis que deixamos substanciadas no L. VI, do volume 2.º e especialmente nas de 1653 e 1655, que regeram na epocha que estamos historiando, viram os leitores os modos e condições com que

se haviam de fazer as entradas, resgates e descimentos, e julgar os captiveiros licitos e illicitos; e na breve noticia que demos da mallograda expedição do Tocantins, o como os principios consagrados nessas leis eram dados á execução. Tudo isso é nada menos insufficiente para lhes dar um perfeito conhecimento dessas causas, e já é tempo de satisfazer cabalmente a sua curiosidade.

As leis que inculcando larga protecção aos indios, admittiam comtudo o princípio funesto da escravidão, estabeleciam em certos e determinados casos diversas formulas e garantias gara evitar as injustiças, isto é, os captiveiros chamados illicitos. Entretanto a cobiça achava mil meios de illudir essas precauções, em verdade quasi sempre vãs, porque admittido um princípio vicioso e falso como base fundamental da legislação, as consequencias haviam necessariamente de participar da sua origem.

A côr e pretexto destas entradas era libertar os indios prisioneiros, atados á corda, encerrados em um curral ou prisão semelhante, e destinados á morte em terreiro, para serem depois comidos em banquete festival pelos seus inimigos. A entrada ou tropa de resgate, chamada tambem da redempção dos captivos, talvez por antiphrase, não só tinha por fim libertar da morte o corpo do selvagem prisioneiro, e a sua alma da perdição eterna, pela catecheze e conversão porque depois passavam, como prover de escravos os moradores. A ouvir os fautores dessas leis, fazia-se

uma obra de piedade, e por ella se conseguiam ao mesmo tempo muitos bens *temporaes e espirituaes*.

Seguia a expedição com boa escolta de soldados para sua segurança, não succedesse que indo a fazer resgates de escravos, ficassem escravos os mesmos portuguezes; devia levar religiosos da companhia, que tivessem a suprema inspecção della, e os competentes cabos que a dirigissem nas cousas da guerra, escolhidos com todas as precauções e formalidades legaes já referidas Uma boa provisão de vellorios, facas, ferramentas, pannos e outras drogas de infimo valor, era cousa indispensavel para se os resgates depois fazerem. O tempo da partida, o destino ou logar da expedição, tudo devia ser fixado com anticipação pelo superior. Sahia a tropa, e ia assentar o arrayal em qualquer ponto do Tocantins, do Amazonas ou do Rio-Negro—mais ordinariamente neste último—por ser ali mais copioso o commércio. Nesta comarca ou provincia do Rio-Negro houve uma povoação, que por muito tempo se denominou *Caiçara*, do nome indigena do curral onde ordinariamente se retinham os infelizes prisioneiros.

Do arrayal se destacavam diversas partidas a negociar as peças pelos rios e sertões, sendo o preço de cada uma, um machado, uma foice, uma faca, um lenço, uma saia ou cousa a este modo insignificante; e esgotados os objectos de permuta, volviam todos ao arrayal, onde os graves e veneraveis missionarios procediam ao julgamento dos captiveiros, inquirindo dos

captivos, e de quem mais lhes era possivel, as diversas circumstancias legaes que importavam liberdade ou escravidão.

Succedia assim, quando as cousas iam pelo melhor, e no dizer dos auctores jesuitas, quando os padres da companhia eram os missionarios directores, e as leis se cumpriam á risca. Elles mesmos porém confessam, que muitas vezes as tropas de entrada se organisavam e partiam irregularmente, por mero arbitrio de particulares cobiçosos, ou fomentadas por governadores e capitães-móres ainda mais criminosos. Partiam as canoas á desfilada, e tomava cada uma pela parte que mais queria, captivando ou comprando quantos achavam, e voltando depois de público ou de secreto, carregadas de indios. Destes miseraveis, uns eram effectivamente comprados ou resgatados, seja que estivessem devéras nas condições previstas da lei, seja que os mascates excitassem a cobiça dos regulos para apanharem escravos, fosse como fosse; havendo delles não poucos—que vendiam os subditos, os companheiros, os parentes e ainda os proprios filhos. Quando porém faltava de todo que comprar, os cabos das tropas, não eleitos nem escolhidos escrupulosamente, mas levantados de propria auctoridade, tomavam os indios violentamente, salteando as suas casas e povoações, matando e afugentando a uns, e prendendo quantos podiam, que depois apresentavam para o julgamento, como dos encurralados, se é que tal trabalho tomavam.

Dispunham as leis que dous religiosos ao menos acompanhassem estas tropas para desempenhar a commissão gravissima dos exames. Mas esta disposição ou se despresava ou se illudia. No papel intitulado—*Informação que deu o P. Antonio Vieira, sobre o modo com que foram tomados e sentenciados por captivos os indios do anno de 1655*—, que ja tivemos occasião de citar, assevera elle que a maior parte das canoas foram sem religiosos; e que dous carmelitas que então se achavam no Amazonas, andavam ao resgate, da mesma fórma que os demais. É verdade que na tropa do capitão João de Bitancor fôra o padre Fr. Antonio Nolasco, religioso mercenario, cujo voto e profissão era remir captivos; mas elle ia para os fazer, como fez, em grande quantidade; pois só á sua parte trouxe trinta e cinco, que vendeu publicamente, afóra outros que jogou e ganhou aos officiaes e soldados da tropa, originando-se dahi pleitos vergonhosissimos.

Este frade, e outros como elle, interessados em tão infame commércio, nem se quer se davam ao trabalho dos exames, e iam certificando licitos quantos captiveiros se lhes propunham. Deixavam-se ficar nos arrayaes, e os linguas ou pombeiros iam comprar as peças por differentes rios, a largas distancias, sem que elles vissem nem ouvissem os senhores dos chamados escravos para averiguarem cumpridamente se com effeito o eram. Assim, toda a verdade e justiça destes captiveiros ficava na fé dos linguas ou

pombeiros, *gente vilissima, sem alma nem consciencia*, diz Vieira em proprios termos, *mamalucos e mulatos, criados nesta carniceria de sangue, instrumentos ou algozes das infinitas crueldades e tyrannias que a cobiça dos maiores executava sempre naquelle rio.*

Como constasse a el-rei que havia muitos indios livres reduzidos á escravidão, mandou elle proceder a uma revisão dos captiveiros, naturalmente a instancias de Antonio Vieira, e a esse intento instaurou-se um processo, que começou em Belem, e veio terminar em S. Luiz. Foi mingoado o fructo que desta providencia se colheu. Uma liga formidavel de interesses baldou as piedosas intenções do monarcha. De cerca de dous mil indios que em virtude das ordens régias deviam de submetter-se ao julgamento, só uns setecentos foram apresentados, e todos os mais se sonegaram, posto ninguem ignorasse onde estavam, e os mesmos interrogatorios dos indios presentes o déssem a saber. Estes mesmos vinham tão atterrados das ameaças dos senhores, que a experiencia lhes ensinava não seriam vãs, que a si proprios se delatavam por escravos; e por mais que o governador André Vidal os exhortasse a dizerem a verdade nuamente e sem temor, não havia maneira de conseguil-o, que de tal modo tinham elles o animo quebrantado pelo captiveiro. Houve prova plena dos manejos e ameaças que empre-

garam os senhores para conseguir estas falsas confissões; e mesmo em face do tribunal foram alguns surprehendidos a fazer signaes e gestos ameaçadores aos examinados. A estes meios juntava-se tambem a peita de interpretes e testemunhas, reinando em tudo um descaramento inaudito e sem igual.

Mas não ha nada tão curioso como o julgamento final. Era o tribunal composto de sete membros, a saber, o governador, o ouvidor e provedor da fazenda, o vigario da matriz, o superior das missões, e os tres prelados dos carmelitas, mercenarios e capuchos. Antonio Vieira era o protector constante dos indios, e votou sempre pela sua liberdade. Acreditaes por ventura que nesta occasião solemne o seu grande espirito scintillou em vivos lampejos, e que a sua voz eloquente invocou os principios sagrados da fraternidade christã, e os direitos imprescriptiveis da liberdade humana? Nada disso; em vez de apoiar-se nesta base larga e indestructivel, advogado mediocre e habituado ás miseraveis tricas do fôro, enredou-se nas disposições casuisticas das mesquinhas leis que elle mesmo ajudára a promulgar; allegou esta violada, aquella illudida e aquell'outra omittida. Arguiu os vicios da confissão arrancada por dolo, medo ou violencia, a sujeitos de condição miseravel, quaes o direito reputava os indios, em favor dos senhores prepotentes. Accumulou argumentos, rasões, conjecturas, citou textos e glosas, e foi afinal vencido, como devia ser, em castigo da sua infidelidade aos grandes e verdadeiros principios.

Com a verdade e com a justiça não se deve fazer composição. Pois bem, em um dos casos submettidos ao julgamento, depois de sustentar o grande missionario que aquelles indios eram livres, accumulando para isso algumas provas irrefragaveis, rematou comtudo dizendo—que a justiça do captiveiro era pelo menos duvidosa, e que por isso não deviam os indios ser condemnados a uma escravidão absoluta, senão a cinco annos de trabalho sómente, como meio termo entre os dous extremos!

Não permitta Deus que privemos os nossos leitores dos meios de poderem por si mesmos apreciar estes argumentos pró e contra; o espectaculo da votação, sobretudo, deve ser posto diante dos seus olhos. Apresentaram-se uns indios resgatados no sertão. Confessaram elles mesmos que eram captivos, pelos haverem seus originarios senhores tomado em guerra. Não declararam porém se a guerra fôra justa ou injusta, nem havia quem a tal respeito podesse ministrar a menor informação. Proposto o caso, votou Antonio Vieira que os indios não eram absolutamente captivos, visto como se não verificava nenhuma das quatro hypotheses da lei de S. M., e menos se provava que a guerra fôra justa. Além de que, nas materias duvidosas havia-se de julgar pela presumpção, e as guerras dos barbaros, como eram estes gentios do Maranhão, quando se duvidava se tinham sido justas ou injustas, deviam presumir-se injustas, por serem feitas por gente que em suas guerras se não governa por consci-

encia nem rasão, antes consta que são mais latrocinios que guerras; porque os mais poderosos vão captivar os fracos para os vender, e as mais das vezes fazem isto os particulares, sem auctoridade do principal, nem da republica ou aldêa a que pertencem. Que assim o resolvia Molina, tractando este ponto *ex-professo*. Que além de outras rasões mais, sabido era que—*in dubio tútior pars est eligenda*. De serem os indios julgados por captivos, seguia-se a elles um damno irreparavel. E pelo contrário, de serem julgados livres só se podia seguir perderem os compradores o preço que haviam dado por elles. Quanto mais que nem tal preço se perdia, pois por elle haviam de os indios servir durante cinco annos, e assim votou o P. Antonio Vieira que se fizesse!

O provincial do Carmo, e o commissario das Mercês votaram pelo captiveiro absoluto, e o fundamento do seu voto foi que todas as guerras havidas entre os indios do Maranhão, eram justas, do que estavam informados por alguns religiosos da sua ordem, e por outras pessoas fidedignas, que as tinham observado.

O custodio de Sancto Antonio, quando lhe chegou a sua vez, ergueu os olhos ao céo, e disse que grande mercê lhe faria Deus se por um anjo lhe mandasse revelar se aquellas guerras tinham sido justas ou injustas; mas pois que isso não podia ser, se inclinava a que eram todas justas; porque, sendo as causas de guerra justa, que assignam os doutores, não menos de doze, impossivel era que de tantas, não tivessem

aquelles homens algumas com que se justificassem.

Acudiu a isto Antonio Vieira que se as causas de guerra justa eram doze, as de guerra injusta seriam vinte e quatro. E que se havia rasão para se cuidar que teriam por si alguma causa das primeiras, por serem muitas, porque a não haveria tambem para se cuidar que teriam tambem alguma das segundas, que eram mais? Além de que nenhuma guerra podia ser justa de ambas as partes. Se os principes christãos, se os summos pontifices, e ainda os anjos no princípio da sua creação poderam fazer guerras injustas, como ousava alguem sustentar que as não podia haver entre os barbaros do Maranhão? Salvo se elles não tinham alvedrio, ou eram impeccaveis, e ambas estas proposições eram hereticas, sobre contrariarem de frente as leis de S. M. que suppunham ambas as especies de guerra. A nada porém se moveu o veneravel custodio, que por um compromisso de consciencia, adoptou uma conclusão contradictoria, quasi pelo mesmo theor que já usára o proprio Antonio Vieira— votou que fossem captivos todos os indios, mas que os filhos que lhes nascessem dali por diante, fossem livres.

O vigario, quando lhe tocava votar, cerrava-se, e não se lhe ouvia outra palavra, senão *captivos, captivos*. Se apertavam muito com elle, respondia, ajudado dos frades, que os homens que tinham ido aos resgates eram christãos, e não se havia de presumir que

fizessem cousa mal feita. Que ao demais este fôra sempre o costume do estado, e a darem-se os indios por livres, ficaria baldado todo o trabalho das entradas, e rebentariam motins no povo; quando por outra parte os indios nada perdiam em ser captivos, sendo certo que o direito introduzíra o captiveiro por piedade.

O governador e o ouvidor conformavam-se com o voto de Antonio Vieira, senão é que o governador acrescentava que servissem os indios sete annos, e não cinco, visto a dúvida que havia se a guerra era justa ou injusta, tanto mais que nos primeiros dous annos os indios novos, por serem boçaes e virem maltractados, quasi nenhum serviço prestavam.

Lá quiz parecer a Vieira que estas rasões do governador tinham sua equidade; mas occorreu-lhe que os cinco annos eram dados para satisfação do preço do resgate, sem attenção ao caracter da guerra; e pois cada escravo custava onze tostões sómente, por muito pouco que trabalhasse, não devia merecer menos de duzentos e vinte cada anno, por onde os cinco de serviço eram de sobejo para a satisfação.

Entre os diversos casos que se offereceram, foi o de um filho vendido por seu pai. Assim o disse o comprador, e assim o confessou o moço. O padre vigario e os tres frades votaram pelo captiveiro, pois não havia cousa mais certa e averiguada, diziam elles, que poderem os paes vender seus filhos. Como combateu Antonio Vieira este attentado contra as leis

mais obvias e sagradas do sangue e da natureza? Allegou que supposto poderem os paes vender os filhos, só lhes era lícito fazerem-n'o em caso de extrema necessidade; e nestes indios não se provando o contrário, não se podia presumir semelhante necessidade; pois esta ou é de honra, e entre elles não a ha; ou é de vestido, e elles andam nús; ou é de sustento, e elles nunca padecem fome, pois se alimentam das fructas e da caça, que o mato lhes offerece espontaneo e sem trabalho. Por onde a occasião da venda só podia vir da cobiça do pae, ou de violencia de quem lhe tomou o filho. De resto as leis de S. M. não apontavam o direito do pae como causa legitima de captiveiro. Comoquerque fosse, porém, venceu a maioria, e o mancebo foi declarado escravo.

Como muitos dos indios eram já passados ao Maranhão, foi necessario formar nesta capitanía outro juizo, no qual, em vez do ouvidor e do vigario do Pará, tomaram parte o ouvidor geral, e o vigario geral do estado. Ambos estes inclinaram para o lado de Antonio Vieira e do governador; e como os tres frades se vissem supplantados, recusaram assignar as novas sentenças!

Conclue Vieira todas as suas observações, notando que o juizo e voto dos padres eram suspeitos e nullos, porque elles, como senhores de escravos, eram responsaveis á evicção.

O que está porém mais que muito evidente é que nunca em questão tão grandiosa, e onde iam com-

promettidos os direitos sagrados da religião e da humanidade, se produziram pró e contra rasões e argumentos mais miseraveis. Já o leitor terá notado tambem que pelo só facto de fazer o P. Antonio Vieira concessões em uma materia que as não admittia, pois o princípio da liberdade é absoluto e com elle se não póde nem deve transigir, o temos arguido de sacrificar elle mesmo a causa dos indios. Mas pois que elle, ainda que embaraçado em um systema erroneo e vicioso, no que havia mais culpa do entendimento, que da vontade, era não obstante o campeão strenuo e infatigavel dos pobres indios, talvez se diga que o havemos tractado com demasiado rigor, quando os seus erros eram dignos de mais indulgencia, e os seus serviços, de muito maior reconhecimento. O leitor porém hade necessariamente convir em que não temoa praticado mais do que actos de simples justiça, se vier a conhecer que este famoso jesuita, arredada a concorrencia dos moradores, e das outras ordens religiosas, procedia á feição de todos os mais, buscando indios ao sertão, movendo-lhes guerras encarniçadas, aprisionando-os, repartindo-os, e vendendo-os como escravos. Foi elle tambem quem planeou seriamente a introducção da escravatura africana, para que, satisfeitas por este meio as necessidades dos colonos, podesse a companhia, mais desempedida de estôrvos, exercitar uma jurisdicção illimitada e exclusiva sobre os indios. Havemos de ver tambem que no exame dos captiveiros os padres de S. Ignacio se portaram

ainda com mais escandalo, se era possivel, do que os seus collegas das outras ordens.

Nas suas diversas cartas e sermões não é raro ouvir dizer a este jesuita que elle não era opposto á escravidão, que bem conhecia a sua necessidade, e ainda as vantagens que della resultavam; mas como estas asserções isoladas se podiam reputar meras condescendencias, arrancadas á sua posição especial no meio de uma população de portuguezes interessados na mesma escravidão, e cujas susceptibilidades a prudencia aconselhava a respeitar; só escolheremos para prova das nossas proposições aquelles de seus escriptos, onde as suas ideias e projectos se acham larga e maduramente desenvolvidos, e onde elle exprime os seus sentimentos não só com toda a liberdade, senão ainda com mostras da mais completa satisfação.

Na carta escripta a el-rei em 11 de fevereiro de 1660, que já citamos e extractamos a outro proposito, referindo Antonio Vieira os successos das missões desse, e dos dous annos antecedentes, conta que partindo o P. Francisco Gonçalves de S. Luiz para o Amazonas e Rio-Negro, em 15 de agosto de 1658, atravessára por todas as capitanías do estado, e de todas ellas fôra levando os respectivos procuradores e canoas em quantidade para o resgate de escravos

que se fazia naquelles rios, *e foi aquella a primeira vez* (copiamo-lo textualmente) *que o resgate se fez por esta ordem, para que os interesses delle coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, eram os menos lembrados.*

Durou esta missão quatorze mezes pelo corpo e braços daquelles rios, donde vieram mais de seiscentos escravos, todos examinados primeiro pelo dito missionario, na fórma das leis de S. M. No anno de 1659 fez o P. Francisco Velloso outra missão deste genero aos mesmos rios, donde desceram outras tantas *peças*, em grande beneficio e augmento do estado. Tinham estas missões, sobre todas as outras, no conceito de Antonio Vieira, uma grande vantagem e differença; porque nas outras salvam-se somente as almas dos indios, e nestas as dos indios e as dos portuguezes juntamente; visto que o maior laço das consciencias no estado, de que nem na morte se livravam, era o captiveiro dos indios, que sem exame nem fórma alguma de justiça, debaixo do nome de resgate, iam comprar ou roubar por aquelles rios. Mas já sob o regimen dos padres da companhia, e das novas leis de S. M., ficava a cousa mui outra—pois não se faziam resgates senão quando iam missões ao sertão, só os missionarios podiam examinar, e approvar os escravos em suas proprias terras, e só depois de examinados e julgados por legitimamente captivos, os recebiam e pagavam os compradores; conseguindo os povos por esta via o que sempre se ti-

vera por impossível e inconciliavel naquelle estado— que era haver nelle serviço e consciencia ao mesmo tempo!

O illustre superior não se contentava de resto com estas pacificas façanhas, e o seu ánimo bellicoso buscava occasiões de maior honra para illustrar-se por todos os titulos. Assim ordenou elle outra missão ou expedição ao Tocantins, de que foi por general o P. Manuel Nunes, com quatrocentos e cincoenta indios d'armas e remo, e quarenta e cinco soldados portuguezes sob o commando especial de um capitão de infantaria. A primeira facção em que se empregou este piedoso exercito foi em dar guerra ou castigar certos indios rebellados da nação inheiguára, que com morte de alguns christãos haviam ha tempos impedido a outros indios da sua visinhança que se descessem para a igreja e vassalagem de S. M. «*São os inheiguáras*, escreve Vieira, *gente de grande resolução e valor, e totalmente impaciente de sujeição; e havendo-se retirado aos logares mais occultos e defensaveis das suas brenhas, em distancia de mais de cincoenta leguas, lá mesmo foram buscados, achados, cercados, rendidos, e tomados quasi todos, sem damno mais que de dous indios nossos levemente feridos. Ficaram prisioneiros duzentos e quarenta, os quaes, conforme as leis de S. M., a titulo de haverem impedido a prégação do evangelho, foram julgados por escravos, e repartidos aos soldados.*»

Não se póde, sem assombro, ouvir fallar este il-

lustre missionario por semelhante tom, quasi de hymno triumphal, sem poupar aos pobres prisioneiros nem ainda a ignobil e odiosa denominação de *peças*. Mas com que côres pintaria elle o acontecimento, se a expedição fosse capitaneada pelo ferreiro Gaspar Cardoso, e os exames e as qualificações dos captiveiros, feito pelo mercenario Fr. Antonio Nolasco? Entretanto que a nós, nos parece a mesma *carniceria de sangue*, como elle eloquentemente as denominou em outra occasião.

Esqueceu-se tambem ou guardou-se o padre de referir-nos miudamente, e em todas as suas circumstancias, o modo prático que usavam os jesuitas nos exames dos captiveiros, e na repartição dos escravos. Façamos por supprir a sua omissão.

No archivo da nossa camara municipal, entre outros livros, encontramos um que se intitula do—*Registro das peças de resgate vindas do sertão por conta de S. M.* Tem apenas 37 folhas escriptas, e os termos de exame ou de reducção de indios á escravidão vão de 1734 até 1775. Bem se vê que não são do tempo do P. Antonio Vieira, mas respeitam a uma epocha em que os jesuitas floreciam e reinavam sem contestação. A substancia de todos esses termos é sempre igual e invariavel. Um guerreiro de tal ou tal nação apresenta o seu prisioneiro, homem ou mulher, ou ainda criança, dizendo que o tomou em justa guerra. Enumeram-se os signaes mais salientes que a victima traz no corpo, e que não poucas vezes são

cicatrizes, declaram-se os nomes do senhor e do escravo, e como este confessa que de feito foi apanhado em justa guerra, é julgado por legitimamente escravo, assim pelo reverendo padre missionario como pelo cabo da tropa, e nessa qualidade é comprado por conta de el-rei. Os escravos eram de todas as idades, mas ordinariamente moços de vinte e tantos annos para baixo, até de sete e oito annos. Ás vezes vendiam-se criancinhas de peito juntamente com suas mães. São geralmente designados pelos termos de—*rapaz*, *rapariga*, *mocetão*, *mocetona*. O preço de cada um era um terçado, dous ou tres machados, dous ou tres massos de vellorios, uma rede, uma camisa, uma saia, um chapéo, ou cousa semelhante, segundo a figura e boa qualidade do escravo. Se este era de menor idade ou innocente, o reverendo missionario, em acto contínuo, o baptisava, e pelo nome indigena lhe dava outro christão.[1]

Assim, decidia-se esta grave questão do captiveiro ou da liberdade, sobre a confissão de uma criança de sete annos, feita em presença de seu senhor, selvagem canibal; (este era sempre tractado por—*cavalleiro*—) e o ministro de Jesu-Christo, depois de imprimir-lhe o sello da escravidão, consagrava-o christão, pelo baptismo! Em verdade para bem qualificar todas estas abominaveis injustiças, parece que só faltava o sacrilegio, com que se profanavam as aguas

[1] Veja-se a nota—F—no fim do volume.

regeneradoras espargidas sobre a fronte da innocente victima, pela mesma mão que acabava de assignar a sua condemnação!

Na repartição não se seguia sempre um processo uniforme. André de Barros refere que se dividia este gado humano em duas porções iguaes: a primeira metade, deduzida a *joia* do governador, se distribuia pelos cabos, soldados e indios da respectiva tropa de entrada, segundo os seus serviços e graduações; e a outra, distribuia-se *pró-rata* entre todas as capitanias e logares do estado, segundo o número dos seus moradores. Era quasi escusado dizer aqui que o chronista da ordem exalta até ás nuvens a justiça e sabedoria destas repartições, acrescentando que o povo as recebia com grande applauso. Quanto á fórma prática da repartição, remettemos o leitor para os extractos dos registros da camara municipal que juntamos no fim do volume.[1]

Pelo que fica exposto já o leitor sabe a conta em que ha de ter o zêlo dos jesuitas pela liberdade dos indios; porém ainda vamos ver cousa mais digna de excitar o pasmo. É nada menos que um novo plano do P. Antonio Vieira sobre o govêrno temporal e espiritual dos indios, onde aponta os meios de acabar com

[1] Veja-se a nota—F—no fim do volume.

a sua escravidão, sem arruinar todavía as colonias pela falta de braços para a lavoura. Este opusculo, que contem vinte e cinco paginas, não tem data, e foi remettido ao duque de Cadaval, que consultára o auctor sobre a materia, em uma carta igualmente sem data, mas que pelo seu contexto mostra haver sido escripta já no tempo da regencia do pricipe D. Pedro. Uma e outra cousa vem no tom. 2.º das cartas, entre diversas outras datadas em 1669.

Neste papel, e como é de seu costume, allega Antonio Vieira em primeiro logar os seus serviços, e a larga experiencia que tinha das cousas do Maranhão, onde revistou tudo por espaço de mais de quinhentas leguas. Depois propõe que continuem as missões e descimentos sob a direcção exclusiva de uma só religião, para se evitarem os inconvenientes das emulações e competencias. E porque a experiencia tinha mostrado que os gentios deviam sempre viver em sujeição, fossem repartidos pelos que os traziam ou mandavam vir do sertão, e pelos mais moradores, sem que houvesse todavia separação das familias, e fazendo-se de tudo os registros necessarios, para que a todo o tempo contasse em como eram fôrros e livres. Seus amos não poderiam troca-los, nem vende-los, nem testar delles como escravos, se bem que os indios podessem continuar a estar sob a administração dos respectivos herdeiros, se lhes aprouvesse. Cada morador poderia ter um certo rasoavel número de indios, do qual se não devia passar. A cada um dos indios

daria seu amo annualmente uma peça de vestido ou um vestido inteiro; que com isso, e com sustenta-los, doutrina-los, e pagar aos sacerdotes que nas necessidades lhes admiuistrassem os sacramentos, lhes ficava satisfazendo assás o seu trabalho.

Além destas providencias, indica Vieira outras muitas sobre a administração economica, e instrucção religiosa dos indios, que omittimos para evitar repetições escusadas, visto constarem as mais dellas das leis que substanciamos. Isto posto, reclama elle a absoluta prohibição das denominadas *entradas* ao sertão, ou feitas por auctoridade pública, ou secremente em canoas particulares, para que cessassem de uma vez as injustiças e tyrannias que em umas e outras se costumavam praticar, capeadas com o nome de resgates, com que se havia captivado, morto e extincto tantos milhares de indios innocentes. Caso mesmo succedesse nas missões remir-se algum indio atado á corda para ser comido, ainda este ficasse livre, e fosse ajudicado como livre para o serviço de seu rei e senhor, a quem devia a salvação.

Aos que se oppunham a esta resolução, allegando que sem os resgates ficaria perdido o estado, respondia elle que perecesse muito embora, pois era menor mal perder-se, que conservar-se por meios tão injustos e abominavais.[1] Mas esta apparente rasão, além de

[1] Os espiritos absolutos se encontram ás vezes a largos seculos de distancia. Tractando-se na assemblea constituinte

impia, era enganosa e falsa, pois mostrava a experiencia que fazendo-se até então os resgates em número excessivo, tão fóra esteve de se augmentar com elles o estado, que antes foi sempre em diminuição e ruina; e os moradores que mais escravos tiveram por aquella via, eram os que se achavam mais empobrecidos e perdidos, sendo certo que os fructos e riquezas tiradas do sangue dos escravos, e embarcados para Portugal, ou pereciam no mar, ou cahiam presa dos corsarios de Argel. Castigo evidentemente providencial de tantas iniquidades, mandava Deus escravidão por escravidão. Que outra cousa pois restava a fazer senão proclamar solemnemente e tornar effectiva a liberdade dos pobres indios?

Entretanto por uma contradicção e inconsequencia monstruosa, de que já dera o primeiro exemplo o dominicano Las-Casas, outro grande apostolo do Novo-Mundo, dominado o jesuita pela sua idéa favorita, não achou meio mais azado e prompto para assegurar a liberdade dos seus indios do que a introducção dos escravos africanos. Era simplesmente uma raça sacrificada á outra; e póde ser que Vieira sacrificasse os indios aos africanos com a mesma tranquillidade de consciencia, se em vez de ter vindo para o Maranhão, houvesse posto por obra aquella passageira velleidade

franceza em 1790 dos perigos que traria comsigo a immediata emancipação dos negros, exclamou um orador enthusiasta, quasi pelos mesmos termos que Vieira: *Perissent toutes les colonies plutôt qu'un seul principe!*

que lhe veio em Cabo-Verde de fazer missão nas ilhas, e nas costas fronteiras d'Africa.

É certo que ao seu projecto de introduzir escravos africanos se oppunha um grande obstaculo; aos moradores do Maranhão falleciam os cabedaes necessarios para compra-los, e dahi nenhum armador ou negociante se expunha a traze-los para cá, receando um prejuizo quasi certo. Mas a charidade ardente do missionario excogitou um bom expediente, para se poder levar ao fim esta boa obra. Ei-lo aqui. O primeiro empenho para se mandarem vir os escravos não podia exceder a sessenta mil cruzados; a real fazenda pois os adiantasse, mandando logo S. A. para maior brevidade e expedição, que da Bahia ou Pernambuco, para onde iam continuamente de Angola, se comprassem e remetessem para Maranhão duzentos escravos, que deviam ser homens e mulheres, *em ordem á propagação*, conduzidos em um patacho, e dirigidos ao governador, e ao provedor da fazenda, os quaes repartiriam gratuitamente os ditos escravos a cincoenta moradores dos que tivessem maior cabedal e industria, quatro a cada um, para que nas terras e sitios mais apropriados plantassem e cultivassem cacáu, baunilha, anil e outras drogas de maior utilidade, com tal contracto e partido, que de tudo o que se colhesse, metade fosse para o lavrador, e a outra metade se dividisse em duas partes, uma para a real fazenda, e outra para o governador e provedor, que seriam os superintendentes de tudo. Por este modo,

sendo todas as partes interessadas, era bem de esperar que cada um fosse pontual no cumprir as suas obrigações, muito mais celebrando-se o contracto com condição e comminação que ao lavrador que o não cumprisse, se tirariam os escravos para serem dados a outro que melhor o fizesse. Com isto, crescendo as drogas e seu commércio, satisfar-se-hia largamente á fazenda o seu adiantamento, que para negócio de tanta importancia era de pouquissimo momento.

Em uma representação dirigida á camara do Pará em 12 de fevereiro de 1661 disse tambem o P. Antonio Vieira que os negros de Angola eram muito preferiveis aos indios, por serem estes menos capazes para o trabalho, de menos resistencia contra as doenças, e como muito proximos de suas terras, mais no caso de fugirem facilmente, ou de se deixarem morrer de saudades dellas. Assim, esse exilio eterno da patria, e todos esses horrores da travessia a que desde então até hoje foram condemnados os miseros africanos, eram uma attenuação do mal, e uma verdadeira vantagem, no conceito do missionario jesuita!

A estes calculos sordidos, a essa previsão e avidez cruel de mercador negreiro, a essa idéa ignobil da propagação dos escravos, ousava Antonio Vieira ajuntar ideas e considerações piedosas e humanas sobre a liberdade, conversão e salvação dos indigenas! Seria mero pretexto e hypocrisia, ou invencivel ceguei-

ra de um espirito obstinado; e impetuosamente arrastado pelas disputas com seus adversarios, a encarar uma só face da questão, além da qual nada mais via?

Seja como fôr, o certo é que aberrações tão incriveis não pódem recommendar o grande orador á estima e admiração da posteridade; e apesar de tudo, são preferiveis a estas vergonhosas contradicções e palinodias deste grande espirito, o cynismo descarado das opiniões de seu antagonista Manoel Guedes Aranha, não menos que a cruel imparcialidade do general Gomes Freire de Andrade. Estes ao menos eram francos, e não sabiam tergiversar nem sophismar a iniquidade para attenua-la hypocritamente. Em um memorial dirigido á côrte sobre a escravidão dos indios, Manoel Guedes Aranha disse com estranha boa fé e ousadia:—*Que se os nobres, nos paizes civilisados, eram tidos em grande estima, com maior rasão deviam ser estimados os homens brancos em paiz de hereges, porque aquelles foram criados com o leite da igreja e da fé christã. Além de que, sabido era que differentes homens eram proprios para differentes cousas; nós (os brancos) eramos proprios para introduzir a religião entre elles; e elles adequados para nos servir, para caçar para nós, para pescar para nós, para trabalhar para nós.*[1] E o general Gomes Freire, dando informação a el-rei sobre o estado do

[1] *Revista do Instituto-Historico-Brazileiro.* Tom. 1° pag 156.

Maranhão, depois do sanguinolento sacrificio do Beckman, pediu que continuasse a escravidão dos indios, *porque*, (dizia elle) *não eram mais justificadas as causas, porque recebiamos escravos comprados em Cabo-Verde ou na costa de Mina; nem os gentios destes sertões tinham melhor Deus que os de Guiné para que se se não praticassem na America as mesmas leis da Africa*.[1]

Mas desviemo'-nos por alguns momentos desta questão abrazadora da liberdade e escravidão, que dentro em pouco fará terrivel explosão, e contemplemos a Vieira sob outros aspectos, apartado dos cuidados politicos e temporaes do govêrno das missões, e entregue a outros misteres e trabalhos a que o seu espirito activo e universal se prestava com maravilhosa flexibilidade.

Encerrado na sella estreita e nua do seu convento, este homem extraordinario se despojava das roupas e moveis mais indispensaveis para acudir á pobreza, e por vezes reduziu-se a dormir em uma esteira de tabúa em vez de cama, vestindo uma roupeta esfarrapada de panno grosseiro tincto na lama, e calçando çapatos de pelle de porco montez. A mesma parcimonia usava na comida e bebida, e não raro se

[1] Fr. Domingos Teixeira.—*Vida de Gomes Freire*, Cap. 225.

privava da cêa para manda-la de presente a alguma familia necessitada. Nenhum pobre lhe batia á portaria que não voltasse remediado e consolado; e além destas, fazia muitas esmolas occultas e mais crescidas, segundo o requeria a qualidade dos que as haviam mister. Com presentes aos indios de drogas e bagatellas agradaveis, e pequenos utencilios, gastava quanto podia haver e poupar. Foi por este modo, e em levantar e ornar igrejas que elle dissipou piedosamente mais de cincoenta mil cruzados, fructo da admiração e liberalidade de seus amigos, e da impressão das suas obras.

Insano era o trabalho que pesava sobre elle; e tão poucos companheiros havia ás vezes para o auxiliarem, divertidos os mais dos padres em missões longinquas, que Antonio Vieira se via obrigado a desempenhar todas as obrigações, e a fazer todos os officios, desde o de superior até o de cozinheiro.

Por ordem dos prelados maiores desviou-se elle um pouco dos seus trabalhos habituaes para dar-se á correcção dos seus sermões. Notava então o contraste desta occupação, (que tão facil e deleitosa lhe sería nas bibliothecas das polidas côrtes que frequentára) com a rudeza dos desertos do Maranhão, e dos seus broncos habitantes, onde se via obrigado a emendar borrões, e a fazer taboadas. *Não ha maior comedia* (dizia a este proposito) *que a minha vida; e quando quero, ou chorar, ou rir, ou admirar-me, ou dar graças a Deus, ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim.*

Acertava, no meio destes trabalhos, de escrever-lhe da côrte alguma poderosa personagem, a rainha regente, por exemplo? Eis-ahi como elle respondia, fallando sempre de si, e implorando a favor das missões [1]: «No despacho do memorial, que de tão lon-«ge representei a V. M. bem conheci que ainda não «estava totalmente morto na memoria de V. M. quem «tantas vezes arriscou a vida ás tempestades, ás ba-«las, ás pestes e ás traições dos inimigos de Portu-«gal, para que elle, e todas as partes de sua monar-«chia se estabelecessem na coroa de V. M. Com a «falta d'elrei e do principe, que estão no céo, tudo «me faltou, e a benevolencia que o seu respeito me «conciliava com os ministros, se sepultou toda com «elle, e em seu logar resuscitaram os odios e a in-«veja daquelle favor, que então se dissimulava. O que «mais me causa sentimento, é que se vinguem estes «odios, não em mim, senão nas almas destes christãos «e gentios, cuja salvação se impede, ou, quando me-«nos, se perturba muito, por se darem ouvidos a in-«formações tão alheias da verdade, e do conhecimen-«to que os mesmos ministros deveram ter da minha, «e do meu desinteresse, na experiencia de tantos an-«nos..... Comtudo para que conste aos mi-«nistros e aos tribunaes, fiz petição ao governador «mandasse examinar juridicamente todas as queixas

[1] Veja-se a carta do 1º de setembro de 1658 dirigida á rainha regente D. Luiza. É a 15ª do T. I.º

«que nessa côrte se têm feito contra os religiosos «desta missão, e todas são examinadas, e a verdade «provada na fórma que V. M. lhes póde mandar ver. «Assim se mudam os tempos, e não é o menor sa- «crificio que pósso offerecer a Deus nas circumstan- «cias do presente, ver-me por seu amor em estado «que haja mister testemunhas á minha verdade.... «..... Eu senhora, depois que deixei o logar que «tinha aos pés d'el-rei e de V. M., nunca mais me «foi necessario nada, porque naquelle sacrificio re- «nunciei tudo, nem o mundo tem que me dar, de- «pois que me deu quanto tinha, quanto podia, e eu «o puz nas mãos de Deus para o empregar melhor «..... O que só peço em nome de todos os «religiosos destas missões é que V. M. nos mande «conservar sempre na firmeza das ordens que trouxe «o governador, e que ácerca das missões e dos indios «se não mude nem altere cousa alguma, mandando «V. M. recommendar de novo muito, e ao mesmo «governador, a assistencia e favor dos missionarios, «em fórma que entenda elle e todo o estado que o «maior cuidado de V. M. é o augmento e propagação «da fé, e conversão das gentilidades, como verdadei- «ramente é;—e que os religiosos da companhia, como «ministros da mesma conversão, hãode ter sempre «na grandeza de V. M muito segura a protecção e «amparo.»

Se do seu gabinete sahia o P. Antonio Vieira para subir ao pulpito, eram ainda os indios o seu assumpto predilecto. Naquelle mesmo sermão do Spirito-Sancto, que já a outros propositos havemos por vezes citado, figurou elle os indios e os portuguezes—os escravos e os senhores—em face de Deus, no dia do juiso final. O escravo escusava-se com o senhor, com o seu pouco entendimento, e com a sua ignorancia. Mas o senhor com que se havia escusar? com a sua muita cobiça? com a sua muita cegueira? com faltar á piedade? com faltar á humanidade? com faltar emfim á christandade e á boa fé? «Deus justo e misericordio-«so (exclamava então o orador) nem em vossa justiça «nem em vossa misericordia acho caminho para sahi-«rem estas almas de tão intrincado labyrintho! Se a «justiça divina acha por onde condemnar um gentio, «porque não foi baptisado, como achará a miseri-«cordia divina por onde salvar um christão que foi «causa de elle se não baptisar? Que justiças pedirão «sobre vós naquelle dia tantas almas, de cuja infeli-«cidade eterna fostes causa? Abel pedia justiça a Deus, «e salvou-se, e está no céo. Se Abel, se um irmão «pede justiça a Deus sobre o irmão, que lhe tirou a «vida temporal, um escravo, e tantos escravos que «justiça pedirão sobre o senhor que lhes tirou a vida «eterna? Se Abel, se uma alma que se salvou, e está «hoje vendo a Deus, pede justiça; uma alma, e tantas «almas que se condemnaram, e estão ardendo no in-«ferno, e estarão por toda a eternidade, que justiças

«pedirão ao céo, á terra, ao inferno, aos homens, aos «demonios, aos anjos, a Deus? Certo, espectaculo triste «e honrado será ver naquelle dia a um portuguez destas «conquistas (e muito mais aos maiores e mais pode- «rosos) cercado de tanta multidão de indios, uns li- «vres, outros escravos—uns bem, outros mal capti- «vos—uns gentios, outros com o nome de christãos— «e todos ardendo em fogo, todos pedindo justiça a «Deus sobre aquelle desventurado homem que neste «mundo foi seu senhor!»

Neste ponto cada um dos condemnados dá de rosto a seu senhor com as causas de sua perdição. A este exprobra um o não lhe haver pago tantos annos de serviço, nem com a agua do baptismo; áquell'outro—o ter-lhe ensinado tudo, menos o que importava á sua salvação; á est'outro, o não lhe permittir que fosse á confissão, para não perder dous dias de trabalho; á este emfim, o havê-lo deixado morrer sem sacerdote, nem sacramento, como se fôra um bruto. Cão o chamava sempre na vida, e como um cão o tractou na morte—«Isto dirá cada um daquelles mi- «seraveis (conclue o orador) a Christo, juiz supremo. «E todos juntos bradarão a seu sangue, de que se «não aproveitaram por culpa vossa, *justiça, justiça, «justiça!* Conhecereis então quem vos dizia e prégа- «va a verdade. Oh! sem dúvida que naquelle dia de «juiso haveis de mudar de juiso e de juisos. Hoje «tendes por ditosos os que têm muitos escravos; na- «quelle dia porém esses serão desventurados, e os

«que tiveram poucos serão os ditosos, e sobre todos «mais ditoso o que não teve nenhum.»

Conta-se que certo padre do Pará, geralmente venerado por seu saber e virtudes, ouvindo prégar este ou semelhante sermão sobre os injustos captiveiros dos indios, e tyrannias que com elles usavam seus senhores, sahiu tão commovido que deu immediatamente liberdade a sessenta escravos que tinha; não que os não houvesse comprado com seu dinheiro; mas porque não ignorava como haviam sido originariamente captivados, e a sua consciencia delicada e escrupulosa lhe não consentia a tranquillidade de possuidor de boa fé. Porém, estas terriveis exprobrações, feitas por um homem apaixonado, que andava travado na luta com os moradores, produziam na generalidade dos casos resultados bem diversos daquelles a que devia aspirar o orador.

O dominio quasi incontestado da companhia durava já havia bem seis annos, quando os habitantes, que nunca o soffreram de boa sombra, começaram a agitar-se para derriba-lo. A princípio murmuravam surdamente, e representavam suas queixas para a côrte; mas afinal clamavam já em altos brados pela falta que havia de escravos, e contra a abusiva accumulação que faziam os padres da jurisdicção espiritual com a temporal e politica, mediante a qual se arrogavam tam-

bem a administração absoluta de todos os indios fôrros. Os jesuitas pela sua parte entendiam e sustentavam que uma jurisdicção era inseparavel de outra, e que a não dar-se a accumulação seriam infructiferos todos os seus esforços a bem da prégação da fé e conversão dos barbaros. Cada partido procurava assim rebuçar as suas pretenções com os interesses da religião ou do estado, e invocava por seu turno as mesmas leis, constantemente sophismadas e arrastadas em sentidos oppostos.

Até 1659 esta luta se conteve dentro dos limites de uma certa moderação; porém nos dous ultimos annos tomou um character mais decidido. Reiteraram-se as representações dos senados das duas capitanías, quer á rainha regente em Lisbôa, quer ao governador D. Pedro de Mello, residente em S. Luiz, e enviaram-se commissarios ou procuradores para pessoalmente fazerem valer as queixas dos povos, e sobre os antigos aggravos, representarem tambem a nullidade dos resultados colhidos pelas missões, porquanto entre outros exemplos, aquella apparatosa paz dos nheengahibas não passava de uma verdadeira impostura, continuando os barbaros no seu antigo theor de vida selvagem, dados á anthropophagia como dantes, e baldos inteiramente da luz do evangelho. Comtudo a influencia e o manejo dos padres podiam mais que estas queixas; mas o mesmo máu êxito dellas, concorria por outra parte para aggravar a crise, perdida pelos moradores toda a esperança de a verem resolvida por meios pacificos.

Era evidente que a hora dos tumultos e das violencias se aproximava; e no meio de uma situação já de si tão ameaçadora, alguns mesquinhos incidentes vieram ainda azedar os animos, e precipitar os acontecimentos.

Um certo alferes que se não nomea, e mais outro seu companheiro tão desbocado como elle, propagaram um boato injurioso ao character austero do P. Antonio Vieira, que estando gravemente enfermo, e com o sagrado viatico á vista, declarou em presença de várias pessoas auctorisadas não só que o boato era calumnioso, senão que perdoava aos seus calumniadores o falso testemunho que lhe haviam levantado, em ódio do seu zêlo.

André de Barros, que refere este successo, não declara em que consistia a calúmnia; mas a sua mesma reserva nos induz a crer que se não tractaria de mais que de alguma amavel fraqueza, cuja vulgarisação, se respeitasse a qualquer pobre peccador leigo, nem seria digna de reparo, mas constituia um crime escandaloso e inaudito, tocando a tal e tamanho membro da ordem. [1] Assevera o chronista do

[1] Eis como a tal respeito se exprime André de Barros: «Corria neste tempo contra o P. Antonio Vieira em escandaloso rumor denegrida a fama, gritando delle por mil bocas com imposturа execranda um enorme delicto. Padecia em tal sujeito a companhia toda o maior desdouro; ou todo o choro das virtudes sentia descomposta aquella consonancia, que sempre guardára constante varão tão sublime. Um alferes, cujo nome se cala, por mais que merecia em cada patibulo uma pendente estatua, e um pregoeiro de sua infamia em cada praça;—

padre que este insigne varão conservou immaculada pureza até á morte, reunindo assim ás assucenas de virgem os laureis de doutor. Mas como elle em Hollanda, por servir ao rei e á patria, e com grande sacrificio sem dúvida da sua innata rigidez, vestíra os habitos elegantes do cavalheiro, e galanteára nos salões; e no Maranhão e Grão-Pará, offendido o seu pudor da patente nudez dos indios, gastava uma boa parte do seu cabedal em dar-lhes roupas com que a cobrissem, mormente ás indias;—destas mesmas virtudes tomaria a calúmnia occasião para despedir-lhe as hervadas setas. O crime, se era este, postoque grave, devia excitar mais desprêso que indignação, Vieira o perdoou ás portas da morte, que felizmente se não verificou; mas a companhia, severa e inexoravel nas cousas que tocavam á honra de seus membros, fez instaurar um processo, em que os abominaveis calumniadores foram condemnados a degredo perpétuo para fóra do estado, e a irem á matriz ouvir a sentença, de mordaça na boca, e despidos da cintura para cima. «Justo castigo de umas bocas, «observa André de Barros, que eram do número da- «quellas, de quem disse David:—*Posuerunt in cœlo os «suum.*»

Deram a ver aqui os padres que sabiam fazer-se servir o nectar delicioso da vingança com magnificen-

«este, com outro companheiro seu, foram o negro Cocyto e «Phlegetonte escuro, que correram tinta para macular com um «testemunho falso a mesma luz.»

cia de principes; mas querendo d'um só lanço mostrar todas as virtudes, intervieram e pediram em dia do glorioso P. Sancto Ignacio para que, remittida a parte mais indecorosa da sentença, viesse a ter effeito sómente a pena de destêrro. Entretanto naquellas críticas circumstancias parece que nem o rigor, nem a piedade, usados por semelhante modo, eram proprios para desarmar o ánimo irritado daquelles mesmos habitantes, que Antonio Vieira havia solemnemente proclamado do alto do pulpito como grandes e superlativos calumniadores e maldizentes.

O outro accidente tambem tinha a raiz na maledicencia. Havia o P. Antonio Vieira escripto umas cartas ao bispo do Japão; nas quaes dava conta a el-rei das cousas do Maranhão, e não só referia em geral as necessidades das missões, senão descia ainda ao particular de escrever das vidas alheias, pintando com vivas e sem dúvida negras côres aos mais dos seus antagonistas destas capitanías. Comoquerque êstas cartas cahiram em poder de algum seu desafeiçoado, e segundo se crê, de um dos mesmos que iam nellas retratados, foram abertas, lidas e enviadas para o Maranhão, onde poderá o leitor imaginar como ficaria cada um dos offendidos, ardendo em colera, e em desejos de vingança. As camaras das duas capitanías, que por meio de convites reciprocamente dirigidos e aceitos, se haviam confederado para melhor resistirem ao inimigo commum, pozeram-se á frente do movimento; e foi a de Belem quem deu o signal,

começando com o P. Antonio Vieira aquella memoravel correspondencia que Berredo nos conservou, e é um curioso documento não só do estado da nossa patria naquelle tempo, como do talento dos antagonistas do grande orador, os quaes, é fôrça confessa-lo, desta vez lutaram com elle, não de todo sem alguma vantagem.

A primeira carta que escreveu a camara ao P. Superior é datada de 15 de janeiro de 1661. Nella representou a grande limitação em que viviam os moradores, de certos annos atraz, pela falta que sentiam de escravos, sem os quaes lhes era impossivel subsistir. Que mingoando tambem por essa causa as rendas da corôa, com grande prejuizo dos contractadores, não houve mais quem quizesse arremata-las, pelo que se estavam arrecadando por conta da real fazenda, e tão deficientes, que era mister pôr fintas ao povo com que haver farinha para a infantaria. Que ás vezes não havia dinheiro nem para pagar ao vigario da matriz, e aos capuchos de Sancto Antonio. Quanto aos nobres que haviam conquistado e conservado a terra para el-rei, a preço do seu sangue, esses já nem podiam vir com suas familias á cidade, por lhes faltarem escravos que esquipassem as canoas, e na noite de natal deixaram de vir, por não terem suas filhas que vestir para ir á missa. Os mesmos que moravam na cidade não tinham quem lhes fosse buscar um feixe de lenha ao mato, ou um pote d'agua á fonte, derivando toda esta miseria e geral ruina da falta

de resgates, quando no sertão abundavam tantos escravos. Que era tal e tanta miseria que o geral dos moradores, e ainda os mais qualificados, andavam vestidos de panno de algodão grosso da terra, tincto de preto, e este mesmo nem todos o podiam haver, em rasão do seu excessivo preço de tresentos réis á vara, quando os annos passados o preço commum era de cem reis. Que era emfim cousa inaudita que os conquistadores da terra houvessem de comprar um escravo gentio por setenta mil reis, só pelos não poderem resgatar, como era tão facil, e S. M. permittia por suas leis. E que pois á S. Paternidade competia marcar as entradas, houvesse de acudir com este unico remedio a tantas necessidades, que lhe eram presentes e notorias.

O P. Antonio Vieira levou quasi um mez a meditar a sua resposta, se não é que de proposito a demorou para melhor fazer sentir e alardear o seu poder. Não a deu senão a 12 de fevereiro seguinte. Em seu conceito a pobreza da terra não vinha só da falta de escravos, como entendia a camara, senão de outras muitas que passava a enumerar. Era a primeira e principal ser a terra toda muito cortada de rios, circumstancia que assás difficultava as communicações, e tornava muito dispendioso o commércio, que de necessidade se havia de fazer por mar. A segunda era a diminuição dos recursos naturaes da caça e pesca, de que se antigamente fazia o principal sustento, e que por via de regra costumam mingoar com o tem-

po, e com o augmento da população. A terceira era a falta de govêrno politico, não havendo a camara provido por suas posturas para que houvesse praça, açougue e as mais cousas de venda ou aluguel; com que necessariamente cada familia havia de ter tudo quanto costuma ter uma republica; porque para a carne havia de ter caçador, para o peixe, pescador, para o panno, fiandeiras e tecelão, para o pão, lavradores, e para o caminho, embarcação e remeiros, afóra todos os outros serviços domesticos.[1] A quarta vinha das mudanças e guerras do reino, com que haviam excessivamente encarecido todos os generos de fóra, dando em baixa os assucares e tabacos, que eram os da terra. A quinta emfim estava na vaidade e nos gastos desordenados, que se não mediam pelas posses, mas pelo appetite. Além destas causas públicas, devia de haver outras secretas, reservadas á sciencia e providencia divina, como fossem castigos de peccados, e outros juisos secretos daquelle senhor, que o é da vida e da morte. Que na sua mão tinha a camara o prover sobre o govêrno politico; e quanto ao remedio dos escravos do sertão, elle padre o approvava muito, e para que os houvesse bem, tinha insistido e pelejado com S. M. que queria todos os in-

[1] Em outro logar diz Vieira escrevendo ao P. Provincial do Brazil: «Não corre nesta terra dinheiro, e as vendas se fazem «por commutações, como na primeira idade do mundo: não ha «praça pública, ou casas particulares, em que as cousas neces«sarias para a vida estejam expostas,com que vem a ser forçoso «terem-n'as todos de sua lavra, como verdadeiramente as têm.»

dios livres—mas esse remedio só não bastava, porque por mais que fossem os escravos trazidos do sertão, mais eram ainda os que morriam, como mostrava a experiencia de cada dia, sendo muito preferivel manda-los vir de Angola, porque os indios resistiam menos ao trabalho e ás doenças, e por estarem tão perto das suas terras, ou fugiam, ou os matavam as saudades dellas. Que no tocante ás entradas não havia rasão de queixa, pois a contar da lei de 1655, maior era o número das missões que o dos annos, havendo descido dellas passante de tres mil indios fôrros, e mil e oitocentos escravos; e se apesar disso, havia falta e carestia delles, tudo se devia ao modo vicioso da repartição, sobre o que devia o senado representar e prover convenientemente, pois tal obrigação não corria a cargo dos missionarios, tanto mais que havendo elle P. Vieira proposto um bom methodo de se repartirem *pró-rata* por todas as capitanías do estado, pelo preço do sertão que, na maior carestia do ferro, não chega a quatro mil reis, foi o seu alvitre rejeitado. Que apesar porém de tudo, estava já dispondo nova missão para aquelle anno, e como a camara quizesse ir de harmonia com elle, era de esperar se colhessem muitos escravos, em proveito commum da religião e da republica.

A réplica do senado não se fez esperar, e tres dias depois foi apresentada ao padre, por uma commissão do seu seio. Á rasão de que maior era o número das missões que o dos annos, respondeu com um ada-

gio antigo: *Muito pão tem Castella, mal por quem lazera*. Em que tinham aproveitado essas missões aos moradores do Pará? muito mais haviam lucrado com ellas os indios mansos, que foram nas tropas ao sertão, sendo os mais dos escravos, que se trouxeram, entregues aos padres missionarios, e mandados vender em Gurupy e S. Luiz. Se a camara se oppoz ao methodo de repartição de S. Paternidade, era porque oitenta resgates não bastavam para a capitanía, havendo elles de repartir-se com o capitão-mór, officiaes militares, provedor da fazenda, conventos, ecclesiasticos, casados, viuvas, orphãos e donzellas. Á increpação de falta de policia na terra, respondia que o mal já vinha de muito longe, e não era para se emendar de uma hora para outra. «E já que Deus deu «a V. Paternidade tão grande juiso e entendimento «(copiamos aqui textualmente) seja servido de nos fa«zer mercê por serviço de Deus e de S. M., o reme«dio deste povo, dar-nos caminho para nos governar «bem, e passar a vida sem vaidades nem gastos ex«cessivos, cada qual conforme a sua qualidade, sem «ter escravos que nos sirvam! Muito Reverendo Pa«dre Visitador Geral destas missões, S. M. não manda «que os escravos se resgatem a particulares, e sim se «façam christãmente para todos os seus vassallos. Não «permitta V. Paternidade ser este povo o mais desgra«çado, pois tem tantos e tão leaes vassallos de S. M. «que a tantos annos o estão servindo, derramando o «seu sangue, e os seus antepassados passando muitas

«fomes em sujeitar os indios, dos quaes V. Paterni-«dade está de presente senhor delles. Seja pois V. «Paternidade servido não se mostrar tão avaro dos «sertões que Deus nos deu, e nós sujeitamos, con-«quistamos e avassallamos á S. M.; e concedendo-«nos o dito senhor licença para resgatarmos escravos «licitos, nós estes pedimos, e estes queremos fazer «para acudir ás necessidades deste povo, visto se es-«tarem comendo nos sertões, o que parece mais ser-«viço de Deus, porquanto livrando-os da morte, se «poderão salvar alguns estando em nosso poder— «*ainda que os matem as saudades das suas terras*, «como a V. Paternidade parece. Lembre-se V. Pa-«ternidade da promessa que os missionarios fizeram «a S. M.—de que não haviam de tirar lucro dos in-«dios fôrros, nem com elles fabricar fazendas, nem «canaviaes, e só tractarem da doutrina espiritual; e «se acaso V. Paternidade tem alguma ordem de S. M. «no temporal, será servido manda-la apresentar nes-«te tribunal, para que nos conste della; porquanto «tem mandado os governadores deste estado que «ninguem possa usar de jurisdição alguma, sem pri-«meiro registrar o poder que tem.»

Apresentado este papel a Antonio Vieira, elle o leu todo de princípio a fim, em presença dos offi-ciaes da camara, a quem, finda a leitura, disse com soberbo desdem que nada tinha de acrescentar ao que já havia respondido; que no tocante á jurisdic-ção real e temporal, se a tinha ou não, a seu tempo

o diria; e se os officiaes da camara tivessem poder para lh'o perguntar, que elle lh'o diria, e daria rasão disso.

Era assim que estes ardentes adversarios se preparavam para outro genero de combate mais funesto, por meio desta justa de palavras e argumentos, em que de parte a parte se chasqueavam espirituosamente, pagando em todo o caso os pobres indios as custas de todas as suas agudezas e remoques. Não passem sem reparo os singulares argumentos com que Vieira explica as causas da pobreza da terra—o ser ella muito cortada de rios, e o ter ido a caça mingoando gradualmente. Com rasão se observou já que a nenhum genio, por mais penetrante que seja, é dado ver além dos horisontes do seu seculo. Hoje em dia, ao revez do que entendia este notavel jesuita, rasga-se a terra a grande custo para abrir em seu seio rios artificiaes, onde fallecem os naturaes. Elle nada menos teria rasão se se tractasse sómente de povos barbaros, pois que em verdade a um selvagem é muito mais facil percorrer qualquer espaço só com o soccorro dos seus pés, do que atravessar rios e bahias, para o que já lhe é indispensavel ter canoas, e outros aparelhos mais ou menos complicados. O êrro de Antonio Vieira estava todo em querer applicar a um estado de civilisação, que já lhe parecia adiantado, os meios e instrumentos, que apenas são compativeis com a primeira infancia della.

Como a tormenta parecia mais imminente em S. Luiz partiu o P. Superior de Belem para aqui, mas já na bahia do Cumã, e apenas em distancia de um dia de viagem, soube que os moradores do Maranhão o tinham prevenido, havendo rebentado de 15 a 17 de maio a commoção, em resultado da qual foram os jesuitas expulsos do seu collegio, e o respectivo superior, Ricardo Cacere, obrigado a assignar perante a camara um auto de desistencia da administração temporal dos indios. Uma carta que o governador D. Pedro de Mello escreveu a Antonio Vieira, e que Berredo tambem nos conservou, refere alguns curiosos pormenores deste movimento popular. Serviram de pretexto para elle as famosas cartas dirigidas ao bispo do Japão. A multidão affluia á praça que ficava em frente do senado da camara, onde se tinha de eleger um juiz do povo, que provêsse ao extraordinario das circumstancias, e onde se procedia a um inquerito sobre o conteúdo das mesmas cartas, no qual tinham de ser interrogados os padres da companhia, accusados como calumniadores do povo. Nisto, ou aventurado por mero acaso, como em taes crizes frequentemente succede, ou derramado muito de proposito, correu o boato de que os indios de S. José, com um dos padres á sua frente, se haviam sublevado, e dispunham instrumentos de supplício para castigo dos moradores. Então o furor da multidão já amotinada não conheceu mais limites, e correndo todos em turba, violaram o collegio dos padres, e os expulsaram

ignominiosamente. O governador chamou ás armas as duas companhias de infantaria da praça; mas os soldados declararam que as não tomariam contra os moradores que os alimentavam, e a favor dos padres, que eram causa da geral ruina. Neste desamparo correu o governador ao senado, e ora das escadas da casa, ora das janellas, arengava a multidão em sentido favoravel ás paixões desta, com o intuito sómente de applaca-las, (assim o diz, desculpando-se, na carta que escreveu ao padre), pois sendo o tumulto de mais de seiscentas pessoas, não tinha ao redor de si mais de cinco ou seis em quem podesse confiar. As mesmas cartas que escrevia, referindo ao padre o succedido, e aconselhando-o a retroceder, receava D. Pedro de Mello que fossem interceptadas e abertas. Diziam-lhe que estavam todos juramentados, por se acaso fosse prêso um só dos amotinados, levantarem-se em massa, investirem, e pôrem tudo a ferro e fogo; havendo outrosim entre elles resolução formada de recambiarem para o reino, só com a aguada indispensavel, a qualquer syndicante ou governador que viesse de Lisbôa com ánimo hostil. «Em re«solução (conclue D. Pedro no seu estylo inculto e «extravagante) está esta gente tão rebellada, que não «póde ser mais; e o coitado do patife (fallava de si) «ouvindo tudo isto, mordendo-se, sem poder mor«der, mas, mas, mas, &.»

Não se perturbou o P. Antonio Vieira com estas notícias; retrocedeu immediatamente para o Gurupy,

e encontrando na camara o capitão-mór todo o favor e ajuda que poderia desejar, seguiu para o Pará, escoltado de tres canoas armadas em guerra, e ali chegou a 21 de junho, antes de propagada a notícia dos successos do Maranhão. A extensa carta que vamos substanciar, e que elle no mesmo dia dirigiu ao senado de Belém, mostra o ardor bellicoso de que o missionario se achava possuido, e o como estava resoluto a combater a todo transe.

Depois de enumerar os seus titulos, bem como os poderes de que se achava revestido, refere o padre a rebellião do Maranhão, e acrescenta que se ella não fosse devidamente rebatida, perder-se-hia todo o fructo do trabalho das missões, tão recommendadas e amparadas de S. M. Descreve essas missões pelas entradas, descimentos, e pazes feitas, (de tudo o que já temos inteirado o leitor), e pergunta quem havia de ter mão em todas estas nações pacificadas e reduzidas á fé, ou inclinadas a sê-lo quando vissem as promessas e as leis quebrantadas? O modo de prégar dos padres era com o evangelho em uma mão, e com as leis de S. M. em outra; porque mostrava a experiencia que só na confiança do bom tractamento que nas ditas leis se lhes promettia, e na fé e credito que davam aos religiosos da companhia, se atreviam as ditas nações a sahir dos matos, onde geralmente as trazia retiradas a lembrança e temor das passadas oppressões; mas como agora vissem que nem as leis, nem os padres se defendiam a si, como haveriam de crer que

os defendessem a elles? Pelo que, e por todos os damnos que se podiam seguir, da parte de Deus, e do sangue de Jesus-Christo, derramado por aquellas almas, e da parte de S. M., cuja consciencia estava obrigada á conservação dellas; da parte dos ditos indios, gentios e christãos, como procurador e curador que era de todos; da parte emfim da mesma republica e de todo o estado, requeria elle P. Antonio Vieira e mais religiosos a SS. Mercês que, com os olhos postos somente em Deus e em seu serviço e na conta estreitissima que lhe haviam de dar muito cedo, e com os corações muito limpos de qualquer respeito particular, considerassem todas e cada uma das cousas que naquelle papel se lhe representavam, e acudissem logo ao remedio de tantos e tão irreparaveis damnos, como era bem facil, visto não estar ainda divulgado o caso. E porque era certo que os moradores do Maranhão haviam de procurar fazer complices do mesmo delicto aos do Pará, mandando a esse effeito emissarios que occultamente os corrompessem, e persuadissem, importava muito que em quanto durasse o perigo, mandasse a camara impedir com toda a vigilancia, a communicação e passagem daquella para esta capitania, assim como se usa com os logares empestados, para que o contagio se não propague. Aliás por parte de Deus, e de S. M. protestavam por todos os damnos e ruinas irreparaveis temporaes e espirituaes, que do contrário se seguissem.

A camara respondeu-lhe dentro de dous dias, protestando a sua adhesão á religião e á el-rei, e assegurando que empregaria todos os seus esforços para manter a ordem na capitanía; e terminou declarando que em representação já por ella dirigida a S. M., se por um lado se dava por satisfeita com a doutrina espiritual dos padres, por outro se havia queixado do procedimento com que S. Paternidade, e todos os seus subditos se haviam no govêrno temporal dos indios, com jurisdicção tão violenta, que tinha posto toda a capitanía no estado mais miseravel, por maneira que os moradores e povoadores della não eram senhores de resgatar um só escravo.

Todas estas precauções, ameaças e protestos foram inuteis. Triumphantes os sediciosos do Maranhão, não se deixaram adormecer no seio da victória; e enviaram promptamente diversos emissarios, quer para Belém, afim de promoverem uma sublevação igual á de S. Luiz, quer para Lisbôa, a representarem as suas queixas, e desculparem a sedição. Para esta última missão foi escolhido o famoso Jorge de S. Payo de Carvalho, cidadão activo e emprehendedor, que já de então se lançava nessa carreira fatal das revoluções por onde vinte annos mais tarde devia chegar ao cadafalso.

Divulgados emfim no Pará os successos do Mara-

nhão, e nem o segrêdo se podia guardar por muito tempo, começou o povo a alvorotar-se. Em vão procuraram o senado e os nobres acalmar o seu furor; as suas mesmas deligencias redundaram em prejuizo da paz, senão é que de proposito foram encaminhadas a esse fim, como suspeitaram os escriptores jesuitas. [1] O certo é que resolvendo o senado convocar os moradores para a eleição de tres nobres dos mais qualificados que, com o mesmo senado, provessem á segurança pública, e começando a eleição a 13 de julho, aconteceu, como dous mezes antes se tinha visto em S. Luiz, que do mesmo concurso da multidão derivou o perigo que se pretendia remover. No dia 17, recolhida a corporação do senado depois da procissão do anjo custodio, rompeu o povo em altos brados, pedindo a nomeação de um juiz, que para logo obteve.

Infatuados com este primeiro triumpho, guiaram os sediciosos tumultuariamente para o collegio da companhia, invadiram-n'o de mão armada, e ali prenderam todos os padres que acharam, inclusive Antonio Vieira, e conduziram-n'os a diversas prisões, no meio de vaias, ameaças e espadas nuas, sendo Vieira recluso na ermida de S. João, separado de todos os mais companheiros. Sem dar inteiro credito a André de Barros, o qual affirma que os mesmos padres enfermos e moribundos foram arrastados, e que a An-

[1] Veja-se André de Barros, T. 1.º Cap. CXI.

tonio Vieira até se negava o indispensavel alimento, é de presumir comtudo que a multidão victoriosa se demasiasse em toda a casta de excessos. Antonio Vieira, em particular, foi objecto das maiores affrontas; guardado á vista e incommunicavel em uma prisão solitaria, a plebe vil e despresivel ali vinha insulta-lo sem piedade. Este o chamava hereje, aquelle judeu, tanto que fôra baptisado em pé; est'outro emfim feiticeiro, que trazia comsigo um genio familiar, com que lograva enganar a todos. Quando entre as vaias da gentalha e soldadesca era conduzido do collegio para a prisão, um dos principaes da terra chegou-se a elle, e perguntou-lhe em tom de mofa: *Onde está agora, P. Antonio Vieira, a sua sabedoria e artes, se não sabe livrar-se deste conflicto?* Fosse sobranceria ou abatimento, o padre nada lhe respondeu; mas a injúria devia pungi-lo no intimo d'alma, a elle sempre tão desvanecido da sua immensa superioridade, agora miseravel prêsa e baldão de alguns obscuros sediciosos, eterno objecto do seu odio, para não dizer do seu desprêso.

Esta injúria porém não devia ser a última, pois pelos mesmos tempos em que tragava no Pará todas estas affrontas, o governador D. Pedro de Mello, seu grande amigo, que elle por tantas vezes e ainda bem recentemente recommendára para a côrte com grande encarecimento dos seus serviços, [1] infiel na presente

[1] Cartas 16.ª e 17.ª a el-rei, e ao bispo do Japão, datadas em 4 de dezembro de 1660. T. 1.º

desgraça, reclamava por um auto público algumas assignaturas em branco que lhe confiara, para mais prompta expedição dos negocios, a que de tão longe não podia prover. Suspeitando-o agora capaz de fazer dellas um uso contrário á lealdade devida a el-rei, protestou contra isso de um modo altamente indecoroso na deploravel situação em que se achava o padre, havendo outrosim por nullo e vão tudo quanto pelo dito padre houvesse sido obrado, mediante as assignaturas.

Por mais que Berredo o defenda, não parecem destituidas de fundamento as accusações que naquelle tempo se fizeram a D. Pedro de Mello, senão de favorecer abertamente, ao menos de não impedir a revólta quanto cabia em suas fôrças. Tinha chegado a tal excesso, e era tão monstruoso o poder temporal dos jesuitas, que o do governador, reduzido a completa nullidade, já quasi não tinha em que exercitar-se na parte mais importante do govêrno do estado; por onde não era de presumir que D. Pedro de Mello sentisse muito a quéda de uma influencia que annullava a sua. Se as accusações que se lhe faziam eram infundadas, a absoluta falta de resistencia aos actos dos rebeldes, e a reclamação das assignaturas em occasião tão inoportuna, não são todavia muito proprias para justifica-lo, e servem a provar, senão connivencia, a mais vergonhosa incapacidade.

Colhidos á mão quantos padres havia em Belém, e os mais que foi possivel encontrar nas missões do in-

terior, (alguns se homisiaram) o povo enviou todos para o Maranhão com o superior. Chegados aqui, foi Antonio Vieira recolhido a um carcere separado, e bem que instasse muito para que o deixassem estar no seu collegio, até o tempo da partida para Lisbôa, não o pôde de modo algum conseguir, receando os cabecilhas por uma parte que dali, em communicação com os amigos, podesse mais desafogadamente tentar alguma entrepreza; e clamando o vulgacho pela outra que era rasão tê-lo a bom recado, não succedesse fallar com o diabo, e usar das suas artes costumadas. [1]

E com effeito este homem tenaz não tinha vergado com o infortunio, e não lhe soffrendo o ánimo deixar-se vencer sem resistencia, do fundo mesmo da sua prisão tentou dividir o povo em partidos, fazendo distribuir alguns escriptos vehementes. Chegando porém o caso ao conhecimento dos chefes da sublevação, estes o passaram immediatamente para bordo do navio que devia conduzi-lo a Lisbôa com a maior parte dos companheiros. Mas eis que nas proximidades da viagem é notificado por parte do juiz do povo para mudar de embarcação, e effectivamente transferido da náu *Sacramento*, em que já se achava, para uma pessima caravela, rôta, mal-aparelhada, e destituida

[1] André de Barros diz que não consentiram a Vieira o desembarcar em Maranhão, e que da embarcação que o trouxera do Pará o baldearam logo para a que o conduziu a Lisbôa. Nós porém seguimos a versão de Berredo, que sobre ser de auctor mais bem informado, é mais conforme á reclamação que o padre dirigiu a D. Pedro de Mello.

de todas as commodidades e decencia indispensaveis a uma personagem tão illustre, e a um ancião tão veneravel, e isto sob o pretexto de que o governador estranhára á camara dispôr por aquelle modo de uma náu pertencente ao estado, sem lhe pedir auctorisação. Em vão dirigiu Antonio Vieira uma reclamação ao mesmo governador, a quem todavia já não expressava os affectos de amigo, protestando contra esta inutil aggravação, que só tinha por fim ou faze-lo perecer no mar, ou demorar quanto possivel a sua chegada a Lisbôa, como haviam recommendado os sediciosos do Pará; e pedindo ser restituido á náu *Sacramento*, onde iam para mais de cincoenta pessoas, e entre ellas, nove ciganos, e muitos pobres. D. Pedro de Mello, ou impotente, ou malevolo, mostrou-se surdo e insensivel, nem consta que désse providencia alguma.

É triste, porém forçoso dizer aqui, que o illustre missionario, em vez de limitar-se a protestar nobremente de toda a altura de sua dignidade contra esta odiosa e inutil vexação, possuido daquella incuravel vaidade que era o elemento preponderante do seu character, allegou como argumento principal, que a sua vida era preciosa, e se devia sobretudo resguardar, pois só elle possuia altos segredos politicos que importavam á salvação do reino, e lhe tinham sido outr'ora communicados pelo rei defuncto, os quaes poderiam ficar com elle sepultados no Occeano; a não se lhe dar embarcação segura para seu transporte. E

sobre isto, rebaixou-se ainda, elle personagem tão grave a quem nenhuma injúria podia desauctorisar, fazendo-se objecto de uma comparação rasteira e vil. *Se eu fôra um negro de el-rei* (escreveu ao terminar o seu protesto) *ou um macaco destes mattos que se lhe mandasse, certo me haviam de metter no navio mais seguro.*

Trinta e dous padres das duas capitanías chegaram successivamente a Lisbôa, em tres differentes viagens, desterrados para a propria patria, como eloquentemente dizia Antonio Vieira. Alguns outros conseguiram ficar, devendo-o menos ao consentimento dos sublevados, que a certos incidentes estranhos á sua vontade, como opportunamente teremos de ver. A colonia jesuita, tão pobre de operarios nos primeiros tempos da missão de Vieira, tinha medrado a olhos vistos, e sem fallar em outras vantagens colhidas, só o seu pessoal se achava mais que duplicado.

A chegada lastimosa de semelhante cohorte de taes e tantos desterrados era bem propria a commover os animos. Todavia a côrte, já então dividida em facções, mostrou-se indifferente e fria; os ministros, divertida a attenção para outros negocios de maior momento, não a prestaram ás reclamações de Antonio Vieira, e a propria regente, saturada de desgostos, e já meio resoluta a deixar os negocios, não o recebeu como elle desejava. Desenganado então de que pouco lhe haviam de medrar as sollicitações e empenhos particulares, recorreu á sua arma favorita è poderosa de

orador, e buscando occasião de a manejar com vantagem, conseguiu que o encarregassem de prégar no dia 6 de janeiro de 1661 na capella real, em presença da rainha e de toda a côrte.[1]

O sujeito do evangelho do dia não podia de certo ser mais propício ás intenções e interesses do orador, pois versava sobre a primitiva conversão da gentilidade. Dahi tomou elle occasião para compara-la com as suas missões do Maranhão e Grão-Pará, não sem violencia e máu gosto, e com grande cópia de antitheses, e citações de textos, que interpretava, ora com subtileza, ora descahindo em absurdos intoleraveis. Assim, os indios eram os reis magos que do oriente vieram adorar a Christo em Belém; a estrella, que os guiou e illuminou, eram os padres missionarios da companhia; e os colonos perseguidores de indios, não menos que o rei Herodes, o degolador dos innocentes.

Instituida por este modo a comparação dos tempos antigos e modernos, e do oriente com o occidente, tractou o orador de justificar-se, e mais a companhia, e de accusar os seus inimigos. Lembrou e enumerou os serviços dos padres missionarios, as delicias da patria trocadas pelas privações e asperezas dos desertos, os mares atravessados, os rios e os sertões devas-

[1] Este famoso sermão da epiphania, que vem no T. 4.º, contém não menos de quarenta e nove paginas em 4.º, divididas em duas columnas.

sados, os barbaros domados e convertidos, e todas as outras enormes difficuldades vencidas para se levarem ao cabo estes grandiosos trabalhos.

Em paga de serviços taes e tantos, era a companhia calumniada e accusada. Mas de que? de querer accumular as duas jurisdicções, a espiritual e a temporal. Entretanto que não havia cousa mais necessaria e mais justa. Não fôra grande sem rasão, e ainda impiedade, trazer os magos a Christo, e entrega-lo depois a Herodes? Pois estas eram as culpas dos padres missionarios, e a unica causa por que andavam tão perseguidos. Queriam que elles trouxessem os gentios á fé, e os entregassem á cobiça;—as ovelhas ao rebanho, para serem entregues ao cutello. Acabasse por uma vez de entender Portugal que não poderia haver christandade nas conquistas sem os ministros do evangelho terem abertos e livres os dous caminhos que, em igual dia, lhes mostrava Christo. Um para trazerem os magos á adoração, e outro para os livrarem da perseguição. Um para trazerem os indios á fé, e á salvação das suas almas; outro para libertarem os seus corpos da tyrannia. Neste segundo caminho estava toda a dúvida, porque nelle consistia toda a tentação. Queriam que aos ministros do evangelho pertencesse só a cura das almas, e que a servidão e captiveiro dos corpos fosse só dos ministros do estado. Fôra isto, nem mais nem menos, o que quizera Herodes. Não era esse entretanto o govêrno de Christo; a mesma Providencia que trouxe os magos por um ca-

minho, os poz em salvo por outro; e querer dividir estes caminhos, tanto montava como obstrui-los. Ainda que um delles parecia só espiritual, e o outro temporal, ambos pertenciam á igreja, como as chaves de S. Pedro, porque por um abriam-se as portas do ceo, e por outro fechavam-se as do inferno.—Não havia Christo dito a S. Pedro: *Super hanc petram ædificabo ecclesiam meam: Tibi dabo claves regnum cœlorum: et portæ inferi non prævalebunt adversus eam?* Que importaria que Pedro tivesse as chaves das portas do ceo, se prevalecessem contra elle, e contra a igreja, as portas do inferno? E cumpria attender a que Christo não dera a Pedro uma *chave*, senão *chaves; Tibi dabo claves*—prova manifesta de que as chaves deviam de ser duas, e estarem ambas na mesma mão—uma para levar os gentios a Christo—outra para os defender do demonio e seus ministros.

Ora toda a teima do mesmo demonio era que estas chaves e estes poderes se dividissem, e estivessem em differentes mãos. Não o haviam porém entendido assim os senhores reis que fundaram aquellas christandades, os quaes sempre uniram um e outro poder, e o fiaram dos ministros do evangelho, entendendo que só quem converte os gentios, os póde zelar e defender; e que assim como dividir as almas dos corpos, é matar; assim dividir estes dous cuidados, é destruir. Quando os israilitas reedificaram o templo e a cidade de Jerusalem, cada um dos officiaes fazia com uma mão a obra, e na outra tinha a

espada: *Una manu faciebat opus, et altera tenebat gladium.* Do mesmo modo acontecia agora aos edificadores das novas igrejas, que trabalhavam entre inimigos e homens de meia fé; e como estes, com todas as fôrças do seu poder, impediam o edificio, era necessario trabalhar, e juntamente defender. E se faltasse a espada, não só pararia, como parou, a obra, mas afinal viria a perder-se.

Verdade era ser a espada instrumento profano e leigo, que não dizia bem em mãos sagradas. Mas S. Paulo, o apostolo por excellencia, não andava sempre com a espada em uma mão, e o livro na outra? E porque? porque foi Paulo o vaso de eleição particularmente escolhido por Christo para prégador de gentios. E se esta espada se tirasse da mão de S. Paulo, para se metter na de Herodes, que succederia? nadaria todo Belém em sangue innocente, e foi isso o que se viu.

De resto para arredar qualquer escrupulo, e não fazer mais dúvida o nome de espada, não havia cousa mais facil do que troca-la pelo cajado, que era instrumento proprio de pastores; e bem sabido era que aos missionarios, como pastores, corria estreita obrigação de guardar dos lobos as suas ovelhas, e sem cajado certamente não o alcançariam. Não de outra sorte procedia David, quando andava no campo apascentando as suas.

Depois desta singular apologia da accumulação das duas jurisdicções, que é ao mesmo tempo um spe-

cimen do estylo habitual dos seus discursos, passa Antonio Vieira a defender-se de accusações de outro genero. Respeitavam estas aos lucros que os padres tiravam do serviço dos indios. Diziam os moradores que o seu zêlo era interesseiro, porque viam que nas aldêas edificavam as igrejas com os indios; nos rios navegavam em canoas esquipadas pelos indios; e nas missões, por terra ou por agua, sempre os acompanhavam ou conduziam os indios. E dahi não restava dúvida, que se os padres queriam os indios, era para os servirem a elles. Mas para sua defeza, não tinham mais que apontar para o evangelho. Os magos, que tambem eram indios, não acompanhavam a estrella de tal modo, que ella se não movia sem elles? Mas nestes passos e caminhos quem é que servia? Claro está que a estrella, que os foi buscar tão longe, os trouxe ao presepio, os alumiava, os guiava, e não para que elles a servissem a ella, senão a Christo, por quem ella os servia.

Assim, e por este modo, serviam os padres aos indios. Se edificavam com elles as suas igrejas, cujas paredes eram de barro, as columnas de páu tosco, e o tecto de folhas de palma, eram os padres os mestres e os obreiros daquella architectura, com o prumo, com a enxada, com a serra, e os outros instrumentos na mão. Os indios serviam a Deus e a si; e os padres a Deus e a elles. Se os vinham buscar em uma canoa, era para os ir doutrinar por seu turno, ou para sacramentarem algum enfermo, a qualquer hora do dia ou

da noite, em distancia de muitas leguas. E porque, deste modo, nas aldêas, ou fóra dellas, sempre viam os padres com os indios, interpretavam esta assistencia tão ás avessas, que em vez de dizerem que os padres serviam aos indios, diziam que os indios serviam aos padres.

Pelo que tocava aos interesses, só diria o orador que todos os seus haveres tinham ficado em poder dos seus inimigos. Assim como os haviam prendido e desterrado, assim se apoderaram tambem das suas choupanas, e de quanto nellas encontraram. O que acharam? ouro e prata? só a dos calices e custodias. Nos altares achariam sacrarios, imagens, e reliquias; nas sachristias, ornamentos, não ricos, mas decentes e limpos; nas cellas de taipa parda e telha vã, alguns livros, catechismos, disciplinas, cilicios e uma tabúa ou rede em logar de camas; e se nas guarda-roupas encontraram alguns mantéos e sotainas remendadas, eram de algodão grosseiro e tinto na lama, como o calçado de pelles de veado e porco-montez, que eram as mesmas galas com que então se estavam mostrando na côrte. Os magos poderiam achar no presepio mais pobreza, porém mais provado desinteresse, isso não.

Outra arguição que faziam aos padres era que elles não queriam que os indios servissem ao povo. Grande calumnia por certo, pois sabía todo mundo que Antonio Vieira viera de proposito á côrte em 1655, para ajustar esta materia, que levou decidida em provisões régias, sendo que não só procurou regular a repar-

tição e o serviço dos indios em beneficio do povo, senão que nunca se oppôz á escravidão. Mas porque só a queria lícita, e os moradores a illicita, por isso eram os padres lançados ignominiosamente das suas missões. Nesta parte eram em verdade os padres bem culpados, e elle Antonio Vieira mais que todos; porque devendo defender os gentios que traziam a Christo, como Christo defendêra os magos; pelo contrário accommodavam-se á fraqueza do seu poder, e á fôrça do alheio, cedendo da justiça, e faltando á defeza dos indios, consentindo que perdessem a patria, a soberania e a liberdade, e não só consentindo-o, mas persuadindo-os a tudo isso, e capitulando-o com elles, para verem se assim podiam contentar a tyrannia dos christãos. Mas nada disto bastava para moderar a cobiça dos calumniadores da companhia, os quaes diziam que pois os indios eram negros, rasão era tambem que fossem escravos.

Todavia que abominavel injustiça não era fundar o direito no accidente das côres! As nações umas eram mais brancas, e outras mais pretas, segundo estavam mais ou menos visinhas ou remotas do sol. E podia haver maior inconsideração do entendimento, nem maior êrro do juiso entre homens e homens, do que cuidar um que devia de ser senhor do outro, porque nasceu mais longe do sol, e o outro seu escravo, porque nasceu mais perto? Quando a Ethiopiza, mulher de Moysés, segundo refere Salomão, se viu despresada, por ser preta, das matronas de Jerusalem, disse-

lhes com toda a rasão. *Filiæ Jerusalem, nolite considerare quod fusca sim, quia decoloravit me sol.* E quando os magos vieram ao presepio, posto que dous, Gaspar e Balthazar, fossem brancos, e Belchior, pretinho, Christo não fez selecção delles, e mais era o senhor dos senhores, mandou-os a todos embora livremente, bem que podesse reter Belchior por escravo, indaque fosse de S. Joseph.[1]

Já por algumas vezes considerára o orador por qual rasão permittira a Providencia, ou ordenára a divina justiça que as terras do Maranhão e outras visinhas cahissem em poder dos hereges do norte. E a rasão não era outra senão porque os portuguezes eram tão pretos em respeito delles, como os indios em respeito dos portuguezes; e era justo que, pois tinham feito taes leis, por ellas se executasse nelles o castigo—como se dissera Deus:—Já que vós fazeis captivos a estes, porque sois mais brancos que elles, eu vos farei captivos de outros, que sejam tambem mais brancos que vós.

Decididamente, nesta questão da escravidão se cifrava tudo, aqui batia o ponto de toda a controversia. No estado do Maranhão não havia outro ouro nem outra prata mais que o sangue e suor dos indios; o sangue se vendia nos que se captivavam, e o suor se

[1] Não deslembre o leitor que o P. Antonio Vieira advogou a escravidão dos africanos, antes e depois deste sermão, em 1661, e em 1669, como já ficou demonstrado nas paginas antecedentes.

convertia no tabaco, no assucar e nas mais drogas, que com os ditos indios se lavravam e fabricavam. Com este sangue e com este suor se remediava a necessidade dos moradores; e com este sangue, e com este suor, se enchia e se enriquecia a cobiça insaciavel dos que lá iam governar. E diziam que nem elles nem o estado se podiam sustentar e conservar de outro modo. Que! não se podiam sustentar senão com a carne dos miseros indios! Então eram estes os que comiam gente? E porque os prégadores do evangelho, que iam buscar ao sertão estas innocentes víctimas, as não queriam entregar ao açougue e matadoiro, *fóra, fóra de nossas terras*!

«Mas quem dissera ou imaginára (exclamava o orador depois de recordar largamente a glória das antigas missões e conquistas portuguezas, e a grande veneração que nellas se guardára sempre aos sacerdotes) «quem imaginára que os tempos e costumes se ha«viam de trocar e fazer tal mudança, que esta glória «nossa se visse entre nós eclypsada, e por nós escu«recida? Não queria passar á materia tão triste e tão «indigna, que por isso a fui dilatando tanto; (como «quem rodêa, e retarda os passos, por não chegar «aonde muito repugna) mas nem a fôrça da presente «occasião m'o permitte, nem a verdade de um dis«curso, que prometteu ser evangelico, o consente. «Quem imaginára, torno a dizer, que aquella glória «tão heroicamente adquirida nas tres partes do mun«do, e tão celebrada, e esclarecida em todas as qua-

«tro, se havia de escurecer e profanar em um rincão «ou arrabalde da America?

«Levantou o demonio este fumo, ou assoprou este «incendio entre as palhas de quatro choupanas, que «com o nome de cidade de Belém, poderam ser pa- «tria do Anti-Christo. E verdadeiramente, que se as «escripturas nos ensinaram que este monstro havia «de sahir de outra terra e de outra nação, já pode- «ramos cuidar que era nascido. Treme e tem hor- «ror a lingua de pronunciar o que viram os olhos; «mas sendo o caso tão horrendo, tão feio, e tão «atroz, e tão sacrilego, que se não póde dizer; é «tão público e tão notorio, que se não deve calar. Ou- «çam pois os excessos de tão nova e tão estranha «maldade os que só lhe podem pôr remedio; e se elles «(o que se não crê) faltarem á sua obrigação, não é «justo, nem Deus permitta, que eu falte á minha.

«O officio que então tive naquelle logar, e o que «tenho neste (posto que de ambos indigno) são os «que, com dobrado vínculo da consciencia, me obri- «gam a romper o silencio até agora observado, es- «perando que a mesma causa, por ser de Christo, «fallasse e perorasse por si, e não eu por ella. Fal- «larei pois, e provarei e farei certo o que disser, «porque sendo perseguidos e desterrados, somos nós «mesmos o corpo de delicto e a prova da accusa- «ção, permittindo a divina Providencia que eu, em «tal fórma, e as pessoas reverendas dos meus com- «panheiros, viessemos remettidos aos olhos desta côr-

«te, para que ella visse, e não duvidasse de crer, o «que de outro modo parecêra incrivel.

«Quem havia de crer que n'uma colonia chamada «de portuguezes, se visse a igreja sem obediencia, a «censura sem temor, o sacerdocio sem respeito, e as «pessoas e logares sagrados sem immunidade? Quem «havia de crer que houvessem de arrancar violenta-«mente de seus claustros aos religiosos, e leva-los «presos entre bellegnins e espadas núas pelas ruas «públicas, e te-los aferrolhados e com guardas até os «desterrarem? Quem havia de crer que, com a mes-«ma violencia e affronta, lançassem de suas christan-«dades aos prégadores do evangelho, com escandalo «nunca imaginado dos antigos christãos, sem pêjo «dos novamente convertidos, e á vista dos gentios «attonitos e pasmados? Quem havia de crer que até «aos mesmos parochos não perdoassem, e que che-«gassem a os despojar de suas igrejas, com interdicto «total do culto divino, e uso dos seus ministerios; «as igrejas ermas, os bautisterios fechados, os sacra-«rios sem sacramento; emfim o mesmo Christo pri-«vado de seus altares, e Deus de seus sacrificios? «Não fallo nos auctores e executores destes sacrile-«gios, tantas vezes, e por tantos titulos, excommun-«gados; porque lá lhes ficaram papas que os absol-«vam. Mas que será dos pobres e miseraveis indios, «que são a prêsa e o despojo de toda esta guerra? «Que será dos christãos? que será dos catechume-«nos? que será dos gentios? que será dos paes, das

«mulheres, dos filhos, e de todo o sexo e idade? Os «vivos e sãos sem doutrina, os enfermos sem sacra- «mentos, os mortos sem suffragios nem sepultura, e «tanto genero de almas em extrema necessidade sem «nenhum remedio! Os pastores, parte presos e des- «terrados; parte mettidos pelas brenhas: os rebanhos «despedaçados: as ovelhas, ou roubadas ou perdidas; «os lobos famintos, fartos agora de sangue sem re- «sistencia; a liberdade trocada por mil modos em «servidão e captiveiro; e só a cobiça, a tyrannia, a «sensualidade, e o inferno contentes. E que a tudo «isto se atrevessem, e atrevam homens com o nome «de portuguezes, e em tempo de rei portuguez?

«Outr'ora sahiam pela barra de Lisbôa as nossas «náus carregadas de prégadores que voluntariamente «se desterravam da patria para prégar nas conquis- «tas a lei de Christo; hoje entram pela mesma barra «trazendo desterrados violentamente os mesmos pré- «gadores, só porque defendem nas conquistas a lei «de Christo. Não se envergonhe já agora a barra de «Argel de que entrem por ella os sacerdotes captivos «e presos, pois o mesmo se viu em nossos dias na «de Lisbôa. Certo, bem empregado prodigio fôra «neste caso, se fugindo daquella barra o mar, e vol- «tando atraz o Tejo, lhe podessemos dizer, como ao «rio e ao mar da terra, que então começava a ser «sancta: *Quid est tibi, mare, quod fugisti, et tu, Jor- «danis, quia conversus es retrorsum*? Desengana-te «porém, Lisbôa, que o mesmo mar te está lançando

«em rosto o soffrimento de tamanho escandalo; e as «ondas, com que, escumando de ira, bate ás tuas «praias, são brados com que te está dizendo as mes- «mas injúrias que antigamente a Sydonia: *Erubesce, «Sydon, ait mare.*»

Depois destas ardentes apostrophes, desceu o orador a enumerar as causas do mal que vexava as colonias, e a apontar os meios de extirpa-las; e concluiu pedindo que os fizessem voltar, a elle e aos mais padres, porém de tal modo poderosos, que lhes fosse facil reduzir por uma vez os sublevados á rasão. O pedido era conforme á escriptura, pois os magos tambem haviam voltado, e não pelo mesmo caminho, senão por outro. *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* O que queria dizer que os missionarios deviam voltar, não com os antigos poderes somente, mas com outros de novo acrescentados e de mais efficacia. [1]

Affirma-se que este sermão produzira um effeito prodigioso. E certo era para ferir vivamente os es-

[1] Advirta o leitor que neste extracto não seguimos a ordem que o P. Antonio Vieira guardou no seu sermão. Parece-nos que o grande orador não foi muito bem inspirado na disposição das materias porquanto a parte mais vehemente do seu discurso, vem no principio, e para o fim quebrou tanto do primeiro vigor, que isso deveria prejudicar ao seu effeito, se naquelle tempo a erudição e a affectação não agradassem mais do que a verdadeira eloquencia.

piritos a quasi subita apparição do illustre missionario que, das entranhas do deserto, vinha alardear e desdobrar naquella côrte esplendida ante os espectadores surpresos, os seus serviços, a sua dedicação e sacrificios, a sua roupeta grosseira e esfarrapada, e todo o painel emfim dos nossos vastos sertões, e mesquinhos tumultos, associando ao mesmo tempo os elementos á sua vingança, e evocando, para torna-la mais segura, todas essas imagens grandiosas da antiguidade e da Biblia, que acabamos de admirar. Com que arte infinita não confundiu elle os interesses particulares da sua ordem, e ainda as suas proprias injúrias pessoaes, com a causa da religião em geral! A ouvi-lo, estava esta morta e extincta com a expulsão de alguns jesuitas, nem havia mais igreja, nem doutrina, nem sacramentos. O inferno só preponderava.

Conta-se da rainha regente que sahíra do templo profundamente commovida, e resoluta a vingar tantos aggravos, fazendo punir os rebeldes; e que a esse intento chegára a determinar uma expedição de duzentos homens. Mas (di-lo agora André de Barros) o P. Antonio Vieira que só queria a extirpação dos vicios, e a misericordia para os culpados, envidou ali as últimas fôrças da sua eloquencia para abrandar a soberana, o que conseguiu, implorando de joelhos a memoria d'el-rei, e do principe D. Theodosio. Então dissera a rainha: *Hoje resuscita o Maranhão por amor do P. Antonio Vieira.*

Contra esta anecdota estão porém todos os factos, e o proprio bem conhecido character do jesuita. É certo que elle no seu discurso, parodiando a Jesu-Christo, implorou á divina misericordia o perdão dos rebeldes porque estes não sabiam o que tinham feito; mas disse-o assim por mero artificio oratorio, e depois de os ameaçar, em nome e da parte de Deus, com uma sorte mais terrivel que a de Sodoma e Gomhorra, em castigo de haverem lançado fóra os seus prégadores. E ja vimos como elle havia concluido, sollicitando a sua volta para o Maranhão, de um modo que excluia toda a idea de brandura e de perdão.

Além de que, nunca o P. Antonio Vieira brilhou muito pela virtude da moderação, para que houvessemos de crer na sua magnanimidade em uma occasião em que todas as suas paixões e interesses, bem como os da ordem, o empenhavam a supplantar os moradores do Maranhão. Em 1684, mais de vinte annos depois, e a proposito da revolução de Beckman, de character quasi identico áquella que dera logar á sua expulsão, estando o padre na Bahia, velho, alquebrado, e sob o pêso elle mesmo de uma accusação de assassinato, se falsa, não menos grave e dolorosa, instou, não obstante, com grande vehemencia e acrimonia pelo castigo dos rebeldes, attribuindo os novos crimes á culposa impunidade dos antigos. [1]

[1] *Cartas* de 22 de julho, e 5 de agosto de 1684 a Antonio Paes de Sande, e ao marquez-mordomo-mór.—São as 90.ª e 92.ª do T. 2.º

É certo que os primeiros impulsos da rainha foram de mandar uma fôrça respeitavel que reprimisse o movimento; porém os seus ministros optaram pelos meios brandos [1], e Ruy Vaz de Siqueira, o governador novamente escolhido, já de Lisbôa ia parcial dos rebeldes, segundo confessa o proprio André de Barros. [2]

Assim, o grande orador, injuriado, prêso e expulso pelos colonos do Maranhão, veio encontrar em Lisbôa, não a vingança e a reparação que esperava, mas o desengano da sua ambição e dos seus sonhos. Daqui começou a declinar a sua estrella; e nós veremos pela continuação desta história que nunca mais elle achou nem na glória nem na fortuna compensações equivalentes aos crueis desgostos que de então por diante o assaltaram de contínuo até o fim de sua longa vida.

1 Berredo. *Annaes*. L. XV n. 1077.
2 André de Barros--*Vida do P. Antonio Vieira* T. 1.º Cap. 137.

BIOGRAPHIA

DE

MANUEL ODORICO MENDES.

(Extrahida do n.º VII da Revista Contemporanea de Portugal e Brazil, de outubro de 1862.)

MANUEL ODORICO MENDES.

I

A litteratura brazileira contemporanea é quasi geralmente desconhecida em Portugal. Ou seja desdem proveniente de uma superioridade incontestavel neste ramo dos conhecimentos humanos: ou a lingua portugueza, transformando-se no Brazil, e affectando novos meneios, em que o desalinho; as incorrecções, e os modernos gallicismos se alliam sem graça e com um gôsto impuro, ao fallar obsoleto do seculo de quinhentos, se affigure por isso estranha e degenerada aos descendentes directos de Camões e de Vieira, o facto que assignalamos não é nem menos manifesto, nem menos para sentir-se, postoque por outro lado não deva causar surpreza em uma epocha em que aqui as fórmas mais que as idéas attrahem a attenção, e o culto da phrase e do estylo se converte não raro em cega e viciosa idolatria.

Contra a exactidão d'este reparo não concluem de modo algum certas eloquentes excepções, Alexandre Herculano e Castilho, por exemplo, revelando aos seus compatriotas surprehendidos da novidade a existencia de poetas e oradores brazileiros de tal preço como Montalverne e Gonçalves Dias; nem, por excesso contrário, uma outra recommendação e elogio, arrancado á condescendencia, e malbaratado de ordinario a producções indignas da pública attenção, e que se chegam a alcança-la, conceituadas como merecem, só servem a generalisar e a perpetuar um descredito pouco merecido.

O mais é que o que acabamos de observar acerca d'esta ignorancia da litteratura brazileira, ou d'esta indifferença para com ella, nota-se igualmente em quasi tudo o mais que diz respeito ao imperio americano. Quem sabe ou quem lhe importa nas regiões politicas de Lisbôa do que se passa no Brazil? Exceptuae umas tantas notícias sobre cambios, preços de mercadorias, e movimento maritimo, copiadas *verbum ad verbum*, e algarismo por algarismo, dos jornaes dos grandes emporios commerciaes, e uma ou outra magra correspondencia, serzida de retalhos das folhas publicadas durante a quinzena, nas horas vagas de algum curioso, e succeder-se-hão os paquetes sem que os jornalistas de Lisbôa nos communiquem o que vae por aquellas plagas ignotas e quasi fabulosas que é fama os seus antepassados outr'ora descobriram, e a que houveram por bem pôr o nome de *Terra de*

Sancta Cruz. Mudem-se ali muito embora os ministerios, dissolvam-se as camaras, operem-se profundas modificações no systema politico e economico do imperio; se o officioso correspondente do *Jornal do Commercio* (unica folha de Lisbôa que a espaços, e por intermittencias nos dá d'estas notícias) se esquece ou se enfada da voluntaria tarefa, os brazileiros que aqui habitamos, somos irremissivelmente condemnados ao pão quotidiano das expedições do Mexico e Cochinchina, e das interessantes e interminaveis questões do Holstein e do Montenegro.

Verdade é que outra cousa se observa no jornalismo do Porto, que n'este particular, como em diversos outros, já leva conhecida vantagem ao de Lisbôa; mas o Porto não é quem dá o tom ao reino todo; e o facto de resto explica-se pela circumstancia de que aquella capital do norte, invertidos os antigos papeis, é hoje em dia uma especie de colonia do Brazil, a quem apenas fornece os braços que lhe sobejam, e o seu solo mal póde sustentar, a trôco dos capitaes que d'ali recebe em grande parte, e que o fecundam, enriquecem, e aformoseam com um incremento tão rapido como maravilhoso.

As causas da anomalia observada em Lisbôa são simples e manifestas, nem seria difficil consigna-las aqui; mas adiado esse exame mal cabido n'este logar, baste dizer-se que o Brazil valia bem a pena de ser mais bem conhècido, e n'este paiz muito mais do que em qualquer outro A maior de todas as grandes obras

que prefez Portugal nos dias da sua glória e poderio, é tambem a unica de todas ellas que sobrevive á geral ruina e decadencia. Sob a protecção das suas leis, e no seio da sua benefica e fecunda hospitalidade, abrigam-se milhares de portuguezes, cujo número avulta de anno para anno em progressão sempre ascendente, sem embargo de estudadas declamações contra a insalubridade do clyma, e os pretendidos horrores da denominada escravatura branca.

A constituição politica do imperio, coeva da independencia, perdura ha quasi quarenta annos; e arreigada nos costumes e no amor dos povos, já não está á mercê dos partidos impacientes, nem de alguns batalhões insubordinados, que á voz do primeiro general ambicioso e descontente, se encarreguem de reformar as instituições. As guerras civis que por vezes nos affligiram, ora reprimidas com vigor, e sempre localisadas, nunca ameaçaram involver no seu incendio o paiz inteiro, de uma a outra extremidade; e de ha tantos annos que as não conhecemos, póde-se dizer que apenas constituem hoje um simples elemento historico.

A sombra da diuturna paz, aperfeiçoa-se a policia civil e social, prospéra o commércio, toma rapido incremento a pública riqueza, e apezar dos incommodos e difficuldades das longas viagens, o tracto e corrente da communicação com os grandes centros da civilisação é no Brazil muito mais frequente, numeroso, e importante que em Portugal. E phenomeno

sobretudo digno de attenção, o quasi recente Rio de Janeiro, pelo movimento do seu magnifico porto, actividade de sua vida interna, riqueza e graça das suas lojas, armazens, e casas de campo; affluencia e variedade de população estrangeira, gosos e confortos que proporciona, offerece á attenção do viajante uma physionomia muito mais pronunciada de cidade européa que a propria vetusta Lisbôa, sua antiga metropole.

A vastidão dos espaços e distancias, a correspondente escacez de braços, certas difficuldades economicas e financeiras, aliás hoje communs a todas as nações grandes e pequenas, e sobretudo o formidavel problema da escravidão, vicio que nos inoculou e legou o systema colonial, são-nos occasião de graves embaraços; mas sem embargo d'elles, ninguem no Brazil se assusta do presente, ou desespera do futuro. Falta-nos, é certo, o passado que só a successão dos tempos nos poderá dar; mas se com elle nos faltam o assento e solidez das velhas nações, não soffremos, como algumas d'ellas, os pezares de uma grandeza desvanecida, nem buscamos disfarça-los com os artificios e prestigios de uma litteratura exuberante.

Mas um povo recente, que mesmo no dominio especial das lettras, e das sciencias que com ellas tem mais intima connexão, conta já tão crescido número de poetas, oradores, jurisconsultos, estadistas, e economistas; em quanto *ensaia os tenros passos mal se-*

guros até que attinja á perfeita madurez e virilidade, póde ir supportando sem amofinar-se essa indifferença affectada ou sincera, que temos fé não retardará um só dia a marcha progressiva com que caminha aos seus altos destinos.

Entre todos esses homens eminentes que d'este lado do atlantico apenas mal se conhecem pelos nomes, Odorico Mendes occupa um dos logares mais distinctos. Cultor apurado e assiduo da lingua que fallamos os dous povos irmãos, e um dos primeiros entre os mais abalisados dos seus mestres; defensor enthusiasta da antiga glória lusitana; e admirador ardente e apaixonado de Camões, Ferreira, Moraes, e Nascimento, quem mais que elle merecia lembrado e preconisado? O seguinte facto, entretanto, mostrará a consideração que, com todos esses titulos, elle mereceu n'este paiz á litteratura militante.

Contestava-se a Portugal a glória de haver sido a patria do auctor do *Palmeirim de Inglaterra*. Francisco de Moraes, dizia-se, não fizera mais do que traduzir ou imitar o romance originalmente escripto em hespanhol. A principio ainda se fazia tal qual resistencia á estranha e injusta pretenção, mas afinal cedia-se já, e por tal modo, aos especiosos argumentos de Salvá e outros, que um escriptor de tanta consciencia, gravidade, e erudição como o auctor do novissimo *Diccionario Bibliographico*, chegou a sanccionar com a auctoridade do seu voto a usurpação hespanhola. Assim, o afamado *Palmeirim de In-*

glaterra estava já definitivamente desnaturalisado de portuguez, e Luiz Hurtado, e não Francisco de Moraes, era o seu legítimo e verdadeiro auctor.

Indignado contra esta espoliação, Odorico Mendes escreveu um opusculo, simples, conciso, substancial, e com argumentos irrefragaveis e concludentissimos, não só reivindicou para a litteratura portugueza este malbaratado fructo do engenho de Francisco de Moraes, mas suscitou á memoria obliterada dos contemporaneos a fábula do poema, os seus mais imaginosos episodios, e as graças de estylo e locução que tanto o recommendaram sempre á admiração dos homens de gôsto apurado, desde Cervantes até Walter Scott e Southey. Esse opusculo, fe-lo imprimir aqui, vae em dous annos, sem outro estímulo e interesse, mais que o de servir á glória da lingua em que falla e escreve.

Acredita-lo-heis? Nem um só jornal, politico ou litterario, fez a mais simples menção d'este accuradissimo trabalho, ou annunciou sequer a sua publicação! E ainda não ha muitos mezes, discutindo incidentemente o assumpto, afiançavam algumas folhas diarias de Lisbôa que a origem portugueza do célebre romance de cavalleria nunca fóra objecto de dúvida! Deus sabe entretanto se os poucos argumentos e datas que invocaram concluiam a favor de Portugal ou da Hespanha. Mas o que ainda d'esta feita certamente não fariam, era citar o nome e a obrinha de Odorico Mendes, se já depois de encerrado o curto debate, em que chistosa e reciprocamente se motejaram, alguma

alma perdida não fizesse a um d'elles a revelação d'aquelle profundo e impenetravel segrêdo.

Não permitta Deus que ao censurarmos esta incrivel ignorancia das cousas que respeitam ao Brazil, deixemos de fazer justiça aos homens serios e applicados que se têm subtrahido á sem rasão commum. Pouco ha mencionamos duas grandes excepções; a continuação d'este trabalho nos proporcionará occasião de registar brevemente outras não menos honrosas.

II

Manuel Odorico Mendes nasceu na cidade de S. Luiz, cabeça da antiga capitanía, hoje provincia do Maranhão, aos 24 de janeiro de 1799. [1] Oriundo das familias mais antigas e distinctas do paiz, descende pelo lado paterno e materno do heroico restaurador do Maranhão, o capitão-mór Antonio Teixeira de Mello, natural da mesma ilha feliz em que nascêra tambem o restaurador de Pernambuco; e pelo materno, do Bekman, cuja memoria já em outro estudo tivemos occasião de rehabilitar, vingando-a das injúrias da sorte e de baixos detractores contemporaneos.

[1] Foram seus paes o capitão-mór Francisco Raymundo da Cunha e D. Maria Raymunda Corrêa de Faria. Nasceu na casa de seu avô materno, á rua Grande.

(Dos EDD.)

Mas de homens taes como Odorico é que se póde com fundamento dizer que transmittem a nobreza propria á terra em que nascem, e a todos os que lhes pertencem, sem a receberem de ninguem. O vivo e talentoso menino começou bem depressa a exhibir os titulos valiosos que lhe davam direito a ella, nos estudos elementares e preparatorios que lhe foi possivel fazer nas escolas de S. Luiz; e taes foram os passos com que encetou a carreira, e os applausos dos mestres e entendidos, que seu pae, a quem não falleciam os dons da fortuna, assentou para logo de envia-lo a Coimbra, n'aquelle tempo objecto das preocupações e alvoroços da mocidade estudiosa, onde todos os talentos iam buscar a sua consagração, e sem cujos pergaminhos a nenhum era dado aspirar ás honras e grandezas, a que então podia chegar um natural do Brazil.

As felizes disposições d'aquelle novél engenho eram principalmente para a poesia e para as lettras; foi todavia na faculdade de medicina que o matricularam. N'aquella universidade completou Odorico os preparatorios, e fez inteiro o curso de philosophia natural. Mas os estudos severos e obrigados não lhe impediam de modo algum o trato ameno das musas, muito mais grato ao seu espirito; e foi á volta d'elles que, além de outros cantos, entre os quaes sobresahia uma ode á independencia da provincia natal, compoz esse famoso hymno á tarde, tantas vezes reproduzido pela imprensa, no qual, em versos repassados de ternura

e sentimento, cantou as saudades da patria ausente e as doces recordações da primeira infancia.

Entretanto, fallecendo seu pae, e faltando-lhe de repente, por motivos que não importa referir aqui, os supprimentos indispensaveis para poder subsistir em terra estranha, voltou Odorico ao Maranhão no proposito de obviar aos embaraços que obstavam á continuação dos seus estudos; mas restituido á patria, outros destinos o aguardavam.

III

O Brazil chegára emfim á idade viril, e não era possivel que continuasse por mais tempo sob a tutella da antiga metropole. As circumstancias apressaram apenas o desfecho, aliás inevitavel. O principe real se havia posto á frente do movimento de separação com um ardor por tal modo revolucionario e violento, qual se mostrou claramente na divisa adoptada de *independencia ou morte*; e d'ahi os actos e proclamações em que nenhum genero de excitação era poupado para estimular os brazileiros contra o predominio portuguez, então representado e concentrado na omnipotencia das côrtes de Lisboa, e na cega obstinação dos seus adherentes no Brazil.

Mas vencido Portugal quasi sem esfôrço e pela simples natureza das cousas, começaram logo as dissiden-

cias entre o principe e os seus novos subditos, e pouco tardou que, arrebatado pelo seu character, e por circumstancias fataes, D. Pedro se não lançasse nos braços dos portuguezes e reaccionarios, e não rompesse no excesso de dissolver a constituinte, deportando e perseguindo os Andradas e outros notaveis cidadãos, que de seus recentes cooperadores na grande obra da emancipação se haviam convertido em declarados adversarios. Este golpe de estado e os mais actos de violencia, que o acompanharam e seguiram, irritaram de tal modo o partido brazileiro que, sem embargo da promulgação da nova constituição, desde logo solemnemente promettida como um calmante, Pernambuco e outras provincias do norte se sublevaram, e proclamaram a chamada confederação do equador.

O movimento republicano foi sopeado; mas, cousa triste de recordar-se, D. Pedro, não satisfeito de o ter vencido pelas armas, inspirado por uma politica de rancor e de vingança, recorreu ao expediente vulgar e funesto dos cadafalsos. Elle que se havia rebellado contra a propria patria e contra a auctoridade do rei, ao mesmo tempo seu pae e seu soberano; e que na dissolução da assembléa, violando o dogma da soberania nacional, invocado pouco antes, e em virtude do qual reinava, se constituíra em estado de flagrante illegalidade; este principe, grande e illustre revolucionario, se jámais o houve, fez enforcar e fuzilar a outros revolucionarios, pelo crime de haverem reagido contra o golpe de estado:—victimas obscuras,

cujo perdão mal bastaria a honrar a sua clemencia, e cujo sacrificio foi assaz poderoso para perpetuar o horror de uma tyrannia odiosa, postoque passageira.

O vulto sinistro dos suppliciados exposto aos olhos da multidão consternada nas primeiras cidades do Brazil; a malfadada guerra do rio da Prata, a impolitica ingerencia nos negocios e contendas dynasticas de Portugal, a incapacidade, ou antes inexperiencia dos seus ministros, e o favor decidido á facção reaccionaria, dita portugueza ou recolonisadora, ajudado tudo das indiscretas velleidades despoticas do princîpe, o despenharam no último abysmo da impopularidade, que ainda vieram aggravar a viagem de Minas e as assuadas de março—tentativas tão desastradas e ineptas para rehabilitar uma situação exhausta, como odiosas ao sentimento da nacionalidade, exasperado então no último grau. Assim D. Pedro I, saudado por acclamações unanimes e enthusiasticas nos dias felizes da independencia, desamparado então do último dos seus cortezãos, desceu tristemente do throno, e por entre os clamores de uma população animada de sentimentos hostis, encaminhou-se solitario a buscar abrigo em uma náu estrangeira. Severa mas justa lição aos principes que esquecem a origem popular da auctoridade de que abusam, e nos seus devaneios presumem de poder impunemente offender as susceptibilidades de um povo brioso.

Mas a justiça para ser completa, ha de juntar á punição das faltas o galardão do merito e dos serviços.

Foi por isso que o Brazil, trinta annos depois e sob o reinado pacífico e benefico do herdeiro d'este throno abandonado, erigiu um soberbo monumento ao primeiro imperador.

Os erros de D. Pedro I têm a sua explicação como a sua desculpa em uma educação incompleta e mal dirigida, na inexperiencia da mocidade, nas circumstancias extraordinarias e difficeis em que elle sempre se achou, e nas tradições e práticas inveteradas do antigo regimen, com as quaes nunca pôde romper abertamente e de todo, apezar das transformações externas e superficiaes operadas pela revolução, e das suas tendencias pessoaes para as idéas liberaes. O sangue vertido nos cadafalsos não era mais que o fructo amargo d'essa abominavel justiça politica, tão antiga como o mundo, e que o passado lhe legára. Por justas que fossem as queixas da nação, a confederação do equador, proclamando a republica, despojava o imperador de um throno que elle sem dúvida entendia dever mais á herança dos seus maiores, que ao voto unanime dos povos, dado que o último titulo fosse o unico que lhe reconhecesse a propria constituição por elle promulgada. D'ahi a sua cholera e os actos de vingança que d'ella nasceram; que em verdade, e como bem o dizia o P. Antonio Vieira—«não «ha ciumes mais impacientes, mais precipitados e mais «vingativos, que os que tocam no sceptro e na corôa; «e apenas terá havido purpura antiga nem moderna «que por leves suspeitas n'este genero se não tingisse «em sangue.»

Por outro lado, os serviços que o imperador prestou ao Brazil são immensos e gloriosos, e contrabalançam, se é que não superam, os erros que os acompanharam; porque estes affectaram apenas os seus contemporaneos, e com elles desappareceram; e os resultados d'aquelles perduram ainda, e se hão de fazer sentir até á mais remota posteridade.

Fundador do imperio, D. Pedro associou o seu nome á independencia de um modo irrevogavel; e se por um acto de arbitraria impaciencia violou a representação nacional, para logo fez elaborar e promulgou uma constituição liberrima, a cuja sombra temos atravessado quarenta annos de uma existencia comparativamente normal, no meio das vicissitudes e catastrophes em que no antigo e novo mundo se têm subvertido tantos artefactos da politica—thronos e republicas.

Coração generoso e heroico, sem embargo de umas tantas velleidades despoticas, e de certa inconstancia natural que uma morte prematura não permittiu á idade o corrigir, elle amou a liberdade sinceramente, e sempre inclinou o ánimo a acções grandes e lustrosas. Foi sem dúvida a impulsos d'esse grande coração que, depois de haver fundado a independencia e o imperio, recuou diante da luta suprema, na qual para soster o throno, teria de comprometter a sua obra; e regressando á primeira patria, corôou nobremente uma vida tão agitada, despendendo-a e exhaurindo-a até o último alento na restauração da liber-

dade que lhe legou como sobeja compensação de antigos e juvenis aggravos.

Mas a justiça feita ao principe, por nenhum caso se ha de negar aos cidadãos generosos que até á última extremidade resistiram corajosamente aos seus erros. Não falta presentemente quem injurie e renegue a revolução de sete de abril, e a diffame e responsabilise por todos os movimentos anarchicos, calamidades e transtornos que se lhe seguiram. Do que porém se guardam bem todos esses fieis adoradores da fortuna e dos poderes em florescencia, é de nos expor qual teria sido a sorte do Brazil, se D. Pedro, abandonado na desgraça pelos cortezãos, não tivesse apenas o seu grande coração para o aconselhar, e em vez de ceder, preferisse lançar-se em todas as aventuras da contra-revolução. Os vencedores ao menos souberam usar da victória com moderação. Desviado o perigo que ameaçava a liberdade, rodearam o berço do menino imperador, e sob a égide da constituição, conseguiram reprimir e desarmar as facções furiosas que com encontrados pretextos e diversas bandeiras a assaltavam por todos os lados. Durante esse primeiro e agitado periodo da minoridade, inaugurou-se a politica de brandura, legalidade e constitucionalismo que arraigou as instituições, e dispensou o emprêgo do cadafalso politico, por uma vez extirpado;—politica sábia e fecunda que o tempo foi consolidando, e hoje faz a honra e o lustre do segundo reinado. Esta só consideração bastaria á justificação e ao elogio

d'esses beneméritos cidadãos: D. Pedro, retirando-se, deixou entregue á revolução victoriosa o infante herdeiro do throno, sem outra garantia além da confiança que punha no patriotismo e moderação dos seus auctores; e estes, guardando fielmente o depósito sagrado, finda a sua missão, desceram do poder com as mãos e a consciencia igualmente puras.

IV

O Maranhão não havia escapado á sorte commum na crise da independencia; e ainda que as perturbações que o affligiram então não chegassem a tomar o character de uma revólta declarada contra a auctoridade do soberano, cuja voz, ao contrário, invocavam todos os bandos oppostos, não é menos certo que a guerra civil assolou a provincia durante dous annos, sem mais causa que as ambições pessoaes e de familia que aspiravam a uma influencia exclusiva. Á chegada de Odorico Mendes acabava de operar-se a pacificação material, mas a dos animos, profundamente irritados, era menos que apparente, e para recomeçar a luta, bem que em outro terreno, e sob outro aspecto, só se aguardava a occasião, que se não fez esperar. Existiam em germen os elementos de que em breve se haviam de organisar por todo o imperio os dous grandes partidos antagonistas. Sollicitado pelos

amigos, e ainda mais pelo seu proprio patriotismo, Odorico Mendes não hesitou um momento, arremessou-se na arena com todo o ardor e impetuosidade de uma alma juvenil, e escreveu o *Argos da Lei* em opposição ao partido representado na imprensa pelo *Amigo do Homem*, e pelo *Censor*, ambos redigidos por escriptores nascidos em Portugal, como tambem o eram a maior parte dos seus adherentes. Esta circumstancia, e a doutrina do predominio exclusivo da auctoridade, que prégavam sem rebuço, deu ao partido feições tão characteristicas, que em breve se ficou conhecendo pelo nome de partido portuguez ou absolutista. Fructo da inexperiencia do tirocinio politico, e das illusões de um espirito novél, mas escripto em bom e vigoroso estylo, com raro talento, e com todo o fogo de uma paixão sincera e fé ardente, o *Argos* era um jornal evidentemente fadado ao triumpho. Assim, nas eleições feitas poucos mezes depois da sua apparição, o seu redactor era eleito deputado á primeira legislatura. O pensamento de voltar a Coimbra a concluir os estudos desvaneceu-se, como era natural, no meio d'estes successos.

Chegado ao Rio, Odorico alistou-se na phalange liberal, e inscreveu o seu nome a par dos nomes illustres de Evaristo, Paula Sousa, Vergueiro, Feijó, Vasconcellos, Carneiro Leão, Limpo, Costa Carvalho, e tantos outros, que na tribuna como no jornalismo começaram desde então aquella opposição vigorosa e incessante que só devia ter fim com a revolução de sete de abril.

Sem ser orador de primeira ordem, no sentido de fazer longas e bem ordenadas orações, nos curtos improvisos Odorico Mendes era sempre feliz; e se a occasião e o assumpto o inspiravam, não raro attingia á mais alta eloquencia.

Nas diversas legislaturas, de que fez parte, foi por muitos annos secretario da camara dos deputados, iniciou algumas leis importantes, como a da abolição dos morgados, e a da primeira reforma eleitoral, e cooperou em muitas outras, discutindo-as ou emendando-as; collaborando igualmente na redacção de differentes jornaes durante as sessões, e nos seus intervallos.

Da *Astréa* foi fundador com Vergueiro, Feijó, Costa Carvalho e outros. Costa Carvalho, que falleceu marquez de Monte Alegre, então simples deputado e chefe preeminente da opposição, depois membro da regencia e presidente do conselho em diversos ministerios, havia introduzido a primeira typographia em S. Paulo, onde era um dos mais opulentos proprietarios, e onde fundou o *Pharol Paulistano*. Odorico, que no fim de uma das sessões, e a convite d'elle o acompanhára áquella provincia, não só escreveu para o jornal opposicionista grande quantidade de artigos, senão que, á mingoa de operarios, ajudava a composição como typographo. É de todos sabida a decisiva influencia que estes dous jornaes exerceram na côrte, e nas provincias do sul.

Collaborou depois successivamente no *Sete de Abril*,

escrevendo para elle a maior parte dos versos satyricos que tamanha voga lhe deram na côrte; na *Aurora*, no *Jornal do Commercio*, e finalmente na *Liga Americana*, onde de companhia com o senador Aureliano, depois visconde de Sepetiba, combateu as injustas pretenções da França ao nosso territorio do Oyapoc. Os artigos que escreveu a tal respeito foram, não ha muito, honrosamente commemorados na notavel obra do sr. doutor Joaquim Caetano da Silva—outro precioso livro brazileiro, seja dito de passagem, quasi, senão completamente desconhecido em Portugal.[1]

A popularidade sempre crescente de Odorico valeu-lhe nova eleição para a segunda legislatura, ainda mais honrosa que a primeira. N'esta ao menos tivera por si o favor da auctoridade; na seguinte teve a sua opposição. O marechal Costa Pinto, presidente do Maranhão, esposando todas as mesquinhas paixões do partido dominante, tinha feito arbitrariamente recrutar o redactor do *Pharol Maranhense*, e accumulando desacêrto a desacêrto, prohibíra sob futeis pretextos a publicação de um novo jornal com que Odorico Mendes quiz substituir o que fôra supprimido. Os maranhenses responderam a um e outro attentado elegendo-o pela segunda vez com grande maioria, ficando completamente derrotado o marechal-presidente, seu competidor.

[1] Foi publicado em francez sob o titulo: *L'Oyapoc et l'Amazone: Question bresilienne et française.* 2 vol. Paris. 1861.

A mesma ruim fortuna teve o govêrno geral por quasi todo o imperio; e como se lhe ella não bastára, aggravou-a elle mesmo, pois obedecendo ao mau vezo antigo, suspendeu as garantias, e creou commissões militares, a pretexto de um insignificante motim em uma obscura villa de Pernambuco, o qual por si mesmo se desvaneceu, desfechando assim em vão o golpe do govêrno. Crime inutil, e inhabilidade insigne, em presença de uma opposição triumphante, alternativamente irritada e acoroçoada pelas provocações e irresoluções de ministros simplesmente ineptos, n'uma situação em que toda a dextreza e prudencia de estadistas consummados não seriam de sobejo.

O ministerio foi accusado na camara dos deputados, e Odorico Mendes, com o denodo e galhardia do costume, foi o primeiro a ferir a batalha; e de maneira se houve n'esta memoravel discussão que mereceu a honra de uma interpellação directa do monarcha. A anecdota merece referida, que, sobre curiosa em si, pinta bem a témpera dos characteres, e os meneios e costumes politicos do tempo. Finda a sessão, foi Odorico despedir-se do imperador, que em pública audiencia, e na presença das deputações das camaras e de toda a côrte, lhe disse inesperadamente, alludindo sem dúvida á parte vigorosa que elle tomára na accusação; «*Senhor Odorico, não seja tão inimigo dos «meus ministros.*» «*Senhor*, respondeu-lhe incontinenti o deputado liberal, *eu lhe sou um subdito mui«to fiel, mas quanto ás minhas opiniões, hei de sem-*

«pre exprimi-las segundo a minha consciencia, e para «isso é que me cá mandaram.» O imperador, com todos os seus defeitos, tinha rasgos generosos, e amava a franqueza; e é fama que a do corajoso representante do Maranhão lhe não desagradára.

O ministerio todavia conseguiu escapar á accusação por poucos votos; mas a victória moral da opposição foi tão completa, que o govêrno imperial ficou de todo arruinado na opinião pública. Isto se passava em 1829. No anno seguinte a revolução de julho na França veio precipitar a crise, que fez a sua explosão final em 7 de abril de 1831.

Odorico Mendes tomou parte mui principal n'esta revolução, já entendendo-se pessoal e directamente com os chefes da fôrça militar, já convocando por circulares de sua lettra os deputados e senadores presentes na côrte, que foi mister reunir á pressa para proverem ao govêrno do estado em abandono; já finalmente exercendo decidida influencia na escolha dos membros da regencia provisoria, e da permanente que se lhe seguiu com pouco intervallo.

A questão da abdicação, prevista por todos, foi agitada nos clubs que a precederam. Odorico Mendes, em todo o tempo conhecido pela isenção e ousadia das suas opiniões, nunca fizera mysterio algum dos seus principios democraticos e quasi republicanos; mas tão pouco cuidou jamais de os alardear com vã e esteril ostentação, nem de impôr ás repugnancias dos seus concidadãos fórmas politicas que elles têm

por impossiveis. Foi sob a influencia d'estas idéas que com Evaristo e outros opinou pela conservação da monarchia, salvo que a occasião e a menoridade se deviam aproveitar para fazer na constituição as reformas indispensaveis, mormente as que tendessem a alargar as franquezas provinciaes. A idéa da republica, sustentada por poucos, foi sem custo repellida.

Preservados os principios, cumpria acudir pelas pessoas, cujo perigo era imminente, pois a multidão, exasperada ainda com os recentes attentados de março, em que tanto haviam sobresahido os portuguezes e adoptivos, e excitada pelo proprio triumpho, ameaçava demasiar-se em excessos contra os mais compromettidos d'entre elles. Odorico alçou então a voz, e fez esse discurso memoravel em que, commovido e derramando lagrimas, pediu o perdão dos que chamou illudidos, seus inimigos da vespera, mas, dizia elle, enlaçados comnosco em proximo parentesco, maridos de nossas mães e de nossas irmãs. O effeito destas palavras foi immediato e prodigioso; e tudo n'ellas honrou não menos o orador, que a multidão que o attendeu e victoriou.

Comtudo d'estas divergencias resultou em breve a scisão do partido vencedor em moderados e exaltados. Odorico declarou-se pelos primeiros, e d'ahi começou a declinar a sua popularidade, porquanto comparada a guerra que fizera ao partido portuguez em sua fôrça e poderio, com a protecção que ora dava e pedia para os vencidos, encabeçava se a apparen-

te contradicção, não já em simples volubilidade ou incoherencia de principios, senão em formal infidelidade e apostasia. Assim pelo menos raciocinavam os do Maranhão que querendo levar a revolução ás suas últimas consequencias, expulsando dos empregos todos os parciaes do regimen decahido, se empenharam em movimentos sediciosos, e foram vencidos pela auctoridade. Odorico Mendes, chegando então á provincia, escreveu no *Constitucional* contra esses movimentos illegaes. Este procedimento que mais tinha de franco que de prudente e reflectido, acareou-lhe immediatamente o apoio dos adversarios, mas irritando em alto grau os antigos partidistas, acabou de alienar lhe a opinião da provincia. Em vão procurou elle congraçar os animos, promovendo a amnistia para os compromettidos. Os seus esforços foram paralysados diante das exagerações inconciliaveis dos partidos, e nas primeiras eleições que se seguiram em março de 1833, não só deixou de ser reeleito, como mal pôde conseguir a quinta parte dos votos que obteve a lista contrária.

É certo que logo no segundo anno da legislatura foi chamado a supprir a vaga que deixára na respectiva camara o deputado Costa Ferreira, depois barão de Pindaré, então nomeado senador; e que ainda em 1844 foi eleito para a mesma camara pela provincia de Minas; mas a carreira politica de Odorico como que déra fim com a primeira exclusão que soffreu, e com o desgosto que lhe ella trouxe.

V.

Absorvido no tumulto das lides parlamentares e politicas, e nos incessantes deveres de um cargo superior de fazenda que exerceu por muitos annos, mal lhe sobejava o tempo para o dedicar ao culto da poesia e das lettras, seu primeiro amor, jamais totalmente abandonado, mas tampouco entretido com a assiduidade e fervor que cumpria. Assim mesmo, não pouco fazia elle, no meio de taes vicissitudes, alimentando sempre o fogo sagrado, que nunca de todo se extinguisse.

Ao primeiro e agitado periodo da existencia de Odorico Mendes pertencem pela maior parte as suas composições originaes, cuja collecção poderia ser numerosa, se elle se tivesse dado ao trabalho de a coordenar. Poucas comtudo chegaram a ser impressas em jornaes e folhas avulsas; e muitas se perderam manuscriptas na Bahia, em uma das frequentes viagens que fazia entre o Maranhão e o Rio, sem que o poeta procurasse, emquanto era tempo, remir a perda, restaurando-as com a memória ainda fresca.

E todavia, pelas que alcançámos conhecer, essas poesias deviam de ser de grande merecimento, e dignas em tudo de um engenho filho da mesma terra privilegiada e feliz que deu o berço a Gonçalves Dias, a Sotero dos Reis, a Trajano Galvão, a José Pereira da Silva, a Franco de Sá, o moço, e a tantos outros favorecidos do dom divino.

A patria, a sua glória, independencia e liberdade, a virtude, a familia, os castos amores, os pezares e amarguras da vida, são o assumpto predilecto d'esses canticos, onde reina um tom de candura e melancolia serena e resignada, cheio de suavissimos enlevos. Linguagem correcta, pura, e portugueza de lei; estylo simples, mas não sem elevação e decóro; e versificação facil, branda e harmoniosa, são dotes que os characterisam em summo gráu.

Pelos seguintes extractos poder-se-ha formar idéa do merecimento d'essas composições.

O furacão da morte
Varre medonho os campos da existencia.
Perdôa a seccos troncos,
Leva comsigo florescentes plantas,
Cuidados do colono esperançoso.

. . . . . .
. . . . . .

Quão triste a final scena!
Mas o quadro da vida inda é mais triste.
As breves alegrias
N'um só ponto apparecem mal distinctas,
E sombream-lhe o fundo os infortunios.

Que bens ha cá na terra?
O crime estende o formidavel sceptro.
Raro fulge a virtude;
Em torno ao coração o prazer vôa,
A dor penetra, e vae sentar-se no amago.

(O SONHO, *Ode*).

. . . . . .

. . . . . .

Tarde serena e pura, que lembranças
Não nos vens despertar no seio d'alma?
Amiga terna, dize-me, onde colhes
O balsamo que esparges nas feridas
Do coração? que apenas dás rebate
Cala-se a dor: só geras no imo peito
Mansa melancolia, qual ressumbra
Em quem sob os seus pés tem visto as flores
Irem murchando, e a treva do infortunio
Pouco a pouco ante os olhos condensar-se.

. . . . . .

. . . . . .

Mas da puericia o genio prazenteiro
Já transpoz a montanha, e com seus risos
Recentes gerações vae bafejando:
Áquem ficou a angústia que moderas,
Ó compassiva tarde! Olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pezadumes;
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange, bem como em Africa adorada,
Quando, tão livre! o filho do deserto
Lá te aguardava; e o echo da floresta,
Da ave o gorgeio, o trepido regato,
Zunindo o vento, murmurando as sombras,
Tudo em cadencia harmonica lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.

(Hymno á tarde).

Entretanto Odorico Mendes, em sua modestia, nunca fez grande cabedal d'essas composições originaes; e

d'ahi sem dúvida resultou o pouco cuidado a que se deve o andarem dispersas, ignoradas ou perdidas. «Não possuindo (escreveu elle mesmo no prologo da «primeira edição da sua Eneida) o engenho indispen-«savel para emprehender uma obra original ao me-«nos de segunda ordem, persuadi-me todavia de que «o estudo da lingua e a frequente lição da poesia me «habilitavam para verter em portuguez a epopéa mais «do meu gôsto....» «....só abrigado sob as azas «de tão sublime escriptor durarei na memória dos «nossos concidadãos, ainda uns annos depois da se-«pultura.»

Sendo este o conceito que fazia do proprio talento, tinha necessariamente de dar ao emprêgo d'elle uma direcção particular. Foi assim que já desde 1831 havia publicado uma traducção da Merope de Voltaire, e em 1839 outra do Trancredo do mesmo auctor. Ambas mereceram os elogios dos entendidos, e a segunda especialmente uma douta e bem elaborada analyse do sr. Francisco Sotero dos Reis, abalisado philologo e latinista maranhense que a publicou na *Revista*, jornal que redigia então.

Mas foi só depois de finda em 1847 a última legislatura a que pertenceu, que Odorico Mendes, passando-se para a França, se consagrou inteiramente ao trabalho das suas versões, em que comtudo annos havia já se occupava, conforme lh'o permittiam as outras obrigações a que estava sujeito. Á primeira edição da Eneida publicada em Paris em 1854, seguiu-se outra

em 1858, comprehendendo todas as obras do grande epico latino.[1]

Em assumpto já devidamente discutido e sentenciado, a nossa voz, por incompetente, deve calar-se. Ouçamos porém a dos grandes mestres.

«N'esta aprazivel traducção (escreveu o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, distincto professor de poetica e litteratura classica, no lyceu de Coimbra) «achei fielmente trasladados em a nossa lingua os con- «ceitos, as paixões e os sentimentos do epico latino, «e sem diminuição nem acrescimo, repostas as suas «mesmas imagens, e ainda muitas das suas figuras. «Bem sabia o sr. Mendes que o verdadeiro traductor «não deve ser paraphrasta senão fiel copiador e re- «tratista, *fidus interpres*. Ali apparecem postos em luz «clara varios passos da Eneida, onde illustres com- «mentadores não haviam atinado com o genuino sen- «tido, mas que o eximio traductor pôde alcançar. Isto «ficará evidente a quem consultar as excellentes «notas, que seguem cada um dos cantos do poema, e «em que o mesmo ostenta vasta erudição e crítica judi- «ciosa e esclarecida.

«Elegante, limitada e polida é a sua phrase, e seus

[1] Sobre as differentes producções de Odorico Mendes e as edições que têm tido, veja-se no *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, T. 6.º, pag. 72, o artigo respectivo, onde tambem o sabio e erudito escriptor portuguez em traços concisos e substanciaes faz justiça ao elevado merecimento do brazileiro, e confessa nobremente o êrro a que foi induzido ácerca da verdadeira originalidade do Palmeirim de Inglaterra.

«versos correm quasi sempre com facilidade, são de «ordinario cadentes e numerosos. A perspicuidade, a «precisão, e ainda a concisão bem entendida, a pro- «priedade dos termos, o gôsto delicado; todas estas «virtudes lá offerecem o seu agradavel donaire. Esse «grande segrêdo dos mestres, a harmonica imitativa, «que ora pinta pela onomatopeia as qualidades sen- «siveis dos objectos, ora emprega a analogia dos nu- «meros ou rythmos com as idéas ou com os senti- «mentos; essa bella harmonia, a que nenhuma das «linguas modernas se presta por ventura tanto como «a nossa, em innumeraveis phrases e versos a desco- «brirá o leitor de tacto fino.....

.....

.....«Em forjar palavras novas alguem qui- «zera que tão bom traductor fosse mais sobrio. *Du- «bitur licentia sumpta pudenter*. Quem souber toda- «via que, só nos Lusiadas, Camões introduzira du- «zentas palavras latinas, e que depois d'elle em todas «as éras quasi todos os bons poetas as foram inno- «vando, não estranhará tanto a sobejidão dos neolo- «gismos em todas as páginas d'esta traducção. Para «estas innovações tinha o traductor pedido venia, e «tem a sua principal descarga na necessidade; sendo «que, como elle em suas notas mostra, só por aquel- «l'arte podia guardar a precisão, que tão justamente «ama, e copiar a justeza das idéas e fôrça dos pensa- «mentos do seu prototypo.....

.....

«..... .....

.....«Eu antevejo que a auctoridade de «tão grande philologo, que já estimo, amo e respeito, «ha-de achar quem abrace os seus neologismos; ver-«se-hão elles, correndo o tempo, entrar no dominio «do uso. Assim se ha seguido o exemplo de outro; «assim se tem enriquecido e hão-de enriquecer as lin-«guas. Puristas haverá de sentir menos conforme ao «meu; embora: outros sentirão comigo. Grande é o «serviço que á nossa litteratura fez o traductor. Longe «de mim o rebaixar as traducções que já possuimos «das obras de Virgilio, inteiras, e em fragmentos, «como a do canto quarto da Eneida, admiravelmente «traduzido por Manuel Mathias; mas das traducções «completas é opinião minha, e não só minha, senão «de dous respeitaveis litteratos, que esta traducção a «todas leva a palma.»

«Um comprovinciano nosso (falla agora o já citado «sr. Sotero dos Reis) o sr. Odorico Mendes, actual-«mente em França, tem feito da lingua de Camões, «de Ferreira, de Garção, e de Francisco Manuel, ou «da linguagem poetica do idioma portuguez, um estu-«do tão aprofundado, que n'este conhecimento, e nos «que com elle têm estreita relação, como o da lin-«guagem poetica dos idiomas estranhos, não encontra «rival no Brazil, e não sabemos que haja quem o «exceda em Portugal n'estes ultimos tempos.

«Desde a mais tenra mocidade cultivamos a pre-«ciosa amisade do sr. Odorico Mendes, e sempre o

«conhecemos dedicado a este genero de estudos, que «hoje tem levado a grande apuro e perfeição, como o «attestam as suas obras, e com especialidade a tra- «ducção da Eneida, com que enriqueceu a nossa lit- «teratura, e em que a lingua portugueza aposta com «a latina primores de concisão, clareza, flexibilidade, «graça, galhardia, fôrça, riqueza e pompa, senão pela «ventura de harmania e magestade.....

.....

.....

«A traducção da Eneida pelo sr. Odorico Mendes é «indubitavelmente superior a quantas do mesma poe- «ma se têm até hoje publicado em portuguez, as quaes «são rasteiras em comparação d'ella, e póde correr «parelhas com as mais gabadas feitas em outras lin- «guas. Nem a de João Franco Barreto, que é uma «paraphrase não poucas vezes feliz, nem as de Lima «Leitão e de Barreto Feio, nos dão uma idea tão «ajustada e exacta das bellezas do original, porque «nenhuma soube como ella reproduzir ao vivo as suas «imagens, figuras, perfeição do estylo.....

.....

.....

«Com ser tão primorosa, não deixa esta traducção, «assim como tudo o que nos vem dos homens, de «ter defeitos; e esses nascem pela maior parte de «uma de suas principaes virtudes, ou da concisão le- «vada ao extremo. O nosso poeta traduziu cada um «dos livros da Eneida em número de versos portugue-

«zes, que pouco excede aos hexametros latinos; o que, «sendo estes de mais extensão que aquelles, é em «verdade um grande merito; mas o desejo de ser con- «ciso foi por outro lado parte para que alatinasse al- «gumas vezes a phrase portugueza.....

.....

«Mas estes raros, e aliás desculpaveis defeitos, em «trabalho de tão difficil execução, qual é a versão do «poeta mais perfeito da antiguidade, são compensados «por tanta phantasia e vigor de imagens, tanto ar- «rôjo e felicidade de figuras, tanta viveza e verdade de «colorido, tanta riqueza e propriedade de linguagem, «tanta poesia imitativa e onomatopica, tanta e tão «sustentada harmonia metrica, ou por tantas bellezas «de todo o genero, em summa, que o sr. Odorico «Mendes, depois de haver produzido uma tal obra, «póde com rasão dizer:—*Non ego paucis offendar ma- «culis.*

«Quanto á adopção de termos latinos, rehabilitação «de antiquados, e creação de novos, entendem alguns «que o nosso poeta abusou da permissão de o fazer, «mas não têm rasão; porque se não houvesse recor- «rido a esse meio indispensavel para ser bem succe- «dido, teria, como seus predecessores, naufragado «na empreza de dar-nos o transumpto de um poema «do cunho da epopéa de Virgilio, trajado com todas «as galas de uma lingua tão cadente, opulenta e ma- «gestosa como é o latim, que, desacompanhado do «cortejo de certas particulas que tornam arrastrados

«e prosaicos os idiomas que hoje fallamos, caminha «sempre desembaraçado, sempre livre.»[1]

«De quantas versões poeticas eu conheço (diz finalmente em documento que temos á vista o sr. Antonio José Viale, o illustre professor de litteratura, e eximio poeta e traductor elle mesmo), nenhuma faz «vantagem a esta em fidelidade, e nenhuma talvez (a «não serem as de Solari) a iguala em concisão. Ver«dade é que a severissima adstricção a competir em «brevidade com o original (e com original latino) não «póde deixar de quando em quando de empecer algum «tanto á perspicuidade do estylo, e á melodia do ver«so (risco de que se preservam cautelosos os para«phrastas.) Comtudo n'esta novissima e optima das «traducções de Virgilio o mais rigido Aristarcho rarís«simos versos achará que mereçam a censura de «pouco claros ou de menos cadentes.

«Que direi da pureza, propriedade e cópia da dicção «da Bucolica, Georgica, e Eneida Portugueza do sabio «poeta brazileiro, e das excellentes notas de que são «seguidas? Estou persuadido de que na sua leitura «muito aprenderão os mais eruditos philologos das «duas nações que fallam a mesma lingua *com pouca* «*corrupção* quasi latina. Pela minha parte, em bene«ficio dos meus alumnos no *Curso Superior de Lettras*, «nas minhas prelecções associarei frequentes vezes ao

[1] Ambos estes juisos, que extractamos, se encontram em sua integra na edição do *Virgilio Brazileiro* de 1858, a pag. 2 e 797.

«nome immortal do grande vate romano o illustre nome «do eximio traductor brazileiro, ponderando-lhes o «muito que lhe devem os cultores das musas, e os «estudiosos amadores da litteratura nacional.»

Estes votos tão auctorisados, e cuja imparcialidade é attestada pelas suas mesmas divergencias em pontos secundarios, bastariam só de per si a qualificar o elevado merecimento de Odorico Mendes como traductor; mas os nimiamente escrupulosos, que se não pagam de juisos alheios, não têm mais que examinar a traducção, e as copiosas notas que a acompanham, e onde o poeta, fazendo a apologia dos notados defeitos de sobejidão de neologismo, de obscuridades, e durezas da versificação, demonstra victoriosamente já a necessidade da adopção dos termos novos que introduziu, já que os mais dos vocabulos de origem latina, que se lhe arguem como innovações, de ha muito tinham foro de nacionaes, introduzidos e naturalisados por outros grandes mestres; já finalmente que em certos logares, a apparente dureza da metrificação, aliás facil de tornear em cadencia especiosa, era mui de indústria procurada para verter com toda a energia e propriedade as bellezas do original. Nem ha ahi duvidar da exactidão d'esta última asserção, se attendermos aos innumeraveis versos de uma melodia irreprehensivel que no proprio *Virgilio Brazileiro* deleitam o ouvido a cada passo, e que são continuos e quasi sem excepção na traducção das duas tragedias de Voltaire, onde o poeta não tinha que

lutar com a concisão do latim, tão difficil de attingir.

Essas notas porém não são meramente apologeticas. Escriptas com sobriedade e temperança, e estylo chão e natural, em que se reflecte, como em fiel espelho, a alma singela e pura do auctor, são um riquissimo thesouro de variada e escolhida erudição, e constituem uma maneira de curso de litteratura em que abundam os exemplos e conselhos judiciosos, e onde muito acharão que aproveitar quantos se dedicam a este genero de estudos.

Sem conservar-se encerrado nos limites da poesia, faz tambem o auctor frequentes digressões nos dominios da história e da politica; e remontando-se ás mais elevadas considerações da moral pública e privada, ora o veremos exprimir votos calorosos pela abolição da escravidão na sua patria, ora confundir na mesma severa reprovação os excessos da tyrannia e da anarchia, ora emfim tomar a defeza do deprimido e desdenhado Portugal, como quem sente e conhece que a solidariedade dos dous povos irmãos, sem embargo da revolução que os separou politicamente, subsiste ainda a muitos respeitos, e ha de perdurar por tempos infinitos. Mal podemos vencer-nos que não reproduzamos n'este logar o que sobre o último assumpto escreveu este digno brazileiro, contradictoriamente accusado, em differentes epochas, ora de parcial, ora de antagonista dos portuguezes.

«Delille é quasi sempre infeliz quando cita a Ca-

«mões (lê-se em uma das referidas notas ao *Virgilio «Brazileiro*)—O painel da grandeza de Roma na re-«vista da posteridade de Enéas, diz elle, é sublime «creação do poeta latino: imitaram-n'o Tasso, Camões, «Milton e Voltaire. Na *Jerusalem libertada* os destinos «da casa d'Est, preditos a Reinaldo, não têm histori-«camente assaz importancia para auctorisar o mara-«vilhoso; o mesmo, a glória de Portugal, encerrada «em pequenissimo quadro, explendor de pouca dura-«ção... De todos os imitadores, Voltaire foi sem dú-«vida o mais feliz, com a vantagem de pintar a epocha «mais memoravel do espirito humano, e seu estylo tem «muitas vezes o brilho da côrte de Luiz XIV.—Um «francez, Mr. Villenave, assim impugna estes pala-«vrões—O seculo de Luiz XIV foi de certo uma epocha «memoravel, não *a mais memoravel do espirito huma-«no*. E o que é um estylo que tem todo o brilho da «côrte de um rei?

«Cada um busca celebrar as suas cousas; peque-«nas aos estrangeiros, são grandes aos nacionaes: o ita-«liano Tasso não devia omittir um principe e uma casa «real de Italia para cantar, por exemplo, a de França. «Delille, não contente de afrancezar a antiguidade, na «sua paraphrase da Eneida, folgára de que o Tasso es-«trangeirasse a *Jerusalem* ou pozesse de parte um meio «bem cabido na sua epopéa, em comparação da qual «a *Henriada*, cumpre confessar, não tem sobejo valor. «Se todavia a pequenez da casa d'Est escusa um tan-«to o mau juiso do critico, a apreciação dos *Lusiadas*

«é miserabilissima. A epocha de que trata Camões prin-«cipalmente (digo *principalmente*, porque elle canta os «portuguezes em geral) é a mais importante na história «da navegação, vale mais que o seculo de Luiz XIV; o «descobrimento da nova rota das Indias por Vasco da «Gama, como o da America por Colombo, e o do Bra-«zil por Cabral, mudou a face do mundo, ao commércio «deu extensão prodigiosa, augmentou os gosos da vida «por toda a parte; derribou, levantou nações; é o acon-«tecimento que marca os tempos modernos. Quanto á «duração da glória portugueza, distingo: se Delille «chama glória só a conquista das Indias, é exacto que «oitenta annos depois cahiu a nação pelo dominio cas-«telhano; mas se a palavra comprehende, como deve «comprehender, a honra que resulta de todas as suas «façanhas, essa glória já durava seis seculos não in-«terrompidos ao canta-la o seu immortal poeta. A his-«tória de França não apresentava uma tão longa serie «de successos gloriosos até aquella epocha.

«Insisto na digressão, porque não só Delille, os «franchinotes viajantes por moda menosprezam a nossa «raça. Uma nação da qual nasceu a brazileira, hoje de «quasi nove milhões de homens, terceira em população «na America, segunda em importancia politica, tem a «sua glória indelevelmente escripta nos annaes do mun-«do; e ninguem abrirá um mappa do nosso globo, sem «n'elle encontrar muitos nomes de paizes de Africa e «Asia attestando a parte que o reinosinho do occiden-«te da Europa tem tido no movimento geral da civili-

«sação. Pena é que Delille não marcasse as leguas qua-
«dradas, a população, e os annos de celebridade que
«deve ter qualquer nação para poder um poeta cantar
«os seus feitos heroicos. Da pequenez do seu paiz
«Camões tirou motivo para o louvar na sua magnifica
«oitava XIV do canto VII e em mais algumas.

«Perdão, se ainda continúo e me extravio. Tenho
«ouvido já, quasi sempre a descendentes de outros eu-
«ropeus, que *nós* seriamos felicissimos, se tivessemos
«sido colonos de outra nação. Antes de tudo este *nós*
«é um disparate: se o Brazil fosse diversamente colo-
«nisado, não seriamos nós os seus habitantes; e de-
«vemos aos compatriotas sobejo amor para querermos
«que elles sejam outros, e não elles mesmos. Por-
«tugal produziu um imperio de nove milhões de ha-
«bitantes; digam-me qual é o que proporcionalmente
«fez tanto? Apesar das injustiças que dos máus gover-
«nos soffriamos, apesar de mesquinhos ciumes da
«metropole, nossos paes nos transmittiram: 1.º a re-
«ligião mais civilisadora; 2.º franquesa e hospitalida-
«de *á nossa custa*, não de palavras e cortezias; 3.º
«uma legislação civil melhor que a de nações muito
«mais presumpçosas; 4.º uma lingua sonora, a mais
«opulenta, senão para as cousas da indústria moder-
«nissima, para a história, para a navegação, para a
«poesia, com todos os matizes, variedade e graça.
«Qual é a colonia franceza emancipada? qual é a hol-
«landeza? Tiradas as de Hespanha, mais as de Ingla-
«terra, que produziu a soberba e livre republica nor-

«te-americana, as restantes estão ainda debaixo de «tutella. Nós já vamos forçando o orgulho a nos ter «em consideração, e mais seremos se desprezarmos «os medos de conquistas no nosso territorio, e oppo-«zermos energia a vãs ameaças.»

VI.

Vamos concluir, consignando aqui as últimas noticias e ponderações que nos occorrem acerca da nobre existencia que temos esboçado. Odorico Mendes teve assento no antigo conselho geral do Maranhão, e, em várias legislaturas, na assembléa provincial do Rio de Janeiro. É membro effectivo do Instituto Historico e Geographico do Brazil; da sociedade amante da instrucção, da de instrucção elementar, e socio honorario da academia das bellas artes no Rio de Janeiro; e aqui em Lisboa acaba de ser nomeado socio correspondente estrangeiro da academia real das sciencias. [1] Só uma unica condecoração obteve, sem todavia a sollicitar—a commenda da ordem de Christo, que deve á espontanea munificencia do sr. D. Pedro II.

Os companheiros de Odorico nas lutas do primeiro reinado chegaram todos ou quasi todos ás maiores

[1] Foi admittido por votação unanime, e sob proposta do Sr. conselheiro Antonio José Viale, em sessão de 23 de outubro deste anno.

honras, e ás mais elevadas posições politicas e sociaes. Alguns as deveram sem dúvida aos seus talentos fóra do commum; outros á dextreza e agilidade com que souberam manobrar no mar incerto em que navegavam. Mas inflexivel ou menos habil no caminho que preferiu, Odorico Mendes tem visto sem pesar todas essas grandezas que lhe não couberam em sorte, pago e satisfeito de haver atravessado a vida conservando-a immaculada até da menor suspeita que lhe podesse levemente marear o lustre.

Tendo sahido do Rio em 1847, viveu quatorze annos em Paris, da aposentadoria do seu emprêgo, e das mingoadas sobras que podéra accumular anteriormente, subtrahindo-as ás necessidades quotidianas. A verdadeiros milagres de economia deveu não sómente o subsistir tão longo espaço em honrada mediania n'aquella opulenta capital, fóco de tentações de todo o genero, mas ainda o poder dar uma boa educação aos filhos, dous dos quaes alcançaram logo vantajosos logares de fazenda, graças aos estudos que haviam feito, aos bons officios de um velho amigo nunca deslembrado, e sobretudo á politica esclarecida do imperador, que a nenhum merecimento deixa sem emprêgo, e nenhum antigo serviço sem galardão.

O anno passado emprehendeu Odorico uma viagem á Italia—sonho dourado de toda a imaginação de artista e de poeta—que em fim lhe concedeu o céo realisar apoz tantos annos de expectação. Dir-se-hia

que a fábula de mãos dadas com a antiga e moderna história apraz-se de fazer as honras da hospedagem aos que visitam aquella terra portentosa com o espirito preparado para comprehender e admirar as maravilhas que povôam as suas cidades e ruinas. Por entre essas alas esplendidas e phantasticas de quadros, estatuas, e monumentos de todo genero, d'elles orgulhosos e de pé, outros prostrados pelo tempo e humilhados na poeira; e no meio do arruido e alvorôço da resurreição de um grande povo, atravessou-a Odorico Mendes, e como verdadeiro peregrino da religião das musas, foi junto ao Pausilippo, em cumprimento de voto antigo, depôr uma capella de flôres sobre o tumulo do poeta amado.

Agora, impossibilitado de voltar á patria, cujo clyma se não compadece com o estado de sua saude, cuida em passar da Italia a Portugal, onde acabe os dias, e onde logre, diz elle, o inefavel prazer de ouvir a sua lingua fallada pelo povo, e sinta ainda alguns toques de que a alma se comprazia na mocidade.

Homem moldado á antiga, a sua velhice socegada e digna passa-se na prática de todas as virtudes, e na effusão dos sentimentos de amisade, indulgencia, e brandura que sempre characterisaram a sua alma affectuosa. Essa placidez porém nem é inerte e egoista, nem esteril. Se a occasião se depara, e as idéas, as palavras, e os successos vibram as cordas que tocam no amor da patria e da liberdade, ou no odio do crime e do vício, ve-lo-heis inflammar-se como nos dias da

primeira mocidade e das grandes lutas, com que poderia repetir-se, e applicar-se-lhe o dito da rainha, cujo lastimoso fim cantou na sua versão:

Sente os vestigios da primeira chamma.

È assim tambem que, quasi aos sessenta annos de idade, para coroar dignamente uma carreira tão honrosa, emprehendeu com juvenil ardor a traducção completa dos poemas de Homero—tarefa collossal que leva já em mais de meio, pois finda a da Illiada, deu já princípio á da Odysséa.[1]

O célebre philosopho e escriptor estoico exclamava transportado—que não havia espectaculo mais digno dos deoses, que o do homem justo lutando com a adversidade. Senão tão grandioso, não é certo menos meritorio o do homem de bem contente da mediocre fortuna, enchendo a vida tranquilla e proficuamente emquanto lhe ella dura, prestes a deixa-la sem pesar quando aproximar-se o derradeiro dia.

[1] Foram concluidos e polidos pelo poeta antes de sua inesperada morte. O illustre maranhense, a quem a assembléa legislativa de sua provincia havia auxiliado com a quantia de quatro contos de reis para imprimir suas obras, quiz, antes de retirar-se da Europa para esta cidade onde pretendia dar á luz suas primorosas locubrações, visitar Londres. Alli porém esperava-o a morte, e no dia 18 de agosto de 1864 foi inexperadamente accommettido de um ataque cerebral dentro de um wagon, onde cerraram-se-lhe os olhos sem rever os lares patrios! Veja-se para mais esclarecimentos a nota—G—no fim do volume.

(Dos EEDD.)

Este espectaculo consolador e cheio de ensino nos apresenta Odorico Mendes. Feliz o escriptor a quem coube traçar as linhas singelas que servem de moldura á sua nobre imagem, se ellas conseguirem fortalecer os sentimentos de estima e veneração de que sempre foi objecto entre os seus este homem distincto, cuja preciosa amisade faz o orgulho dos que a possuem, como a sua vida toda inteira honra a terra que lhe deu o berço.

FOLHETINS.

1851—1852.

I

A festa de N. S. dos Remedios.

A festa chamada dos Remedios é a mais popular desta boa cidade de S. Luiz, quero dizer é a festa a que concorre maior porção de povo de todas as classes e condições, e a que, na variedade das distracções que proporciona, deixa mais satisfeitos os concorrentes. Em qualquer tempo merecia ser descripta e narrada em algum dos nossos jornaes, com que lá por fóra e mesmo cá por dentro se ficassem conhecendo e avaliando em parte ao menos, os nossos costumes e scenas de provincia; este anno, porém, muito mais, por uma agradavel innovação introduzida, a qual é de esperar que nos annos futuros se reproduza e aperfeiçoe, em proveito das bellas artes, e para satisfação deste pobre respeitavel público, que vegeta em tamanha e tão rigorosa dieta de tudo quanto póde alimen-

tar e deleitar o espirito, os ouvidos, os olhos, e todas as mais faculdades e sentidos da alma e do corpo.

Eu pois, Timon, vencendo por um pouco a feroz misantropia de que me accusam, verei se faço o que outros não têm feito, e no emtanto da mesma via desmentirei a abominavel calúmnia de que sou víctima, narrando o mais agradavelmente que poder, o que tão agradavelmente presenciei e gosei.

Já um mez ou mais antes do dia da milagrosa senhora, começa a azafama da sua festa; as bellas e os elegantes perdem o somno, imaginando nos meios de melhor ataviar-se. Que receios, sobresaltos e angustias nesta amavel classe de consumidores, e sobretudo na classe embezerrada dos fornecedores, pela só demora de alguns dias na chegada dos navios que trazem no seu bojo os chapeus, as luvas, os vestidos, as quinzenas, [1] as cassas, as sedas, as plumas, as rendas, as fitas, as flores, as pomadas, os cheiros, e todos os mais generos emfim que dão vida e saude ás lojas, e inpthysicam as algibeiras dos freguezes! Como discorrem em todos os sentidos pelas ruas e travéssas, como invadem todas as lojas, as pretas, as cafuzas, as mulutas, sobraçando peças de fazendas, livros d'amostras, e caixas e mais caixas de dourado papelão, com que vão incessantes de um lado para outro, sem conseguirem satisfazer o gôsto exquisito e requintado das capri-

[1] Capa de seda então muito em voga.

(Dos EEDD.)

chosas senhoritas, a quem a emulação e a competencia tornam mais difficeis e impertinentes! Os sapateiros, alfaiates, costureiras, e modistas não têm mãos a medir; e a urgente e pesada tarefa abrange ordinariamente todo o curso das novenas, e só expira com o último dia da festa. O leitor sisudo e imparcial, mormente o que tem familia, terá sem dúvida e por muitas vezes feito sérias reflexões sobre esta deliciosa calamidade, e sobre as suas immediatas consequencias em relação á economia pública e privada.

Devo porém declarar que no meio do geral bulicio só Mr. Ory[1] não tem sido muito encommodado; e se o assevero com tanta segurança é porque tenho estado em uma posição vantajosa para observa-lo.

Aviados ou não os preparativos, no dia aprasado começam as novenas, annunciadas a girandolas de foguetes, ao estouro das bombas, a toque de zabumba, e a repiques de sinos, ao meio dia em ponto na ermida da milagrosa virgem. É de notar que no Maranhão as festas públicas, quer religiosas, quer civis ou politicas, parece que nada valem sem foguetes, sinos, zabumbas, bandeiras, e aryrys, accessorio obrigado de quasi todas ellas.

Todo o fiel catholico romano sabe perfeitamente o que são novenas, e mais o nome pelo menos está in-

[1] Cabelleireiro francez, que ainda hoje vive entre nós, e então morava no pavimento terreo das casas do auctor.

(Dos EEDD.)

dicando que são actos religiosos que se repetem nove vezes. Porém as dos Remedios têm esta particularidade, que se dividem em duas partes, a externa e a interna.

Eis a externa. O povo, sem distincção de classes e condições, aflue logo ao anoitecer de todos os pontos da cidade, e occupa promiscuamente o largo dos Remedios, uns de pé, outros sentados em bancos e cadeiras, uns parados, outros passeando, aquelles fumando, estes devorando doces, est'outros simplesmente conversando, e alguns até engolphados em silenciosa e gososa meditação. Cada um vestido segundo o seu capricho. E a todos a lua illumina, o vento refresca, e a poeira encommoda soffrivelmente. Reina por toda parte o prazer e a cordialidade, e é quasi geral a effusão dos bons sentimentos.

Pelo que toca á manducação, ha annos a esta parte têm os costumes soffrido uma bem sensivel alteração. Dantes se improvisavam no largo doze ou mais barracas, com toldos de lona, em que os amigos da alimentação succulenta e abundante iam abarrotar-se de costelletas, lombos de porco, tortas [1] de camarão, escabeches, guisados de peixes, e outras comidas desta feição; este anno, no largo, só deparamos com uma barraca triste e solitaria. Ha mais outra, a do sr. Valença, a qual de envergonhada, foi

[1] Frigideiras chamam-se em outras provincias.

(Dos EEDD.)

encantoar-se lá para os fundos da igreja. Nesta ha cavallinhos de pau em que certa laia de amadores da equitação tem dado formidaveis corridas, e quédas estrepitosas e victoreadas. A nossa progressiva e refinada civilisação vae banindo esses fócos de indigestões e borracheiras, e não soffre mais do que doces leves e delicados, as queijadas, os bolinhos de amor, os pães-de-ló de macaxeira, canudinhos, capellinhas, rebuçados, melindres, e suspiros, a que todo o mundo se atira, e que todo o mundo apenas rega com agua pura do Apicum, salva sempre as honrosas excepções dos fieis cultores da antiga lei, que continuam a concorrer ás solitarias e envergonhadas barracas.

Para aviar a enorme massa de consumidores de massas, uma extensa fila de doceiras circula o largo em todas as suas direcções, sentadas em cadeiras, costas ao mar, a face para a multidão, e adiante de si, sobre pequenas bancas, os taboleiros attestados de doces de toda a especie, quartinhas d'agua, e a competente lanterna accesa. Estas cem a duzentas lanternas produzem uma maneira de illuminação quasi á flôr de terra, que não é dos espectaculos menos curiosos que ali se offerecem. Não ouso sondar o abysmo do consumo e devoração de cada noute: o espirito recúa salteado de horror diante do cálculo; baste dizer-se que os que têm a imprudencia de passear o largo, á luz do dia immediato, o encontram alastrado e sordido dos papeis de todas as côres que

involviam os extinctos canúdos e rebuçados, tão deliciosamente chuchurrubiados na vespera. Seria conveniente que os directores futuros fizessem remover os despojos destas pacificas batalhas nocturnas, cuja vista é bem desagradavel, sobretudo ao amanhecer do dia da festa.

As doceiras de taboleiro podem considerar-se as tropas ligeiras desta guerra gastronomica; mas além disso os particulares que moram pela visinhança, ou que para ali se mudam nesta quadra feliz, fazem enormes encommendas de grossa e pesada munição para os seus bailes e chás; e nas lojas do palacete do commendador Fernando está assentado o quartel general desta dulcissima indústria. Refiro-me á confeitaria do immortal Condeixa, de que dentro em pouco me tornarei a occupar.

Em outras lojas do mesmo palacete embestegou-se o cosmorama do sr. Gregorio; os guinchos de um estropeado realejo forcejam por attrahir os curiosos, que ali, por via de regra, não costumam ser de tão boa companhia, como no palacete da rua da Paz. A entrada custa meia pataca.[1]

No antigo alpendre de Nossa Senhora, e n'uma barraca erguida a poucos passos de distancia, tocam alternadamente a musica dos Educandos, e a banda de cornetas do Corpo Fixo.—Nem escolha nas peças; nem esmero na sua execução; os instrumentos pare-

[1] Cento e sessenta reis.

cem velhos e rachados, e estão certamente desafinados. Será prudente applicar o ouvido e a attenção a outros objectos.

Ah! o balão! Já me ia esquecendo que o balão é tambem um ingrediente indispensavel nestas festas; e o que subiu aos ares na noute de domingo, 5 de outubro do anno da graça de 1851, foi com anticipação annunciado em todos os grandes jornaes desta nossa Babylonia, como obra de uma associação de artistas, e producto de uma subscripção nacional, ou provincial.... bem se vê que a cousa se torna séria, e toma todas as proporções gigantescas de uma empreza industrial, artistica, e scientifica. Era logo depois da novena; e mal que desatado das importunas prisões o engenhoso e sublime artefacto arrancou altivo e magestoso para as ethereas regiões, mil basbaques, a um tempo, e por um só movimento concertado, ergueram ao ar os olhos e narizes, e os queixos estupefactos, e manifestaram de boca aberta a glória e o prazer que os possuia, por alguns minutos de extatica admiração, de confuso murmurinho, e zumbido universal! Era para ver e admirar como na volta vinham praticando sabios e profanos sobre o memoravel acontecimento!—Qual notava que desta feita não tocou como das outras na torre da igrejinha, antes foi direito seu caminho; qual as centelhas que despedia, as guinadas que dava, e o rumo que tomou; qual emfim que era todo de papel branco, com bordados de verde bem no centro.

A verdade é que a este importante assumpto dos balões, digno das mais sizudas reflexões dos philosophos e estadistas, não se tem entre nós prestado toda a devida attenção; a ponto tal que a polícia ainda não deu parte se este de que fallo ardeu nos ares, cahiu em terra, ou abysmou-se no occeano, como aliás era mister, para completa satisfação e conhecimento de um público tão judicioso como esclarecido.

De mim confesso que não sabendo tractar com irreverencia objectos tão serios e nobres, apesar de asseverar-me pessoa de cuja veracidade faço o mais elevado conceito que no bojo da graciosa maquina não iam novos nem velhos Gamas, por não ser do estylo da terra; não obstante, digo, tocado da geral e intelligente admiração, e não tendo cabedal proprio, recolhido em meu conceito, estive a ruminar os seguintes versos do finado Filinto Elysio, que offereço ao respeitavel, e espero mereçam a indulgencia e o *passe* dos nossos modernos romanticos·

Assim deixou de Creta as cem cidades
O fabuloso mestre,
As estranhadas nuvens dividindo
Com atrevidas pennas;
Assim nos ensinou a sermonarchas
Do ligeiro elemento,
.....
.....
..... um globo imitador dos orbes,
Que giravam no ar vasio....

Eu mesmo o vi. Obediente ao mando
Deixou airoso a terra;
Sobre a frente dos homens assombrados
Levantado planeta
Sulcava as raras ondas magestoso:
(Em soberbo triumpho
A regrada sciencia aos ceos subia)
E furtando-se aos olhos
A nova estrella prefazia o gyro.
Tal Jupiter subido
Tira bizarro, pelo ethereo campo,
Os satellites fidos,
.....passeiando.
Na clara estiva noite.

Agora a parte interna.—Entremos na igreja. É pequenina, e está principalmente atulhada de pretas e mulatas; as brancas, as senhoras, a gente do grande tom, essa occupa as tribunas, as janellas, e até os pulpitos que das sallinhas assobradadas, que estão ao lado da igreja, deitam para o interior della. Nestas sallinhas, ha mais fresco, e melhor companhia, e o espirito mais bem disposto, póde melhor entregar-se á devoção e ás meditações religiosas..... No interior, a luz das lampadas, das placas, e de infindos cirios do throno do altissimo innundam o templo de luz e de calor; o halito de tanta gente ali oppressa e apertada o centuplica, e torna insupportavel. Desejaria asseverar que as paredes estão cosidas em pur-

pura e ouro; não posso dizer senão que estão forradas de velho damasco encarnado, com seus galões e franjados de não sei que materias, que feridas pelas luzes despedem um brilho tal e qual [1]...

Silencio, e a postos! Os canticos vão começar! Toca a encher os melhores logares. Os nossos cavalheiros, cuja cortezia é aliás digna de um eterno renome, nem sempre dão a precedencia ás donas e donzellas, *como a rasão e ordem concertavam.* Elles tambem querem ver e ouvir... Mas oh dor! uma têa, côr de sangue, que tem mais de expessa que de transparente, estendida sobre as grades do côro, recata as amaveis cantoras das vistas curiosas e profanas...

Odi profanum vulgus, et arceo.

Não importa; o mysterio, aguçando as imaginações já escandecidas por tantas causas, ha de emprestar-lhes novos encantos. Rompe a musica; o côro é dirigido pelo afamado maestro que de Lisbôa occorreu ás plagas americanas em busca de glória, e distracções.... e digamo-lo em honra da verdade, a composição e a execução são acabadas e primorosas como jámais se viu no Maranhão. Sob tão perita di-

[1] Hoje, depois de reconstruida a capella de N. S. dos Remedios, desappareceram as janellas e pequenas tribunas, sendo substituidas por duas espaçosas galerias, o recinto do pequeno templo acha-se decentemente decorado e illuminado a gaz.

(Dos EEDD.)

recção, tão habilmente acompanhada pela instrumentação, as nossas meigas deidades erguem as vozes divinas, e entornam liberalmente os seus melodiosos thesouros.

Oh prodigio! Cantam latim! A lingua de Ovidio, de Tibullo, e de Virgilio, mau grado o character severo e sombrio que contrahiu nos canticos da igreja, estremece de prazer e de amor ao roçar aquelles mimosos labios. Cada uma se distingue por um merito especial, e encontra apaixonados entendedores que a vão preferindo ás outras, por estas e aquellas rasões, a qual dellas mais cabida. Eu, Timon, receando ver de novo perturbado o Olympo com as antigas discordias, bem quizera confundi-las a todas n'uma admiração igual; a necessidade, porém, a cruel necessidade de adaptar as instituições ao principio monarchico que felizmente nos rege, me obriga, fórça e arrasta a comprometter-me por uma escolha e preferencia.

No meio do concêrto celestial, sobresahia uma voz melodiosa, elevada, extensa, flexivel, variada, adaptada a todos os tons, natural sobretudo, facil, expontanea, pura e agradavel como a nascente que deslisa e murmura entre floridas e cheirosas moutas. Esta voz era a de uma beldade que em estylo de sallão, de pacotilhas e miscellaneas se chama a exm.ª sr.ª d. Rosa Laura de Souza Rego, mas a quem Timon em seu estylo desalinhado e singelo, mas respeitoso, chamará d. Rosinha Lelles, como sempre a ouviu chamar. E pois que o

nome se proferiu, já não podem ser toleradas as divergencias e parcialidades, tanto mais que a unanime acclamação dos povos, nunca é uma escolha verdadeiramente livre, mas apenas a consagração do merito vencedor, e o simples complemento da victória e dominação. A Venus do Mantuano só pelo andar e meneio magestoso se deu a conhecer deusa e immortal; *vera incessu patuit dea*: d. Rosinha Lelles entreabre os graciosos labios, verte torrentes de harmonia, e faz-se rainha pelo canto. Curvemos as frontes e os joelhos, e rendamos preito e menagem á voz vencedora e soberana. Timon, primeiro que nenhum outro, está prompto e offerecido a dar a vida pelas instituições. *Moriamur pro rege nostro Maria Theresia!*

Não me venham cá dizer que ao sr. Miró devia caber a corôa e a glória, pois sobre elle recahiu todo o pêso e direcção desta memoravel campanha musical. Não póde ser; melhor que ninguem elle proprio o deve conhecer, e estou que o conhece e confessa; a lei salica não rege felizmente nestas abençoadas regiões; e o mais que lhe posso fazer, é chapear para que se lhe confiram as honras de primeiro ministro; seja muito embora o Pitt, o Richelieu, ou o Grão-Vizir Giafar desta immensa patacoada.

Não admitto adhesões duvidosas, e restricções mentaes, fundadas em não sei que pretextos de melhor estylo, e mais sábia eschola. As boas e verdadeiras monarchias são de direito divino, e o talento vem

do ceu e da natureza, não precisa nem tem que pleitear primazias com as finagranas e requebros inextricaveis da arte, e seus guindados e abstrusos preceitos.

Além de que é imprudencia, temeridade até, fallar a todo proposito em estylo e eschola de canto em um paiz, cuja alta e refinada civilisação, e cujos progressos no bom gôsto, nas bellas artes, e sciencias reconditas eu sou o primeiro a confessar, reverenciar e proclamar, porém onde,

Uma matrona para applaudir uma menina diz-lhe que ella canta que nem uma *cereja;*

Onde as meninas que vão passear á quinta do brigadeiro, voltam enamoradas de um pé de *arcipreste* muito bonito que viram no jardim, e fazem altas diligencias por um galho para *margulhar*;

Onde se aprende o francez de preferencia, para cantar o italiano, e não fallar o portuguez, ao menos toleravelmente;

Onde um candidato a mestre de primeiras lettras, que se empenhava comigo para ser nomeado, pedindo-lhe, eu Timon, explicações sobre o que fossem *limites da lingua*, a primeira phrase com que deparei em uma grammatica aberta ao acaso, respondeu-me abrindo os queixos, mostrando-me um palmo de pelle de lixa saturada de cuspo, e rematando a enojosa pantomima com dizer-me que *limites é quando um homem sahe fóra dos seus limites.*

Em um tal paiz, digo e sustento que é perigoso fallar

em estylo e escholas, pois uma demasiada insistencia a tal respeito póde desafiar perguntas indiscretas, em detrimento do nosso credito. Se alguem por ahi pensar que se tracta da eschola do Carapuça, do Rabicho, ou do Macaco!

De resto, suspeito que dos que tanto fallam nisso, uns o fazem por impostura sem saberem do que fallam,

(Promptos decidem do que nada entendem)

e outros, por espirito secreto de rebellião contra os direitos inauferiveis do throno. Aconselho a estes conspiradores que se contenham, e tomem sentido com a recente e fulminante lei *corta-cabeças*. E tanto menos pretextos ficam á ignorancia, e á perversidade, para attentarem contra a ordem estabelecida, que nisto, como em todas as cousas deste mundo só realisou-se uma formidavel compensação. Na questão da formosura, não foi possivel haver preferencia e escolha; a divergencia foi immensa, e igual a que se deu entre os generaes gregos de Marathonia quando tractaram de conferir o premio do valor ao mais digno, e cada um votou em si. Neste ponto, ficamos com uma republica, ao mesmo tempo democratica e social, honesta e moderada, onde a todas fica aberto o caminho da glória, e das maiores honras, sem o embaraço do princípio vitalicio e hereditario das monarchias.

Conheço que era impossivel resistir de todo á torrente das idéas democraticas deste seculo movidiço e furta-côres, e Timon, apesar da sua conhecida preferencia, amolda-se de boamente a todas as fórmas e systemas, uma vez que fiquem salvos os grandes principios indispensaveis á existencia das sociedades, se respeitem os factos consumados, e se observe religiosamente a liberdade dos folhetins.

E vós, rainha excelsa e senhora minha, permitti que prostrado aos pés do vosso solio, vos falle como subdito leal e sincero. Eu vos peço, exhorto, imploro, depreco e supplico que deis a essa voz divina toda a perfeição para que a sorteou a natureza; mais expressão ao canto, mais energia, mais ternura e vigor alternadamente, mais alma, mais fogo, mais vida e mais paixão. Nessa voz tendes recursos para tudo, e para que della se diga, e espalhe por toda parte:

Que o peito accende, e a côr ao gesto muda.

Timon não vo-lo pede para si, mas a bem do proprio throno.—Para elle não sereis mais rainha do que sois; mas podeis dilatar vossos dominios e a glória do vosso nome, fazer a felicidade de tantos subditos e admiradores, baldar as insidias dos conspiradores, e oppor barreira invencivel ás invasões incessantes da turbulenta e invejosa democracia.

O tempo corre, e as novenas se aproximam ao seu termo. Repetem-se cada noute as scenas já descriptas, a concorrencia vae em progressivo augmento. Chega a vespera; o largo está litteralmente atulhado; o fogo de artificio está plantado no espaço proximo ás barreiras que inclinam para o mar.—A mais da gente dispensa a novena desta noute, *para não perder logar*, nem o templo é cabal a admittir sequer a vigesima parte della. Em quanto a novena se canta, vamos nós divertir-nos, e passear.... passear não, dar e receber encontrões, rodear, saltar, e romper as densas e enredadas filas de bancos e cadeiras que por ali estão. Um amigo arrasta-me ao quartel-general do Condeixa; entro, flanqueio o mostrador de doce que está logo á frente, penetro o interior: *patet domus intús*... A luz das lampadas e candelabros offuscou-me a princípio; aos poucos me fui recobrando, vendo, e admirando as sallas, já calçadas de marmore, ao gôsto da loja de mr. Ory, já forradas de esteiras da India, e tapetes da Turquia. Os aparadores vergavam ao pêso das iguarias, dos vinhos, dos crystaes e porcelanas. As toalhas de linho adamascado cegavam de alvura. O xerez, o madeira, o champagne de ouro e de purpura (vulgo *encarnadinho*), o tokai, o lacryma-christi, a ambrosía, as capellas, trouxas d'ovos, o leite creme, hatchis oriental á Monte-Christo, os sorvetes gelados do Occidente, o nectar dos deuses, nada faltava; um gentil escanção servia com graça, presteza, e ordem... Porém, ó abominação, ó horror!

O leitor benevolo e indulgente, e sujeito certamente, como Timon, ás illusões da optica, terá sem dúvida lido o romance em que o infeliz Cazotte narra como fascinado pelos prestigios e obsessões de Satanaz, se enamorou de uma larva, que lhe apparecia sob as fórmas vaporosas da loura e sempre esquiva Biondetta; como por duas vezes que conseguiu cingi-la ao coração, quando começava a lhe beijar os olhos bellos, de repente a angelica visão se esvaiu em fumo, ficando em seu logar uma medonha cabeça de carneiro; e como em fim a sobredita cabeça lhe berrou ao ouvido—*Che voi*. A mim me aconteceu quasi o mesmo.—Pareceu-me ver no imberbe e mimoso Ganymédes o velho pae Camillo, que foi do fallecido André Camacho, nos mesmos trajes em que depois serviu a um dos mais honestos e intelligentes papa-defunctos desta heroica cidade. Por aqui se póde avaliar o resto da tremenda realidade. O morrão da candêa de sebo tinha produzido toda aquella phantasmagoria. Fugi espavorido daquella abominavel espelunca, com a cabeça atordoada das emanações infectas de várias gamellas de agua suja, e com os sapatos expessos e pesados de fragmentos do solo torpe e humido que se lhes grudaram ás sollas. Gritei pelo sr. Claro, fiscal, e pelo sr. Claro, delegado, que na invasão das febres andou, novo Hercules, limpando as cavalhariças de Augias, e ninguem me acudiu.... Mal me pude soster que não amotinasse a multidão, e reproduzisse a sanguinaria apostrophe de Marat:

ó povo palrador, se soubesses obrar! Ah grande Maranhão! tens bojo para tudo.

Os repiques, os foguetes, o zabumba, a agitação da onda popular indicam que a novena deu fim. Outro balão, que só se differença do primeiro na dificuldade que experimentou para chegar ao termo da sua laboriosa gravidez, tiveram perto de uma hora á sua espera as auctoridades constituidas e o povo. Não já simplesmente mil, cerca de quatro a cinco mil basbaques admiraram desta feita a grande maravilha. Ardeu o fogo de artificio: o que lhe notei de melhor foi a brevidade com que ardeu. *Esto brevis et placebis.*

Houve seus bailes não só na vespera, como nas noutes anteriores. Reprovo estes abusos, desvios, excrecencias e superfetações, que desnaturam a festa, e contrariam a sua indole e character todo popular, universal, e sem exclusões.—E demais, uma massada de contradanças até depois da meia noute anniquilla as fôrças tão indispensaveis para o dia da grande acção final. Nada sei do que nelles se passou, porque confesso em toda a minha real verdade que para nenhum fui convidado; e confesso-o, posto que lembro que uma maliciosa erudição póde citar-me a fábula da raposa e do caixo de uvas, como explicação da minha impertinente censura. As setas da calúmnia não

podem comtudo chegar á alta região da severa imparcialidade, em que me colloquei, tanto mais que confesso tambem com a mesma ingenuidade que se algum dos amphitryões tivesse a bondade de convidar-me, a não ser na vespera, não duvidaria quebrar do conhecido rigor dos meus principios para ver, observar, e contar somente.

Apaixonado, ou simplesmente imparcial e severo na minha censura, o certo é que me deitei mais cedo e acordei certamente mais vigoroso e bem disposto que os bailadores. Vesti-me ás pressas, o melhor que pude, e caminhei, quasi resvalei e deslisei pela rua do Sol, tão bem acabada, perfeita e unida se acha a calçada ultimamente construida. Fui deixando após mim estas prosaicas, monotonas e abafadas massas de pedra e cal, e chegado em breves minutos ao cimo da rua dos Remedios, avistei lá no fundo a ermidazinha, branca como um phantasma, ou antes como uma pomba. Emquanto eu descia, subiam os devotos que á mingoa de fato domingueiro, acodem ás missas da madrugada; a devoção não exclue a vaidade e o amor proprio. Cheguei seriam cinco e meia; já achei ali companheiros mais matutinos que eu. A scena era realmente encantadora; a manhã que apenas se erguia do leito de marfim, se espreguiçava, e estendia manso e manso por toda a amplidão dos horisontes côr de perola; com uma das mãos esfregava os lindos olhos, inda inertes e macerados pelo somno; com a outra sacodia e compunha as bastas madeixas côr da noute,

e a cada movimento espargia mais e mais em derredor uma luz sempre crescente, mas sempre pura, suave e duvidosa. Não menos suave e puro o zefiro ou a briza (estylo de folhetim) nos acariciava brandamente as faces e os cabellos, encrespando lá em baixo, a nossos pés, a tranquilla superficie do Anil. Era felizmente maré cheia. Chateaubriand diz não sei onde que gosta mais da plaga deserta e abandonada pelas aguas; tambem eu as amaria, se fossem plagas de dourada ou branca area, e não as praias de lama deste impagavel Maranhão. Que vista tão donosa, que vasto e variegado panorama, aos olhos ávidos, ao mesmo tempo, e fatigados de tanto objecto vulgar e ignobil! A um lado o Anil, a sua opposta margem, a verdura infinda de suas colinas, a pedreira da Jansen; do outro a bahia immensa que desapparece nos semfins do horisonte; a pouca distancia tres ou quatro navios, reliquias da antiga opulencia commercial; de outro lado, a cidade com a casaria apinhada, e sobretudo, Sancto Antonio, as paredes denegridas do seu claustro, as pardas arcadas da sua fonte, a sua cerca sombreada de bastas folhagens, e o chão tapeçado de um verde que o sol estivo principia a dourar.

No nosso proprio largo fluctuam bandeiras de mil côres, e de todas as nações; e as palmeirinhas de aryry abanam, ciciando, as comas verdes, sim, mas orphãs e núas de sabiás, que nem um só ouvi alli cantar, com mágoa o digo, e com perdão do nosso insigne e inimitavel poeta Gonçalves Dias.

Deram seis horas; os sinos, os foguetes, as bombas estrugiram tudo.—A rua que guia ao largo, começou a encher-se, e a entornar as suas ondas incessantes e perennes. Toda aquella multidão fórma como uma só vêa, ou serpente de mil côres que se arrasta sem cessar, surucucú, jararáca, ou cobra coral, sem rabo nem cabeça, mosqueada, rajada, sarapintada de negro, branco, vermelho, azul, verde, amarello, pardo e cinzento. Vista por partes, são brancos, pretos, mulatos, cafuzes, cabras, caboclos, mamelucos, quartões, oitões, e outras infindas variedades que escaparam á classificação Gayoso. São casacas, paletós, jaquetas, calças modernas, antigas martinicas, vestidos, saias, quinzenas, mantas, visitas, sapatos, chinellas, pés descalços. Formosura e fealdade, a graça e o desaso, o vício e a virtude, a sisudeza e a desenvoltura, a intelligencia e a estupidez, todos os sexos, todas as idades. A criancinha envolta nas fachas, que ora ri, ora chora de quanto entrevê, e lhe sussurra confusamente nos ouvidos; aquell'outra mais crescida, que começa a ensaiar os tenrinhos passos mal seguros—Lá vão aquelles já taludos, travessos, foliões. Acima destes, os que aspiram aos foros de moços e moças, os que já realmente o são, as estimaveis mães de familias, as matronas já entradas em annos, os homens barbados e sem barbas, anciões, velhas respeitaveis, e velhuscas respeitabilissimas, pelo sexo, como reliquias das gerações extinctas, e como monumentos das passadas éras.

Esta scena toma maior animação aos sons da musica militar, e quando alguns dos anneis da serpente são formados pela tropa ou pelos educandos artifices.

Faço um esboço geral, sería impossivel individualisar tudo. Não obstante mencionarei especialmente algumas cousas e pessoas, dignas de especial menção, sem afiançar que siga sempre a ordem chronologica, nem distinga o dia da noite.

Vi o sr. Honorato A. de Souza, chegado ha pouco da côrte, vestido com gosto, muito prazenteiro, e sem denotar o menor desgôsto pelo naufragio da sua candidatura, devido a machinações tenebrosas, e á falsa notícia adrede espalhada, da falta da habilitação legal da idade.

O sr. desembargador Mariani, o candidato feliz, ainda mais prazenteiro. Compareceu a algumas novenas, e já por duas vezes pertencêra ás partidas de prazer que no *Caxiense* atravessaram a bahia de Alcantara. Tendo conseguido o voto popular, e esperando obter a escolha imperial, o caso não é para menos. Muitos parabens.

O sr. tenente-coronel Altino, official da imperial ordem da Rosa, que é emblema de amor puro. Este cavalheiro no porte, na posição, e nas pretenções dava-me ares do principe Alberto, esposo de S. M. a rainha Victoria. Supponho que é da raça afortunada dos Coburgos.

Mr. Pavion de braço dado com o sr. Serra Lima. *Virtus unitas vis*. Evitamos uma complicação externa.

Um basilisco disforme e temeroso que invadiu as sallas lateraes da igreja, causou uma impressão profunda, e quasi petrificou ao meu amigo dr. Fabio. A pedido seu o menciono aqui, sem nomea-lo. Por muito menos que isto têm havido grandes desastres eleitoraes.

Um elegante cavalheiro se dirige para mim. Bules de polimento, calças de cazemira azul, casaca verde com botões dourados, collete de seda, chão cinzento matisado de flôres encarnadas e ramalhudas, chicoria empregada ou jabot, lenço de seda de côr atado ao pescoço de uma maneira graciosa e irreprehensivel, cadêa de relogio pendente, luvas de pellica côr de canario, leve varinha na mão, e pendente da algibeira um alvissimo lenço de cambraia arrendado e de *lavarinto*[1], recescendendo á agua de colonia. Como corôa e complemento, um airoso e bem armado chapéu branco. Deuses immortaes! Era o meu amigo, o sr. João Gomes Claro, o digno fiscal que tão surdo fôra á minha evocação da vespera. Acolhido por um murmurio de geral approvação, foi, *una voce*, acclamado primeiro leão de primeira classe da festa e da provincia, com exercicio até o anno futuro; e o que mais é, sem interferencia de cacetes, actas falsas, patuléas, algazarras e arroz de pato,

Sem bayonetas, sem canhões escravos.

[1] Labyrintho, ou crivo chamam outros.
(Dos EEDD.)

O nosso poeta Gonçalves Dias, dando o braço a umas senhoras, conversando alegre e satisfeito, sem deixar rever o menor vislumbre daquella melancholia e desesperação que nos vende em seus mimosos versos. Heide estimar que continuem as suas infelicidades.

O sr. Florencio Mattos, que poderá ser boa testemunha do que disse ha pouco do preclarissimo Claro. O sr. Mattos! com effeito! mais do que isso não póde ser! consta-me que esteve a pique de bater-se em duello com o sr. Luiz Ferreira, mas os padrinhos poderam evitar o combate, mediante explicações, e declarando satisfeitas as leis da honra e das barrigas. [1]

Reverendo vigario padre Camillo, amigo affectuoso de Timon, e de tantos outros, grande devoto de N. Senhora, e sobretudo de sua festa, e de quantas festas se possam imaginar, bom, alegre, galhofeiro, alliando o respeito com a familiaridade, a severidade dos principios com a bondade e indulgencia, é o Olympio Machado dos vigarios, e foi uma das testemunhas que evitou o duello, separando os combatentes a larga distancia com só metter-se de permeio. Tenho grande desejo de ouvir a missa do gallo, dita por v. reverendissima.

Ah exm.! por aqui! Só v. exc. não viria! Bem

[1] Allude o auctor a enorme obesidade de ambos estes cavalheiros. O sr. Mattos pesava aqui ha annos 9 arrobas!

(Dos EEDD.)

soube frei Dorotheu o que fez, quando no seu sermão pediu a N. Senhora que lhe corresse a mão pela cabeça.... Presente ás novenas á noute, depois de passear ás tardes, presente aos bailes, á ascenção dos balões, ao fogo de artificio, encontrei-o na madrugada da festa, e já ao meio dia estava devotamente ouvindo a grande missa. *Partout et toujours*, sempre e por toda a parte attento a fazer e a participar da felicidade dos povos confiados aos seus desvellos pelo melhor e mais adorado dos monarchas.

Cum tot sustineat, et tanta negotia solus!

Sobra-lhe nada menos tempo para tudo, passeia a pé, a cavallo, de carro, a remo, a vela, a vapor, por mar e por terra, na cidade, no Physico, no Bom-Gôsto, no Furo, em Alcantara, Rosario, Itapecurú, dança, toma chá, desempenha honestamente todos os deveres de um bom conviva, é padrinho de baptizados, chrismas, e casamentos, e com a ajuda do parentesco espiritual, lança profundas raizes nesta terra, que administra com tanto tino, bom gôsto, justiça e alegria. Faz muito bem; talvez esteja na última phase da sua lua de mel. *Carpe diem—Fugaces labuntur anni—Fugit invida ætas.*

Vi o sr.... porem se continúo a individualisar assim, não acabarei. Observemos antes por atacado. Da gente que vem chegando, uns penetram a igreja para ouvir missa, outros se conservam fóra sentados

ou a pé; e a todos é bem sensivel a falta de uma confortavel chicara de café. É tão facil aos meritissimos juizes mandar servir meia duzia de bandeijas ao escolhido público que alli se costuma congregar áquellas horas, que não sei como até hoje lhes não tem lembrado este melhoramento material que a mim nunca me esquece, e que espero no meu amigo, o sr. commendador Porto, o futuro juiz, ver introduzido na proxima festa.

A scena entra a mudar para peior. A manhã, violada pelo sol escabellado, furioso e fulgurante, a bella e graciosa manhã perde a maior parte dos seus suaves e virginaes encantos. A luz deslumbra, o calor abraza, e as ondas de povo escoam pouco a pouco. Nestas críticas circumstancias os mais aguerridos e tenazes conheceram que era mister tomar uma resolução difinitiva e desesperada.

—Então não fica para ouvir a musica da missa?

—Ora, pois eu estou lá para semelhante massada! Nada, vou-me embora.

Timon, que andava á espreita e á escuta, ouviu estas perguntas e respostas, e declara e denuncía á indignação pública que anda aqui uma impostura igual pelo menos a das escholas de canto. Fallem com franqueza, e digam logo que se vão embora, porque ninguem os convidou. Quanto ás pretendidas

massadas, *credat Judeus Appella, non ego*. De mim o digo que passei um dos dias mais aprazíveis de minha vida, no seio de uma amavel familia, e no meio de uma pequena mas escolhida companhia.

Tive a fortuna de ser tambem convidado por um distincto e bravo capitão de guardas nacionaes; e só Nossa Senhora dos Remedios sabe o pesar que tive de não possuir o dom da ubiquidade para estar junctamente em ambas as partes. Esse pesar apenas póde ser igualado pela perennal gratidão de que o meu peito será um eterno sacrario.

Exegi monumentum ære perennius.

Desculpe-me o latim, que é hoje a lingua das deusas. Ouvi que o meu distincto amigo capitão fez de maneira as honras da casa, e tractou os seus convivas com tal esmero, e com tão substancial profusão, que se mostrou digno de commandar, não já uma simples companhia, mas um batalhão em estado completo. É de esperar que a situação ou a actualidade (estylo de artigo de fundo) se lhe não der um posto de accesso, o confirme pelo menos no que tem, e mais tendo este bravo official sido sempre um firme e leal saquarema puro, raça bem aventurada, que nestes ultimos tempos tem pullulado como as ortigas e matapastos.

Muitos ficaram por aquelles arredores, como eu, e provavelmente, para os mesmos fins que eu. Ás horas aprasadas fomos á grande missa. Dizer que a

muzica vocal e instrumental redobrou de esmero, energia, e possança, e que nestas duas horas reproduziu e concentrou toda a magia das noutes anteriores, é dizer uma cousa que todos sentiram. A rainha mostrou ter nascido para o throno; as suas rivaes reconhecendo a preeminencia do talento, já se não mostram impacientes de tão suave dominação.

Nunquam libertas gratior extat
Quam sub rege pio.

No acompanhamento notavam-se os maviosos e accordes suspiros de uma flauta, e de uma clarineta. Esta era a do sr. Colás, o nosso antigo e habil professor; a flauta, do sr. Luiz da Rocha Santos, pagem feliz e digno desta côrte de harmonia. O sr. Tribuzy esteve excellente, a ponto de excitar ciumes no grão-vizir Giafar, que por pouco, dizem, lhe manda, e sem a rainha o saber, o mimo fatal do cordão de seda. O sr. Villas-Boas esteve cousa boa, não o ouvi, disseram-me. Não faltarão pennas mais bem aparadas, que recommendem seu nome á mais remota posteridade.

Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.

Ali estava a ouvir a musica (e a missa) muita gente grada, respeitavel e bonita. Notou-se muita falta de refrescos, muitas portas fechadas, um luxo de

sentinellas e grosserias, sendo até certas senhoras expulsas, sem necessidade, dos logares que occupavam. A um musico, padre e excellente cantor, ouvi eu lastimar-se amargamente, da violação do sabio anexim dos nossos maiores: *o musico onde canta là janta*. Aviso aos futuros directores.

Houve sermão prégado pelo frei Dorotheu, que por ser simples, singello e chão, não foi menos apropriado e eloquente. Frei Dorotheu exprime-se na nossa lingua com mais difficuldade do que as moças cantam o latim. Disseram-me que não menos de duas vezes sua paternidade fallára em *olhos pesqueiros*. São certamente uma qualidade de olhos dignos da mais alta consideração, e que não obstante tinham escapado ao nosso poeta, que tão ternamente cantou os olhos pretos, e os olhos verdes. Sería ousadia minha sollicitar alguns versos para os olhos *pesqueiros*?

Nossa Senhora estava no seu altar, com a boca cheia de riso, o semblante banhado de innefavel e suavissima bondade, como que alegre e satisfeita de receber as melodiosas homenagens das amaveis cantoras, promettendo a todas favor e protecção. Ella que soube resistir com tanta sobranceria á imposição um pouco violenta e revolucionaria de Sancta Philomena, e continuou a monopolisar, sem esfôrço de maior, o amor e devoção da grande maioria dos fieis, quem sabe se não virá a substituir a influencia quasi despopularisada do velho S. Gonçalo? Se tal fôr, teremos de ver pendurados *ex-voto*, das paredes da sa-

christia, entre as estampas de navios salvos de naufragio, de braços e pernas de enfermos salvos de amputação, adoraveis maridinhos de cera, instrumentos, posto que indignos, com que a Sanctissima Virgem aprouve suavisar os semsabores deste valle de lagrimas, em favor das devotas offerentes.

Ao elevar-se a hostia, a guarda de artilharia que ali estava sob o commando do amavel capitão Valente, deu uma salva triumphal. As fauces abrasadas dos cavados bronzes vomitaram novellos de enrolado fumo que remontando ao setimo céo, foram confirmar as alegres noticias da grande jubilação maranhense, já anticipadas pelos balões. Hão de ver que esta feliz lembrança foi devida á delicadeza do estimavel sr. Britto, ajudante de ordens de s. exc., que á actividade e zêlo no seu emprêgo sabe alliar o bom termo, e os modos affaveis, de que Timon é tão apaixonado.

São cinco horas da tarde; vamos disfructar a scena final. Comecemos por partes. A banda do Corpo Fixo havia despejado o alpendre desde a vespera; e áquellas horas ainda continuava ali a venda ou troca começada pela manhã, das medalhas e *medidas* da Virgem. As *medidas*—são fitas de uma vara de comprimento, de toda largura, e de todas as côres, em que se vêm estampados em ouro ou prata o nome e a imagem de Nossa Senhora: as mais ricas e de

mais luxo terminam em franjas dos mesmos metaes. Não ha quem não as compre, e não orne com ellas o peito, cada um segundo as suas posses. Antigamente as usavam riquissimas, havia-as até de vinte patacas em prata. As mais caras deste anno custavam apenas quatro patacas em sedulas, e não seriam dignas do menor apreço, se não fossem cousas sanctas e benzidas. *Fuit Ilion.*

O leilão se faz em uma barraca, arrimada ao lado da igreja, toldo de lona, aberta em tôrno, e cingida por uma simples cêrca. Consta de mimos que os devotos mandam a Nossa Senhora: e que os concurrentes arrematam por devoção ou mera tafularia. Antigamente a licitação dava quantias fabulosas; hoje em dia, entra a noute, e muitos objectos ficam por falta de lançadores. Estão ali doces, plantas, flores, fructas, segredos, galanterias, animaes domesticos, selvagens, terrestres, aquaticos, amphibios, aves e quadrupedes, chirimbabos e bichinhos. Entre as galanterias, um naviozinho de doce, todo empavesado, velas de pano de assucar. Agradou-me muito mais que o estupido vapor[1] que ardeu na vespera, e sem nenhuma cortesia deu as costas para o céo, logo aos primeiros bordos; e creio que aconteceria o mesmo a toda gente de bom paladar. Entre os chirimbabos, estavam os jurarás tão tempestuosamente debatidos nas ultimas sessões da assembléa provincial. Elles

[1] Refere-se ao do fogo d'artificio.

que ali estavam é que naturalmente foram approvados em terceira discussão.

Espraiemos a vista mais ao longe. A maré, este dia sempre obsequente, tufára de novo, e com o manto de Raleigh, escondia a lama odiosa aos olhos: uma duzia de escaleres e catraios, velas e bandeiras desfraldadas aos ventos, brincavam e rotouçavam sobre as ondas em leve agitação, aproando ora a um, ora a outro rumo.

O largo em perfeita barafunda e arruido. Nunca, é certo, nas scenas anteriores, houve precedencias de logares; mas os grupos, ao menos, se formavam destinctos. Agora não, a confusão é completa, e tudo redemoinha confundido, subindo, descendo, encontrando, abalroando, pretos, brancos, homens, mulheres, grandes e pequenos, rindo, fallando, assobiando, grunhindo, balando, miando, exprimindo, e denunciando emfim por todos os sons e por todos os gestos o prazer e satisfação; paraphrase multisona e multiforme do magnifico idilio de Horacio:

Beatus ille, qui procul negotiis.

O prazer só era desbotado pela muita poiera, e frequentes baforadas, que sem o menor respeito a tantos olfactos delicados, os apaixonados do charuto iam

exalando á direita e á esquerda. Só faltou para que a scena tivesse todo o desenvolvimento, e attingisse á perfeição, que a turba, precipitando o passo, entrasse em dança formal. Sr. commendador Porto, meu senhor, mande vir, por quem é, o corno de Oberon para a festa do anno que vem, e não olhe a despeza, pois se for indispensavel, fico que a assembléa provincial vote uma prestação condigna a tão importante melhoramento....

Um dos maiores beneficios que dispensa a Virgem com a sua festa, e que escapou a frei Dorotheu no seu sermão é este prazer universal, tantas classes confundidas, tantas dôres adormecidas, tantos escravos deslembrados de seus ferros. Inda mal, que é tudo tão fugaz! Não importa, é um momento de repouso nesta lida que só tem a morte por termo, é um confôrto para recommeçar-se com mais vigor a tarefa do dia seguinte. Mil ferventes e gratas orações á compassiva e mizericordiosa Virgem.

Havia um resto de fogo de artificio a queimar, houve ainda um balão que ardeu antes de desferir o vôo, e desafiou por isso uma immensa acclamação, mas a nada disto assisti mais, que me foi mister retirar mais cedo.

Despedi-me saudoso das amaveis companheiras, e bons companheiros da jornada; ajoelhei no meu foro

interior, e beijei mentalmente a mão á rainha, e feita uma reverente cortezia a s alteza, o principe Alberto, apartei-me silencioso e desacompanhado.

Imagine o pio leitor em que estado caminharia eu: vieram-me lagrimas aos olhos lembrando-me a aria final do conceituoso Sancho, em uma das operas do judeu [1]:

Tão alegres que fomos,
Tão tristes que viemos.

A tristeza que me salteou então, saltea-me novamente ao escrever estas últimas cançadas, e enfadosas linhas. Não ha remedio, curvo-me ao destino inexoravel, e já agora assignar-me-hei sem murmurar

Terça-feira, 14 de outubro.

TIMON, o misantropo.

(Do PUBLICADOR MARANHENSE n. 1173, de 15 d'outubro de 1851.)

[1] Antonio José, poeta brazileiro queimado em um auto-de-fé, em Lisboa.

(DOS EEDD.)

II

A festa dos mortos ou a procissão dos ossos.

O homem no mundo é um simples peregrino; os movimentos inquietos e incessantes, que o agitam, a sua impaciente e perpétua actividade denotam assaz que, mesmo quando elle o não sabe ou não o sente, aspira a um fim, a que ainda não attingiu. Os destinos mais extraordinarios e gloriosos, a felicidade maior e mais pura, qual a podemos conceber na vida, nunca enchem e satisfazem completamente o seu insaciavel coração. É que neste mundo limitado e finito nada responde aos sonhos de perfeição, que o nosso espirito concebe e o tornam amoroso da immortalidade, que a religião collocou além da vida. Nem todos, é certo, admittem estas crenças e aspirações; não é menos certo porém que ellas são a fonte de immensas virtudes, de grandes consolações e da rara

felicidade, que nos é dado gosar durante esta quasi sempre dolorosa peregrinação.

Timon foi salteado d'estes pensamentos quando no dia 2 de novembro de 1851, ás 2 horas da tarde, começaram os sinos a entoar esses dobres funerarios, que tanto semelham os gemidos dos que vão, e os lamentos dos que ficam. Era a commemoração dos defunctos e a aproximação da sua lugubre solemnidade annual.

Não é possivel fallar de religião e de morte sem lembrar Chateaubriand, o moderno padre da igreja. «Estranha maravilha (diz elle) é ver como uma sim-«ples badalada no bronze desperta no mesmo instante «os mesmos sentimentos em mil corações diversos, e «o como os ventos e as nuvens se encarregam de «transmittir os pensamentos do homem!» Sem dúvida, a indifferença, filha do hábito, os interesses e as paixões mundanas, deixam a muitos insensiveis e surdos ao sonoro e funebre convite da igreja, se não é que alguns até maldizem e blasphemam o pretendido incómmodo ruido. De mim porém confesso e digo que nunca uma só vez me senti importunado nem pelos alegres repiques nem pelos compassados e tristonhos dobres. Tenho o ánimo quasi sempre inclinado á tristeza e á dor; e este dia, além dos pensamentos que annualmente desperta, muitos novos motivos de dor se accumularam, para que deixasse de conformar-me a um signal que convidava á dor. Mil paixões odiosas em furor; a pretendida justiça humana sacri-

ficando hecatombes inteiras de creaturas formadas á imagem do Creador; o braço assassino cortando uma vida em flor; uma mãe chorando, como Rachel, os filhos que perdêra; e outra, esgotadas as fontes da vida, talvez por tanta vida, que transmittíra a novos seres, em quem se reproduziu, estirada no leito da agonia, mirrada e quasi extincta por uma horrivel enfermidade; ás afflicções das breves horas presentes, reunidas as afflicções dos longos seculos passados, os mortos em fim antigos e recentes, acenando aos moribundos que os sigam e acompanhem!

«Não satisfeita da attenção que presta a cada tum-«ba (é Chateaubriand quem falla) a religião corôou as «cousas da outra vida por uma ceremonia geral, em «que aviva a memória dos innumeraveis habitantes do «sepulchro; vasta communidade de mortos, em que o «grande se deita junto ao pequeno; republica de per-«feitissima igualdade, onde ninguem entra sem depôr «o capacete ou a corôa para passar acurvado pela «porta baixa do tumulo. Neste dia dos solemnes fune-«raes da familia inteira de Adão, confunde a alma as «suas tribulações pelos antigos mortos, com a dor de «que a repassa a perda recente dos amigos. A triste-«za, por esta união, reveste uma incomprehensivel «formosura, como uma dor moderna reveste o chara-«cter antigo, se o genio que a exprime, bebeu as suas «inspirações nas velhas tragedias de Homero. Só a «religião é assaz poderosa para alargar de maneira o «coração do homem, que elle contivesse a um tempo

«suspiros e amores iguaes em número á multidão de «mortos que tem a honrar.»

Logo que se entra a rua de S. Pantaleão, estreita porém longa, avista-se a igreja do Sancto, edificada por ventura em um dos pontos mais elevados desta cidade. Não sei architetura e não obstante ouso afirmar que é um dos nossos mais bellos templos: as suas torres airosas, esbeltas e delgadas se arrojam gentilmente aos ares e dominam todo o Maranhão com tanta graça senhoril, que não têm essas outras móles de pedra e cal, rudes e indigestas, sob cujo pêso gemem acurvadas e esmagadas as mais das nossas igrejas. Infelizmente, e sob côr de pretendidas accommodações, aggregaram-se ao lado do edificio umas casinhas baixas e agachadas, á que chamam das sessões da mesa e da secretaría, e que dando-lhe as apparencias de um maneta ou corpo de um só braço, deformam miseravelmente o seu bello frontespicio. O Maranhão nada offerece nas artes que possa acarear a admiração, ainda dos espiritos menos difficeis; mas parece que nem isso basta aos amadores do—*feio e desalinhado*— pois por toda a parte, e sempre com o pretêxto das accommodações, vão deixando traças, que assignalem o seu mau gôsto. O parque interior do palacio do govêrno tambem está sendo invadido por uma aza ou braço de casinhas no mesmo genero.

Quem quizer ter o trabalho de subir uns sessenta e tantos degráus, que guiam ao alto de uma das torres, alcançará tambem o prazer de gozar a vista de um extenso e variado panorama: de um lado, a cidade se alonga, inclinando e abaixando sempre, até terminar na Ponta d'Area, que se nos afigura ser o ponto extremo della, não separado pelo mar, e quasi a afundar-se nelle; de outro, desdobra-se a vasta paizagem, onde a eterna verdura dos matos e arvoredos contrasta com a relva secca e amarella, que alcatifa os taboleiros. Sobre os topos e recostos dos oiteiros, algumas quintarollas e casinhas, cobertas de palha ou de telha, brancas ou vermelhas, e no fundo do valle, juncto ás fontes do Apicum, as roupas alvas, estendidas pelo chão ou fluctuando pendentes das cêrcas e cordas, matizam, esmaltam e animam a scena.

Não foram porém estes objectos que me trouxeram ali e sollicitam a minha attenção, já por muitas vezes os vi, gozei e admirei; outros pensamentos me occupam agora. Aqui está a igreja: adherente a ella a casa dos expostos; á sua frente, um pouco ao lado, o cemiterio protestante dos inglezes; no fundo, o cemiterio catholico da Misericordia; mais além de uma e outra banda, o hospital de charidade e o hospicio dos lazaros, todos proximos e visinhos e olhando uns para os outros, em expressivo e eloquente silencio. A vida

que apenas desabrocha, as miserias que a salteam no seu curso e a morte que lhes põe termo, pareceu que se aprasavam para aquelle encontro! Sería acaso, mero descuido ou designio profundo da Providencia esta estranha reunião, do que o homem foi apenas instrumento insciente? haverá nisso indifferença e crueldade simplesmente, ou grande e severa lição moral? Foi posto ali o doente para a cura e salvação do seu corpo, ou como preparação da morte para salvação da sua alma tão somente? Seja como fôr, das janellas da sua temporaria prisão tem elle occasião e tempo para ver cavar a prisão, que o ha de encerrar eternamente; e em quanto o ferreo somno da morte o não oprime para todo o sempre, ahi estão os canticos funebres e o dobrar lastimoso dos sinos para o embalar nos seus somnos curtos e atribulados de enfermo!

O cemiterio da Mizericordia já foi descripto, se me não engana, pelo senhor engenheiro Rodrigues Lopes, que computou a largura e comprimento, a área ou superficie, a elevação dos muros, os pés cubicos de alvenaria, as varas de lagedo e cantaria, as quantidades das catacumbas e a capacidade devoradora do solo consagrado á morte. Timon desviou o pensamento dessas particularidades, contemplou os muros baixos e acaçapados, rasgados a espaços por umas janellas engradadas, ainda mais baixas, e a entrada no centro que é um portico ou portão de ferro, cuja architectetura esganiçada, contrasta singularmente com a gravidade do logar.

Antes de 1830 os enterros faziam-se nas igrejas; para o antigo cemiterio, que ocupava justamente o mesmo local, onde se reconstruiu o actual, ia só a gente mais humilde e desamparada da fortuna, e os escravos, á quem os senhores e parceiros não queriam ou não podiam dar mais honrada sepultura. Havia ali um espaço reservado para os pagãos ou pretos novos, que os traficantes da costa d'Africa nos traziam, então cada anno aos milhares, e que aos milhares tambem escapavam á escravidão pela morte. Esse espaço não era somente alastrado de ossos, senão de contas e missangas de todas as côres, com que aquelles miseros usavam de ataviar-se, sobrevindo nelles a vaidade á perdida liberdade.

Em 1830, quasi quando cessava o trafico, inaugurou-se o novo cemiterio; e de então para cá se tem ali sepultado de 18 a 20 mil cadaveres.

A recente cidade dos mortos compete já em população com a cidade dos vivos.

Penetrei o recinto consagrado; o ambito estreito, as catacumbas empilhadas, algumas dellas rasgadas e esbroadas, o chão nú, escavacado e revolvido todo de fresco, denotando a precipitação com que prematuramente se arrancam á terra os seus despojos, offereciam um espectaculo de desolação e miseria, que me contristou no íntimo d'alma. Nem relva para vestir o chão, nem sombras protectoras e amigas—Apenas algumas raras plantas, poucos arbustos pellados e encolhidos, tres ou quatro gravatás e outros tantos tris-

tonhos mandacarús, espectros vegetaes, que estendem os longos braços nús, como ossos sem carne.

No fundo do cemiterio está a capellinha, onde se encommendam os corpos; notei apenas a imagem do redemptor crucificado: quanto ao mais, as paredes e o altar estão despidos de todo e qualquer ornato e decoração. Amo a simplicidade, não a penuria e a nudez. De ambos os lados da capella, e arrimadas a ella, estão duas casinhas abertas, á feição de varandas que, ao que me pareceu, servem de morada aos escravos tumbeiros e coveiros, e de armazem ao mesmo tempo dos instrumentos e utencilios do seu lugubre officio. Ali vi confundidos e de envolta, os aparelhos da vida e da morte, fogões apagados, tições dispersos, panellas e caldeirões, meassabas, cofos de roupa dos negros, ferros de cavar, tumbas, padiolas, e a cal que devora os cadaveres. Afastemos os olhos quanto antes deste espectaculo miserrimo e indecente.

A área do cemiterio é cortada em cruz por duas ruas, uma que guia e se desdobra em degráus de cantaria, do portão á capellinha, com assentos da mesma pedra aos lados; e outra que, bem no centro, se estende por todo o comprimento delle, limitada por duas paredinhas baixas e parallelas. Fica assim o campo dividido em outros quatro campos ou recintos iguaes em extensão, mas segundo presumo, distinctos e graduados na estima e vaidade dos que para ali são obrigados a encaminhar os despojas mortaes dos seus.

Ha alguns tumulos de alvenaria á flôr da terra; não deparei nelles com cousa alguma que prenda a attenção; apenas notei a sepultura de uma mulher e tres filhinhos, que, chegando aqui em abril, foram em poucos dias ceifadas pela peste, deixando inconsolavel o desditoso marido e pai á quem se vinham reunir depois de larga ausencia.

A cova, cercada em torno de uma paredinha branca e de grades verdes, estava pintada, illuminada, e ornada de vasos de flores e verduras; á cabeceira, sob um docel de seda, um crucifixo, e aos pés, em mostradores envidraçados, as madeixas, varios objectos do uso e alguns lavores das mãos dos dilectos finados.

Inscripções em lettras de ouro sollicitavam as orações dos fieis. Posto que um pouco garrido e enfeitado de mais para a occasião e para o logar, nada menos, todo este apparato denunciava a entranhavel dôr e saudade do pobre homem, viuvo da esposa, e orpham dos filhos, que ali esteve, dizem, a regar com as suas lagrimas as cinzas e as flores.

Eis ali estão tres mausuléus de marmore branco! O mais singelo delles foi o que mais me tocou o coração; um pai o ergueu para guardar as cinzas e a memória de uma filha querida, roubada ao seu amor no viço dos annos. Era o doutor Soares, pai do actual ministro de estrangeiros [1], medico que alliava a

[1] O visconde d'Uruguay.

profissão da sciencia com a cultura das lettras, por entender, como Ferreira, que as musas não empecem aos doutores. Li no monumento esta mimosa inscripção latina:

Quasi flos egreditur et conteritur.

Pensamento que Malherbe verteu nos seguintes deliciosos versos:

Elle était de ce monde où les plus belles choses
Ont le pire destin;
Et rose, elle a vecu ce que vivent les roses—
L'espace d'un matin.

Sejam desejos naturaes e sanctos de honrar os mortos, como em todos os tempos se usou, sejam manifestações reprovadas de orgulho humano, essas distincções nunca serão poderosas contra o terrivel nivellamento da morte, e por mais que façam, todas as poeiras serão ali confundidas. «Ó sublimidade sem «igual do evangelho! (exclama Chateaubriand.) Mal «despe o terreno manto o pobre mendigo, que defi- «nhava ás nossas portas, objecto de asco e desdem «universal, a religião o toma nos braços e transfor- «mando-o subitamente n'um ser augusto e sagrado, nos «fôrça a curvar a fronte diante delle. Pondo-nos diante «dos olhos esta formidavel imagem da igualdade, ella «nos ensina a reverenciar um justo, resgatado pelo «sangue de Jesus-Christo, e alçado d'uma condição «obscura e miseravel ao throno celestial; è assim que

«o grande nome de christão nivella tudo na morte; e o «orgulho do mais alto potentado não póde obter da «religião uma oração mais fervorosa, que a que ella «concede á mais humilde creatura.» Estas ideas são sobretudo applicaveis a um paiz de escravos e senhores, de oppressores e opprimidos, e onde a morte, formidavel abolicionista, vai cada dia delindo a injustiça e a disigualdade.

Do nosso dirigi-me ao cemiterio inglez. Que contraste! Não pude penetrar, estava fechado. A frente é vedada nas extremidades por um muro vulgar, e no centro por uma gradaria de ferro, pesada e severa. Procurei dali devassar o interior; o chão estava todo tapeçado de erva secca; no meio, uma rua atijolada e orlada de sombrias figueiras bravas, encaminha a outro muro e a outra porta, que se divisam lá no fundo, e recatam ainda, como um terrivel mysterio, das vistas curiosas e profanas, o verdadeiro recinto da morte. Reinava ali a nudez e a solidão. Comprehendo tudo isto.

E pois que escrevo sobre este assumpto, não me despedirei, sem fallar no moderno cemiterio dos Passos. Fica á beira do Caminho Grande, no fundo de um estreito valle dominado pelo Alto da Carneira e por outro em cujo recosto estão assentadas a quinta do brigadeiro Magalhães e algumas mais. A estrada fórma ali um semicirculo; e quem vem descendo de qualquer

dos lados, contempla a larga facha arqueada e vermelha do caminho, onde termina o denso arvoredo, que resguarda o cemiterio pela frente. É um asylo, não direi risonho, mas sombreado, protegido e perfumado pelas flores e folhagens, saudoso e melancolico, não terrivel e ingrato aos olhos. Ainda em setembro, um soberbo pau-d'arco, que está á frente como rei da pequena floresta, desdobrára e ostentára a magnifica cabelleira côr de ouro. Este sim, estimára mais ve-lo em jardins de diversa natureza. O interior do cemiterio, que aliás não tenho tempo para descrever aqui miudamente, não me desconteutou tanto como o da Mizericordia; pareceu-me mais decente e bem ordenado; os mortos ali não se atropellam, nem são perturbados antes de tempo nos seus leitos de argila. Seria no entretanto conveniente que os administradores não o deixassem converter em pateo de criação de patos e gallinhas.

Na vespera do dia de finados, logo ao anoitecer, sahe a procissão chamada dos ossos. Dir-se-ia que as almas do purgatorio, não satisfeitas dos suffragios dos inumeraveis fieis, que acodem ao logar, onde repousam os seus corpos abandonados, sahem, sob a fórma visivel e palpavel dos ossos, a sollicitar pelas ruas as orações dos tibios remissos ou enfermos, que se deixaram ficar em suas casas. Eu vi descer o fu-

nebre prestito por uma das nossas principaes ruas: eram extensas fileiras de irmandades e padres, de cirios, lanternas, e archotes, na frente iam arvorados, como em tropheu, a imagem do Senhor crucificado e varios paineis de sanctos; no fim, o sarcophago que encerrava os ossos, coberto de um panno negro com uma cruz de galões mortuarios, e carregado aos hombros de varios irmãos da Mizericordia; logo após, á musica militar, chorosa e sentida, a immensa multidão vestida de negro e branco, e a tropa com as armas em funeral. Durante o transito dobraram os sinos de todas as igrejas.

Anticipei-me a ir receber a procissão ao recolher-se; e quando ao desembocar no principio da rua de São Pantaleão o funebre cortêjo derramou-se por ella fóra como por um estreito e apertado canal, lá do alto da igreja, as luzes dos infindos cirios e archotes, se me afiguraram uma só chamma ateada e immensa, ou a superficie de um rio de fogo, que caminhava scintillando e fluctuando, como fluctuam e scintillam as aguas de um rio verdadeiro, se as dardeja o sol meridiano.

Mas a esta descripção frouxa e descorada, parece mais cordato antepor alguns versos que sobre o assumpto compoz um nosso comprovinciano, o senr. Augusto Frederico Colin. Cultor feliz e assiduo das lettras e das musas, elle dedica-lhes todos os momentos, que póde roubar aos deveres de empregado e chefe de familia, que tão dignamente desempenha.

Eil-os: vêr-se-ha que o poeta soube inspirar-se das scenas graves e dolorosas que cantava:

Pelos ares vibrando o bronze chora,
E em monotono som triste rebôa;
A decahir do sol, tibio crepusculo
A terra tinge de cinzentas sombras.
Fieis ao templo acodem.....

.....

Á lembrança dos mortos é sagrado
Este dia de luto; os sacerdotes
Entôam fieis nenias sacrosantas,
No templo do Senhor, de dó vestido.
E em procissão os restos derradeiros
Da fraca humanidade se transportam.

... .

—

De todo a terra se cobriu de trevas,
Só negra escuridão reina no espaço.
Apenas lá da parte do occidente
O crescente da luz esparge á custo
Frio, baço clarão, por entre os crepes
Das nuvens transparentes...
Mais choroso e carpido geme o bronze

.....

Desfilando o cortêjo se divisa
Por longa rua e numeroso povo

O involve em turbilhões...
..... as tochas
Ao suspirar, tremulam, da nocturna
Briza gelada, que das tumbas sopra:
O triste psalmear dos sacerdotes
A espaços resoar se escuta apenas.

PSALMO.

«Tem de mim compaixão, Senhor Deus Sancto,
«Apaga da minh'alma a iniquidade,
«E do peccado meu me purifica.
«Eu pequei contra ti, na face tua,
«Perdôa-me, Senhor.....

.....

«Tu me borrifarás co'o sancto hyssope,
«E est'alma ficará, Senhor, mais pura
«Do que a neve mais alva; e de consôlo
«Palavras me dirás, e os baixos olhos
«De prazer saltarão embevecidos.
«Afasta de meus erros o semblante...

.....

«Taes o propheta-rei quando peccára
«Endeixas flebeis entoou ao Eterno...

Do alto em que está a igreja se estende um espaço vasio e aberto, plano inclinado que vai morrer junto

aos muros do cemiterio; dir-se-hia o declivio por onde resvalamos para a morte.

A multidão, que já ali estava, condensou-se mais com a gente que acompanhára a procissão, e não fôra pouca. As pedras das nossas ruas não têm que chorra, nestas occasiões, como as de Jerusalem, porque as não pise a devoção... ou a curiosidade. A concorrencia foi immensa, como sempre. Estavamos ali apinhados. Junto á porta de ferro, se erguia o pulpito; a multidão esperava attenta e anciosa: assomou sobre elle um vulto, era o padre prégador. A noite, posto que alumiada um tanto pelos raios placidos e mitigados da lua, m'o não deixa bem divisar. Presumo porém que é um veneravel sacerdote, barba espessa e crescida, aspecto severo e mansueto ao mesmo tempo, idade que recorde a morte, de que nos vai entreter. A voz forte, sonora e extensa, ha de despedi-la, quanta tiver no largo peito, com que se faça ouvir em derredor de quantos ali estavam pendentes daquella boca eloquente. Elle nos pintará os tormentos eternos dos maus e as penas do purgatorio, sollicitará os nossos suffragios e orações, fará sentir a inanidade transitoria da vida; e da reunião dos mortos e dos vivos n'aquelle ponto e praso dado, tirará lições e ensinos tremendos, com que commova, aterre e enterneça alternativamente. Ouçamo-lo.

Mas uma subita vertigem e estranha hallucinação,

privando-me do ouvido e da vista do mundo real, poz-me diante dos olhos, da imaginação ao menos, o que agora vou narrar. O valle lá no fundo alargou-se e tomou as proporções phantasticas do infinito. Os cem mil milhões de mortos, que ha sessenta seculos nos têm precedido no sepulchro, ali estavam em columnas densas, cerradas e diaphanas; os vivos continuavamos a occupar o plaino alcantilado; e rompendo as entranhas do porvir, como enormes bolcões, outras infindas gerações nos vinham apertando e impellindo para o abysmo fatal e inevitavel. A morte e a vida, o passado, o presente e o futuro, avistam-se e saudam-se levantando um clamor immenso, lugubre, surdo e sumido.

Na vanguarda dos mortos, lá os diviso, os cincoenta fuzilados de Cuba, sob o commando de D. Narcizo Lopes, em grande uniforme, alva longa, capuz branco, mãos amarradas, corda ao pescoço; na última retaguarda, os nossos primeiros paes, Caim e... seu irmão Abel. Não é de hoje, bem se vê, que os homens immolam os seus semelhantes ás suas paixões e ressentimentos. Ei-los ali todos, ora esqueletos descarnados, ora cadaveres palidos e desfigurados, ora os corpos sãos e rubustos, que conhecemos na vida— São os paes, os esposos, os filhos, os irmãos, os parentes, amigos e inimigos. Aquelles olham para nós com as suas orbitas cavas e apagadas, sorriem-nos com as suas bocas sem labios, e estendem-nos os braços de ossos sem carne. Estes nos lançam o der-

radeiro olhar, vidrado e illuminado pelo clarão da eternidade. Est'outros emfim nos apparecem taes como os conhecemos, tractamos, amamos e aborrecemos. Aqui o assassino com o punhal na mão, ali a victima com o peito rasgado. Quantos pobres escravos extenuados de trabalho, de fome, de cruentos flagicios, e de esperar em vão! Que encontros terriveis entre os vivos e os mortos! Mais de um rosto vivo enfiou e empalideceu, como se pertencêra aos mortos; e d'entre os mortos, mais de uma amante ou esposa esquecida e substituida, deu as costas enfadada ao infiel, que ainda folga no mundo, como Dido fizera ao vago Eneas, dizem, nos infernos. Voltando-me um pouco, dei com os olhos nos defunctos da fé protestante, que arrebanhados junto ao seu cemiterio, nos contemplavam taciturnos; e ferido de horror e compaixão enclinei-me a Donald Tullock[1], á quem pendia a cabeça quasi separada do tronco por uma larga ferida...

Grande Deus! A vida tão curta, e nós quasi a despenhar-nos do declive no abysmo aberto a nossos pés! E em tão breves e fugaces instantes, tantas lidas e por fim insanas e inuteis, tantas paixões odiosas e crueis! Comprehendo as faltas, filhas da fraqueza, mas os crimes!....

---

[1] Refere-se o auctor a um negociante inglez desta cidade, que fôra assaltado á noite em seu leito por ladrões, que o assassinaram.

(Dos EEDD.)

Estava nisto, quando parece que cessou a voz do reverendo padre Eleutherio e surdiu um longo e confuso rumor em todo o auditorio. Despertei da minha visão e só deparei com os vivos, que se retiravam; a scena phantastica tinha-se esvaido como o fumo, e os mortos, se é que surgiram, haviam ja descido a suas lugubres moradas. Segui pausado, triste e meditabundo, á turba que se escoava lentamente. Ao dobrar a rua Grande, ouvi a voz de um mulato que, debruçado á janella da casa de seu senhor, cantava modinhas, acompanhando-se ao violão.... Quando entrei na minha, procurei e li os seguintes versos, como meio de apagar a desagradavel impressão, que em mim despertára aquella indecente e importuna alegria. São de outro poeta maranhense, que por ser o mais harmonioso, o mais puro e o mais correcto de todos os nossos poetas, não é todavia o que mostra menos fogo e inspiração nas suas composições. Fallam da morte, da vida e dos seus pezares; exaltam a virtude, stygmatisam o crime; são pois bem cabidos neste dia.

O furacão da morte
Entra medonho os campos da existencia;
Perdôa a seccos troncos.
Leva comsigo florecentes plantas,
Cuidados de colono esperançoso!

Sobre o meu leito pobre
Se debruça a cruel, fita-me os olhos:

Um perfido sorriso
Lhe torce os labios palidos; ja vejo
As mágoas, as saudades da partida:

Da patria o doce ninho,
Da mãe (tão terna!) as lagrimas sentidas,
Dos irmãos, dos amigos,
O último adeus, e em Lethes ensopado
O negro manto, que me cubra a campa!

Quão triste a final scena!
Mas o quadro da vida inda é mais triste!
As breves alegrias
N'um só ponto apparecem mal distinctas,
E sombreiam-lhe o fundo os infortunios.

Que bens ha cá na terra?
O crime estende o formidavel sceptro,
Raro fulge a virtude;
Em tôrno ao coração o prazer vôa:
A dor penetra e vai sentar-se no amago!

Eu, que em meus devaneios
Sonhei tanto com glórias e venturas,
Vi sempre derribadas
As esperanças, e o pungente alfange
Da desfortuna contra mim alçar-se!

No circulo afanoso
Dos meus jovenis annos, nada encontro
Que agradeça ao destino;
Da velhice os pezares me aguardarão?...
Contente apararei o extremo córte.

Odorico Mendes.

TIMON.

(PUBLICADOR MARANHENSE n.° 1183—8 de novembro de 1851.)

III

Theatro S. Luiz.

Ninguem imagina os revezes e desapontamentos que têm vindo ao pobre Timon, uns sobre outros, ha tempos a esta parte. Todos sabem como elle teve a gloria de ver fulgurar o seu nome na maior parte das chapas provinciaes que o patriotismo dos diversos grupos andou por ahi a *confeccionar*; e ja Timon se promettia de fazer um figurão immenso no nosso futuro parlamento, quando a ingratidão, a fraude e a má fé de mãos dadas, o excluiram do logar que legitimamente lhe competia, para o collocarem, entre os derradeiros supplentes, em um ponto tão baixo que ainda a sonda lhe não póde chegar. O que sobretudo lhe doeu no intimo d'alma, foi não ter tido um unico voto no collegio de S. Bernardo, quando para certos dignos habitadores desse abençoado torrão reservava elle as

suas paginas mais correctas, apaixonadas, e eloquentes!

Mas não foi só isso, porque infelizmente as desgraças sempre andam em chusma. Timon aspirava ao posto de tenente-coronel do batalhão de reserva na guarda nacional; os seus relevantes serviços, a sua inabalavel firmeza de character, e a pasmosa invariabilidade dos seus principios, que faz a desesperação e a inveja dos seus indignos adversarios, tudo lhe dava direitos enauferiveis a essa honra, que nas circumstancias expostas, não se podia reputar como favor senão rigorosa justiça. Justiça porém sem empenhos é cousa que se não conhece na *terra que nos viu nascer*; Timon pois não teve outro remedio, senão recorrer aos milagrosos empenhos, sem todavia descer um apice daquella dignidade de character que todo o mundo lhe conhece, e admira.

Os amigos e influentes, que andam de hombro a hombro com o poder, voltaram com muito boas palavras,

> E encheram-lhe com grandes abondanças
> O peito de desejos e esperanças.

Mas ó dôr, ó indignação! De repente dão os jornaes a notícia de que outro pretendente mais feliz fôra proposto! Timon fulminado, esteve a pique de fazer um rompimento estrondoso, convertendo-se em politico beija-flor para andar colhendo o succo onde elle

se offerecesse, como o exigiam a honra e os interesses do partido, menoscabados em sua pessoa. Um novo contratempo veio ainda exacerbar o seu máu humor, e no estado verdadeiramente assustador a que tinha chegado, já estaria elle a esta hora fazendo algum desembarque repentino na ilha de Cuba, para desabafar, se as emergencias da situação (como se diz em estylo de artigo de fundo), unidas a certas desculpas, e a novas promessas, desta feita com seus visos de sinceras e realisaveis, não tornassem aqui necessaria a sua importante presença.

Tractava-se nada menos que de compensar as injustas preterições soffridas por Timon, afiançando-se-lhe a vigesima terceira vice-presidencia, que não póde tardar, e de dar aqui mesmo pasto abundante ao seu ardor bellicoso-revolucionario. E comeffeito, para que ir tentar aventuras libertadoras em ilhas e continentes estranhos, quando em nossa propria terra não nos falta em que lutar braço a braço com a tyrannia? O leitor perspicaz penetrou já sem dúvida que me refiro ao nosso theatro, e ao abominavel triumvirato que nelle reina, governa e administra, com tão descarado e ferrenho despotismo. Esta deploravel história, requer especificada de mais longe.

As revoluções, os golpes de estado, as constituições promulgadas e derribadas, as confiscações, deportações, e estados de sítio, de que certos paizes estrangeiros estão sendo lastimoso theatro, não podiam deixar de saltar para o nosso, e de inchar os

bofes dos ambiciosos cá da terra, que por traz dos bastidores acharam occasião e pretexto para cevar seus animos ferozes, e representar as mesmas scenas de perfidia e oppressão cuja só notícia já nos commovia tanto.

Um primeiro acto legislativo, promulgado em 1850, e que se póde chamar a grande constituição theatral, estreou a carreira; depois em 1851 seguiram-se-lhe umas instrucções organicas, e apoz estas, o monstruoso regulamento de 5 de março deste anno da graça de 1852, precedido, acompanhado, e seguido de uma complicada legislação de avisos e annuncios, impressos, afixados, e verbaes, que têm posto tudo na mais deploravel confusão. Já Tacito o havia dito, a multiplicidade das leis é signal evidente de decadencia e tyrannia: *corruptissimâ republicâ, plurimæ leges.*

Veja-se agora como á atrocidade do pensamento legislativo têm dignamente correspondido as perfidias e asperezas da execução. Apossados uma vez os triumviros da auctoridade, não se sabe como, e nem por que modo, mudaram o veneravel nome do nosso theatro que da *União* que era, se ficou chamando de S. Luiz. Esta mudança parece ser resultado de um vasto plano ha muito combinado, e cuja chave só o tempo nos poderá dar; mas nenhum homem de tino tem deixado de notar com sorpreza e indignação que certa gente já não data as suas cartas senão de S. Luiz, e que de S. Luiz se vão todos

os dias chamando ora as huris, ora a bahia, e agora em fim o mesmo theatro, que tinha seu nome proprio, muito bem soante ao ouvido e á moral, ja consagrado pelo tempo, e por nenhum caso merecedor de ser apagado por um traço de pena dictatorial.

A tyrannia, como é seu veso antigo, não se despresou desta feita de recorrer á astucia; e para interessar o commércio no êxito dos seus planos, foi um de seus primeiros cuidados annunciar que comprava floretes, plumas, galões, *et cetera*.

Lembram-se todos da melluria com que os dictadores fallavam a princípio nas assignaturas, dizendo a uns que eram baratissimas, a outros que cada um escolhia o seu camarote onde bem lhe convinha & &, mas de repente, e com data de 3 de março, estala um annuncio em todos os jornaes, que os assignantes pagassem o imposto de um trimestre adiantado dentro de cinco dias improrogaveis (até 8 de março) sob pena de revilia, exclusão, e devolução! Digam-me agora os homens sinceros e desapaixonados de todas as opiniões, sem differença de matizes, em que mais odioso foi o attentado do 2 de Dezembro, onde pelo contrário se deu aos pobres dos francezes atarantados não menos de desenove dias para dormirem sobre o caso antes de irem á urna? N'uma sorpreza tão odiosa ninguem teve tempo de reconhecer-se, e dar-se a conselho; e todos sem excepção, consternados, mudos, ou resmungando quando muito, foram depositar a cedula fatal nas fauces hyantes do cofre

dictatorial. Timon, como os outros, cahiu com os seus cincoenta mil reis, posto que mais vermelho de colera que um communista, visto que a sua tenção era ir pagando aos quatro mil reis, quinze ou vinte dias depois da respectiva récita, e de ser tres ou quatro vezes procurado em vão pelo cobrador. Entretanto pensou acaso a dictadura nos desarranjos, apertos, e desapontamentos que produziu esta medida atroz, no meio de um povo amavel, que tem direito a ser distrahido e recreado com delicadeza, e que ha de se-lo, nós o dizemos em alto e com som, *em que lhe pez* á tyrannia? (Esta ultima phrase é do melhor cunho, e revela um estudo profundo dos nossos classicos.)

A esta violenta extorsão de 3, seguiu-se o abominavel regulamento de 5 de março, (a dictadura cada vinte quatro horas aborta um monstrengo legislativo) em 11 ferreos artigos, digna miniatura dos 58 da constituição consular, caiada e rebocada, de Luiz Napoleão. Estes onze artigos são um magnifico compendio de despotismo, como cada um poderá verificar, mediante uma simples vista d'olhos. O artigo 1.º e 2.º contêm disposições vexatorias sobre pagamentos, senhas e bilhetes. O artigo 3.º é uma verdadeira monstruosidade; como prohibir n'um paiz *livre* que cada qual se acompanhe dos seus *escravos*? O 4.º e 5.º são parceiros do 7.º, posto que de proposito os separassem, para nos deitar poeira nos olhos, e poder-se a tyrannia enthronisar com pés de algodão. Com quatro palavras deram garrote á liber-

dade da algazarra e pateada, e á dos versos e improvisos, que ficam sujeitos á previa revisão; e para segurar o effeito destas medidas, desarmamento e privação geral das bengalas e chapéus de sol! Precaução odiosa, e cópia servil da censura dos jornaes, e do desarmamento da guarda nacional, operado em França! Para engôdo, permittem signaes de approvação e desapprovação; naturalmente poder-se-hão levantar os dedos para o ar, e piscar os olhos para os visinhos mais proximos. Um silencio verdadeiramente sepulchral! *Solitudinem faciunt, pacem appellant.* Art. 7.º *É prohibido o uso de se fumar* tanto nos corredores, como no salão de cima. A menor tyrannia deste é a da redacção. Póde haver cousa mais deliciosa, principalmente para os que não fumam, do que o *uso de se fumar?* Art. 10. Oh! a formidavel garantia dos logares que cada um escolher na platéa, uma vez que os marque com qualquer signal! A commissão garante, uma vez que os espectadores se prostrem ás suas plantas! mas se o signal for bifado por algum communista? Se o usurpador o empurrar com a mão do gato, ou lhe der algum pontapé? *Latet anguis in herba!* Tudo isto tem por fim dar aso a um abominavel systema de espionagem e delações, coroadas por conselhos de guerra que julguem os contraventores. E se não, ahi está para tirar as dúvidas, a côr encarnada das grades dos camarotes, que symbolisava a guilhotina, e o reinado do terror, como até com reticencias *observou* judiciosa-

mente o folhetinista do *Observador*..... a quem peço perdão da minha temeridade em fazer, depois da sua, a analyse deste monstruoso codigo.

Ainda mais. Depois da sua promulgação, e de haverem apanhado o dinheiro dos assignantes, novo firman declarando que ninguem podia levar ao seu camarote mais de sete pessoas! Esta foi mesmo de escachar, e sobretudo ao pobre Timon, cuja familia consta de mulher, oito filhos, sogra, e de duas cunhadas, que contando perto de um quarto com um vigesimo de seculo de existencia tempestuosa, e infamada com numerosos naufragios de candidaturas matrimoniaes, se aferraram, como á sua última taboa de salvação, ás esperanças que a exposição theatral lhes proporcionava de poderem emfim tomar parte no banquete da vida! (Depois de terminar esta longa, pomposa e laboriosa oração, descancei alguns momentos satisfeito.)

Não era possivel soffrer tanto, e posto que com desprêso das regras de chronologia, em obsequio á connexão da materia, direi já aqui que no dia aprasado invadi os corredores com todo o meu povo, deixando boqui-aberto o sr. Januario[1], e a todos os mais satellites da tyrannia. Creio mesmo que foi o meu populoso camarote o que deu na vista do *Observador*, sendo facil de explicar o engano com que contou 14 em vez de 13 pessoas que realmente eram, e

[1] Antigo porteiro, ou guarda do nosso theatro.

attribuiu a patronato o que era simples resultado do meu arrôjo, e da desesperação das *moças*.

Se eu ainda aqui disser que para as sete pessoas permettidas, só se disposeram 5 cadeiras, ficará claro como agua que os triumviros juntaram á oppressão o escarneo, ou antes a *mangação*, como muito bem lhe chamou o *Observador*.

Homens ha que não obstante os mais claros symptomas de perigo, tractam tudo de resto, e em tom de zombaria; é justamente o que têm feito alguns dos nossos mal avisados concidadãos, apesar de se estar a metter pelos olhos de todos a evidencia de quanto até aqui tenho referido; mas fico que ainda os mais cegos cahirão em si, se a infernal unidade de vistas que tem presidido á legislação e administração theatral, juntarem os seguintes factos e coincidencias, pesando-os com a madureza que merecem.

1º Ha pouco mais de um anno, um dos triumviros fez á Europa uma viagem que já então muito deu que fallar, deitando voz que ia contractar vapores; hoje porém está assaz averiguado que o de que se tractava era de fazer evaporar as nossas liberdades, e nesse intento lá se andaram fazendo conferencias entre Luiz Napoleão, o feld-marechal Haynau e outros que taes, sendo o resultado o golpe de 2 de Dezembro lá: e aqui.

2.º A dimissão de Mr. Pavion, por se haver destinguido em defender a liberdade do molequinho Jo-

sé, e em levantar aquellas formidaveis barricadas contra o Serra Lima.

3.º A inauguração da sociedade *Terpsichore* no mesmo dia 2 de Dezembro, (!!! querem-n'o mais claro?) com uns estatutos ou carta outhorgada, em que a directoria se declara de direito divino, superior á qualquer reforma ou deliberação da sociedade em massa, e isto contra os principios mais comesinhos do contracto social, que torna indispensavel, para que a cousa possa ir adiante, uma assembléa constituinte regularmente eleita, com, ou sem cacetes, e um pacto fundamental, synallagmatico ou bi-lateral, que consagre a alliança do povo e do poder. A proposito desta sociedade, tenho a satisfação de annunciar ao respeitavel público que a traducção completa do seu magestoso titulo foi incumbida a um dos mais sabios hellenistas desta erudita capital.

4.º O apparecimento em nossas plagas do afamado principe russo Labanoff de Rostoff Cevallos y Bajallos, senhor de Rogneda e mares adjacentes, que posto inculque andar procurando emprêgo para uma famosa carregação de martas, zibellinas, bahús de Moscovia, e colossos do Norte.... em miniatura, com que traz abarrotado o seu hyate, não padece dúvida que o seu verdadeiro fim é pôr tudo a geito do seu grande imperador Nicolau, favoneando todos os absolutistas do mundo, a cujo cheiro anda. E se não, porque é que tendo elle sahido de Pernambuco com destino para aqui, desde 19 de fevereiro, como an-

nunciou o *Diario Velho*, ainda até hoje não é S. A. apparecido? É porque, segundo me informou o nosso amigo Gamboa, que anda á pista de toda a casta de contrabandos, o homem, ou joven imberbe (Diario de Pernambuco citado) saltou ás occultas em Jericoacara, e procurando abrigo, primeiro em casa do Apricio, na Mayoba, por mais bonitinho, depois na do Antonio Gregorio, no Cutim, se poz em dous saltos de pulga nesta cidade, onde hospedado no Hotel-Condeixa, tem tido repetidas conferencias nocturnas com a respeitabilissima Commissão Directora....

Mas se ha cegos que caminham descuidados ás bordas do precipicio, não faltaram comtudo patriotas tão atilados como energicos que juraram sepultar-se nas ruinas do theatro, antes do que submetter a cerviz ao jugo.

O dia 14 de março amanheceu claro e sereno; e o sol rutilando e ferindo o humido e diaphano vapor que a terra exhalava, bem como os orvalhos com que a chuva borrifára telhas e calçadas, produzia uma donosa vista tal como a bellesa de Camões, maltractada nos brincos amorosos, rindo e chorando a um tempo, ostentava o olhar radiante, mas toldado e orvalhado pelas lagrimas. Era o anniversario de uma princeza adorada pela sua inefavel bondade; e no duplice agouro da formosura do dia, e das recordações que elle trazia, achavam os heroes maranhenses novos incentivos ao seu generoso ardor. A colera e o enthusiasmo porém subiram de ponto quando se soube que

o vaso das iniquidades fôra cheio com a sacrilega empalmação dos bilhetes de platéa; um grito unanime se levantou de todos os angulos da cidade, e ficou assentado de pedra e cal que se désse uma tremenda pateada á companhia, á commissão, e a tudo mais que tivesse ressaibos de tyrannia, fraude e incapacidade. E a polícia cá de fóra ia feita nesta generosa conspiração, na pessoa de um dos seus mais zelosos agentes, ressentida, dizem, de umas certas usurpações que a polícia interior fizera de alguns dos seus mais sagrados direitos.

Á hora aprasada, a população ergueu-se como um só homem, (!) e precipitou-se em ondas naquelle sanctuario do prazer que a mais inqualificavel perversidade traçava converter em antro de torturas. Os triumviros passeavam pelos corredores e sallões, um horrivelmente barbado, e os outros dous miseravelmente desbarbados, mas todos elles de torva e medonha catadura, agitados, e lançando ao povo olhares truculentos em que se traduzia o pensamento de Tiberio: *Odeunt dúm metuant.*

Sem fazer cabedal do seu odio impotente, corri açodado ao meu camarote, e quando vou a debruçar-me sobre as grades para dar o signal da peleja ao povo impaciente.... Eternos Deuses! Um soberbo lustre, vertendo torrentes de luz, por mil bocas ou canudos, inunda a salla e as galerias, reflecte no ouro, no bronze, nas sedas, nas perolas, nos diamantes, no olhar ardente das bellas, offende, deslumbra, of-

fusca e cega os nossos! Longe ideas vans de odio, guerra, e combates! um surdo murmurio de admiração e gôso se levanta de todos os angulos do edificio, atulhado d'alto a baixo, plateas, frizas, camarotes, torrinhas, varandas, de mil cabeças, e de um duplicado número de ouvidos attentos, e de olhos accesos!

Aturdido eu mesmo, e quasi fulminado, fechei involuntario os meus, e quando os abri de novo, pareceu-me que dançava a salla, e toda a armação superior, ao som da ruidosa orchestra, como devem dançar nas campinas desertas do occeano, e ao formidavel concêrto das ondas, os vastos sallões dos gigantescos vapores modernos!

Balançado mollemente deste geito, e mais recobrado já do pasmo e estupefacção do primeiro momento, puz-me a notar e a considerar um por um os mil prodigios que o phantastico recinto offerecia á minha vista enleada e sorpreza. O leitor os poderá apreciar, sabendo que com haver Timon corrido as sete partidas do mundo, nunca comtudo víra cousa alguma que podesse emparelhar com o nosso theatro!

Fundo branco em geral, nos tectos e caixas dos camarotes, e fundo azul celeste nas pilastras do arco do proscenio, mas tudo soberbamente esmaltado e matizado com molduras de ouro, festões e carrancas de bronze, arabescos e baixos relevos, que suspendem, alegram e encantam. Nas pilastras se vêm as musas da dança e do canto, do drama tragico, e do drama mofador, acompanhadas de emblemas e attri-

butos, e no meio de uma admiravel profusão de flores e fructos, que o capricho intelligente da arte derramou com largas mãos, do bojo talvez de uma cornucopia que tambem ali se enxerga. Que magnífica cortina de setim verde nos recata os mysterios da scena, com sua rica barra de ouro, e como está gentilmente meia arregaçada por laços e cordões do mesmo lusente metal que a terra cria! Defronte, a grande tribuna, igualmente recatada, desdobra ás vistas já fatigadas de tantos esplendores, o seu largo manto de velludo cremezim.

Tudo isto porém sería nada, se este esplendido edificio não palpitasse e respirasse no bulicio e animação das centenas de espectadores que o enchem e atulham, do fundo á summidade. Ali está, nem mais nem menos, a princeza Callimacki, embaixatriz da Sublime Porta, que tanto relêvo dera em Pariz aos bailes do Eliseo; no camarote immediato, a branca e delicada Amina, desta feita antes encantadora e feiticeira, que encantada; mais avante a magestosa Juno, e a volumosa Ceres, um tanto crestada e trigueirinha, porque tendo adoptado o systema de agricultura brazileiro, andou talvez a presidir á queima dos roçados; do lado opposto, e frente a frente, a cruel Tormenta com seu olhar duro e abrasador; e Força-dos-Corações, languida e voluptuosa, mas não menos perigosa que a terrivel companheira. Lá a descubro tambem, a graciosa Hebe, vertendo dos rubicundos labios, o riso e a mocidade. Só

não sabia que a amavel copeira dos Deuses se tinha deixado atar pelo Hymineo áquelle reforçado Tramontano que lhe fica ao lado.

Estava ali tambem sublime e dino

repimpado ora n'um, ora n'outro camarote, o nosso reverendo, e impreterivel padre Camillo, que nunca faltou nas grandes occasiões.

Era a Grecia, em summa, o Maranhão, o Olympo e o Oriente em pêso que se tinham dado *rendez-vous* para aquelle templo das musas e das artes; eram deusas, bellezas, e huris de toda a casta; e eu seria tentado a julgar-me no meio d'alguma das *mil e uma noites*, se bem firme em meu conceito e entendimento não visse que ao contrário era *uma* noite só que valia como *mil*.

Pelas sagradas barbas do propheta! Pois não é o proprio glorioso califa Aaron-el-Raschid que acaba de assomar á tribuna imperial em toda a magestade do seu veneravel aspecto? Ah! Timon, prostrado, rendido, e transformado, estava outro inteiramente, e como se envelhecêra nos habitos de um cortesão, ergueu-se, e quasi d'um salto poz-se no sallão, onde o mesmo luxo e bom gôsto que víra na salla do espectaculo, o sorprehenderia agradavelmente, se ainda a sorpreza podesse realisar-se naquella noite memoravel. Uma multidão alegre, ruidosa e descuidada se cruzava em todos os sentidos, cortando, girando,

e circulando a salla, e só Deus sabe que sentimentos me saltearam quando dei com os olhos nos triumviros, tumidos de orgulho, e rindo á socapa de verem em que tinha disparado o arrôjo de tantos Samsões, ainda ha tão pouco furiosos e resolutos a enterrar-se com elles nas ruinas do edificio! Desviei-me promptamente, e penetrei o augusto camarim, arredando com o mais profundo acatamento o resposteiro de riquissima cachemira primorosamente bordado.

O interior daquelle mimoso tabernaculo concentra e resume todo o luxo esparso pelas mais partes do edificio; um avelludado tapete amacia o pavimento; as paredes, forradas de finissimo papel dourado; o tecto branco com molduras de ouro, deixa ver no centro um bello florão, onde o ouro brilha igualmente.

O califa contemplava a platéa, naturalmente satisfeito da pública felicidade; e quando, ao voltar-se, deu com os olhos em mim, um amavel sorriso pairou-lhe nos labios, como para adoçar o entono da magestade. «Commendador dos Crentes (lhe disse Timon, adiantando-se respeitoso, e curvando-se quasi a tocar as pontas das suas chinellas escarlates) per«mittiu Allah que no glorioso reinado de Vossa Gran«deza o imperio próspero e florente visse a tantos e «tão pasmosos melhoramentos, como a regeneração «do carnaval, pela introducção das mascaras, e a aber«tura e remoçamento deste templo, ainda ha pouco «fechado sob sete sellos, fetido, sordido, e immundo.

«O povo se diverte, senhor, e para que o faça, não é «mister que Vossa Grandeza o mande, sob pena de ter «a cabeça cortada, como usava o magnifico Pachá que «com o seu urso brilha no drama do espirituoso Scri-«be: basta um leve e gracioso aceno, e eis os risos, «os jogos e folguedos que brotam como as flores, em «perenne primavera. Deixae que se evaporem em ris-«pidos e agros queixumes esses espiritos tristonhos que em tudo acham que notar e reprehender, e á «propria alegria seriam capazes de vestir de luto e dó, «emprestando-lhe a desconsolação e desabrimento de «que andam eternamente saturados. Emquanto elles «cumprem assim o seu misero fadario, cantem os fieis «afortunados o harmonioso e patrio sabiá, e a palmei-«ra airosa que lhe serve de pouso; invadam, passêem, «logrem, e admirem o templo, e deslisando a existen-«cia no meio desta dourada paz,esqueçam tudo,e mór-«mente esses excommungados artigos de fundo de «má morte, que seriam a nossa perdição, se aqui não «viessemos achar a salvação. Ah! talvez não tardem «alguns momentos, e venha a dança com seus verti-«ginosos rodopios pôr a corôa e remate a tanto pra-«zer.» O califa sorriu-se, mas notando com aquella alta perspicacia que o characteriza os olhares expres-sivos que eu lançava aos angulos desguarnecidos do camarim:—«Não vês aqui, disse, as afamadas tortas «de queijo, e os deliciosos pães-de-ló de macaxeira «com que o pasteleiro imperial, o principe Breddedin «Hassan, costuma a fazer vergar os nossos bofetes e

«aparadores, porque a pressa por uma parte, e a sua «enfermidade por outra, não permittiram que se «apromptasse este confortavel ingrediente do grande «festim. Porém, acrescentou com bondade, aqui tens «um copo de agua fresca e pura do soberbo e cauda-«loso Euphrates»—Timon o sorveu de um trago, com não menos avidez que reconhecimento, e apartou-se, fazendo mil reverencias e zumbaias, mais ao modo oriental que ao grego, e tanto mais satisfeito e esperançado, que o califa em sua presença deu as mais terminantes ordens para que da verba de eventuaes se tirasse o necessario para fazer-se e distribuir-se doces e confeitos pelo povo.

Debruçado outra vez ás grades de ferro do meu camarote, como esquecido de tudo quanto me arrastára áquelle logar, por então só vi a multidão alegre e fascinada, sem que o som de não sei quantas trombetas e timbales, e os rufos de duas caixas de guerra da orchestra fossem cabaes a despertar nella do profundo lethargo em que jaziam os sentimentos bellicosos com que para ali entrára. Longe disso, estava de tão boa feição, que erguido o panno, o dito mais semsaborão, os menores tregeitos e esgares, e quaesquer desastradas cambalhotas dos serenissimos actores que por sobre-nome não percam, desafiavam e arrancavam explosões enormes de palmas e applausos, a cujo ruido, Timon, o pobre Timon, meio desperto, meio dormindo, só tinha fôrça para suspirar, e dizer no seu fôro interior: *Ó Athenienses, ó povo espirituoso e sem igual!*

Em um dos intervallos, sem saber-se como, nem como não, armou-se com a rapidez do raio uma numerosa quadrilha no sallão. Os que se impacientaram com este inopinado acontecimento, (e segundo o pude colher de veridicas e desapaixonadas informações, foram quasi todos os que não conseguiram entrar na quadrilha,) se derramaram depois cá por fóra em mil várias conjecturas sobre a genuina causa delle, sendo que dos meus confrades folhetinistas, uns o attribuem á falta de juiso, e outros a gôsto máu e peior. Nada disso; a rasão de todas estas aerias chocalhices, é que poucos escrevem a história com o criterio e sisudez que ella requer, e Timon usa. É o caso. Estará o respeitavel público lembrado que á pedido meu, e para a vindoura festa dos Remedios, encommendou o sr. commendador Porto para o Oriente o famoso corno de Oberon; entretanto havia todo o mundo, engolphado nas distracções e sustos da actualidade, perdido inteiramente de vista este importante negócio; mas o sr. Gamboa que não deixa passar contrabando ou camarão pela malha, e que para não ser abelhudo, já levou para o seu tabaco, confiou-me debaixo de segrêdo que a encommenda veio no hyate do principe Labanoff, em um rico estojo, e dentro de um bahu de Moscovia dos mais ordinarios para não desafiar suspeitas. Parece que na lida e barafunda dos ultimos aprestos do theatro, um dos triumviros (não farei ao público a injúria de suppor que seja necessario nomear-lh'o para que o conheça) o esqueceu ali

por acaso; e eis senão quando, tendo de tocar a banda de musica dos educandos naquelle intervallo, um dos meninos, descuidado e sem malicia, em vez do seu, embocou aquelle inusitado instrumento. Agora o verão; salta o califa com toda a sua côrte para o meio da salla, e saltam com elle, como tocados de subita vertigem,

Velhos e moços, donas e donzellas,

todos com juvenil despejo, e animados de inaudito furor dançante, tal e qual como aconteceu em Bagdad, no tempo de Carlos-Magno, segundo fielmente refere o erudito Wieland. E a prova de que foi esta a verdadeira causa do prodigio e não outra, está em que mal o triumviro supramencionado soube da folia, e atinando com a origem della, arrancou o condão da boca do educando, para logo, e com não menor rapidez, se dispersou toda a festival comitiva, esgueirando-se cada um, inerte, encolhido, e cabisbaixo, como quem fôra apanhado onde não suppunha, ou accordava de uma embriaguez d'opio ou champagne.

Restabelecida por esta fórma a verdade historica, continúo a narração das minhas variadas impressões nesta longa e prodigiosa noite.

No fim do espectaculo, cuja descripção e panegyrico guardo para escrever lá para as kalendas gregas, depois de mais bem informado, e de dormir um pouco sobre o caso, no fim digo, appareceu o actor Lisbôa para cantar uma aria do Attila de Verdi.

Neste ponto me é forçoso fazer duas pequenas digressões. O que pensará o respeitavel público se lhe eu disser que o nosso amigo João Augusto, enganado pelas apparencias fallazes do annuncio triumviral, porfiou comigo que era Timon quem ia cantar, a convite do califa, e por ser dia d'annos? Pois succedeu tal qual como lhe conto, e já agora estou bem capacitado de que o tal annuncio trazia comeffeito agua no bico....

A outra digressão resolve-se n'uma apologia toda pessoal. Por occasião do meu folhetim dos Remedios, muitos invejosos do grande merito da rainha do canto' cuidaram de rebaixa-lo, assoalhando que Timon não tinha voto na materia, pois a respeito de musica, entendia tanto como de lagar d'azeite. [1]

Calúmnia despejada e conhecida por tal! O Maranhão todo sabe muito bem que frequentei com grande aproveitamento a eschola de canto-chão do reverendo Joaquim Francisco, e quando não fosse assim, Timon podia amar a musica, como qualquer adora o sol fulgurante, sem entender de astronomia, e como todos amam o perfume e matiz das flores, o murmurio da fonte, o sorriso das bellas, e a gentileza e travessura da infancia, sem pretenções scientificas ou artisticas de qualquer especie.

Pois bem, o sr. Lisboa appareceu e cantou no fim, e foi tão phreneticamente applaudido, como o fôra

[1] Esta phrase tem por si a auctoridade do dr. Moraes Sarmento, que a empregou em correspondencia official.

logo no princípio, o sr. Albuquerque, o apurado esculptor e architecto a quem devemos as primorosas decorações internas e externas do theatro. Em ambos mereciam se-lo, di-lo Timon, dizem-n'o os mais folhetinistas, e di-lo o público todo inteiro.

Já narrei as maravilhas que creou a intelligencia e a mão firme e delicada do sr. Albuquerque, ajudado pelos seus discipulos, os educandos Lobato, Moraes Rego, Diniz e Gonçalves da Silva, que como orphams amparados da provincia, bem era que se houvessem tambem chamado á scena, e victoriado; do sr. Lisbôa direi agora que com voz firme, cheia, e sonora fez agradavelmente despertar a quem jazia sopitado sob as inertes papoulas de Morpheu. Bravo, meu charo, *macte animo*! e andar assim por diante, para nos compensar em parte ao menos, a famosa peça e logração que soffremos nos choros resados.

Não permitte a justiça que Timon se retire sem fazer honrosa menção dos srs. Brandão e Gregorio, que pintaram as decorações scenicas: havia sobretudo uma salla de madeira setim côr de rosa que me encheu as medidas, e me enganou muito mais que o setim verde da grande cortina da boca. *A tout seigneur, tout honneur*

Ao accordar na tristonha segunda-feira que se seguiu, com o corpo todo moido e alquebrado das fortes commoções da vespera, é que pude medir attentamente o abysmo de abjecção em que tinhamos cahido, os inimigos amoucos da tyrannia, deixando-nos ven-

cer sem outro combate que o das seducções e prestigios da arte, de que ella com tanta perfidia fizera uso! Mas quando já dava o caso por perdido e sem remédio, disparou o canhão de S. Marcos, e dentro em pouco fundeou o *Bahiana*, trazendo no seu bojo destinos mais ponderosos que os de Cezar, que vem a ser, noticias positivas e particularisadas da quéda, fuga, e loucura do compadre Juan Manuel de Rosas, director em chefe de todos os theatros e bailes mascarados do rio da Prata. Imagine cada um como ficariam os triumviros, principalmente quando depois souberam da formidavel fachina que os chiripás haviam feito nos fautores da tyrannia argentina! Não direi, para não me accusarem de plagiario de um dos nossos jornaes, que elles perderam a tramontana, ou vendo arder as barbas do visinho, se deram pressa em pôr as suas de remôlho; mas para não ser menos pittoresco, sustento que ficaram varados, e abaixaram a grimpa, ou o topete, ao mesmo tempo que a nossa immortal rapaziada,

(ó mocidade!
Flor que promette esperançosos fructos!)

tomou gaz, encheu o peito, e poz-se corajosamente a metralhar dos folhetins a atarantada tyrannia que quando se cuidava segura e triumphante, via-se de novo quasi derribada de suas altas esperanças. Nenhum porém me encheu tanto as medidas como o

Observador. Pois se elle tocou logo a corda da nacionalidade, a mais melindrosa que póde haver no coração de um povo ! Que precisão havia de se ir apanhar o rebutalho de Lisboa, quando o tinhamos aqui a rodo, e a pontapés, nossos charos patricios, e porventura até correligionarios? «*ruim por ruim* (diz elle, com energica e rispida onomatopea, propria a erriçar a grenha ferrenha do triumvirato) *ruim por ruim*, «e tanto por tanto, antes désse o nosso dinheiro para «os nossos, que precisam delle, mas esses foram re«pellidos !....»

Antes que passe adiante, ser-me-ha necessario definir o que seja o *chiripá*, pois já vejo de todos os lados os meus amaveis leitores a inquirir-m'o, e por outra parte não convem que a posteridade, ao ler os meus immortaes folhetins, entre a fluctuar em conjecturas, a qual dellas mais disparatada e extravagante. Confesso em primeiro logar que inda nunca vi os taes chiripás, mas do que tenho podido colher das relações officiaes e extraofficiaes da batalha de Monte-Casero, deduzo que são certos animaes de dous pés e sem pennas, que não vestem calças! Que vistas e figuras engraçadas não hão de elles fazer, mormente na corrida, e perseguição do inimigo! O espectaculo comtudo não é inteiramente novo na história; e se o leitor benevolo quizer folhear a do generoso fidalgo da Mancha, lá achará que D. Quixote fez de chiripá quando nas asperesas de Sierra Morena se deu a fazer penitencia pela sua incompara-

vel Dulcinéa, á feição dos Amadis e Beltenebros. A reserva e pudor do folhetim vedam dizer mais...

Seja porém como for, o certo é que os nossos Juans Manueis recuaram. Timon, já confuso e envergonhado pela sua derrota, ficára de alto abaixo desarvorado, quando ao sahir do theatro ouviu a aterradora notícia de que o drama ia ser repetido no proximo domingo! Mizericordia! Cinco com cinco, dez mortaes actos de virtude conjugal! Onde vae isto parar? querem levar o povo a commetter algum excesso? No primeiro impeto de desesperação, cheguei até a redigir o seguinte annúncio:

—*Timon passa a chave do seu camarote, e promette accommodar-se em preço e prazos; procurar no seu escriptorio, rua do Sol, como quem vae para a Sé, á mão direita, sobradinho mistico ao ourives, José Feliciano.*

Porém as notícias do vapor mudaram a situação n'um abrir e fechar de olhos; os triumviros assombrados ficaram com a cabeça de tal modo perdida, que não só deram de mão ao premeditado supplício da repetição como mudaram o dia, annunciando que o espectaculo designado para domingo 21 (designado onde, se ninguem sabia de tal?) ficava transferido para quinta-feira.

Cheio de jubilo rasguei o meu annúncio, e já agora vivo mais satisfeito, porque se perdi as esperanças de extirpar completamente a tyrannia, as conservo, ao menos de que os triumviros abrandem consideravel-

mente do seu primitivo rigor. Talvez cheguemos todos, oppressores e opprimidos, a um rasoavel meio termo, em que os diversos elementos se equilibrem de um modo verdadeiramente constitucional-representativo. Nada de conspirações e pateadas (contra a directoria, se entende) nada de artigos e folhetins acerbos; mas em desconto, seja permittido ao menos aos espectadores de camarotes, o levarem os seus chapeus de sol, e uma ama para as crianças, áquelles que as tiverem. Para longe esses abominaveis supplicios em cinco actos, que operam pelo torpor, como a cegude atheniense; e o que se diminuir nos actos homicidas, póde muito bem acrescentar-se no número de pessoas que cada assignante queira ou possa levar em sua companhia. Para que calumniar o genero humano, suspeitando abusos em tamanha escala? pois para pôr em estado de sítio a meia dusia de parasitas que na roda do anno não fundiriam quasi nada, vale a pena de encommodar e vexar o numeroso e brioso povo de assignantes? Lembro até á commissão directora um meio que com ter sido já muitas vezes usado pelos maiores potentados, não deixa por isso de ser original, engenhoso e efficaz para o effeito requerido, sem quebra apparente da sua auctoridade; não revogue as leis, mas faça a vista grossa, e abrande na execução. Aqui para nós que ninguem nos ouve, cuidam que não sabemos que uma alta personagem, sophismando um artigo clarissimo das constituições e regimentos, saboreou voluptuosamente *o uso de se fumar*, dizendo

que podia faze-lo da janella, e para o ar livre e isento de toda humana sujeição?

E pois que as cousas vão já tomando um tom e aspecto amigavel, de que já tambem se vae ressentindo a linguagem ora mais branda deste folhetim, direi o que entendo sobre certos pontos controversos, com aquella imparcialidade e desinteresse que sempre characterisaram os meus escriptos.

Timon tem ouvido conversar e discutir sobre taes e taes peças de *character*, sobre tal dama *central*, & &. Sabidas as contas, as taes peças de character são essas soporiferas massadas, que a directoria já lançou a um canto, preferindo-lhes peças curtas, vivas e alegres, onde é mais facil supportar a..... Mudemos antes de conversa. Damas *centraes* são umas certas veteranas que no longo curso de suas campanhas theatraes têm conseguido adquirir tanta glória como sisudez e obesidade; eis quanto meu juiso alcança a tal respeito. Sigo o voto da grande maioria que prefere damas *littoraes* ou de beira-mar, isto é, moças, esbeltas, vivas e aereas.

Uma boa cópia de censores (e são os mais moderados) assignalam sim os erros da commissão, mas não os imputam a dolo e má vontade, senão a falta de experiencia e conhecimentos praticos, pois nunca viajaram para ver theatros. Timon vae muito para ahi, e toma a confiança de lembrar que podiam incumbi-lo de uma missão *á respeito* fazendo-o viajar pelas principaes côrtes da Europa, afim de surpre-

hender os mysterios da sciencia e da arte no seu proprio sanctuario, e por assim dizer, em flagrante; não podendo a missão ser de mais de seis, nem de menos de quatro annos, á rasão de quatro contos de reis por anno (afóra as ajudas de custo), porém com a condição essencial, *sine qua non*, de no fim da viagem ser obrigado a vir administrar o theatro com ordenado nunca maior de 2:800$000 reis annuaes. E de vez em quando deverá remetter extractos em boa lettra

Das constituições, leis, e costumes

que fôr descobrindo por aquelles climas e ares novos.

Ousará alguem dizer que seja caro, e intempestivo o que proponho? pois o sr. Miró não nos está mais caro, e eu não tenho sobre elle os relevantes serviços prestados nos meus folhetins, e o ser brazileiro nato, posto que de origem grega? Invoco agora para aqui os saudaveis principios de nacionalidade do collega do *Observador*. Dirão que tem familia; pois eu já não deixei consignada nas paginas anteriores a formidavel estatistica da minha?

Esta vantajosissima proposta, offereço-a com todo o respeito, obrigando-me, se for benignamente aceita, assignar termo de bemviver e de mais não tomar parte em algazarras anti-ordeiras. Entretanto que se não delibera sobre ella, me é forçoso pôr aqui remate a esta já longuissima escriptura: *aguardo-me* para outra occasião em que fallarei, segundo a attenção que tiver merecido o meu projecto, mas em que continua-

rei a esforçar-me para dizer de tudo, poupando nada obstante a serenissima companhia, e rendendo-lhe o culto do mais respeitoso silencio.

TIMON.

(Do PUBLICADOR MARANHENSE nº 1238, de 25 de MARÇO de 1852)

DISCURSO.

1849.

Discurso proferido pelo deputado João Francisco Lisboa acerca da questão de amnistia, na assembléa legislativa provincial do Maranhão, na sessão de 12 de novembro de 1849. [1]

O Sr. Lisboa:—Meus Senhores, (*profundo silencio e attenção*) no momento mesmo em que descerro os labios para dirigir-vos a palavra, hesito ainda, e tenho o espirito salteado de dúvidas. Estou, é certo, profundamente convencido da conveniencia, da verdade, e da justiça de minhas idéas; mas em tempos como os nossos, quando a denominada politica anda tão desgarrada, sem regra ou rumo certo, mal posso eu saber se a minha intervenção nestes debates produzirá o

[1] Este unico e monumental discurso de João Francisco Lisboa, que foi-nos conservado, graças ás instancias de seus amigos, por isso que não havia então tachygrapho na nosso assembléa de provincia, foi remettido para a redação do *Progresso*, com a seguinte carta:

«Cedendo aos votos de alguns amigos, escrevi, ajudando-me «das notas que havia feito, o discurso proferido na sessão da as-«sembléa provincial de 12 do corrente, que lhe remetto, para

bem ou o mal; uma triste experiencia me tem ensinado que as mais das vezes, buscando um, só conseguimos dar occasião ao outro: e assim, uma abstenção completa e absoluta é preferivel. Neste caso porém occorre que os diversos jornaes, apreciando a felicitação que ha dias passou, e á cuja votação não estive presente, atribuem uns a auzencia de certos membros a fraqueza, e outros, por uma argumentação cerebrina, dão como favoraveis á felicitação todos os ausentes; e nem eu quero que as minhas opiniões sejam interpretadas segundo os interesses e paixões que não espóso, nem a solemnidade da questão, e as reclamações da minha consciencia consentem que me conserve em silencio nesta occasião.

Mas antes de tudo, e para não desvirtuar, e enfraquecer por nenhum modo a pouca auctoridade das minhas palavras, sinto a imperiosa necessidade de declarar-vos que não tenho a honra de pertencer actualmente a nenhum dos partidos em que se retalha a provincia e o imperio; a nenhum, senhores, nem

«que tenha a bondade de dar-lhe publicidade nas columnas do «seu jornal. Tive especial cuidado em reproduzir o mais exacta-«mente que me foi possivel, as interrupções dos meus Illustres «Collegas:—não sei se nesta parte sobretudo a memória me foi «completamente fiel. Declaro porém que cortei algumas repeti-«ções e explicações desnecessarias, a que fui obrigado por essas e «outras interrupções.

Sou, Sr. Redactor &.

J. F. Lisboa.»

Os apartes, e outras interrupções foram tomadas tambem por um dos redactores do *Progresso*.

(Dos eedd.)

mesmo a um certo partido imparcial, que não é por ventura mais que uma nova parcialidade igual ás outras, verdadeira caricatura do *justo meio*, aliás tão espirituosamente descripto por Lafayette. Um dos extremos, dizia elle, sustenta que tres e dous são oito; o outro que tres e dous são quatro; vem o *justo meio*, e diz: nem uma cousa nem outra: tres e dous são seis (*hilaridade*).

Desde 1840 apartei-me da politica; apenas em todo esse tempo, que de então para cá tem decorrido, tenho uma ou outra vez repellido as aggressões que mesmo no meu retiro me iam molestar. E desta longa abstenção, vós o sabeis, fiz uma unica excepção em 1847. Suppondo a provincia fatigada dos erros em que se transviára, e dos alcunhados systemas politicos que até então seguira, deixei-me vencer pelos projectos brilhantes de um maranhense habil, illustrado, e sinceramente patriota[1]; mal comprehendido porém, calumniado, ultrajado, e compellido por uma opposição fatal á alliança mais fataes ainda, elle viu a mór parte de suas nobres aspirações frustradas ou adiadas. Fosse amor proprio empenhado na luta, fosse convicção inabalavel e profunda da justiça da sua causa realmente justa, nunca o vi afracar, nem arrepender-se ainda nos dias mais difficeis. (*apoiados*) Eu, meus senhores, arrependi-me amargamente ao cabo de tres mezes, e sobretudo quando vi a paz da pro-

[1] Refere-se ao presidente Joaquim Franco de Sá.

vincia prestes a ser perturbada; não que attribua a desordem á intenção deliberada de ninguem, mas porque ella brotaria necessariamente da exasperação e furor das paixões então desencadeadas. Para ser justo, devo declarar que os meus elogios dizem respeito principalmente á parte propriamente administrativa do govêrno do illustre maranhense; quanto ao que aqui se chama politica, é fôrça confessar, que foi arrastado e envolvido, bem que máu grado seu, pelo turbilhão que envolveu em todo o sentido os que o precederam, e lhe succederam.

Não pertenci tambem á opposição que se fez ao sr. Penna, antes vi com profundo dissabor, com irritação mesmo, a liga ultimamente formada. Não direi o porque, para não azedar os debates. Ninguem desconhece além disso os meus sentimentos sobre a administração que findou; mas na posição em que me colloquei, não é o meu silencio que deve causar estranheza. Não, não é o meu silencio....

Não venho aqui defender nem atacar os interesses de quaesquer parcialidades, nem mesmo resolvido a empenhar-me em longas discussões. E vós me fareis a justiça de reconhecer que se pouco ou nada auxilio os vossos trabalhos, tambem os não empeço, roubando-vos o tempo com longos discursos. Espero á conta disso que me não recuseis a vossa indulgencia agora que sáio da minha reserva habitual.

Mas se não pertenço agora a partido algum, como tantos outros pertenci á liga ha muito pouco tempo

ainda, para que me julgue já descativado de todos os deveres que contrahi então. E como esses deveres e direitos respectivos tocam a todos, para que possam ser bem apreciados, é mister que vos occupe por alguns momentos com os diversos partidos a que todos pertencemos, ou temos pertencido em epochas mais ou menos recentes.

A liga organisou-se com elementos diversos e dispersos de varios grupos, em que preponderava o elemento *bemtevi*, que na provincia correspondia ao partido *luzia* do imperio; mas as suas tendencias eram sobretudo e especialmente favoraveis ás filiações saquaremas que existiam entre nós ha muitos annos abandonadas dos seus amigos da côrte, arredadas do paiz official, e por meio da conciliação então apregoada, eram chamadas á vida activa, e á uma legitima parte de influencia. Mas nem todas as ambições ficaram satisfeitas, e o sr. Franco de Sá, chefe da liga, tinha a infelicidade de ser o agente de um govêrno que os saquaremas combattiam a todo transe; e foi quanto bastou, para que na côrte se declarasse a guerra á liga, ao seu chefe, e á todos os seus actos. Como era de esperar, todos os ligueiros penderam então para os *luzias* em quem encontraram apoio, quaesquer que fossem as suas diversas origens e filiações. (*apoiados.*)

É mister que vos falle tambem dos dous grandes partidos do imperio. Um, o saquarema, apresenta-se o representante exclusivo da ordem, o propugnador da

doutrina da auctoridade e da centralisação do poder; o outro, seu adversario, é o propugnador das idéas liberaes, das franquezas provinciaes, e da irradiação do poder. Bem que o antagonismo das duas bandeiras se revele mais nas discussões que nos actos, é innegavel que elle existe, e se faz mais ou menos sentir por certas consequencias; no entretanto, na vida prática e habitual, occupados quasi exclusivamente os partidos na luta para a posse do poder, os principios são esquecidos, e os papeis se trocam e invertem. Os representantes do liberalismo, para excluirem os adversarios, e se manterem no poder, abatem-se á violencia e á oppressão; ao passo que os defensores da ordem e da auctoridade, quando estão fóra do poder, invidam todos os seus meios para o desconceituar, aviltar e destruir. A sua tribuna e os seus jornaes dão testemunho das idéas anarchicas, da linguagem virulenta, e sobretudo da difamação systematica, que fazem o fundo da sua opposição. (*apoiados e não apoiados.*) A difamação pessoal sobretudo, que nos contrarios é um incidente irregular e um desabafo momentaneo, tem sido de ha longos annos uma arma constante, e calculadamente manejada como meio de triumpho pelo partido ora dominante; lêde o intitulado *Relogio*, e depois a *Chronica* da camara dos deputados, e vereis que nada havia de grande, nobre e respeitavel que escapasse á torrente dos ultrages e calumnias; lêde o *Lidador*, e depois a *União*, e vereis a anarchia e a desordem, prégada com os

accentos do odio e do furor durante cinco annos inteiros (*apoiados e não apoiados.*) Quando uma sociedade é assim pervertida e desmoralisada por tanto tempo, o que poderão encontrar senão ruinas, os que sacrificaram tudo para conquistar o poder?

Quanto a mim pessoalmente, senhores, bem que no caso de escolha forçosa houvesse de optar pelo partido liberal, preferíra um eclectismo illustrado e prudente que conciliasse o que ha de melhor nas duas oppostas escholas. O que é certo é que máu grado as minhas preferencias de doutrina e theoria, dos cinco annos que dominaram os *luzias*, os quatro primeiros segui com os meus votos a sorte dos seus adversarios, escandalisado pelos excessos do triumpho, pelo esquecimento dos principios que se apregoavam nos dias de infortunio, e, dir-vo-lo-hei tambem, arrastado pelos interesses da politica provincial, em que sempre tinha parte, bem que passiva. Quando no último anno, começou-se a entrever a necessidade que arrastava a liga para os *luzias* que a apoiavam, querendo evitar á minha provincia os inconvenientes palpaveis, e a especie de desar que lhe vinha de se deixar sempre atôar pelas facções inconsequentes, estranhas a ella, e aos seus verdadeiros interesses, recommendei em meus escriptos que nos não identificassemos com nenhuma. A idéa valeu-nos então a qualificação de suissos. Devo confessar que senão naquelle tempo, hoje a invectiva está mais que muito justificada—Aceito a minha parte de pejo e confusão.

Comoquerque fosse porém, e sem embargo da diversidade de origem dos varios grupos da liga, é nada menos certo que nos últimos tempos estivemos identificados com o partido liberal dominante na côrte, e que um dos grupos mais avançados, decididos, e compromettidos desse partido, era a *Praia*, de Pernambuco; tanto assim, senhores, que elle na sua quéda arrastou a nossa. Vimos aqui a mesma inversão profunda e violenta, e a mesma derrota eleitoral que no resto do imperio. Sim, a liga foi vencida; não disputarei sobre os meios empregados—a corrupção, a fraude, a violencia; foi vencida, como se costuma sê-lo, e segundo os estylos antigos e aceitos nesta desgraçada terra.

Se me fosse lícito apontar um exemplo pessoal para prova da minha asserção, diria que um dos nossos illustres collegas que negam o seu voto ao projecto em discussão, foi nomeado para um emprêgo importante no tempo da maior influencia da *Praia*, e com a quéda da *Praia*, foi lançado fóra, e estão as cousas em termos que não sei ainda quando o veremos restituido a elle. *(hilaridade)*

Isto pelo que toca á liga; quanto ao partido actualmente dominante na provincia, não sei se será mister recordar-lhe que ao revez do orador que ora tem a honra de dirigir-se-lhe, passou elle quatro dos cinco annos do dominio *luzia praeiro*, na maior intimidade, e favor desse partido; (*apoiados*) que em 1847 se pleiteava a honra de ser luzia como hoje se pleitêa a de

ser saquarema; (*apoiados*) que então como agora a opposição ou parte della se arvorava contra o presidente, em orgam genuino da maioria, e o accusava, e o accusa de não comprehender o verdadeiro pensamento do gabinete luzia, o verdadeiro pensamento do gabinete saquarema! (*apoiados.*)

Se pois estivestes todos ligados, e identificados com os vencidos de hoje, em epochas mais ou menos recentes; se partilhastes a sua sorte na prosperidade, agora que a adversidade os vexa, não julgo necessario fazer-vos sentir quaes são os deveres que os principios mais vulgares da honra e do brio vos impõem para com elles. Não receio que de nenhum de vós se diga que fez recordar o pedagogo do fabulista, Lafontaine ou Phedro, não me lembra agora, o qual em vez de salvar o menino despenhado na torrente, poz-se emphatica e pedantescamente a admoesta-lo sobre a sua imprudencia. (*hilaridade.*)

Vou descer á questão. De todos os grupos do partido liberal, o da Praia me era o mais antipathico. Mas antes de explicar-vos porque, occorre-me agora combater a doutrina que a proposito da sua malaventurada sublevação, e para fundamentar a recusa do voto de perdão, se tem aqui ensinado acerca das revoluções em geral. Pretendeu-se que o direito de insurreição não existe, tanto que não está consagrado em constituição alguma, excepto na franceza, mas que nesta mesma é puramente nominal ou lettra morta, e a prova é que têm sido reprimidas todas as insurrei-

ções tentadas em França; que sería absurdo admittir na sociedade o direito de insurgir-se contra si mesma, que uma revolução é uma fôrça cega e brutal, e os seus triumphos, devidos á fôrça, não constituem direito, e apenas se aceitam como factos consumados. O illustre orador a quem me refiro fez-nos graça da citação de uns tantos e quantos publicistas que disse elle preconisavam a sua doutrina.

Meus senhores, peço permissão, não para reivindicar a honra das doutrinas revolucionarias, mas para restabelecer pura e simplesmente a verdade historica. O globo que habitamos é um theatro de perpétuas revoluções, physicas e moraes, pacificas ou violentas, religiosas, politicas, e sociaes..... .. escuso mais qualificações. O christianismo foi uma revolução contra a ordem religiosa anteriormente estabellecida...

O Sr. Sotero:—O nobre orador deve distinguir entre as revoluções pacificas, e as violentas: o christianismo foi uma revolução pacifica.

O Sr. Lisboa:—Não distinguirei por certo: não é o accidente dos meios brandos ou violentos que deve characterisar a justiça e a legitimidade de uma revolução: as revoluções são pacificas se as idéas e interesses que ellas sustentam não encontram resistencia: se porém as idéas e interesses contrarios lhes oppõem obstaculos, ellas são de necessidade violentas até vence-los e destrui-los. As revoluções ingleza e americana, que deram em resultado, sob fórmas diversas, governos que se podem apontar ao mundo como mo-

delos, se fizeram caminho por meio das armas, e a ingleza, depois de violencias de todo o genero. Temos a revolução franceza; mesmo depois que cessaram as suas horriveis convulsões, o soldado coroado, que percorreu a Europa com os seus exercitos, era a revolução personalisada, o genio da igualdade em luta com o privilegio das velhas aristocracias. Derribado o gigante, ficou á França o regimen representativo, mas por não se darem ás necessidades da nação todas as legítimas satisfações, veio de novo a revolução de 30, apoz ainda a de fevereiro de 48. Será necessario fallar da nossa gloriosa revolução da independencia, da de Sete-de-Abril.....

O Sr. Sotero:—Mas veja o nobre deputado que a revólta de Pernambuco não era nacional, e quando muito de alguns milhares de individuos.

O Sr. Lisboa:—Nem eu estou justificando a sublevação *praieira*: combato a doutrina que aqui se apregoou em sentido absoluto, e com referencia, não á *Praia*, mas ás insurreições e constituições francezas.

E sendo assim, senhores, o que prova o silencio das constituições sobre um direito preexistente e inalienavel? Antes a sua consagração nos codigos é superflua, absurda, e um verdadeiro contra-senso, porque sendo as revoluções modificações mais ou menos completas no modo de existencia de um povo, e tendendo o direito de insurreição a destruir as constituições escriptas, não póde de modo algum derivar

dellas. As insurreições tiram a sua fôrça e o seu triumpho da sua legitimidade e opportunidade.

Quanto ao pretendido absurdo da *sociedade* insurgir-se contra si mesma, elle cessará empregando-se os termos apropriados. O povo insurge-se contra o poder, contra uma fórma dada de govêrno, contra certas constituições em fim, cuja quéda ou modificação não importa a destruição da sociedade, que póde muito bem continuar a existir sob outras fórmas e modos. A revolução da independencia triumphou; atacou ella acaso a sociedade, e deixamos por isso de existir?

O Sr. Sotero:—Destruiu a antiga sociedade, embora ficassem duas novas em seu logar.

O Sr. Lisboa:—O illustre membro confunde *sociedade* com a entidade—*estado*, ou a fórma politica com o fundo. Insurreições anti-sociaes são as que atacam a propriedade, a familia, e certas crenças e principios moraes e religiosos arreigados em todos os povos. Mas essas ou não têm triumphado, ou têm obtido triumphos ephemeros, no emtanto que a estabilidade e a duração é um dos signaes por que se póde characterisar a sua legitimidade.

Mas *a fôrça brutal*, diz o nobre orador! E o que é por via de regra o direito sem a sancção da fôrça? Credes vós por ventura que a legalidade triumphou nas ruas do Recife invocando tão sómente o sancto nome da lei, ou pondo-as em versos, e entoando-as pelas ruas, ou já finalmente gravando-as com lettras de ouro em taboas de bronze? Não, foram os canhões

e os fuzis que lhe deram a victória. O govêrno das maiorias não é, em última analyse, senão um govêrno de fôrça—fôrça moral no estado normal, e physica, em caso de necessidade—mas sempre legítimo. A fôrça é a última rasão dos reis como dos povos; e os nós inextricaveis só se desatam com a espada de Alexandre. (*Muito bem*).

Nem mesmo é admissivel a doutrina de que as revoluções triumphantes se aceitam como factos consumados para evitar maiores males. Enganae-vos; a fôrça superior e triumphante é que póde aceitar, e tolerar factos consumados, quando aliás poderia desattende-los e despresa-los Se as revoluções triumphantes são aceitas, senhores, é como as trévas aceitam a luz que as espanca, e a terra o diluvio que a submerge! Ellas fulminam e anniquillam as resistencias, obtem as homenagens das minorias vencidas, a commemoração da história, e até..... os hymnos dos poetas (*hilaridade*)

Volto á parcialidade da *Praia*. Já vo-lo disse, de todos os grupos do partido ora vencido, este me era o mais antipathico. Parecia-me o mais exagerado e turbulento, propagava ou tolerava idéas erroneas e perigosas, e consentiu no desdouro da sua provincia por occasião da eleição de senadores.

Vós comprehendeis que me refiro ao anachronismo estupido e barbaro da propaganda contra estrangeiros, e sobretudo contra portuguezes, e a esses projectos de nacionalisação do commércio por meio

de privilegio do negocio a retalho, e dos caxeiros brazileiros, projectos, (seja dito entre-parenthesis) assignados tambem pelo sr. Moraes Sarmento. Senhores, tambem eu fui ardente adversario dos portuguezes, e lhes fiz a guerra que pude na minha primeira mocidade. Accusava-os então pelos erros e crimes dos tempos das conquistas, erros e crimes que mais eram da época que da raça; sendo certo que em quanto as grandes nações da Europa se dilaceravam em guerras quasi intestinas, civis e religiosas, a portugueza, a menor de todas, abrindo os caminhos do Oriente, e rubricando com seu sangue todo esse immenso littoral, dava nova face ao mundo, e assignalava com as suas descobertas, uma das phases da moderna civilisação. Mas o que então era desculpavel á inexperiencia, e se explicava pelos ardores e perturbações da luta inda recente da independencia, hoje mero facto historico, arredado de nós por um quarto de seculo, é vergonha e desdouro para uma nação generosa e civilisada que o presencêa. A rivalidade das duas raças sem motivos serios que a alimentassem, ha quinze annos póde-se dizer que estava extincta por si mesma, quando inesperadamente, e sem causas conhecidas, em varios pontos do imperio rebentam as provocações sanguinarias, e os ultrages virulentos, em parte propaganda de partidos e em parte mera especulação de abjectos aventureiros que vendiam, como nesta provincia se sabe, á pêso de ouro, e ás proprias victimas, os ultrages que escreviam, para não serem publicados.

Esta bandeira odiosa e vergonhosa, não direi que a *Praia*, levantando-a da lama donde nunca devêra erguer-se, a fez sua, mas tolerou-a, e no interesse de uma ephemera popularidade, ainda depois dos nefastos acontecimentos de junho, apresentou e sustentou os projectos a que ha pouco acabei de referir-me. Não que eu entenda que não haja nada a fazer para o melhoramento e bem estar das nossas classes inferiores e desvalidas, e para a nacionalisação do commércio; mas como, sem grande desvio, não poderia aqui expender as minhas idéas a tal respeito, limitar-me-hei a dizer que nada se poderá eficazmente tentar sobre estes assumptos, em quanto os meios não forem pacificos, e innocentes como elles, e inteiramente estranhos aos outros interesses e paixões de partidos. Temos, é certo, o exemplo da liga e agitação ingleza para obter o commércio livre, a cuja frente estiveram o illustre Cobden, Wright, Thompson, e tantos outros; mas notae-o bem, o objecto dessa propaganda, dessa liga e agitação, era pura e simplesmente o commércio livre, e todos eram bem-vindos a promove-la, quaesquer que fossem os partidos politicos, e classes sociaes a que pertencessem.

Não terminarei este ponto do meu discurso sem observar que a raça portugueza, util ao imperio, porque é em geral mais laboriosa e paciente do que a nossa, se nacionalisa de facto promptamente, e lança profundas raizes no solo para que é transplantada; bem como que as principaes illustrações do partido libe-

ral, o deputado Torres Homem, e o ministro Souza Franco, combateram na imprensa e na tribuna esses projectos no espirito e na fórma por que eram apresentados. Dous jornaes serios desta provincia, a *Revista* e o *Progresso*, fizeram o mesmo; mas infelizmente, na recente luta eleitoral, os partidos toleraram, e alguns dos seus grupos ou fracções alimentaram até jornaes de pequeno formato para a propaganda anti-portugueza, que foi seguida dos notorios disturbios do dia 5 de agosto.

É bem conhecida a questão da eleição dos senadores, que, se foi a final uma luta de capricho e de influencia entre os partidos, a princípio não foi mais do que uma condescendencia indecorosa com a côrte. Vós sabeis como a côrte a recompensou. Essas fraquezas e condescendencias, quer com as velleidades do poder, quer com as paixões da plebe, pesam depois horrivelmente, nos dias da adversidade, sobre aquelles que as tiveram!

Por preço talvez da sua condescendencia com o poder, esteve a *Praia* victoriosa dominando, e abusando da victória durante quasi cinco annos. Violenta, exagerada, e turbulenta, como já vo-lo disse.... vós, o vedes, senhores, eu não a lisongeio, e sinto profundamente usar de tal severidade, mas hei mister fazelo para descriminar-me della, e não debilitar a fôrça das rasões e sentimentos que tenho a exprimir. Como porém a turbulencia e exageração dos chefes *praiciros* não derivava em geral de seus principios, porque

estes, em grande parte, eram os mesmos dos outros, e até os deputados *praieiros* seguiram n'outro tempo a bandeira hoje denominada saquarema; como não é admissivel que derivasse do character dos individuos, porque é hypothese quasi irrealisavel que todos acertassem de o ter violento, cumpre buscar as causas n'outra parte e com effeito as encontraremos no estado da sua provincia.

Este desventurado Pernambuco, senhores, tão agitado, revolvido, atormentado e martyrisado desde 1817, pelas insurreições, pelos cadafalsos e proscripções, por todos os rigores em fim das repressões implacaveis, achava-se ao tempo da sublevação *praieira* e se acha ainda, n'um estado de exasperação indisivel. Para conhece-lo, bastava attentar para o incarniçamento das lutas eleitoraes e judiciarias, para as duas successivas nullificações da eleição de senadores, para a polemica desabrida e raivosa dos jornaes, para as vias de facto, e attentados á vida e á propriedade ali tão continuamente reproduzidos.

O Sr. Nunes Gonsalves, e outros:—Mas ao menos o partido da ordem nunca ali pegou em armas.

O Sr. Lisboa:—Pois era tão anarchico como qualquer outro.

O Sr. Nunes Gonsalves:—Cite os factos.

O Sr. Lisboa:—Eu os citarei. Lêde o *Lidador*, e depois a *União*, e ali encontrareis provocações quotidianas á desordem. É isto um facto ou não? o último presidente do conselho, uma das notabilidades

do partido dominante, não proclamou do alto da tribuna do senado que era mister resistir ao rei para melhor servi-lo, e isto quando o horisonte de Pernambuco offerecia todos os signaes de uma proxima tempestade? Se a desordem material não sahiu á rua, é que á vontade não correspondiam as fôrças—Ainda quando José Pedro das Lages sublevou-se, e por pretextos identicos aos que serviram á sublevação da *Praia*—a oppressão e falta de segurança; quando José Pedro, digo, tomou as armas, resistiu, e bateu-se com as tropas do govêrno, o partido hoje dominante o desculpou, favoneou, applaudiu, e victoriou (*apoiados.*) [1]

Por cúmulo de desgraça esse estado de exasperação tinha sido ultimamente aggravado pela scisão da *Praia-nova*. Máu grado aos furores, muitas vezes ficticios ou simplesmente de palavras, dos partidos da nossa provincia, poucos são os que entre nós poderão bem avaliar o excesso de rancor que os partidos se votam em Pernambuco.—Nas commarcas remotas do interior sobretudo não ha quasi segurança individual; o espectaculo dos assassinatos, das depredações e latrocinios é frequente, e quasi não interrompido. Nestas circumstancias o triumpho de um

[1] José Pedro Velloso da Silveira, tio do capitão Pedro Ivo, porém do partido contrário, apesar da sua revólta, foi logo depois da mudança de 29 de setembro, nomeado agente policial, e encarregado de commando de fôrças contra os *praieiros*, e agraciado.

(Da redacção do *Progresso*.)

partido é a proscripção e a anniquillação do outro.

Para nos certificarmos disto não carece acreditarmos nas relações interessadas e exageradas de partidos, basta ter criterio, olhar para o estado do Brazil, e attender ao que se passa mesmo aqui entre nós. Temos certas commarcas do sertão, dominadas pelo bacamarte, em que a exaltação de um dos potentados importa a expatriação ou o homisio dos outros:—todos em diversas epochas têm sido objecto de tentativas de assassinato; alguns têm perecido.

Aqui mesmo na capital tivemos ha pouco o espectaculo de uma eleição geral. As eleições entre nós são infelizmente uma imagem da guerra civil. Sabeis o que aconteceu? Um dos illustres membros desta assembléa passou uma noute cercado n'uma casa, entregue a mortaes angustias, e ouvindo as vociferações e as vaias dos caceteiros seus adversarios; outro, que é eleitor, e que sahiu á rua, não para exercer os seus direitos e deveres de eleitor, porque a mim m'o disse, que não tinha liberdade para faze-lo, mas por simples curiosidade, viu-se obrigado a aceitar o asylo que lhe offereceu um amigo, quando quasi á sua vista foi barbaramente espancado um eleitor inerme, n'uma das ruas mais públicas, em frente da casa do dezembargador Velloso. O ruido desse espancamento, e o receio de uma invasão produziu n'uma casa visinha, e no seio de uma das principaes familias da terra, uma scena inexplicavel de confusão, desordem e terror. Individuos de todas os sexos, idades, e condições

saltaram janellas, telhados, muros, quintaes..... Bandos armados de cacetes, com o insulto e a ameaça na boca, percorreram as ruas desta cidade, e invadiram e assaltaram boticas, lojas, e tabernas..... E todos esses excessos, diz-se, realisaram-se em face de um govêrno e de uma polícia, que não só os não reprimiu, mas até os attenúa em parte, e em parte os nega. Diz-se tudo isto, senhores, e não sou eu que o digo; copio apenas dous jornaes conhecidos. [1]

Foi uma imagem da guerra civil, é certo, mas uma simples imagem. Avaliae agora pela vossa a situação dos *praieiros*, quando, n'um bello dia, mudada subitamente a politica, viram-se elles desarmados, e de mãos atadas, em face dos seus adversarios, exasperados por cinco annos de luta furiosa, e se o quiserdes, de oppressão..... Comprehendo que possam condemnar duramente o procedimento alheio os que em toda a segurança, mollemente recostados em commodas cadeiras, e descançando os pés em macios tapetes, decidem levianamente e sem reflexão dos males que não sentem; mas vós, senhores! (*apoiados.*)

Seja-me permittido aqui estygmatisar essas rapidas mudanças de politica, inconsequentes e estereis quasi sempre, fataes ás vezes. Nos outros paizes, senhores, as fôrças activas, apaixonadas e turbulentas da socie-

[1] A *Epocha* e a *Revista*, redigida aquella pelo sr. Jansen Pereira e esta pelo sr. Sotero dos Reis.
(Da redacção do *Progresso.*)

dade têm mil respiradouros por onde se evaporam; entre nós quasi se limitam á conquista do poder, e dos innumeraveis empregos que elle destribue. Vem a mudança, e a sociedade inteira é profundamente agitada e revolvida com uma inversão completa não só nos empregos de confiança, mas ainda em quasi todos os outros—A propria magistratura, a titulo de remoção, é impellida de uma a outra extremidade do imperio. As eleições..... A nossa constituição estatuiu que cada legislatura durasse quatro annos; mas pelo uso e abuso que se vae fazendo do direito de dissolução, o periodo se acha de facto reduzido a menos de metade; de 1841 para cá temos tido cinco eleições geraes. Como fica o nosso desventurado paiz de cada vez que é innundado por essas ondas semi-revolucionarias? (*apoiados.*)

Tenho lido em um jornal distincto [1] pinturas horriveis acerca do miseravel estado da nossa sociedade, feitas com verdade e eloquencia superiores a toda expressão (*apoiados*); segundo o illustre escriptor, tudo entre nós é falsidade, mentira, corrupção e violencia, quer se attenda aos homens, quer ás cousas; o govêrno é constantemente oppressor, a opposição desregrada e anarchica. Não ha direito algum seguro.

Pois bem, senhores, foi no meio desta sociedade assim depravada, e das cricumstancias especiaes em

[1] *A Revista.*

que ha pouco vos descrevi Pernambuco, que os *praieiros* tomaram as armas, não só para salvar a sua existencia como partido, que sería certamente anniquillada, mas ainda para manter á segurança das vidas, e de todos os mais direitos individuaes ameaçados. (*apoiados*) N'um bello dia mudou-se a politica; mas tanto os novos dominadores sabiam que a *Praia* se não resignaria ao sacrificio e á morte, e que a inauguração da nova politica era a inauguração da guerra civil, que fizeram acompanhar o seu agente por um exercito e uma esquadra. Os cegos e ambiciosos conselheiros quizeram ensaiar o exercicio de uma das attribuições da corôa a preço do sangue derramado, como se ella não brilhasse assaz sem esse horrivel esmalte! A fatal experiencia ia subvertendo o imperio; mas ainda assim que outro fructo colheu-se da mudança, além da esteril mudança dos nomes, e além da guerra civil, fecunda em todo genero de calamidades? (*apoiados e não apoiados.*)

Em vão se disse, em vão o *Brazil* repete agora n'um artigo insultuoso contra o sr. Penna, que eram tão pacificas e brandas as vistas do gabinete, que esse senhor foi escolhido de proposito em attenção á dubiedade da sua côr politica, e á brandura e mansidão reconhecida do seu character. Quando porém considero o apparelho de fôrça de que o fizeram acompanhar, e os factos que se seguiram, só posso crer que se ornou o punhal de flores para encobri-lo, e aponta-lo mais a salvo ao peito do inimigo incauto e des-

armado (*apoiados.*) A arma dos Aristogitons e Harmodios manejou-se desta feita, não contra os reis, mas contra os povos, esses outros reis, que não deveram ser menos inviolaveis e sagrados do que aquelles.

Não obstante, os *praieiros* acreditaram nas boas intenções do govêrno; o seu manifesto pacífico dirigido a todas as provincias dá fé disso. Eis porém que nas proximidades da eleição municipal começa a inversão em grande escala, de subito, e quasi em segrêdo. Fallo a uma assemblea composta em sua maioria de cidadãos que se dizem violentados nas eleições últimas. Vós sabeis por experiencia propria qual o fim e o resultado dessas inversões feitas em vesperas de eleições. Foi nesta conjunctura que deram-se rompimentos parciaes em diversos pontos, sem prévia combinação, e uns depois de outros. Foi tambem gradualmente que os deputados *praieiros* foram adherindo ao movimento. Para cre-lo, tenho uma prova vehemente nas confissões que fizeram nos seus interrogatorios. Elles não alterariam a verdade nesta parte, quando nem isso lhes podia aproveitar, e quando a confessaram tão nobremente a todos os outros respeitos.

Foi pelas causas expostas e por esta maneira, foi contra esta sociedade corrumpida, onde nenhum direito se respeita no vencido, que a *Praia* tomou as armas. Sem dúvida restava ainda a Ordem e a Paz, que mesmo no meio de todas as nossas miserias, são bens

inapreciaveis que cumpre respeitar, porquanto no estado em que nos achamos, as revóltas, sem remediar os males existentes, aggravam-n'os pelo contrário, e geram outros novos. Porém o crime da perturbação de uma tal ordem de cousas é imensamente attenuado pelas circumstancias apontadas, e o merito de seus defensores fica consideravelmente reduzido. Não sería o mesmo certamente em um paiz bem governado, próspero e feliz, onde se guardasse a todos o direito e a justiça. Entre nós, como em muitas outras partes, as desordens são as convulsões do enfermo, e symptomas irrecusaveis de soffrimentos mais ou menos conhecidos.

Vós o vedes, senhores, eu não justifico a revólta...

O Sr. Nunes Gonsalves:—Apoiado.

O Sr. Lisboa:—..... eu não justifico a revólta; mas empenho as minhas fôrças para que n'um paiz em que os crimes os mais vis e os mais abominaveis encontram não só indulgencia mas patronato público e escandaloso, não se proscreva por espirito de partido como unico crime o de sublevação e revólta. Esfórço-me sobre tudo para que os rigores da proscripção se não exerçam sobre cidadãos imprudentes, temerarios, criminosos mesmo, porém estimaveis a muitos respeitos, capazes ainda de juntar novos serviços aos serviços já prestados á sua patria.....

Varios Srs. interrompendo:—Quem é que quer proscripções?

O Sr. Lisboa:—Chamo proscripção a toda perse-

guição legal ou illegal a que estão expostos os vencidos. Se é uma figura, desde quando o estylo figurado foi vedado n'uma assemblea, ou em qualquer parte? [1]

.....heide empenhar todas as minhas fôrças para reprimir esses odios desordenados dos vencedores contra os vencidos, desordenados a ponto tal que ninguem póde alçar a voz contra elles sem ser logo tachado de connivencia. Eu dou as minhas sympathias, não ao crime, mas ao infortunio dos vencidos, grupo que a certos respeitos faz excepção no meio da geral corrupção, pleiade brilhante de mocidade, de fidelidade, de rara e inabalavel constancia na adversidade. [2] O maior ... e dir-vo-lo-hei, senhores, o mais infeliz ou o mais feliz de todos elles?.... Nunes Machado..... Adiante deste nome é necessario que eu pare cheio de dôr e veneração..... (*profunda sensação.*) Já não fallo de suas virtudes privadas. Quem não lhe ouviu as palavras tristes e propheticas sobre a sorte que aguardava a sua chara provincia? As aproximações da morte lhe davam a visão do futuro. Quem não sabe que reprovou a desordem nas Alogôas,

1 O sr. Lisboa enganava-se; a proscripção é uma realidade —Depois de tanto negar-se que o sr. Tosta pozesse cabeças a preço, acaba o sr. Honorio Hermeto (Marquez de Paraná) de offerecer quatro contos a quem matar o capitão Pedro Ivo..... em acto de resistencia !

(Da redacção do *Progresso.*)

2 Refiro-me principalmente ao grupo dos deputados *praieiros*, pois pouco ou nada sei dos chefes militares e influencias do interior, que dirigiram a revólta.

(Nota do Orador.)

é que chegado ao Recife a reprovou ainda? Quem não sabe que arremeçou-se nella, por pura fé e lealdade, para compartilhar a sorte dos amigos compromettidos? Quem não sabe em fim da carta escripta já do campo á esposa ausente, e onde lhe contava o sacrificio e a resignação?. .. Ei-lo que se aproxima no fatal dous de fevereiro..... a Morte o tomou nos braços, e tolhendo que invadisse armado o recinto da materna cidade, certo o subtrahiu a um sacrilego triumpho· os companheiros, posto que derrotados, o levaram piedosamente sobre os hombros para uma capella bem distante. A este ao menos parece que a morte o tinha amnistiado!.... A história refere que um grande homem da antiguidade, Cesar, apartára consternado os olhos rasos d'agua quando viu a cabeça do seu illustre rival, decepada por cobardes assassinos, que buscando o premio, só acharam o castigo do crime: os grandes homens modernos, esses procedem de outro modo!... Houve em Pernambuco um homem, um chefe de policia, inimigo pessoal do illustre morto, que pelos seus corvos farejou o cadaver no asylo solitario em que jazia: dali o fez arrancar já em putrefação, e conduzir pelas ruas da cidade, no meio dos ultrages e baldões dessa vil gentalha sempre prompta ao appello de todos os poderes, e para deshonra de todas as causas, a insultar todas as victimas; sujeitou-o a uma vestoria, verdadeira violação da morte, e poz o seu nome no fim do auto! Este nome, senhores, é o de Jeronymo Martiniano Figuei-

ra de Mello! Eu o entrego ao opprobrio e á execração de todas as almas bem nacidas; e podesse a tóga, pretendida honoraria, concedida por preço do feito abominavel, que daqui vejo sordida da cal do sepulchro profanado, grudar-se-lhe ás carnes como a tunica do Centauro, e ser-lhe flagello incessante e eterno em vez do remorso que não sente! Mas não; não é o ódio, são outros os sentimentos que devem propiciar a víctima immolada no altar das discordias civis.

(*O orador repousa alguns instantes.*)

Meus senhores, é da sorte dos companheiros da illustre víctima que se tracta; mas notae-o bem, não se tracta de fixa-la definitivamente, e só de fazer votos por ella.

Pasmo de que para combater-se o projecto em discussão, a simples expressão de um voto, se tenham tirado argumentos da constituição, dizendo-se ora que ella o não permitte expressamente, ora que expressamente nos prohibe de peticionar sobre assumptos de interesse geral. Vós vos enredaes nesses argumentos.—Ainda outro dia asseverava um dos illustres membros que por isso só que a constituição o não prohibe, não se segue que a assemblea tenha direito de praticar certos actos, e ei-lo que me interrompe agora para dizer que a felicitação pela pacificação de Pernambuco foi votada, porque a constituição a não prohibe! Por mim, não considero o projecto uma petição, mas, como ja disse, a simples expressão de um voto, e para approva-lo julgo-me com o mesmo di-

reito, antes com o mesmo dever, com que approvastes a felicitação. (*apoiados.*)

Os corpos deliberantes, como o nosso, procedem não só em virtude de lei escripta, senão tambem em virtude de precedentes, e de estylos constitucionaes, proprios da sua organisação, e do regimen de discussão e livre exame sob que vivemos. Olhae para tudo quanto fazem e têm feito as camaras municipaes, e os extinctos conselhos geraes, as actuaes assembleas provinciaes, e mesmo a assemblea geral. A nomeação e dimissão dos ministros é da livre attribuição do poder executivo; no entanto por doutrina constitucional incontroversa, os parlamentos determinam a sua escolha, conservação, e dimissão, seja indirectamente, contrariando ou approvando a politica dos ministros; seja directamente, dirigindo mensagens á corôa, com a expressão de certos e determinados votos—No entanto, a constituição lh'o não permitte, são estylos parlamentares. As assembleas provinciaes, e as camaras municipaes têm representado sobre amnistias, sobre dissoluções de camaras, sobre mudanças de ministerios, sobre o projecto de conferir-se a regencia á princeza D. Januaria em 1836, e outros assumptos semelhantes; a assemblea do Maranhão, creio que no primeiro ou segundo anno de sua existencia, representou acerca da moeda. [1] Em tudo isso

[1] Não me occorreu então que em 1832 passou no conselho geral um voto em favor da amnistia, sob proposta do dezembargador João Martiniano Barata.

(Do Orador.)

nada mais se faz do que exprimir votos; e é das ideas assim agitadas pelo jornalismo, pelos clubs, pelas corporações públicas, pelos parlamentos, por todos os orgams em fim, naturaes e legitimos, de um povo livre, que se fórma a opinião pública assaz poderosa e illustrada, para vencer os conselhos oppostos, e obter o assenso do monarcha. Não creio que a pretendida questão de constitucionalidade seja uma tangente por onde se esquive o voto sobre o fundo da questão; e appéllo das subtilezas do vosso espirito para os sentimentos generosos dos vossos corações.

Será obstaculo para a amnistia a gravidade do crime? Dirigia-se a revólta a derribar as nossas instituições e o throno?

ALGUNS SENHORES:—Esse era o seu fim; lêam-se os documentos que publicaram os rebeldes.

O SR. LISBOA:—Nem esses documentos eram positivamente subversivos da actual fórma de govêrno, nem eram assignados pelos homens intelligentes do partido. Nessa desastrada idea da constituinte não se envolvia por certo a quéda da monarchia. Tão longe estou de suppor que a sublevação ameaçasse seriamente a monarchia, que até presumo que na sua maior exaltação, uma mudança de politica a desarmaria... [1]

[1] Neste ponto interrompeu o sr. Jansen Pereira exclamando: Então a revólta só tinha por fim a mudança de gabinete»! E tomou notas em ar de triumpho, e de quem suppunha haver surprehendido á um rebelde a confissão de seus pensamentos secretos. E naturalmente, se respondesse, argumentaria sobre

Mas conceda-se que assim fosse, desde quando foi a gravidade de um crime destes estôrvo para o perdão? em que constituição vem elles graduados para se poderem amnistiar? Ao contrário, senhores, tanto maior alcance tem uma sublevação em seus meios, fins e resultados, e tanto mais urgente e indeclinavel se torna a applicação deste remedio extraordinario.

Vejamos, haverá motivos especiaes que o tornem perigoso e recusavel? Attendamos á situação dos sublevados. Delles ha mortos e expatriados: não são estes por certo os que inspiram receios. Um grande número se acha nas prisões, e os chefes foram transportados para a ilha de Fernando. Diz-se que ultimamente conspiravam. Daqui, longe do theatro dos acontecimentos, não posso saber ao certo do que por lá vae; o que sei é que se ha quem conspire, não faltam tambem falsas delações e calúmnias para auctorisar rigores e excessos; o que sei é que a transferencia dos condemnados, entre os quaes ha homens qne acabaram ha pouco de ser legisladores do Brazil, para um presidio de malfeitores, é uma verdadeira e inutil atro-

este thema, porque assim é costume discutir entre nós. No entretanto as causas da revólta, tinham sido largamente expendidas:— e entre as que originam, e as que podem terminar uma revólta ha enorme distancia. Além de que, no estado de Pernambuco, a mesma simples mudança de politica e gabinete, era questão de vida e morte. Note-se finalmente que nem se quer aconselhei esse meio, apenas presumi os seus resultados, e para o fim especial de demonstrar que a sublevação não importava mudança na fórma de govêrno.

(Do Orador.)

cidade, porque se inspiravam receios, podiam ser facilmente transportados para vasos de guerra, ou para as fortalezas da Bahia, do Rio, ou ainda do Rio Grande do Sul. Ha pouco, para mostrar-vos como a sublevação nasceu e cresceu, pintei-vos o estado geral do Brazil, e o especial de Pernambuco: para convencer-vos dos rigores que ali se exercem agora, bastaria apontar-vos na história de todas as guerras civis, os excessos sempre infalliveis dos vencedores contra os vencidos. Ainda aqui não temos precisão de informações apaixonadas para nos inteirarmos da verdade. E além da atrocidade da deportação para a ilha de Fernando, revogam-se as amnistias concedidas, e os reus são pronunciados, e condemnados illegalmente, por um jury incompetente, por inimigos pessoaes e rancorosos, os Drs. Figueira de Mello e Nabuco de Araujo, redactores do *Lidador* e da *União*, em luta encarniçada ha muitos annos com alguns dos reus, no jornalismo, na tribuna, nas eleições, sempre e por toda parte, e agora no proprio tribunal!

Mas Pedro Ivo existe armado, e rejeitou a amnistia, e outras muitas vantagens que lhe foram offerecidas! Se tal foi, senhores, esse bravo cavalleiro Pernambucano confirma a asserção que ha pouco emitti, de que o grupo *praiciro* fazia uma honrosa excepção no meio da curruptção e baixeza universal. Rejeitou elle nesse caso vantagens individuaes, de que não compartiriam os seus companheiros de infortunio, abandonados á perseguição e á vingança. No entretanto,

não é preciso procurar a explicação da recusa de Pedro Ivo em motivos heroicos; talvez seja ella apenas devida aos receios que lhe inspira a fé punica dos seus inimigos.

E vós, senhores, que estremecieis ha pouco pela supposta violação da constituição n'um simples voto de humanidade, não vos fere o abuso da delegação inconstitucional de attribuições, cujo exercicio a lei só conferiu ao poder moderador? Como a attribuição de amnistiar, conferida ao presidente, tem de ser exercida parcialmente, e segundo a posição especial de cada sublevado, hade a primeira auctoridade, que não póde em pessoa examinar tudo, ouvir o chefe, este os delegados, e estes finalmente os derradeiros e mais abjectos malsins da polícia. Assim, a amnistia em vez de descer do alto do throno, e da magnanimidade imperial directamente sobre os subditos transviados, torna-se o preço, transmittido por mãos desconhecidas e impuras, do arrependimento isolado, da fraqueza, da apostasia, da deslealdade e da traição de um ou outro individuo, e revogavel pelo mesmo que o concede! Mercado indecoroso, e verdadeira especulação de partidos!

Clama-se emfim contra a amnistia, porque os grupos de Agua Preta estão ainda em armas. Senhores, a situação não mudou do que era nestes últimos mezes, e essa objecção é uma notavel contradicção á felicitação outro dia votada pela pacificação de Pernambuco! (*apoiados e hilaridade.*) Mas entretanto,

um dos fins da amnistia é fazer cahir as armas das mãos a esse resto de sublevados. Quem vos assegura que um grande acto de clemencia e generosidade lhes não desarmará os braços e os corações?

O Sr. Jansen Pereira:—E que certesa tem o nobre deputado de que não acontecerá o contrário?

O Sr. Lisboa:—E na dúvida, ousareis tomar sobre vós a tremenda responsabilidade de associar-vos á perseguição?

(*Neste ponto crusaram-se as interrupções, clamando o sr. Jansen Pereira de um lado, que era mister que os rebeldes fossem punidos, que ainda não tinham bem espiado o crime; e o sr. Nunes Gonçalves, que ninguem os perseguia nem pedia aqui a sua punição.*)

O Sr. Lisboa:—Citar-vos-hei um grande e irresistivel exemplo de que as amnistias se concedem tambem ás sublevações armadas. A Austria é conhecida pelo seu systema de repressão inexoravel e sanguinolenta, empregado na Hungria, na Italia, e na propria Alemanha; pois bem, ella acaba de conceder amnistia á Veneza armada, á Veneza, a republicana, que lhe resistiu até a derradeira hora, que por tres vezes lhe havia rejeitado a capitulação com as mesmas condições! Quaesquer que fossem as causas desta excepção ao systema austriaco, o que fica manifesto é que essa monarchia forte e secular se não julgou desdourada e abatida por tractar em termos benignos e honrosos com subditos rebellados. (*apoiados.*)

Arredadas assim todas as objecções que se podem

tirar da especialidade da situação de Pernambuco, restam face a face os dous systemas, o da repressão pelas armas e pelos castigos, e o da indulgencia e do perdão.

Não posso alongar-me na exposição de facto e doutrinas para abonar a minha opinião.—Alguns rapidos exemplos bastarão.

A repressão pesou sobre a Polonia. O que resta da Polonia? um vasto sepulchro vasio. A nação vagueia sem patria pelo mundo.

A repressão pesa sobre a Hungria, e sobre a Italia. D'entre vós mesmos, senhores, sei que ha quem vote todas as suas sympathias á Hungria e á Italia.

O SR. F. J. CORREIA:—(*Apoiado.*)

O SR. LISBOA:—Na Hespanha, nas republicas da lingua hespanhola, apesar do sangue que dos cadafalsos mana em jorros quotidianamente, as revoluções já não têm conta. Votam-se hecatombes inteiras de cabeças humanas a uma falsa divindade a que chamam a—*Ordem,*—falsa, senhores, porque não existe como o prova a mesma multiplicidade dos funereos sacrificios. Algozes hoje, víctimas amanhã, dir-se-hia que as exhalações do sangue derramado lhes deprava o coração e o espirito, fere-os de vertigem, e os arremeça por seu turno no abysmo sempre aberto....

Ah! é certo, nós temos os pés no lodo, mas ao menos este lodo ainda não é amassado com o sangue vertido nos patibulos; o dos combates é de so-

bra. Grande é a brandura e indulgencia das nossas leis, maior ainda a do character nacional, demasiada até, e para muitos crimes que não a mereciam. As repetidas amnistias, aplacando o incendio das nossas revóltas, nos têm poupado os horrores por que passam os nossos visinhos. As severidades da repressão teriam perdido tudo; a crueldade passaria dos characteres para as instituições. Não é que tenham faltado alguns homens que—seja ferocidade de coração, sejam aberrações do espirito pervertido por systemas fallazes—deixem de tentar o regimen do rigor; mas elles têm encontrado insuperavel barreira na opinião pública, e no monarcha, que sem identificar-se irrevogavelmente com nenhum dos partidos, a nenhum rouba de todo a esperança, e ás vezes tem posto termo feliz e inesperado a deploraveis excessos.

Não será neste paiz que se perverterá a opinião, a ponto de se notar de infamia os crimes politicos, ordinariamente filhos dos erros de opinião, e de paixões exaltadas, mas não impuras, e nos quaes se não encontra nenhum dos characteres de ignobil baixeza, de depravação, e de ferocidade, que assignalam os crimes communs. Aqui mais que em outra qualquer parte, está fortemente inculcada nos animos a opinião de que a victória deve ser o termo final desta sorte de contendas. Que temor e que exemplo póde produzir a punição, quando toda a nossa história protesta contra essa pretenção com numerosos exemplos? Só um estranho citarei, porque o mere-

ce pela sua viva significação. Luiz Napoleão sahira dos calabouços de Ham para o destêrro: mesmo nas vesperas de sua quéda, Luiz Philippe e seus conselheiros entendiam que elle ainda não tinha assaz expiado as tentativas de Boulogne e Strasburgo; mas a revolução veio desengana-los, amnistiando o rebelde e elevando-o quasi ao throno abandonado! Entre nós, o illustre Antonio Carlos, compromettido na revolução pernambucana de 1817, atravessou as ruas da segunda capital do Imperio com um collar de ferro ao pescoço. Não tardou que outra revolução o não arremeçasse das cadeias da Bahia para o seio do congresso portuguez, onde honrou, antes revelou o nome brazileiro. Estava reservado ainda para uma gloriosa conspiração; quereis saber qual? a da independencia! Elle envelheceu nos conselhos da corôa e da nação, morreu honrado e admirado de amigos e inimigos, mostrando impressos nos seus membros os signaes indeleveis dos ferros do despotismo. Vasconcellos, conspirador permanente durante o primeiro reinado, o seu nome hoje svmbolisa a ordem para muitos: á ordem prestam agora relevantes serviços os Cavalcantis e Regos Barros que se involveram nas revoluções de 17 e 24—Manuel de Carvalho, chefe desta última, foi votado á morte, e ao destêrro; outra revolução, a de 7 de Abril, o restituiu á patria, que o viu seu presidente, e depois senador do Imperio, em 1835 combateu a revólta dos Carneiros, e sabeis ajudado por quem?..... Nunes Machado....

E esses Carneiros, outr'ora rebeldes, agora na última sublevação derramaram o seu sangue em defeza da lei! Que mais vos poderei dizer, senhores, que vos não digam estes exemplos palpitantes de actualidade? Segundo a doutrina da repressão e expiação, todos esses homens, que ora occupam logares eminentes no Imperio, deveram todos ter perecido ha muito nos patibulos, ou jazer ainda nas masmorras....

Senhores, eu vo-lo digo com toda a franqueza e sinceridade, melhor fôra que nos houvessemos limitado aos nossos trabalhos ordinarios, sem nos envolvermos em questões ardentes.....

O Sr. Sotero:—Agora sim, tem o nobre deputado rasão!

O Sr. Lisboa:—mas para isso fôra mister que se não houvesse votado essa felicitação, que aggravou a sorte dos vencidos, aprovando, sem distincção, todas as medidas dos vencedores! (*apoiados.*) Estou convencido da sua innocencia, e de que ella foi votada nas mais puras intenções; mas para avaliardes a sua importancia e verdadeira significação, olhae como foi recebida pelas facções externas, o triumpho de umas, a exasperação de outras! Respeito quanto é possivel o voto dos meus illustres collegas; sei que os motivos mais nobres e elevados o dictaram; e digo-o não só por ser isso um dever de boa companhia, senão tambem pela grande consideração pessoal que me merecem todos os illustres membros em geral, e cada

um delles em particular; quanto a mim, porém, soffrei que vo-lo diga, julgaria cobrir-me de vergonha, se dando um, negasse o outro.

O Maranhão, senhores, está desconceituado..... deshonrado na opinião do Imperio; não que o Imperio tenha muito de que vangloriar-se, mas é que na escala das nossas degradações, o Maranhão occupa um dos ultimos logares, e em certo genero de baixeza, talvez só tenha por companheiro, e á la par, o misero Rio Grande do Norte. Ah ! quasi podemos envergonhar-nos da patria em que nascemos....., envergonhar-nos, sim, com a mesma respeitosa dor com que o filho se envergonharia dos vicios de seu pae ! O Maranhão, já infamado em tão poucos annos por uma revólta barbara e devastadora, por violencias e torpezas eleitoraes e politicas de todo o genero, por ultrajes periodicos á vida privada e honra das familias, por attentados inauditos, repetidos, audazes, em grande escala, contra a fortuna pública e privada; não se diga, senhores, que depois de tudo isto, pôz a corôa e remate a todos os seus opprobrios, alçando a voz para saudar a victória no meio do sangue, dos desastres, e das lagrimas da guerra civil, e não achando um gemido se quer de compaixão em favor dos vencidos ! (*apoiados.*)

Mas é força concluir. Ao começar disse-vos que tinha o espirito salteado de dúvidas; por ventura não estão ellas ainda dessipadas. Mas desabafei a consciencia que tinha oppressa pelo silencio. Os corações

ulcerados, como as harpas eolias feridas pelos ventos, precisam exalar em gemidos a sua dor. Fiz o meu dever; aguardarei agora o resultado sem temor ou esperança, e quasi indifferente. (*Muitos apoiados.*)

(O arador é comprimentado por seus amigos e saudado pelas galerias.)

(Do PROGRESSO n.os 139 e 140, de 26 de novembro de 1849.)

ARTIGO POLITICO.

1852.

A questão do Prata.

Está consummada a ruina da longa, collossal e odiosa tyrannia de Rosas; e nas columnas do *Publicador* terão os leitores encontrado de ha tempos a esta parte os documentos que narram como se emprehendeu e levou ao cabo esta rapida mudança, grandiosa pelos meios empregados e resultados obtidos, não menos que pelos fins á que fitou o Brazil.

Já mais de uma vez o observamos, o *Publicador*, apartado da politica militante por muitas rasões tão obvias como concludentes, não tem nada que ver com essas polemicas estereis e ociosas, com que os partidos matam o tempo, entretêm a curiosidade e o ardor dos sectarios, e burlam a opinião, desviando a sua attenção dos mesquinhos interesses privados, que por vía de regra, são a causa real de todo esse bulicio e agitação.

Mas quando os acontecimentos, sahindo da medida ordinaria dos factos, que alimentam a chronica e discussão quotidiana, avultam e tomam proporções

historicas, sería singular, mesmo na nossa reserva habitual, deixa-los passar sem menção ou commentarios de qualidade alguma. Já quando o govêrno, com decisão e energia, que arredava todas as dúvidas e equivocos, se determinou a pôr fim ao trafico, quebramos o silencio para louva-lo, com a modestia propria de um jornal de provincia secundaria, a que não é possivel dar tom e direcção á politica geral; e com a reserva e commedimento indispensaveis na posição neutra que occupamos. As rasões que então pesaram em nosso ánimo, tomam hoje dobrada fôrça, porque os acontecimentos, mais palpitantes de interesse pela fórma por que se desenvolveram e pelo número das fôrças, que se empenharam e vieram ás mãos, revelaram na mesma victória, que os coroou, a gravidade dos perigos, que ameaçavam a honra e segurança do Imperio, e a immensidade dos resultados obtidos.

Rosas cahiu, e o Brazil, será vão nega-lo, foi nisso parte tão principal e essencial, que a não ser a sua intervenção, o dictador, bem longe de ser procurado nos seus dominios, teria elle proprio invadido e subjugado os visinhos, trazendo a seu serviço muitos dos mesmos, que ajudaram a derriba-lo. Uma simples vista d'olhos sobre as circumstancias tornará evidente esta verdade.

A França, ou fatigada ou querendo especular com a fortuna do dictador, estava prestes a concluir um tractado, que, ou entregava Montevideo á discrição, ou sujeitava á condições quasi tão duras como lh'as

poderia impor o inimigo vencedor; porque, não nos illudamos, as taes eleições livres, com Oribe dominando a campanha; e a amnistia, com Oribe triumphante nas eleições, eram meros pretextos e paliativos com que a França precisava colorir a sua deserção. O tractado, tendo já a sancção do presidente da republica, ia ser submettido á da assemblea, quando tudo foi suspenso com as noticias da attitude do Brazil e do pronunciamento de Urquiza.

Montevideo, na perspectiva da deserção da França, debatia-se dolorosamente no meio das suas hesitações: já se agitavam as condições da entrega; nove annos de uma resistencia illustrada por prodigios de valor e resignação, esse glorioso baluarte da civilisação, esse punhado de bravos que o defendiam, tudo ia ser sacrificado na dobrez de um tractado; porque ninguem desconheceu que, passados os primeiros tempos, e consummada a retirada dos francezes, o vencedor tiraria cruel vingança da longa resistencia, que o afrontára, e essas fôrças, que tanto depois serviram ao exercito alliado, seriam despersas, expatriadas e desimadas pelo ferro. O Brazil estendeu a mão á republica vacilante, e tirando-a do abysmo, prestes a traga-la, reservou-a para os novos distinos, que hoje começa a gosar.

Que diremos de Urquiza e dos chefes correntinos? Acurvados ao jugo de Rosas e enredados na soledade do seu systema de sangue, elles nem ousariam mover-se, abafando pelo contrário no mais intimo do

peito, todo o signal de descontentamento. A sua sujeição continuaria por largo tempo, até que acabasse ou n'uma surpreza, como só o dictador sabia faze-las, ou na imprudencia de algum levantamento, como tantos outros chefes anteriores, á quem o mesmo Urquiza, então simples tenente de Rosas, venceu, matou, e forçou ao destêrro, por ordem, e nos interesses do tyranno. O Brazil, porém, attento a tudo, rastreou, explorou os surdos desgostos destes chefes, fatigados da longa e caprichosa oppressão, e um exercito de vinte mil homens se organisou rapidamente em favor da causa do Imperio, quando não ha ainda um anno, na computação, que os jornaes faziam das fôrças beligerantes, entre as de Rosas contavam sempre dez mil homens ao mando de Urquiza!

O govêrno do Brazil, organisando o mais numeroso e disciplinado exercito, que tem tido o Imperio, e uma esquadra fortissima, teve ainda o merito da opportunidade na escolha do tempo para arrostar o inimigo:—um anno mais cedo, talvez as nossas aberturas achassem Urquiza frio e reservado, senão hostil; um anno depois, sería já tarde talvez.

Dispostas as cousas, e denunciadas as hostilidades, a campanha de Montevidéo foi apenas uma marcha triumphal para Urquiza; as adhesões quasi unanimes das populações, as numerosas defecções das fôrças contrárias, o quebrantamento moral dos sectarios fieis ao dictador, lhe facilitaram singularmente o triumpho; mas nada disso talvez se teria visto se não fôra a pre-

sença do exercito e esquadra imperial; e dado mesmo que sem a influencia do imperio Urquiza se tivesse pronunciado, a victória não lhe custaria tão barata, se é que elle jamais podesse alcança-la.

Infelizmente o nosso exercito não chegou a tempo de tomar parte na jornada do Cerrito, inda que só para cingir o inimigo n'um circulo de ferro, e obriga-lo a depôr as armas, sem disparar um só tiro e sem essa sombra de resistencia, que oppoz ás cargas de cavallaria de Urquiza. O desar, que de semelhante demora veio, não á bravura e reputação do exercito, mas em geral á preponderancia e á honra do Imperio, não póde em nossa opinião ser attenuado pelas considerações produzidas, de que como simples auxiliares na guerra, não deviamos tomar o primeiro logar, até para evitar os ciumes daquelles povos. Na campanha oriental os aggravos que tinhamos a vingar eram de natureza tal que haviam produzido o rompimento; e fazendo-se a guerra por nossa propria conta, embora as nossas fôrças auxiliassem simultaneamente os interesses dos alliados, a ninguem deviamos ceder o passo na glória e no perigo.

Com injustiça, sim, porém não faltará (e permitta Deus que erremos) quem mais tarde queira tirar partido desta demora. Com injustiça, dizemos, porque se o exercito brazileiro não estivesse a algumas leguas de distancia e a esquadra, manobrando á vista do campo, não cortasse ao inimigo toda a esperança de salvação, nem Urquiza talvez lhe apresentaria batalha

com fôrças inferiores, nem o êxito della, quando empenhada, sería por certo a inteira anniquilação de Oribe.

Destruido o poder deste visinho mau e inquieto, que é quem nos molestava, degollando e roubando os nossos cidadãos, a quéda de Rosas já não era para nós interesse tão principal e immediato, e a intervenção do Brazil ou tinha somente por fim a consolidação da primeira victória, ou o desempenho da fé jurada aos alliados. Nestas circumstancias, sim, a divisão que se encorporou ao exercito de Urquiza devia ser e foi com effeito simplesmente auxiliar. Não obstante, o nosso pavilhão fluctuava em frente de Buenos-Ayres, e a esquadra estava disposta de maneira a transportar sem detença e em caso de necessidade, o grosso do exercito acampado na Colonia.

Assim, não foi somente o valor e pericia dos bravos da divisão auxiliar, com tanto lustre manifestados na gloriosa jornada de Casero, que concorreram efficazmente para a prompta conclusão da luta, senão o complexo das medidas tomadas pelo govêrno brazileiro, com uma sabedoria e habilidade a que não andamos muito habituados.

Se para a justificação e glória do nosso govêrno bastasse a energia e rapidez da acção e a immensidade dos resultados immediatos, elle estava mais que muito justificado e a sua glória não podia ser maior; mas cumpre ainda averiguar se a justiça e a necessidade foram consultadas na decisão, que elle tomou

de emprehender a guerra, e se foi assaz previdente em acautelar os futuros perigos; ou se, preteridas as considerações mais obvias, todo este enorme dispendio de sangue e dinheiro, feito em pura perda, hade por fim desarmar em vão, substituidos apenas uns nomes por outros, e continuando pelo mesmo theor as antigas depredações dos nossos incorrigiveis visinhos.

E aqui onde é fôrça attender ás accusações e queixumes da opposição, nós o dizemos, sem nenhuma hesitação, as suas accusações ou são fundamentalmente injustas ou indecisas, feitas á esmo, e só para satisfazer a uma certa necessidade de accusar.

Todos o reconhecem, e nós primeiro que ninguem, o officio das opposições é descobrir, denunciar e reprehender nos que governam, todos os erros, todos os desvios, por minimos que sejam; tarefa e dever ingrato, quando os actos do govêrno são em si grandiosos, mas nem porisso menos rigoroso e indeclinavel, no exame da execução e dos pormenores. Nestes pois, temo-lo por bem averiguado, não faltaria á opsição materia, em que entendesse e accusasse com sobeja rasão; mas porisso mesmo devia abster-se de arguir a marcha geral da administração, pois que nisso vão os interesses da patria, como a sua propria glória della. Entretanto, a opposição tem feito soar a voz de *iniquidade* quando qualifica a guerra, pretendendo que Rosas tinha rasão de pedir satisfação, pela invasão do caudilho Jacuhy; nota a impunidade deste e tem o mau gosto de compara-la com a perseguição

feita aos sublevados de Pernambuco; e ainda mesmo os que applaudem e victoream a quéda do tyranno, criticam a intervenção, como mau exemplo, de que ainda outros mais fortes poderão vir a abusar contra nós mesmos. Sobretudo clama-se que o Brazil, exgotando-se e jogando o melhor dos seus recursos nesta guerra, nenhuma garantia todavia obteve da solidez dos seus resultados em vantagem nossa, e nesta parte tudo são previsões tristes e sinistras—seremos burlados por Montevidéo e por Urquiza, e as cousas não mudarão de face, só porque mudem de nome. Examinemos nós agora ponto por ponto todas estas accusações,

Como guerra iniqua? quem não sabe que o barão de Jacuhy tentou aquella mallograda entrepreza, depois de esgotada a paciencia dos nossos fronteiros, por largos annos de spoliações, latrocinios e assassinatos, perpetrados não só por bandos de sicarios vagabundos, senão pelas proprias auctoridades e tenentes de Oribe? Se o govêrno tivesse a baixeza, melhor diriamos, a infamia de castigar no barão, a sua intempestiva invasão, que fecundo texto não daria ás accusações, desta vez justas e tremendas! Como! se os cidadãos brazileiros abandonados á sombra do inimigo, buscavam com os proprios recursos segurar a vida e a fazenda, o mesmo govêrno que impassivel os via degollar, só recobrava vigor para os perseguir, e feito um vil alcaide do estrangeiro, os encerrava e punia, porque tinham usado do direito natural da defeza!

A Deus não prasa que em tempo algum tomemos a defesa das paixões em triumpho e das odiosas e mal avisadas perseguições, que o furor dos partidos costuma rebuçar com as exigencias da ordem; mas por muito que haja a censurar na politica interna relativa aos condemnados de Pernambuco e sobretudo nessa tenebrosa e deploravel questão de Pedro Ivo, não vemos que o caso soffra a menor comparação com a entrepreza Jacuhy, e que n'um como n'outro estivessem compromettidas a dignidade e honra do imperio em relação a um inimigo altanado e insolente. A questão nos parece tão clara que não hesitamos um momento em asseverar que no ponto á que as cousas tinham chegado, o interesse público exigia que o crime do barão fosse promptamente amnistiado, ainda quando o não justificassem ou desculpassem, ao menos, as circumstancias, que ficam referidas.

De resto esta simples corrida do barão foi apenas um pretexto de mais para Rosas, que todos os dias nos estava a pedir satisfações, ora da missão Abrantes, ora do reconhecimento da independencia paraguaya e até dos discursos dos nossos proprios representantes, e isto ao passo que os farçantes da honrada sala em Buenos-Ayres atacavam o Brazil no seu govêrno e no seu character como nação, com um descomedimento e em termos tão injuriosos, como só poderia usar um povo selvagem e estranho ao gremio das nações civilisadas.

O interesse das nações, não o contestamos, tem

posto em voga o princípio da não-intervenção, em virtude do qual nenhum estado tem direito de ingerir-se nas discussões domesticas do outro, uma vez que dellas não resulte perigo á sua propria segurança e repouso. Sabe-se com tudo como este princípio tem sido observado, e como nunca faltam pretextos aos mais poderosos para dar a lei aos mais fracos em sua propria casa. Pelo que toca ao perigoso exemplo aberto pelo Brazil, é facil responder que ainda estão bem recentes na memória de todos, e anteriores a elle, os insultos que soffremos da Inglaterra, quando com mão armada devassava os nossos portos e mares territoriaes. Nestes casos, nunca são os exemplos e as culpas anteriores que motivam os excessos, mas a fraqueza da víctima e a prepotencia do oppressor.

Além de que o Brazil não toma por empreza e tenção particular sua ir compor as cousas em Buenos-Ayres; empenhou as armas em defeza dos direitos atropellados de seus subditos; e os acontecimentos, seguindo o primeiro impulso dado, remataram com a quéda da mais inveterada e odiosa tyrannia, que inda viram aquellas regiões, aliás sempre tão desoladas por toda a sorte de infortunios. É que além da justiça restricta que exigiamos, a fortuna coroou os nossos esforços com favores tão explendidos, como inesperados.

Mas, diz-se, esses favores são um lampejo fugaz, e nada de solido e perduravel virá a compensar a enormidade dos nossos sacrificios; accrescentando-se que

os nossos visinhos, pervertidos por esses habitos inveterados de pilhagens e morticinios, não os despirão com facilidade; antes nos alvoroços e commoções deste grande movimento acharão novos incentivos para perseverar nelles, burlando o Brazil nas suas esperanças, fraudando os tractados ultimamente celebrados e continuando a molestar-nos como d'antes.

No seu horror ás allianças contrahidas pelo govêrno, um dos primeiros oradores da opposição, cujo talento avultou tanto e adquiriu tamanho lustre nas últimas lutas do parlamento, aconselhava até como último recurso, a preservação, a sequestração e a interrupção de todas as relações com os povos visinhos dos quaes, dizia elle, nos deviamos separar *por uma como que muralha da China!* Muitos dos seus adversarios lhe responderam mais com miseraveis apodos, do que com rasões; e todavia não faltavam rasões e partes com que responder-lhe. Meu Deus! Sancho dizia (e ao que parece foi grande politico e bom governador de ilhas em seu tempo) *que não se haviam de pôr portas ao campo*, e pela nossa parte não sabemos que haja no mundo campos mais ruins de cercar com muros e fechar com portas, que os do Rio Grande e Estado Oriental. A phrase perplexa do eloquente orador mostra de resto que elle a não aventurava em toda a segurança e consciencia de um estadista que falla seriamente. Ora na impossibilidade de uma sequestração material absoluta, a que irresistivelmente se oppõe o pendor das populações

para se derramarem pelos planos inclinados e abertos, ¿o que resta se não domar essas raças dadas á rapina, primeiro pela fôrça, derribando os representantes mais compromettidos desse odioso systema, e depois pela inoculação dos habitos de ordem e trabalho que só se obtêm com os beneficios, pela conveniencia, pelos tractados, pelas relações commerciaes, pela abertura e navegação emfim desses magestosos rios interiores, tanto tempo defesos ao commércio e civilisação do mundo, como se com effeito estivessem sob o dominio barbaro dos chins?

Salvando a uns da certa perdição que os aguardava, facilitando a outros a victória e supremacia, á que aspiravam, libertando a todos emfim de um jugo feroz e sanguinario, o govêrno do Brazil fez quanto podia inspirar-lhe a humana sabedoria para captivar e prender os nossos visinhos: são esses os unicos meios por que no estado actual da civilisação é praticavel e licita a influencia de uns sobre outros povos: o resto pertence a Deus somente.

Porém mesmo nas previsões actuaes, o que ha ahi de mais provavel, que nos possa ser desvantajoso? não é certamente crivel que Urquiza e os mais chefes, que com elle compartilharam da glória do triumpho, queiram pura e simplesmente substituir a Rosas, trahindo os principios e idéas, em cujo nome o derribaram, e esposando em tudo e por tudo o systema exhausto e desacreditado, que não o póde salvar a elle, aliás a sua mais poderosa e vivaz personificação.

Ao contrário, já vimos com jubilo no desfecho da campanha de Montevideo triumpharem as inspirações da politica moderada e liberal do imperio; houve completa amnistia e esquecimento do passado, e o proprio Oribe, detestavel e detestado por dez annos de feroz oppressão, ficou socegado em sua casa, rodeado das suas victimas, como se nunca os houvera tão cruelmente offendido. Imaginae por um momento Oribe vencedor; Montevideo entregue aos furores desses bandos de famelicos malfeitores, veria todas as suas fortunas arrasadas, todos os seus filhos victimados á morte, e ao destêrro, e a barbaria triumphante sobre as ruinas da civilisação.

Na victória de Casero, é certo, não se usou a mesma moderação; a influencia benefica da politica brazileira, enfraquecida pela distancia e outras circumstancias, mal se fez sentir; os prisioneiros foram executados quasi no campo da batalha, como é já do direito público entre aquelles povos endurecidos pelas guerras civis; e o vencedor não se pôde suster, que se não demasiasse em vinganças, torvado o espirito e arrastado por essas falsas e tão preconisadas necessidades de dar satisfação á vendicta pública.

No meio porém desses horrores o coração contristado folga na esperança de que este sacrificio feche talvez a éra das vinganças politicas sanguinolentas; consola-se na consideração dos horrores, bem diversamente monstruosos e estupendos, que a quéda de Rosas arredou; e palpita sorbretudo cheio de orgulho

ao lembrar-se que o estandarte brazileiro, que o inimigo evitava na peleja, era procurado como unico abrigo, depois da victória.

Notemos ainda, como signal de um feliz regresso a ideas e costumes mais conformes á humanidade, que as divisas sanguiuarias vão sendo arrancadas—que os gritos de morte são banidos do frontespicio das leis; e que mau grado a carnificina que o impeto e colera do combate e os arrebatamentos da victória produziram, o espirito e tendencia geral revelada em todos os documentos officíaes e nos periodicos actuaes são para a brandura, esquecimento e conciliação.

Concluindo, não podemos esquivar-nos ás seguintes breves reflexões, onde se condensa tudo quanto expendemos neste artigo. Em menos de um anno, a longa tyrannia, que já afrontára o tempo e zombára de todas as resistencias, alluiu-se e esvaeceu-se como o fumo; hoje só resta della a memória das suas sanguinolentas orgias e as ruinas e cadaveres que deixou como rasto por toda parte, á que chegou o seu dominio. Na vertiginosa rapidez dos acontecimentos, dir-se-ia que o Brazil, ferindo a terra com mais fortuna que Pompeu, fê-la brotar essas legiões, que o mesmo era mostrarem-se que vencerem; e o espirito se não póde recusar á comparação, de que conseguimos, nós brazileiros, o que foi negado á Inglaterra e á França reunidas. Não que a comparação seja em tudo justa e exacta; mas a aproximação é involuntaria, e a grandeza dos resultados é propria para deslumbrar.

E Rosas, esse despota orgulhoso e altanado, que hoje corre a procurar abrigo no seio de uma das nações, que insultára na boa fortuna, teria elle ultrajado e ameaçado o Brazil, com tanta vileza e jactancia, se lhe fosse dado ler no futuro? Os jornaes referem que depois da sua quéda prodigiosa, o tigre açaimado tem dado signaes não equivocos de alienação mental. Se tal é, nunca teve um cumprimento mais providencial a conhecida sentença: *Quos vult perdere Jupiter dementat.*

Á hora em que escrevemos estas linhas, por ventura a divisão imperial abandonou já essas célebres campinas do Prata, ainda ha pouco tintas de sangue e abaladas sob o choque e pressão de cincoenta mil guerreiros. Saudemos pois o regresso dessa gloriosa phalange, que brilhou nos combates pelo valor e disciplina não menos que pela humanidade! Glória em geral a todo o exercito, que onde lhe coube, sustentou a honra das nossas armas! Respeito e gratidão ao menos ao govêrno, que tudo predispoz e dirigiu, e soube juntar á nossa história uma das suas paginas mais brilhantes!

(Do Publicador Maranhense nº 1236, de 20 de março de 1852).

FIM DO QUARTO E ULTIMO VOLUME.

NOTAS.

A.

O secretario d'estado Pedro Vieira da Silva, em nome d'el-rei agradeceu e louvou nos termos mais calorosos o benemerito embaixador, e lhe prometteu as mais assignaladas mercês, como galardão devido a tamanho serviço..... .. pag. 86.

CARTA DO SECRETARIO D'ESTADO PEDRO VIEIRA DA SILVA A FRANCISCO DE SOUZA COUTINHO.

Senhor meu, um dia antes que Sua Magestade, que Deus Guarde, se partiu para Almeirim, se receberam differentes cartas de vossa mercê, e particularmente as que têm data de quinze, dozoito, vinte e cinco, e trinta de setembro, seis e nove de outubro que todas contêm a mesma materia a saber: a offerta livre que vossa mercê fez de restituir as praças que os portuguezes levantados de Pernambuco tomaram aos Ministros da Companhia só a troca dos holandezes celebrarem com esse reino paz segura e duravel, affirmo a vossa mercê por toda a verdade que devo fallar, que por mais que diga não saberei re-

ferir nunca a vossa mercê o contentamento que aqui recebemos todos e mais que todos Sua Magestade, de vossa mercê ter este negocio tanto adiante pela grandissima importancia delle em todo o tempo e muito mais no em que de presente nos achamos, e fica Sua Magestade com tão particular satisfação do serviço que vossa mercê lhe fez nesta parte que me disse podia avisar a vossa mercê havia de receber de sua grandeza mercê muito conforme a tamanho serviço.

Logo que se recebera as cartas, se convocou Conselho d'Estado, e nelle approvou Sua Magestade tudo que vosso mercê obrou em todo o processo deste negocio, *que ja estava permettido a vossa mercê pelas cartas que levou o padre Antonio Vieira*, e por que Sua Magestade se partiu logo no dia seguinte, que foi hoje, a Almeirim, e eu fiquei por andar ainda fraco de umas terças, não houve logar de se fazerem e firmarem as cartas, porém mandou-me Sua Magestade que emquanto ellas não chegavam que será brevemente, fizesse a vossa mercê este aviso para que vossa mercê não perdesse tempo nesta negociação enviando a vossa mercê a cópia do assento que Sua Magestade tomou no Conselho d'Estado, faça vossa mercê na conformidade delle dispor as cousas, e muito brevemente receberá vossa mercê cartas firmadas por Sua Magestade com a sustancia desta resolução de que aviso por estes navios *em duas vias, e ficam outros para partir. Entre nossos milagres dous dos maiores são o accordo que vossa mercê celebrou sobre os negocios da India, e o que agora fez dos do Brazil*, por aqui julgue vossa mercê qual será o conceito e a estimação que entende se deve fazer do serviço e merecimento de vossa mercê: estas rasões de mais das de ser muito particular servidor de vossa mercê, me obrigaram a amar e servir a vossa mercê todos os dias da minha vida, dê-a Deus a vossa mercê muito larga com todos os bens que lhe desejo. Lisboa a treze de novembro de seis centos quarenta e sete.

(*Collecção de cartas do Marquez de Niza, e outros, volume*

segundo, folhas quinhentas e sete, existentes na Real Bibliotheca de S. Francisco de Lisboa. Catalogo de Mans. de Direito Nacional e Civil. J.—5–5).

—Em plena confirmação desta carta, encontramos outras escriptas mais tarde pelo proprio Francisco de Sousa Coutinho a el-rei D. João IV, como se vê dos seguintes extractos:

De Paris, em 21 de janeiro de 1651, tractando da sua embaixada na Hollanda; «Começaram e cresceram as revoltas do Brazil, «mandou-me V. M. propor *todos os meios que podiam encaminhar a um bom acordo, até chegar a offerecer a restituição*, e «pela haver offerecido antes de chegarem as ordens de V. M, «me fez V. M. mercê de m'o mandar agradecer com taes palavras, que desejei eu então que me houvesse custado o serviço «muito do meu sangue para poder merecer a honra e mercê tão «grande que V. M. me fez naquella occasião, e que segundo uma «carta do secretario Pedro Vieira da Silva, em que me dizia que «havia eu feito dous milagres, um no negocio da India, outro «no do Brazil.....»

—Em outra carta de Paris, de 19 de setembro do mesmo anno, dizia «que a alguns dos ministros d'el-rei que, estando «elle em Hollanda, lhe escriviam que era melhor fazer a guerra «que comprar Pernambuco, respondêra sempre em sentido con«trário, donde resultou proclamarem-n'o então o Judas do «Brazil.»

(*Collecç. de cartas de Francisco de Souza Coutinho. MS. da Academia Real das Sciencias de Lisboa—1 vol. fol.—Gab. 2.º E. 5.ª n.º 1.*)

—Resta averiguar uma dúvida. Pedro Veira assevera na sua carta acima transcripta que Francisco de Souza Coutinho se havia anticipado a offerecer a restituição de Pernambuco, bem que isso ja lhe tivesse sido permittido pelas cartas que lhe tinha levado o P. Antonio Vieira; mas este nega-o (carta apologetica ao conde da Ericeira, *Obras Ined.* T. 3.º, pg. 123) e sustenta que não só não tivera parte alguma na resolução, tomada em Lisboa

sobre esta materia, senão que até a ignorava, pois estava embarcado em uma nau ingleza, detida em Paço d'Arcos á mingoa de vento favoravel, e com destino para o norte, onde ia assistir a D. Luiz de Portugal, enviado portuguez ao congresso de Munster, quando chegou navio de Hollanda com cartas de Sousa Coutinho, noticiando o que se sabe; e que reunindo-se incontinente o conselho de estado, approvára a promessa da cessão, despachando-se-lhe logo as instrucções tomadas neste sentido, as quaes chegaram a Hollanda, muito antes delle, que fisera caminho por Inglaterra. De modo que em tal negocio não tivera parte alguma, nem em Lisboa, nem em Hollanda.—Vejamos.

A carta de Pedro Vieira datada em 13 de novembro dá as de Sousa Coutinho (umas de setembro, outras de outubro mas sobre o mesmo assumpto) recebidas todas no dia anterior (12), no qual tambem se approvou immediatamente o procedimento do embaixador; mas, acrescenta elle, ja o P. Vieira *tinha ido adiante com instrucções no mesmo sentido*, e nesta especie não toca o padre.

A asserção de que se achava embaracado e retido em Paço d'Arcos, quando se receberam as cartas de Sousa Coutinho (12 de novembro) é de todo ponto inexacta, pois ja em 26 de setembro escrevia elle de Londres para Paris ao marquez de Niza (*Cart.* T. 4 pg. 138) referindo-lhe a sua trabalhosa viagem de trinta e nove dias do Tejo a Douvres, onde chegára doente, sendo obrigado depois de alguma demora a seguir para Londres afim de ali arranjar dinheiro para continuar a jornada. Se a isto ajuntarmos os sete dias que declarou ter estado retido em Paço d'Arcos, a sua sahida de Lisboa deve necessariamente remontar aos primeiros dias de agosto, ou aos ultimos de julho, o que interpõe um espaço aproximadamente maior de tres mezes entre um e outro acontecimento.

Estas conclusões deduzidas da comparação das proprias cartas do P. Vieira, são confirmadas pela seguinte nota que deparamos no *Quadro Elementar* do visconde de Santarem, T. 4.

Part. 2.ª, pag. XVIII da Introducção: Dá M. Lanier (ministro francez em Lisboa) parte á sua côrte em officio de 17 de agosto de 1647, que o P. Vieira *confidente* d'el-rei, havia partido para o Havre no dia 12. (Archivo dos Negocios Estrangeiros de França, correspondencia de Portugal, vol. 1.º fol. 135).

Já uma tão consideravel inexactidão de tempo não seria propria a conciliar grande credito á outra principal asserção do padre de que nenhuma parte tivera na negociação,--ainda quando esta não fôra aberta e diametralmente desmentida pela carta do Padre Vieira, escripta sem nenhum interesse conhecido de alterar a verdade, e na occasião mesmo em que os acontecimentos se passavam, não menos que pela carta do Padre de 10 de novembro de 1648 adiante transcripta e diversas outras do mesmo tempo, pelo decreto de 20 de outubro, pelo parecer de Pedro Fernandes Monteiro, e em fim pelo famoso *Papel Forte*, onde o proprio jesuita advogou a entrega com tanto calor e eloquencia.

Mas que monta tudo isto? acaso entra em nosso pensamento accusar o P. Vieira de haver aqui scientemente e de ma fé alterado a verdade no interesse proprio? Longe disso, o que entendemos é que aos oitenta annos de idade, e passados mais de quarenta annos, atravessando innumeros trabalhos e perigos, a sua memória lhe foi infiel; e que a paixão e o interesse poderoso de esquivar a responsabilidade de um acto que a fortuna tinha condemnado, lhe insinuavam e representavam as cousas passadas havia quasi meio seculo sob um ponto de vista favoravel aos seus desejos. Por experiencia propria o sabemos, e devem sabe-lo todos os que muito e precipitadamente escrevem, sejam cartas, ou artigos de polemicas jornalisticas: o ardor das controversias, os impetos do amor proprio, as necessidades da discussão impellem os contendores ás mais assombrosas contradições, cegos, surdos, profundamente esquecidos de quanto em contrário haviam acaso asseverado em epochas muito mais recentes.

Como última circumstancia attenuante, observaremos que temos deparado nos escriptos do Padre muitos erros de datas e factos, perfeitamente innocentes; aos quaes cumpre ajunctar os muitos que têm introduzido a ignorancia dos copistas e o descuido e pouco zêlo dos editores.

No *Portugal Restaurado* são tambem numerosas as inversões da ordem chronologica dos factos, por uma maneira que produz a cada passo uma intoleravel confusão, como não poucas vezes tivemos occasião de verificar, estudando nelle o presente assumpto—Attribuimos isso a pouco cuidado, na consulta dos documentos, á falta absoluta delles, escrevendo o auctor de memoria ou por tradição, ou ainda á má desposição dos acontecimentos.

O Padre Antonio Vieira não foi absolutamente isento de má fé, e mesmo neste negocio de Pernambuco havemos de acha-lo a certos respeitos digno da mais aspera censura; mas na especie sujeita parece-nos que quanto temos espendido basta senão a justificar, ao menos a explicar a formal inexactidão em que o achamos.

B.

Veja-se na sua integra este importante e curioso documento na nota no fim do volume—pag. 89.

CARTA DO PADRE ANTONIO VIEIRA A FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO.

Posto que tenho escripto largo a V. Exc. por via de França e Ollanda, o quero fazer tambem por esta de Italia, para onde sua Mágestade manda despachar um barco extraordinario se bem leva ordem de mudar a viagem se os ventos forem contrarios, e assy póde ser que vá parar a esses portos.

Já tenho dito a V. Exc. como fuy bem recebido de sua Magestade, e muy approvada, assy delle como de seus conselhos, a resolução de V. Exc. se não abalar. Os artigos do tratado se virão logo no Conselho de Estado, e não tiverão por sy mais que dous votos, que forão os dos Condes da Torre e Aveiras, e assy se resolveu que dos artigos se fizessem cópias, e se enviassem a todos os conselheiros, para que maduramente considerassem aquella materia, e por escripto respondessem a ella, que foi o mesmo que publicar-se por toda a Côrte, e não haver conversação, tenda, nem taverna, em que se não discorresse sobre as tristes capitulações e seus auctores, cada um as referia como as tinha ouvido, acrescentando e interpretando clausulas conforme o seu juizo, ou seu affecto, e chegarão a andar varios papeis escriptos com nome de propostas de Olanda, em que nenhuma só palavra havia, que ja mais fosse lá, não digo escripta, mas nem ainda imaginada. Os que mais se assinalarão em abominar o tratado, foi o Bispo Capellão mór, que em sua casa tinha grande auditorio, e dalli se despedião missionarios a propagar a mesma Doutrina pela qual se puzerão geralmente todos os homens de letras, tanto Eclesiasticos como profanos, até os homens de negocio que é o que mais me espantou, mas o interesse, ainda que tão arriscado, do muito que se ganha nos portos de Pernambuco os cega por que não vejão o que por todas as outras partes, e ainda ally mesmo se perde; em fim a resposta dos conselheiros de estado por escrito não foi nada mais favoravel do que tinha sido por palavra, o que vendo sua Magestade, e que o povo quasi tumultava, mandou passar decretos a todos os Tribunaes com cópia dos primeiros e ultimos artigos, para que os considerassem e dessem seu parecer por escrito, e para que estivessem melhor informados de tudo o que havia passado; e se lhe respondesse ás dúvidas, e em tudo o mais tivessem plenarias noticias de tudo, se ordenava no mesmo decreto que de cada Tribunal se deputassem duas pessoas para virem fallar comigo como já têm feito, do

conselho de guerra veio D. Alvaro de Abranches e Fernão Telles; do ultramarino Jorge de Castilho e o Delgado; da fazenda o Conde de Cantanhede, e Jorge de Araujo, da Consciencia D. Antonio de Mendonça, e D. Leão, do Paço o Bispo do Porto, e D. Rodrigo de Menezes, da Camara Paulo de Carvalho, e Francisco de Valladares.

Agora se estão fazendo papeis em todos estes conselhos, e parece-me que não ha homem nesta terra que saiba escrever que não esteja compondo sobre a materia; julgue V. Exc. que discursos sahirão tanto para vêr, e seguir; e posto que ainda não sahirão á luz; eu já sei que sendo mais de quarenta os consultados, não são mais de quatro os votos que temos pela nossa parte; que estão digo são os de D. João da Costa, o Conde Marichal, o Bispo do Porto, D Rodrigo de Menezes, e todos estes com suas moderações, mas espero em Deos que antes de dous mezes hão de ter mudado todos de opinião porque já os que no principio andavão mais foriosos, vão estando mais brandos.

De fora dos Conselhos temos o voto do Conde de Obidos, o de Joane Mendes de Vasconcellos, e de todos os homens da India, mas para V. Exc. e eu nos consolarmos basta que tenhamos o de el-rei, o da Rainha, e Principe, e do secretario de estado que estão resolutissimos, e firmissimos no que convem.

Esquecia-me dizer a V. Exc. que tambem temos contra nós o amigo Rolim de quem hoje vi uma carta notavel sobre a materia, mas são informações do Padre Nuno, e Luiz Pereira, de quem tambem ha carta como as suas. O que V. Exc. deve fazer é ir continuando com o tratado lentamente sem conceder mais do que está acordado, e não concluir sem ordem de sua Magestade que irá logo. Do que V. Exc. e eu tratamos acerca daquelle lugar, falei a sua Magestade, e folgou muito de ouvir, e me falou em outros, e nomeadamente em presidente da Meza da consciencia, Governador do Algarve etc., em fim V. Exc. não tem maior amigo do que El-Rei, nem quem melhor conhe-

ça o coração e talento de V. Exc., concluirá V. Exc. essa paz, e depois que V. Exc. para cá vier tudo se fará bem.

O Governo do Brazil nem está tirado a V. Exc. nem provido; mas vem de lá tantas queixas, que se entende mandará sua Magestade brevemente Governador. De qualquer maneira que as couzas succedão, entendo que V. Exc. hade ter o logar que for mais de seu gosto. Tambem falei no da caza do Principe que se lhe dará muito brevemente e tambem Sua Magestade approvou; estão tres nomeados, que são os Condes de Villa Nova, e de Val de Reis, e Fernão Telles.

Meu amo e senhor, V. Exc., esteja de muy bom animo, e guarde Deus a V. Exc. muitos annos. Lisboa dez de novembro de mil seiscentos quarenta e oito.

ANTONIO VIEIRA.

(*Collecção de cartas do Marquez de Niza, e outros, volume segundo, folhas quarenta e nove, existentes na Real Bibliotheca de S. Francisco de Lisboa. Catalogo de manuscritos de direito natural e civil.—J.—3—5*).

C.

Os que do poder de Castella e Hollanda, ou separados, ou reunidos, diz elle em substancia na *História do Futuro*, inferiam a perda de Portugal e suas conquistas, procediam com discurso errado e sophistico.....pg. 125.

Para mais perfeita intelligencia dos factos, passamos a transcrever algumas passagens dos escriptos do Padre Antonio Vieira relativas á entrega das conquistas portuguezas. *

Na *Historia do Futuro* de pag. 57 a 61 diz elle:

«No tempo em que Portugal estava sujeito a Castella, nunca

* Nos documentos inedictos transcriptos nas notas A e B, seguimos a ortographia de seus auctores, e nestes a da edicção moderna (1858) das Obras do Padre Vieira.

«as fôrças juntas de ambas as côrtes poderam resistir a Hollan-«da; e d'aqui inferiu e esperava o discurso, que muito menos «poderia prevalecer só Portugal contra Hollanda e contra Cas-«tella; mas enganou-se o discurso. De Castella defendeu Portu-«gal o reino, e de Hollanda recuperou as conquistas. Aquelle «fatal Pernambuco, sobre que tantas armadas se perderam, «e se perderam tantos generaes, por não quererem aceitar a «empreza sem competente exercito; que discurso podia imagi-«nar, que sem exercito, e sem armada, se restaurasse? E só «com a vista phantastica de uma frota mercantil se rendeu Per-«nambuco em cinco dias, tendo-se conquistado pelos hollande-«zes com tanto sangue em dez annos, e conservando-se vinte e «quatro. Menos esperava o discurso, que se conquistasse An-«gola com tão desigual poder enviado a tão differente fim; e «conquistou-se com tudo aquella tão importante parte da Africa «contra todo o discurso, e antes de toda a esperança: e porque «se saiba mais distinctamente quão grandes significações se «contem debaixo d'estes nomes tão pequenos—Pernambuco e «Angola: o que se recuperou em Angola, foram duas cidades, «dois reinos, sete fortalezas, tres conquistas, a vassalagem de «muitos rios, e o riquissimo commércio de Africa e America. «Em Pernambuco recuperaram-se tres cidades, oito villas, qua-«torze fortalezas, quatro capitanías, tresentas leguas de costa. «Desafogou-se o Brazil, franquearam-se seus portos e mares, «libertaram-se seus commercios, seguraram-se seus thesouros. «Ambas estas emprezas se venceram, e todas estas terras se «conquistaram em menos de nove dias, sendo necessarios mui-«tos mezes só para se andarem. Quem n'estes dois successos «não reconhecer a fôrça do braço de Deus, duvidar-se póde se «o conhece: assim assiste a Portugal dentro e fóra, ao perto e «ao longe, aquelle supremo Senhor que está em toda a parte, «e que em todas as do mundo o plantou e quer conservar: «bemdita seja para sempre sua onnipotencia e bondade.

«Tambem esperava o discurso de Castella, que os animos

«dos portuguezes com a continuação da guerra, e experiencia «de suas molestias, se enfastiassem, e suspirassem pela antiga «e amada paz, cujo nome é tão doce e natural, e mais á vista «de seu contrário: que as contribuições forçosas para o subsi- «dio dos soldados, e a licença e oppressão dos mesmos soldados «fossem carga intoleravel aos povos; que os povos depois de «apagados aquelles primeiros fervores, que traz comsigo o «desejo e alvoroço da unidade, com o tempo e seus accidentes, «se fossem entibiando até se esfriarem de todo, que os paes se «cançassem de dar os filhos, e que a guerra detestada das mães «(como lhe chamou o lyrico) fosse tambem detestada e abor- «recida dos portuguezes, que, entre as outras mães, o costu- «mam ser mais que todas no amor e na saudade. Mas tambem «aqui mentiu a esperança, e se enganou o discurso; porque os «animos se acham hoje mais alentados, os fervores mais vivos, «os corações mais resolutos, o amor ao rei, á patria, á liberda- «de, mais forte, mais firme, e mais cons'ante, e maior que todos «os outros affectos da fazenda, dos filhos, da vida. Lembram-se «os paes, que davam os filhos para as guerras de Flandres, de «Italia, de Catalunha, e navegação das Indias de Castella, onde «os perdiam para sempre; e querem antes da-los para as fron- «teiras de Portugal, onde os vêm, os assistem, e os têm comsigo; «onde recebem a glória de ouvir celebrar as acções de seu «valor e feitos galhardos, e vêm estampados seus nomes, e es- «tendida por todo o mundo sua fama, honrando-se (como é «rasão) de serem paes de taes filhos: e que se morrerem na «guerra têm rei que lhes pague nas vidas com larga remunera- «ção de mercês, e augmento de suas casas, sendo tão generosas «as mães (nas quaes este affecto é superior a toda a natureza), «que com igual alegria os choram e sepultam mortos gloriosa- «mente na guerra; do que os parem e criam para ella.

«Os povos não se cançam com os subsidios e contribuições; «porque sabem quanto maiores e mais pezadas são as que se «pagam em Castella para as conquistas, do que elles em Portu-

«gal para se defenderem. Vêm o fructo de seus trabalhos e «suores, e que concorrem com elle para o estabelecimento e «honra de sua patria, e não para a cobiça de ministros e exa- «ctores estranhos.

«Têm na memória, que tambem antigamente pagavam, e que «então era tributo do captiveiro, e que hoje é preço da liber- «dade: sobretudo vêm o seu rei da sua nação e da sua lingua, «e que o têm comsigo e junto a si para o requerimento da justi- «ça, para o premio do serviço, para o remedio da oppressão, «para o allivio da queixa; rei que os vê e se deixa ver; que os «ouve e lhes responde; que os intende e o intendem; que os co- «nhece e lhes sabe o nome; sem a dura e insuportavel pensão «de o irem buscar a Madrid, não para o verem e lhe fallarem, «mas para o verem por fé: conhecem a grandeza d'esta esti- «mavel felicidade, e que logram aquelle estado ditoso de que se «lembravam, e fallavam seus avós com tanta saudade, e por que «suspiravam seus paes com tantas áncias: e todo o preço para «a conservação de tanto bem lhes parece barato, todo o traba- «lho leve, toda a difficuldade suave, todo o perigo obrigação: «pelo contrário todo o pensamento que não seja d'esta perpetui- «dade horror, toda a conveniencia ruina, toda a promessa trai- «ção, e toda a mudança impossivel.

«Isto é o que só tem Castella, e o que só póde esperar dos «animos dos portuguezes. Finalmente, esperava o discurso, que «Portugal como reino menor e dividido em todas as partes do «mundo, com obrigação de alimentar aquelles membros tão «distantes com a sua propria substancia, havendo de sustentar «as guerras e opposição de seus inimigos em todos elles, natu- «ral e necessariamente se havia de atenuar e enfraquecer: que «a gente sendo toda da mesma nação se havia lentamente de «diminuir; que o dinheiro e cabedaes não tendo minas, nem «Potosis, se havia de esgotar; e que não era possivel aturar por «muitos annos as despezas excessivas de uma guerra interior, «tão continua, tão viva e tão multiplicada em tantas provincias,

«cercado della por todas as partes contra os combates de uma «potencia tão desigual e superior, como era a do maior monar- «cha do mundo; que quando o valor dos portuguezes se atrevesse «sobre suas fôrças, seria como o de Eleozaro contra a grandeza «e corpolencia do elephante, que, ainda caindo, seria sobre elle. «e ficaria opprimido e sepultado debaixo de seu proprio trium- «pho, sem mais diligencia, nem acção, que o mesmo pêso e «grandeza de tão immenso contrário (D. Ambrosio, *de Offic.*, «liv. I, cap. X).

«Verdadeiramente este discurso, humano ou gentilicamente «considerado, e não entrando na conta d'esta arithmetica o po- «der e assistencia de Deus, tinha mui forçosa consequencia, e «antes da experiencia mui difficultosa solução. E por tal julga- «ram ainda aquelles politicos, que, sem odio, nem amor, espe- «ravam e prognosticavam o fim, e mediam a desproporção de «tão desigual empreza. Mas Deus (a quem não queremos rou- «bar a gloria) e a mesma experiencia natural e o concurso ordi- «nario de suas causas, tem mostrado, que só era sophistico e «apparente, e em realidade falso aquelle discurso.»

CARTA APOLOGETICA AO CONDE DA ERICEIRA.

(Em que o Padre Vieira mostra evidentemente que nenhum dos negocios, que no tempo d'El-rei D. João IV lhe foram encommendados, ficaram desvanecidos contra o que o dito conde dizia na sua HISTORIA.)

Meu Senhor:—Como religioso, e tambem sem este respeito, antes quero padecer com silencio, que defender-me com apologia; comtudo como na carta, que V. S. me fez mercê escrever em 3 de abril de 1678 (entre outras excellentes virtudes, que n'ella venero) com aquella que V. S. chama sinceridade, me

ordena V. S. diga o de que poderia estar queixoso na história de *Portugal Restaurado*; respondendo com a mesma sinceridade, digo que não póde deixar de estranhar na dita história as palavras seguintes.

«E para que os negocios podessem tomar melhor fórma, de«pois de várias conferencias, que houve entre os maiores mi«nistros, mandou (Sua Magestade) á França o padre Antonio «Vieira da companhia de Jesus, sujeito em quem concorriam «todas as partes necessarias, para ser contado pelo maior pré«gador do seu tempo: porém como o seu juiso era superior, e «não igual aos negocios, muitas vezes se lhe desvaneceram, por «querer tracta-los mais subtilmente do que os comprehendiam os «principes e ministros, com quem communicou muitos de grande «importancia.»

Primeiramente admirei nesta censura, não ter materia alguma sôbre que caisse; porque se precedêra á narração de algum negócio proposto por mim, que El-rei e os ministros não percebessem, ou quando menos se tivesse desvanecido (ainda que não bastava ser uma, para se dizer muitas vezes, e para que a proposição fosse universal) deste caso se poderia tomar occasião para se estender a muitos o que se affirmava; mas é certo que V. S. n'elle foi informado por quem não sabia, nem soube, nem podia saber o motivo por que El-rei me mandou a França n'aquella occasião e d'ahi a Hollanda.

O fundamento emfim por que Sua Magestade me mandou a estas duas côrtes, foi porque não estava satisfeito dos avisos pouco coherentes que lhe faziam os dous embaixadores de França e Hollanda, e quiz que eu em uma e outra parte me informasse do estado de nossas cousas com toda a certeza, sinceridade e desengano, o que os embaixadores não faziam, querendo (com bom zêlo) antes agradar que entristecer, que era a moeda que então corria, tão falsa como perigosa.

D'onde tambem se convence, que a minha jornada não foi tractada depois de várias conferencias que houve entre os

maiores ministros, como acima se diz; porque Sua Magestade não communicou o seu intento a outra pessoa mais que a mim.

E como não levei a meu cargo negócio algum, mais que a dita informação (a qual sómente fiz com as cautelas necessarias, e logo tornei para Portugal a informar de bocca a Sua Magestade) sobre que negócio meu desvanecido, ou sobre que desvanecimento dos meus negocios podia caber aquella proposição universal, mettida, como alli se vê, entre os tres navios do Varejão mandados a França e a partida do Niza para Napoles?

Supposto pois, que nem deste logar, nem de algum da mesma história consta que eu propozesse negócio que se me desvenecesse, ha de me dar licença V. S., para que descorrendo por elles demonstre o contrário.

O primeiro negócio que propuz a Sua Magestade, pouco depois da sua feliz acclamação e restauração, foi: que em Portugal, á imitação de Hollanda, se levantassem duas companhias mercantis, uma oriental, outra occidental, para que (sem empenho algum da real fazenda) por meio da primeira se conservasse o commércio da India, e por meio da segunda o do Brazil, trazendo ambas com suas armadas defendido dos hollandezes, o que elles nos tomaram, e bastaria a sustentar a guerra contra Castella.

A isto se ajuntava, que (como as nossas companhias ficavam mais perto de uma e outra conquista) seriam menos os gastos, e maiores os lucros, os quaes naturalmente chamariam, e trariam a Portugal o dinheiro mercantil de todas as nações, e muito particularmente dos portuguezes, que em Hollanda estavam muito interessados nas companhias, e com Castella tinham todos os assentos.

E por que na dita proposta se dizia, que o dinheiro applicado ás companhias de Portugal estivesse isento do fisco (por quanto de outra maneira nem os mercadores estrangeiros, nem os do mesmo reino, que o trazem divertido por outras partes, o que-

reriam metter nas nossas companhias, sem a dita condição ou segurança) esta condição foi causa de que o sancto officio prohibisse o papel da proposta, posto que sem nome, e que ella por então não fosse acceita.

Porém, depois que os aprestos da guerra mostraram, que não havia outro meio igualmente effectivo, não só foi abraçada com a mesma condição, senão com outras muito mais largas, consultadas e approvadas pelos lettrados mais doutos do reino.

Assim que, este negócio se não desvaneceu, e sómente tardou em se acceitar, até que a esperiencia desenganou aos ministros, que ao principio por ventura o não capacitaram.

E quanta fosse a utilidade e efficacia delle, bem o mostrou a companhia occidental, a qual foi sempre trazendo do Brazil o que bastou para sustentar a guerra de Castella, conservar o reino, restaurar Pernambuco, e ainda hoje acudir com promptos e grandes cabedaes ás occurrencias de maior importancia.

E se junctamente se acceitára, e fizera companhia oriental, não chegára a India ao estado em que hoje a temos, tão desenganada porém da debilidade e necessidade deste meio, que agora em Portugal e na mesma India se tracta d'elle.

E para que se veja quão sólido e fundamental é e foi sempre este meio, não deixarei de referir aqui o que me escreveu o padre João de Mattos, assistente das provincias de Portugal em Roma.

Chegou lá o dito padre, e diz elle, que os politicos romanos lhe disseram, sabendo do meu arbitrio: «Nós até agora cuidavamos que Portugal se não podia conservar; mas pois elle tem «homens que sabem excogitar semelhantes arbitrios, não duvidamos de sua conservação.»

E este é o primeiro negócio meu, ou proposto por mim, que V. S. julgará se merece o nome de desvanecido.

O segundo negócio que pratiquei a Sua Magestade, foi que mandasse passar as drogas da India ao Brazil, referindo como n'elle nasciam e se davam igualmente, e que El-rei D. Manoel

as mandára arrancar sob pena de morte, para conservar a India, como com effeito se arrancaram todas, ficando sómente o gingivre, do qual se disse discretamente que escapára, por se metter pela terra dentro, como raiz que é.

Consistia a utilidade deste meio, em que tendo no Brazil as ditas drogas, e sendo a conducção d'ellas tanto mais breve, e mais facil, as podiamos dar muito mais baratas que os hollandezes, com que os ficavamos destruindo na India.

Respondeu El-rei:—«Que lhe parecia muito bem o arbitrio, «e que o tivessemos em segrêdo até seu tempo, pelos embaraços «com que de presente se achava.»

Estando eu em Roma, me escreveu Duarte Nunes, de Paris, que tivera carta de D. Francisco de Mello, na qual lhe referia, dizer El-rei de Inglaterra, que só seu cunhado, sem fazer guerra aos hollandezes os poderia destruir; mas que não descobria o modo, nem D. Francisco nem elle o sabiam conjecturar; que se a mim occorresse o avisasse.

Avizei-lhe o sobredito meio, e elle o representou a sua Magestade em papel particular, no qual ajuntou a minha carta, e está tambem esta inserta no regimento do provedor-mór da fazenda desta Bahia, a quem sua Magestade encarecidamente encarregou a planta das ditas drogas, e foram encommendadas com o mesmo aperto aos vice-reis e governadores da India, e se vem trazendo em todas as náus plantadas e regadas, com que já hoje ha no Brazil grande número de arvores de canella, como tambem algumas de pimenta.

E este é o segundo negocio ou arbitrio que tambem tardou, mas não se desvaneceu, sendo tão pouco subtil, que o entendem aqui os cafres, e o executam com a enxada na mão.

Quando os francezes tomaram Dunquerque, cantou-se o *Te-Deum laudamus* na nossa capella; e eu entrando no paço vi que vinham saindo pela galé todos os presidentes de beijar a mão a sua Magestade: então cheguei eu, e disse á sua Magestade: Agora soube, Senhor, que todos beijaram a mão a vossa

Magestade pela tomada de Dunquerque, do que eu pelo contrário dou a vossa Magestade o pesame.

Perguntou-me El-rei: Porque? E respondi: Porque os hollandezes até agora sustentavam uma armada defronte de Dunquerque, para assegurarem a passagem do canal aos seus navios: e como sendo confederados de França, cessa este temor, desoccupada d'ali a armada, a mandarão sem dúvida ao Brazil, como antes de partir de Amsterdam me constou diziam muitos: e Segismundo, que segunda vez governa Pernambuco, fará agora o que já no tempo de Diogo Luiz de Oliveira promettia, e é que se havia fazer senhor da Bahia, sem lhe custar um copo de sangue, impedindo os mantimentos á cidade com os seus navios.

Disse El-rei: E que vos parece que faremos? Respondi: Que em Amsterdam, por via de Jeronymo Moniz, se offerecia um hollandez muito poderoso a dar quinze fragatas de trinta peças, fornecidas de todo o necessario, e postas em Lisbôa até março, por vinte mil cruzados cada uma, que fôra o preço da fragata *Fortuna*, que veio a Portugal, e tudo vinha a importar em 300:000 cruzados: e que esta quantia se podia tirar facilmente, lançando sua Magestade um leve tributo sobre a frota, que poucos dias antes tinha chegado opulentissima demais de quarenta mil caixas de assucar: o qual no Brazil se tinha comprado muito barato, e em Lisbôa se vendia por subidissimo preço, e pagando cada arroba um tostão, ou cento e vinte reis, bastaria para fazer novecentos e trinta mil cruzados.

Disse-me El-rei que lhe puzesse aquillo tudo em um papel, sem labia, que foi o termo de que uzou sua Magestade. E fazendo-o eu assim, me disse d'ahi a poucos dias sua Magestade, que mandando consultar o dito papel, responderam os ministros que aquelle negocio estava mui crú.

O meu intento era, que vindo as fragatas de Hollanda tivesse sua Magestade duas armadas, uma que ficasse em Portugal, e outra que fosse á Bahia.

Não se passaram seis mezes, quando El-rei me mandou chamar de Carcavellos, onde estava convalescente, a Alcantara. Fui, e as palavras com que sua Magestade me recebeu, foram: «Sois propheta: hontem á noite chegou caravella da Bahia com «um padre a que chamam Felippe Franco, e traz por novas ficar «Segismundo fortificado em Taparica: que vos parece que fa«remos?

Respondi eu: O remedio, senhor, é facil. Não disseram os ministros a vossa Magestade que aquelle negocio estava mui crú? Pois os que então o acharam crú, cozam-no agora.

Ora, disse sua Magestade, mando chamar o conselho d'estado. E porque não havia de acabar-se senão de noite, disse-me sua Magestade, que me recolhesse á quinta e tornasse ao outro dia.

Tornei, e soube que todo o conselho tinha representado a importancia de ser soccorrida á Bahia, e para isso eram necessarios perto de trezentos mil cruzados; mas que os não havia, nem occorria meio algum de os poder haver.

Isto me disse sua Magestade, e eu respondi como indignado: Basta, Senhor, que a um rei de Portugal hão de dizer seus ministros, que não ha meio para haver tresentos mil cruzados com que acudir a Bahia, que é tudo quanto temos? Ora eu com esta roupeta remendada, espero em Deus que hoje heide de dar a vossa Magestade esta quantia.

Parti logo para Lisbôa, escrevi um escripto a Duarte da Silva, a quem tinha conhecido mercador na Bahia, representando-lhe a perda do reino, e do commércio, o aperto ou necessidade da fazenda real, e o quanto sua Magestade estimaria que seus vassallos o soccorressem n'esta occasião com tresentos mil cruzados, que eram necessarios, dos quaes se embolçariam em um tributo de tostão, ou cento e vinte reis em cada arroba de assucar do mesmo Brazil.

Respondeu Duarte da Silva, que o negocio era tão grande, que o não podia tomar sobre si; mas que buscaria e fallaria a

algum amigo, e que pelas duas horas me trazia a resposta a Sancto Antão.

Assim o fez, trazendo comsigo a um fulano Rodrigues Marques, e ambos prometteram de tomar o assento dos tresentos mil cruzados. Levei-os a El-rei, que lhes agradeceu muito aquelle serviço, dizendo que o tivessem em segrêdo até lhes mandar fallar por seus ministros.

Tornou n'aquella tarde o conselho d'estado com as mesmas impossibilidades do dia antecedente; e n'esta suspensão disse sua Magestade ao Conde de Odemira, e ao secretario d'estado Pedro Vieira que fossem a Lisbôa tentiar alguns mercadores, e que da sua parte fallassem a Duarte da Silva e ao sobredito Marques; os quaes responderam o que não esperavam os dous ministros, e ás carrreiras vieram trazer a nova a sua Magestade, dizendo todos os do conselho d'estado, que eram dignos de que sua Magestade lhes mandasse agradecer muito um tão assignalado serviço.

Recolheu-se El-rei com a Rainha, que se achou no conselho, e me fez mercê depois contar lhe dissera: Elles querem que agradeça eu o negocio ao Conde e a Pedro Vieira, e Antonio Vieira é que o fez.

Agora estimava eu ouvir de V. S., quem teve juiso mais igual á este negocio, se quem previu o perigo, apontou o remedio, e o executou, ou os primeiros, que o não quizeram reconhecer, e os ultimos que o não souberam remediar?

Mas isto succede muitas vezes, quando uns são os que aconselham os negocios e outros os que o executam, e por isso este se não desvaneceu.

Na vespera de São João, estando El-rei em Alcantara, disse eu a sua Magestade que lhe havia de inculcar uma festa com que magnificamente celebrasse a noite de seu Sancto.

E perguntando-me El-rei: qual? Respondi eu, que com trinta e nove figuras, que tantas eram as caravelas, que tinha contado, embarcando-me no caes da Pedra até Alcantara.

As caravelas, Senhor, são escolas de fugir, e de fazer cobardes os homens do mar, e de entregar aos inimigos do primeiro tiro a substancia do Brazil, cujos moradares lá se chamam lavradores de Hollanda.

Prohiba vossa Magestade as caravelas, e mande que em seu logar naveguem os portuguezes em navios grandes, e bem artilhados, os quaes pelo contrário serão as escolas, em que as armadas de vossa Magestade terão tão valorosos soldados no mar, como na terra.

Este foi o conselho ou negocio, o qual se se desvaneceu, ou não, se está bem vendo hoje n'este porto da Bahia, onde o comboy consta de uma só fragata pequena, e as náus mercantes quasi todas maiores que ella: são 30 as que deram escolta a mesma fragata, e as duas náus da India.

Muitos outros exemplos podéra ajuntar de propostas e arbitrios meus não desvanecidos; mas porque não basta serem muitos, para provar a quartada da proposição universal de V. S., é obrigado V. S. a me dizer algum negocio meu, ou aconselhado por mim, que se desvanecesse.

Já estou vendo que V. S. com a voz popular me ha de perfilhar a entrega de Pernambuco, que tambem achei na bocca e conceito de sua Magestade, que Deus guarde, quando me fallou nisso.

Respondo a V. S., o que respondi então a sua Magestade, e, é: que este arbitrio ou meio de concertar a paz com os hollandezes, não foi meu, senão do senhor rei D. João IV que está no Céo e do seu conselho de estado.

E como sua Magestade, que Deus guarde, me instasse dizendo: Antonio Vieira não póde provar isso. Respondi: Sim posso, e com taes testemunhas as mais authenticas.

Vivo está Pedro Vieira, que então era secretario d'estado, vivo Feliciano Doirado secretario da embaixada de Hollanda, e sobre tudo vivas as mesmas ordens, que foram a Francisco de Souza Coutinho, e haviam de ficar registradas na secretaria d'onde V. M. as póde mandar vêr, e perguntar aos

dous secretarios a verdade do que digo. Foi o caso da maneira seguinte:

Mandou-me sua Magestade, que Deus haja, a Munster, para dar a D. Luiz de Portugal, eleito embaixador d'aquelle congresso, as noticias, que lhe podiam faltar das cousas do reino, e elle consultar e deliberar commigo as resoluções.

Estava eu embarcado em uma náu ingleza em Paço de Arcos, onde ella se deteve esperando vento 6 ou 7 dias: n'este tempo chegou navio de Hollanda com cartas do embaixador em que dizia estavam tenazmente resolutos os hollandezes a não concluirem a paz, sem as tres condições seguintes:

Que se lhes havia de entregar Pernambuco, isto é, a campanha, porque elles tinham os portos e as fortalezas;

Que pelos gastos das armadas, que os rebeldes lhes tinham obrigado a fazer, se lhes pagasse uma grande quantidade de toneis de ouro, que é a frase do paiz:

Que para caução de outra vez se não rebellarem, se lhes désse uma cidadella na Bahia, presidida por elles.

Fez-se conselho d'estado, e resolveu este:

Que Pernambuco se entregaria:

Que para os gastos se lhes dariam tresentos mil cruzados de contado:

Que a cidadella se lhes entregaria tambem, mas não na Bahia, senão em São João da Foz, da cidade do Porto.

Esta ordem se despachou logo ao embaixador, a qual chegou a Hollanda muito antes que eu lá chegasse por Inglaterra.

Assim que, n'este negocio nem eu tive parte em Lisbôa, nem em Hollanda, ou detido em Paço de Arcos, ou navegando na náu ingleza.

Chegando a Hollanda não teve effeito a embaixada e partida para Munster, e entre o embaixador Francisco de Souza Coutinho, o secretario Feliciano Doirado, e eu, se consultou o modo com que se havia de proceder nas execuções das ordens de sua Magestade, e se assentou:

Quanto á cidadella: que este ponto se callasse totalmente, por ser menos decoroso;

Quanto á satisfação dos gastos, que se promettessem tresentos mil cruzados, não em dinheiro de contado, mas pagos em 10 annos na Bahia em assucar, que elles navegariam nas suas náus; e pois a utilidade era do Brazil, parecia justo que tambem elle concorresse;

Quanto á entrega de Pernambuco: que os moradores d'aquellas terras, á que elles chamavam rebeldes, não podiam ficar sujeitos á sua vingança, e que a todos haviam de dar liberdade para com seus escravos e fábrica, ou por mar, ou por terra, se poderem retirar.

Onde se deve advertir, que nesta circumstancia tão justa, e que se não podia negar, de tal modo davamos Pernambuco aos hollandezes, que juntamente lh'o ficavamos tirando; porque elles nunca tiveram indústria para tractar negros, nem lavouras ou engenhos de assucar, e sem os lavradores portuguezes nenhuma utilidade podiam tirar d'aquella terra, antes fazer uns grandissimos gastos de sustentar tantas fortalezas, com que se resolveriam a no-las vender facilmente.

E por outra parte, passando-se os moradores pernambucanos com as suas fábricas a Bahia (onde não faltavam iguaes e melhores terras) o mesmo Pernambuco que deixavamos em 7 gráus, o teriamos em 12.

Em quanto isto se tractava na côrte de Haya, recebi maço de El-rei, no qual vinha uma carta, em que sua Magesta le mandava retirar a Francisco de Souza Coutinho, e uma patente, em que ordenava ficasse eu com os negocios da embaixada.

A fórma e subscripto para mim, e não para o embaixador, lhe deu grande cuidado: o qual eu porém fiz desvanecer, e disfarcei, não lhe dando a sua carta, com dizer que tivera ordem de sua Magestade para tornar a Portugal: e por estarem navios promptos em o porto de Amsterdam, me despedi, e fui embarcar dentro de duas horas.

Á sua Magestade representei, que não uzára da patente, porque aquelles negocios não eram conformes ao meu hábito, escusa que por benignidade e grandeza acceitou bem sua Magestade, não callando os motivos d'aquella mudança.

Tinha chegado pouco antes a Lisbôa um Francisco Ferreira Rebello, sobrinho de Gaspar Dias, o qual (com novas proposições, e esperanças contrárias ao que em Hollanda se tractava, fundadas em rasões apparentes, e feitas ao sabor dos ouvidos) não só tinha alvoroçado o povo, mas persuadido a muitos conselheiros, ainda de estado, a quem informára e dizia, que se arrependessem do que tinham votado.

Era lástima que alguns delles soubessem tão pouco de Hollanda e Pernambuco, que por ouvirem fallar no Arrecife, diziamos que tinhamos reduzidos os hollandezes a um penhasco, dominando actualmente este todas as costas do mar com 17 fortalezas.

Só El-rei, firme na sua resolução, se fundava com a madureza verdadeiramente real do seu juiso, em que a paz com os hollandezes era totalmente necessaria, e a guerra manifestamente impossivel.

A isto mesmo mandou sua Magestade que fizesse eu um papel, o qual fiz, reduzindo ambas as proposições d'El-rei a tres rasões muito breves, que foram estas:

Primeira. Se Castella e Portugal juntos não poderam prevalecer contra Hollanda, como poderá Portugal só prevalecer contra Hollanda e Castella?

Segunda. Os hollandezes hoje têm onze mil navios de gavea, e 250 mil homens marinheiros: contemos os nossos marinheiros, e os nossos navios, e vejamos se podemos resistir aos hollandezes, que em todos os mares das quatro partes do mundo nos fazem e farão guerra.

Terceira. Os conselheiros d'estado de Castella aconselham ao seu rei, que com todo o empenho empida a paz de Hollanda com Portugal, e assim o fazem seus embaixadores com grande som-

ma de dinheiro: será logo bem, que os conselheiros portuguezes aconselhem a El-rei de Portugal, para se conservar o que os ministros de Castella aconselham para o destruir.

Ninguem houve então, nem até hoje, que respondesse a estas tres proposições, e comtudo se não deixaram convencer dellas a maior parte dos que as liam; porque a providencia divina determinára fazer em Pernambuco um milagre, que ninguem imaginou, e todos reconheceram por tal.

Mas este mesmo milagre prova quão certas e verdadeiras eram aquellas rasões humanas, e quão solidas e invenciveis naturalmente, pois só a Omnipotencia obrando milagrosamente as póde vencer.

Ficando por este modo desvanecida a entrega de Pernambuco, ainda a proposição de v. s. não fica verificada; porque este negocio não foi meu, senão resoluto, e mandado expressamente por sua Magestade nas suas ordens; e no papel que sua Magestade me mandou fazer só fui relator das forçosas rasões que elle tivera para isso; assim como v. s. não é auctor das acções alheias, que refere na sua história.

E para que a v. s. conste quão pouco inclinado fui, a que nenhum só palmo de terra dessemos aos hollandezes, referirei o que passou entre mim e o embaixador Francisco de Souza Coutinho.

Estando elle com os estados em conferencia (a qual os estados vinham fazer á sua casa) levantou-se da mesma conferencia, e muito alegre nos veio dizer a Feliciano Dorrado e a mim: Já tenho concluido a paz.

E perguntando-lhe eu: Como?

Respondeu, que largando aos hollandezes até o rio de São Francisco. Ao que eu disse: Bem parvos são os hollandezes em mandarem armadas ao Brazil: venham fazer conferencias com v. exc.; porque mais ganham com uma conferencia, que com muitas armadas.

Então elle lançando o braço na espalda de uma cadeira, disse: Antes tomára ter cortadas as mãos, que ter feito o que fiz: por-

que se o padre me diz isso a mim, que escreverá a El-rei? Respondi: Muito em abono de v. exc.; mas digo com esta clareza o que entendo.

Tambem quero dar a v. s. uma noticia, que ninguem tem, nem teve, e é, que os negocios a que El-rei muitas vezes me mandava, eram muito differentes do que se podia cuidar, ainda entre os ministros mui superiores, correndo a communicação dos ditos negocios por cifra particular, de que só era sabedor o secretario Pedro Monteiro.

Por isso ficarão sujeitas todas as minhas jornadas aos juisos, e ás conjecturas muito erradas, as quaes não são materia de história; antes tem ella obrigação de as emendar com a verdade, se a sabe, e não com dizer, que se desvaneceram, sem o saber.

Seja o exemplo quando parti para o Maranhão. Sendo o meu intento querer antes arriscar a vida pelo rei do ceo, que pelo da terra, cuidaram muitos, que aquella resolução não era minha, senão d'El-rei, e a muito differente fim.

Diziam muitos: Este Maranhão é maranha, e declarando-se commigo o conde da Torre, o Velho, o seu pensamento era: que pelo rio das Amazonas havia de passar a Quito, e d'ahi a Lima, onde era vice-rei o duque de Escalona, primo d'El-rei de Castella, para o persuadir que lá se levantasse com o Potosi.

Quiz Deus que esta noticia não chegou a v. s., para que o Potosi não fosse uma riquissima prova dos meus negocios desvanecidos.

Mas deixando de acudir por mim, quero acudir pelo juiso dos principes e ministros, que v. s. affirma não perceberam as subtilezas dos nossos negocios.

Se El-rei D. João IV, que era principe, os não percebia, como me encarregava os seus na fórma que acabo de referir? E se elle e seus ministros os não percebiam em portuguez, como me mandaram patente para Hollanda, e a Munster para os negocios de todas as nações?

De Roma veio aviso de Manuel Alves Carrilho, e um enviado de Napoles, depois de a restaurarem os castelhanos, que

aquelle reino se queria entregar a El-rei de Portugal. E como me mandou El-rei a Roma com poder de examinar este negocio, e o resolver por mim só, e se despenderem por ordem minha 600 mil cruzados, que la tinha sua Magestade?

Para França nomeou sua Magestade por embaixador a Sebastião Cézar, com negocios para que tinha determinado o duque de Aveiro. E por que então me entregaram as instrucções do dito Sebastião Cezar, e a elle as minhas, para que de Pariz a Roma nos dessemos as mãos em todos os negocios?

Antes destes, na mesma Pariz, para que, ou porque ordenou sua Magestade, que o marquez de Niza embaixador, a nenhuma audiencia da Rainha regente fosse, ou do cardeal Mazzarino, sem eu assistir juntamente com elle a tudo o que se tractava?

E quando o mesmo marquez tractou com o cardeal o negocio da Liga, com entrega de praças, e outras condicções não só approvadas por outros embaixadores, mas tambem pelo sr. infante D. Duarte, sendo eu de contrário parecer em carta que da Hollanda escrevi ao mesmo marquez, e mandei a cópia a sua Magestade, porque lhe mandou sua Magestade, que se conformasse em tudo com o que eu lhe tinha escripto em carta de tantos de tal mez?

Se v. s. tem os seus livros e copiadores, lá o achará v. s., em uma carta descontente de duas regras e meia. E á vista disto, não era bem que v. s. escrevesse a sua história, que como o meu juiso era superior, e não igual aos negocios, muitas vezes se desvaneceram, por querer tracta-los mais subtilmente do que os comprehendiam os principes e ministros, com quem communiquei muitos de grande importancia. Guarde Deus a v. s. como desejo, por muitos annos. Bahia 23 de maio de 1682. (*)

Criado de V. S.
Antonio Vieira.

(Obras Ineditas, T. III., e das *Obras politicas e varias*, do Padre Antonio Vieira, de pag. 115 a pag. 128.

(*) 1688 está na copia da livraria da casa de Castello-melhor. Quanto ao mez não é exacto nem uma nem outra, pois no Tomo 2.º das Cartas, pag. 159—161, ha

No Tomo I das *Cartas*, a pag. 7, escreve elle a certo ministro da côrte de Lisbôa:

«Senhor meu: escrevo esta ja de Hollanda, e ainda que se augmenta a distancia e a ausencia, posso afirmar com toda a certesa a v. mc., que não se diminuem, antes crescem cada vez mais as saudades. Lembro-me daquellas horas solitarias dessa secretaria, em que o coração de v. mc. e o meu, como tão conformes no zêlo e no desejo, se costumavam entristecer, ou consolar juntamente; e de uma e outra coisa offerecem cada dia os tempos novas causas, mas sem aquelle allívio que até por carta me falta ha cinco mezes.

«Pelo assento que tomou o conselho de estado sobre os agradecimentos que se mandaram ao embaixador Francisco de Souza, julgue quanto lá se estimará a conclusão da paz. Nas primeiras cartas que escrevi de Pariz, quasi a segurei pelas que me mostrou o marquez de Niza; nas segundas a comecei a duvidar pelo que fui experimentando; e agora tenho por quasi certo que se não concluirá, por mais que digam os que vão, e escrevam os que ficam, ainda que a paz entre Castella e Hollanda se publique, que é o termo que lhe assignam os ministros de França e nossos. O successo da Bahia, senhor, é o que para sempre nos ha de concertar ou desconcertar com esta gente; e até vir recado delle poderão entreter-nos com conferencias, mas não hão de concluir o tractado.

«Sobre o modo da guerra que se deve fazer, escrevo o que me dictar o zêlo e o desejo de que acertemos em negocio tão grande e tão arriscado. V. mc. risque e emende o que lhe parecer menos acertado, mas peço-lhe muito que seja de voto que vençamos antes em seis mezes do que arriscarmos tudo em um dia. Concertemos a armada, estorvemos os mantimentos ao inimigo; e eu seguro o *Cunctando restituit rem*.

«Manuel de Siqueira leva uma via deste papel, e o padre José Pantilier, meu companheiro, outra: encommendo-o muito

outra carta datada em 18 de «agosto» de 1688 em que promette ao conde escrever esta.

a v. mc. com oito cartas de differentes materias par sua Magestade, e algumas muito largas, não quero dilatar mais esta, e acabo com pedir a Nosso Senhor muitos bons principios de annos de 48, em que Deus nos faça ver as felicidades que as prophecias nelle parece nos prometter. Haya, 30 de dezembro de 1647.

«Depois de escripta esta houve conferencia hontem 3 de janeiro na fórma que vmc. lá verá. As esperanças da paz antes se adiantaram que diminuiram: muitas graças devemos a Deus que peleja e negocêa por nós. A armada tem arribado duas vezes, perdeu ja alguns navios, vae-lhes morrendo gente, e os ventos cada vez mais contrarios e tempestuosos; e já se persuadem alguns destes fiéis christãos e seus predicadores, *que não quer Deus que vão ao Brazil*; com que estão mais brandos os que primeiramente queriam a guerra; mas ainda pedem como quem a não teme. Agora era o tempo de negociar, mas como o dinheiro e os creditos estão na mão do marquez, e se gastam tres semanas em ir e vir o correio, perdem-se occasiões que ás vezes consistem em um momento. Eu não approvo e nem condemno, mas ou sua Magestade não fie as embaixadas de quem não fia o dinheiro, ou fie o dinheiro de quem fia as embaixadas.

«O maior e mais verdadeiro servidor de v. mc.

ANTONIO VIEIRA.»

No Tomo IV das *Cartas*, a pag. 133—134, escreve ao marquez de Niza a 25 de fevereiro de 1646:

. . . . . .

«O fim da minha jornada, verá v. exc. pelas cartas de sua Magestade que remette a v. exc. o residente, a quem eu as entreguei conforme as ordens que trazia, e me parece pessoa que fará tudo com grande disposição e acerto, e não só merecedora do logar em que v. exc. o deixa, senão que mais perto de sua Magestade o poderá servir com grande utilidade do reino, que não tem muitos talentos desta qualidade. As coisas

do Brazil hão tido menos feliz successo do que se prometteram, e do principal de todos cada vez ha menos confiança nos que o deram por certo, posto que eu pelas noticias que tenho daquelle Estado nunca esperei mais que o que vejo, e o lembrei a tempo em que se podéra haver escusado o empenho. Quer agora sua Magestade o que v. exc. verá; mas parece que não está capaz Hollanda de se reduzir a este modo de conveniencia, segundo o que de lá se avisa; e assim intendo que se deve intentar a paz ou continuação da tregua por qualquer caminho, porque não estamos em tempo de romper uma guerra que não podemos assistir com gente tão poderosa nas nossas conquistas, de cuja conservação depende a do reino.

«E nesta resolução fica sua Magestade desejoso de que, quando menos, se consiga não haver hostilidades, com que nos livremos por agora deste cuidado, e possamos lograr o commércio emquanto se tracta de composição mais geral: ficamos considerando os meios por onde se poderá introduzir a prática deste negocio, com toda a brevidade possivel, antes que os empenhos de Hollanda em soccorrer o Brazil a difficultem: vossa excellencia seja servido avisar-nos do que lhe parece, e nos ordena nesta materia, que em tudo seguiremos as disposições de vossa excellencia, como mais acertadas.

«Do nosso reino não ha que contar mais que irem-se continuando as côrtes: felizmente offerecem os povos pagar vinte mil infantes, e quatro mil cavallos, e é grande a união com que todos desejam dar tudo para a sustentação de uma boa guerra, e mais acreditada do que eu acho a nossa por estes paizes d'onde só desejam entradas por Castella, sem considerarem quanto ajudamos a França na desunião de Castella, que conservamos, e na diversão de tantos mil cavallos e infantes, que se juntos com o poder de Portugal voltaram sobre Catalunha, haviam de fazer grande mudança na fortuna d'aquella guerra. Mas entre os descreditos que a ignorancia ou a malevolencia semêa da nossa nação, basta a opinião que vossa excellencia deixa em todas as partes deste reino para a acreditar muito, e

que eu estimo como portuguez, e como o mais zeloso criado do serviço de vossa excellencia, o que vossa excellencia me terá em toda a parte com um coração muito verdadeiro, e muito desejoso de me empregar nelle. Deus guarde a vossa excellencia como desejo, e o nosso reino ha mister, etc.»

CARTA LXXX

Ao marquez de Niza.

EXM.º SR.

«Terça-feira á noite, 17 do corrente, chegámos a esta côrte de Haya, havendo partido de Calais na quinta-feira passada, embarcados em uma náu de comboy, que nos levou a Flessinga em tres dias, no último dos quaes corremos grande tormenta; mas com ser a viagem tanto mais larga do que costuma, a tivemos por muito feliz, por chegarmos a salvamento, quando não aconteceu assim a outros; porque a mesma náu mercantil que comboyamos não se sabe ainda que derrota haja levado, e quando chegamos a Flessinga, acabavam os pescadores de tirar nas redes muitos corpos mortos de naufragantes, e André Henriques, que chegou ao mesmo tempo de Lisbôa, me disse que encontrára muitos pedaços de navios dos que o mar sossobrára. Os perigos são proprios do tempo, e o escapar d'elles é fortuna dos que navegam em serviço de sua Magestade, e não o attribuo a milagre de Sancto Antonio, porque partimos á quinta, e chegámos á terça, salvo se vossa excellencia quer que as quartas-feiras tenham vespera e oitava.

«Emfim, senhor, chegámos a esta casa, onde achei duas cartas de que vossa excellencia me fez mercê, que me accrescentaram muito a alegria de haver chegado, e com o mesmo contentamento receberei todas as que me trouxerem boas novas de vossa excellencia, com que peço a vossa excellencia me não falte, affirmando a vossa excellencia que lh'o merece o meu co-

ração, e as minhas saudades, que ainda que a companhia do senhor embaixador Francisco de Souza Coutinho para fazer esquecer as molestias do caminho, as lembranças do senhor marquez de Niza, em nenhuma distancia se esquecem, e em nenhum outro logar nem companhia se consolam.

«A resolução que vossa excellencia tomou de *avisar ao Brazil*, é tão importante e acertada como todas as de vossa excellencia.. E se os mercadores se accommodassem a que fosse em direitura á Torre de Garcia d'Avila, ao Morro, ao Camamú, ou a outro porto dos visinhos á Bahia, faziam ainda maior serviço a sua Magestade, porque o *Cabo de S..... dista 120 leguas*, e os correios gastam no caminho, quando menos, 20 dias, a causa dos rios e mattos que passam. Mas Deus *vae detendo estes senhores* de maneira, *fechando-os senão com cadeados de neve, com taes tempestades e ventos contrarios*, que haverá muito tempo para o *aviso chegar primeiro que elles*.

Tambem intendo que a conveniencia de *irem as fragatas de S. Maló*, é tão grande, que sem ordem de sua Magestade, deve vossa excellencia fazer que se aprestem logo, não só quatro, mas seis e oito, *se houver quem as queira armar*, e sobre isto mesmo havia eu fallado com Luiz Hiens, um mercador francez de S. Maló que esteve muitos annos em Pernambuco, e ha de ir logo buscar a vossa excellencia para este mesmo negócio. Achei-o em Meldeburg para passar á sua terra: é pessoa de poucas palavras, mas de grande cabedal e credito, e muito amigo dos portuguezes, e lhe dei uma carta para vossa excellencia. E importaria muito que a *maior parte destes navios fossem antes á Bahia que.... portos para alli ajudarem nossa armada*, porque o *poder que vae de Hollanda*, intendo que será *superior*, posto que oiço differentes opiniões, mas na minha é de tanta importancia acharem-se *com a nossa armada mais alguns navios de força*, que para *os convidar a ir á Bahia*, se lhe podia *conceder que pagassem menos a quarta parte dos direitos*, no que a fazenda de sua Magestade não perde nada, *pois assegura tanto*.

«Na memória que vossa excellencia me mandar das fragatas, desejára se declarasse a edade dellas, e o calibre da artilharia; e se não foram velhas, e a artilharia boa, me parece que se davam a bom preço. E ou essas ou outras, importa que vossa excellencia mande comprar navios, porque os que se fabricavam em Portugal estão quasi parados, e d'aquelles quatro, e de outro que começa o conde de Odemira na Ribeira, se intende que não poderão ir ao mar o anno que vem, mais que dois, e ainda desses se duvida. André Henriques vem a comprar navios por ordem de sua Magestade, e traz creditos de cem mil cruzados, e supposto que deste homem, que é muito intelligente, fia El-rei a compra, quando a vossa excellencia lhe pareça, podia elle tambem aqui comprar os outros quatro, para o que vossa excellencia tem ordem, e eu os poderia tambem ir ver, mandando vossa excellencia auctoridade só para se celebrarem os preços, e o dinheiro o mandará vossa excellencia entregar aos donos dos navios.

«Estimo que o *Briana* ande fino, e que a *liberdade de sua alteza* não tenha mais estorvos que o *juramento*, para o qual não nos faltarão doutores na Sorbona. Se bem snr. de la Tuilherie disse hontem ao senhor embaixador, que os *castelhanos* absolutamente a negavam, e que assim o tivera por carta última do *Duque de Longa Villa*. Sustente Deus a Napoles, e traga tão boas novas da armada de França, que vá por diante a *prática da liga*, que folgo muito de ver admittida.

«No particular da *despedida* de vossa excellencia, e de outro negocio que eu havia de tractar com o senhor embaixador, não fallo, porque na segunda carta remette vossa excellencia estas resoluções para segundos avisos, pelos quaes ficamos esperando. O senhor embaixador approva mais a proposta futura que a passada, a qual diz que sente muito, e mais não cheguei eu a lhe descobrir todas as circumstancias, porque colhi cá as que vossa excellencia lá callou; mas depois de lhe discorrer um pouco sobre os motivos, respondeu com encolher os hombros.

«Os negocios d'aqui estão da parte dos estados em silencio, posto que da nossa faz o senhor embaixador todas as instancias, e não falta quem de uma e outra parte lhe aconselhe que peça licença para se ir intendendo que com este torcedor se romperá este obstinado silencio, e que respondendo, será a resposta sem dúvida a favor da paz, que Hollanda e todos desejam; e só Zelanda encontra. E que quando os estados *venham á cacha*, e *queiram deixar ir* o senhor embaixador, *acudirá só o de França a o impedir*. Isto disse Brasset, e *Mazzarino* o aconselha, e Luiz Pereira o approva. E eu me conformava mais com o parecer de v. exc., que com nenhum outro. O meu, ainda que se me não pediu, foi, que no caso que se fallasse em *despedida*, fosse somente insinuando-se por termos que mostrassem a ferida; mas não empenhassem a palavra, com que ficasse sempre livre a *Francisco de Souza ir ou ficar*, como melhor lhe estivesse. O senhor embaixador fica resoluto a ir apertando pela resposta, e *chegar aos ultimos termos, quando os outros não bastem*. E entretanto despacha um barco a Lisboa a avisar a sua Magestade, por cujas respostas eu tambem faço conta de esperar, quando o estado dos negocios não peçam mais apressada resolução, a qual vossa exc. me mandará conforme vir que elles se vão pondo.

«Recebi carta de Lisboa, de 29 de outubro, do padre procurador do Brazil, em que me diz chagára caravela da Bahia, com avizo de que a nova armada era lá chegada, e com ella se partíra logo Segismundo para o Recife, deixando só tres navios em Taparica, e a fôrça guarnecida: não se sabe o intento desta jornada: póde ser que vá acudir a Pernambuco, intendendo que irá lá armada, ou que não queira elle ser o que perca Taparica, ou finalmente que iria consultar o conselho supremo, que reside no Recife, a cuja disposição remettem tudo os estados.....

.....

.....»

(Obras do Padre Antonio Vieira, T. IV das *Cartas*, de pag. 140 a pag. 143.)

CARTA LXXXIX

Ao marquez de Niza.

EXM.º SR.

«Os parabens que v. exc. me dá da despedida do duque de Longa-villa, tórno eu a dar a v. exc., pois a materia é tão grande, que os merece muitas vezes repettidos. Alfim se faz o nosso negocio, sendo o mais desamparado; e sendo os nossos plenipotenciarios os que menos obraram, foram os que mais conseguiram, para que só a Deus se devam as graças.

«O senhor embaixador tinha determinado mandar visitar o duque, e ainda faze-lo em pessoa, se não passasse muito longe d'esta côrte, mas desviou-se tanto della, e passou tão subita e apressadamente, que nenhum gentil-homem de mr. de la Tuilherie, que foi aguarda-lo ao caminho, o pôde alcançar. Para comboyar a mr. de Andrada, e mr. Soares, são partidos d'aqui tresentos cavallos mandados pelos estados, á petição sua, e os esperamos dentro em breves dias.

«Esta semana chegou aqui um mercador de Vianna, tomado na Bahia, que nos confirmou as novas que escrevi a v. exc. a semana passada, e accrescentou que até os 15 ou 16 de dezembro, avistaria nossa armada a costa de Pernambuco, porque tres dias antes fôra vista por uma fragata hollandeza em distancia só de sessenta leguas, com vento rijamente nord'este, que é monção que n'aquelles mezes nunca falta, donde se colhe que em 42 dias chegou a armada desde a ilha da Madeira a Pernambuco, que quando fôra uma só caravela, era boa viagem. Mr. Brasset me disse hontem vira carta do Recife, em que se dizia, que com a chegada de uma náu de Zelanda, e a esperança de irem chegando outras, se entendia que os do conselho haviam mandado segundo recado a Segismundo para que não levantasse da Bahia. Estimei esta nova, porque se a nossa armada lá desfizer primeiro aquelle poder, não farão grandes effeitos os pedaços da

armada que forem d'aqui chegando, podendo se temer muito, pelo contrário, se o poder que lá está e o que de cá vae se incorporarem. Segundo carta que aqui chegou de Lisboa, escripta em dia de natal, já lá havia aviso por navio do cabo de Sancto Agostinho, que os levantados tinham posto uma bateria contra o Recife, e, segundo julguei da carta, com estes canhonaços o dão já por mamado: qualificada fatalidade é, por lhe não pôr outro nome, que sobre tantas experiencias não acabemos de aprender nem desenganar-nos.

«*Sobre a compra de navios, tenho escripto repetidamente que é necessario estar cá primeiro o dinheiro*: de novo não ha que receber cada dia cartas de Jeronymo Nunes, em que me pergunta se é chegado, porque ha muitos compradores. Eu não fui a Amsterdam esta semana, assim por esta causa, como porque Jeronymo Nunes esteja doente, e eu tambem andei indisposto, e quasi todos nesta casa nos achamos estes dias menos bem, porque a falta dos gêlos nestes paizes é a disposição mais ordinaria das enfermidades, e são muitas e agudas as que ha, e se tem por certo haver peste este anno, pela experiencia de outros semelhantes. Deus nos guarde a nós, e nestes proximos se cumpra a sua sancta vontade.

«Pela carta que o senhor embaixador remette a sua Magestade verá v. exc. quanto os estados têm sentido a resolução que este anno se tomou na Sancta Inquisição contra os judeus destas provincias; sobre que seria bem v. exc. escrevesse apertadamente a sua Magestade.

«Emfim, senhor, o que importa é que chegue este prazo com que v. exc. me convida de nos vermos cêdo em Lisboa, que estarem uns a trabalhar e outros a desfazer, é occupação em que assim como se perde o trabalho, se póde tambem perder o juiso. Deus guarde v. exc. muitos annos como desejo.»

Haya, 24 de fevereiro de 1648. Cr.º de v. exc.

ANTONIO VIEIRA.

(OBRAS—Tomo IV. das *Cartas*, de pag. 185 a 186.)

CARTA XCI

MEU SENHOR,

«A carta de vossa excellencia de 3 do corrente, recebi, e primeiro que tudo, dou a v. exc. as graças e os parabens de que v. exc. me diz no segundo capitulo della, que, se bem de Veneza se nos tem mandado repetidos avisos de grandes e bem fundadas esperanças, nunca até'gora soubemos o que lá passavam com estas especialidades. Já disse a v. exc. que se as praças de Portugal estiveram na reputação dos annos passados, não fôra difficultoso negociar aqui uma grande quantidade de dinheiro; mas passadas as oitavas tórno a Amsterdam, e verei se é possivel alcançar alguma cousa, pois conheço a obrigação que todos temos de empenhar o sangue nesta occasião.

«Os creditos de Gaspar Pacheco não chegam, nem novas d'elles, com haverem chegado infinitos navios de todos os portos de Portugal, e particularmente o barco que d'aqui enviou o senhor embaixador, em que não recebemos lettra que fallasse neste negócio. Sinto por amor de Duarte Nunes, que está arriscado a lhe succeder um desastre, e toda a culpa me lança a mim, por eu o haver mettido nisto, e até o senhor embaixador tem de mim esta queixa, por ser eu o que o persuadi que escrevesse, sendo elle de parecer que André Henriques se fosse para o reino, e póde ser que seria o mais acertado.

«O credito de Antonio Rodrigues de Moraes, tenho remettido na fórma que avisei. De Manoel Rodrigues de Mattos, recebi hoje carta de 10 de março, com aviso de que vae remettendo a quantia de vinte e quatro mil cruzados, de que já cá estão lettras de quatro para cinco mil, que Jeronymo Nunes fez logo acceitar, e todo o dinheiro estará á ordem do dito Manoel Rodrigues, como v. exc. nos manda.

«Os papeis de mr. de la Tuilherie que mandei a v. exc., não foi por entender que tinham fundamento os pretextos que nelles propunha, porque é cousa muito pública nestes estados o ánimo

dos francezes, que só tractam de ver se pódem embaraçar ou dilatar esta satisfação. O livro de Fóra Velhaco, e os mais papeis que v. exc. me encommenda, negociarei, e não os poderá levár mr. Francisco d'Andrada, porque já hontem partiu de Fexel com bellissimo vento; mas irão no primeiro navio, quando eu os não leve.

«De S. M. tive carta em resposta do que d'ahi lhe escrevi sobre a minha jornada de Munster, de que S. M. me ha por escuso, vistas as rasões que por parte de v. exc. lhe representei, e me manda licença para me poder tornar para o reino, o que procurei fazer no mesmo dia, que foi o de terça-feira da semana sancta, vendo se podia alcançar ainda a fragata; mas o senhor embaixador não consentiu, por ter grandes esperanças que publicada a paz com Castella (o que se faz d'aqui a cinco semanas) se fará logo a nossa, a cujas capitulações me encommenda muito S. M. que assista, em outra carta que tive sua; e na da licença suppõe que não ha esperanças disto ter effeito, nem o seguro, posto que nunca lhe via mais geito que agora: pela carta de S. M., que o senhor embaixador remette a v. exc., verá v. exc. como ainda continúa a cegueira nas materias do Brazil, cujos bons successos lá se apregoam, e cá não sabemos mais que haveremos tomado nove presos, de que hoje tive aviso, todos de Portugal para a Bahia, e cabo de Sancto Agostinho, que servem só de levar aos hollandezes os mantimentos que lhes faltam. As fragatas partiram com o dr. Francisco d'Andrada, e são por todas dez, quatro para as costas d'Hespanha, e seis para o estreito; mas não sei se foram desta vez todas.

«A última resolução que v. exc. teve do cardeal, me parece a que é que mais nos convinha, supposto o estado das cousas, e agora folgára eu muito que viera a licença de S. M., para que v. exc. o podéra informar de todos os particulares deste negócio, e muito particularmente do ánimo dos ministros com que v. exc. ahi o tractou: quererá Nosso Senhor que tenha chegado esta ordem de S. M., para que além das importancias

de seu real serviço, acuda v. exc. a tantas outras que verdadeiramente necessitam muito da presença e assistencia de v. exc.

«O desembargador Christovam Soares se sangrou ante-hontem, e purgou hoje, e intendo que se partirá amanhan, ou ao outro dia. Guarde Deus a v. exc. muitos annos como desejo.

«Haya, 3 de março de 1646.

Cr.º de v. exc.

ANTONIO VIEIRA».

(*Idem*. De pag. 188 a 190.)

D.

É a simples minuta de uma representação dirigida pelo proprio marquez embaixador ao principe regente D. Pedro, e de cuja authenticidade não duvída pessoa muito competente..... ..... pag. 134

«O Marquez de Niza representa a V. A. que estando a primeira vez por Embaixador ordinario em França, parou áquele Reino o Padre Antonio Vieira com hua instrucção toda escrita da letra do Secretario Pedro Vieira da Silva, em que S. Magestade ordenaua a ele Supplicante buscase logo ao Cardeal Mazarino, e lhe dissesse que S. Magestade leuaria gosto de cazar o Princepe D. Theodozio, que está em glória, com Madamoysela de Longa-villa, e que poderia logo uir com ela o Duque seo Pay a quem S. Magestade largaria o governo do Reino para o governar em quanto o Princepe não tiuese idade, e com a Rainha e Infantes se pasaria a viuer ao Brazil com o Titulo de Rey daquele Estado; e acabando ele Supplicante de ler a instrucção, respondeo ao mesmo Padre Antonio Vieira que não hera

ele o vasalo que hauia de entregar o Reino de Portugal aos Francezes e tiralo a El-Rey de Portugal D. João, e que antes cortaria as mãos do que asinar tal tratado. A intrucção está na Secretaria de Estado aonde tambem deuem estar as cartas que ele Supplicante sobre ela respondeo, e bem clarameente confesa o Bispo de Leiria na resposta que deo a ele Supplicante á margem do escrito junto.

«Qual fose o serviço que ele Supplicante fez nesta ocazião se deixa bem uer, porque pasado S. Magestade ao Brazil entregue o gouerno do Reino aos Francezes e uindo a falecer, como faleceo, o Sr. Principe D. Theodozio, sem duvida dos Francezes seria o Reino e não chegariamos a ter a felisidade de uer a S. A. Sr. dele ficando a susesão real no Estado do Brazil.

«Quaes fosem as conviniencias que ele Supplicante nisto perdeo e quais as honrras e acresentamentos que para sua caza poderia grangear, tambem facilmente se conhecem por que sendo este negocio de tanta utilidade para a caza de Longa-villa, e de tão grandes consequencias para a coroa de França, todas as honrras e merces parecerião poucas áqueles Princepes para fazerem a ele Supplicante pelo ajustamento.

«Nem representou athegora ele Supplicante este serviço nem por ele lhe fez merce algua por que pela qualidade da materia poderia não ser conviniente que se publicase como dela se deixa ver, porem hoje em que esta coroa se acha em pas com Castela, e com todos os Princepes da Europa pareceo nesesario a ele Supplicante dar notisia dele a V. A., e pedir-lhe a remuneração que V. A. julgar coviniente, porque quer ele Supplicante deixar á sua descendencia memoria do serviço que nisto fes a esta Coroa, e em particular a V. A., para honrra de sua caza e descendentes, e para que a todo o tempo conste e como ele Supplicante se ouve em serviço do seu Rey Princepe natural Pelo que.

«P. a V. A. que mandando conciderar este Serviço que V. A. de razão e de justiça como tão amante dela

he obrigado a satisfazer-lhe faça a merce e honrra que da grandeza de V. A. espera,

R. Mce.»

Esta cópia é extrahida de outra que o sr. Antonio da Silva Tullio encontrou, fazendo o inventario dos papeis da casa de Niza. O character da lettra da primeira cópia reporta-se á epocha em que se fez a petição, e parece ser do punho do advogado que então era da casa. O sr. Tullio não duvida da sua authenticidade; postoque seja uma simples cópia não assignada.

E

Para completa informação do leitor, damos em extractos, nas notas, todas as passagens que no texto temos citado acerca deste importante assumpto. ..... Pag. 140, *nota*.

«El-rei tornou a mandar este anno (1647) por embaixador de França o marquez de Niza, e entregou tresentos mil cruzados á sua ordem em pimenta e outros generos, alcatifas e outras cousas preciosas da India, para distribuir como lhe parecesse mais conveniente; e juntamente lhe deu ordem para offerecer ao cardeal Mazzarino o arcebispado de Evora e outros bens ecclesiasticos, ou para elle, ou para seu irmão, o arcebispo de Aix.... Levou o marquez ordem para tractar com o cardeal o casamento do principe com a filha mais velha do duque de Orleans. O cardeal approvou este intento, e assim o mandou segurar a el-rei por Francisco Lanier, assistente em Lisbôa, aos negocios de França, porém sem mais poderes que tractar dos soccorros que aquelle reino podia dar a el-rei....»

(Port. Rest. *T. 2° Part. 1.ª L. X, pag.* 238).

«Francisco de Souza Coutinho, então embaixador em Paris, escrevendo a el-rei, em uma carta não datada, mas que pelas que a precedem, e se lhe seguem, mostra ser de 1651, refere como el-rei o incumbira de tractar o casamento do principe com Mademoiselle, dando-se como compensação deste favor a infanta D. Catharina ao duque de Beaufort. Outro qualquer calára e obedecêra: elle obedeceu, sim, mas replicou, pela notoria desvantagem do segundo casamento. (O duque era um bastardo.) «Juro-lhe a V. M., (exclama neste ponto) pela fé de «um homem muito de bem, se a commissão, que trouxe o P. An«tonio Vieira á Paris, me achára nella, que se não houvera de «*executar*, sem primeiro replicar a V. M., como eu disse ao «mesmo Vieira, logo que m'a communicou.» E continuando o assumpto do casamento de Mademoiselle, acrescenta que um frade francez auctorisado e grave, religioso de S. Domingos, e muito da casa de Orleães, de acôrdo com elle Francisco de Souza, fallára no dito casamento, primeiro á princeza, e depois ao duque seu pae, objectára este que Portugal estava pobre, e assoberbado de guerras, e que além disso a princeza sua filha já não era de idade para ficar simples princeza; tornou-lhe o frade que o rei de Portugal era o mais rico de dinheiro de quantos principes havia na Europa, e que havia o reino do Algarve de que o principe D. Theodosio podia tomar logo o titulo de rei. Nisto porém ficou a prática, e havia rasão para crer que destinavam Mademoiselle a el-rei de Inglaterra, (Carlos II, então exilado) porque em França se crê que val mais um rei de Inglaterra sem terra, do que um principe de Portugal em posse de tantos reinos.»

(*MS. da Academia Real das Sciencias. Gab. 2.º Est. 5.ª N.S. vol. fol.—folhas 19 e 20.*)

EXTRACTOS DO QUADRO ELEMENTAR DAS RELAÇÕES DIPLOMATICAS PELO VISCONDE DE SANTAREM.

«Obriga-nos a imparcialidade a declarar que da correspon-

dencia de M. Lanier consta que o principal auctor do desalento de que foram occasião as difficuldades que esperimentava em Munster a questão portugueza, fôra o célebre P. Vieira, que foi elle quem infundiu no ânimo d'el-rei certa melancolia, nascida da incerteza em que via a consolidação de seu throno e dynastia. Os incontestaveis talentos deste religioso eram iguaes á sua astucia, e ambição que tinha de dirigir os publicos negocios, reduzindo a um estado de nullidade os ministros, se porventura com justiça se oppunham ao seu modo de ver.»

Em nota a este paragrapho diz: «Foram taes os desgostos que o P. Vieira deu aos nossos representantes em Paris, que o marquez de Niza em outubro de 1647 escrevia a al-rei e aos ministros que o gabinete francez a nada lhe deferia, que ia para Fontainebleau sem esperanças de ser mais bem succedido, dando por aquelle modo um claro desengano ao govêrno, e não tractando de agradar, como dizia o P. Vieira.» O ministro francez Lanier em officio de 8 do mez seguinte dizia expressamente ao cardeal Mazzarino que o marquez estava ralado de desgostos causados pelo P. Vieira, e pelo mesmo theor o residente de Portugal Antonio Moniz de Carvalho, que com pretexto de doença pedia com instancia que o mandassem recolher. Assim que, ainda que aquelle famoso prégador tractasse de se justificar na carta de que fizemos menção em a nota a pag. 251 da P. 1.ª deste volume, não é menos constante que os documentos que examinamos depois da inserção da dita carta o condemnam, e provam que não é natural se oppozesse elle, conforme o certifica, á entrega das praças de segurança, *sendo verdade que aconselhára el-rei a largar o reino, e entrega-lo a um principe estrangeiro!* »

Continuando o texto: «Participa pois o referido Lanier ao seu

* É difficil atinar como este procedimento do marquez de Niza tenha sido o resultado dos desgostos que lhe deu o Padre Vieira, como se collige deste periodo do visconde de Santarem.

govêrno, em 6 de março do mesmo anno de 1647, o que havia passado n'uma longa conferencia a que fôra convidado pelo secretario de estado, e refere as propostas que este lhe fizera, em consequencia de haver o marquez de Niza em um dos seus officios declarado que nenhuma esperança havia de ser Portugal incluido no tractado de Munster, nem sómente por uma tregoa.

«Assombrado o ministro francez do abatimento repentino em que estava o gabinete portuguez com aquella noticia, teve artes de obrigar o secretario de estado a declarar-lhe que o P. Vieira fôra o principal motor daquelle negócio, (qual?) o que tendo ouvido proseguiu a conversação dizendo em termos geraes que era necessario que el-rei D. João IV trouxesse bem vigiados aquelles que lhe fizessem taes propostas, (quaes propostas?) bem como a do casamento da infanta de Portugal com D. João de Austria.

«A tal ponto havia o P. Vieira dado por perdida a causa de Portugal que o mesmo monarcha estava disso persuadido, segundo o certifica o referido ministro francez, o qual, depois de exaltar as preciosas qualidades de que era ornado, accrescenta que estava possuido dos mesmos receios, e que vindo a fallar da partida do P. Vieira lhe representára era aquella viagem prematura e inutil, o que não obstante fez el-rei partir o célebre jesuita.»

(QUADRO ELEMENTAR, *T.* 4.º *P.* 2.ª, *pg. XIII a XVIII da Introducção.*)

Não será de todo inutil chamar a attenção do leitor sobre o descuido, pouca clareza e confusão de estylo e de ideas, omissões, e repetições escusadas, que se notam nestes extractos que fazia o visconde de Santarem dos documentos que consultava. E' essencial porém fazer reparo na sua asserção de que o Padre Vieira *aconselhou el-rei a largar o reino, e entrega-lo a um principe estrangeiro.* O visconde de Santarem assevera isto de um modo tão positivo que parece estar seguro do

caso, entretanto que de todos os documentos que cita e extracta o mais que se póde é deduzir conjecturas provaveis, como já fizemos ver.

De resto nem sempre D. João IV, sob a pressão do desalento e da melancolia, esteve disposto a abandonar o reino, porquanto segundo nos refere o mesmo visconde:—tractando em 1655, M. de Jant, outro enviado francez, de saber de el-rei para onde se recolheria, se ao Brazil, se a India no caso dos hespanhoes o obrigarem a sahir de Portugal. «S. Magestade respondeu que se perdesse Portugal, perderia tambem o restante dos seus estados, em qualquer parte do mundo em que se achassem, pela rasão natural de que a nação portugueza amava em extremo a terra natal; e que para conservar nella um palmo de terra, abandonaria vices-reinados, governos, e os mais brilhantes estabelecimentos, accrescentando que el-rei, sem querer ouvir mais réplicas lhe repetira que em caso de infortunio, nenhum regresso tinha, que perdendo Portugal, perdia tudo.» (QUADRO ELEMENTAR, *T.* 4.º *P.* 2ª., *pg.* CXLVIII, CXLIX—*Introducção.*)

—«O marquez de Chouppes, enviado francez a Portugal, na occasião do tractado dos Pyrineos, em um relatorio dirigido ao cardeal Mazzarino, refere-lhe que em uma das conferencias que tivera com o secretario de estado Pedro Vieira da Silva, lhe dissera este «que havia algum tempo el-rei de Hespanha mandára offerecer ao de Portugal o Brazil com a cathegoria de reino, e fazer-se o casamento de D. João d'Austria com a infanta— acrescentando que esta transacção fôra rejeitada, sem embargo de elle enviado a apoiar com calor». (QUADRO ELMEENTAR *T. 4 P.* 2ª *Indroduc. pg. CXVI,* e *CXVII.*

—«Duarte Ribeiro de Macedo referindo as diligencias do mesmo enviado para conseguir uma transacção entre Portugal e Hespanha, diligencias mal acceitas pelos plenipotenciarios portuguezes, lhe attribue a seguinte proposição—«Que se os minis-

«tros de Castella não podiam soffrer dous titulos de rei em Hes-«panha, se poderiam contentar, ficando S. M. Senhor de Portugal «com o titulo de rei do Brazil.»

(RELAÇÕES QUE FEZ O AUCTOR NO TEMPO QUE ASSISTIU NA CORTE DE PARIZ. OBRAS—*Tom. I, P. 1.ª L. 3.º pg. 48*).

«Nem falta quem assevere que já até mesmo o soberano (D. João IV) chegou a ter resolvida a mudança da séde do throno para o Brazil, com o apoio de Castella; bem que outros restrinjam os offerecimentos deste último reino para tal apoio, a uma monarchia no archipelago dos Açores, ou na Sicilia. (VARNHAGEN, H. G. do Brazil. *T.* 2º SECC. 32, *pg.* 2, *Citando a Vicoquefort, Mem* 2º., *pg.* 46, *e Hist. des Traités de Paris.* 1725—*fol. T.* 2.º *pg.* 574.)

«Se não foi V. M. o primeiro soberano a quem lembrou transferir em circumstancias criticas para a America Meridional o assento da monarchia portugueza: se os senhores reis D. João IV, e D. José I, um aconselhado pelo P. Antonio Vieira, e outro pelo célebre D. Luiz da Cunha, ambos estiveram a ponto de pôr em execução esta grande medida, foi comtudo V. M. o unico que teve a resolução de abraça-la.» (*Discurso dirigido a el-rei D. João VI, por occasião da sua exaltação ao throno, e proferido em sua presença, em nome da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 12 de maio de 1818, por Francisco de Berja Garção Stockler, membro da mesma Academia.*)

«Lembro-me agora de quando a rainha mãe por conselho dos condes de Cantanhede e de Soure, enviou a vossa senhoria, não só a governar Pernambuco, mas para prevenir a seus filhos uma retirada segura, no caso em que algum successo adverso, que então muito se temia, necessitasse deste último remedio. E tambem vossa senhoria estará lembrado de que S. M. me mandou passar do Maranhão, onde então estava, para assistir a vossa senhoria, e se seguir o roteiro que el-rei, que Deus tem, tinha pre-

venido, como tão prudente, para o caso de semelhante tempestade, e se achou depois da sua morte em uma gaveta secreta rubricado da sua real mão com tres cruzes.»

(Cartas do P. Antonio Vieira—*T.* 2.º *pg.* 188—189—Carta a Francisco de Brito freire—*Bahia 24 de Junho de* 1691.)

F.

Quanto á fórma prática da repartição, remettemos o leitor para os extractos dos registros da camara municipal que juntamos no fim do volume. Pag. 437.

—Os documentos que passamos a transcrever e extractar dos livros do antigo senado da camara, mostram a fórma da reducção dos indios ao captiveiro; e o como, e para que fim se repartiam. Conservaremos a orthographia dos originaes.

Registo de hũ escravo do gentio da terra da tropa de Lorenço Belfort, do capitão Belchior de Sâ.

Guanaperê, cavalleyro dos Manibas vendeu hũ indio da nação Cujarimixeri por nome Darócauana * com hũa sicatriz de frecha na Cocha perto da Curva da perna direita, de idade de vinte annos pouco mais ou menos; e disse o dito vendedor ser seu escravo, pello ter apanhado em guerra justa, e o mesmo escravo o confessou ser assim. P. Misser.º e Cabo da tropa; e se comprou por conta delRei, por hũa Calça, e hũa Camiza. E por ser assim verdade, eu Ant.º Furtado de Mendonça, Escrivão da Tropa de resgates passei o prezente registo, que assinou

* Não afiançamos a exactidão dos nomes indigenas que ora damos. Copiamo-los como nos foi possivel. Muitos dos nossos antigos documentos mais se advinham do que se lêm.

o d.º P.e misser.º e Cabo da tropa, neste Rionegro e Arrayal de Nossa Senhora do Carmo, e S. Anna. Hoje 20 de Junho de 1738. Achilles M.e Avogadri.—Lorenço Belfort—Pertence este registo de hũ negro ao capitão Belchior de Sá, pos-se-lhe o nome Francisco. S. Luis em Camara 6 de Outubro de 1738. Freyre e Cunha.

Registo de hũa india escrava de Antonio Gonçalves Trovisco, da tropa de Lorenço Belfort.

—Avedi, Principal dos Murivenís vendeu hũa india por nome Coyapô, da nasção Maniba, de idade de vinte e quatro annos pouco mais, ou menos, com hũa filha; com hũ sinal preto na ponta da cantareyra, e outro sinal no braço, abaycho do hombro, ambos da parte direyta, e outro no toytisso. E disse o d.º vendedor ser sua escrava por a ter apanhado em guerra justa, e a mesma escrava o confessou ser assim; pelo q' foi havida por escrava pello R.mo P.e misser.º e Cabo da tropa; e se comprou por conta delRei por hũ traçado. (*Seguem-se as datas, e as mesmas assignaturas.*)

Registo de hũ registro de hũ rapas do gentio da terra de João Serejo.

—Hudú, rapás da nasção Manaó de idade pouco mais, ou menos de sete annos, com hũ sinal preto no hombro esquerdo, aliado do Principal Guajuricahá, escravo ligitimo da Tropa de guerra, pertencente ao Soldado José de Albuquerque, João Duarte da Cruz Escrivão da Tropa de guerra passey o presente registro, que assignou o Capitão Commandande João Pays do Amaral, Cabo da dita Tropa; e o mt.º Rd.º P.e Misser.º José de Souza da Companhia de Jesus. Neste Rionegro e Arraial de N. Senhora do Carmo e Santa Anna aos 2 Agosto de 727 annos.—José de Souza—João Pays do Amaral—Esta não apparece—Este apareceu, e se conferiu com os signays—Aragão—Está Solem-

nemente bauptizado, e chama-se Cristovão, foi seu padrinho Antonio Rodrigues. Rionegro, e Arrayal de N. Senhora do Carmo, e S. Anna aos 2 de Agosto de 1727 annos.—José de Souza. —Todo o jús e dominio que tenho neste escravo o trespasso para a pessoa de José Ferreira Sampayo. *(Segue-se a mesma data)*— José ✠ de Albuquerque.—

Registo de hu registo de hua mossetona de João Serejo Pinto.

Guarunama Principal de Manaós aos oyto dias do mes de Mayo deste anno vendeu hua rapariga da naseão Movenominao, de idade pouco mais, ou menos de sete annos, com o signal preto a cima do peyto direyto, chamase Coeminao; e disse o d.º vendedor ser sua escrava pola haver apanhado aos seus contrarios em guerra justa; e o mesmo confessou ser assim a d.ª rapariga pello que foi havida por escrava pello Rd.º P.e Misser.º e Cabo da Tropa; e se comprou por conta do Thesoureiro da Tropa José Ferreyra Sampayo, pór hua saya de chita, e um ferro de cova. E por tudo assim ser, eu João Baptista de Azd.º Escrivão da Tropa de Resgates passey o prezente Registo, que assignou o d.º Missnr.º, e Cabo da Tropa, neste Rionegro, Arrayal de S. Joze e S. Anna, aos 25 dias do mez de Julho de 1726.—José de Souza. Severino de Faria—Braga—Está solemnemente bauptizada, chamasse Custodia, foy seu padrinho Antonio Pereyra. Rionegro Arrayal de S. José, e S. Anna 28 de Julho de 1726 annos.—José de Souza.

Termo de junta feito para effeito da repartisão das pesas procedidas da tropa, q. andarão no certão de que he Cabo João de Moraiz Lobo vindas em 22 de Dezembro de 691 annos.

—Aos vinte quatro dias do mez de Dezembro do anno de seis centos e noventa e hu; nesta Cidade de São Luiz do Ma-

nhão e Casa de morada e Palacio dos Gorverpadores e Capitães Gerais deste Estado; ahi onde eu Diogo Camp.to de Andr.e Escrivão da Camr.a desta Cidade fui, e se acharão prezentes o S.r G.or e Capitão G.al do estado Antonio de Albuquerque Coelho de Carv.o e o Doctor Manoel Nunes Alvares Ouvidor g.al do Estado, e bem assim os Juizes e mais officiaiz da Camr.a abaxo asinados todos unidos em forma de junta de repartisão; p.a efeito de repartirem na forma das ordens de S. M. q' D.s gd.e as pesas eseravas procedidas da tropa q' desta Cid.e partio p.a o certão onde ainda se acha, sendo seu cabo o Cappt.m João de Moraiz, vindo as ditas pesas nesta ocasião, que logo forão mandadas vir perante a d.a junta onde com efeito forão presentes, e vistas as listas e mais clarezas que com as ditas pesas entregou o Capitão Bertholameu Soares, a cujo cargo fora pello d.o Cabo encarregada a conducção dellas, q' constou seu numero de trinta Cabesas tocantes à d.a tropa, de que entregou dezanove capazes de repartisão p.r q.to der p.r conta lhe havião morrido seis na viagem; e juntam.te declarou q' o escravo Coman incluido no d.o n.o de trinta depois disso o recolhera o P.e missionario à d.a tropa onde ficara p.a servir de lingua: e bem assim haviam ficado no Para quatro doentes em poder do P.e Reitor daquelle Ell.o de quem apresentou escrito, a saber Fran.co menino n.o 13 de 4 an. de idade. e assim mais Pedro menino n.o 23 de 4 an, mais Clara cabrita n.o 5 de 6 an, mais Fran.co Nayadi n.o 30 de 5 an. as quais pesas ausentes de q' na lista se faz speciál mensão fazem n.o de onze, que com as dezanove q' hora se repartem prefazem o d.o computo de trinta q' continha a dita lista: o q' visto, atendida a forma das reais ordens forão repartidas com assistencia, atensão e aprovação do d.o Sen G.or e Capitão G.al e Ouvidor G.al do Estado na forma seguinte—Ao Sen' Gn.or quatro pessas, as quais logo consignou o d.o Sen para os gastos da fortaleza da ponta da area; a saber hũa india n.o 17 chamada Guatiana de 35 an—mais hu rapas chamado Fran.co atapiati n.o 18 de 6 an—mais hũa india cha-

mada Jyapab nº 23 de 30 an—mais hũa india chamada abervy nº 24 de 30 an—Ao Ouvidor Gal Doctor Manoel Nunes Collares hũa india chamada Untapum nº 1 de 16 an—mais hu indio chamado Otan nº 14 de 16 an—Ao Sargtº mór João Duarte Franco hua india chamada Ubaya nº 9 de 27 annos—Ao Cabo João de Morais Lobo hua indiã chamada Carapé nº 3 de 17 an—mais hua india chamada Pacob nº 19 de 18 an—Ao Soldado Bertholameu Soares por haver ido na tropa hu rapaz por nome Francº tapuhã n.º 4 de 6 an, e passa mais ao outro n.º com hu rapas pertencente aos da guerra. Ao Soldado João Rayol—por haver ido na tropa hua india Aytiapé n.º 10 de 23 an—passa mais com duas possas ao outro n.º pertencentes á guerra.—A Manoel da Silva Pereira Juiz que foi o anno de 690 hũa india chamada Mõũnaeu n.º 11 de 28 an em paga de hũa canoa que deu para a tropa—mais hu menino chamado Francº nº 12 de 3 an.—A João Ribrº da Camª por haver sido vereador na era de noventa hu rapas chamado Francº Carapuça n.º 6 de 6 an—A Ignacio Furtado vereador que foi na era de noventa hua india chamada Meroty nº 5 de 4 an—A Antonio da Costa de Souza, Vereador que foy na era de noventa hũa Criansa chamada Clara n.º 8 de 3 an—mais hũa india chamada Guatues n.º 28—E para as obras da Camrª hua india Iniapé n.º 16 de 18 an—mais hu rapazinho chamado Francº Aytocudi nº 29 de 5 an. alem de que ordenou o S.r G.or q' seis pesas vindas tambem nesta ocazião procedidas de hũa guerra q' o dº Cabo tivera com certos gentios se repartissem pellas pessoas a q' de drtº se devia respeitar, em rasão do intº pequeno nº das tropas com condição que das primeiras que vierem dos resgates se lhe restituirião outras tantas com que se satisfizese a fazenda real a quem pertencião por serem de guerra. E os possuidores destas pagarião então os resgates drtos e mais gastos rateados das q' então procedidas delles fossem restituidas a fazenda real na forma que lhe coubesse: e no modo que se segue forão repartidas. Ao Soldado Bertholameu Soares

por ter ido na tropa hu rapas chamado Macaraiba nº 26 de 3. an—Ao Soldado da tropa João Rayol hu rapazinho chamado Franco Babé n.º 22 de 6 an—mais hûa india chamada Anbira n.ª 20 de 25 an—A Franco de Almeida juiz q' foi na era de noventa hua india chamada Çanhahú nº 25 de 26 an—A Diogo Campello de Andr.ª Escrivão da Camr.ª hûa rapariga chamada Aycarapá nº 21 de 8 an—A Eugenio Ferreira hu rapas chamado Farin n.º 23 de 9 an por exercitar o cargo de thesoureiro dos resgates. E nesta forma, a repartisão foi feita de todas as pesas conhecidas e declaradas neste termo mandando q' assim se observase e se fizese entrega dellas as pessoas a q.m forão repartidas, como logo se fez p.ª cada qual ter o uzo e dominio que sobre ellas lhe toca ficando obrigados a pagar os resgates, direitos e mais gastos, rateados q' lhe couberem, o que farão logo que pello thezoureiro dos resgates lhe for dado noticia do q' cada hu he obrigado a pagar com cominasão de q' o não satisfazendo com toda a brevidade p.ª efeito do novo fornecim.to dos d.os resgates se pasará mandado pellos officiais da Camr.ª q' no tal tempo servirem para serem executados sem embargo ou impedim.to algum, e de como assim foi ordenado pela d.ª junta fiz este termo q' com o d.º Sr. G.or e Capp.m Gal asignarão todos. E eu Diogo Campello de And.ª Escrivão da Camr.ª q' o escrevy. (*Seguem-se as assignaturas do governador, membros da camara, e outros em número de sete*)

Aos doze dias do mez de Julho do anno presente de seiscentos e oitenta e nove annos nesta cidade de São Luiz do Maranham, em a caza da Camera e ahi prezente os Juizes Ordinarios e Vereadores e procurador do Concelho e Diogo Froiz de Brito e Manoel Dornellas da Camera senhores de engenhos sitos no Rio Mearim pellos quaes foi dito q' a elles se lhes tinha repartido por este Senado seis a cada hum escravos comprados

pello presso e dados na forma das ordens de S. Mag.ª que D. G.ª e do Gov.or e Cappitão Geral deste estado Artur de Ssa e Menezes a effeito de q' com elles e com os mais q' possuem prepararem cada hu o seu engenho na forma das obrigaçoims que cada hũ delles tem feito com os seus lavradores, não lhe faltando a ellas pª aproveitamento de suas lavouras pello respeito do bem commum desta Cappitania q' he o fim e emtento serto a q' attende o dº senhor por seu servisso e melhoramento dos seus vassalos e diserão se obrigavão o do Diogo Froiz de Brito por si a moer no seu engenho vinte tarefas de cana e toda a mais que fizer Manoel Baldes de Lussena e o P. Ignacio da Fonca e Silva como tambem quinze tarefas de cana ao Cappitão Manoel da Silva Serrão e toda a mais q' fizer, como tudo largamº consta por suas escrituras q' ficam no arxivo desta Camera; e pello dº Manoel Dornellas foi tambem dito q' elle por si se obrigava a moer no seu engenho vinte tarefas de cana a q' estava obrigado por hua escritura a Manoel de Araujo Silveira e toda a mais q' fizer, assim hũ como o outro prometeram fazer e estarem perparados athe os primeiros de Agosto de cada anno pª milhor lucro e aproveitamento das ditas lavouras tudo na forma das obrigaçoims dessuas escrituras pellos annos nellas declarados; com declaração q' em nenhum tempo poderão largar a fabrica dos ditos engenhos e de continuar com elles, e tambem o nãº poderão largar nem deixar de continuar sem licenssa deste senado onde primeiro mostrarão as causas justas q' os movem de imposibilidades, ou por cazos fortuitos, e fazendo o contrario lhe serão tiradas as ditas pessas, pagando-lhas pellos mesmos pressos que lhes foram dadas pª se darem a pesoas que tratem da mesma fabrica de engenhos, com tanto q' os officiaes da Camera presentes e vindouros deste dº senado serão obrigados a lhe ir sempre concorrendo nas ocazioes das vendas dos taes escravos com alguns conforme a contidade q' vierem, e necessidade q' tiver, e com effeito os ditos officiaes da Camera se obrigão por si e seus vindouros a goardar-lhe dessua parte as di-

tas condiçoims, e fazer goardar as q' tocão a elle Diogo Froiz de Britto, e ao d.º Manoel Dornellas da Camera alem de q' hus e outros estavão obrigados a estarem pello q' nesta materia algum dia S. Mg.de ordenar, despuzer ou seu Governador e Capp.m geral deste Estado acrescemtando ou dimynuindo estas condiçoims ou de todo tirandoas, como mais for do serv.ço real cujo estabelecymento he o q' elles officiaes da Camera mais desejão se conserve, declarando mais q' por taxa logo pagarão elles ditos senhores de emgenhos ao Almoxarife como tizoureiro dos Resgates os direitos pertencentes ás pessas q' de prezentes se lhes entregão e bem assim a importancia dos gastos q' se fizerão desde o Pará athé esta real emtrega tambem tocamte as pessas q' ora se lhe dão ficando obrigados a pagar mais o vallor dos Resgates de cada pessa, e bem assim os gastos que fizerão na mição e condussão dellas thé o Pará, tanto q' for tudo liquidado na forma que despuzer o Tribunal das miçoims tudo executivamt.e de como assim o disserão forão comtentes mandarão q' se fizesse este termo em q' assinarão os senhores de emgenho obrigados com os Officiaes da Camera. Valerio Rebello escrivão della q' o escrevy. (*Seguem-se as assignaturas.*)

Aos sinco dias do mez de Julho do anno presente de seiscentos e noventa e dous annos nesta cidade de S. Luis e em a caza da Camr.a della sendo prezentes o Juiz, Vereadores e Procurador do Conselho comigo Escrivão da Camr.a ahi pareceu prezente Marcos de Boa-Vida morador nesta Cidade pelo qual foi dito q' a elle se lhe tinha repartido por este Senado seis pesas, das quaes duas moribundas que lhe foram repartidas condissionalm.e, vivendo as pagaria, e morrendo alguas das sobred.as não seria elle obrigado a pagallas: como tambem q' as quatro q' se lhe derão por não estar liquidado seu cativeiro, as levou com condissão de q' sahindo por escravas as pagaria na

forma costumada, e sendo as d.as pesas julgadas por condissão se lhe darião pª q' elle d.as tivesse na mesma forma, e com a mesma condissão estando por tudo o que sobre ellas fosse julgado e sentenciado pella junta da Repartisão, as quaes pesas lhe forão dadas na forma da ordem de S. Magd.e para fazer lavouras de asucar com partido no engenho de Diogo Fróiz de Brito pello respt.o do bem commum desta Capitania, q' he o intento serto de S. Magd.e e se obriga a fazer trinta tarefas de cana no d.o engenho por espasso de dez annos, conforme a escritura de sua obrigasão que apresentou pª se goardar no archivo da Camr.a e outrosim q' acabado o dito tempo de sua obrigasão não poderá largar a d.a fabrica de canas salvo a outra pesoa que queira continuar a mesma lavoura e tambem o não poderá fazer sem licensa desta Camr.a onde pr.o mostrára as cauzas de impedimt.o que o movem pª largar a d.a fabrica, e fazendo o contr.o lhe serão logo tirados os d.os Escravos pagandoselhe pelos mesmos pressos porq' lhe forão dadas para as darem a outra qualquer pesoa q' queira tratar da d.a lavoura com tanto q' os off.es da Camr.a presentes e vindouros serão obrigados a hir-lhe concorrendo nas ocazioís da vendas dos taes escravos conforme a contidade q' delles vierem e tambem conforme a satisfasão que o d.o Marcos de Boa-Vida der a sua obrigasão de cana e necessidade q' tiver; e nesta forma os d.es off.es da Camr.a com o dito Marcos de Boa-Vida se obrigarão a estar pello que em algum tempo S. Magd.e ordenar sobre este particular, diminuindo ou alterando as suas ordens, declarando q' por hora pagara o sobred.o Lavrador ao thezoureiro dos resgates o que constar dever de dr.o e resgates e gastos rateados, e de como asim o diserão forão contentes e mandarão que se fizesse este termo em q' asinarão o d.o lavrador obrigado com os off.es da Camr.a E eu Diogo Campello de Andr.a Escrivão da Camr.a o escrevy. (*Seguem-se as assignaturas.*)

—Além dos termos que transcrevemos, outros muitos se encontram nos livros da camara; mas a substancia delles pouco varia, e por estes se podem avaliar todos os mais.

Quanto ao preço de cada escravo indio, ou de cada *peça*, já vimos como Vieira affirmou ser de mil e cem até quatro mil reis na maior carestia do ferro, e o como os moradores se queixavam de os comprar por até setenta mil reis. Porém em uma conta da repartição de 55 indios que vem em um dos ditos livros, datada em 9 de julho de 1727, achamos que cada peça sahia por 27:548 reis, sendo tres mil reis de direitos que se pagavam a elrei por cabeça, e 24:548 de gastos rateados, accrescendo aos vivos os que correspondiam á compra e transporte dos que morriam em viagem. O imposto de capitação variava a principio segundo a idade e o prestimo dos escravos; mas afinal mandou el-rei que pagassem todos indistinctamente tres mil reis, e assim se entrou a cobrar desde o anno de 1692. Nos gastos entravam tres mil reis chamados de *gastos das missões*.

G

Veja-se para mais esclarecimentos a nota—G—no fim do volume..... pag. 532, *nota*.

Sahiu na nota á pagina 532 a dacta do fallecimento de Odorico Mendes errada. Succedeu esse triste e doloroso acontecimento no dia 17 e não 18 d'agosto, como alli se lê.

Sôbre sua morte apenas referiremos por brevidade de espaço a carta que nos dirigiu o seu melhor amigo, o poeta Gonçalves Dias, e a descripção que o snr. A. R. Saraiva, litterato portuguez, fez imprimir na *Nação*, jornal que se publica em Lisbôa.

Eis a carta do poeta:

«Amigo Antonio Henriques.—O Brazil acaba de soffrer uma

perda irreparavel. Odorico falleceu em Londres a 17 do corrente.

«Ha meia duzia de dias haviamos ajustado partir ambos a 25 para Lisbôa, e d'ali para o Maranhão. Voltar para o Maranhão era o seu desejo mais fundo: já elle tinha arranjado a sua casa, o seu modo de vida—o seu commodo para morrer!

«Quiz porém ver Londres antes de dizer o último adeus á Europa, e ali ficou sepultado.

«Não te posso dizer quanto sinto essa morte: Odorico mesmo nunca soube quanto eu o estimava.

«Fico aqui. Estou a espera de minha boa comadre, D. Melitina, que hade estar, e com rasão, inconsolavel com a morte do irmão. Eram tão unidas aquellas duas almas, que eu desconfio não hão de estar por muito tempo separadas—ainda mal.

«Eu tencionava partir d'aqui no dia 25 para Lisbôa, e de lá tomar um navio de vela para o Maranhão, porque me está parecendo que uma larga viagem me faria bem. Agora não sei o que farei.

«Em todo o caso—vou ver se salvo os manuscriptos do Odorico. De qualquer modo que seja, lá os havemos de imprimir.

«Esta maldita noticia me faz a cabeça tonta, de modo que mal sei o que escrevo.

Do teu do C.

«GONÇALVES DIAS.»

Paris—23 d'agosto de 1864.

Agora a descripção publicada na *Nação*:

Londres, 23 de janeiro de 1865.

«Vejo na correspondencia do Rio de Janeiro, ultimamente publicada pela *Nação*, commemorada a perda que teve o Maranhão, de tres de seus illustres filhos, sendo um delles o meu amigo, já do tempo de Coimbra, Manuel Odorico Mendes, homem de não vulgar merecimento, e a quem a litteratura portugueza da America,—irmã, ou antes filha da nossa litteratura patria,—deve mui valiosos serviços. Parece-me pois não deixarão de

ler-se com seu interesse os seguintes particulares das ultimas tres ou quatro semanas da sua vida, e alguns outros que lhe tocam.

«Escreveu-me de Paris, onde tinha vindo residir ha 16 annos (e onde se deu a serios e assiduos estudos e trabalhos de litteratura classica) dizendo-me nos fins de julho proximo passado, que antes de voltar ao seu paiz natal, para onde tencionava partir sem demora, desejava visitar Londres; e, sendo possivel, alojar-se, pelos 15 dias que estaria aqui, na mesma casa onde eu moro, appetecendo que eu podesse em parte servir-lhe de lingua e direcção (entendendo elle a lingua ingleza escripta, mas não fallava). Respondi-lhe affirmativamente, e com effeito aqui chegou em 7 de agosto, acompanhado de sua irmã, que ha muitos annos estava sempre com elle. Abracei-o com o prazer com que se abraça um amigo socio da mocidade ao encontra-lo na idade madura: recordámos coisas e pessoas da sociedade dos *Amigos das Lettras*, de que ambos fomos socios em Coimbra nos annos de 1822 e 1823, e outros factos e circumstancias do mesmo tempo, cujas lembranças tinha ainda muito mais frescas e exactas do que eu. Conversamos sobre a sua boa traducção de todo o Virgilio, a que deu o titulo de *Virgilio Brasileiro*; e por signal que, com franqueza e docilidade characteristica, elle mesmo accusou e admittiu a rasão, com que eu amigavelmente lhe criticara duas passagens na traducção das Bucolicas. Deu-me conta da viagem que fizera ultimamente á Italia, em rasão principalmente do culto quasi religioso, que consagrava ao cantor de Æneas, cujo tumulo fôra visitar em Pausilippo, com veneração e parcialidade não menores que as de Silio Italico. Referiu-me como fôra presenciar em Petola (a antiga Andes, a aldêa perto de Mantua, onde nascera Virgilio) os mesmissimos logares, o mesmissimo aspecto do paiz, em que se inspirava o genio campestre do grande poeta latino. Fallou-me de Roma, de Florença, de Napoles, de Leorne, de Pisa: tendo residido principalmente nesta ultima socegada cidade, por sua facilidade

para estudos, e por sua posição central, havendo feito della sua residencia principal na Italia, e dalli fazendo excursões a outros logares de interesse. Facilmente se comprehenderá como a conversação de homem tão classico sobre coisas de taes logares não podia deixar de possuir consideravel interesse.

«Com justo sentimento de merecido triumpho, me disse ter concluido e aperfeiçoado, prompto para impressão o manuscripto da sua traducção de Homero—a que dava o titulo de *Homero Brasileiro*—e que ia fazer imprimir e publicar assim que regressasse ao Brazil; tendo a assembléa provincial do Maranhão, justamente reconhecida e obsequiosa ao merito de seu compatriota, votado, e elle recebido uma somma sufficiente, para a impressão da obra.

«Durante sua estada aqui visitou os objectos mais notaveis da cidade, e não com o frivolo e superficial espirito com que a maior parte dos visitadores hoje de Paris e Londres, etc., correm á pressa do hotel para o palacio de Crystal, ao jardim dos bichos, deste para as casas do parlamento, e abbadia de Westminster, dali para o tunnel, á noite para as figuras de cêra, ou alguma *salla dançante*, e na manhã seguinte para o caminho de ferro e barco para Paris.

«Odorico quiz observar primeiro o aspecto geral da cidade, em suas principaes feições, tomando uma carruagem descorberta, e pedindo-me dirigisse eu a excursão: o que fiz, segundo seus expressados desejos; guiando-o ás mais bellas e notaveis partes da capital; ruas, praças, terraços, parques, pontes, etc. entrando mesmo, bem que de corrida, em alguns edificios, como na bella e grande cathedral catholica de S. Jorge, e no Museu das Artes Kensington. Viu depois em detalhe as coisas mais interessantes, comigo, quando podia acompanha-lo, ou com outros guias.

«Tinha finalmente determinado, com a precisão que punha em todas as suas coisas, partir de novo para Franca no dia 19 de agosto, e a isso se preparara. Foi convidado a jantar, em *Nor-*

wood, perto do palacio de Crystal, no dia 17, por sir Alexandre Reid, seu amigo e muito conhecido já do Brasil, que tambem me fez o favor de convidar-me ao mesmo tempo. Fomos, com effeito, Odorico, sua irmã e eu ás horas competentes: alli passamos agradavelmente a melhor parte do dia, estando Odorico no mais alegre humor e disposição apparente, durante o jantar e todo o mais tempo. Pelas 7 da tarde (ainda claro dia) partimos, para voltar á cidade, pela ferrovia de Croydon que tinha uma estação alli perto. Teriamos andado um terço da distancia (que toda ella não chegaria a duzentos passos) quando Odorico, que ia um pouco adiante com sir A. Reid, seguindo logo eu e a irmã, de repente começou a gemer e queixar-se, dolorosamente, de suffocação e dôr no peito, podendo apenas ter-se de pé. Démos-lhe os braços eu e sir A. Reid, e o fomos ajudando a chegar lentamente ao fundo de uma escada por onde alli se sóbe ao plano da estação: parou um instante ao fundo da mesma escada, emquanto se lhe offerecia descanço, ou voltar á casa de sir A. Reid: mas, depois de curta hesitação, animou-se a subir a escada com certa precipitação, sustentando-lhe nós os braços. Ao chegar ao cimo mal podia ter-se, e se encostou por um pouco, gemendo, a grade de páu que guarnece o caminho até á estação, que está dez ou doze passos adiante. Ahi se assentou, esperando o trem, sempre soffrendo e gemendo; mas como outra vez lhe tinha já succedido nos mesmissimos logares accidente e soffrimentos semelhantes, que logo depois passaram, julgámos e julgou elle tambem que assim agora succederia, e que, entrado na carruagem agasalhada, voltaria como da outra vez á casa sem maior inconveniente. Nisto chegou o trem, e bem que o nosso amigo se achasse muito soffrendo, e lhe propuzessemos de descançar mais, e esperar outro trem que mui breve passaria, insistiu em partir sem detença; levantou-se e entrou na primeira carruagem que se achava na frente, e que era da terceira classe; não attendendo ao dizermos-lhe, que os nossos bilhetes de retorno eram de classe melhor, e respondendo «não

importa», porque o soffrimento o apertava muito. Moveu-se o trem, e como aquella classe não tinha vidros nas portinholas, era mui forte e incommodo para um doente assim a corrente do ar frio que o rapido movimento do trem produzia. Aproveitei, pois, a primeira paragem, que era coisa de dous ou tres minutos depois, para chamar um dos guardas, e transferir-nos a uma carroagem de primeira classe, mui commoda e abrigada. Nesta continuamos a jornada por coisa de um quarto de hora mais, até á estação final—que bem *final* foi para o meu pobre amigo, o qual foi até alli sempre soffrendo, expectorando, e gemendo. Perguntando-lhe sua irmã, já perto do termo da jornada, se lhe doia o peito? respondeu, com certa impaciencia—*Doe-me tudo*—e foram as últimas palavras que neste mundo proferiu.

«Dous minutos depois, e passadas as oito da noite, parou o trem na estação de Londres, e D. Melitina (a irmã) me disse anciosa—«Veja se chama um dos guardas, que nos ajude a levar «meu irmão a uma sala quente, a ver se lhe passa este mal.»—Saltei da carruagem; chamei o primeiro guarda que appareceu, voltei a entrar, tudo em menos de um minuto, e achei Odorico morto, bem que encostado, como se dormisse, ao canto da carruagem! Não sabendo porém ainda se com effeito era morto, tomei-lhe o pulso, e achei que todo o movimento do sangue tinha cessado. A irmã que estava de pé na maior ância me disse com hesitação—«Estará morto?»—Ao que respondi:—«Infelizmente creio que sim.»

«Prompto chegou medico ou cirurgião, que os empregados da *Ferrovia* mandaram á pressa vir; entrou na carruagem, tomou o pulso a Odorico, e sem dizer uma palavra desatou-lhe o lenço de seda preta do pescoço, e lhe atou com elle o queixo, pondo-se tambem a fechar-lhe os olhos. Esta linguagem de acção do facultativo era assás expressiva; e a pobre D. Melitina a entendeu bem, ficando como fóra de si, não querendo consentir que o cadaver se removesse da carruagem, e entregando-se pelo momento áquella intensa dôr em que não tem poder a rasão.

«Os empregados da estação foram o mais attenciosos, e pacientes que se póde imaginar: eu persuadi, e representei o melhor que pude; e finalmente, depois de consideravel demora, tirou-se o corpo do vehiculo, e transferindo-se a uma especie de leito portatil, levou-se a um logar proprio, onde a policia tinha de se encarregar do cadaver até se fazer o exame (*inquest*); depositando-se no emtanto na *casa dos mortos* da parochia.

«Aqui foi a grande difficuldade; pois os homens não podiam deixar sahir o cadaver senão levado pela policia; e D. Melitina não queria, no excesso de sua dôr, separar-se de modo algum do corpo de seu irmão.

«Passaram boas duas horas antes que afinal a rasão recobrasse na triste senhora o seu imperio. Fui no emtanto communicar da sua parte a Paris e a Narwood a triste noticia pelo telegrapho; e finalmente, perto das onze da noite, consentiu em deixar a estação, quiz ir levar a funesta nova ao digno secretario aqui da missão do Brazil, o cavalheiro Aguiar de Andrade, chegando a casa delle bem depois das onze. Elle e sua amavel esposa, convidaram, com a maior sympathia e bondade a D. Melitina a ficar com elles ao menos aquella noite, antes que voltar para uma casa ingleza, donde pela manhã tinha sahido alegre com seu irmão. Assim se fez, e eu voltei á minha casa, passada meia noite, como se póde suppor, depois desta singular partida de prazer e de luto!

«No dia seguinte (18 de agosto) fui indagar onde estava o corpo; e tive difficuldade em descobrir o sitio, d'aqui mais de uma legua e meia, n'um logar e becco o mais escuso e retirado, onde, junto de um cemiterio, estava a *casa dos mortos* d'aquella remota freguezia. A 19 fomos, eu e D. Militina, assistir ao inquerito diante do magistrado competente (o *Coroner*) e seu jury, e depôr, como testemunhas presenciaes, das circumstancias da morte. Estavam presentes igualmente os officiaes da *Ferrovia* que tinham removido o cadaver, e tambem o doutor que lhe atára o queixo.

«Do que eu disse, e do que disse o mesmo doutor, concluiu-se, que fôra morte natural, por molestia asmatica do coração.

«Quiz D. Melitina ir ver o corpo de seu irmão á *casa dos mortos*, que ficava a consideravel distancia do logar do inquerito; e alli com toda a cortezia nos conduziu o competente empregado da parochia. Era este depósito dos mortos uma pequena casinha terrea, de telha van, junto ao cemiterio, com uma pequena porta velha. Dentro toda a mobilia era um caixão de páu sobre uma mesa ou bancos de má-morte, e, se bem me lembro, um banquinho ou cadeira sôbre que estava, mui bem dobrado, o fato exterior de Odorico. No caixão, sem tampa, estava em roupa branca o corpo, tão placido o rosto, e sem mudança que mais parecia dormindo que morto. Este espectaculo renovou naturalmente a dôr de D. Melitina, que alli se deteve ajoelhada junto ao caixão por algum tempo meditando; emquanto eu rapidamente comparava no meu espirito, o Odorico de Coimbra, de Lisbôa, de posições importantes e influentes na sua terra, nas camaras do Brazil; o litterato de Paris, de Italia, o de ante-hontem de manhã, ao jantar, á tarde, com aquella massa inanimada e inerte, que ia logo apodrecer e dissolver-se, para não tornar a apparecer até ao dia de juiso? *Sic transit*, eu dizia!

«Nesse mesmo dia fizemos vir o cadaver para a competente casa funeraria de um dos principaes armadores, que se encarregou do funeral; e no dia immediato, 20, fomos fazer o entêrro ao cemiterio catholico de *Kensal Green*; acompanhando e officiando o excellente e reverendo padre *Tourget*, da capella franceza, fazendo a missão do Brazil as despezas do funeral.

«O dr. *Cros*, genro de Odorico, e habil medico em Paris, donde chegou na manhã do mesmo dia 20, assistiu com D. Melitina, com o cavalheiro Aguiar d'Andrade, e comigo, ao entêrro de seu sogro, n'um dos melhores logares do cemiterio sobredito.

«Tanto D. Melitina como o dr. Cros, pediram-me muito se

pozesse alguma inscripção e memória sôbre a sepultura de Odorico; e a missão do Brazil generosamente se prestou a pagar a despeza.

«Fiz, pois, que se pozessem á cabeceira e aos pés do jazigo lapidas tumularias, com esta inscripção, em que me pareceu satisfazer aos desejos dos parentes do illustre defunto:—

MANUEL ODORICO MENDES
NASCEU EM
S. LUIZ DO MARANHÃO,
A
24 DE JANEIRO DE 1799.
MORREU EM LONDRES
A
17 DE AGOSTO DE 1864.

SOB OS TITULOS DE
VIRGILIO BRASILEIRO
E
HOMERO BRASILEIRO
TRADUSIU EM VERSO PORTUGUEZ
OS DOUS GRANDES POETAS.

«Dizem-me ser muito provavel que os seus compatriotas mandem trasladar para o Maranhão os ossos de Manuel Odorico Mendes; e tambem me affirmam, que S. M. o Imperador do Brazil vai mandar imprimir á sua custa a traducção de Homero que o mesmo Odorico acabava de concluir e aperfeiçoar.

«Creio que a *Nação* dará gôsto aos nossos amigos brazileiros, publicando estes authenticos particulares ácerca de um homem que ao Brazil faz honra.

A. R. Saraiva.»

(Da *Nação*.)

APPENDICE.

CURSO DE LITTERATURA.

LICÇÃO OCTOGESIMA NONA.*

No decurso de minhas prelecções de litteratura, tenho, senhores, chegado ao periodo, em que devo analysar os escriptos do nosso illustre comprovinciano, João Francisco Lisboa, uma das mais vastas intelligencias que conheci, e a cujo desenvolvimento, para bem dizer, assisti, quando lhe dei licções de Latim.

Antes porém de emprehender esta analyse, pede a justiça que emitta um juizo circumstanciado e critico sobre o magnifico trabalho biographico, com que foi enriquecida a edição das obras do auctor que actualmente se está fazendo na provincia sob a direcção dos Srs. Dr. Antonio Henriques Leal e Luiz Carlos Pereira de Castro, amigos do mesmo, e encarregados por sua viuva de rever-lhe os escriptos, tanto impressos, como por imprimir.

Passo pois a fazel-o neste discurso.

O trabalho a que me refiro, é da penna do primeiro dos dois Srs. nomeados, e tão completo e bem escripto, sob o modesto titulo de NOTICIA ACERCA DA VIDA E OBRAS DE JOÃO FRANCISCO LISBOA, que nada deicha a desejar ainda ao mais exigente, e cau-

* Sem que o esperassemos, remetteu-nos o sr. Francisco Sotero dos Reis estas duas licções ineditas do seu «Curso de Litteratura» para que as publicassemos como appendice ao último volume das «Obras de J. F. Lisboa». Agradecendo do fundo d'alma a extrema bondade e lisongeiras expressões que neste trabalho prodigalisa a um dos edictores, ha de permittir que este as attribua só a animação e benevolencia do antigo mestre ao discipulo que não tem de todo desaproveitado suas sans e uteis doutrinas. Conservamos neste escripto a orthographia do sr. Sotero, que se aparta da nossa e da de J. F. Lisboa.

(Dos EEdd.)

sa summo prazer a todos os que conhecêrão de perto o auctor, porque descrevendo-o desde o berço até ao tumulo, nada omitte da sua vida particular, que possa interessar o leitor, e põe no mais esplendido relêvo tudo o que se refere á sua vida de cidadão, de jornalista, de advogado e escriptor de vulto, quer como critico, quer como publicista, quer como historiador, apreciando pela maneira a mais justa seu patriotismo, sua nobreza de caracter e merito litterario Comprehende este trabalho 196 paginas das 203 que, com numeros romanos, precedem o primeiro volume das obras do auctor, e constitue um livro de tamanho regular: é portanto um livro que tenho de apreciar.

O Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, comprovinciano igualmente nosso, e litterato distincto, ja era conhecido entre nós pelos diversos jornaes politicos ou não, que tem redigido com habilidade e criterio insignes, mas esta soberba estréa que fez de seu talento como auctor, o torna impreterivelmente conhecido não só dentro, como fóra do paiz, por que trabalho tão bem desempenhado não póde deichar de adquirir-lhe nome onde quer que se falle a lingua portugueza. E é de notar que não presta elle unicamente serviço ás lettras patrias com o seu incontestavel talento de escriptor, mas tambem colleccionando e revendo os escriptos de nossas principaes celebridades litterarias, que o honrárão com sua amizade, como Gonçalves Dias e Lisboa: muitos dos quaes se terião irremissivelmente perdido sem a sua diligencia e zelo em procural-os, e coordenal-os.

Não sou para comparar-me com taes escriptores, mas de mim confesso, que lhe devo o obsequio de muitos esclarecimentos e livros no desempenho deste meu curso de litteratura, que ficaria incompleto, principalmente no que respeita aos auctores sobreditos, se não fosse o seu auxilio em prestar-me não só os manuscriptos dos mesmos, como ainda copiosas noticias sobre sua vida. Assim duplo é a nossos olhos o merito litterario do Sr. Dr. Leal, ja como auctor, ja como infatigavel prescrutador de preciosos escriptos de outros.

Voltando porém ao seu trabalho biographico, direi que é uma obra com todas as dimensões de historia politica e litteraria, uma completa apreciação philosophica e critica, digna em tudo do talento que descreve, e do talento que a emprehendeo. A forma elegante que lhe soube dar seu auctor, em nada desdiz do merito de invenção com que é tratado o assumpto, como se vê logo deste começo:—

«Nascem muitas vezes os engenhos privilegiados como a Pallas da fabula, ja revestidos com todas as peças da armadura. Para essas intelligencias sobre quem Deus bafejou o sôpro do genio não ha disciplinas escholares, nem tempo, não são precisos estudos regulares nem esclarecidos para que se formem, desenvolvão e robusteção: dispensão não raro as doutas academias e volumosas bibliothecas, e o trato e a convivencia dos sabios; e longe dos grandes focos de luz e civilisação, adstrictos por necessidade ao acanhado torrão, onde lhes foi o berço, ahi, na solidão do gabinete, bastão-lhes os esforços do raciocinio, allumiados pelas penosas locubrações que lhes fornecem os fracos meios de que dispõem, para refulgirem com a corôa resplendente, e a magestade de reis do pensamento, e como taes serem applaudidos e admirados.»

A analyse deste interessante escripto, que nada tem que invejar ás melhores biographias modernas, muitas das quaes ao contrario lhe são de certo inferiores em ajustada apreciação ou critica, ou philosophica, ou litteraria, ha de ser necessariamente dupla; a primeira com que me vou occupar hoje, versará unicamente sobre o merito intrinseco do escripto, como é de razão; a segunda consistirá no resumo do mesmo para servir-me de noticia biographica, quando tiver de apreciar a João Francisco Lisboa, pois seria em mim extrema vaidade, tendo á mão trabalho tão bem feito, emprehender outro inferior sob novas bases.

Passarei agora a ler-vos algumas passagens notaveis da biographia, para que por vós mesmos formeis idea do merito de

seu auctor, e vejais que não exagero, quando vos affirmo que é subido.

O seguinte trecho da primeira passagem que reproduzo, é digno da penna de um Tacito ou de um Salustio:—

.....

«A vindicta particular, semelhante de todo o ponto á *vendetta corsega*, com seus assaltos, combates, incendios e exterminio de familias inteiras, fulgurava em todo o seu esplendor sinistro nos sertões de mais de uma provincia, temerosos pelos potentados que n'elles se celebrisarão por crimes, originados de offensas particulares ou paixões politicas.»

«Agora que impérão em toda sua fôrça de acção o regimen constitucional e as leis, e vai o Brazil medrando em prosperidade e civilisação, posso dizel-o sem córar—que muitos desses criminosos erão protegidos pelas auctoridades, senão revestidos d'ellas! No Maranhão, como em todo o resto do imperio, apontavão-se alguns, vivendo em verdadeiras praças d'armas, rodeados de não menos ferozes e brutaes mandatarios, conhecidos com o nome popular de *capangas*, promptos a obedecer, ousados e petulantes na aggressão, como os *bravi*, e como elles covardes na defeza ou sob o poder da justiça, que quasi nunca então acercava-se de seus covis, defendidos, como já o disse, pelas florestas e distancias, que os separavão dos povoados. Entre esses potentados um havia que sobresahindo aos mais em crimes, não andava, comtudo, erradio e embrenhado, vivia antes na populosa e commercial cidade de Caxias, harrorisando e maculando o berço do mavioso poeta dos *Cantos* e dos *Tymbiras*, estimado e protegido por um dos partidos politicos que o havia erigido alli em chefe. Sua hedionda passagem sobre a terra foi marcada por um longo rastro de sangue, que enche ainda de pavor os caxienses, tornando-lhe o nome, que escuso aqui lembrar, conhecido por toda a parte e celebrado nas rudes toadas dos remeiros que navegão o Itapecurú.»

«Quando Feijó no seu patriotismo, que teve só igual nos

tempos do heroismo da antiga Roma, entendeo que devia resignar o poder nas mãos dos adversarios, veio com a mudança de politica no imperio o dominio dos conservadores ou partido do regresso, como era então chamado, correspondendo-lhe n'esta provincia os *cabanos*. Pelo numero e successivos triumphos eleitoraes campeava em Caxias o partido liberal, tendo na direcção suprema, entre outros caracteres honestos, Raimundo Teixeira Mendes, que gosava á justo titulo de preponderancia e popularidade. Aos primeiros sopros da reacção concertou com os seus sequazes aquelle façanhudo potentado, a quem talvez o ôdre de Thomyris não bastasse para saciar a sêde de sangue, desfazer-se d'este e de outros populares e poderosos adversarios, para mais desafogada e facilmente poder firmar seu dominio de terror na comarca.»

«Depois de ter ao cahir da noite de 25 de novembro de 1837, alvoroçado e alegre, discreteado em uma casa de bilhar com os amigos as boas novas que recebêra da capital, voltava o infeliz Teixeira Mendes para casa, inerme e acompanhado apenas por um joven, quando ao passar pelo largo da Matriz, foi ás 9 horas e meia accommettido por dois assassinos, que o matárão após desesperada e corajosa lucta.»

A passagem a que pertence o trecho reproduzido, é um quadro historico mui bem acabado da triste época em que foi assassinado o infeliz Teixeira Mendes, quando a justiça pública não tinha fôrça para reprimir o crime, e a politica servia não poucas vezes de salva-guarda á impunidade. As causas que concorrião para um tal estado de cousas, ahi são profundamente discutidas, e assignaladas com a maior lucidez e criterio, sem nada escapar á habil penna do escriptor, que possa pôl-as em relêvo. A descripção do assassinato d'aquelle cidadão, digno de melhor fim, é traçada com o mais vigoroso e animado pincel, sem que a verdade historica seja em cousa alguma prejudicada. O principal assassino é pintado com côres taes, que sem que se profira seu nome, se torna logo conhecido para quem tem no-

ticia das cousas de Caxias n'aquelle desgraçado tempo:—«Sua hedionda passagem sobre a terra foi marcada por um longo rastro de sangue, que enche ainda de pavor os caxienses;» e mais abaixo, «aquelle façanhudo potentado, a quem talvez o ôdre de Thomyris não bastasse para saciar a sêde de sangue.» As imagens e figuras empregadas são as mais vivas e apropriadas, pois nada se podia dizer de mais de um homem que havia feito derramar tanto sangue e era por seus crimes o terror de uma comarca inteira.

O último paragrapho que começa, «Depois de ter ao cahir da noite,» é um modelo de narração precisa e ao mesmo tempo animada pelo contraste de espirito que offerece a victima com o seu lamentavel fim, *discreteando pouco antes com os amigos, alvoroçado e alegre, as bôas novas que recebêra da capital.*

Nada em uma palavra falta á perfeição deste lugubre quadro, que se prende naturalmente á biographia pela parte activa que tomou na reprovação do delicto, e accusação do assassino o redactor da *Chronica*, cu João Francisco Lisboa.

Assim é que os homens de talento sabem ligar a historia do paiz aos grandes caracteres que descrevem, e nella figurarão por qualquer maneira: porque neste caso o interesse torna-se duplo para o leitor. A circumstancia de ser João Francisco Lisboa chefe de um partido e redigir uma folha em sentido liberal, servio de élo de cadéa a seu habilissimo biographo para reproduzir em quadro fiel e resumido a historia politica de então. Um escriptor menos amestrado ter-se-hia limitado a narrar a parte activa que o redactor da *Chronica* tomou na reprovação do assassinato e accusação do assassino, sem descrever o estado do paiz naquella época, e daria a seu quadro um interesse puramente individual, ao passo que o Sr. Dr. Leal soube pela ligação sobredita dar ao seu um interesse todo collectivo, sem todavia deixar de pôr em relêvo o grandioso vulto que pinta.

Só reproduzirei da segunda passagem em que se descreve a

nobreza de caracter de João Francisco Lisboa, o trecho seguinte por que começa:—

«São commumente os escriptos espelho polido, que reflecte as paixões, os sentimentos intimos e as virtudes de quem os concebe. Essa verdade resumida já por Buffon na mais eloquente e concisa phrase, confirma-a vantajosamente João Francisco Lisboa. Percorrei-lhe os jornaes, folheae-lhe os livros, attentae em seus discursos, lêde as cartas que escreveo com a franca singeleza da amisade, que nelles achareis patente e sem refolho a alma generosa e de forte témpera d'este escriptor brazileiro. Vêde-me aquelle ardor e enthusiasmo com que desde os annos juvenis se dedicou com a mais completa dedicação e desambiciosamente á causa politica que abraçára e que lhe resumia a patria—a patria que foi o culto por toda a vida das suas adorações mais puras, o estimulo de suas mais sérias locubrações, o espirito que o excitára nos verdores das creñças e erperanças, como o alentava ainda nos aborrhidos e' ultimos dias da existencia. E os sacrificios da fazenda, da saude e da vida mesmo que não deixou de estar exposta ao ferro dos sicarios nos tempos mais atribulados e tempestuosos das lutas politicas, como os elle acceitou com varonil intrepidez, e mais ainda do que os sacrificios, a ingratidão com que lh'os pagárão os proprios correligionarios no dia do triumpho! Vêde-me tambem aquella nobre e rara acção de resignar o cargo, embora o acobertasse da miseria, só porque a delicadeza do sentimento e o dever lhe impunhão não continuasse a exercel-o. Não menos para admirar é o desinteresse, o denôdo, e'a isenção com que sempre fallou da tribuna, estimando mais quebrar relações, e alienar sympathias, do que cortejar vicios e preconceitos com remordimentos da consciencia, e esquecimento do seu mandato; e que gladiador houve'hi mais ardido e experimentado nas lutas temerosas e travadas do jornalismo, quando acinte e sem descanso o asseteavão com repetidos e alentados golpes adversarios, nem todos generosos, e muitos ferozes e audacissimos?

Vêde-me o advogado conscienciosо que nunca mercadejou os dotes com que Deus fôra tão prodigo para com elle, e que bem de vezes erguêo a voz eloquente em prol do infortunio perseguido, que só tinha para remunerar-o do trabalho as lagrimas da gratidão. Mas para que ir mais longe quando nestes quatro volumes de suas obras podeis de animo fôrro apreciar por vós o historiador imparcial, o philosopho de vistas largas e profundas, o publicista de subidos quilates, o moralista severo, que para ahi derramou de grado e com franqueza os seus pensamentos e idéas, elevando-se no conceito de cidadão e escriptor que tinha por pharol—a patria, por divisa—a verdade, por fim—moralisar seus conterraneos, instruindo-os e admoestando-os como licção, e apregoando e exalçando as grandes virtudes e altos feitos como exemplo a seguir. É bello ver como implacavel e irritado fulmina o crime com os raios do seu estylo, e esmaga o vicio com o sarcasmo eloquente da indignação, que exacerba as iras e provóca as censuras do homem honesto.»

Toda a passagem a que pertence este trecho é eloquentissima e escripta no estylo o mais nobre, elegante e animado. O biographo, descrevendo o grande typo moral de João Francisco Lisboa, como escriptor, como cidadão e como homem particular, não descura os affectos que tanto realce dão ao magnifico e bellissimo quadro, que traçou, communicando-lhe movimento e vida. Vê-se que falla *ex abundancia cordis*, e compenetrado do que diz, não só porque as expressões lhe acodem naturalmente ao bico da penna, sem o menor esforço, mas até porque, commovido, nos commove tambem. O original que se adornava de tantas virtudes, era em verdade bello e admiravel: assim o transumpto que nol-o reproduzio com côres tão apropriadas e fieis, sahio tambem bello e admiravel. Tudo quanto o biographo disse anteriormente do seu auctor se acha compendiado nesta pintura, e com habilidade tal, que nada deicha a desejar; porque conceito elevado, pathetico, deduzido do assumpto, e viveza de imagens e colorido, tudo nella brilha e sem a menor affectação

que a deslustre. Resumirei todo o elogio que merece esta soberba passagem, dizendo que João Francisco Lisbôa encontrou no Sr. Dr. Antonio Henriques Leal um escriptor digno de descrevel-o.

Para dar-vos idea do estylo pittoresco e animado de toda a passagem basta citar-vos as seguintes linhas della:

«É bello ver como implacavel e irritado fulmina o crime com os raios do seu estylo, e esmaga o vicio com o sarcasmo eloquente da indignação, que exacerba as iras e provoca as censuras do homem honesto.»

Escrever por esta fórma não é simplesmente escrever, é pôr-nos os objectos diante dos olhos com todas as suas côres, ou por outra é ser mestre na arte de escrever.

Por esta eminente qualidade de pintar escrevendo é que os bons e felizes engenhos se distinguem da turba dos escriptores sem talento notavel. Por ella brilharão os Souzas, Freires e Vieiras, e levarão incontestavel vantagem a todos os escriptores portuguezes do seu seculo.

Á vista destas duas passagens podeis ajuizar de toda a obra que é geralmente tão bem escripta, como o que fica analyzado. O merito deste escripto por qualquer lado que se encare é tal em minha opinião, que eleva seu auctor, não á cathegoria de simples biographo, mas á de um historiador profundo e eloquente, sobre conhecedor das bellezas de estylo, e dos recursos da lingua. Por elle adquirio certamente o Sr. Dr. Henriques Leal um logar distincto na republica das lettras, estreiando a carreira de auctor por onde outros acabão a sua.

Em outro discurso darei o resumo da biographia de João Francisco Lisbôa para servir de introducção á analyse de suas obras.

LICÇÃO NONAGESIMA.

Tenho, senhores, de apreciar hoje um prosador brazileiro

dos mais distinctos. João Francisco Lisbôa, comprovinciano nosso, insigne na arte de escrever como o podem ser os mais abalisados mestres do fallar sôlto em qualquer lingua, profundo, eloquente, e cabal em todo genero de assumptos que tractou. O auctor que me proponho analysar, meu antigo discipulo de Latim, e conhecido de muitos de vós, é um engenho extraordinario, filho de suas mesmas obras, porque os conhecimentos superiores que brilhão nos seus escriptos, são unicamente devidos a estudo feito no remanso do gabinete, e não a licções que bebesse em academias nacionaes ou estrangeiras, que não cursou.

Os seus escriptos, notaveis na substancia como os do um critico, jurisconsulto, orador, publicista e historiador eminente, não o são menos na elegancia e correcção da fórma, nas quaes leva pela ventura a palma a todos os escriptores brazileiros contemporaneos. Por isso ha muito que aprender n'este auctor em tudo o que se refere ás bellezas da elocução, e á cópia e pureza da linguagem, qualidades, em que prima como qualquer escriptor classico. Antes porém de entrar na analyse das producções de seu engenho, devo dar-vos succinta noticia de sua vida, resumindo, na parte historica, o excellente trabalho biographico que apreciei no meu precedente discurso.

Nascéo João Francisco Lisbôa no logar denominado Pyrapêmas da freguezia de N. S. das Dôres do Itapecurú da provincia do Maranhão, a 22 de Março de 1812, e fallecéo em Lisbôa, a 26 de Abril de 1863, na idade de 51 annos, quando o seu singular talento promettia ainda muito: pois a morte veio surprehendel-o no meio de trabalhos importantes, taes como a composição da história do Maranhão, para a qual havia colligido materiaes.

Foi commendador da Imperial Ordem da Rosa, membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil, e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa.

Era oriundo de uma das principaes familias da provincia,

e filho legitimo do lavrador João Francisco de Mello Lisbôa, e de D. Gertrudes Rita Gonçalves Nina, que ainda vive.

Orphão de pae em mui tenra idade, devêo a sua primeira educação unicamente aos desvelos maternaes. Na idade de 11 annos já sabia tudo o que então se podia aprender nas escholas de primeiras lettras. Depois de haver recebido a instrucção primaria n'esta cidade, para onde viera com sua mãe, voltou com ella a viver no interior, donde aos 15 annos feitos veio outra vez a esta cidade, e entrou em 1827 de caixeiro na casa commercial do negociante Francisco Marques Rodrigues, cuja estima em breve adquirio por sua intelligencia e dedicação ao trabalho.

Não se achando porém com disposição para seguir a vida do commércio, na qual não podia cultivar seu espirito como desejava, sahio da casa do referido negociante em principio de 1829, para dedicar-se inteiramente ao estudo das lettras.

Foi por este tempo que entrou para a aula pública de Latim por mim dirigida, e tive occasião de apreciar, e vêr desenvolver-se o riquissimo engenho, com que o dotára a natureza. Habilitado no conhecimento da lingua latina em pouco mais de dois annos, sabendo já o Francez, e com noções de litteratura devidas á sua muita leitura, vinha para minha casa aos domingos; e ahi, por mero gosto seu, tirava-me a limpo a traducção em verso da *Phedra* de Racine, que então emprehendi por instigação de meu amigo Manoel Odorico Mendes, fazendo-me já observações mui judiciosas sobre algumas passagens d'ella, muitas das quaes eu acceitava, sem que o mestre se envergonhasse de annuir ás correcções propostas pelo discipulo, com quem vivêo na mais perfeita intelligencia, até que a politica os separou, para reunil-os mais tarde, depois de muitas e amargas decepções.

Pouco depois de sahir prompto da aula de Latim, aos 19 annos de idade, impellido pelo ardor juvenil e espirito patriotico que o animava, lançou-se na carreira politica, que attrahia

então todos os moços de talento, e alistou-se nas fileiras do partido exaltado.

Achavão-se então a provincia e o Brazil mui agitados pelas commoções que se succedêrão á revolução de 7 de Abril de 1831, e os liberaes, que havião para ella concorrido, divididos em moderados e exaltados.

Dotado de habilidade summa, e já com sufficiente cabedal de luzes, começou a 23 de Agosto de 1832 a redigir o *Brazileiro*, folha politica hebdomadaria, na qual sustentou as idéas dos exaltados. Tres mezes depois acabou com essa publicação, para continuar a do *Pharol Maranhense*, cujo redactor, José Candido de Moraes e Silva, havia fallecido a 18 de Novembro do mesmo anno. Ao cabo de dois annos de lides jornalisticas, finalisou a publicação d'esta última folha, e retirou-se para a fazenda de seus paes. Tendo voltado para a capital no seguinte anno, e não lhe soffrendo o animo ardente e generoso viver longe da scena politica, começou a 3 de Julho de 1834 a redigir o *Echo do Norte*, folha igualmente politica em sentido liberal, cuja publicação terminou a 22 de Novembro de 1836. Dois annos depois voltou de novo a arêna jornalistica, e começou a 1 de Janeiro de 1838 a redigir a *Chronica Maranhense*, folha politica liberal, cuja publicação terminou a 17 de Dezembro de 1840, desgostoso da vida de escriptor público. Ainda quasi dois annos depois, a 9 de Julho de 1842, entrou para a redacção do *Publicador Maranhense*, ou folha official, na qual se conservou até retirar-se da provincia para o Rio de Janeiro.

No *Echo do Norte*, e com especialidade na *Chronica*, não era João Francisco Lisbôa o joven inexperiente e fogoso que, no *Brazileiro e Pharol*, esposava as idéas dos exaltados; mas o homem amadurecido pela experiencia e formado em todo genero de litteratura no estudo particular de seu gabinete, o politico profundo, o escriptor abalisado, e o adversario mais temivel pela insigne mestria com que manejava a penna, quer em assumptos serios, quer no ridiculo, em que ninguem podia competir com elle.

E' opinião minha que até hoje ainda se não escreveo na provincia outra folha politica tão eloquente, como a *Chronica*; e não poderei avaliar melhor o merito de seu auctor, do que o fiz, quando redigi o *Publicador Maranhense*. Eis a passagem a que me refiro:

«Entre todos esses vultos de talentos superiores que collocamos em logar proprio n'esta especie de galeria jornalistica, o Sr. João Francisco Lisbôa, que á fôrça e lucidez de pensamento reune em subido gráu o vigor, a magestade e o colorido da expressão, incarnando as suas concepções sob as fórmas as mais apropriadas, vestindo-as dos trages os mais adequados, ornando-as com os matizes os mais delicados, imprimindo-lhes os ademanes os mais expressivos, e animando-as para assim dizer côm os traços da sua penna, parece-nos ser o mais preeminente e grandioso vulto, que se apresenta aos olhos do observador.»

Este juizo não deve ser taxado de parcial, porque a politica fez infelizmente o mestre e o discipulo adversarios no jornalismo, sem que todavia deixassem de estimar-se quanto isso podia caber em antagonistas tão pronunciados.

Foi João Francisco Lisboa por diversas vezes membro da assembléa legislativa provincial, em cuja tribuna proferio alguns discursos mui eloquentes, que se perdêrão, porque a assembléa não tinha tachygrapho que tomasse os discursos de seus membros; correndo apenas impresso o que proferio na sessão de 1849, sobre a conveniencia de se sollicitar dos poderes do estado uma amnistia para os revoltosos praieiros de Pernambuco.

Exercêo por tres annos o logar de secretario do governo da provincia, para o qual foi nomeado a 9 de Novembro de 1835 pelo presidente Antonio Pedro da Costa Ferreira, depois senador do imperio e barão do Pindaré, e do qual pedio exoneração no tempo do successor d'este, porque a politica do governo se achava em opposição com os principios que elle professava.

Até 1840 figura este homem extraordinario como jornalista

eloquente, orgão e chefe de um partido; mas, tendo-se por esse tempo retirado da redacção dos jornaes e da scena politica, por hayer sido a sua candidatura de deputado á assembléa geral legislativa rejeitada pelo mesmo partido cuja causa defendêra cõm tanta habilidade e dedicação, dêo-se a novo genero de estudos, e poz banca de advogado, para poder subsistir com sua familia. O seu singular talento, que já vimos brilhar na imprensa e na tribuna parlamentar da provincia, não brilhou menos na tribuna forense; e taes forão os creditos que logo adquirio n'esta nova carreira, que obteve por ella não só decente subsistencia, mas uma modica fortuna.

Assim este prodigioso engenho foi unicamente filho de suas obras, tanto na cultura de espirito, como na acquisição dos bens da fortuna, e posição social. Lisbôa é o genio resplandecendo, e dominando por sua mesma fôrça, e só por ella, sem o auxilio das escholas para formal-o, e sem as recompensas populares, nem officiaes, para animal-o!

Em outro qualquer paiz, em que as lettras fossem mais bem apreciadas, abrir-se-hião as portas do parlamento a um homem tão illustre por seu talento e habilitações, e teria elle chegado aos altos cargos do estado; no Brazil porém, onde a mediocridade occupa ainda muitas vezes o logar de verdadeiro merito, foi apenas aproveitado para commissões puramente scientificas, da mesma fórma que o seu comprovinciano não menos illustre, Antonio Gonçalves Dias, como se não fosse a intelligencia quem devesse governar o mundo!

Foi justamente quando exercia a profissão de advogado que compoz por mero desenfado esses inimitaveis retratos physicos e moraes, ou caricaturas politicas da época, emprehendeo a sua obra de vulto, o *Jornal de Timon*, em 3 volumes grossos, parte da qual foi composta e impressa na provincia, e parte em paiz estrangeiro; pois em 1855 partio do Maranhão para o Rio de Janeiro, onde residio algum tempo empregado na redacção de diversos jornaes, e de lá para Portugal, encarregado de uma com-

missão litteraria e scientifica pelo nosso governo. Foi tambem em Portugal, d'onde fez excursões á Italia e á França, que compoz a Biographia de Manoel Odorico Mendes e a sua Vida, inedita do Padre Antonio Vieira.

O *Jornal de Timon*, que comprehende os mais profundos estudos historicos sobre as cousas do Brazil e com especialidade do Maranhão desde os mais remotos tempos coloniaes, precedidos de uma serie de quadros, em que o auctor sob nomes supostos mette a ridiculo a mesquinha politica dos partidos e presidentes de provincia do seu tempo, acompanhados de estudos historicos igualmentes profundos sobre o systema eleitoral dos antigos Gregos e Romanos, bem como dos povos modernos: é uma obra que tem merecido os maiores elogios aos mais abalisados criticos nacionaes e estrangeiros, e sobre a qual me proponho emittir um juizo analytico em tres discursos consecutivos, versando cada um sobre o melhor de cada volume.

N'este trabalho muito me tenho de soccorrer á soberba biographia que traçou ao auctor o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, mui rica em apreciações de todo o genero.

Foi João Francisco Lisbôa casado com D. Violante Luiza da Cunha, senhôra que descende de uma das mais illustres familias do Maranhão, e com a qual vivêo sempre na mais perfeita harmonia, amando-se extremosamente um ao outro. Não tendo tido filhos desta feliz união, adoptou em tenra idade a D. Maria da Cunha Lisbôa, filha de um amigo e compadre seu, á qual dêo a mais desvelada educação, e que brilha hoje por mui aprimoradas prendas, mostrando-se em tudo digna de tal pae.

Havendo fallecido em 1863 em Lisbôa, forão seus restos mortaes transportados para o Maranhão em 1854 pelos extremosos cuidados de sua viuva que só existe para choral-o, e sepultados na igreja do convento do Carmo d'esta cidade, assistindo ás exequias tudo quanto n'ella havia de mais nobre em cidadãos, auctoridades, corporações, e fazendo-se-lhe as honras funebres que competião a um dos reis do pensamento.

Esta intelligencia tão vasta como prompta, este bello typo moral, que reunia todas as virtudes do homem e do cidadão, este homem verdadeiramente extraordinario e superior, que rivalisava na fecundidade do engenho e dotes do espirito com as primeiras celebridades litterarias do seculo em que vivemos, era sujeito á frequentes ataques de hypocondria, que o fazião passar por misanthropo, e até por orgulhoso para alguns que o não conhecião de perto, ou com quem não costumava expandir-se em sentimentos affectuosos e amena conversação. A natureza humana, ainda nas entidades as mais illustres, nunca é isenta de fraquezas que attestem a sua origem terrena.

Concluirei esta succinta noticia biographica sobre homem de tão subido merito, reproduzindo o retrato physionomico, que delle traçou com bem aparada penna o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal.

Eil-o:—

«Trazia na physionomia estampada a rigidez de seus principios e a austeridade de seus costumes. A vasta abobada cerebral, terminada por uma fronte altiva e cortada de sulcos denunciadores do precoce meditar, era terrestre involucro d'essa intelligencia tão magnifica, quanto bem aquinhoada e illuminada pelas linguas de fogo do genio. Seus olhos brilhantes e penetrantes faiscavão-lhe as sublimes ideas, antes que os labios as traduzissem em sons, ou a penna em caracteres. Para completar este esboço physico, resumindo, direi apenas que era Lisbôa grosso de corpo, cabellos negros e corredios, tez morena, barba espessa, rosto cheio e redondo, olhos pardos, senão grandes, vivos; labios espessos e rasgados, hombros largos, e estatura um pouco abaixo da meã.»

No seguinte discurso occupar-me-hei com o primeiro volume do *Jornal de Timon*.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS.

(CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA. *Volume III* —inedito.)

INDICE

DO

QUARTO E ULTIMO VOLUME.

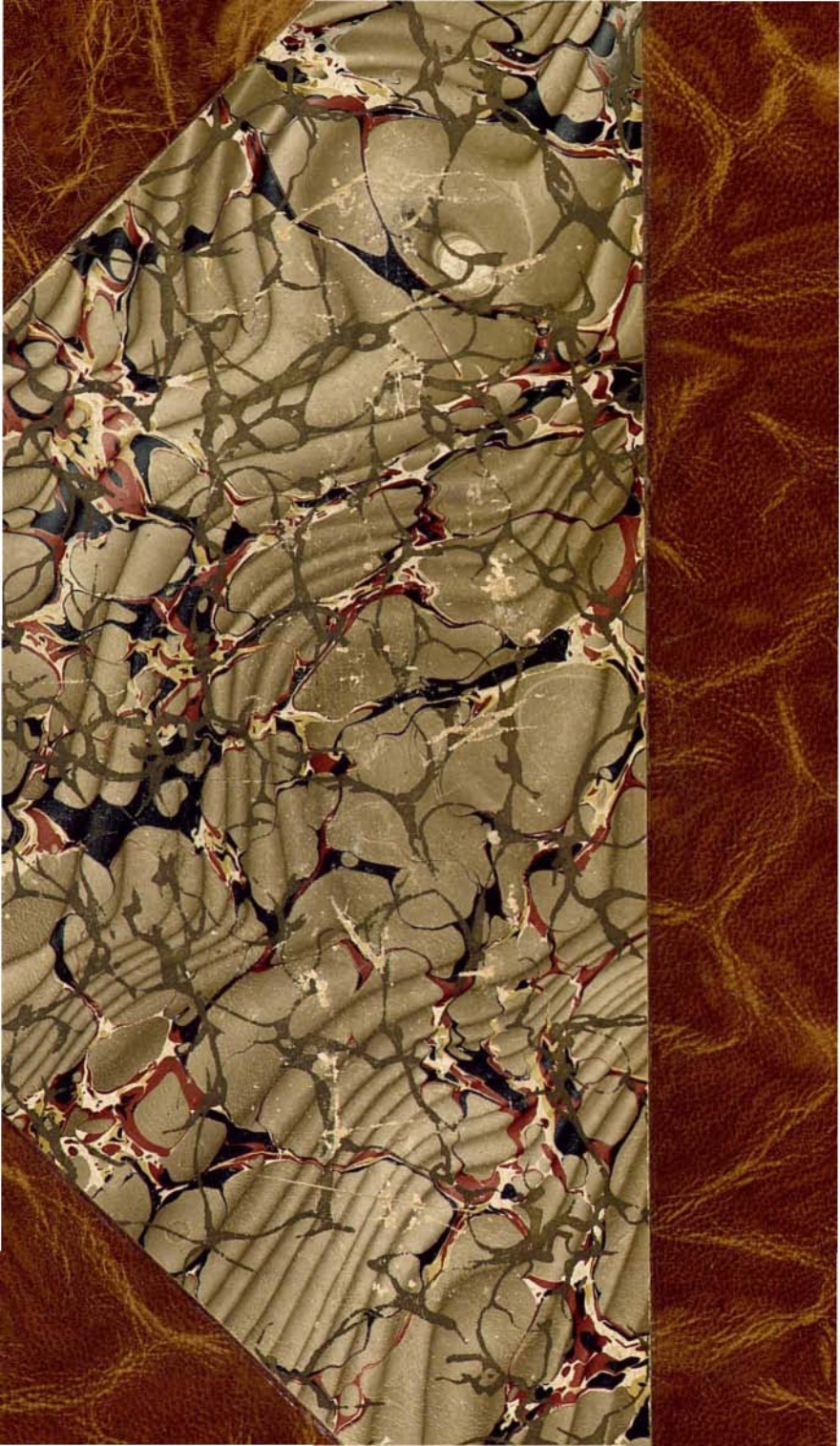
Advertencia . . . . . PAG. 7
Vida do Padre Antonio Vieira (na Europa) . . . . « 9
Vida do Padre Antonio Vieira (no Brazil). . . . . « 333
Biographia de Manuel Odorico Mendes . . . . « 491
A festa de N. S. dos Remedios (folhetim) . . . . « 537
A festa dos mortos ou a procissão dos ossos («) . « 571
Theatro S. Luiz («) . . . . . « 591
Discurso sôbre a amnistia aos pernambucanos revoltosos. . . . . « 623
A questão do Prata (artigo politico). . . . . « 665

NOTAS.

Nota—A—Sôbre a restituição de Pernambuco. . . . . « 681
« —B—Carta do Padre Antonio Vieira a Francisco de Sousa Coutinho sôbre o effeito que produzira no reino a proposta da entrega de Pernambuco. . . . . « 686
« —C—Sôbre a entrega das conquistas portuguezas. . . . . « 689
« —D—Cópia de uma representação do marquez de Niza ao principe regente. . . . . « 719
« —E—Sôbre o casamento do principe D. Theodosio, e transferencia da séde da monarchia para o Brazil . . . . . « 721
« —F—Extracto dos registros da Camara Municipal acerca da repartição de indios. . . . . « 727
« —G—Sôbre a morte de Manuel Odorico Mendes . . . . . « 736
Appendice—Licções de litteratura do sr. Francisco Sotero dos Reis. « 745

FIM DO INDICE.

ERRATA

Pag.	Lins.	Erros.	Emendas.
12	27	rehhorica	rhetorica
19	25	montânhas	entranhas
40	18	atitude	attitude
86	18	Aoutinho	Coutinho
«	19	Ceja-se	Veja-se
105	29	accudir	acudir
107	26	pessas	peças
109	7	caravellas	caravelas
115	23	tudo	a tudo
117	8 e 9	aprovação	approvação
123	37	duplicitade	duplicidade
178	8	aclama	acclama
181	5	cavalheiro	cavalheiro
188	15	sahia	saia
194	5	ordinariamennte	ordinariamente
211	9 e 10	paodre	o padre
219	26	correncias	currencias
231	22	apparecerá	apparecêra
259	3	por	pôr
263	8	conservadas	censuradas
269	14	bem o ver	bem a ver
275	16	demonstraçao effeito	demonstração e effeito
«	17	e como	como
296	15	tambem	tão bem
315	1	Marachão	Marchão
«	12	aprova	approva
343	25	mui facil	é mui facil
345	3	duasa	duas a
353	28	mensagam	mensagem
366	27	massoi s	assim os
371	3	rossas	roças
391	14	epphania	epiphania
420	20	cor da	corda
431	16	temoa	temos
443	1	obstinado;	obstinado,
459	28	a tantos annos	ha tantos annos

Pag.	Lins.	Erros.	Emendas.
491	5	humanos:	humanos;
«	7	desalinho;	desalinho,
519	6	harmonica	harmonia
«	12	innmeravel	innumeravel
«	15	Dubitur	dabitur
532	7 nota	18 d'agosto	17 d'agosto
533	6	concorrentes	concurrentes
541	11	salva	salvas
559	16	recescendendo	rescendendo
580	23	fôrça	fórça
584	17	luz	lua
586	5 e 6	chorra	chorar
592	10	enauferiveis	inaufériveis
643	3	destribue	distribue
657	24	inculcada	inoculada
659	18	aprovando	approvando
672	21 e 22	intempesfiva	intempestiva
709	1	par	para